

Autor de *Esconderijo e Lágrimas do Dragão*

DEAN R.
KOONTZ



Sr.
Assassino



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

DEAN KOONTZ

Sr. Assassino

Tradução de Reinaldo Guarany



EDITORAL RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ.

Koontz, Dean, 1945-K86s

Sr. Assassino / Dean R. Koontz ;

Tradução de Reinaldo Guarany. — Rio de Janeiro : Record. 1995.

Tradução de: Mr. Murder

1. Romance norte-americano. I. Simões, Reinaldo Guarany, 1945-

II. Título.

CDD — 813 95-1883. CDU — 820(73)-3

Título original norte-americano

MR. MURDER

Copyright © 1993 by Nkui, Inc.

Publicado mediante acordo com Lennart Sane Agency AB



Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S. A.

Rua Argentina 171 — 20921-380 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-04194-7

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

Índice

Contra Capa

PARTE UM

UM

DOIS

TRES

PARTE DOIS

QUATRO

CINCO

PARTE TRÊS

SEIS

Contra Capa

O escritor de livros de mistério Marty Stillwater se considera um homem de sorte. Tem um casamento feliz, duas lindas filhas, dinheiro e uma carreira de sucesso. Tudo vai bem, até o dia em que um estranho invade sua casa para reclamar: “Você roubou minha mulher, minha vida e minhas filhas. Eu quero tudo de volta.” Alegando ser o verdadeiro Stillwater, o estranho decide eliminar o escritor e resgatar a família e a vida que ele acredita serem suas. Sem a proteção da polícia, que não leva a sério as ameaças, a família inicia uma fuga desesperada, sempre perseguida pelo estranho. Em seu novo romance, Dean R. Koontz opõe uma apaixonante família a um dos mais surpreendentes maníacos assassinos já criados, em uma trama de tensão crescente.

*Para Phil Parks,
pelo que muitas vezes está dentro,
e para Don Brautigan,
pelo que muitas vezes está fora.
E por terem todo esse talento
sem quaisquer neuroses irritantes perceptíveis.
Bem, quase nenhuma.*

PARTE UM

Papai Noel e Seu Gêmeo Mau

*O inverno naquele ano foi estranho e cinzento.
O vento úmido cheirava a Apocalipse,
e os céus matinais tinham a maneira peculiar
de deslizarem rápidos como gatos para a meia-noite.*
O Livro dos Sofrimentos Contados

*A vida é uma comédia impiedosa.
Nisso reside sua tragédia.*
Um Bispo Morto, *Martin Stillwater*.

UM

I.

— Eu preciso...

Recostado em sua confortável cadeira de escritório, de couro, balançando suavemente, segurando um gravador na mão direita e ditando uma carta para seu editor em Nova York, Martin Stillwater percebeu, de repente, que estava repetindo as mesmas duas palavras em um sussurro sonhador.

— ... eu preciso... eu preciso... eu preciso...

Marty desligou o gravador, franzindo as sobrancelhas.

Sua sequência de pensamentos moveu-se para um desvio e parou de súbito. Ele não conseguiu recordar-se do que estivera prestes a dizer.

Precisava de quê?

A enorme casa não estava apenas quieta, mas também lugubramente silenciosa. Paige havia levado as crianças para almoçar e para assistir a matiné de cinema de sábado.

Mas aquele silêncio sem crianças era mais do que apenas uma condição. Tinha substância. O ar se solidarizava pesado com ele.

Ele colocou a mão na nuca. A palma estava fria e úmida. Ele tremia.

Lá fora, o dia outonal estava tão silencioso quanto a casa, como se todo o sul da Califórnia tivesse sido evacuado. Na única janela de seu gabinete do segundo andar, as largas folhas da persiana da fazenda estavam entreabertas. A luz do sol entrava inclinada entre tábuas angulosas, imprimindo no sofá e no tapete estreitas listras vermelhas e douradas tão lustrosas quanto pele de raposa; a faixa luminosa mais próxima envolvia um dos cantos da escrivaninha em forma de U.

— Eu preciso...

O instinto lhe disse que algo importante havia acontecido apenas um momento atrás, fora de sua visão, percebido de maneira subliminar.

Ele girou a cadeira e examinou o aposento atrás dele. Fora as faixas acobreadas de luz do sol entrefolhadas de sombras das persianas, a única luz vinha de uma pequena luminária com quebra-luz de vitral. Entretanto, mesmo nessa obscuridade, ele pôde ver que estava sozinho com seus livros, arquivos de pesquisa e o computador.

Talvez o silêncio parecesse artificialmente profundo apenas porque a casa havia estado cheia de barulho e alvoroço desde a quarta-feira, quando as escolas fecharam para o feriado do Dia de Ação de Graças. Ele sentia falta das crianças. Devia ter ido ao cinema com elas.

— Eu preciso...

As palavras foram ditas com tensão peculiar — e ânsia.

Agora, um sentimento agourento dominou-o, um forte senso de perigo iminente. Era o medo premonitório que às vezes os personagens sentiam em seus romances e que ele sempre se esforçara para descrever sem lançar mão de lugares-comuns.

Na verdade, havia anos que ele não experimentara algo parecido, não desde que Charlotte tivera uma doença séria quando estava com quatro anos e o médico preparou-os para a possibilidade de câncer. O dia inteiro no hospital, enquanto sua menininha era transportada de um laboratório para outro, para fazer testes, toda aquela noite sem sono e durante os longos dias que se seguiram antes que os médicos se arriscassem a dar um diagnóstico Marty sentiu-se perseguido por um espírito malévolo, cuja presença engrossava o ar, tornando difícil respirar, mover-se, ter esperança. Como se verificou, sua filha não havia sido ameaçada nem por uma maldade sobrenatural nem por alguma malignidade. O problema era uma tratável doença do sangue. Charlotte recuperou-se em três meses.

Mas ele se lembrava bem demais daquele medo opressivo.

Estava de novo naquele aperto gelado, embora por nenhuma razão discernível. Charlotte e Emily eram crianças saudáveis e bem ajustadas. Ele e Paige eram felizes juntos — uma felicidade absurda, considerando-se a quantidade de casais de trinta e poucos que ele conhecia que estava divorciada, separada ou que se enganava. Em termos financeiros, tinham mais segurança do que haviam esperado.

Não obstante, Marty *sabia* que alguma coisa estava errada.

Ele arriou o gravador, foi até a janela e abriu toda a persiana. Um sicômoro sem folhas lançava sombras fortes e alongadas no pequeno pátio lateral. Além daqueles galhos retorcidos, as paredes de estuco amarelo-claro da casa vizinha pareciam ter absorvido a luz do sol; reflexos dourados e cor-de-ferrugem pintavam as janelas; o lugar estava silencioso, parecia sereno.

Ele podia ver à direita uma seção da rua. As casas do outro lado da quadra também eram de estilo mediterrâneo, estuque com telhados de telha de argila, douradas pelo sol do fim da tarde, ornamentadas por copas de palmeira real pendentes. Quieta, com boa paisagem, planejada em centímetro quadrado, a vizinhança — e, de fato, toda a cidade de Mission Viejo — parecia ser um paraíso no caos que reinava em grande parte do resto do mundo naqueles dias.

Ele fechou a persiana, bloqueando o sol por completo.

Aparentemente, o único perigo estava em sua mente, uma ficção da mesma imaginação ativa que o tornou, pelo menos, um escritor de romance de mistério, de razoável sucesso.

No entanto, seu coração batia mais rápido que nunca.

Marty caminhou para fora do gabinete e saiu no *hall* do segundo andar, chegando ao topo da escada. Ficou tão parado quanto o pilar do corrimão no qual

pousou a mão.

Não sabia ao certo o que esperava ouvir. O suave rangido de uma porta, passos furtivos? Os sussurros dissimulados, cliques e baques abafados de um invasor que avançava devagar pela casa?

Aos poucos, como não ouviu nada suspeito e seu coração em disparada se acalmou, sua sensação de desgraça iminente se dissipou. A ansiedade tornou-se mera inquietação.

— Quem está aí? — perguntou apenas para romper o silêncio.

O som de sua voz cheia de perplexidade dispersou o ânimo agourento. Agora a quietude era apenas a de uma casa vazia, desprovida de ameaça.

Retornou ao gabinete no final do corredor e se instalou na cadeira de couro atrás da escrivaninha. Com a persiana bem fechada e sem nenhuma luz acesa, exceto a luminária com vitral, os cantos do quarto pareciam retroceder além do que permitiam as dimensões das paredes, como se fosse um lugar de sonho.

Como o motivo do vitral de luminária era fruta, o vidro de proteção do tampo da escrivaninha refletia ovais luminosos e círculos de vermelho-cereja, púrpura-ameixa, verde-uva, amarelo-limão e azul-baga. Em sua superfície de metal polido e plexiglas, o gravador sobre o vidro também refletia o mosaico brilhante, cintilando como se fosse incrustado de pedras preciosas. Quando estendeu a mão para o gravador, Marty notou que ela parecia estar revestida com a pele pedregosa de arco-íris de um lagarto exótico.

Ele hesitou, examinando as falsas escamas nas costas da mão e as pedras preciosas fantasmas no gravador. A vida real tinha tantas camadas de ilusão quanto qualquer Ficção.

Pegou o gravador e, durante um ou dois segundos, pressionou o botão de rebobinar, procurando as últimas palavras da carta inacabada para seu editor. O guincho-zunido fino e de alta velocidade de sua voz ao reverso emergiu como uma língua estranha no pequeno alto-falante de estanho.

Quando apertou o botão de tocar, descobriu que não havia rebobinado o suficiente: “... *eu preciso... eu preciso... eu preciso...*”

Com a testa franzida, pôs o aparelho para rebobinar, voltando a fita o dobro do tempo anterior.

Mas ainda: “... *eu preciso... eu preciso...*”

Rebobinar. Dois segundos. Cinco. Dez. Parar. Tocar.

“... *eu preciso... eu preciso... eu preciso...*”

Após mais duas tentativas, encontrou a carta: “... *assim, devo poder entregar em suas mãos o esboço do novo livro em cerca de um mês. Penso que esse é... esse é... hum... esse...*”

O ditado parou. O silêncio se desenrolou na fita... e o som de sua respiração.

No momento em que o canto de duas palavras começou enfim a ser emitido através do alto-falante, Marty se reclinara tenso para a frente na beira da cadeira, franzindo as sobrancelhas para o gravador em sua mão.

“... *eu preciso... eu preciso...*”

Olhou para o relógio de pulso. Passavam quase seis minutos das quatro horas.

No início, o murmúrio indistinto foi o mesmo de quando ele voltou à razão e ouviu o suave canto como se fossem respostas para uma interminável litania religiosa sem imaginação. Após cerca de meio minuto, entretanto, sua voz na fita mudou, tornando-se aguda de urgência, avolumada de angústia, depois de raiva.

“... *EU PRECISO... EU PRECISO... EU PRECISO...*”

A frustração fervia através dessas duas palavras.

O Marty Stillwater na fita — que podia muito bem ter sido um total estranho para o ouvinte Marty Stillwater — soou em aguda dor emocional, carente de alguma coisa que ele não poderia descrever nem imaginar.

Hipnotizado, ele olhou zangado para os carretéis brancos chanfrados do gravador que giravam sem parar atrás do visor de plástico.

No final, a voz silenciou, terminou a gravação e Marty tornou a consultar o relógio. Mais de doze minutos depois das quatro.

Ele havia presumido que perdera a concentração por apenas alguns segundos, entrando em um breve devaneio. Em vez disso, ficara com a mão agarrada no gravador, a carta para o editor esquecida, repetindo aquelas duas palavras durante sete minutos ou mais.

Sete minutos, pelo amor de Deus.

E não se lembrava de nada daquilo. Como em um transe.

Agora, parou a fita. A mão estava tremendo e, quando colocou o gravador em cima da escrivaninha, o aparelho chocou contra o vidro.

Ele olhou em volta do gabinete onde havia passado tantas horas solitárias na preparação e solução de tantos mistérios, onde havia colocado inúmeros personagens em enormes trabalhos árduos, desafiando-os a encontrar a saída de algum perigo mortal. O aposento era tão familiar: as abarrotadas prateleiras de livros, uma dúzia de pinturas originais que haviam sido impressas nas sobrecapas de seus romances, o divã que ele comprara na expectativa de preguiçosas sessões de esboço, mas no qual nunca tivera tempo ou inclinação para deitar, o computador com seu monitor de tamanho exagerado.

Mas essa familiaridade já não era mais confortante, porque agora estava manchada pela estranheza do que acontecera minutos atrás.

Enxugou as mãos úmidas no *jeans*.

Após tê-lo deixado por um breve momento, o medo instalou-se de novo à maneira do misterioso corvo de Poe, aboletando-se sobre a porta de um quarto.

Despertando do transe, percebendo o perigo, ele havia esperado encontrar

a ameaça lá fora na rua ou na forma de um arrombador vagando pelos aposentos de baixo. Mas foi pior do que isso. A ameaça não era externa. De alguma forma, o erro estava dentro dele.

2.

A noite está profunda e livre de turbulência.

Abaixo, as nuvens coaguladas estão prateadas com o luar refletido e, durante algum tempo, a sombra do avião ondulou através do mar vaporoso.

O voo do matador que partiu de Boston chega a tempo em Kansas City, Missouri. Ele vai direto à área de entrega de bagagem. Os viajantes do feriado do Dia de Ação de Graças só irão dirigir-se para casa amanhã, de modo que o aeroporto está tranquilo. Suas duas peças de bagagem — uma das quais contém uma pistola Heckler & Koch P7, silenciador destacável e pentes aumentados carregados com munição 9mm — são a primeira e a segunda a cair no carrossel.

No balcão da agência de aluguel de carro, ele descobre que sua reserva não havia sido anotada de forma errada nem extraviada, como costuma ocorrer, com frequência. Ele receberá o enorme Ford sedã que pediu, em vez de ficar enrascado com um subcompacto.

O cartão de crédito em nome de John Larrington é aceito sem problema pelo funcionário e pela máquina verificadora do American Express, embora seu nome não seja John Larrington.

Recebe o carro, que roda bem e cheira à limpeza. Até o aquecedor funciona.

Tudo parece que vai acontecer à sua maneira.

A algumas milhas do aeroporto, ele se hospeda em um agradável porém anônimo hotel de quatro andares, onde o funcionário ruivo do balcão da recepção lhe diz que ele pode ter um desjejum complementar — massas, suco e café —, que seria entregue pela manhã simplesmente se ele pedisse. Seu cartão Visa em nome de Thomas E. Jukovic é aceito, embora Thomas E. Jukovic não seja seu nome.

Seu quarto tem tapete laranja-queimado e papel de parede com listras azuis. Entretanto, o colchão é firme e as toalhas são felpudas.

A mala que contém a pistola automática e a munição permanece trancada no porta-malas do carro, onde não oferecerá tentação para empregados de hotel bisbilhoteiros.

Depois de ficar sentado durante algum tempo em uma cadeira junto à janela, olhando para Kansas City ao luar, ele desce até o restaurante para jantar. Tem 1,82 m de altura, pesa 81 quilos, mas come com o mesmo entusiasmo de um homem muito maior. Uma tigela de sopa de legumes com torrada com alho. Dois cheeseburgers, batatas fritas. Um pedaço de torta de maçã com sorvete de

baunilha. Meia dúzia de xícaras de café.

Ele tem sempre um grande apetite. Muitas vezes, é voraz; há momentos em que sua fome parece quase insaciável.

Enquanto come, a garçonete passa duas vezes para perguntar se a comida foi bem preparada e se ele precisa de alguma outra coisa. Ela não está sendo apenas atenciosa com ele, também está flertando.

Embora ele seja razoavelmente atraente, sua aparência não rivaliza com a de algum astro do cinema. No entanto, as mulheres flertam com ele mais do que com outros homens mais bonitos e mais bem vestidos. Consistindo em sapatos Rockport, calças cáqui, um suéter verde-escuro de gola redonda, nenhuma joia e um relógio de pulso barato, seu guarda-roupa não é notável nem memorável. É o que parece. A garçonete não tem nenhuma razão para confundilo com um homem de recursos. No entanto, lá está ela de novo, com o sorriso coquete.

Um dia, em um salão de coquetel em Miami, onde ele pegou uma loura com olhos cor-de-uisque, ela assegurou-lhe que uma intrigante aura o cercava. Disse que um magnetismo constrangedor resultava de sua preferência pelo silêncio e pela expressão pétrea que em geral ocupava seu rosto.

— Você é — ela havia insistido em tom jocoso — o epitome do tipo forte e silencioso. Pomba, se você estivesse num filme com Clint Eastwood e Stallone, não haveria nenhum diálogo!

Mais tarde, ele a matou a pancadas.

Não ficara enfurecido com nada do que ela havia dito ou feito. Na verdade, o sexo com ela foi satisfatório.

Mas estivera na Flórida para explodir o cérebro de um sujeito chamado Parker Abbotson e ficara preocupado com a possibilidade de mais tarde a mulher vinculá-lo ao assassinato. Não queria que ela pudesse dar uma descrição sua à polícia.

Após abatê-la, ele foi ver o último filme de Spielberg e depois uma fita de Steve Martin.

Ele gosta de cinema. Além de seu trabalho, os filmes são a única vida que tem. Às vezes parece que seu verdadeiro lar é uma série de salas de cinema em diferentes cidades, mas tão parecidas em sua multiplicidade de *shopping center* que podiam muito bem ser o mesmo auditório escuro.

Agora ele finge não ter percebido que a garçonete do restaurante está interessada nele. Ela é bastante bonita, mas ele não ousaria matar uma empregada do restaurante do próprio hotel em que está hospedado. Ele precisa encontrar uma mulher em um lugar com o qual não tenha nenhuma ligação.

Ele dá de gorjeta os exatos 15%, porque a mesquinhez ou a extravagância é uma maneira segura de ser lembrado.

Após um breve retorno a seu quarto para pegar uma jaqueta de couro

com forro de lã, adequada para a noite do final de novembro, ele entra no Ford alugado e roda em círculos cada vez mais largos através do distrito comercial vizinho. Está procurando o tipo de estabelecimento no qual terá a chance de encontrar a mulher certa.

3.

Papai não era papai.

Ele tinha os olhos azuis de papai, o cabelo castanho-escuro de papai, as orelhas grandes demais de papai, o nariz sardento de papai; ele era um sócia perfeito do Martin Stillwater retratado na sobrecapa de seus livros. Ele falou igual a papai quando Charlotte e Emily e a mãe delas chegaram em casa e o encontraram na cozinha, tomando café, porque ele disse:

— Não adianta fingir que foram fazer compras no *shopping mall* depois do cinema. Mandeí que um detetive particular seguisse vocês. Sei que estiveram em uma sala de pôquer em Gardena, jogando e fumando cigarros.

Ele se levantava, sentava e caminhava como papai.

Mais tarde, quando foram a Islands jantar, ele até dirigiu como papai. O que foi rápido demais, segundo mamãe. Ou apenas “a técnica confiante e hábil de um motorista-mestre”, se você vir as coisas à maneira de papai.

Mas Charlotte sabia que alguma coisa estava errada, e se martirizava. Oh, ele não havia sido agarrado por um alienígena que se arrastou para fora de uma enorme semente de vagem do espaço exterior ou alguma coisa tão extrema. Ele não era *tão* diferente assim do papai que ela conhecia e amava.

Na maioria das vezes, as diferenças eram pequenas. Embora em geral fosse relaxado e fácil de lidar, ele estava um pouco tenso. Mantinha-se rígido, como se equilibrasse ovos na cabeça... ou como se talvez esperasse ser atingido a qualquer momento por alguém, alguma coisa. Não sorria tão rápida ou com tanta frequência como de hábito, e quando *sorriu*, pareceu estar fingindo.

Antes de sair de ré pela estradinha de carros, virou-se e examinou Charlotte e Emily para assegurar-se de que estavam usando cintos de segurança, mas não disse “o foguete Stillwater está prestes a disparar”, ou “se eu fizer as curvas rápido demais e vocês tiverem que vomitar, por favor vomitem bonito nos bolsos de suas jaquetas, não no belo estofamento de meu carro”, ou “se conseguirmos velocidade suficiente para voltar no tempo, não gritem insultos para os dinossauros”, ou alguma outra das coisas bobas que em geral dizia.

Charlotte notou e ficou preocupada.

O restaurante, Islands, tinha bons sanduíches, ótimas batatas fritas — que podiam ser pedidas bem crocantes —, saladas e *tacos* macios. Os sanduíches e as batatas fritas eram servidos em cestos e o ambiente era caribenho.

“Ambiente” era uma palavra nova para Charlotte. Ela gostava muito de seu som e usava em cada oportunidade que tinha — embora Emily, a criança

incorrigível, sempre ficasse confusa e dissesse “que ambulância, não estou vendo nenhuma ambulância” cada vez que Charlotte usava a palavra. Sete anos de idade podia ser um sofrimento. Charlotte estava com dez anos — ou faria em seis semanas — e Emily *recém* completara sete em outubro. Em era uma boa irmã, mas claro que sete anos de idade eram tão... *setenianos*.

Em todo caso, o ambiente era tropical: cores vivas, bambu no teto, cortinas de madeira e grande quantidade de palmeiras em vasos. Tanto o garçom como a garçonete usavam camisas curtas e coloridas do tipo havaiano.

O local lembrou a ela a música de Jimmy Buffet, que era uma dessas coisas que seus pais amavam, mas que Charlotte não entendia nem um pouco. Pelo menos o ambiente era frio e as batatas fritas eram as melhores.

Sentaram-se em uma cabine na seção de não fumantes, onde o ambiente era mais bonito ainda. Os pais pediram Corona, que veio em caneca gelada. Charlotte pediu uma Coca e Emily *root beer*.

— *Root beer* é uma bebida de adulto — Em disse. E apontou para a Coca de Charlotte. — Quando você vai parar de beber coisa de criança?

Em estava convencida de que *root beer* podia ser tão intoxicante quanto cerveja de verdade. Às vezes fingia estar tonta depois de dois copos, o que era estúpido e embaraçoso. Quando Em praticava sua rotina dar-voltas-arrotar-beber e estranhos se viravam para olhar, Charlotte explicava que Em tinha sete anos. Todos compreendiam — o que mais se poderia esperar de alguém com sete anos? —, mas mesmo assim era embaraçoso.

No momento em que a garçonete trouxe o jantar, mamãe e papai falavam de pessoas que conheciam e que estavam se divorciando — conversa chata de adulto que rapidamente poderia arruinar um ambiente caso se prestasse alguma atenção. E Em empilhava batatas fritas em pilhas peculiares, como versões em miniatura de esculturas modernas que haviam visto em um museu no último verão; ela estava absorvida pelo projeto.

Com todo mundo distraído, Charlotte abriu o zíper do bolso mais baixo da jaqueta de algodão, tirou Fred e colocou-o em cima da mesa.

Ele ficou imóvel sob seu casco, as pernas rechonchudas dobradas, sem cabeça, tão grande quanto um relógio de pulso. No final seu pequeno nariz bicudo apareceu. Ele cheirou o ar com cuidado e depois esticou a cabeça para fora da fortaleza que carregava nas costas. Seus olhos escuros e brilhantes de tartaruga olharam o novo local com grande interesse, e Charlotte imaginou que ele devia estar maravilhado com o ambiente.

— Fique comigo, Fred, e vou mostrar-lhe lugares que nenhuma tartaruga viu antes — sussurrou.

Olhou de relance para os pais. Eles ainda estavam tão envolvidos um com o outro que não perceberam quando ela deslizou Fred para fora do bolso. Agora o animal estava escondido atrás de um cesto de batatas fritas.

Além das batatas, Charlotte comia *tacos* macios com recheio de galinha, de onde retirou um pedaço de alface. A tartaruga cheirou-a e afastou a cabeça com asco. Ela tentou um pedaço de tomate. *Está falando sério?*, o animal pareceu dizer ao recusar o petisco.

Em certas ocasiões, Fred conseguia ser mal-humorado e difícil. Charlotte imaginava que a culpa era dela, porque o havia mimado demais.

Ela não achava que galinhas ou queijo fosse bom para ele, e não iria oferecer-lhe migalhas de *tortilla* enquanto Fred não comesse suas verduras, de modo que ela mordiscou as batatas fritas crocantes e olhou em volta do restaurante, como se estivesse fascinada com os outros fregueses que ignoravam o pequeno réptil primitivo. Ele havia rejeitado a alface e o tomate apenas para aborrecê-la. Se pensasse que ela não ligaria a mínima se ele comesse ou não, então era provável que comesse. Nos anos das tartarugas, Fred tinha sete de idade.

Na verdade, ela ficou interessada em um casal heavy-metal com roupas de couro e cabelo estranho. Os dois a distraíram por alguns minutos, e ela se assustou com o gritinho agudo de alarme da mãe.

— Oh — exclamou a mãe depois de gritar —, é apenas o Fred.

A ingrata tartaruga — afinal de contas, Charlotte poderia ter deixado o bicho em casa — não estava ao lado de seu prato, onde tinha sido deixada. Ela rastejara em volta do cesto de batatas fritas indo direto para o outro lado da mesa.

— Só tirei ela do bolso para dar comida — disse Charlotte na defensiva.

Erguendo o cesto para que Charlotte pudesse ver a tartaruga, mamãe disse:

— Querida, não é bom para ele ficar o dia inteiro em seu bolso.

— Não é o dia inteiro — Charlotte apossou-se de Fred e devolveu-o ao bolso. — Só desde que saímos de casa para jantar.

Mamãe franziu as sobrancelhas.

— Que outro animal está com você?

— Só o Fred.

— E quanto ao Bob? — perguntou mamãe.

— Oh, argh — disse Emily, fazendo careta para Charlotte. — Você botou o Bob em seu bolso? Eu odeio o Bob.

Bob era um besouro preto de movimento lento, do mesmo tamanho da última junta do polegar de papai, com pálidas marcas azuis em sua carapaça. Ela o mantinha em um jarro grande em casa, mas às vezes gostava de levá-lo para fora de casa, para observá-lo rastejar em seu trabalhoso trajeto sobre um tampo de balcão ou mesmo nas costas de sua mão.

— Eu jamais levaria Bob para um restaurante — garantiu-lhes Charlotte.

— Você também sabe que era melhor não trazer Fred — disse a mãe.

— Sei, mamãe — disse Charlotte com genuíno embaraço.

— Boba — disse Emily.

Mamãe falou para Emily:

— Não é mais boba do que usar batatas fritas como se fossem blocos de Lego.

— Estou fazendo arte. — Emily estava sempre fazendo arte. Às vezes era estranha, mesmo para uma menina de sete anos de idade. *Picasso reencarnado* era como papai a chamava.

— Arte, hum? — comentou mamãe. — Se está fazendo arte com sua comida, o que vai comer? Uma pintura?

— Talvez — replicou Em. — Uma pintura de um bolo de chocolate.

Charlotte fechou o zíper do bolso da jaqueta, aprisionando Fred.

— Lave as mãos antes de continuar a comer — disse papai.

— Por quê? — perguntou Charlotte.

— O que você acabou de tocar?

— Você se refere a Fred? Mas Fred é limpo.

— Eu disse lave as mãos.

O mau-humor do pai lembrou a Charlotte que ele não era ele. Poucas vezes ele falava em tom áspero com ela ou Em. Ela se comportava não por medo de que ele lhe desse uma palmada ou gritasse com ela, mas sim porque era importante não desapontar a ele nem a mamãe. A melhor sensação do mundo era quando ela recebia uma boa nota na escola ou tinha um bom desempenho em um recital de piano, deixando-os orgulhosos dela. E nada era pior do que fazer bagunça — e ver um ar triste de desapontamento em seus olhos, mesmo quando eles não a puniam ou diziam alguma coisa.

A rabugice da voz de seu pai mandou-a direto ao banheiro de mulheres, piscando para reprimir as lágrimas em cada passo do trajeto.

* * *

Mais tarde, no caminho de Islands para casa, quando papai ficou com pé de chumbo, mamãe disse:

— Marty, isso aqui não são as Quinhentas Milhas de Indianápolis.

— Acha que estou tão rápido assim? — perguntou papai, como que espantado. — Não estou tão rápido assim.

— Nem mesmo o próprio Batman conseguiria acelerar o Batmóvel a uma velocidade como essa.

— Estou com 33 anos, nunca tive um acidente. Registro imaculado. Sem multas. Nunca fui parado por um tira.

— Porque eles não conseguem agarrá-lo — disse mamãe.

— Isso mesmo.

No assento traseiro, Charlotte e Emily arreganham-se em sorrisos.

Pois desde que Charlotte podia lembrar-se, os pais vinham tendo conversas engraçadas sobre a maneira de ele dirigir, embora a mãe falasse sério quando queria que ele fosse mais devagar.

— Nunca recebi nem mesmo uma multa por estacionamento — disse papai.

— Bem, claro, não é fácil receber uma multa por estacionamento quando a agulha do velocímetro está sempre no fundo.

No passado, o bate-boca deles sempre havia sido bem-humorado. Mas agora ele disse de repente para mamãe, em tom brusco:

— Pelo amor de Deus, Paige. Sou um bom motorista, este carro é seguro, gastei mais dinheiro com ele do que devia, justamente porque é um dos carros mais seguros na estrada. Portanto, quer fazer o favor de dar um tempo?

— Claro. Desculpe — disse mamãe.

Charlotte olhou para a irmã. Em estava com o olho arregalado de incredulidade.

Papai não era papai. Alguma coisa estava errada. Errada pra valer.

Tinham atravessado apenas um quarteirão quando ele diminuiu a velocidade, olhou para mamãe e disse:

— Desculpe-me.

— Não, você estava certo. Sou preocupada demais com certas coisas.

Os dois trocaram sorrisos. Tudo estava bem. Não iriam divorciar-se como aquelas pessoas de que haviam falado no jantar. Charlotte não poderia lembrar-se com raiva um do outro por mais do que alguns minutos.

Entretanto, ela ainda estava preocupada. Talvez ela *devesse* examinar a casa e o lado de fora atrás da garagem para ver se não encontrava uma gigantesca vagem vazia do espaço exterior.

4.

O matador dirige como um tubarão atravessando correntes frias em um mar noturno.

É sua primeira vez em Kansas City, mas ele conhece as ruas. Total domínio do mapa é parte da preparação de cada missão, para o caso de ele tornar-se objeto de uma perseguição policial e precisar empreender uma rápida escapada sob pressão.

O curioso é que ele não tem nenhuma lembrança de ter visto — quanto mais estudado — um mapa e não consegue imaginar onde adquiriu essa informação bastante detalhada. Mas não gosta de pensar nos buracos de sua memória, porque pensar neles abre a porta para um abismo negro que o aterroriza.

Assim, ele apenas dirige.

Em geral, gosta de dirigir. Ter uma máquina poderosa e responsiva sob seu comando dá a ele uma sensação de controle e propósito.

Mas de vez em quando, como acontece agora, o movimento do carro e as paisagens de uma cidade estranha — sem levar em consideração o quão familiar ele pode ser com o mapa de suas ruas — o fazem sentir-se pequeno, sozinho, sem rumo. Seu coração começa a bater rápido. De repente, as palmas de suas mãos estão tão úmidas que o volante desliza através delas.

Depois, quando freia em um sinal de trânsito, ele olha para o carro na pista a seu lado e vê uma família revelada pelas lâmpadas da rua. O pai está dirigindo. A mãe está sentada no banco do carona, é uma mulher atraente. Um garoto de cerca de dez e uma menina de seis ou sete anos estão no assento traseiro. No caminho para casa depois de uma noite fora. Talvez um cinema. Conversam riem, pais e filhos juntos, compartilhando.

Em seu estado de deterioração, essa visão é um implacável golpe de martelo, e ele solta um som fraco e sem palavras, de angústia.

Ele sai da rua, entra no estacionamento de um restaurante italiano. Afunda no assento. Respira em arquejos rápidos e pouco profundos.

O vazio. Ele tem medo do vazio.

E agora o vazio está sobre ele.

Ele se sente como se fosse um homem oco, feito do mais fino vidro soprado, frágil, só um pouco mais substancial do que um fantasma.

Em momentos como esse, ele precisa desesperadamente de um espelho. Seu reflexo é uma das poucas coisas que pode confirmar sua existência.

O elaborado anúncio de neon vermelho e verde do restaurante ilumina o interior do Ford. Quando ele envia o espelho retrovisor para olhar-se, sua pele tem uma cor cadavérica, e seus olhos estão iluminados com mutantes formas rubras, como se fogueiras ardessem dentro dele.

Nessa noite, seu reflexo não basta para diminuir sua agitação. No momento, ele se sente menos substancial. Talvez ele expire uma última vez, expelindo a fina substância derradeira de si mesmo nessa exalação.

Lágrimas borram sua visão. Ele está oprimido por sua solidão e torturado pela falta de sentido de sua vida.

Ele cruza os braços no peito, abraça-se, reclina-se para a frente e encosta a testa no volante. E solta como se fosse uma criança pequena.

Não sabe seu nome, apenas os nomes que usará enquanto estiver em Kansas City. Quer tanto ter um nome que não seja a falsificação que aparece no cartão de crédito. Não tem família, nem amigos, nem lar. Não consegue lembrar-se de quem lhe deu essa missão — ou qualquer um dos trabalhos anteriores —, e não sabe por que seus alvos têm de morrer. É incrível, mas ele não tem nenhuma ideia de quem lhe paga, não se lembra onde conseguiu o dinheiro que está na carteira ou onde comprou as roupas que está usando.

Em um nível mais profundo, ele não sabe *quem* é. Não tem nenhuma memória de um tempo em que sua profissão fosse alguma outra coisa que não matador. Ele não tem nenhuma linha política, nem religião, nem filosofia pessoal. Sempre que tenta se interessar por assuntos correntes, descobre-se incapaz de reter o que lê nos jornais; nem ao menos consegue concentrar a atenção nos noticiários da tevê. É inteligente; no entanto, só se permite — ou lhe são permitidas — as satisfações de natureza física: comida, sexo, a selvagem alegria do homicídio. Vastas regiões de sua mente permanecem não mapeadas.

Alguns minutos passam em neon verde e vermelho.

Suas lágrimas secam. Aos poucos, ele para de tremer.

Ele quer ficar bem. Voltar aos trilhos. Firme, controlado.

Na verdade, ele ascende com velocidade notável das profundezas do desespero. É surpreendente a presteza com que está querendo continuar essa última missão — e a mera sombra de vida que leva. Às vezes lhe parece operar como se fosse programado à maneira de uma máquina estúpida e obediente.

Por outro lado, se não fosse para continuar, que outra coisa iria fazer? Essa sombra de vida é a única vida que ele tem.

5.

Enquanto as meninas estavam no andar de cima, escovando os dentes e se preparando para dormir, Marty ia metodicamente de quarto em quarto no primeiro andar, verificando se todas as portas e janelas estavam trancadas.

Havia circulado metade do andar de baixo — e estava testando o trinco da janela em cima da pia da cozinha — quando percebeu a tarefa peculiar que estabelecera para si mesmo. Antes de deitar-se a cada noite, ele examinava as portas da frente e dos fundos, claro, mais as portas de correr entre o quarto da família e o pátio, mas em geral não verificava se uma janela particular estava fechada, a menos que soubesse que tinha sido aberta para ventilar durante o dia. No entanto, ele confirmava a integridade do perímetro da casa da mesma maneira consciente que uma sentinela inspeciona as defesas externas de uma fortaleza sitiada por inimigos.

Quando terminava na cozinha, ouviu Paige entrar. Um momento depois ela deslizou os dois braços em volta de sua cintura, abraçando-o por trás.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Sim, estou...

— Dia ruim?

— Não. Apenas um mau momento.

Marty girou em seus braços para abraçá-la. Ela estava maravilhosa, tão quente e forte, tão *viva*.

Não era nenhuma surpresa que ele a amasse mais agora do que quando se conheceram na universidade. Os triunfos e fracassos que haviam

compartilhado, os anos de luta diária para conquistar espaço no mundo e para procurar o sentido de tudo isso, era solo rico no qual o amor pôde crescer.

Entretanto, numa era em que a beleza ideal era corporificada supostamente por chefes de torcida profissionais de dezenove anos, dos times de futebol da liga principal, Marty conhecia um bocado de sujeitos que ficariam surpresos ao ouvir que ele achava sua mulher cada vez mais atraente à medida que ela envelhecia dos dezenove para os 33 anos. Os olhos dela não eram mais azuis do que na primeira vez em que se encontraram; os cabelos não estavam uma sombra de ouro mais ricos e a pele não se tornara mais macia nem mais flexível. Mesmo assim, a experiência lhe havia dado caráter, profundidade. Por mais antiquado que possa soar nessa era de cinismo condicionado, às vezes ela parecia brilhar com uma luz interior, tão radiante quanto o venerado objeto de uma pintura de Raphael.

Assim, de fato, talvez o coração dele fosse tão mole quanto manteiga, talvez ele fosse um sugador de romance, mas achava o sorriso dela e o desafio de seus olhos infinitamente mais excitantes do que uma meia dúzia de chefes de torcida nuas.

Ele beijou a testa da mulher.

— Um mau momento? O que houve? — disse ela.

Ele não havia decidido o quanto devia contar sobre os sete minutos desaparecidos. Por enquanto, talvez fosse melhor minimizar a profundidade da estranheza da experiência, procurar o médico na segunda-feira pela manhã, e até fazer alguns testes. Se estivesse com boa saúde, aquilo que aconteceu no gabinete nessa manhã poderia ser uma singularidade inexplicável. Ele não queria alarmar Paige sem necessidade.

— E então? — ela insistiu.

Com a inflexão que deu a essas duas palavras, ela lembrou-lhe que doze anos de casamento proibiam segredos sérios, não importavam que boas intenções motivavam sua reticência.

— Está lembrada de Audrey Aimes? — disse ele.

— Quem? Oh, você se refere a *Um Bispo Morto*?

Um Bispo Morto era um romance que ele havia escrito. Audrey Aimes era a personagem principal.

— Lembra qual era o problema dela? — perguntou ele.

— Ela encontrou um padre morto, pendurado em um cabide no *closet* de seu vestíbulo.

— Além disso.

— Ela tinha *outro* problema? Parece que um padre morto já é suficiente. Você tem certeza de que não está complicando demais suas tramas?

— Estou falando sério — disse ele, apesar de ter consciência de que era estranho optar por informar sua mulher sobre uma crise pessoal comparando-a

com as experiências de uma heroína de romance de mistério que *ele* havia criado.

Seria a linha divisória entre a vida e a ficção tão nebulosa para as outras pessoas como às vezes era para um escritor? E se assim fosse — havia algum livro com essa ideia?

Paige disse, franzindo as sobrancelhas:

— Audrey Aimes... Oh, sim, você está falando dos brancos dela.

— Fugas — disse ele.

Uma fuga era uma séria desagregação da personalidade. A vítima ia a lugares, falava com pessoas e se envolvia em várias atividades, parecendo normal — no entanto, mais tarde, não conseguia lembrar-se de onde estivera ou o que havia feito durante o lapso, como se o tempo tivesse passado no sono mais profundo. Uma fuga podia durar minutos, horas e até mesmo dias.

Quando estava com trinta anos, Audrey Aimes começou de repente a sofrer de fugas. Memórias reprimidas de algum abuso de infância — das quais ela havia fugido através de algum mecanismo psicológico — passaram a emergir após mais de duas décadas. Ela estava convicta de que havia matado o padre durante um estado de fuga — embora, claro, uma outra pessoa tivesse assassinado o padre e o enfiado em seu *closet* — e todo o estranho homicídio tinha ligação com o que lhe acontecera quando ela era uma garotinha.

Apesar de conseguir ganhar a vida tecendo elaboradas fantasias a partir do nada, Marty tinha a reputação de ser emocionalmente tão estável quanto o Rochedo de Gibraltar e tão fácil de lidar quanto um cão de busca tratado a Valium. Talvez fosse esse o motivo pelo qual Paige ainda sorria para ele, parecendo relutante em levá-lo a sério.

Ela pôs-se na ponta dos pés, beijou-lhe o nariz e disse:

— Quer dizer que você esqueceu de colocar o lixo lá fora, e agora vai dizer que foi porque está sofrendo um colapso de personalidade devido aos abusos horríveis, esquecidos há muito tempo, que você sofreu quando tinha seis anos de idade. Ora, Marty. Tenha vergonha. Sua mãe e seu pai são as pessoas mais doces que já conheci.

Ele soltou-a, fechou os olhos e pressionou a mão contra a testa. Estava ficando com uma tremenda dor de cabeça.

— Estou falando sério, Paige. Hoje à tarde, no gabinete... durante sete minutos... bem, só sei que droga eu estava fazendo durante esse tempo porque está gravado num gravador. Não me lembro de nada. E é horripilante. Sete minutos horripilantes.

Ele sentiu o corpo dela tenso contra o seu, enquanto ela percebia que ele não se engajara em alguma brincadeira complicada. E quando ele abriu os olhos, viu que o sorriso jocoso dela havia desaparecido.

— Talvez haja uma explicação simples — disse ele. — Talvez não haja

nenhuma razão para ficar preocupado. Mas estou assustado, Paige. Sinto-me estúpido, como se devesse apenas encolher os ombros e esquecer tudo isso, mas estou assustado.

6.

Em Kansas City, um vento frio dá polimento na noite até o céu parecer uma infinita placa de cristal claro na qual as estrelas estão suspensas e atrás da qual está confinado um vasto reservatório de escuridão.

Abaixo desse enorme peso de espaço e escuridão, o Blue Life Lounge se aperta como uma estação de pesquisa no fundo de uma vala oceânica, pressurizada para resistir à implosão. A fachada é coberta por um revestimento de alumínio brilhante, reminiscência dos *trailers* de viagem Airstream e dos jantares à beira da estrada dos anos 50. O neon verde e azul soletra o nome em uma escrita preguiçosa e delinea a estrutura, reluzindo no alumínio e acenando com tanta fascinação quanto as lâmpadas de Netuno.

Lá dentro, onde um conjunto amplificado explode o *rock* das duas últimas décadas, o matador move-se em direção ao gigantesco bar em forma de ferradura no centro do salão. O ar está denso de fumaça de cigarro, vapores de cerveja e calor corporal; o ar quase oferece resistência a ele, como se fosse água.

A multidão oferece imagens radicalmente diferentes das cenas tradicionais do Dia de Ação de Graças que inundam as telas de televisão durante esse feriado de fim de semana. Os fregueses são em sua maior parte grupos de homens jovens e roucos com excesso de energia e testosterona. Para serem ouvidos eles gritam acima da música trovejante, agarram garçonetes para ter sua atenção, apupam de aprovação quando o guitarrista faz uma boa improvisação.

Sua determinação de divertir-se tem a mesma qualidade frenética do frenesi de insetos.

Um terço dos homens nas mesas está acompanhado de jovens esposas ou namoradas de cabelo grande e maquiagem pesada. Elas são tão arruaceiras quanto os homens — e seriam tão peixes fora d'água em uma reunião familiar ao lado da lareira quanto papagaios berrantes de plumagem colorida estariam fora de lugar ao lado da cama de uma freira moribunda.

O bar em forma de ferradura circunda um palco oval, banhado em projetores de luz vermelha e branca, onde duas jovens mulheres com corpos de firmeza excepcional se sacodem com a música e chamam isso de dança. Usam trajes de vaqueira destinados a excitar, montes de franjas e lantejoulas, e uma delas provoca assobios e apupos quando tira o sutiã.

Os homens nos banquinhos do bar são de todas as idades e, ao contrário dos fregueses nas mesas, parecem estar sozinhos. Estão sentados em silêncio, os

olhos fixos nas duas dançarinas de pele macia. Muitos balançam de leve nos bancos ou movem a cabeça sonhadora de lado a lado num tempo que combinaria mais com alguma outra música menos vigorosa do que essa que a banda está tocando; eles são como uma colônia de anêmonas-do-mar agitadas por profundas correntes lentas, esperando mudos que um pedaço de prazer os arraste.

Ele se senta em um dos dois bancos vazios e pede uma garrafa de Beck's escura a um *barman* que podia esmagar nozes nas curvas dos braços. Todos os três *barmen* são altos e musculosos, contratados sem dúvida por causa de sua habilidade em atuar como leões-de-chácara caso haja necessidade.

A dançarina na extremidade do palco, aquela cujos seios pulam livres, é uma morena impressionante com um sorriso de mil watts. Ela entrou na música e parece estar realmente gostando de atuar.

Embora a dançarina mais próxima, uma loura de pernas compridas, seja ainda mais atraente do que a morena, sua rotina é mecânica e ela parece estar entorpecida por drogas ou por desgosto. Ela não sorri nem olha para ninguém, mas fixa algum lugar distante que só ela consegue enxergar.

Ela parece arrogante, desdenhosa dos homens que a encaram, inclusive do matador. Ele teria um bocado de prazer em sacar a pistola e despejar vários cartuchos em seu corpo delicioso — e um de boa medida no centro de seu rosto aborrecido.

Uma intensa vibração o sacode só de pensar em tirar a beleza dela. O roubo da beleza da dançarina o atrai mais do que o desejo de tirar-lhe a vida. Ele dá pouco valor à vida, e se importa muito com a beleza, porque geralmente sua própria vida é um deserto insuportável.

Por sorte, a pistola está na mala do Ford alugado. Ele deixou a arma no carro justamente para evitar uma tentação como essa, quando se sente impelido para a violência.

Duas ou três vezes por dia ele é possuído por um desejo de destruir alguém que por acaso esteja próximo a ele — homens, mulheres, crianças, não faz nenhuma diferença. Na escravidão desses ataques sombrios, ele odeia até o último ser humano na face da terra — seja ele bonito ou feio, rico ou pobre, inteligente ou estúpido, jovem ou velho.

Por um lado talvez seu ódio surja por saber que é diferente deles. Ele precisa viver sempre como um forasteiro.

Mas a simples alienação não é a razão primária pela qual pensa, com frequência, em matanças ao acaso. Ele precisa de alguma coisa das pessoas que elas retêm e não estão dispostas a dar, por isso ele as odeia com tanta paixão que é capaz de qualquer atrocidade — embora não tenha a menor ideia do que espera receber delas.

Essa necessidade misteriosa é às vezes tão intensa que se torna dolorosa. É

uma fome parecida com a inanição — mas não fome de comida. Muitas vezes, ele se vê à beira tremulante de uma revelação; percebe que a resposta é de uma simplicidade atordoante. Se ao menos pudesse abrir-se para ela... mas a iluminação sempre escapa dele.

O matador toma um longo trago no gargalo da garrafa de Beck's. Ele quer a cerveja, mas não precisa dela. Querer não é precisar.

No palco elevado, a loura tira o sutiã, expondo seios pálidos e curvados para cima.

Se ele tirar a pistola e pentes expandidos de munição da mala do carro, terá noventa tiros. Quando a dançarina arrogante estiver morta, ele poderá matar a outra dançarina. Depois os três *barmen* musculosos com três tiros na cabeça. Ele é bem treinado no uso de armas de fogo — embora não tenha nenhuma lembrança de quem o treinou. Com aqueles cinco mortos, ele pode mirar na multidão em fuga. Muitos dos que não morrerem pelo fogo da arma, morrerão pisoteados durante o pânico.

A perspectiva da carnificina o excita, e ele sabe que o sangue pode fazê-lo esquecer a necessidade dolorosa que o atormenta pelo menos durante um breve período de tempo; a frustração transforma-se em raiva; a raiva leva ao ódio; o ódio gera a violência — e às vezes a violência conforta.

Ele bebe mais cerveja e se pergunta se é louco.

Recorda-se de um filme no qual um psiquiatra assegura ao herói que só as pessoas saudáveis questionam sua própria sanidade. Os loucos autênticos estão sempre firmemente convencidos de sua racionalidade. Portanto, ele deve ser são, inclusive por ser capaz de duvidar de si próprio.

7.

Marty encostou-se no marco da porta e observou enquanto as meninas revezavam-se no banco da penteadeira do quarto para deixar Paige escovar seus cabelos. Cinquenta escovadas em cada.

Talvez tenha sido o tranquilo movimento rítmico da escova de cabelo ou a confortante domesticidade da cena que aplacou a dor de cabeça de Marty. Qualquer que tenha sido a razão, a dor cessou.

O cabelo de Charlotte era dourado como o da mãe, e o de Emily era tão castanho-escuro que quase chegava a ser preto, como o de Marty. Charlotte não parou de falar enquanto Paige escovava seu cabelo; mas Emily ficou em silêncio, com as costas arqueadas, os olhos fechados com um prazer quase felino em enfeitar-se.

As metades contrastantes de seu quarto compartilhado atestava as outras diferenças entre as irmãs. Charlotte gostava de *posters* cheios de movimento: coloridos balões de ar quente sobre a meia-luz de um deserto; uma bailarina em pleno salto; gazelas correndo. Emily preferia *posters* de folhas outonais, sempre-

vivas penduradas com a neve pesada e ondas prateadas de luar quebrando em uma praia pálida. A colcha da cama de Charlotte era verde, vermelha e amarela; a de Emily era de *chenille* bege. A desordem reinava nos domínios de Charlotte, ao passo que Emily dava valor à organização.

Depois havia a questão dos animais de estimação. No lado do quarto de Charlotte, prateleiras embutidas abrigavam o viveiro que era o lar de Fred, a tartaruga; o jarro de boca larga onde Bob, o besouro, fez seu lar em folhas mortas e grama; a gaiola que abrigava Wayne, o gerbo; outro viveiro onde Sheldon, a cobra, era o arrendatário; uma segunda gaiola na qual Whiskers, o camundongo, passava um bocado de tempo de olho em Sheldon, apesar do vidro e da tela que os separava; e um último viveiro ocupado por Loretta, o camaleão. Charlotte rejeitara a sugestão de que um gatinho ou uma boneca era mais apropriado para ter como estimação. “Cães e gatos andam soltos o tempo inteiro, você não pode guardá-los em uma bela casinha segura para protegê-los”, explicou ela.

Emily tinha uma coisa de estimação. Seu nome era Peepers. Era uma pedra do tamanho de um limão pequeno, alisada por décadas de água corrente do córrego Sierra, de onde ela a tirou nas férias de verão um ano atrás. Em pintou dois olhos comovedores na pedra e insistia: “Peepers é o melhor animal de estimação de todos. Não preciso alimentar nem ficar limpando ele. Como sempre estive andando por aí, ele é esperto e sábio de verdade, e quando estou triste ou talvez só furiosa, é contar pra ele por que estou magoada e ele pega tudo e fica preocupado, e assim não preciso mais pensar na coisa e posso ser feliz.”

Emily era capaz de expressar ideias que eram, na superfície totalmente infantis mas, observando-se melhor, pareciam mais profundas e mais maduras do que qualquer coisa que se poderia esperar de uma menina de sete anos. As vezes, quando Marty olhava em seus olhos escuros, sentia que ela estava com sete havia 400 anos, e mal podia esperar para ver o quão interessante e complexa ela seria quando fosse adulta.

Depois que o cabelo delas foi escovado, as meninas subiram nas camas gêmeas. A mãe colocou as cobertas sobre elas, beijou-as e desejou-lhes sonhos doces.

— Não deixe os percevejos morderem — ela advertiu Emily, porque a brincadeira sempre provocava uma risadinha.

Quando Paige retirou-se para o vão da porta, Marty tirou uma cadeira de espaldar reto de seu lugar habitual e posicionou-a aos pés — e exatamente entre — das duas camas. Ele apagou todas as lâmpadas, exceto uma miniatura para leitura com energia de bateria, presa em seu caderno de apontamentos, e uma luminária de qualidade inferior de baixa voltagem, ligada numa tomada de parede próxima ao chão. Sentou-se na cadeira, segurou o caderno de notas à distância de leitura e aguardou até que o silêncio adquirisse a mesma qualidade

de expectativa agradável que abrangia um teatro no momento em que a cortina começava a subir.

Estava instalado o estado de ânimo.

Essa era a parte mais feliz do dia de Marty. Hora de história. Não importava o que mais pudesse acontecer depois de levantar para enfrentar a manhã, ele sempre poderia ansiar pela hora da história.

Ele próprio escrevia os contos em um caderno de notas intitulado *Histórias para Charlotte e Emily*, que talvez ele publicasse um dia. Ou talvez não. Cada palavra era um presente para suas filhas, de modo que a decisão de compartilhar as histórias com outras pessoas seria inteiramente delas.

Essa noite marcava o começo de um prazer especial, uma história em verso que continuaria durante o dia de Natal. Talvez ela fosse boa o bastante para ajudá-lo a esquecer os perturbadores acontecimentos em seu gabinete.

*Bem, agora que a Ação de Graças passou pela segurança,
com mais perus comidos neste ano do que numa festança...*

— Ele rima! — disse Charlotte encantada.

— Psiu! — Emily repreendeu a irmã.

As regras da hora da história eram poucas, porém importantes. E uma delas era que a plateia formada pelas duas meninas não podia interromper no meio de uma frase ou, no caso de um poema, no meio de uma estrofe. O retorno que davam era apreciado, suas reações eram estimadas, mas um contador de história precisa receber o devido respeito.

Ele começou de novo:

*Bem, agora que a Ação de Graças passou em segurança,
com mais perus comidos neste ano do que numa festança,
com mais recheio recheado, mais inhame empurrado
dentro de nossas bocas, e usando as duas mãos,
salada de repolho de montão, biscoitos de dois,
todos nós gordos demais para entrar em nossos sapatos.*

As meninas riam no ponto exato em que ele queria que elas rissem, e Marty mal pôde impedir-se de girar na cadeira para ver o que Paige estava achando até ali, já que ela não ouvira nada daquilo até esse momento. Mas ninguém responderia a um contador de história que não pudesse esperar até o final para ter os aplausos; um ar inabalável de confiança, sentida de maneira falsa ou autêntica, era essencial para o sucesso.

*Assim, vamos aguardar o grande feriado
que está vindo, vindo, vindo em nossa direção.*

Tenho certeza de que vocês sabem a que dia me refiro.

Não é o Domingo de Páscoa, nem o Dia das Bruxas.

Não é um dia para ficar triste e indiferente.

Eu lhes pergunto, jovens senhoritas, o que é...?

— É o Natal! — Charlotte e Emily responderam em uníssono, e a resposta imediata confirmou que ele as envolvera em sua magia.

Algum dia, em breve, vamos levantar uma árvore.

Por que apenas uma? Talvez duas, talvez três!

Enfeitá-la com lantejoulas e bugangas coloridas.

Será uma cena surpreendente e maravilhosa.

Fio de luzes coloridas lá fora no telhado...

rezem para que nenhuma tenha sido quebrada por alguma pata.

Salguem as telhas finas para derreter o gelo.

Se Noel cair não vai ser bonito.

Ele poderia quebrar uma perna ou se cortar,

talvez até quebrasse sua enorme cabeça.

Ele deu um rápido olhar nas meninas. Seus rostos pareciam brilhar nas sombras. Sem falar uma palavra, elas lhe disseram: *não pare, não parei*

Deus, ele adorou. Ele adorava aquelas duas.

Se o paraíso existia, era exatamente como aquele momento, aquele lugar.

Oh, esperem! Acabei de ouvir notícias terríveis.

Espero que não vá deixar seu Natal deprimido.

Noel foi drogado, amarrado e amordaçado,

teve os olhos tapados, os ouvidos arrolhados e foi ensacado.

Seu trenó espera lá fora, no pátio,

e alguém roubou o cartão do banco de Noel.

Em breve farão uma limpeza em sua conta,

usando os bancos automáticos de rua.

— Oh, hum — disse Charlotte, aconchegando-se mais fundo nas cobertas.
— Vai ser assustador.

— Bem, claro que é — disse Emily. — Foi papai que escreveu.

— Vai ser assustador *demais*? — perguntou Charlotte, puxando os cobertores até o queixo.

— Você está usando meias? — perguntou Marty.

Geralmente, Charlotte usava meias na cama para não sentir frio nos pés, exceto no verão.

— Meias? — disse ela. — Sim? E daí?

Marty reclinou-se para a frente na cadeira e baixou a voz ao nível de um sussurro fantasmagórico:

— Porque essa história só terminará no Dia de Natal, e até lá você vai suar as meias de susto talvez umas doze vezes.

Ele fez uma cara de mau.

Charlotte puxou o cobertor até o nariz.

Emily deu uma risada e pediu:

— Vamos, papai, o que vem depois?
*Ouçã, o som dos sinos de prata de trenó
ecoa sobre as colinas e vales estreitos.
E olhem... as renas lá em cima no céu!
Algum ganso bobo as ensinou a voar.
O cocheiro dá risadinhas como um estúpido...
louco, pateta, um sicário e capanga.
Alguma coisa está errada... qualquer tolo poderia dizer.
Se esse for Noel, então Noel não está bem.
Ele pia, algaravia, casquina e cospe,
e parece estar tendo algum tipo de ataque.
Seus olhinhos ariscos giram como piões.
Portanto, é melhor alguém chamar rápido os tiras.
Um olhar mais perto confirma sua psicose.
E... oh, meus caros... é de fato uma péssima halitose.*

— Minha nossa! — disse Charlotte, puxando o cobertor para cima dos olhos. Ela alegava não gostar de histórias assustadoras, mas era a primeira a se queixar caso não acontecesse, mais cedo ou mais tarde, alguma coisa que metesse medo.

— E então, quem é ele? — perguntou Emily. — Quem amarrou Noel, roubou seu dinheiro e fugiu em seu trenó?

*Tomem cuidado quando o Natal chegar este ano,
porque há algo novo a se temer.
O gêmeo de Noel... que é malvado e mesquinho
roubou o trenó, vai fazer um escândalo
fingindo ser seu irmão bom.
Proteja seus filhos amados, mãe!
Descendo pela chaminé, entrando em seu lar,
lá vem aquele vil e psicótico gnomo!*

— Uai! — gritou Charlotte e puxou a coberta acima da cabeça.

— O que deixou o gêmeo de Noel tão mau assim? — perguntou Emily.

— Talvez ele tenha tido uma infância ruim — respondeu Marty.

— Talvez ele tenha *nascido* desse jeito — disse Charlotte por baixo do cobertor.

— As pessoas podem nascer más? — perguntou novamente Emily. Depois respondeu sua própria pergunta antes que Marty pudesse fazê-lo. — Bem, claro que podem. Como algumas pessoas nascem boas, como você e mamãe, então algumas pessoas têm que nascer más.

Marty absorvia as reações das meninas, adorando. Em um certo nível, ele era escritor, guardando as palavras delas, o ritmo de suas falas, as expressões, para o dia em que pudesse precisar deles para utilizar numa cena de um livro.

Ele supunha que não era admirável estar tão constantemente atento a ponto de usar suas próprias filhas como material; podia ser repugnante do ponto de vista moral, mas ele não conseguia mudar. Ele era o que era. No entanto, também era pai e reagia, antes de tudo, nesse nível, preservando aquele momento na mente, já que um dia as lembranças seriam tudo que ele teria da infância delas. Queria ser capaz de recordar *tudo*, os momentos bons, os maus e os simples, assim como os grande acontecimentos, em *tecnicolor* e som *dolby* e com perfeita clareza, pois tudo era precioso demais para ele perder.

— O gêmeo mau de Noel tem um nome? — perguntou Emily.

— Tem — disse Marty —, ele tem, mas você terá que esperar uma outra noite para ouvir. Chegamos ao nosso primeiro ponto de parada.

Charlotte apontou a cabeça para fora das cobertas e as duas meninas insistiram para que ele lesse de novo a primeira parte do poema, como ele sabia que elas fariam. Mesmo durante a segunda vez, elas ficariam envolvidas demais para conseguirem dormir. Pediriam uma terceira leitura, e ele concordaria, pois só então elas estariam suficientemente familiarizadas com as palavras para sossegar. Mais tarde, no final da terceira leitura, elas enfim estariam em sono profundo ou na beira sonolenta do sonho.

Quando Marty começou a reler a primeira linha, ouviu Paige sair do vão da porta e caminhar na direção da escada. Ela ficaria esperando por ele na sala de estar, talvez com as chamas crepitando na lareira, talvez com vinho tinto e algum tipo de comida, e os dois se enroscariam e cada um contaria seu dia para o outro.

Quaisquer cinco minutos da noite, agora ou mais tarde, seria mais interessante para ele do que uma viagem em volta do mundo. Ele era um incorrigível homem caseiro. Os encantos da lareira e da família eram mais fascinantes do que as enigmáticas areias do Egito, o feitiço de Paris e o mistério do Extremo Oriente combinados.

Piscando os olhos para cada uma das filhas, recitou novamente.

— Bem, agora que a Ação de Graças passou em segurança — nesse momento, ele havia esquecido que alguma coisa perturbadora acontecera antes em seu gabinete e que a santidade de seu lar tinha sido violada.

8.

No Blue Life Lounge, ela passa esbarrando no matador e desliza no banquinho de bar ao seu lado. Não é tão bonita quanto as dançarinas, mas é atraente o bastante para seus propósitos. Vestida com *jeans* marrom e uma apertada camiseta vermelha, ela poderia ser apenas outra freguesa, mas não é. Ele conhece seu tipo — uma Vênus barata com as habilidades de contadora nata.

Eles entabulam uma conversa, reclinando-se para perto um do outro a fim de serem ouvidos acima da banda, e pouco tempo depois suas cabeças estão

quase se tocando. O nome dela é Heather ou é o que diz. Tem o hálito de hortelã de inverno.

No momento em que as dançarinas se retiram e a banda faz uma pausa, Heather havia decidido que ele não era um tira da Delegacia de Costumes fazendo uma batida, de modo que fica mais audaciosa. Ela sabe o que ele quer, tem o que ele quer e faz com que ele saiba que é um comprador num mercado vendedor.

Heather diz a ele que do outro lado da estrada do Blue Life Lounge tem um motel em que, se a moça é conhecida da gerência, os quartos podem ser alugados por hora. O que não é surpresa para ele, pois existem leis do tesão e da economia tão imutáveis quanto as leis da natureza.

Ela veste a jaqueta forrada com pele de cordeiro e os dois saem juntos na noite fria, onde seu hálito de hortelã de inverno transforma-se em vapor no ar revigorante. Atravessam o estacionamento e depois a estrada de mãos dadas, como se fossem namorados de universidade.

Embora ela saiba o que ele quer, não sabe que ele precisa mais do que faz. Quando ele conseguir o que quer, e quando isso não saciar a ardente necessidade dele, Heather irá conhecer o padrão de emoção que agora é tão conhecido dele: a necessidade alimenta a frustração; a frustração transforma-se em raiva; a raiva leva ao ódio; o ódio gera a violência — e a violência às vezes conforta.

O céu é uma placa maciça de gelo claro como cristal. As árvores estão desfolhadas e cauterizadas no final do enfadonho novembro. O vento faz um som frio e triste enquanto varre a vasta campina vizinha atravessando a cidade. E às vezes a violência conforta.

* * *

Mais tarde, tendo-se consumido em Heather mais de uma vez, já não mais no poder da luxúria, ele acha que a pobreza do quarto de hotel é uma lembrança intolerável da natureza baixa e suja de sua existência. Seu desejo imediato foi saciado, mas seu desejo de mais vida, direção e sentido não foi diminuído.

A jovem mulher nua, em cima da qual ainda está deitado, agora parece feia e até odiosa. A lembrança de intimidade com ela lhe causa aversão. Ela não pode ou não quer dar-lhe o que ele precisa. Vivendo à margem da sociedade, vendendo seu corpo, ela própria é uma proscrita e, portanto, um símbolo enfurecedor da alienação dele.

Ela foi pega de surpresa quando ele a socou no rosto. O soco foi forte o bastante para atordoá-la. Quando Heather amolece, quase inconsciente, ele desliza as duas mãos em volta de seu pescoço e a sufoca com toda a força de que

é capaz.

A luta é tranquila. O soco, seguido da extrema pressão em sua traqueia e a diminuição do fornecimento de sangue ao cérebro através da carótida, deixa-a incapaz de opor resistência.

Ele está preocupado em não chamar a atenção indesejada de outros hóspedes do motel. Mas um mínimo de barulho também é importante, porque um assassinato silencioso é mais pessoal, mais íntimo, mais profundamente satisfatório.

Ela sucumbe com tanta suavidade que ele se lembra de filmes sobre a natureza, nos quais certas aranhas e mantídeos matam seus parceiros logo depois de uma primeira e derradeira relação sexual, sempre sem nenhum ruído, nem do assaltante nem da vítima. A morte de Heather é caracterizada por um ritual frio e solene semelhante à selvageria estilizada desses insetos.

Minutos mais tarde, depois de tomar um banho de chuveiro e de se vestir, ele atravessa a estrada do motel em direção ao Blue Life Lounge e entra em seu carro alugado. Tem negócios a fazer. Não foi mandado a Kansas City para matar uma prostituta chamada Heather. Ela foi uma mera diversão. Novas vítimas esperam por ele, e agora ele se sente relaxado e concentrado o suficiente para tratar dos outros.

9.

Paige estava de pé no gabinete de Marty, à luz cor partida da lâmpada com vitral, olhando fixo para o pequeno gravador, ouvindo o marido cantar as duas palavras perturbadoras num tom de voz que ia do sussurro melancólico a um rosnar baixo de raiva.

Menos de dois minutos depois, ela já não pôde mais tolerar. A voz dele era ao mesmo tempo familiar e estranha, o que tornava a coisa muito pior do que se ela não fosse capaz de reconhecê-la.

Ela desligou o gravador.

Ao perceber que ainda segurava o copo de vinho tinto na mão direita, ela tomou um longo gole. Era um bom cabernet da Califórnia, que merecia ser servido devagar, mas, de repente, ela ficou mais interessada em seu efeito do que em seu gosto.

Marty disse do outro lado da escrivaninha:

— Há pelo menos mais cinco minutos da mesma coisa. Sete minutos no total. Fiz alguma pesquisa depois que isso aconteceu, antes de você e as meninas chegarem em casa. — Ele acenou na direção das estantes de livros alinhadas numa parede. — Em minhas referências médicas.

Paige não queria ouvir o que ele iria contar. A possibilidade de alguma doença séria era inconcebível. Se acontecesse algo de sério com Marty, o mundo seria um lugar muito mais sombrio e menos interessante.

Ela não sabia ao certo se poderia lidar com a perda dele. Percebia que sua atitude era peculiar, considerando-se que era uma psicóloga infantil que, em sua clínica particular e durante as horas que doava aos grupos ligados ao bem-estar da criança, havia ensinado muitas delas a superar a dor e a seguir em frente depois da morte de um ente amado.

Marty deu a volta na escrivaninha e foi em sua direção, já com seu próprio copo de vinho vazio:

— Uma fuga pode ser sintoma de várias coisas — disse ele. — O estágio inicial da doença de Alzheimer, por exemplo, mas acredito que podemos descartar isso. Se fiquei com a doença de Alzheimer aos 33 anos, é provável que eu seja o caso mais jovem nos registros de uma década.

Ele colocou o copo em cima da escrivaninha e foi à janela para olhar a noite por entre as frestas da persiana.

Paige estava chocada com a vulnerabilidade que ele aparentou de repente. Um metro e oitenta e dois de altura, 81 quilos, com seus modos fáceis de lidar e entusiasmo ilimitado pela vida, Marty sempre a impressionou como sendo mais sólido e permanente do que qualquer coisa no mundo, inclusive montanhas e oceanos. Agora ele parecia tão frágil quanto uma peça de vidro.

Com as costas voltadas para ela, ainda examinando a noite, ele disse:

— Ou pode ter sido uma indicação de um pequeno derrame.

— Não.

— Embora de acordo com as referências que examinei, a causa mais provável seja um tumor no cérebro.

Ela ergue o copo. Estava vazio. Mas não conseguiu lembrar-se de ter terminado o vinho. Uma pequena fuga sua.

Ela colocou o copo na escrivaninha. Ao lado do odioso gravador. Depois foi até Marty e pôs a mão em seu ombro.

Quando ele se virou, ela o beijou de leve, rápido. Ela encostou a cabeça em seu peito, abraçando-o, e ele envolveu-a com os braços. Por causa de Marty, ela aprendeu que os abraços eram tão essenciais para uma vida saudável como a comida, a água, o sono.

Antes, quando o flagrava examinando sistematicamente as trancas de janelas, ela insistia, com apenas um olhar zangado e uma única palavra — *então?* —, que ele não escondesse coisa alguma. Agora desejava não ter insistido em ouvir sobre o mau momento que ele vivera num dia que, fora isso, tinha sido ótimo.

Ainda abraçada a ele, ela levantou a vista e no final encontrou os olhos dele.

— Pode não ser nada.

— É alguma coisa.

— Nada físico, eu quero dizer.

Ele sorriu um sorriso triste.

— É tão confortador ter uma psicóloga em casa.

— Bem, poderia ser algo psicológico.

— De certa forma, o fato de talvez eu estar louco não ajuda em nada.

— Não louco. Estressado.

— Ah, sim, o estresse. A desculpa do século XX, o embuste favorito das falsas licenças médicas, dos políticos que tentam explicar por que estavam bêbados em um motel com adolescentes peladas...

Ela se soltou dele e virou-se, furiosa. Não estava exatamente preocupada com Marty, mas sim com Deus ou com o destino ou com qualquer outra força que subitamente trouxe correntes turbulentas para suas vidas que fluíam sem dificuldades.

Ela andou em direção à escrivaninha para pegar o copo de vinho, antes de se lembrar que já o havia bebido. Tornou a virar-se para Marty.

— Está bem... exceto quando Charlotte esteve muito doente naquela vez, você sempre esteve tão tenso quanto um tornio. E nos últimos tempos você tem sofrido um bocado de pressão.

— Tenho? — perguntou, levantando as sobrancelhas.

— O prazo final para esse livro é mais apertado do que de praxe.

— Mas consegui três meses, e acho que só vou precisar de um.

— Todas as novas expectativas da carreira... seu editor, o agente e as pessoas do ramo que agora o observam de uma maneira diferente.

A reimpressão em brochura de seus dois romances mais recentes o colocara na lista de *best-seller* do *New York Times*, cada qual por oito semanas. Ele ainda não havia desfrutado de um *best-seller* de capa dura, mas esse novo nível de sucesso parecia iminente com a publicação de seu novo romance em janeiro.

O súbito crescimento das vendas era excitante, mas também assustador. Embora Marty desejasse um público maior, também estava determinado a não costurar sua escrita para obter uma atração mais ampla e assim perder aquilo que tornava seus livros estimulantes. Ele sabia que corria o perigo de modificar seu trabalho de maneira *inconsciente*, de modo que nos últimos tempos vinha sendo muito mais rígido consigo mesmo, apesar de ter sido sempre seu crítico mais ferrenho e sempre ter revisto cada página de uma história vinte ou trinta vezes.

— Depois tem a revista *People* — disse ela.

— Isso não é estressante. Já passou e acabou.

Um jornalista da *People* tinha ido à casa algumas semanas antes, e um fotógrafo o seguiu dois dias depois para uma tomada de dez horas. Sendo Marty quem era, simpatizou com eles e vice-versa, embora a princípio houvesse resistido desesperadamente aos pedidos de seu editor para fazer a matéria.

Devido a seu relacionamento amigável com o pessoal da *People*, ele não tinha nenhuma razão para pensar que o artigo seria negativo, mas em geral mesmo a publicidade favorável o fazia sentir-se desconcertado e sófrego. Para ele, o que importava eram os livros, não a pessoa que os escreveu, e ele não queria ser, como o próprio Marty expressou, “a Madonna do romance de mistério posando nu em uma biblioteca com uma cobra entre os dentes para inchar as vendas”.

— Não passou nem acabou — discordou Paige. A edição com o artigo sobre Marty só chegaria às bancas na segunda-feira. — Sei que você está com medo.

Ele suspirou.

— Não quero ser...

— Madonna com uma cobra entre os dentes. Eu sei, garoto. O que estou dizendo é que você está mais estressado com essa revista do que pensa.

— Estressado o bastante para apagar sete minutos?

— Claro. Por que não? Aposto como é isso que o médico vai dizer.

Marty pareceu cético.

Paige moveu-se para dentro de seus braços de novo.

— Tudo tem dado tão bem para nós nos últimos tempos, quase bem demais. Há uma tendência a se ficar um pouco supersticioso com isso. Mas nós trabalhamos duro e merecemos tudo isso. Nada vai dar errado. Está me ouvindo?

— Estou — disse ele, abraçando-a.

— Nada vai dar errado — ela repetiu. — Nada.

10.

Depois da meia-noite.

A vizinhança ostenta grandes lotes de terra e as grandes casas estão assentadas bem para trás das linhas frontais da propriedade. Árvores imensas, tão antigas que quase parecem ter adquirido inteligência nascente, montam sentinela ao longo das ruas, vigiando os prósperos residentes, os galhos negros riscados de outono eretos como antenas de alta tecnologia, colhendo informações sobre ameaças potenciais ao bem-estar daqueles que dormiam do outro lado dos muros de tijolos e pedras.

O matador estaciona na volta da esquina da casa na qual seu trabalho espera. Ele caminha o resto do trajeto, sussurrando em voz baixa uma melodia alegre de sua própria criação, agindo como se já houvesse pisado naquela calçada mil vezes antes.

O comportamento furtivo sempre é notado e, quando isso acontece, provoca um inevitável alarme. Por outro lado, um homem que age de modo audaz e direto é visto como honesto e inofensivo, não é percebido e, mais tarde, é esquecido por completo.

Um frio vento noroeste.

Um céu sem lua.

Uma suspeita coruja repete em tom monótono sua única pergunta.

A casa é em estilo georgiano, tijolo com colunas brancas. A propriedade é rodeada por uma cerca de ferro com pontas de lança.

O portão da estradinha de carro está aberto e parece ter sido deixado nessa posição durante muitos anos. O ritmo e a qualidade pacífica da vida em Kansas City não podem sustentar a paranoia por muito tempo.

Como se fosse dono do lugar, ele segue a estradinha circular até o pórtico da entrada principal, sobe os degraus e para diante da porta da frente para abrir o zíper do pequeno bolso do peito de seu casaco de couro. E tira uma chave do bolso.

Até esse momento, ele não estava consciente de que a carregava. Ele não sabe quem lhe deu, mas sabe de imediato qual seu propósito. Isso já lhe aconteceu antes.

A chave se ajusta na fechadura de cavilha morta.

Ele abre a porta para um vestibulo escuro, atravessa a soleira e entra na casa quente, retirando a chave da fechadura. E fecha a porta suavemente atrás dele.

Após afastar a chave, ele se vira para o painel de programação do sistema de alarme ao lado da porta. A partir do momento em que abriu a porta, tem sessenta segundos para digitar o código correto a fim de desarmar o sistema; caso contrário, a policia será convocada. Ele se lembra dos seis dígitos da sequência de desarme no momento que é preciso e digita.

Retira outro artigo da jaqueta, dessa vez de um bolso fundo de dentro: um par de óculos de visão noturna, bastante compacto, de um tipo fabricado para os militares e que não se encontra à venda para cidadãos civis. Mesmo a luz mais fraca é ampliada com muita eficiência em um fator de dez mil, de tal modo que ele pode mover-se através de quartos escuros com absoluta confiança, como se todas as luzes estivessem acesas.

Subindo a escada, ele tira a Heckler & Koch P7 do enorme coldre do ombro, sob a jaqueta. O pente ampliado contém dezoito balas.

Um silenciador está enfiado em uma pequena manga do coldre. Ele o libera e depois o atarraxa em silêncio no cano da pistola. Isso garantirá de oito a doze tiros relativamente silenciosos, mas se deteriorará rápido demais para permitir que ele gaste o pente inteiro sem acordar outras pessoas da casa e da vizinhança.

Oito tiros seriam mais do que ele precisa.

A casa é grande e dez quartos se abrem no corredor em forma de T do segundo andar, mas ele não precisa procurar seus alvos. Ele é tão familiarizado com a planta desse andar quanto com o mapa das ruas da cidade.

Através dos óculos, tudo tem um matiz esverdeado, e os objetos brancos parecem brilhar com uma espectral luz interior. Ele se sente como se estivesse em um filme de ficção científica, um herói intrépido explorando outra dimensão ou uma terra alternativa em tudo idêntica à nossa, exceto em poucos aspectos cruciais.

Ele abre a porta do dono da casa. Aproxima-se da cama tamanho gigante com sua elaborada cabeceira ao estilo georgiano.

Duas pessoas estão dormindo sob os lençóis esverdeados, um homem e uma mulher na casa dos quarenta. O marido está deitado de costas, roncando. Seu rosto é facilmente identificado como sendo o alvo primário. A mulher está a seu lado, o rosto semienterrado no travesseiro, mas o matador pode ver o bastante para se certificar que ela é o alvo secundário.

Ele coloca o cano da P7 contra a garganta do marido.

O aço frio desperta o homem, e seus olhos se abrem como se tivessem as pálpebras com contrapeso dos olhos de uma boneca.

O matador puxa o gatilho, explodindo a garganta do homem; levanta o cano e dispara dois diretos em seu rosto. A arma de fogo soa como a leve cuspidela de uma cobra.

Ele dá a volta na cama, sem fazer nenhum barulho no tapete de pelúcia.

Duas balas na têmpora esquerda exposta da mulher completam sua missão, e ela jamais desperta, em absoluto.

Ele fica parado ao lado da cama durante algum tempo, desfrutando a suavidade incomparável daquele momento. Estar presente na morte é compartilhar uma das experiências mais íntimas que uma pessoa terá neste mundo. Afinal de contas, ninguém, a não ser membros estimados da família e os amigos queridos, são bem-vindos num leito de morte para testemunhar o último sopro de um moribundo. Portanto, o matador é capaz de erguer-se acima de sua existência cinzenta e miserável apenas no ato da execução, pois então ele tem a honra de compartilhar da mais profunda de todas as experiências, mais solene e importante do que o nascimento. Nesses momentos mágicos e preciosos, quando seus alvos morrem, ele estabelece relacionamentos, vínculos significativos com outros seres humanos, *conexões* que banem por breves momentos sua alienação, fazendo-o sentir-se necessário, incluído, amado.

Embora as vítimas sejam sempre estranhas para ele — e, nesse caso, ele nem sequer sabe seus nomes —, a experiência pode ser tão intensa a ponto de encher seus olhos de lágrimas. Nessa noite, ele consegue permanecer sob o total controle de si mesmo.

Relutando em deixar acabar a breve conexão, ele coloca a mão num toque suave na face esquerda da mulher, que não está manchada de sangue e ainda tem um calor agradável. Ele torna a dar a volta na cama e dá um leve aperto no ombro do morto, como se dissesse: *adeus, velho amigo, adeus.*

Ele se pergunta quem eram eles. E por que tinham que morrer.

Adeus.

No andar de baixo, ele atravessa a espectral casa verde, cheia de sombras e radiantes formas verdes. Para no salão de entrada para desatarraxar o silenciador da arma e colocar as duas peças no coldre.

Com desânimo, tira os óculos. Sem as lentes, é transportado daquela mágica terra alternativa — onde por breves momentos sentiu uma afinidade com outros seres humanos — para esse mundo ao qual ele tanto se esforça para pertencer, embora permaneça para sempre como um homem à parte.

Ao sair da casa, ele fecha a porta, mas não se dá ao trabalho de trancá-la à chave. Não esfrega a maçaneta de metal, pois não está preocupado em deixar impressões digitais.

O vento frio suspira e silva através do pórtico.

Com um raspar e roçar felinos, folhas mortas enrugadas correm apressadas em bandos ao longo da estradinha de carros.

Agora, as árvores de sentinela parecem dormir em seus postos. O matador sente que ninguém o vigia na janelas negras e vazias da rua. E até mesmo a voz interrogativa da coruja silenciou-se.

Ainda comovido com o que havia compartilhado, ele não sussurra a pequena melodia absurda no trajeto de volta ao carro.

No momento em que roda de volta para o hotel onde está hospedado, sente mais uma vez o peso do opressivo *apartheid* em que existe. Separado. Evitado. Um homem solitário.

Em seu quarto, ele se desvencilha do coldre de ombro e o coloca na mesinha-de-cabeceira. A pistola ainda está na manga de couro revestido de linho. Durante algum tempo ele olha fixo para a arma.

No banheiro, ele pega um par de tesouras na bolsa do aparelho de barbear, abaixa a tampa da privada, senta-se ao desagradável brilho fluorescente e, com movimentos meticulosos, destrói os dois cartões de crédito falsos que havia usado até ali na missão. Pela manhã ele voará para fora de Kansas City empregando outro nome e, no caminho para o aeroporto, espalhará os minúsculos fragmentos dos cartões ao longo dos quilômetros da autoestrada.

Ele retorna à escrivaninha.

Olha fixo para a pistola.

Após ter deixado os corpos mortos no local do trabalho, ele deveria ter quebrado a arma na maior quantidade de pedaços possível. Dever ter-se desfeito das partes em lugares bastante distantes uns dos outros: o cano talvez num cano coletor de chuva, metade da estrutura num córrego, a outra metade numa lixeira... até não sobrar nada. Esse era o procedimento-padrão, e ele estava perplexo, sem compreender por que dessa vez fora tão negligente.

Uma culpa em baixo grau acompanha esse desvio da rotina, mas ele não

vai sair de novo para se desfazer da arma. Além da culpa, ele se sente... rebelde.

Tira a roupa e deita-se. Desvia-se do abajur ao lado da cama e olha fixo para as sombras em camadas no teto.

Não está dormindo. Sua mente está agitada, e seus pensamentos saltam de tema em tema com rapidez tão enervante, que em pouco tempo seu estado mental hiperativo se traduz em agitação física. Ele se remexe, puxa os lençóis, ajusta cobertas, travesseiros.

Lá fora, na rodovia interestadual, enormes caminhões rodam sem parar em direção a destinos distantes. O cantar dos pneus, o trovão dos motores e o chiado do ar deslocado por sua passagem formam um puro ruído em segundo plano, que em geral funciona como calmante. Muitas vezes ele foi atraído para o sono pela música cigana da estrada aberta.

Nessa noite, entretanto, ocorre uma coisa estranha. Por razões que ele não consegue entender, esse conhecido mosaico de sons não é uma canção de ninar, mas sim o canto de uma sereia. Ele não consegue resistir.

Ele sai da cama e atravessa o quarto escuro em direção à única janela. Tem uma obscura visão noturna de uma encosta de morro coberta de ervas e de uma placa de céu — como as metades de uma pintura abstrata. No alto da ladeira, separando céu e colina, as firmes estacas do *guardrail* da estrada são iluminadas por bruxuleantes faróis que passam.

Ele levanta a vista, meio em transe, esforçando-se para vislumbrar os veículos que se destinam ao oeste.

Em geral melancólica, a cantata da rodovia agora o seduz, chamando-o, fazendo uma promessa misteriosa que ele não compreende, mas sente-se forçado a explorar.

Ele se veste e guarda as roupas na mala.

Lá fora, o pátio e as calçadas do hotel estão desertos. De frente para os quartos, os carros aguardam a viagem matinal. Em um salão vizinho de venda por automáticos, uma máquina de refrigerantes estala e retine como se estivesse fazendo reparos em si mesma. O matador sente-se como se fosse a única criatura viva num mundo agora governado por — e para o benefício de — máquinas.

Momentos depois, ele está na Interestadual 70, dirigindo-se para Topeka, a pistola no assento a seu lado, mas coberta com uma toalha do motel.

Alguma coisa a oeste de Kansas City o chama. Ele não sabe o que é, mas sente uma atração inexorável em direção a oeste, da mesma maneira que o ferro é atraído por um ímã.

Por mais estranho que possa parecer, nada disso o alarma e ele se permite levar por essa compulsão de dirigir rumo ao oeste. Afinal de contas, desde que consegue lembrar-se, ele foi a lugares sem saber o objetivo de sua viagem até chegar a seu destino, e matou pessoas sem saber por que deviam

morrer ou para quem estava fazendo a matança. Entretanto, ele está seguro de que não se espera dele essa súbita partida de Kansas City. Devia permanecer no motel até a manhã e pegar um voo cedo para... Seattle.

Talvez em Seattle ele receberia instruções dos chefes, dos quais não consegue se recordar. Mas jamais saberá o que teria acontecido, pois agora Seattle está riscada de seu itinerário.

Ele se pergunta quanto tempo se passará antes que seus superiores — quaisquer que sejam seus nomes e identidades — percebam que se tornou um renegado. Quando começarão a procurar por ele e como o encontrarão se ele não estiver mais operando dentro de seu programa?

Às duas da madrugada, o tráfego é pequeno na Interestadual 70, a maioria composta de caminhões, e ele dispara para o outro lado de Kansas na frente de alguns dos grandes carrões e na esteira ruidosa de outros, recordando um filme sobre Dorothy e seu cão Totó e um tufão que os pegou na terra plana da fazenda e os deixou num estranho lugar distante.

Deixando tanto a Kansas City/Missouri como a Kansas City/Kansas para trás, o matador percebe que está murmurando para si mesmo: *eu preciso, eu preciso.*

Dessa vez, ele se sente próximo de uma revelação que irá identificar a natureza exata desse desejo.

Eu preciso... ser... eu preciso ser... eu preciso ser...

Enquanto os subúrbios e por fim a pradaria escura passam num lampejo nos dois lados, dentro dele a excitação aumenta sem parar. Ele treme à beira de um conhecimento que, ele sente, irá mudar sua vida.

Eu preciso ser... ser... eu preciso ser alguém.

Ele compreende, de imediato, a importância do que disse. Com “ser alguém” ele não está querendo dizer o que um outro homem poderia tencionar dizer com essas mesmas duas palavras: ele não quer dizer que precisa ser alguém famoso, rico ou importante. Apenas alguém. Alguém com um nome verdadeiro. Apenas um Joe comum como costumavam dizer nos filmes dos anos 40. Alguém que tenha mais substância que um fantasma. A atração da desconhecida estrela-guia a oeste fica mais forte a cada quilômetro. Ele se inclina um pouco para a frente, curvando-se sobre o volante, espreitando a noite com atenção.

Além do horizonte, numa cidade que ainda não pode visualizar, uma vida espera por ele, um lugar para ser chamado de lar. Família, amigos. Em algum lugar há sapatos que ele pode calçar, um passado que pode usar confortavelmente, um objetivo. E um futuro no qual pode ser como as outras pessoas — aceito.

O carro dispara na direção oeste, trespassando a noite.

Meia-noite e meia. No caminho para a cama, Marty Stillwater parou junto ao quarto das meninas, abriu a porta e atravessou a soleira em silêncio. No brilho amarelo-caramelo do abajur de Mickey Mouse, pôde ver as duas filhas dormindo um sono pacífico.

De vez em quando, ele gostava de observá-las durante alguns minutos enquanto dormiam, só para se convencer que eram de verdade. Ele havia tido mais que sua quota de felicidade, prosperidade e amor, de modo que se deduzia que parte dessa bênção podia provar-se transitória ou mesmo ilusória; o destino podia intervir para equilibrar os pratos na balança.

Para os antigos gregos, o Destino era personificado na forma de três irmãs: Cloto, que tecia a trama da vida; Láquesis, que media a extensão da trama; e Átropos, a menor das três porém a mais poderosa, que cortava a trama à sua vontade.

Às vezes, para Marty, essa parecia ser uma maneira lógica de ver as coisas. Ele podia imaginar os rostos dessas três mulheres de robe branco com mais detalhes do que se lembrava dos próprios vizinhos de Mission Viejo. Cloto tinha um rosto bondoso com olhos alegres, lembrando a atriz Angela Lansbury, e Láquesis era tão atraente quanto Goldie Hawn, mas com uma aura de santa. Era ridículo, mas era assim que ele as via. Átropos era uma puta linda porém fria — boca apertada, olhos negros como antracito.

O truque era permanecer nas boas graças das duas primeiras irmãs sem chamar a atenção da terceira.

Cinco anos atrás, sob a máscara de uma doença do sangue, Átropos havia descido de seu lar celestial para tomar um pedaço da trama da vida de Charlotte e, por sorte, não conseguira cortá-la por completo. Mas essa divindade respondia por muitos nomes além de Átropos: câncer, hemorragia cerebral, trombose coronária, incêndio, terremoto, veneno, homicídio e muitos outros. Agora talvez ela estivesse fazendo uma visita a eles com um de seus muitos pseudônimos — com Marty como seu alvo em vez de Charlotte.

Muitas vezes, a imaginação vivida de um romancista era uma maldição.

De repente, um barulho de zumbido e clique surgiu nas sombras no lado do quarto que pertencia a Charlotte, assustando Marty. Tão baixo e ameaçador quanto um chocalho de cascavel. Então, ele percebeu o que era: metade da enorme gaiola do gerbo era ocupada por uma roda de exercício, e o incansável roedor corria furiosamente.

— Vai dormir, Wayne — ele disse em voz baixa.

Deu mais uma olhada nas meninas, depois saiu do quarto e fechou a porta sem fazer barulho.

Ainda é atraído em direção ao horizonte ocidental — assim como uma criatura migrante podia ser atraída incessantemente para o sul com a aproximação do inverno —, respondendo a um chamado que não tem som, uma boia luminosa que não pode ser vista, apesar de ser o traço de ferro em seu sangue que responde ao imã desconhecido.

Ele sai da autoestrada nos subúrbios da cidade e procura outro carro.

Em algum lugar há pessoas que conhecem o nome John Larrington, a identidade com a qual alugou o Ford. Quando ele não se apresentar em Seattle para qualquer trabalho que o esteja esperando, seus superiores estranhos e sem rosto irão, sem dúvida, procurar por ele. Ele suspeita que os superiores tenham recursos e influência substanciais; ele deve cortar cada ligação com seu passado e deixar seus caçadores sem meios para seguir sua pista.

Ele estaciona o Ford alugado num bairro residencial e caminha três quarteirões, experimentando as portas dos carros junto ao meio-fio. Apenas a metade está trancada. Está preparado para fazer uma ligação direta num carro, se for preciso, mas num Honda azul encontra as chaves enfiadas atrás do visor de sol.

Após rodar de volta ao Ford e transferir suas malas e a pistola para o Honda, ele parte em círculos cada vez mais largos, à procura de uma loja de utilidades aberta 24 horas.

Não tem nenhum mapa de Topeka na cabeça porque ninguém esperava que ele fosse ali. Desanimado para olhar placas de rua nas quais todos os nomes são desconhecidos, ele não sabe para onde qualquer rota levará.

Ele se sente mais proscrito que nunca.

Em quinze minutos, localiza uma loja e quase esvazia as prateleiras de Slim Jim, biscoitos de queijo, amendoim, rosquinhas em miniatura e outros alimentos fáceis de comer enquanto dirige. Já está morto de fome. Se for ficar na estrada mais dois dias — supondo-se que possa ser atraído por todo o trajeto até a costa —, vai precisar de um suprimento considerável. Ele não quer perder tempo em restaurantes; no entanto, seu metabolismo acelerado pede que ele coma refeições maiores e mais frequentes do que as outras pessoas.

Após acrescentar três pacotes de seis Pepsi à sua compra, ele vai ao balcão onde o único empregado diz:

— Você deve estar dando uma festa que vai durar a noite inteira ou algo parecido.

— E isso aí.

Quando paga a conta, percebe que os trezentos “mangos” que tem na carteira — o montante de dinheiro vivo que *sempre* leva consigo num trabalho — não o levarão longe. Já não pode mais usar os cartões de crédito falsos, dos quais ainda tem dois, porque com certeza alguém poderá segui-los através das compras. A partir de agora, terá de pagar em dinheiro.

Ele leva para o Honda as três enormes sacolas de suprimento e retorna à loja com a Heckler & Koch P7. Dá um tiro na cabeça do empregado e esvazia a caixa registradora, mas tudo que consegue é seu próprio dinheiro de volta mais cinquenta dólares. Melhor do que nada.

Enche o tanque de gasolina do Honda em um posto de serviços Arco e compra um mapa dos Estados Unidos.

Estacionado no canto do posto, ele come Slim Jim sob uma lâmpada de vapor de sódio que colore tudo com um amarelo doentio. Está faminto.

No momento em que muda das salsichas para as rosquinhas, começa a examinar o mapa. Ele poderia continuar na Interestadual 70 em direção a oeste ou, em vez disso, dirigir-se ao sul para Wichita na autoestrada de Kansas, indo para Oklahoma City, e depois virando de novo para oeste, na Interestadual 40.

Ele não está acostumado a ter opções. Em geral, faz aquilo que está... programado para fazer. Agora que tem alternativas, acha inesperadamente difícil tomar decisões. Ele fica irresoluto, cada vez mais nervoso, correndo o perigo de ficar paralisado pela indecisão.

No final, sai do Honda e fica parado no frio ar da noite, procurando orientação.

O vento vibra os fios de telefone — um som fantasmagórico, tão tênue e débil quanto o choro de medo de crianças mortas passeando num além escuro.

Vira-se para oeste de maneira tão inevitável quanto uma agulha de bússola que busca o norte magnético. A atração é sentida como psíquica, como se uma presença lá longe o chamasse, mas a ligação é menos sofisticada, é mais biológica, reverberando em seu sangue e em sua medula.

De novo atrás do volante do carro, ele encontra a autoestrada de Kansas e se dirige a Wichita. Ainda não está com sono. Quando é preciso, ele consegue ficar duas ou três noites sem dormir e sem perder o vigor mental ou físico, o que é apenas uma de suas forças especiais. Está tão excitado com a perspectiva de ser alguém que pode dirigir sem parar até encontrar seu destino.

13.

Paige sabia que Marty já esperava ser atingido por outro lapso, dessa vez em público, por isso admirou sua capacidade de manter uma fachada despreocupada. Parecia tão alegre quanto as filhas.

Do ponto de vista das meninas, o domingo era um dia perfeito.

No final da manhã, Paige e Marty as levaram ao Ritz-Carlton Hotel em Dana Point para o almoço-lanche do fim de semana da Ação de Graças. Aquele era um lugar que eles só iam em ocasiões especiais.

Como sempre, Emily e Charlotte ficaram encantadas com a paisagem exuberante, com as lindas salas públicas e com o pessoal impecável em seus uniformes engomados. Com suas melhores roupas e fitas nos cabelos, as meninas

se divertiram muito, fingindo ser jovens senhoritas cultas — quase tão divertido quanto atacar o bufê de sobremesa duas vezes cada.

À tarde, como estava mais ou menos quente, trocaram de roupa e visitaram o Irvine Park. Caminharam nas trilhas pitorescas, deram comida aos patos no lago e visitaram o pequeno jardim zoológico.

Charlotte adorava o zoológico porque, como sua coleção de bichos selvagens, os animais eram mantidos em recintos fechados, a salvo de algum dano. Não havia nenhuma espécie exótica — todos os animais eram nativos da região —, mas em sua exuberância típica Charlotte achou cada qual a criatura mais interessante e atraente que já havia visto.

Emily entrou numa briga de olhar com um lobo. Grande, com olhos cor de âmbar, com um pelo lustroso cinza-prateado, o predador encontrou e sustentou com atenção o olhar da menina em seu lado da cerca de elos de corrente.

— Se vocês desviarem o olhar primeiro — informou Emily em tom calmo e sombrio —, então o lobo vai comer vocês todos.

O confronto durou tanto tempo que Paige ficou nervosa, apesar da cerca forte. Depois o lobo baixou a cabeça, cheirou o chão, bocejou com esmero — para mostrar que não tinha sido intimidado, mas apenas perdera o interesse — e afastou-se saracoteando.

— Se ele não conseguiu pegar os três porquinhos com toda sua rabugice e bafo — disse Emily —, então eu *sabia* que ele não podia me pegar, porque sou mais esperta do que os porcos.

Ela estava referindo-se ao desenho animado de Disney, a única versão do conto de fadas com a qual estava familiarizada.

Paige resolveu nunca deixá-la ler a versão dos irmãos Grimm, que falava de sete pequenas cabras em vez de três porquinhos. O lobo devorou seis delas, que foram salvas da digestão no último minuto, quando sua mãe cortou a barriga do lobo para tirá-las das vísceras fumegantes.

Quando ele se afastara, Paige tornou a olhar para o lobo. O animal observava Emily de novo.

14.

O domingo é um dia cheio para o matador.

Em Wichita, pouco antes do amanhecer, ele sai da autoestrada. Em outro bairro residencial bastante parecido com o de Topeka, ele troca a placa de licença do Honda pela de um Chevy, tornando mais difícil de localizar seu veículo roubado.

Pouco depois das nove da manhã de domingo, ele chega em Oklahoma City, Oklahoma, onde para o tempo suficiente para encher o tanque de gasolina.

Há um *shopping mall* do outro lado da estrada do posto. Em um canto do

gigantesco estacionamento deserto há um pavilhão automático da Goodwill Industries do tamanho de um abrigo de jardim. Após encher o tanque, ele deixa as malas e seus conteúdos com a Goodwill. Fica apenas com as roupas que está usando e a pistola.

Durante a noite, na estrada, ele teve tempo para pensar em sua existência peculiar — e para perguntar-se se podia estar carregando um transmissor compacto que ajudasse seus superiores a localizá-lo. Talvez tivessem previsto esse dia em que ele os renegaria.

Ele sabe que um transmissor mais ou menos potente, operando com uma bateria minúscula, pode ser escondida num lugar extremamente pequeno. Como as laterais de uma mala.

Quando vira direto para oeste na Interestadual 40, uma borra de nuvens negras como carvão se derrama do céu. Quarenta minutos depois, quando a chuva chega, ela é prata derretida e, no mesmo instante, varre todas as cores da vasta terra deserta que flanqueia a rodovia. O mundo é vinte, quarenta, cem matizes de cinza, sem um relâmpago que seja para aliviar a lugubridade opressiva.

A paisagem monocromática não proporciona nenhuma distração, de modo que ele tem tempo para continuar se preocupando com os caçadores sem rosto que podiam estar bem atrás dele. É paranoia perguntar-se se um transmissor poderia ter sido costurado em sua roupa? Ele duvida que o aparelho pudesse ser escondido no tecido de suas calças, camisa, suéter, roupa de baixo ou meias sem ser detectado pelo próprio peso ou numa inspeção casual. O que deixa de sobra os sapatos e a jaqueta de couro.

Ele deixa a pistola de fora. Eles não montariam coisa alguma na P7 que pudesse interferir em suas funções. Além disso, esperavam que ele se desfizesse da arma logo depois dos assassinatos para os quais ela foi fornecida.

Na metade do caminho entre Oklahoma e Amarillo, a leste da fronteira com o Texas, ele sai da interestadual e entra numa área onde dez carros, dois enormes caminhões e dois *motorhomes* se refugiaram da tempestade.

Em um arvoredor vizinho de sempre-vivas, os galhos das árvores se curvam como se estivessem encharcados de chuva, e parecem cinza carvão em vez de verde. As enormes pinhas estão inchadas e estranhas.

Um bloco baixo de sanitários em construção. Ele corre através do aguaceiro para o banheiro dos homens.

Enquanto o matador está no primeiro dos três mictórios, com a chuva tamborilando barulhenta no telhado de metal e o ar úmido pesado com o cheiro pegajoso de concreto molhado, entra um homem no início da casa dos sessenta. Em uma olhada: cabelo branco grosso, rosto cheio de rugas, nariz bulboso com desenhos de vasos capilares rompidos. Ele vai para o terceiro mictório.

— Que tempestade, hem? — diz o estranho.

— Um verdadeiro afogamento de ratos — responde o matador, tendo ouvido essa frase num filme.

— Espero que passe logo.

O matador nota que o velho tem mais ou menos seu peso e estatura. Enquanto fecha o zíper de suas calças, ele diz:

— Você está indo para onde?

— Neste exato momento, Las Vegas, mas depois para algum outro lugar e de novo para um outro lugar. Eu e minha mulher somos aposentados, gostamos muito de morar naquele *motorhome*. Sempre quisemos conhecer o país e garanto que agora estamos conhecendo. Nada como a vida na estrada, novas paisagens a cada dia, pura liberdade.

— Parece genial.

Enquanto lava as mãos na pia, o matador fica paralisado, perguntando-se se ousa pegar o velho bobão e tagarela agora mesmo, enfiar o corpo num banheiro. Mas com toda aquela gente no estacionamento, alguém pode entrar de repente.

O estranho diz, enquanto fecha a braguilha:

— O único problema é Frannie... é a minha mulher... ela odeia que eu dirija na chuva. Qualquer coisinha maior que a garoa mais fina e ela quer estacionar e esperar que passe — ele suspira. — Este não vai ser um dia que faremos um bocado de quilômetros.

O matador seca a mão debaixo de um aparelho de ar quente.

— Bem, Vegas não está indo a lugar nenhum.

— Verdade. Mesmo quando o bom Senhor aparecer no Dia do Juízo Final, haverá mesas abertas de vinte-e-um.

— Espero que você quebre a banca — o matador diz e sai quando o velho vai para a pia.

No Honda de novo, molhado e tremendo, ele liga o motor e aciona o aquecedor. Mas não engrena o carro.

Três *motorhomes* estão estacionados em espaços abertos ao longo do meio-fio.

Um minuto depois, o marido de Frannie sai do banheiro dos homens. Através da chuva encrespada no para-brisa o matador observa o homem de cabelo branco correr para um enorme Road King prata e azul, no qual ele entra pela porta do motorista. Há o contorno de um coração pintado na porta e dentro dele dois nomes com letra caprichada: Jacke Frannie.

A sorte não está com Jack, o aposentado com destino a Vegas. O Road King só está quatro vagas distante do Honda, e essa proximidade torna fácil para o matador fazer o que tem de ser feito.

O próprio céu está se derramando num oceano inteiro. A água cai direto para baixo no dia sem vento, espatifando sem parar as poças que parecem

espelhos no pavimento negro, jorrando nas sarjetas em torrentes que parecem infinitas.

Carros e caminhões saem da rodovia, estacionam por algum tempo, partem e são substituídos por novos veículos que param entre o Honda e o Road King.

Ele é paciente. A paciência é parte de seu treinamento.

O motor do *motorhome* trabalha em ponto morto. Colunas de fumaça cristalizada erguem-se nos canos gêmeos. Uma cálida luz âmbar brilha nas janelas com cortinas, nos dois lados.

Ele sente inveja do confortável lar sobre rodas, que parece mais aconchegante do que qualquer casa que ele ainda pode esperar ter. Também inveja o longo casamento deles. Como seria ter uma esposa? Como seria ser um esposo amado?

Após quarenta minutos, a chuva ainda não diminuiu, mas um bando de carros deixa o local. O Honda é o único veículo estacionado ao lado do motorista do Road King.

Ele pega a pistola, sai do carro e caminha rápido para o *motorhome*, vigiando as janelas laterais para o caso de Frannie ou Jack abrir a cortina e olhar para fora no momento mais inoportuno.

Ele olha de soslaio para os sanitários. Ninguém à vista.

Perfeito.

Ele agarra a maçaneta da porta de cromo frio. A trava não está arriada. Ele entra com dificuldade, sobe os degraus e olha para o assento do motorista.

A cozinha fica logo atrás da cabine aberta, um recanto de jantar do outro lado da cozinha, depois a sala de estar. Frannie e Jack estão comendo no canto de jantar, a mulher de costas para o matador.

Jack o vê primeiro, ao mesmo tempo começa a levantar-se e desliza para fora da estreita cabine, e Frannie olha para trás por cima do ombro, mais curiosa do que alarmada. As duas primeiras balas atingem Jack no peito e na garganta. Ele tomba sobre a mesa. Salpicada de sangue, Frannie abre a boca para gritar, mas a terceira bala de ponta oca remodela drasticamente seu crânio.

O silenciador está atarraxado no cano, mas já não é mais eficaz. Os abafadores haviam sido comprimidos. O som que acompanha cada tiro só é um pouco mais abafado do que um tiro normal.

O matador fecha a porta do motorista. Olha para a calçada, a área de piquenique varrida pela chuva, os sanitários. Ninguém à vista.

Ele sobe pelo console com a alavanca de marcha, vai para o assento do carona e olha para fora da janela desse lado. Apenas quatro veículos compartilham o estacionamento. O mais próximo é um caminhão Mack, e o motorista deve estar no banheiro dos homens, porque não há ninguém na cabine.

Não é provável que alguém pudesse ter escutado os tiros. O rugido da

chuva proporciona a cobertura ideal.

Ele gira a cadeira de comando, levanta-se e caminha de volta através do *motorhome*. Para junto ao casal morto, toca as costas de Jack.. depois a mão esquerda de Frannie, que está caída na mesa numa poça de sangue ao lado do prato com seu almoço.

— Adeus — ele diz em voz baixa, desejando ter mais tempo para dividir com eles esse momento especial.

Entretanto, tendo chegado até ali, ele mal espera para trocar de roupa com o marido de Frannie e cair na estrada de novo. Está convencido de que há um transmissor escondido de fato no salto de borracha de seu sapato Rockport, e que seu sinal está, mesmo nesse momento, mandando gente perigosa atrás dele.

Do outro lado da sala de estar há um banheiro, um armário grande apinhado com as roupas de Frannie, e um quarto com um armário menor cheio de roupas de Jack. Em menos de três minutos ele fica nu e veste roupa de baixo nova, meias brancas, jeans, uma camisa com padrão vermelho e marrom, um par de alpargatas batido e uma jaqueta de couro marrom para substituir sua preta. A costura interna das calças está no tamanho certo; a cintura é 5 cm maior, mas ele aperta com um cinto. Os sapatos estão um pouco folgados, mas dá para usar, e a camisa e a jaqueta se ajustam à perfeição.

Ele leva os sapatos Rockport para a cozinha. Para confirmar sua suspeita, pega uma faca de pão com serra e corta várias camadas do salto de borracha de um sapato até descobrir uma cavidade rasa cheia de equipamento eletrônico. Um transmissor miniaturizado está ligado a uma série de baterias de relógios, que parece estender-se por toda a volta do salto e talvez da sola também.

Afinal de contas, não era nenhuma paranoia.

Eles estão vindo.

Ele abandona os sapatos num monte de borracha cortada no balcão da cozinha e, com movimentos apressados, revista o corpo de Jack e tira o dinheiro da carteira do velho. Sessenta e duas “pratas”. Ele procura a bolsa de Frannie e a encontra no quarto de dormir. Quarenta e nove dólares.

Quando sai do *motorhome*, o céu com manchas cinzas e negras está convexo, inclinado para baixo pelo peso de cúmulos de trovoadas. Megatons de chuva bombardeiam a terra.

Rolos de serpentina de fumaça entre os troncos de pinheiro parecem estar indo atrás dele enquanto ele patinha em direção ao Honda.

De volta à interestadual, correndo através do perpétuo crepúsculo abaixo da tormenta, ela liga o aquecedor do carro na posição mais quente e logo depois atravessa a fronteira com o Texas, onde a terra plana se torna muitíssimo mais plana. Tendo se desvincilhado dos últimos parques pertencentes de sua velha vida, ele se sente liberado. Encharcado pela chuva fria, treme de maneira incontrollável, mas também treme de expectativa e excitação.

Seu destino fica em alguma parte a oeste.

Ele rasga o envoltório de plástico de uma Slim Jim e come enquanto dirige. O sabor sutil no meio do gosto primário de carne em conserva faz com que ele se lembre do cheiro metálico de sangue na casa em Kansas City, onde ele deixou o anônimo casal morto em cima de sua enorme cama georgiana.

O matador dirige o Honda o mais rápido que se atreve na estrada escorregadia de chuva, pronto para matar qualquer tira que o abordar. Ao chegar em Amarillo, Texas, pouco depois do crepúsculo da noite do domingo, ele descobre que o Honda está andando virtualmente de tanque vazio. Ele entra numa parada de caminhões o tempo suficiente para encher o tanque, usar o banheiro e comprar mais comida para levar no carro.

Depois de Amarillo, voando na noite em direção a oeste, ele passa por Wildorado, com a fronteira do Novo México à frente, e de repente percebe que está atravessando as terras áridas, no centro do Velho Oeste, onde tantos filmes maravilhosos foram rodados. John Wayne e Montgomery Clift em *Rio Vermelho*, com Walter Brennan roubando cenas a torto e a direito. *Onde Começa o Inferno*. E *Os Brutos Também Amam* foi encenado lá no Kansas — não foi? —, com Jack Palance varrendo Elisha Cook Jr. para longe, décadas antes de Dorothy pegar o tufão para Oz. *No Tempo das Diligências*, *O Matador*, *Bravura Indômita*, *O Homem que Luta Só*, *O Passado Não Perdoa*, *Cavaleiro Solitário*, *Céu Amarelo*, tantos filmes geniais, nem todos rodados no Texas, mas pelo menos no espírito do Texas, com John Wayne e Gregory Peck, Jimmy Stewart e Clint Eastwood, lendas e lugares místicos tornados reais agora, esperando lá fora na rodovia, escurecidos pela chuva, a neblina e a escuridão. Quase era possível acreditar que essas histórias aconteciam nesse exato momento nas cidades fronteiriças pelas quais ele passava, e que ele era Butch Cassidy ou Sundance Kid ou algum outro pistoleiro de um século anterior, um matador mas de fato não um mau sujeito, incompreendido pela sociedade, forçado a matar por causa do que lhe fizeram, com um bando armado em seu rastro...

Lembranças de telas de cinema e filmes de tevê de fim de noite — que de longe constituem a maior parte de suas memórias — inundam sua mente preocupada, tranquilizando-o, e durante algum tempo ele fica tão perdido nessas fantasias que presta muito pouca atenção na direção do carro. Aos poucos, ele se dá conta de que a velocidade caíra para 60 km por hora. Carros e caminhões passavam explodindo por ele, com o vento de sua passagem golpeando o Honda, jogando água suja no para-brisa, as lanternas vermelhas traseiras dissipando-se rapidamente na escuridão.

Ele acelerou, assegurando-se de que seu misterioso destino acabaria sendo tão genial quanto qualquer um que John Wayne perseguia em seus filmes.

Embalagens de comida vazias e semivazias, amassadas, engorduradas e cheias de migalhas, estão empilhadas no banco do carona. Caem em cascata no

chão debaixo do painel de instrumentos, enchendo por completo o espaço da perna desse lado do carro.

Do meio dessa confusão ele tira uma caixa nova de rosquinhas. Para ajudá-las e descer, ele abre uma Pepsi quente.

Para oeste. Sempre para oeste.

Uma identidade espera por ele. Ele vai ser alguém.

15.

No final de domingo, em casa, após gigantescos cestos de pipoca e dois vídeos, Paige cobriu as meninas na cama, deu-lhes um beijo de boa-noite, e recuou para o vão da porta aberta para observar Marty, que se preparava para esse momento do dia que ele mais gostava. Hora de história.

Ele continuou com o poema sobre o irmão mau de Noel, e no mesmo instante as meninas foram arrebatadas.

As renas deslizam na noite.

Vê como cada qual está cheia de medo?

Sacudindo a cabeça, revirando os olhos,

esses animais gentis são tão sábios —

sabem que esse Noel não é seu amigo,

mas sim um impostor e muito ruim inimigo.

Elas vão debandar com toda sua força,

derrubando esse maluco no canto da terra.

Mas o irmão mau de Noel carrega um chicote,

um porrete, um arpão, um revólver na cintura,

um cassetete, uma Uzi — é melhor você correr! —

e uma terrível, horrível arma de raios.

— Arma de raios? — Charlotte disse. — Então ele é um extraterrestre!

— Não seja boba — repreendeu-a Emily. — Ele é o irmão gêmeo de Papai Noel. Portanto, se for um extraterrestre, Noel também é um extraterrestre, coisa que ele não é.

Com a presunçosa condescendência de uma menina de nove anos que já descobriu que Papai Noel não existe, Charlotte disse:

— Em, você precisa aprender um bocado de coisa. Papai, o que a arma de raios faz? Transforma a gente em mingau?

— Em pedra — disse Emily. Ela tirou uma das mãos de debaixo da coberta e mostrou a pedra polida na qual havia pintado um par de olhos. — Foi isso que aconteceu com Peepers.

Eles aterrissam no telhado, em silêncio e às escondidas.

Oh, mas esse Noel é muito esquisito.

Ele sussurra uma advertência para cada rena,

reclinando-se para perto a fim de que ouçam:

“Vocês têm parentes lá no Polo —

*almas com chifres, gentis e bastante inocentes.
Assim, se fugirem voando enquanto estou lá dentro,
vou voltar para o Polo de avião.
Farei um piquenique no sol da meia-noite:
bolo de rena, patê, rena no bolo de passas,
salada de rena e sopa quente de rena,
oh, todos os tipos de saborosa comida de rena.”*

— Eu odeio esse cara — anunciou Charlotte em tom enfático. Puxou as cobertas até o nariz, como havia feito na noite anterior, mas não sentia um medo genuíno, apenas se divertia fingindo estar assombrada.

— Esse sujeito, ele já nasceu mau — decidiu Emily. — Com certeza, não pode ser desse jeito só porque sua mãe e seu pai não foram tão bons para ele como deveriam ser.

Paige se encantava com a capacidade de Marty de achar o tom certo para obter o total envolvimento das crianças. Se ele lhe tivesse dado o poema para rever antes de começar a leitura, Paige teria dito que ele era um pouco forte demais e sombrio para atrair meninas pequenas.

Dava no mesmo a pergunta do que era superior — o discernimento do psicólogo ou o instinto do contador de histórias.

*Na chaminé, ele olha tijolo abaixo,
mas essa entrada é estrita para caipiras.
Com todas as suas ferramentas, um caminho para dentro pode ser
encontrado para um arrombador gordo e barbudo de
fora da cidade.
Do telhado ao pátio e à porta da cozinha,
ele dá uma risada pelo que tem em estoque
para a adorável família que dorme lá dentro.
Ele arreganha um de seus sorrisos mais sórdidos.
Oh, que arrepio, um refugio e um piolho.
Ele está arrombando a casa dos Stillwater.*

— Nossa casa! — gritou Charlotte.

— Eu sabia! — disse Emily.

— Você não sabia — replicou Charlotte.

— Sabia, sim.

— Não sabia.

— Sabia. É por isso que estou dormindo com Peepers, para que ele possa me proteger até depois do Natal.

Elas insistiram para que o pai lesse tudo desde o começo, todos os versos das duas noites. Quando Marty começou a fazer esse favor, Paige desapareceu do vão da porta e foi ao andar de baixo para jogar fora o resto de pipoca e arrumar a cozinha.

No que dizia respeito às crianças, o dia havia sido perfeito até ali, e para ela também. Marty não havia sofrido outro episódio, o que lhe permitiu convencer-se que a fuga fora uma singularidade — assustadora, inexplicável, mas não uma indicação de séria condição degenerativa ou doença.

Sem dúvida, nenhum homem poderia acompanhar o passo de duas crianças tão ativas, entretê-las e impedi-las de ficar aborrecidas durante todo um dia agitado, a menos que tivesse uma saúde extraordinária. Falando como a outra metade da Fabulosa Máquina de Pais Stillwater, Paige estava exausta.

Curiosamente, após ter jogado fora a pipoca, ela se viu examinando trancas de portas e janelas.

No noite anterior, Marty não conseguira explicar o aumento de sua necessidade de segurança. Afinal de contas, seu problema era interno.

Paige imaginou que fora simples transferência psicológica. Ele relutara em lidar com a possibilidade de tumores no cérebro e hemorragias cerebrais porque essas coisas estavam fora de seu controle, por isso ele se voltou para fora a fim de procurar inimigos contra os quais podia empreender uma ação concreta.

Por outro lado, talvez ele tivesse reagido por instinto a uma ameaça real além da percepção consciente. Como pessoa que havia incorporado algumas teorias junguianas à sua visão de mundo pessoal e profissional, Paige tinha espaço para conceitos como inconsciente coletivo, sincronicidade e intuição.

Parada junto às portas duplas da sala de estar, olhando o pátio escuro, ela perguntou-se que ameaça Marty podia ter sentido lá fora num mundo que, durante toda sua vida, tornara-se cada vez mais perigoso.

16.

Sua atenção desvia-se da estrada à frente apenas para rápidas olhadas nas formas estranhas que surgem na escuridão e na chuva em ambos os lados da rodovia. Dentes de rocha quebrados, impelidos pela areia e entulhos, como se um hipopótamo abaixo da terra abrisse sua boca para devorar qualquer animal infeliz que por acaso estivesse na superfície. Grupos bem espaçados de árvores raquíticas lutam para manter-se vivos numa terra dura, onde as tormentas são raras e os aguaceiros mais raros ainda; galhos torcidos saem da bruma, tão recortados e quitinosos como os membros pontudos de imensos insetos, iluminados por breves momentos pelos faróis, pendendo ao vento por um instante para logo depois desaparecer.

Embora o Honda tenha um rádio, o matador não o liga porque não quer se distrair do misterioso poder que o impele na direção oeste e com o qual ele procura comunhão. Quilômetro por triste quilômetro, aumenta a atração magnética, e isso é a única coisa que o interessa; ele não pode afastar-se disso, assim como a terra não pode reverter sua rotação e pôr o nascer-do-sol de

amanhã no oeste.

Ele deixa a chuva para trás e, num dado momento, sai de baixo das nuvens esfarrapadas para uma noite clara com estrelas que não podem ser contadas. Ao longo de parte do horizonte, é possível vislumbrar picos luminosos e cordilheiras, tão distantes que podem definir a beira do mundo, como plataformas de alabastro protegendo um reino de conto de fadas, as muralhas de Xangrilá nas quais ainda brilha a luz da lua do mês passado.

Ele vai para a vastidão do sudoeste, passando por colares de luz que são as cidades do deserto de Tucumcari, Montoya, Cuervo e depois atravessando o Rio Pecos.

Entre Amarillo e Albuquerque, onde ele para com o objetivo de conseguir óleo e gasolina, ele usa o sanitário de um posto cheirando a inseticida. Duas baratas mortas estão caídas num canto. A luz amarela e o espelho sujo revelam um reflexo reconhecível como seu, mas diferente de alguma forma. Seus olhos azuis parecem mais escuros e mais ferozes do que ele já vira e as linhas de seu rosto em geral franco e amigável se haviam endurecido.

— Vou ser alguém — ele diz para o espelho, e o sujeito do espelho declama as palavras de acordo com ele.

Às 11:30 da noite de domingo, quando chega a Albuquerque, ele abastece o Honda em outra parada de caminhões e pede dois cheeseburgers para viagem. Depois, ele está no próximo trecho de sua viagem — 520 quilômetros até Flagstaff, Arizona — comendo os sanduíches nas sacolas de papel branco e nas quais pingam gordura cheirosa, cebolas e mostarda.

Essa será sua segunda noite sem descanso; no entanto, ele não está com sono. Ele é abençoado com uma energia excepcional. Em outras ocasiões, ele ficou 72 horas sem dormir, mas permaneceu com a mente lúcida.

Por filmes que assistiu em noites solitárias em cidades estranhas, ele sabe que o sono é o inimigo invencível dos soldados desesperados para vencer uma dura batalha. Dos policiais em batidas. Daqueles que precisam montar guarda contra vampiros até que o amanhecer traga o sol e a salvação.

Sua capacidade de dar uma trégua ao sono sempre que deseja é tão incomum que ele se recusa a pensar nisso. Ele sente que há coisas nele que é melhor não saber, e esta é uma delas.

Uma outra lição que ele aprendeu nos filmes é que todo homem tem segredos, inclusive aqueles que esconde de si mesmo. Que é exatamente a condição que ele mais deseja. Ser como outros homens.

* * *

No sono, Marty está num lugar frio e varrido pelo vento, nas garras do terror. Ele tem consciência de que se encontra numa planície tão plana e sem

traços característicos quanto o vasto vale do deserto Mojave na estrada para Las Vegas, mas na verdade não conseguia ver a paisagem porque a escuridão era tão profunda quanto a morte. Ele sabia que alguma coisa corria em sua direção através das trevas — algo inconceivelmente estranho e hostil, imenso e ‘mortal, porém com um silêncio extremo —, *sabia* em seus ossos que estava vindo, meu Deus, mas não tinha a menor ideia da direção de sua aproximação. A esquerda, direita, na frente, por trás, pelo chão abaixo de seus pés ou do céu preto como sable, a coisa estava vindo. Ele podia *sentir* um objeto de tamanho e peso tão colossais que a atmosfera se comprimia em sua passagem, o ar engrossava enquanto o perigo desconhecido se aproximava. Vinha rápido, cada vez mais rápido, e nenhum lugar para se esconder. Então, em algum lugar da escuridão infinita, ele ouviu Emily pedindo socorro, chamando seu pai, enquanto Charlotte também chamava, mas ele não conseguia saber a posição delas. Corria numa direção, depois na outra, mas suas vozes cada vez mais frenéticas pareciam estar sempre atrás dele. A ameaça desconhecida chegava mais perto, mais perto, as meninas choravam de medo, e Paige gritava seus nomes com uma voz tão assustada de terror que Marty começou a chorar de frustração por sua incapacidade de encontrá-las, ah meu Deus, e a coisa estava quase em cima dele, fosse o que fosse, tão impossível de ser detida quanto uma luz decrescente, mundos em colisão, um peso além da medida, uma força tão primitiva quanto a que criou o universo, tão destrutiva quanto a que um dia o extinguiria, Emily e Charlotte gritando, gritando...

* * *

A oeste do Deserto Pintado, fora de Flagstaff, Arizona, pouco antes das cinco horas da manhã de segunda-feira, rajadas de neve giram no céu e o ar frio é um bisturi penetrante que raspa seus ossos. A jaqueta de couro marrom que ele pegou no armário do homem morto no *motorhome* há menos de dezesseis horas atrás, em Oklahoma, não é pesada o bastante para mantê-lo aquecido na severidade do início da manhã. Ele treme enquanto enche o tanque do Honda numa bomba de self-service.

Na Interestadual 40 de novo, ele começa a viagem de 560 quilômetros para Barstow, Califórnia. Sua compulsão de continuar avançando para oeste é irresistível. Ele se sente tão desamparado em seu poder quanto um asteroide capturado pela tremenda gravidade da terra e arrastado de maneira inexorável rumo a um impacto cataclísmico.

* * *

O terror ejetou-o para fora do sonho da escuridão e da ameaça desconhecida: Marty Stillwater sentou-se na cama. Sua primeira respiração para

acordar foi tão explosiva que ele teve certeza de que havia despertado Paige, mas ela continuava dormindo, imperturbável. Ele estava com frio, mas banhado em suor.

Pouco a pouco, seu coração parou de bater com tanta ferocidade. Com os números de brilho verde do relógio digital, a luz vermelha da caixa do cabo em cima da televisão e a luz ambiente das janelas, o quarto não estava tão preto quanto a planície de seu sonho.

Mas ele não conseguia deitar-se. O pesadelo havia sido mais vivido e enervante do que qualquer outro que ele havia tido antes. O sono estava além de seu alcance.

Deslizando para fora das cobertas, ele se arrastou descalço até a janela mais próxima. Examinou o céu acima dos telhados das casas do outro lado da rua como se alguma coisa naquela abóbada escura fosse acalmá-lo.

Em vez disso, quando notou que o céu negro se iluminava com um profundo cinza-azulado ao longo do horizonte oriental, a aproximação da alvorada fez com que ele detectasse o mesmo medo irracional que sentira em seu gabinete na tarde de sábado. Quando as cores se moveram no céu, Marty começou a tremer. Ele tentou controlar-se, mas seu tremor ficou ainda mais violento. Não era a luz do dia que ele temia, mas alguma coisa que o dia estava trazendo, uma ameaça indizível. Ele podia senti-la indo em sua direção, buscando-o — o que era uma loucura, droga — e tremeu com tanta violência que foi obrigado a colocar uma das mãos no peitoral para firmar-se.

— O que está errado em mim? — ele sussurrou em desespero. — O que está acontecendo, o que há de errado?

* * *

Hora após hora, a agulha do velocímetro oscila entre 140 e 160 km. O volante vibra sob as palmas até suas mãos doerem. O Honda trepida, chocalha. Como não está acostumado a ser acionado com tanta força, o motor emite um guincho agudo e resolutivo.

Vermelho-ferrugem, branco-osso, amarelo-enxofre, a púrpura de veias dissecadas, seco como cinza, tão estéril quanto Marte, areia pálida com saliências reptilianas de rochas sarapintadas, manchadas com moitas esbranquiçadas de algarobeira: a firmeza cruel do Deserto Mojave tem uma aridez majestosa.

Como seria inevitável, o matador pensa em velhos filmes sobre colonizadores movendo-se para o oeste em caravanas de carroças. E percebe pela primeira vez quanta coragem era necessária para fazer essa viagem naqueles veículos frágeis, confiando suas vidas à saúde e energia dos cavalos de tiro.

Filmes. Califórnia. Ele está na Califórnia, o lar dos filmes.

Seguir, seguir, seguir.

De tempos em tempos, o miado involuntário escapa dele. O som parece o de um animal prestes a morrer de desidratação avistando um bebedouro, arrastando-se em direção ao tanque que oferece salvação, mas com medo de morrer antes de poder satisfazer a sede.

* * *

Paige e Charlotte já estavam na garagem, entrando no carro, quando ambas gritaram:

— Emily, vamos!

Quando Emily se afastou da mesa do café da manhã e começou a andar em direção à porta aberta que ligava a cozinha à garagem, Marty pegou-a pelo ombro e virou-a para encará-lo.

— Espere, espere, espere.

— Oh — disse ela —, eu esqueci — e contraiu a boca para um beijo.

— Isso vem em segundo lugar — disse ele.

— O que vem em primeiro?

— Isto — ele se agachou sobre um joelho, descendo ao nível dela e, com uma toalha de papel, enxugou-lhe o bigode de leite.

— Oh, que indecência — falou ela.

— Estava atraente.

— Parece mais a Charlotte.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Como?

— Ela é a bagunceira.

— Não seja rude.

— Ela sabe disso, pai.

— Mesmo assim.

Paige chamou de novo da garagem.

Emily beijou-o e ele disse:

— Não crie problemas para sua professora.

— Não mais do que ela cria para mim — ela respondeu.

Num impulso ele puxou-a contra seu corpo, abraçou-a com força, relutando em soltá-la. O odor limpo de sabonete e de xampu de criança estavam aderidos nela; leite e aroma de aveia de Cheerios impregnavam seu hálito. Ele nunca antes havia sentido cheiro mais doce, melhor. As costas da menina eram assustadoramente pequenas sob sua mão. Ela era tão delicada que ele podia sentir o batimento de seu jovem coração tanto através de seu peito — pressionado contra ele — como através da omoplata e da espinha em sua mão. Ele estava tomado pela sensação de que alguma coisa terrível iria acontecer e

que jamais a veria outra vez, se permitisse que ela saísse de casa.

Ele tinha que deixá-la ir embora, claro — ou explicar sua relutância, coisa que não podia fazer.

Querida, veja bem, o problema é que tem alguma coisa errada na cabeça do papai, e eu fico tendo esses pensamentos assustadores, como esse que vou perder você, Charlotte e mamãe. Bem, sei que nada vai acontecer, não de verdade, porque o problema todo está na minha cabeça, como um enorme tumor ou algo parecido. Você sabe soletrar “tumor”? Sabe o que é isso? Bem, vou procurar um médico e mandar cortar isso, cortar esse tumor mau, depois não ficarei mais assustado por motivo nenhum...

Ele não se atrevia a dizer nada parecido. Só iria assustá-la.

Deu-lhe um beijo na face quente e macia e soltou-a.

Ela parou junto à porta da garagem e olhou para trás na direção dele.

— Tem mais poema hoje à noite?

— Pode apostar.

Ela disse:

— Salada de rena...

— ... sopa de rena...

— ... todo tipo de savorosas...

— ... comidas de rena — concluiu Marty.

— Sabe de uma coisa, papai?

— O quê?

— Você é bobo demais.

Emily entrou na garagem dando uma risadinha. O *catapum* da porta se fechando atrás dela foi o som mais derradeiro que Marty escutou

Ele olhou fixo para a porta, desejando não correr até lá para abri-la e gritar para que elas voltassem para casa.

Ele ouviu a grande porta da garagem abrir-se rolando para cima.

O motor do carro foi acelerado, o escape explodiu, pegou, rodou um pouco enquanto Paige pressionava o acelerador antes de engrenar a ré.

Marty correu para fora da cozinha, atravessou a sala de jantar, entrou na sala de estar. Foi até uma das janelas da frente, de onde podia ver a entrada de carros. As persianas estavam dobradas para fora da janela, de modo que ele pôde parar a alguns passos do vidro.

O BMW branco rodou de ré na estradinha, saiu da sombra da casa e entrou na luz do sol do fim de novembro. Emily viajava na frente com a mãe e Charlotte no assento traseiro.

Enquanto o carro recuava ao longo da rua flanqueada de árvores, Marty aproximou-se tanto da janela da sala de estar que a testa encostou no vidro frio. Ele tentou manter a família à vista o maior tempo possível, como se elas pudessem sobreviver a *qualquer coisa* — até mesmo a queda de aviões e

explosões nucleares —, desde que ele não as perdesse de vista.

Sua última visão do BMW foi através de um súbito véu de lágrimas quentes, que ele mal conseguiu reprimir.

Perturbado com a intensidade de sua reação emocional à partida da família, ele se afastou da janela e disse em tom irado:

— Que droga está acontecendo comigo?

Afinal de contas, as meninas estavam apenas indo à escola e Paige ao escritório, para onde iam todos os dias da semana. Seguiam uma rotina que nunca antes fora perigosa, e ele não tinha nenhuma razão lógica para acreditar que fosse perigosa hoje — ou algum dia.

Ele olhou para o relógio de pulso. 7:48.

Faltavam pouco mais de cinco horas para seu encontro com o Dr. Guthridge, mas isso pareceu uma extensão de tempo interminável. Qualquer coisa podia acontecer em cinco horas.

* * *

Setas para Ludlow, para Daggett.

Seguir, seguir, seguir.

9:04, horário padrão do Pacífico.

Barstow. Uma cidade seca e descorada numa terra seca e dura. Diligências pararam aqui há muito tempo. Pátios da estrada de ferro. Rios sem água. Estuque rachado, pintura descascando. O verde das árvores desaparecendo pela perpétua camada de pó nas folhas. Motéis, restaurantes de *fast food*, mais motéis.

Um posto de combustíveis. Gasolina. Sanitário. Balas confeitadas. Duas latas de Coca.

Empregado amigável demais. Conversador. Lento para dar o troco. Olhinhos de porco. Bochechas gordas. Odeio ele. Cale a boca, cale a boca, cale a boca.

Devia ter atirado nele. Devia ter explodido sua cabeça. Satisfatório. Não posso correr esse risco. Gente demais em volta.

Na estrada de novo. Interestadual 15. Oeste. Balas confeitadas e Coca a 130 por hora. Planícies desoladas. Colinas de areia, xisto. Rochas vulcânicas. Árvores-da-pureza de muitos braços fazendo sentinela.

Como um peregrino rumo a um lugar sagrado, como um lemingue para o mar, como um cometa em seu curso eterno, para oeste, para oeste, tentando correr mais que o sol em busca do oceano.

* * *

Marty tinha cinco armas.

Não era um caçador ou colecionador. Não praticava tiro ao prato nem fazia tiro ao alvo para se divertir. Ao contrário de muitas pessoas que conhecia, não se armara por medo do colapso social — embora às vezes visse sinais disso em toda parte. Nem ao menos poderia dizer que *gostava* de armas, mas reconhecia a necessidade delas num mundo problemático.

Havia adquirido as armas uma a uma com propósitos de pesquisa. Como romancista de mistério que escrevia sobre tiras e matadores, ele acreditava ter a obrigação de conhecer o assunto sobre o qual escrevia. Como não possuía o *hobby* da arma, dispunha de uma quantidade de tempo limitada para pesquisar todos os aspectos e temas que um romance abordava — sendo inevitáveis pequenos enganos de vez em quando —, mas ele se sentia mais confortável escrevendo sobre uma arma se já tivesse atirado com ela.

Em sua mesinha-de-cabeceira, ele mantinha um revólver Korth .38 descarregado e uma caixa de balas. Produzido na Alemanha, o Korth era uma arma feita à mão da mais alta qualidade. Depois de aprender a usá-la para um romance intitulado *O Crepúsculo Mortal*, ele a conservara para a defesa da casa.

Ele e Paige haviam levado as meninas várias vezes a um *stand* de tiro fechado para assistir tiro ao alvo, instilando nas filhas um profundo respeito pelo revólver. Quando Emily e Charlotte tivessem idade suficiente, ele as ensinaria a usar uma arma, embora menos potente e com menos recuo do que o Korth. Os acidentes com armas de fogo sempre resultam da ignorância. Na Suíça, onde cada cidadão do sexo masculino era requisitado a possuir uma arma de fogo para defender o país em tempos de crise a instrução de tiro era universal e os acidentes trágicos extremamente raros.

Ele tirou o .38 da mesinha-de-cabeceira, carregou-o e levou-o para a garagem, guardando-o no porta-luvas de seu segundo carro, um Ford Taurus verde. Ele o queria para proteção e para o encontro às 13:00 com o Dr. Guthridge.

Uma espingarda Mossberg cano 12, um rifle Colt M16 A2 e duas pistolas — uma Beretta modelo 92 e um Smith & Wesson 5904 — estavam guardados em suas caixas originais dentro de um armário de metal trancado num canto da garagem. Também havia caixas de munição em todos os calibres requeridos. Ele desembalou cada arma, que havia sido limpa e lubrificada antes de ser guardada, e carregou-as.

Colocou a Beretta na cozinha, num armário alto ao lado do fogão, em frente a um par de pratos de cerâmica. As meninas não encontrariam a arma por acaso, antes que ele convocasse uma conferência familiar para explicar as razões dessas precauções extraordinárias — se *pudesse* explicar.

O M16 foi para uma prateleira superior no armário da saleta de entrada, ao lado da porta da frente. Colocou o Smith & Wesson na escrivaninha de seu gabinete, na segunda gaveta à direita, e deslizou a Mossberg para baixo da cama

no quarto de dormir.

Durante esses preparativos, ele se preocupou com a possibilidade de estar perturbado, armando-se contra uma ameaça que não existia. Considerando-se a fuga de sete minutos que experimentara no domingo, meter-se com armas era a última coisa que ele devia estar fazendo.

Ele não tinha nenhuma prova de perigo iminente. Operava apenas por instinto, era uma formiga-soldado construindo fortificações de maneira descuidada. Nada disso acontecera com ele antes. Por natureza, era um pensador, um planejador, um homem que meditava e, por último, um homem de ação. Mas aquilo era um *dilúvio* de respostas instintivas e ele tinha sido arrastado.

Depois, tão logo terminou de esconder a espingarda debaixo da cama do quarto, as preocupações sobre sua condição mental foram repentinamente superadas devido a uma outra consideração. A atmosfera opressiva de seu sonho recente se instalava nele de novo, a sensação de que algum peso terrível caía sobre ele a uma velocidade assassina. O ar pareceu engrossar-se. Foi quase tão ruim quanto no sonho. E estava ficando pior.

Deus, ajudai-me, ele pensou — e não sabia se pedia proteção contra algum inimigo desconhecido ou contra impulsos sombrios dentro dele.

* * *

— Eu preciso...

Demônios do pó. Dançando no deserto alto.

A luz do sol brilhando em garrafas quebradas ao longo da estrada.

A coisa mais rápida na estrada. Carros e caminhões passavam. A paisagem era um borrão. Cidades espalhadas, todas borrões.

Mais rápido, mais rápido. Como se estivesse sendo sugado por um buraco negro.

Passando por Victorville.

Passando por Apple Valley.

Através do Desfiladeiro Cajon a 1.200 metros acima do nível do mar.

Depois descendo. Passando por San Bernardino. Pegando a Riverside Freeway.

Riverside. Carona.

Através das montanhas Santa Ana.

— Eu preciso ser...

Ao sul. A Costa Mesa Freeway.

A cidade de Orange. Tustin. No labirinto suburbano do sul da Califórnia.

Um magnetismo poderoso atraindo, atraindo de maneira implacável.

Mais do que magnetismo. Gravidade. Descendo ao vórtice do buraco negro.

Mudança para a Santa Ana Freeway.

Boca seca. Um amargo gosto metálico. O coração batendo feroz, o pulso latejando nas têmporas.

— Eu preciso ser alguém.

Mais rápido. Como se estivesse amarrado a uma âncora maciça numa corrente infinita, mergulhando direto nas profundezas sem luz da vala de um oceano sem fundo.

Passando Irvine, Laguna Hills, El Toro.

Para o centro negro do mistério.

— ... *preciso... preciso... preciso... preciso... preciso...*

Mission Viejo. Isso existe. Sim.

Para fora da autoestrada. Procurando o ímã. A atração enigmática.

Todo o trajeto desde Kansas City para descobrir o desconhecido, para descobrir esse futuro estranho e maravilhoso. Lar. Identidade. Sentido.

Virar à esquerda aqui, dois quarteirões, virar à direita. Ruas desconhecidas. Mas para encontrar o caminho, ele só precisa entregar-se ao poder que o atrai.

Casas mediterrâneas. Gramados cuidados com esmero. Sombras de palmeiras nas paredes de estuque amarelo-claro.

Aqui.

Aquela casa.

Para o meio-fio. Parar. Meio quarteirão de distância.

Apenas uma casa como as outras. Exceto que. Alguma coisa lá dentro. O que ele sentiu na distante Kansas. O que o atrai. Alguma coisa.

A atração.

Lá dentro.

Esperando.

Um atônito grito de triunfo escapou de sua boca e ele tremeu violentamente de alívio. Já não precisa mais procurar seu destino. Embora ele ainda não saiba o que pode ser, tem certeza de que encontrou e se curva no assento, com as mãos suadas deslizando para fora do volante, contente por estar no fim da longa jornada.

Ele está mais excitado do que já esteve antes, cheio de curiosidade; entretanto, finalmente liberto do férreo aperto da compulsão, ele perde o senso de urgência. O coração que martelava desacelera, voltando a um número normal de batimentos por minuto. Seus ouvidos param de zumbir, e ele consegue respirar de maneira mais profunda e ritmada do que nos últimos cinquenta quilômetros. Num tempo espantosamente curto, ele está tão calmo e contido quanto esteve na enorme casa de Kansas City, onde compartilhou agradecido das suaves intimidades da morte com o homem e a mulher na antiga cama georgiana.

No momento em que Marty pegou as chaves do Taurus no quadro da cozinha, caminhou para a garagem, trancou a porta da casa e apertou o botão para levantar a porta automática da garagem, sua consciência do perigo iminente era tão aguda e angustiante que ele estava à beira de um pânico cego. Na servidão febril da paranoia, ele se convencera de que era caçado por um inimigo misterioso, que empregava não apenas os cinco sentidos habituais, mas também meios Paranormais, conceito bastante maluco, pelo amor de Deus, direto da *National Enquirer*, maluco mas inevitável porque, de fato, podia sentir uma presença... uma violenta presença à espreita que tinha conhecimento dele, o pressionava, sondava. Ele sentiu como se um líquido viscoso esguichasse com tremenda pressão em seu crânio, comprimindo seu cérebro, tirando-lhe a consciência. Um efeito físico muito real também fazia parte disso, pois ele estava tão pesado quanto um mergulhador de fundo de oceano sob a esmagadora tonelagem de água, as juntas doendo, músculos queimando, pulmões relutando em expandir e aceitar outra respiração. Uma extrema sensibilidade a qualquer estimulante quase o incapacitava: o matraquear duro da porta da garagem subindo era de arrebentar os ouvidos; a luz do sol intrusa queimava seus olhos; e um odor de mofo — em geral fraco demais para ser detectado — explodiu como uma venenosa nuvem de esporos num canto da garagem, tão penetrante que o deixou com náuseas.

O acesso passou num instante, e ele recuperou o pleno controle de si mesmo. Embora tivesse parecido que seu crânio iria explodir, a pressão interna cessou de forma tão abrupta quanto surgira, e ele já não mais oscilava à beira da inconsciência. Desaparecera a dor em suas juntas e músculos, e a luz do sol não furava seus olhos. Foi como sair de um pesadelo de um estalo — só que ele estava desperto em ambos os lados do estalo.

Marty recostou-se no Taurus. Receava acreditar que o pior tinha passado, esperando tenso que uma outra onda inexplicável de terror paranoico caísse sobre ele.

Olhou para fora da garagem sombria, para a rua que era ao mesmo tempo familiar e estranha, quase esperando que um fantasma monstruoso saísse do pavimento ou descesse do ar encharcado de sol, uma criatura desumana e implacável, feroz e inclinada à sua destruição, espectro invisível de seu pesadelo agora tornado carne.

Sua confiança não retornou e ele não conseguia parar de tremer, mas aos poucos sua apreensão caiu a um nível tolerável e ele se perguntou se teria o atrevimento de dirigir. E se um espasmo de medo igualmente desorientador o atingisse quando estivesse atrás do volante? Ele não tomaria conhecimento de

sinais vermelhos, do tráfego correndo em sentido contrário e de riscos de todos os tipos.

Mais do que nunca, ele precisava ver o Dr. Guthridge.

Ele considerou se devia voltar para casa e chamar um táxi. Mas ali não era Nova York com ruas abarrotadas de táxi; no sul da Califórnia, as palavras “serviço de táxi” eram frequentemente um oxímoro. No momento em que pudesse chegar de táxi ao consultório do Dr. Guthridge, talvez já tivesse perdido a consulta.

Ele entrou no carro, ligou o motor. Com cautelosa concentração, saiu de ré da garagem e alcançou a rua, manejando o volante com tanta firmeza quanto um velho de noventa anos consciente da fragilidade de seus ossos e do fio tênue de sua existência.

Durante todo o trajeto até o consultório do médico em Irvine, Marty Stillwater pensou em Paige, Charlotte e Emily. Por traição de sua própria carne fraca, podia lhe ser negada a satisfação de ver as meninas se tornarem mulheres, o prazer de envelhecer ao lado da esposa. Embora acreditasse num mundo depois da morte, onde a certa altura poderia reunir-se com aqueles que amou, a vida era tão preciosa que mesmo a promessa de uma eternidade feliz não compensaria a perda de alguns anos deste lado da cortina.

* * *

A meio quarteirão de distância, o matador observa o carro sair devagar da garagem.

Quando o Ford se afasta e desaparece aos poucos na luz do sol outonal cor de vinagre dourado, ele percebe que o imã que o atraiu de Kansas estava naquele carro. Talvez seja o homem visto de modo obscuro atrás do volante — embora possa não ser uma pessoa, mas sim um talismã escondido em algum lugar do veículo, um objeto mágico além de sua compreensão e ao qual seu destino está ligado por razões que, por enquanto, ainda não estão claras.

O matador quase liga o Honda para seguir a atração, mas decide que o estranho no Ford irá retornar mais cedo ou mais tarde.

Ele coloca o coldre de ombro, enfia a pistola dentro dele e veste a jaqueta de couro.

Retira do porta-luvas o estojo de couro com zíper que contém seu conjunto de ferramentas de arrombador. O estojo inclui sete pinças com mola de aço, um tensor em forma de L e uma lata de aerossol em miniatura com lubrificante de grafite.

Ele sai do carro e avança ousado pela calçada em direção à casa.

No final da estradinha de carros há uma caixa de correios branca na qual está escrito um único nome — STILLWATER. Essas dez letras pretas parecem

possuir poder simbólico. Still water. Água tranquila. Calma. Paz. Ele encontrou águas tranquilas. Enfrentou muita turbulência, correntezas violentas e redemoinhos, e agora encontrou um lugar onde pode descansar, onde sua alma será aliviada.

Ele abre o ferrolho de gravidade de um portão de ferro forjado entre a garagem e a cerca que limita a propriedade. Segue uma calçada flanqueada pela garagem à sua esquerda e uma sebe de eugênia da altura de um homem, à sua direita, por todo o trajeto até os fundos da casa.

O insípido pátio dos fundos está cheio de plantas viçosas. Ele ostenta ficus maduros e uma continuação de sebe de eugênia do pátio lateral, que o defende dos olhos curiosos dos vizinhos.

O pátio é protegido por uma cobertura de madeira vermelha trançada de galhos espinhosos de buganvília. Mesmo nesse último dia de novembro, grupos de flores vermelho-sangue guarnecem o telhado do pátio. O chão de concreto está salpicado de pétalas caídas, como se ali tivesse sido travada uma dura batalha.

Uma porta de cozinha e uma outra corrediça de vidro proporcionavam duas entradas possíveis do pátio. Ambas estão trancadas.

A porta corrediça, atrás da qual ele pode ver uma sala de estar vazia, com mobília confortável e uma enorme televisão, ainda tem a segurança de uma estaca de madeira travada no trilho interior. Se ele passar pela fechadura, ainda assim terá que quebrar o vidro e estender a mão lá dentro para remover a estaca.

Ele dá uma batida forte na outra porta, embora a janela ao lado revele que não há ninguém na cozinha. Como não há resposta, ele bate de novo, com o mesmo resultado.

Ele tira a lata de grafite do estojo compacto de ferramentas de arrombador. Agacha-se diante da porta, borrifando o lubrificante na fechadura. Sujeira, ferrugem ou outra contaminação pode cegar as tranquetas.

Ele troca o *spray* do grafite pelo tensor e pela ferramenta conhecida como “ancinho”. Insere primeiro a chave em forma de L para manter a tensão necessária no centro da fechadura. Enfia o ancinho no canal da chave o mais fundo que pode, depois leva-o para cima até senti-lo pressionar as cavilhas. Inclinando a fechadura, ele tira rápido o ancinho, mas este não levanta todas as tranquetas até o ponto de soltura, portanto ele tenta de novo e de novo e, finalmente, na sexta tentativa, o canal parece livre.

Ele gira a maçaneta.

A porta se abre.

Ele quase espera que um sinal desapare, mas não há nenhuma sirene. Um rápido exame do umbral e do batente não revela nenhum interruptor magnético, de modo que tampouco deve haver um alarme silencioso.

Após guardar as ferramentas e fechar o zíper do estojo de couro, ele atravessa a soleira e fecha a porta com um movimento suave.

Durante algum tempo, fica parado numa cozinha fria e escura absorvendo as vibrações, que são boas. Essa casa lhe dá boas-vindas. Aqui começa seu futuro, que será incomensuravelmente mais brilhante do que o passado confuso e embaraçado pela amnésia.

Quando ele sai da cozinha para explorar a casa, não saca a P7 do coldre do ombro. Está seguro de que não há ninguém em casa. Não sente nenhum perigo, só oportunidade.

— Eu preciso ser alguém — ele diz para a casa, como se ela fosse uma entidade viva com poder para garantir seus desejos.

O andar de baixo não oferece nada interessante. Os quartos habituais estão cheios de mobília confortável mas sem nada de singular.

No andar de cima, ele para apenas por breves momentos em cada quarto, obtendo um quadro geral da planta do segundo andar antes de tomar tempo para uma investigação pormenorizada. Há o quarto dos donos da casa, com banheiro contíguo, armário embutido... um quarto de hóspede... o quarto das crianças... outro banheiro...

O último quarto de dormir no final do corredor — que o coloca na frente da casa — é usado como gabinete. Ele contém uma enorme escrivaninha e um sistema de computador, mas é mais aconchegante do que comercial. Um sofá gordo está debaixo da janela com persianas, um abajur com vitral em cima da escrivaninha.

Uma das duas paredes mais longas é coberta de pinturas penduradas em fila dupla, com as molduras quase se tocando. Embora seja evidente que as peças da coleção sejam de mais de um artista, o tema é, sem exceção, sombrio e violento, realizado com habilidade impecável: sombras torcidas, olhos separados do corpo e arregalados de terror, um quadro de Quija sobre o qual está um tripé manchado de sangue, palmeiras negras como tinta com silhueta no agourento pôr-do-sol, um rosto deformado por um espelho de parque de diversões, brilhantes lâminas de aço de facas e tesouras afiadas, uma rua pobre onde figuras ameaçadoras espreitam do outro lado o brilho amarelo frio de lâmpadas de rua, árvores desfolhadas com galhos pretos, um corvo de olhos ardentes aboletado sobre um crânio descorado, pistolas, revólveres, espingardas, um picador de gelo, um cutelo de carne, machadinha, um martelo com estranha mancha tombado obscenamente sobre uma camiseta de seda e lençol com laços...

Ele gosta desse trabalho de arte.

Significa algo para ele.

Aquilo é a vida como ele conhece.

Ele se afasta da parede de galeria, acende o abajur com vitral e se maravilha com sua beleza luminosa multicolorida.

No vidro claro que protege o tampo da escrivaninha, os círculos, ovais e

gotas de lágrimas da imagem do espelho ainda são encantadores, porém mais escuros do que quando vistos diretamente. De alguma maneira indefinível, eles também são agourentos.

Reclinando-se para a frente, ele vê as ovas gêmeas de seus olhos fitando-o no vidro polido. Brilhando com os minúsculos reflexos do abajur-mosaico, eles não parecem ser olhos de fato, mas sim sensores luminosos de uma máquina — ou, se são olhos, os olhos febris de alguma coisa sem alma. Com um movimento rápido, ele desvia o olhar antes que um autoexame exagerado atraia pensamentos terríveis e conclusões intoleráveis.

— Eu preciso ser alguém — ele diz em tom nervoso.

Seu olhar recai sobre uma fotografia com moldura de prata em cima da escrivaninha. Uma mulher e duas moças pequenas. Um lindo trio. Sorrindo.

Ele pega a foto para examinar com mais atenção. Pressiona a ponta de um dedo contra o rosto da mulher e deseja poder tocá-la de verdade, sentir sua pele quente e flexível. Desliza o dedo pelo vidro, tocando primeiro a criança de cabelo louro e depois a fada de cabelo escuro.

Após um ou dois minutos, quando se afasta da escrivaninha, está levando a foto consigo. Os três rostos são tão atraentes que ele precisa poder olhar para eles de novo sempre que surgir a vontade.

Enquanto investiga os títulos nas lombadas dos volumes nas estantes, faz uma descoberta que lhe dá uma compreensão, ainda que incompleta, do motivo pelo qual foi atraído das cinzentas planícies outonais do Meio Oeste para o sol pós-Ação de Graças da Califórnia.

Em algumas das prateleiras, os livros — romances de mistério — eram do mesmo autor: Martin Stillwater. O sobrenome que ele viu na caixa de correios lá fora.

Ele põe de lado o retrato com moldura prateada e retira alguns desses romances das prateleiras, surpreso por ver que algumas das ilustrações das capas eram conhecidas, já que as pinturas originais estavam penduradas na parede da galeria que tanto o fascinou. Cada título aparece numa variedade de traduções: francês, alemão, italiano, holandês, sueco, dinamarquês, japonês e várias outras línguas.

Mas nada é tão interessante quanto a foto do autor nas costas de cada capa. Ele as observa durante um longo tempo, seguindo as feições de Stillwater com um dedo.

Intrigado, examina a cópia nas sobrecapas. Depois lê a primeira página de um livro, a primeira página de outro e de outro.

Na frente de um dos livros, ele se depara com a página de dedicatória e lê o que está impresso: *Esta obra é para minha mãe e meu pai, Jim e Alice Stillwater, que me ensinaram a ser um homem honesto — e que não podem ser culpados por eu ser capaz de pensar como um criminoso.*

A mãe e o pai. Atônito, ele olha fixo para os nomes. Não tem nenhuma lembrança deles, não pode imaginar seus rostos ou recordar onde poderiam morar.

Ele retorna à escrivaninha para consultar o Rolodex. Descobre Jim e Alice Stillwater em Mammoth Lakes, Califórnia. O endereço de rua nada significa para ele, que se pergunta se aquela é a casa onde cresceu.

Ele deve amar seus pais. Ele lhes dedicou um livro. No entanto, eles são cifras para ele. O quanto se perdeu.

Ele retorna às prateleiras de livros. Abrindo a edição americana ou inglesa de cada título da coleção para estudar sua dedicatória, ele descobre em dado momento: *Para Paige, minha mulher perfeita, em quem são baseados todos os meus melhores personagens femininos — exceto, claro, as psicopatas homicidas.*

E dois volumes depois: *Para minhas filhas, Charlotte e Emily, com a esperança de que um dia leiam este livro, quando forem crescidas e souberem que o pai desta história fala ao meu próprio coração quando fala com tanta convicção e emoção sobre seus sentimentos por suas menininhas.*

Põe os livros de lado e torna a pegar a fotografia, segurando-a com ambas as mãos numa espécie de reverência.

Com certeza a loura atraente é Paige. Uma mulher perfeita.

As duas meninas são Charlotte e Emily, embora ele não tenha nenhum meio de saber quem é quem. Elas parecem doces e obedientes.

Paige, Charlotte, Emily.

Pelo menos ele encontrou sua vida. O lugar a que pertence. Aquele é seu lar. O futuro começa agora.

Paige, Charlotte, Emily.

Essa é a família para a qual o destino o levou.

— Eu preciso ser Martin Stillwater — ele diz excitado, porque enfim encontrou seu lar nesse mundo frio e solitário.

I.

O consultório do Dr. Paul Guthridge tinha três salas de exame. No decorrer dos anos, Marty passou por todas elas. Todas eram idênticas, não podiam ser diferenciadas das salas de consultórios de médicos do Maine ao Texas: parede azul-clara, acessórios de aço inoxidável e, fora isso, branco sobre branco; pia de lavar, cadeira, gráfico de um olho. O lugar tinha tanto charme quanto um necrotério — embora tivesse um cheiro melhor.

Marty estava sentado no canto da mesa de exame acolchoada, protegida por um rolo contínuo de folha de papel. Estava sem camisa e a sala estava fria. Embora ainda estivesse de calças, sentia-se nu, vulnerável. No olho de sua mente, ele se viu tendo um ataque catatônico, incapaz de falar, mexer-se ou mesmo piscar o olho e assim o médico o confundiria com um morto, tiraria sua roupa, colocaria uma tarjeta de identificação no dedão do pé, fecharia suas pálpebras e o remeteria para o juiz investigador do processo.

Embora ganhe a vida com a imaginação, um escritor de suspense tem mais consciência da proximidade da morte do que a maioria das pessoas. Cada cachorro era um potencial portador de raiva. Cada caminhonete estranha que passasse no bairro era dirigida por um psicopata sexual, que podia raptar e matar qualquer criança que fosse deixada sozinha por mais de três segundos. Cada lata de sopa na despensa era botulismo esperando para acontecer.

Ele não sentia nenhum medo especial de médicos — embora tampouco se sentisse à vontade com eles.

O que o perturbava era *toda a ideia* da ciência médica — não porque não confiasse nela, mas sim porque, de modo irracional, sua própria existência era uma lembrança de que a vida era tênue, a morte inevitável. Ele não precisava de lembranças. Já possuía uma consciência aguda da mortalidade, e passava a vida tentando aguentar isso.

Determinado a não parecer um histérico enquanto descrevia os sintomas para Guthridge, Marty relatou as estranhas experiências dos últimos três dias com uma voz tranquila e indiferente. Tentou usar termos clínicos e não emocionais, começando com a fuga de sete minutos em seu gabinete e terminando com o abrupto ataque de pânico que sofrera quando saía da casa para ir ao consultório.

Guthridge era um excelente médico de doenças internas — em parte porque era um bom ouvinte —, ainda que não buscasse esse papel. Aos 45 anos, aparentava dez anos menos que essa idade e tinha maneiras juvenis. Nesse dia, usava tênis, calça de algodão e um suéter de Mickey Mouse. No verão preferia camisas com cores havaianas. Nas raras ocasiões em que usava o tradicional guarda-pó branco sobre calças largas, camisa e gravata, ele afirmava estar

“brincando de médico” ou “em estrita experiência no comitê de código de roupa da Associação Médica Americana” ou “subitamente possuído pelas responsabilidades divinas do meu ofício”.

Paige achava Guthridge um excelente médico, e as meninas o viam com um afeto especial, em geral reservado a um tio favorito.

Marty também gostava dele.

Ele suspeitava que as excentricidades do médico não eram totalmente calculadas para divertir os pacientes e deixá-los à vontade. Como Marty, Guthridge parecia ofender-se moralmente com o próprio fato da morte. Quando jovem, talvez tivesse sido atraído pela medicina porque via o médico como um cavaleiro lutando contra dragões encarnados em doenças e males. Os jovens cavaleiros pensam que as intenções nobres, a habilidade e a fé prevalecerão sobre o mal. Os cavaleiros mais velhos sabem melhor — e às vezes usam o humor como arma para afastar a amargura e o desespero. As brincadeiras e o suéter de Guthridge podiam relaxar seus pacientes, mas também eram sua armadura contra as duras realidades da vida e da morte.

— Ataque de pânico? Você, entre todas as pessoas, sofrendo de um ataque de pânico? — perguntou Paul Guthridge em tom de dúvida.

— Oxidação excessiva do sangue, coração batendo, achei que ia explodir... me parece ser um ataque de pânico — disse Marty.

— Parece sexo.

Marty sorriu.

— Confie em mim, não foi sexo.

— Talvez você tenha razão — disse Guthridge com um suspiro. — Já faz tanto tempo que não sei direito como é sexo. Cria-me, Marty, essa é uma péssima década para se ser solteiro, lá fora tem tantas doenças bastante sórdidas. Você conhece uma garota nova, marca um encontro com ela, dá um beijo inocente ao levá-la para casa... e depois espera para ver se seus lábios irão apodrecer e cair.

— Imagem exagerada.

— Vivida, hem? Talvez eu devesse ser escritor — ele começou a examinar o olho esquerdo de Marty com um oftalmoscópio. — Você tem tido dores de cabeça muito fortes?

— Uma dor de cabeça no fim de semana. Mas nada incomum.

— Vertigens repetidas?

— Não.

— Cegueira temporária, estreitamento da visão periférica?

— Nada parecido.

Mudando sua atenção para o olho direito, Guthridge disse:

— Quanto a ser escritor... outros médicos já fizeram isso, você sabe.
Michael Crichton, Robin Cook, Somerset Maugham...

— Nossa!

— Não seja sarcástico. Na próxima vez que eu tiver que lhe aplicar uma injeção, talvez eu use seringa de cavalo.

— De qualquer modo, sempre parece que você usa. Vou dizer-lhe uma coisa: ser escritor não é tão romântico quanto as pessoas pensam.

— Pelo menos você não precisa lidar com amostras de urina — disse Guthridge, pondo de lado o oftalmoscópio.

Com imagens fantasmas irregulares da luz do instrumento ainda dançando em seus olhos, Marty disse:

— Quando um escritor está começando, um bocado de editores e agentes o tratam como se ele fosse amostra de urina.

— É isso aí, mas agora você é uma celebridade — disse Guthridge, colocando os fones do estetoscópio.

— Longe disso — objetou Marty.

Guthridge pressionou o aço frio do estetoscópio no peito de Marty.

— Tudo bem, respire fundo... prenda a respiração... solte... agora de novo — após auscultar pulmões e o coração de Marty, o médico desfez-se do estetoscópio. — Alucinações?

— Não.

— Cheiros estranhos?

— Não.

— As coisas têm o sabor que devem ter? Quero dizer, você não andou tomando um sorvete que de repente passou a ter um gosto amargo ou de cebola, ou algo parecido com isso?

— Nada parecido.

Guthridge disse enquanto prendia a manga de pressão de um esfigmômetro no braço de Marty:

— Bem, tudo que sei é que para aparecer na revista *People* você tem que ser uma celebridade de um tipo ou de outro... cantor de rock, ator, político bajulador, assassino ou talvez o sujeito com a maior coleção de cera de ouvido do mundo. Portanto, se você pensa que não é um autor celebridade, então quero saber quem você matou e a quantidade exata de cera de ouvido que possui.

— Como você sabe da *People*?

— Temos uma assinatura para a sala de espera — ele bombeou ar dentro da manga até enchê-la, depois fez a leitura do mercúrio descendente no medidor antes de continuar. — O último exemplar chegou na correspondência dessa manhã. Minha recepcionista me mostrou; divertido mesmo. Ela disse que você era o último Sr. Assassino que poderia imaginar.

Confuso, Marty disse:

— Sr. Assassino?

— Você não viu a matéria? — perguntou Guthridge enquanto tirava a

manga de pressão, pontuando a pergunta com o barulho desagradável de um selo de velcro sendo rasgado.

— Não, ainda não. Eles não mostram antes da publicação. Você está dizendo que no artigo eles me chamam de Sr. Assassino?

— Bem, esse tipo de graça.

— Graça? — Marty estremeceu. — Eu me pergunto se Philip Roth acharia engraçado ser o “Sr. Literato” ou Terry McMillan a “Sra. Saga Negra”.

— Você sabe o que eles dizem... toda publicidade é publicidade boa.

— Essa foi a primeira reação de Nixon a Watergate, não foi?

— Na verdade, temos duas assinaturas da *People*. Vou dar-lhe um exemplar quando você sair — Guthridge dá um sorriso demoníaco. — Sabe, antes de ler a revista, eu não havia notado o sujeito assustador que você é.

Marty suspirou.

— Eu tinha medo disso.

— Mas, de fato, não é mau. Conhecendo você, suspeito que vai achar um pouco embaraçoso. Mas isso não vai matá-lo.

— O que *vai* me matar, Doc?

Guthridge disse, franzindo as sobrancelhas:

— Baseado nesse exame, eu diria que a velhice. Por todos os sinais exteriores, você está em boa forma.

— A palavra chave é “exteriores” — disse Marty.

— Certo. Eu gostaria que você fizesse alguns testes. Vai ser no Hoag Hospital, na base do paciente externo.

— Estou preparado — disse Marty em tom sombrio, embora não estivesse nem um pouco preparado.

— Oh, não hoje. Eles só terão uma vaga amanhã, talvez só na quarta-feira.

— O que você vai procurar com esses testes?

— Tumores cerebrais, lesões. Graves desequilíbrios na química do sangue. Ou talvez uma mudança da posição da glândula pineal, fazendo pressão no tecido cerebral vizinho, o que poderia causar sintomas similares aos que está sentindo. Outras coisas. Mas não se preocupe com isso, porque tenho plena certeza de que vamos bater no vazio. O mais provável é que seu problema seja apenas estresse.

— Foi o que Paige disse.

— Está vendo? Você poderia ter economizado minha consulta.

— Doc, seja franco comigo.

— Estou sendo franco.

— Não me importa dizer que isso me assusta.

Guthridge acenou com a cabeça num gesto de simpatia.

— Claro que sim. Mas, ouça, já vi sintomas muito mais estranhos e graves

que os seus... e acabou sendo estresse.

— Psicológico.

— É, mas nada a longo prazo. Você não vai ficar maluco, se é o que o preocupa. Tente relaxar, Marty. No fim de semana vamos saber onde estamos — quando era preciso, Guthridge podia assumir um comportamento tão tranquilizador — e uma conduta delicada tão calmante — quanto o de uma eminência médica de cabelos grisalhos, de terno e colete. Ele tirou a camisa de Marty de um cabide atrás de porta e entregou-a a ele. O leve brilho em seus olhos revelavam outra mudança de humor. — Pois bem, quando eu for reservar hora no hospital, que nome de paciente devo dar a eles? Martin Stillwater ou Martin Assassino?

2.

Ele explora seu lar. Está ansioso para conhecer sua nova família.

Como está mais intrigado com a ideia de ser pai, começa pelo quarto das meninas. Durante algum tempo, apenas fica parado do lado de dentro, examinando os dois lados bastante diferentes do aposento.

Ele se pergunta qual de suas jovens filhas é a animada que decora as paredes com *posters* de deslumbrantes balões coloridos de ar quente e dançarinos saltitantes, que mantém um gerbo e outros animais de estimação em gaiolas de arame e viveiros de vidro. Ainda está segurando a foto de sua mulher e filhas, mas os rostos sorridentes nada revelam sobre suas personalidades.

Ao que parece, a segunda filha é contemplativa, preferindo paisagens tranquilas nas paredes. A cama está arrumada, os travesseiros só jogados. Os livros de história estão organizados nas prateleiras e a escrivaninha do canto não está bagunçada.

Quando abre a porta do armário com espelho, descobre uma divisão parecida nas roupas penduradas. As roupas à esquerda estão arrumadas de acordo com o tipo e a cor. As da direita não têm nenhuma ordem especial; estão viradas nos cabides e amontoadas umas sobre as outras de uma maneira tal que certamente ficarão amassadas.

Como os *jeans* e vestidos menores estão no lado esquerdo do armário ele pode ter certeza de que a menina arrumada e contemplativa é a mais nova das duas. Ele levanta a foto e olha fixo para ela. A fada. Tão engraçadinha. Ele ainda não sabe se ela é Charlotte ou Emily.

Ele vai até a escrivaninha no lado da filha mais velha e fita a desordem: revistas, livros escolares, uma fita amarela e um pregador de cabelo, alguns bastões espalhados de chiclete Black Jack, lápis de cor, um emaranhado par de meias compridas cor-de-rosa, uma lata vazia de Coca, moedas e um Game Boy.

Ele abre um dos livros didáticos, depois outro. Ambos têm o mesmo nome escrito na frente: Charlotte Stillwater.

A mais velha e menos disciplinada é Charlotte. A mais nova que mantém seus pertences arrumados é Emily.

Ele olha de novo para os rostos na fotografia.

Charlotte é bonita e seu sorriso é doce. Entretanto, se vai haver encrenca com alguma das meninas, será com essa.

Ele não vai tolerar desordem em sua casa. Tudo precisa ser perfeito. Arrumado e limpo e feliz.

Em solitários quartos de hotéis em cidades estranhas, desperto na escuridão, ele sofrera com a necessidade sem compreender o que poderia satisfazer sua ânsia. Agora sabe que ser Martin Stillwater — pai daquelas meninas, marido de sua mulher — é o destino que preencherá o terrível vazio e enfim lhe dará contentamento. Ele está agradecido ao poder que o trouxe até ali, e está determinado a cumprir suas responsabilidades para com sua esposa, suas filhas e a sociedade. Quer uma família ideal como as que viu em certos filmes prediletos, deseja ser terno como Jimmy Stewart em *A Felicidade Não se Compra* e sábio como Gregory Peckem *To Kill a Mockingbird* e respeitado como os dois, e fará o que for preciso para garantir um lar encantador, harmonioso e ordeiro.

Ele também assistiu a *The Bad Seed* e sabe que algumas crianças podem destruir um lar e toda a esperança de harmonia, perturbadas com o potencial para o mal. Os hábitos relaxados de Charlotte e a estranha coleção de animais indicam a sua propensão à desobediência e talvez à violência.

Quando cobras aparecem em filmes, são *sempre* símbolos de maldade, perigosas para os inocentes; portanto a cobra no viveiro é prova segura da perversão da menina e de sua necessidade de ter orientação. Ela também tem outros répteis, um par de roedores e um feio besouro preto num vaso de vidro — sendo que os filmes lhe ensinaram que todos eles devem ser associados aos poderes das trevas.

Ele examina de novo a foto, maravilhando-se com a aparência inocente de Charlotte.

Mas lembra-se da menina em *The Bad Seed*. Ela parecia ser um anjo; no entanto, era completamente má.

Ser Martin Stillwater podia não ser tão fácil quanto ele tinha pensado. Charlotte podia ser bastante difícil.

Por sorte, ele havia visto *Lean on Me*, no qual Morgan Freeman é diretor de uma escola secundária que impõe ordem num estabelecimento dominado pela anarquia, e *The Principal*, com Jim Belushi, por isso sabe que mesmo os garotos maus querem, de fato, disciplina. Eles responderão de maneira adequada, se os adultos tiverem a coragem de insistir nas regras do comportamento.

Se Charlotte for desobediente e teimosa, ele a punirá até ela aprender a

ser uma boa menininha. Não fracassará com ela. No começo, ela vai odiá-lo por negar seus privilégios, por confiná-la no quarto, por machucá-la se for necessário, mas com o tempo ela verá que ele nutre o melhor dos interesses em seu coração e aprenderá a amá-lo e compreenderá que ele é sábio.

De fato, ele consegue visualizar o momento triunfante em que, depois de muita luta, a reabilitação dela fica assegurada. A certeza de que estava errada e de que ele tem sido um bom pai culminará numa cena comovente. Os dois vão chorar. Ela se jogará em seus braços, cheia de remorsos e vergonha. Ele a abraçará com força e dirá que está tudo bem, tudo bem, não chore. E ela dirá “oh, papai” com voz trêmula e se agarrará com força nele; depois tudo ficará bem entre eles.

Ele anseia por esse doce triunfo. Até consegue ouvir a música sublime e emocionante que acompanhará a cena.

Ele se afasta do lado de Charlotte e vai para a cama arrumada da filha mais nova.

Emily. A fada. Ela jamais dará problema algum para ele. Ela é a boa filha.

Ele a segurará no colo e lerá os livros de história. Ele a levará ao zoológico, e a pequenina mão dela ficará perdida na sua. Ele comprará pipocas nos filmes, e os dois ficarão sentados lado a lado na escuridão, rindo do último desenho animado de Disney.

Os enormes olhos escuros dela vão adorá-lo.

Doce Emily. Querida Emily.

Ele puxa a colcha de *chenille* num gesto quase reverente. O lençol. O lençol de cima. Olha para o lençol de baixo no qual ela dormiu na noite anterior, e os travesseiros nos quais repousou sua delicada cabeça.

Seu coração cresce de afeição, ternura.

Ele coloca uma das mãos no lençol, desliza para cima e para baixo, de um lado para o outro, sentindo o tecido no qual seu corpo jovem esteve deitado há tão pouco tempo atrás.

Ele vai cobri-la na cama todas as noites. Ela pressionará sua boca pequena em seu rosto, beijinhos tão doces e quentes, e seu hálito terá o doce aroma de hortelã da pasta de dentes.

Ele se reclina para cheirar os lençóis.

— Emily — diz em voz baixa.

Oh, como anseia ser seu pai e olhar naqueles olhos escuros porém lípidos, aqueles olhos grandes e adoráveis.

Com um suspiro, ele volta para o lado do quarto de Charlotte. Deixa cair a foto com moldura prateada da família em cima da cama, e examina as criaturas mantidas em prateleiras sem livros.

Algumas das coisas selvagens o observam.

Ele começa com o gerbo. Quando abre a porta e enfia a mão dentro da gaiola, a tímida criatura se protege num canto distante, paralisada de medo, percebendo a intenção dele. Ele pega o animal, retira-o da gaveta. Embora o gerbo tente libertar-se contorcendo-se, ele segura seu corpo com firmeza na mão direita, a cabeça na mão esquerda, e puxa com força, quebrando o seu pescoço. Um som fraco, seco. O grito é penetrante, mas breve.

Ele atira o gerbo morto na colcha de cores vivas.

Esse vai ser o começo da disciplina de Charlotte.

Ela vai odiá-lo por isso. Mas só por algum tempo.

Logo ela perceberá que aqueles não são animais apropriados para uma menininha. Símbolos do mal. Répteis, roedores, besouros. O tipo de criaturas que as bruxas usam como amigas para se comunicar com Satã.

Ele aprendeu tudo sobre os animais domesticados das bruxas nos filmes de terror. Se houver um gato na casa, ele também o matará sem hesitar, porque às vezes eles são engraçados e inocentes, como gatos e nada mais, mas às vezes são a própria cria do inferno. Ao convidar essas criaturas para sua casa, você se arrisca a estar convidando o próprio diabo.

Um dia Charlotte entenderá. E será grata a ele.

Um dia ela o amará.

Todos o amarão.

Ele será um bom marido e pai.

Muito menor que o gerbo, o assustado camundongo treme em seu punho, com o rabo pendendo abaixo de seus dedos fechados, apenas com a cabeça de fora. O animal esvazia sua bexiga. Ele faz uma careta por causa da umidade quente e, com aversão, aperta com toda força, esmagando a pequena besta imunda.

Ele joga o animal ao lado do gerbo morto na cama.

A inofensiva cobra de jardim no viveiro, de vidro não faz nenhum esforço para se esquivar dele. Ele a segura pela cauda e bate como se ela fosse um chicote, bate outra vez, depois a chicoteia com força contra a parede, outra vez e uma terceira vez. Quando a balança diante do rosto, a cobra está totalmente flácida e seu crânio esmagado.

Ele a enrola ao lado do gerbo e do camundongo.

O besouro e a tartaruga fazem um gostoso barulho de esmigalhamento quando ele os esmaga sob o salto do sapato. Ele arruma os restos gotejantes sobre a colcha.

Só o lagarto consegue escapar. Quando ele tira a porta do viveiro e estende a mão na direção do animal, o camaleão corre sobre seu braço, mais rápido do que o olho, e salta de seu ombro. Ele gira à procura do bicho, descobrindo-o sobre o toucador próximo, onde ele desliza entre uma escova de cabelo e um pente e entra numa caixa de joias. Fica paralisado e começa a

mudar de cor para igualar-se ao ambiente, mas quando ele tenta apanhá-lo, o animal se afasta em disparada, sai do toucador, vai para o chão, atravessa o quarto, passa por baixo da cama de Emily e desaparece de vista.

Ele decide deixar o animal de lado.

Talvez seja melhor assim. Quando Paige e as meninas chegarem em casa, os quatro vão procurá-lo juntos. Quando o encontrarem, ele o matará na frente de Charlotte, ou talvez peça para que ela o mate. Pode ser uma boa lição. Depois disso, ela não levará mais animais de estimação impróprios para a casa Stillwater.

3.

No estacionamento do lado de fora do complexo comercial de estilo espanhol de três andares onde o Dr. Guthridge mantém seu consultório, enquanto um vento tempestuoso fustiga folhas mortas pelo pavimento, Marty estava sentado em seu carro lendo o artigo da *People*. Duas fotos e o texto espalhavam-se em três páginas da revista. Pelo menos nos poucos minutos que ele levou para ler a matéria, todas as outras preocupações foram esquecidas.

Embora ele já o conhecesse, o título em letras pretas levou-o a encolher-se — **SR. ASSASSINO** —, mas o subtítulo em letras menores deixou-o embaraçado: NO SUL DA CALIFÓRNIA, O ROMANCISTA DE MISTÉRIO MARTIN STILLWATER VÊ TREVAS ONDE OUTROS SÓ VÊEM LUZ DO SOL.

Ele sentiu que isso o retratava como um pessimista sorumbático, que se vestia todo de preto e ficava à espreita nas praias e entre as palmeiras, olhando furioso para as pessoas que se atreviam a se divertir, comentando tediosamente a torpeza inerente à espécie humana. Na melhor das hipóteses, deduzia-se que ele era um impostor teatral, que ostentava o que pensava ser a imagem mais comercial para um romancista de mistério.

Talvez ele estivesse tendo uma reação exagerada. Paige diria que ele era sensível demais com essas coisas. Era o que ela sempre dizia e, em geral, o fazia sentir-se melhor, pudesse ele acreditar ou não.

Martin examinou as fotos antes de ler a matéria.

Na primeira foto, a maior, ele estava no pátio atrás da casa contra o pano de fundo de árvores e o céu crepuscular. Tinha uma aparência de demente.

O fotógrafo, Ben Walenko, recebera instruções para induzir Martin a fazer uma pose que se julgava adequada para um romancista de mistério, de modo que chegara com adereços que supunha que Martin brandiria com expressões impregnadas de intenção malévola: um machado, uma enorme faca, um picador de gelo e um revólver. Como Martin recusou-se educadamente a usar os adereços, e também a vestir uma capa com a gola virada para cima com um chapéu “diplomata” caído na testa, o fotógrafo concordou que era ridículo um

adulto brincar de disfarce e sugeriu que evitassem os lugares-comuns habituais em favor de fotos que o mostrassem como um simples escritor e um ser humano comum.

Agora ficou óbvio que Walenko fora esperto o bastante para conseguir o que queria sem os adereços, após enganar seu objeto e dar-lhe uma falsa sensação de segurança. O pátio dos fundos parecera um cenário inócuo. Entretanto, por meio de uma combinação de sombras profundas de árvores sombrias e escuras, nuvens agourentas iluminadas por trás pela derradeira luz do dia, a colocação estratégica de luzes de estúdio e um extremo ângulo de câmara, o fotógrafo conseguiu fazer Marty parecer esquisito. Além disso, das vinte fotos feitas no pátio dos fundos, os editores tinham escolhido a pior: Marty tinha os olhos meio fechados, as feições deformadas, as luzes do fotógrafo se refletindo em olhos semicerrados que pareciam brilhar como os olhos de um zumbi.

A segunda foto foi tirada em seu gabinete. Martin estava sentado na escrivaninha de frente para a câmera. Ele estava reconhecível nessa foto, embora agora preferisse *não* reconhecer-se, pois parecia que a única maneira de ele poder manter um fio de dignidade era fazer com que sua verdadeira aparência permanecesse um mistério; uma combinação de sombras e a luz peculiar do abajur com vitral, mesmo numa foto em preto-e-branco, fizeram-no assemelhar-se a um cigano adivinho que vislumbrou um presságio de desgraça em sua bola de cristal.

Ele estava convencido de que uma grande quantidade dos problemas do mundo moderno podia ser atribuída à saturação da sociedade pelos meios de comunicação e à sua tendência a não apenas simplificar toda as questões ao ponto do absurdo, mas também a confundir ficção e realidade. Os noticiários das televisões enfatizavam a extensão dramática em detrimento dos fatos, o sensacionalismo em detrimento da substância, procurando índices de audiência com as mesmas ferramentas empregadas pelos produtores dos filmes policiais do horário nobre e dos dramas dos tribunais. Os documentários sobre figuras históricas reais se tornaram “docudramas”, nos quais detalhes exatos de vidas e acontecimentos famosos sempre eram subordinados aos valores do entretenimento ou mesmo às fantasias pessoais dos criadores do espetáculo, causando grandes distorções no passado. Medicamentos eram vendidos em comerciais de tevê por atores, que também atuavam como médicos em programas de grande audiência, como se de fato se tivessem formado na Faculdade de Medicina de Harvard, em vez de apenas terem frequentado um ou dois cursos de interpretação. Políticos faziam aparições em episódios de comédias. Atores dessas mesmas comédias apareciam em comícios políticos. Não fazia muito tempo que um vice-presidente dos Estados Unidos tivera uma discussão prolongada com um repórter ficcional da televisão de um programa de comédia. O público confundia atores e políticos com os papéis que eles

interpretavam. Supunha-se que um escritor de mistério não fosse apenas parecido com um personagem de um de seus livros, mas sim com o arquétipo caricato do personagem mais comum de todo o gênero. Ano problemático após ano problemático, cada vez menos pessoas eram capazes de pensar com clareza sobre questões importantes, ou separar a fantasia da realidade.

Marty estava determinado a não contribuir com essa doença, mas foi ludibriado. Agora fora fixado na mente do público como Martin Stillwater, autor arrepiante e misterioso de arrepiantes mistérios de assassinato, preocupado com o lado sombrio da vida, era tão estranho e taciturno quanto qualquer um dos personagens sobre os quais escrevia.

Mais cedo ou mais tarde, um cidadão perturbado, tendo confundido a manipulação de Martin de pessoas ficticiais em romances com a manipulação de pessoas de verdade na vida real, chegaria em sua casa numa caminhonete antiga decorada com cartazes que o acusavam de haver matado John Lennon, John Kennedy, Rick Nelson e só-Deus-sabe-quem-mais, muito embora ele fosse criança quando Lee Harvey Oswald apertou o gatilho contra Kennedy (ou quando 17.031 conspiradores homossexuais apertaram o gatilho, se você acreditou no filme de Oliver Stone). Algo parecido aconteceu com Stephen King, não? E com certeza Salman Rushdie experimentou alguns anos de tanto suspense quanto qualquer um suportado por um personagem numa extravagância de Robert Ludlum.

Mortificado pela imagem bizarra que a revista dera a ele, corado de embaraço, Marty inspecionou o estacionamento para assegurar-se de que ninguém o observava enquanto lia o artigo. Algumas pessoas entravam e saíam de seus carros, mas não prestavam nenhuma atenção a ele.

Nuvens apareceram no dia que até então estava ensolarado. O vento girava folhas mortas num tufão em miniatura, que dançava na vastidão do pavimento vazio.

Ele leu o artigo, pontuando-o com suspiros e resmungos. Embora contivesse alguns erros pequenos, o texto em geral era fático, mas seu conteúdo comparava-se com as fotos. O velho e fantasmagórico Martin Stillwater. Que sujeito sorumbático e acabrunhado. Vê o arreganhar de dentes malvado de um criminoso por trás de cada sorriso. Trabalha num gabinete com luz fraca, quase escuro, e diz que está tentando diminuir o brilho da tela do computador (pisca, pisca).

Sua recusa em permitir que Charlotte e Emily fossem fotografadas, baseada no desejo de proteger a privacidade delas e não deixar que fossem importunadas por colegas de escola, foi interpretada como medo de sequestradores à espreita atrás de cada arbusto. Afinal de contas, há alguns anos atrás, ele escrevera um livro sobre um sequestro.

Paige, “tão bela e inteligente quanto uma heroína de Martin Stillwater”,

era descrita como “psicóloga cujo trabalho exige que ela sonde os segredos mais sombrios de seus pacientes”, como se estivesse envolvida não no aconselhamento de crianças perturbadas com o divórcio dos pais, ou a morte de um ente querido, mas sim na profunda análise dos assassinos em série mais selvagens de toda a era.

— Velha e fantasmagórica Paige Stillwater — disse em voz alta. — Bem, por que outro motivo se teria casado comigo se já não fosse um pouco esquisita?

Ele disse para si mesmo que estava tendo uma reação exagerada.

Depois de fechar a revista, ele disse:

— Graças a Deus não deixei as meninas participarem. Teriam saído nessa matéria parecendo as crianças da “Família Addams”.

Mais uma vez tentou se convencer de que estava tendo uma reação exagerada, mas seu humor não melhorou. Ele sentia-se violentado, trivializado; e o fato de estar falando sozinho em voz alta parecia, de maneira perturbadora, validar sua nova reputação nacional como excêntrico divertido.

Martin girou a chave na ignição, ligou o motor.

Ao atravessar o estacionamento em direção à rua movimentada, ele estava preocupado com a sensação de que sua vida sofrera mais do que uma virada temporária para pior com a fuga do domingo, que o artigo da revista era um outro sinal de sua nova rota sombria, e que ele viajaria uma longa distância em pavimento rude antes de redescobrir a suave estrada que havia perdido.

Um redemoinho de folhas chocou-se contra o carro, assustando-o. A folhagem seca raspou o capô e o teto, como as garras de uma besta determinada a entrar no veículo.

4.

Ele é possuído pela fome. Não dormia desde a noite de sexta-feira, viajara metade do país em alta velocidade, geralmente debaixo de tempo ruim, e vivenciara uma hora e meia emocionante e excitante na casa dos Stillwater, confrontando-se com seu destino. Seu estoque de energia está esgotado. Ele está trêmulo e com os joelhos fracos.

Na cozinha, assalta a geladeira e empilha comida na mesa de carvalho. Consome várias fatias de queijo suíço, meia fatia de pão, alguns picles, a melhor parte de um pedaço de *bacon*, misturando tudo isso sem se dar ao trabalho de fazer sanduíches, um bocado disso e um bocado daquilo, mastigando o *bacon* cru para não perder tempo cozinhando, comendo rápido e com fixação decidida no banquete, voraz, esquecido das boas maneiras, engolindo tudo depressa com enormes goles de cerveja gelada que espuma em seu queixo. Há tanta coisa que ele deseja fazer antes que a mulher e as filhas voltem para casa, e ele nem sabe direito a que horas deve esperá-las. A carne gordurosa é enjoativa, por isso de vez em quando ele a mergulha no pote de maionese, pescando grossos tufos,

chupando os dedos para lubrificar um bocado de comida que acha difícil de engolir, mesmo com a ajuda de outra garrafa de Corona. Termina a refeição com duas grossas fatias de bolo de chocolate, também deglutidas com ajuda da cerveja. Depois, às pressas, limpa a bagunça com toalhas de papel e lava as mãos na pia.

Está revitalizado.

Com a fotografia de moldura prateada na mão, ele retorna ao segundo andar, subindo dois degraus de cada vez. Dirige-se ao quarto dos donos da casa, onde acende as duas lâmpadas das mesinhas-de-cabeceira.

Durante algum tempo, olha fixo para a cama gigante, excitado com a perspectiva de fazer sexo com Paige. Fazer amor. Quando sexo é feito com alguém que realmente tenha importância, ele é chamado de “fazer amor”.

Ele se importa de fato com ela.

Ele *tem* que se importar.

Afinal de contas, ela é sua esposa.

Ele sabe que o rosto dela é bom, excelente, com a boca carnuda e bela estrutura de ossos e olhos sorridentes, mas pela foto não pode falar muito do corpo. Imagina que seus seios sejam fartos, sem barriga, pernas longas e bem modeladas, e está ansioso para deitar com ela, entrar fundo nela.

Abre gavetas do toucador até encontrar a *lingerie* dela. Acaricia uma meia-taça, os gomos suaves de um sutiã, uma camisola com laço. Retira um par de calcinhas de seda da gaveta e esfrega seu rosto nelas, respirando fundo enquanto sussurra seu nome várias vezes.

Fazer amor vai ser inimaginavelmente diferente do sexo suado que ele conheceu com as vadias rebocadas em bares, experiências que sempre o levaram a sentir-se vazio, alienado, frustrado com sua necessidade desesperada de intimidade verdadeira nunca saciada. A frustração alimenta a raiva; a raiva leva ao ódio; o ódio gera a violência — e a violência às vezes alivia. Mas esse padrão não se repetirá quando ele fizer amor com Paige, pois ele pertence aos braços dela como nunca pertenceu a outros. Com ela, sua necessidade será satisfeita tanto quanto seu desejo. Juntos, eles atingirão uma união além de qualquer coisa que ele possa imaginar, uma unidade perfeita, felicidade, consumação espiritual e física, todas essas coisas que ele viu em inúmeros filmes, corpos banhados em luz dourada, êxtase, uma ardente intensidade de prazer possível apenas na presença do amor. Depois, ele não terá que matá-la porque então eles serão um, dois corações batendo em harmonia, sem nenhuma razão para matar, transcendência, todas as necessidades gloriosamente satisfeitas.

A perspectiva do romance quase o deixa ofegante.

— Eu a farei muito feliz, Paige — promete para a foto dela.

Percebendo que ainda não tomara banho desde o sábado, querendo estar

limpo para ela, devolve as calcinhas de seda à pilha de onde as retirara, fecha a gaveta do toucador e vai ao banheiro para tomar um banho de chuveiro.

Tira as roupas que pegou no armário do *motorhome* de Jack, o aposentado de cabelo grisalho, no domingo em Oklahoma, há menos de 24 horas atrás. Após formar uma bola compacta com cada peça do vestuário, ele as enfia num cesto de metal.

O box do chuveiro é espaçoso e a água está maravilhosamente quente. Ele faz bastante espuma com o sabonete e logo depois as nuvens de vapor estão carregadas com um aroma de flores quase intoxicante.

Após secar-se com uma toalha amarela, ele revista as gavetas do banheiro até encontrar seus artigos de toucador. Usa um desodorante *roll-on* e depois penteia o cabelo molhado reto para trás, a fim de deixá-lo secar de maneira natural. Faz a barba com um aparelho elétrico, borrifando um pouco de colônia com cheiro de lima, e escova os dentes.

Sente-se um homem novo.

Na sua parte do armário embutido, escolhe uma cueca de algodão, *jeans*, uma camisa de flanela com padrão azul e preto, meias e um par de Nikes. Tudo se ajusta à perfeição.

É tão gostoso estar em casa.

5.

Paige estava junto a uma das janelas observando as nuvens cinzentas virem rolando do oeste, impelidas por um vento do Pacífico. Quando chegaram, a terra debaixo delas escureceu e os prédios banhados pelo sol vestiram mantos de sombras.

O aposento interno de seu apartamento de três quartos no sexto andar tinha dois enormes painéis de vidro, que proporcionavam uma vista não inspiradora para uma estrada, *um shopping center* e os telhados comprimitos juntos da área residencial, que atravessava o condado de Orange aparentemente até o infinito. Ela gostaria de ter uma vista panorâmica para o oceano ou uma janela aberta para um pátio cheio de plantas, mas isso significaria um aluguel mais alto, coisa que estava fora de questão nos primeiros anos da carreira de escritor de Marty, quando ela fora a principal mantenedora da casa.

Agora, apesar do sucesso crescente de Marty e da renda impressionante, ainda era imprudente forçar-se a ter um aluguel mais caro numa locação nova. Mesmo uma carreira literária próspera era um meio de vida inseguro. Quando adoecia, o dono de uma loja de produtos frescos tinha empregados que continuavam vendendo laranjas e maçãs em sua ausência, mas se Marty ficasse doente, todo o empreendimento pararia no ato.

E Marty estava doente. Talvez uma doença grave.

Não, ela não iria pensar nisso. Eles não tinham certeza de nada. Isso era

com a velha Paige, a Paige antes de Marty, preocupar-se com meras possibilidades e não com o que já era fato.

Desfrute o momento, Marty lhe diria. Ele era um terapeuta nato. Às vezes, Paige pensava que havia aprendido mais com ele do que com os cursos que fizera para terminar o doutorado em psicologia.

Desfrute o momento.

Na verdade, a constante azáfama da cena do outro lado da janela era revigorante. E enquanto no passado ela fora tão predisposta à depressão porque o mau tempo podia ter um efeito negativo em seu humor, todos aqueles anos com Marty e seu bom humor em geral inabalável lhe tornaram possível perceber a beleza sombria de uma tempestade que se aproximava.

Ela nascera e crescera num lar sem amor, tão frio e sombrio como uma caverna do Ártico. Mas esse tempo ficara para trás, e o efeito dele diminuía há muito tempo.

Desfrute o momento.

Ao examinar o relógio de pulso, ela fechou as cortinas porque o estado de espírito de seus dois pacientes seguintes com certeza não era imune à influência do dia cinzento.

Quando as janelas foram cobertas, o lugar ficou tão aconchegante quanto qualquer sala de visitas de uma casa. Sua escrivaninha, livros e arquivos ficavam no terceiro consultório, que raras vezes era visto por aqueles a quem ela dava consulta. Ela sempre se reunia com eles nessa sala mais acolhedora. O sofá com padrão de flores e a grande quantidade de almofadas jogadas emprestavam um grande charme ao ambiente, e as três poltronas com estofado felpudo eram bastante cômodas para permitir que os pacientes jovens se enrascassem no assento com as pernas enfiadas debaixo do corpo, se desejassem. Abajures verde-acinzentados com cúpulas de seda franjadas emitiam uma luz cálida, que brilhava em bibelôs nas mesas e no esmalte das estatuetas da porcelana de Lladro no aparador de mogno.

Em geral, Paige oferecia chocolate quente e bolinhos, ou biscoitos crocantes com um copo de Coca gelada, e a conversa fluía porque o efeito global era como estar na casa da vovó. Pelo menos, era assim a casa da vovó nos tempos em que nenhuma avó se submetia a uma cirurgia plástica, ou se remodelava com uma lipoaspiração, ou se divorciava do vovô e frequentava turnês de solteiros no Cabo San Lucas, ou voava com o namorado para passar o fim de semana em Vegas.

A maioria dos pacientes, em sua primeira visita, ficava atônita ao não encontrar a coleção de obras de Freud, um divã de terapia e a atmosfera extremamente solene do consultório de um psiquiatra. Mesmo quando ela os lembrava de que não era psiquiatra, de que não era médica, em absoluto, mas sim uma conselheira com diploma de psicologia que via “clientes” e não

“pacientes”, pessoas com problemas de comunicação em vez de neuroses ou psicoses, eles permaneciam confusos durante a primeira meia-hora mais ou menos. A certa altura, a sala — e, ela gostava de acreditar, sua abordagem relaxada — os conquistava.

A consulta das 14:00 de Paige, a última do dia, era com Samantha Acheson e Sean, seu filho de oito anos. O primeiro marido de Samantha, o pai de Sean, morrera pouco depois do quinto aniversário do menino. Samantha casou de novo dois anos e meio depois, e os problemas comportamentais de Sean começaram virtualmente no dia do casamento, resultado óbvio de sua convicção errônea de que ela trairia o pai morto e um dia também poderia trai-lo. Durante cinco meses, Paige se encontrou duas vezes por semana com o menino, ganhando sua confiança, abrindo canais de comunicação, de modo que eles pudessem discutir a dor, o medo e a raiva — sentimentos que ele não era capaz de dividir com a mãe. Hoje, Samantha iria participar da sessão pela primeira vez, o que era um passo importante porque, em geral, o progresso era rápido depois que a criança ficava pronta para dizer aos pais aquilo que tinha dito à conselheira.

Paige sentou-se na poltrona que reservava para si e estendeu a mão em direção à mesa para pegar uma imitação de um antigo aparelho de telefone que, além de ligar para fora, funcionava como um intercomunicador ligado à sala de recepção. Ela tencionava pedir a Millie, sua secretária, que mandasse entrar Samantha e Sean Acheson, mas o intercomunicador zumbiu antes que ela levantasse o fone do gancho.

— Marty na linha um, Paige.

— Obrigada, Millie — pressionou a linha um. — Marty?

Ele não respondeu.

— Marty, é você? — perguntou, procurando ver se havia apertado o botão certo.

A linha um estava acesa, mas só havia silêncio nela.

— Marty?

— Gosto do som de sua voz, Paige. Tão melódico.

Ele falava... estranho.

O coração dela começou a bater contra as costelas e Paige esforçou-se para reprimir o medo que crescia dentro dela.

— O que o médico disse?

— Gosto de sua foto.

— Minha foto? — disse, desconcertada.

— Gosto de seu cabelo, de seus olhos.

— Marty, eu não...

— Você é o que eu preciso.

A boca de Paige tinha ficado seca.

— Tem alguma coisa errada?

De repente, ele falou muito rápido, engatando uma frase na outra.

— Quero beijar você, Paige, beijar seus seios, estreitá-la contra mim, fazer amor com você, quero fazê-la muito feliz, quero estar dentro de você, vai ser como nos filmes, felicidade.

— Marty, querido, o que...

Ele desligou, interrompendo-a.

Tão surpresa e confusa quanto preocupada, Paige prestou atenção ao ruído de discar antes de devolver o fone ao gancho.

Que droga.

Eram duas horas e ela duvidava que sua consulta com Guthridge houvesse durado uma hora. Portanto, ele não ligara do consultório do médico. Por outro lado, ele não teria tido tempo para rodar todo o trajeto até em casa, o que significava que ele havia telefonado em trânsito.

Paige tirou o fone do gancho e discou o número do telefone do carro dele. Ele atendeu na segunda chamada:

— Marty, o que houve?

— Paige?

— O que foi tudo aquilo?

— O que *foi* tudo aquilo?

— Beijar meus seios, pelo amor de Deus, como nos filmes, felicidade.

Ele hesitou e ela pôde ouvir o leve ruído do motor do Ford, o que significava que ele estava em trânsito. Depois de algum tempo ele disse:

— Garota, você me confunde.

— Há um minuto atrás, você telefonou para cá, agindo como se...

— Não. Não fui eu.

— Você *não* ligou para cá?

— Não.

— Isso é uma brincadeira?

— Você está dizendo que alguém telefonou e disse que era eu?

— Sim, ele...

— Ele falava como eu?

— Falava.

— Exatamente como eu?

Paige pensou sobre isso durante um momento.

— Bem, não exatamente. Ele parecia um bocado com você e depois... não igual a você. É difícil explicar.

— Espero que você tenha desligado quando ele se tornou obsceno.

— Você... — ela se corrigiu: — Ele desligou. Além disso, não foi um telefonema obsceno.

— É mesmo? E essa história de beijar seus seios?

— Bem, não pareceu obsceno porque pensei que fosse você.

— Paige, refresque minha memória... quando foi a última vez que eu telefonei para o seu trabalho e falei em beijar seus seios?

Ela deu uma risada.

— Bem... nunca, eu acho — e como ele também riu, ela acrescentou: — Mas talvez não fosse uma má ideia de vez em quando animar o dia um pouco.

— Eles são muito beijáveis.

— Obrigada.

— Seus dentes também.

— Você me fez corar — ela disse, o que era verdade.

— Também o seu...

— Agora está ficando obsceno.

— É isso aí, mas eu sou a vítima.

— Por que você diz isso?

— Foi *você* que ligou para *mim* e me pediu para ter uma conversa suja.

— Acho que sim. Libertação das mulheres, sabe?

— Onde vai dar tudo isso?

Uma possibilidade perturbadora passou pela mente de Paige, mas ela relutava em externá-la: talvez o telefonema tivesse sido de Marty, dado pelo telefone do carro enquanto ele vivia um estado de fuga semelhante ao da tarde de domingo quando, durante sete minutos, repetira monotonamente aquelas duas palavras num gravador, sem que mais tarde tivesse qualquer lembrança disso.

Ela suspeitou que a mesma ideia houvesse ocorrido a ele porque a súbita reticência de Marty foi comparável à dela.

No final, Paige rompeu o silêncio.

— O que Paul Guthridge tinha a dizer?

— Ele pensa que é provável que seja estresse.

— Pensa?

— Está marcando testes para amanhã ou quarta-feira.

— Mas não ficou preocupado?

— Não. Ou fingiu que não ficou.

O estilo informal de Paul não se refletia na maneira como ele prestava informação essencial a seus pacientes. Era sempre direto e objetivo. Mesmo quando Charlotte ficara muito doente, quando alguns médicos teriam minimizado possibilidades mais alarmantes para deixar que os pais se ajustassem aos poucos ao cenário do pior caso, Paul avaliou a situação da menina com Paige e Marty sem fazer nenhuma censura. Ele sabia que nenhuma meia-verdade ou falso otimismo seria confundido com compaixão. Se Paul não pareceu mais preocupado que o normal com a condição e com os sintomas de Marty — era uma boa notícia.

— Ele me deu o exemplar de sobra da *People* — disse Marty.

— Arrá! Você diz como se ele lhe tivesse dado uma sacola com cocô de cachorro.

— Bem, não era o que eu esperava.

— Não é tão ruim quanto você pensa — disse ela.

— Como você sabe? Você ainda não viu.

— Mas conheço você e sei como é com relação a essas coisas.

— Em uma das fotos, eu pareço o monstro Frankenstein com uma tremenda ressaca.

— Eu sempre adorei Boris Karloff.

Ele suspirou.

— Imagino que posso trocar de nome, fazer uma cirurgia plástica e mudar para o Brasil. Mas antes de comprar a passagem para o Rio, quer que eu pegue as crianças na escola?

— Eu pego. Elas vão se atrasar uma hora hoje.

— Oh, está certo. Segunda-feira. Aulas de piano.

— Chegarei em casa às quatro e meia — ela disse. — Você pode me mostrar a *People* e passar a noite chorando em meu ombro.

— Ao diabo com isso. Vou mostrar a *People* e passar a noite beijando seus seios.

— Você é especial, Marty.

— Também te amo, garota.

Quando desligou, Paige sorria. Ele sempre conseguia fazê-la sorrir, mesmo nos momentos sombrios.

Ela recusou-se a pensar no estranho telefonema, na doença, em fugas ou fotos que faziam Marty parecer um monstro.

Desfrute o momento.

Foi o que ela fez durante mais ou menos um minuto, depois ligou para Millie através do intercomunicador e pediu que mandasse entrar Samantha e Sean Acheson.

6.

Em seu gabinete, ele senta-se na cadeira de executivo atrás da escrivaninha. É confortável. Quase consegue acreditar que já sentou nela antes.

Mesmo assim, ele está nervoso.

Ele liga o computador. É um PC IBM com substancial capacidade de armazenamento no disco rígido. Uma boa máquina. Ele não consegue lembrar-se de tê-la adquirido.

Depois que o sistema rodou um programa de administração de dados, a tela de tamanho exagerado apresenta um “Menu de Seleção Principal”, que inclui oito escolhas, a maioria software com editor de texto. Ele escolhe o WordPerfect 5.1, que é carregado.

Ele não se recorda de ter recebido instruções sobre a operação de um computador ou o uso do WordPerfect. Esse treinamento está oculto em brumas de amnésia, assim como seu treinamento com armas e sua misteriosa familiaridade com os sistemas de ruas de várias cidades. É evidente que seus superiores acreditavam que ele precisaria compreender a operação básica de computador e conhecer certos programas de software para que pudesse cumprir suas missões.

A tela está limpa.

Pronto.

No canto direito inferior da tela azul, letras e números brancos lhe dizem que ele está no documento um, na página um, na linha um, na décima coluna.

Pronto. Ele está pronto para escrever um romance. Sua obra.

Olha fixo para o monitor em branco, tentando começar. Começar é mais difícil do que ele esperava.

Ele trouxera uma garrafa de Corona da cozinha, suspeitando que podia precisar lubrificar seus pensamentos. Toma um longo gole. A cerveja está fria, refrescante, e ele sabe que é o tipo da coisa que o mantém em funcionamento.

Após dar cabo de metade da garrafa, com a confiança renovada, ele começa a digitar. Martela duas palavras, depois para:

O homem

O homem o quê?

Fita a tela durante um minuto, depois digita “entrou no quarto”. Mas que quarto? Em uma casa? Em um prédio de escritórios? Como é esse quarto? Quem mais está nele? O que esse homem está fazendo nesse quarto, por que está ali? Tem que ser um quarto? Ele poderia estar entrando em um trem, um avião, um cemitério?

Ele apaga “entrou no quarto” e substitui por “era alto”. Com que então, o homem é alto. Tem importância que ele seja alto? A altura será importante para a história? Que idade ele tem? Qual a cor de seus olhos, de seu cabelo? Ele é branco, negro, asiático? O que está vestindo? E a propósito, precisa ser um homem? Não podia ser uma mulher? Ou uma criança?

Com essas questões na mente, ele apaga a tela e começa a história do princípio:

O

Ele fita a tela. Ela está terrivelmente vazia. Muito mais vazia do que antes, não apenas cinco letras mais vazia a partir do apagamento de “homem”. As opções para seguir esse simples artigo “o” são ilimitadas, o que torna a escolha da segunda palavra muito mais assustadora do que ele teria suposto antes de sentar na cadeira de couro negro e ligar a máquina.

Ele apaga “O”.

A tela está limpa.

Pronta.

Ele termina a garrafa de Corona. Ela está fria e refrescante, mas não lubrifica seus pensamentos.

Ele vai até as prateleiras e retira oito dos romances que ostentam seu nome, Martin Stillwater. Leva-os para a escrivaninha e, durante algum tempo, fica sentado lendo as primeiras e segundas páginas, tentando dar a partida em seu cérebro.

Seu destino é ser Martin Stillwater. Isso está perfeitamente claro.

Ele será um bom pai para Charlotte e Emily.

Será um bom marido e amante para a bela Paige.

E escreverá romances. Romances de mistério.

É evidente que ele já os escreveu antes, pelo menos uma dúzia, de modo que pode escrever de novo. Apenas tem de readquirir o sentimento de como se faz, reaprender o hábito.

A tela está vazia.

Ele põe os dedos nas teclas, pronto para digitar.

A tela está tão vazia. Vazia, vazia, vazia. Zombando dele.

Ele acredita que apenas está inibido pelo zumbido suave e persistente da ventoinha do monitor e pelo exigente campo eletrônico-azul do documento um, página um, por isso desliga o computador. O silêncio resultante é uma bênção, mas o vidro cinzento do monitor é ainda mais zombeteiro do que a tela azul; desligar a máquina parece uma confissão de derrota.

Ele precisa ser Martin Stillwater, o que significa que ele terá que escrever.

O homem. O homem era. O homem era alto com olhos azuis e cabelo louro; usava um terno azul e camisa branca e gravata vermelha, mais ou menos trinta anos de idade, e não sabia o que fazia no quarto em que entrou. Droga. Nada bom. O homem. O homem. O homem...

Ele precisa escrever, mas cada tentativa de fazê-lo atrai, rapidamente a frustração. A frustração logo gera a raiva. O padrão conhecido. A raiva gera um ódio específico contra o computador, uma *repugnância* em relação a ele, e também um ódio menos concentrado de sua posição insatisfatória no mundo, do próprio mundo, e de cada um de seus habitantes. Ele precisa tão pouco, tão pateticamente pouco, apenas fazer parte, ser como as outras pessoas, ter um lar e uma família, ter um objetivo que compreenda. É tanto assim? Não quer ser rico, nem amarrar os bigodes com pessoas ricas e poderosas, nem jantar com *socialites*. Não está pedindo fama. Depois de muito esforço, confusão e solidão, ele agora tem um lar, uma esposa e duas filhas, um senso de direção, um destino, mas sente que isso está escapando dele, deslizando por entre seus dedos. Ele precisa ser Martin Stillwater, mas para ser Martin Stillwater precisa saber escrever e ele não sabe escrever, não sabe escrever, droga, não sabe escrever. Conhece o traçado das ruas de Kansas City e de outras cidades, e sabe tudo sobre

armas, sobre como abrir fechaduras, porque eles semearam esse conhecimento dentro dele — sejam “eles” quem for —, mas não devem ter achado adequado implantar o conhecimento de como escrever romances de mistério, coisa que ele precisava, oh, *precisava* de maneira desesperada, se quisesse ser Martin Stillwater, se quisesse conservar sua adorável mulher, Paige, suas filhas e seu novo destino, que está escorregando, escorregando, escorregando por entre seus dedos. Essa chance de felicidade se evaporava rápido, porque eles estavam contra ele, todos eles, o mundo inteiro predisposto contra ele, determinado a deixá-lo sozinho e confuso. E por quê? *Por quê?* Ele os odeia, odeia seus esquemas e seu poder sem rosto, despreza-os e despreza suas máquinas com tal intensidade amarga que...

Com um grito de raiva, ele bate com o punho na tela escura do computador, batendo com ferocidade no próprio reflexo quase tanto como na máquina e tudo que ela representa. O barulho de vidro quebrado é alto na casa silenciosa, e o vácuo dentro do monitor estoura simultaneamente, com um breve zumbido de invasão de ar.

Ele retira as mãos das ruínas, enquanto fragmentos de vidro ainda estão presos no teclado, e olha fixo para seu sangue brilhante. Lascas pontudas estão em pé nas membranas e em alguns nós dos dedos. Um caco elíptico está enterrado na carne da palma de sua mão.

Embora ainda esteja com raiva, pouco a pouco vai recuperando o controle sobre si mesmo. Às vezes a violência acalma.

Ele gira a cadeira para longe do computador a fim de ficar de frente para o lado oposto da área de trabalho em forma de U, onde se reclina para examinar os ferimentos na luz do abajur com vitral. Os espinhos de vidro em sua carne cintilam como pedras preciosas.

Só está sentindo uma dor leve, e sabe que passará logo. Ele é duro e tem recuperação rápida; desfruta de um esplêndido poder de recuperação.

Alguns fragmentos da tela não penetraram fundo em sua mão e ele consegue arrancá-los com as unhas. Mas outros estão cravados com firmeza na carne.

Ele afasta a cadeira de escrivaninha, põe-se de pé e se dirige ao quarto de dormir. Vai precisar de pinças para arrancar os estilhaços mais obstinados.

Embora sangrasse bastante no começo, o fluxo já está diminuindo. Mesmo assim, ele mantém o braço para o alto, a mão reta, de modo que o sangue escorra por seu punho e penetre debaixo da manga da camisa, em vez de pingar no tapete.

Depois de arrancar o vidro, talvez ele telefone de novo para Paige.

Ele ficou tão excitado quando encontrou o número do escritório dela no Rolodex em seu gabinete, e vibrou quando falou com ela. Paige pareceu inteligente, segura de si, gentil. Sua voz tinha um timbre um tanto quanto gutural,

que ele achou *sexy*.

Vai ser um prêmio maravilhoso se ela for *sexy*. Nessa noite, eles vão dividir a cama. Ele a possuirá mais de uma vez. Recordando o rosto da fotografia e a voz rouca ao telefone, ele confia em que ela irá satisfazer suas necessidades como nunca antes foram satisfeitas, em que ela não o deixará não realizado e frustrado como tantas outras mulheres.

Ele espera que ela iguale ou supere suas expectativas. Espera que não haja nenhuma razão para machucá-la.

No quarto de dormir dos donos da casa, ele localiza uma pinça na gaveta onde Paige guarda sua maquiagem, alicate de cutícula, lixas de unha e outros acessórios de enfeite.

Ele mantém a mão sobre a pia. Embora já tenha parado de sangrar, o fluxo de sangue recomeça em cada ponto de onde ele arranca um pedaço de vidro. Ele abre a água quente para que as gotas de sangue escorram através do dreno.

Nessa noite, depois do sexo, talvez ele converse com Paige sobre seu bloqueio de escritor. Se já foi bloqueado antes, ela pode lembrar-se das medidas que ele tomou em outras ocasiões para romper o impasse criativo. De fato, ele tem certeza de que ela saberá a solução.

Sentindo alívio e uma agradável surpresa, ele percebe que já não precisa mais lidar sozinho com seus problemas. Na condição de homem casado, tem uma parceira dedicada com quem compartilhar os muitos problemas do dia-a-dia.

Erguendo a cabeça, olhando para seu reflexo no espelho atrás da pia, ele arreganha um sorriso e diz:

— Agora eu tenho uma esposa.

Ele nota uma mancha de sangue na face direita, outra ao lado do nariz.

E diz, dando uma risada baixa:

— Você é tão desajeitado, Marty. Tem que limpar sua ação. Agora você tem uma mulher. As mulheres gostam que seus maridos sejam limpos.

Retorna sua atenção para a mão e, com a pinça, tira o último vidro espinhento.

Com um humor cada vez melhor, ele ri de novo e diz:

— A primeira coisa que farei amanhã será sair de casa para comprar um monitor novo para o computador.

E balança a cabeça, surpreso com o próprio comportamento infantil.

— Você é uma outra coisa, Marty — diz ele. — Mas imagino que os escritores *devam* ser temperamentais, hem?

Após tirar a última lasca de vidro da membrana entre os dois dedos, ele se livra da pinça e coloca a mão ferida debaixo da água quente.

— Não posso mais continuar assim. Não dá mais. Vou matar de susto a

pequena Emily e Charlotte.

Olha de novo para o espelho, balance a cabeça, sorrindo.

— Seu maluco — diz para si mesmo, como se estivesse falando afetuosamente com um amigo cujos defeitos acha encantadores. — Que maluco.

A vida é boa.

7.

O céu cor de chumbo baixou sob seu próprio peso. Segundo um noticiário de rádio, a chuva cairia com o crepúsculo, garantindo engarrafamentos na hora do *rush* que tornariam o inferno preferível à autoestrada San Diego.

Marty devia ter ido direto para casa depois do consultório de Guthridge. Estava prestes a terminar seu romance atual e, durante a agonia final de uma história, ele costumava passar o maior tempo possível trabalhando, porque as distrações eram perniciosas para o ritmo da narrativa.

Além disso, estava atipicamente apreensivo com a direção do carro. Repassou o tempo minuto a minuto desde que saíra do médico e tinha certeza de que não telefonara para Paige durante uma fuga atrás do volante do Ford. Claro que uma vítima de fuga não tinha nenhuma lembrança de estar aflito, de modo que mesmo uma reconstituição meticulosa da última hora poderia não revelar a verdade.

Quando pesquisou para *Um Bispo Morto*, aprendeu que as vítimas que viajavam centenas de quilômetros e se relacionavam com dúzias de pessoas durante um estado dissociativo, mais tarde não conseguiam lembrar de nada do que tinham feito. O perigo não era mais grave do que dirigir bêbado... embora não fosse inteligente manobrar uma tonelada e meia de aço em alta velocidade num estado de consciência alterada.

Mesmo assim, em vez de ir para casa, ele foi ao *shopping* de Mission Viejo. Grande parte do seu dia de trabalho já tinha sido liquidada. E ele estava agitado demais para ler ou assistir TV até Paige e as crianças chegarem em casa.

Quando as coisas se tornam duras, o duro vai às compras, por isso ele folheou livros e fichas, comprou um romance de Ed McBain e um CD de Alan Jackson, esperando que essas atividades mundanas o ajudassem a esquecer os problemas. Passou duas vezes pela loja de doces, desejando os maiores com fatias de chocolate e nozes, mas encontrando forças para resistir a seu encanto.

O mundo é um lugar melhor, ele pensou, se você ignora a boa nutrição.

Quando saiu do *shopping*, gotas de chuva quente pintavam padrões de camuflagem na calçada de concreto. Relâmpagos caíam enquanto ele corria para o Ford. Trovoadas rolavam no céu pronto para o combate, e o chuvisco tornou-se uma torrente pesada no momento em que ele bateu a porta e sentou-se

atrás do volante.

Enquanto dirigia para casa, Marty sentiu um enorme prazer ao vislumbrar as ruas prateadas de chuva, o chapinhar borbulhante dos pneus que mergulhavam em poças profundas — e a vista das palmeiras balançando, que pareciam estar penteando as tranças prateadas do céu de tormenta e o lembravam de certas histórias de Somerset Maugham e de um antigo filme de Bogart. Como a chuva não era uma visita frequente na árida Califórnia, os benefícios e a novidade superavam a inconveniência.

Ele estacionou na garagem e entrou na casa pela porta de ligação com a cozinha, desfrutando do peso molhado do ar e do aroma de ozônio que sempre acompanhava o começo de uma tormenta.

Na cozinha escura, o luminoso mostrador verde do relógio elétrico em cima do fogão indicava 16:10. Paige e as meninas podiam chegar em casa dentro de vinte minutos.

Acendeu as lâmpadas e abajures enquanto andava de quarto em quarto. A casa sempre ficava mais aconchegante quando estava aquecida e bem iluminada, enquanto a chuva martelava no telhado e a mortalha cinzenta de uma tempestade escondia o mundo atrás de cada janela. Ele decidiu acender o bico de gás da lareira da sala de estar e preparar todos os acessórios para o chocolate quente, assim ele poderia ser feito logo que Paige e as meninas chegassem.

Primeiro, foi ao andar de cima para examinar o fax e a secretária eletrônica de seu gabinete. Nessa hora, a secretária de Guthridge já teria telefonado com o programa de testes do hospital.

Também estava com um forte pressentimento de que seu agente literário havia deixado um recado sobre uma venda de direitos em um ou outro território estrangeiro, ou talvez alguma notícia de uma oferta para uma opção de filme, um motivo para comemorar. Curiosamente, a tempestade melhorara seu humor em vez de piorá-lo, talvez porque o tempo inclemente tendia a concentrar a mente nos prazeres do lar, embora fosse de sua natureza encontrar razões para ficar otimista mesmo quando o senso comum sugeria que o pessimismo era uma reação mais realista. Ele nunca fora capaz de ficar oprimido durante muito tempo; e desde o sábado já havia tido pensamentos negativos suficientes para durar alguns anos.

Ao entrar em seu gabinete, ele estendeu a mão para o interruptor da parede a fim de acender a luz do teto, mas não o tocou, surpreso porque o abajur de vitral e uma luminária de trabalho estavam acesos. Ele sempre apagava as luzes quando saía de casa. Entretanto, antes de partir para o consultório do médico, sentira-se tão inexplicavelmente oprimido pela estranha sensação de estar à beira de uma destruição desconhecida, que era evidente que não havia tido presença de espírito suficiente para apagar as luzes.

Ao recordar o pior momento do ataque de pânico, na garagem, quando

quase foi imobilizado pelo terror, Marty sentiu que parte do ar escapava do balão de otimismo.

O fax e a secretária eletrônica estavam no canto do fundo da área de trabalho em forma de U. A luz vermelha de recados piscava na secretária, e algumas folhas de papel fino estavam na bandeja do fax.

Antes de chegar às máquinas, Marty viu o monitor espatifado, com dentes de vidro de pé na armação. No centro havia uma boca aberta. Um pedaço de vidro foi triturado sob seus pés quando ele empurrou a cadeira de escritório para o lado e olhou fixo para o computador, sem conseguir acreditar.

Pedaços denteados do monitor estavam espalhados sobre o teclado.

Uma contorção de náusea deu um nó em seu estômago. Será que ele também tinha feito aquilo num estado de fuga? Teria pego algum objeto pesado e martelado a tela, deixando-a em pedaços? Sua vida se desintegrava como o monitor arruinado.

Depois ele notou uma outra coisa no teclado além do vidro. À luz difusa, Marty pensou estar vendo gotas de chocolate derretido.

Com as sobranceiras franzidas, tocou um dos borrões com a ponta do dedo indicador. Ainda estava um pouco pegajoso. Uma parte grudou-se em sua pele.

Ele moveu a mão para baixo da luminária de trabalho. A substância viscosa na ponta de seu dedo era vermelho-escuro, quase marrom. Não era chocolate.

Ele levou o dedo manchado ao nariz, procurando um cheiro que definisse a coisa. O odor era leve, quase não podia ser detectado, mas Marty soube de imediato o que era, talvez já soubesse no instante em que o tocou, porque em um profundo nível primitivo estava programado para reconhecê-la. Sangue.

Quem quer que houvesse destruído o monitor havia se cortado.

As mãos de Marty não ostentavam cortes.

Ele estava extremamente tranquilo, exceto por uma sensação que se arrastava ao longo de sua espinha deixando sua nuca com a pele arrepiada.

Ele girou devagar, esperando encontrar alguém que tivesse entrado no gabinete atrás dele. Mas estava sozinho.

A chuva esmurrava o telhado e gorgolejava através de uma calha vizinha. Relâmpagos oscilavam palidamente, visíveis por entre as fendas abertas da veneziana, e estrépitos de trovões reverberavam no vidro da janela.

Marty prestou atenção na casa.

Os únicos ruídos eram esses da tempestade. E as batidas rápidas de seu coração.

Ele passou para a parte das gavetas no lado direito da escrivaninha, abriu a segunda delas. Nessa manhã, havia colocado ali a pistola Smith & Wesson 9mm, em cima de alguns papéis. Não esperava encontrá-la no lugar, mas de

novo suas expectativas não foram realizadas. Mesmo à luz suave e traiçoeira do abajur com vitral, ele podia ver a arma com o brilho escuro.

— Eu preciso da minha vida.

A voz assustou Marty, mas seu efeito não foi nada comparado ao choque paralisante que o possuiu quando levantou a vista da arma e viu quem tinha falado. O sujeito estava no lado de dentro do vão da porta. Usava o que poderia ser o *jeans* do próprio Marty e camisa de flanela, que lhe caíam muito bem porque ele era um sósia de Marty. De fato, fora as roupas, o invasor podia ser um reflexo no espelho.

— Eu preciso da minha vida — o homem repetiu em voz baixa.

Marty não tinha irmão, gêmeo ou não. No entanto, só um gêmeo perfeito poderia ser tão igual a ele em cada detalhe do rosto, peso, altura e tipo de corpo.

— Por que você roubou minha vida? — o intruso perguntou com o que parecia ser uma curiosidade genuína. Sua voz era uniforme e controlada, como se a pergunta não fosse inteiramente insana, como se de fato fosse possível, pelo menos em sua experiência, roubar uma vida.

Ao perceber que o intruso também *falava* como ele, Marty fechou os olhos e tentou negar aquilo que tinha visto à sua frente. Supôs que estava tendo uma alucinação e que ele próprio falava pelo fantasma numa espécie de ventriloquismo inconsciente. Fugas, um pesadelo de intensidade incomum, um ataque de pânico e agora alucinações. Mas quando abriu os olhos, o sósia ainda permanecia lá, uma ilusão obstinada.

— Quem é você? — o duplo perguntou.

Marty não pôde falar porque sentia que o coração havia mudado para a garganta, e cada batimento feroz quase o sufocava. E não *ousava* falar porque meter-se numa conversa com uma alucinação sem dúvida faria com que ele perdesse a tênue parte final de sanidade, mergulhando por inteiro na loucura.

O fantasma refinou sua pergunta, falando num tom de admiração e fascinação, mas ainda assim ameaçador:

— O *quê* você é?

O sósia deu outro passo para dentro do gabinete, sem nada da fluidez lúgubre e da luz difusa e fantasmagórica de uma aparição psicológica ou sobrenatural, nem transparente nem radiante. Quando se mexeu, sombra e luz tremularam nele da mesma maneira que teriam acariciado qualquer objeto de três dimensões. Ele parecia tão sólido quanto qualquer homem real.

Marty notou a pistola na mão direita do intruso. Mantida encostada na coxa. Cano apontado para o chão.

O sósia avançou mais um passo, parando a não mais de 2,5m do outro lado da escrivaninha. Com um meio sorriso que era mais enervante do que um olhar furioso o invasor disse:

— Como isso aconteceu? E agora? De alguma forma nós nos tornamos

uma pessoa, um desaparece no outro como em algum filme maluco de ficção científica...

O terror aguçara os sentidos de Marty. Como se estivesse olhando para seu sócia através de lentes de aumento, ele podia ver cada contorno, linha e poro de seu rosto. Apesar da luz difusa, os móveis e livros nas áreas cobertas por sombras tinham detalhes tão claros quanto os objetos nos quais caía o brilho das lâmpadas. No entanto, com todos seus poderes de observação ampliados, ele não conseguiu reconhecer o modelo da outra pistola.

— ... ou devo apenas matá-lo e assumir seu lugar? — o estranho continuou. — E se eu matá-lo...

Parecia que qualquer alucinação que ele houvesse conjurado estaria carregando uma pistola conhecida.

— ... as memórias que você roubou de mim serão minhas de novo quando você estiver morto? Se eu matá-lo...

Afinal de contas, se aquela figura fosse apenas uma ameaça simbólica, vomitada por alguma psique doente, então tudo — o fantasma, as roupas, o armamento — teria que vir da experiência e imaginação de Marty.

— ... serei tornado inteiro? Quando você estiver morto, serei devolvido à minha família? E vou voltar a saber escrever?

De modo inverso, se a arma fosse real, o sócia seria real.

Levantando a cabeça, reclinando-se um pouco à frente, como se tivesse um intenso interesse na resposta de Marty, o intruso disse:

— Preciso escrever, se é para eu ser o que devo ser, mas as palavras não saem.

A conversa unilateral surpreendeu Marty várias vezes, com suas voltas e giros, o que não sustentava a ideia de que sua mente enferma havia fabricado o invasor.

A raiva apareceu pela primeira vez na voz do sócia, uma amargura em vez de fúria exaltada, tornando-se rapidamente feroz:

— Você também me roubou isso, as palavras, o talento, e eu preciso disso de volta, preciso agora, tanto que até sinto dor. Um objetivo, sentido. Você sabe? Compreende? Seja você o que for, *pode* compreender? O terrível vazio, oco, Deus, um oco tão profundo e escuro — agora ele cuspiu as palavras, e seus olhos estavam furiosos. — Quero o que é meu, meu, que droga, minha vida, minha, quero minha vida, meu destino, minha Paige, ela é minha, minha Charlotte, minha Emily...

A extensão da escrivaninha é de 2,5m além, três metros no total: distância à queima-roupa.

Marty tirou a pistola 9mm da gaveta da escrivaninha, segurando com as duas mãos, soltou a trave de segurança, com o dedo no gatilho mesmo enquanto levantava o cano. Não se importava se o alvo era real ou algum tipo de espírito. A

única coisa que lhe importava era eliminá-lo antes que ele o matasse.

O primeiro tiro arrancou um pedaço grosso do canto afastado da escrivaninha, e lascas de madeira explodiram como um enxame de vespas furiosas voando na luz. A segunda e terceira balas atingiram o outro Marty no peito. Não o atravessaram como se ele fosse um ectoplasma nem o espatifaram como se fosse um reflexo no espelho; em vez disso, catapultaram-no para trás, desequilibrando-o, pegando-o de surpresa antes que ele pudesse erguer a própria arma, que voou de sua mão e bateu no chão com um baque forte. Ele chocou-se contra uma estante, agarrando-se a uma prateleira com uma das mãos, jogando no chão uma dúzia de volumes, o peito coberto de sangue — meu deus, tanto sangue —, os olhos arregalados de choque, mas sem soltar nenhum grito exceto um “uh” baixo e forte, que foi mais um som de surpresa do que de dor.

O bastardo devia ter caído como uma pedra num poço, mas continuou de pé. No mesmo momento em que bateu na estante, afastou-se dela, mergulhou cambaleando através da porta aberta, sumiu de vista no corredor do andar de cima.

Mais aturdido com o fato de haver puxado o gatilho contra alguém do que esse alguém ser sua imagem no espelho, Marty caiu na escrivaninha, Ofegando com desespero, como se não houvesse inalado ar desde o primeiro momento em que o sósia entrara no gabinete. Talvez não tivesse entrado. Atirar num homem de verdade era um bocado diferente de atirar num personagem de romance; quase parecia que, de alguma maneira mágica, parte do impacto das balas tivesse atingido o próprio atirador. Seu peito doía, ele estava tonto e sua visão periférica mergulhou, durante breves momentos, numa escuridão densa, que ele empurrou para trás num ato de vontade.

Não se atrevia a desmaiar. Pensava que o outro Marty devia estar morrendo com um ferimento grave, talvez já estivesse morto. *Deus, o sangue espalhado em seu peito, flores escarlates, rosas súbitas.* Mas não sabia ao certo. Talvez os ferimentos só parecessem mortais talvez fosse ilusório o breve olhar que ele dera, e talvez o sósia não apenas estivesse vivo, mas também forte o bastante para sair da casa e fugir. Se o sujeito escapasse e vivesse, voltaria mais cedo ou mais tarde, tão esquisito e maluco, mas mais furioso, mais bem preparado. Marty tinha que terminar o que começou antes que o sósia tivesse uma chance de fazer o mesmo.

Olhou de soslaio para o telefone. Discar 911. Chamar a polícia, depois ir atrás do homem ferido.

Mas o relógio da escrivaninha estava ao lado do telefone e ele viu a hora — 16:26. Paige e as meninas. Da escola para casa, mais tarde do que de hábito, atrasadas pelas lições de piano. Oh, meu Deus. Se entrassem na casa e vissem o outro Marty, ou o encontrassem na garagem, pensariam que era *seu* Marty, correriam para ele, assustadas com os ferimentos, querendo ajudar, e talvez ele

ainda tivesse força para machucá-las. A pistola que caiu era sua única arma? Não podia fazer essa suposição. Além disso, o filho da puta podia pegar uma faca no armário da cozinha, a faca de açougueiro, escondê-la nas costas, deixar que Emily se aproximasse, depois enterrá-la na garganta da menina ou na barriga de Charlotte.

Cada segundo importava. Esqueça o 911. Perda de tempo. Os tiros não chegariam antes de Paige.

Quando Marty deu a volta na escrivaninha, suas pernas estavam trêmulas, mas ficaram mais firmes quando ele atravessou o gabinete em direção ao corredor. Viu sangue espalhado na parede, pingando nas lombadas de seus livros, manchando seu nome. Mais uma vez, uma onda rastejante de escuridão caiu nos cantos de sua visão. Ele trincou os dentes e continuou andando.

Quando chegou na pistola do sócia, chutou-a para dentro do aposento, afastando-a do vão da porta. O simples ato lhe deu uma onda de confiança, porque pareceu algo que um tira teria a presença de espírito para fazer — impedir o bandido de recuperar sua arma.

Talvez ele pudesse lidar com aquilo, passar por aquilo, por mais estranho e assustador que fosse, com o sangue e tudo mais. Talvez ele ficasse bem.

Portanto, vamos agarrar o cara. Ter certeza de que está lá embaixo, lá embaixo e lá fora.

Para escrever seus romances de mistério, ele havia feito um bocado de pesquisa sobre os procedimentos policiais, não apenas estudando os livros didáticos de uma academia de polícia e filmes de treinamento, mas também saindo com tiras uniformizados em patrulhas noturnas e acompanhando detetives à paisana no trabalho. Sabia muitíssimo bem como atravessar um vão de porta naquelas circunstâncias.

Não seja confiante demais. Imagine que o sujeito esquisito tem outra arma além da que deixou cair, revólver ou faca. Mantenha-se abaixado, passe rápido por esse vão de porta. É mais fácil morrer num vão de porta do que em outra parte, porque toda porta se abre para o desconhecido. Enquanto anda, segure sua arma com as duas mãos, os braços para a frente, retos e firmes, olhe para a direita e para a esquerda ao atravessar a soleira, girando a arma para cobrir ambos os flancos. Depois deslize para o outro lado e mantenha as costas grudadas na parede enquanto anda, de modo a garantir que suas costas fiquem em segurança, você só tem três lados com que se preocupar.

Todo esse conhecimento passou em disparada por sua mente, assim como podia ter passado na mente de um de seus personagens policiais de nariz duro — no entanto, ele se comportava como qualquer civil em pânico, tropeçando de maneira descuidada no corredor do andar de cima, com a respiração explosiva, tornando seu corpo mais um alvo do que ameaça, porque se a coisa fosse vista de frente, ele *não era* um tira, mas sim um bundão que às vezes escrevia sobre tiras.

Não importava quanto tempo você se entregou a uma fantasia, não pode *viver* a fantasia, não poderia agir como um policial numa situação de pressão, a menos que fosse treinado como um tira. Ele era tão culpado quanto qualquer outra pessoa por haver confundido ficção e realidade, pensando que era invencível como um herói num jornal impresso, e tivera uma tremenda sorte porque o *outro* Marty não esperava por ele. O corredor do andar de cima estava deserto.

Ele parecia exatamente como eu.

Não podia pensar nisso agora; por enquanto, não tinha tempo. Concentrar-se em ficar vivo, abater o bastardo antes que ele machucasse Paige ou as meninas. Se você sobreviver, haverá tempo para procurar uma explicação para a surpreendente semelhança, resolver o mistério, mas agora não.

Ouçá. Movimento?

Talvez.

Não. Nada.

Mantenha o cano para cima, a boca apontada para o alto.

Do lado de fora da porta do gabinete, uma pegajosa impressão de mão ensanguentada manchava a parede. Uma tremenda quantidade de sangue formava uma poça no tapete bege-claro. Pelo menos parte do tempo em que Marty ficou parado atrás da escrivaninha, atordoado e imobilizado pela violência, o ferido ficara encostado nessa parede do corredor, talvez tentando, sem sucesso, estancar os ferimentos que sangravam.

Marty suava, com náuseas e medo. A transpiração pingava no canto de seu olho esquerdo, picante, borrando sua visão. Ele enxugou a testa gordurosa com a manga da camisa, piscou com força para lavar o sal de seu olho.

Quando o intruso se afastou da parede e começou a se mover — talvez enquanto Marty ainda permanecia congelado atrás da escrivaninha —, ele caminhou na poça de seu próprio sangue. Sua rota estava marcada por fragmentadas impressões vermelhas de desenhos em sulcos feitos pelas solas dos sapatos, bem como por contínuas gotas escarlate.

Silêncio na casa. Com um pouco de sorte, talvez fosse o silêncio da morte.

Trêmulo, Marty seguiu com cuidado a repulsiva trilha que passava pelo banheiro do corredor, dava a volta no canto, passava pela porta dupla da entrada do quarto dos donos da casa, passava pelo alto da escada. Ele parou nesse ponto, onde o corredor do segundo andar se transformava numa varanda que dava para a sala de estar.

À sua direita havia um corrimão de carvalho esbranquiçado do outro lado pendia o lustre de latão que ele acendera antes, quando passara pela saleta de entrada. Abaixo do lustre ficavam os degraus de descida e a saleta de entrada, de dois andares e com chão de lajotas, que dava direto na sala de estar de dois andares.

À sua esquerda e a alguns metros mais adiante na sacada ficava o quarto

que Paige usava como escritório. Um dia seria outro quarto para Charlotte ou Emily, quando elas decidissem que estavam preparadas para dormir em lugares separados. A porta estava entreaberta. Sombras negras moviam-se atrás da porta, aliviadas apenas pela luz cinzenta da tempestade de fim de tarde que mal conseguia penetrar pelas janelas.

A trilha de sangue passava por esse quarto e ia para o final do corredor, direto para a porta do quarto das meninas, que estava fechada. O intruso estava lá dentro, e era enfiado imaginá-lo no meio dos pertences das meninas, tocando coisas, manchando o quarto com seu sangue e sua loucura.

Ele lembrou da voz furiosa, com um quê de loucura, mas que ainda assim parecia com a sua própria voz: *Minha Paige, ela é minha, minha Charlotte, minha Emily...*

— Uma porra que são suas — ele disse, mantendo a Smith & Wesson apontada para a porta fechada.

Marty olhou para o relógio de pulso.

16:28.

E agora?

Podia ficar ali no corredor, pronto a mandar o bastardo para o inferno se a porta se abrisse. Esperar Paige e as meninas, gritar para elas quando entrassem, dizer a Paige para ligar para 911. Depois ela podia empurrar as meninas para o outro lado da rua, para a casa de Vic e Kathy Delorio, onde estariam em segurança, enquanto ele vigiava a porta até a chegada da polícia.

Esse plano parecia bom, responsável, frio e calmo. Por um breve instante, a batida de seu coração contra as costelas tornou-se menos insistente, menos opressiva.

Então, a maldição da imaginação de escritor atingiu-o em cheio, um redemoinho negro que o sugava para baixo, para possibilidades sombrias, a maldição do “e se”, e se, e se. E se o outro Marty tiver forças para abrir a janela do quarto das meninas, sair na cobertura do pátio nos fundos da casa e dali saltar no gramado? E se ele correr pelo lado da casa e sair na rua no momento em que Paige estiver entrando na estradinha de carros com as meninas?

Isso podia acontecer. Poderia acontecer. *Aconteceria*. Ou alguma outra coisa tão ruim aconteceria, pior. O redemoinho da realidade tecia possibilidades mais terríveis do que os pensamentos mais sombrios de qualquer escritor. Nessa era de dissolução social, mesmo nas ruas mais pacíficas dos bairros mais tranquilos, podiam acontecer atos inesperados de selvageria grotesca, atos que deixavam as pessoas chocadas e horrorizadas, mas *não* surpresas.

Ele podia estar vigiando a porta de um quarto vazio.

16:29.

Paige podia estar virando a esquina a dois quarteirões de distância, entrando na rua deles.

Talvez os vizinhos tivessem escutado os tiros e chamado a polícia. Por favor, Deus, deixe que este seja o caso.

Ele não tinha nenhuma opção razoável a não ser abrir a porta do quarto das meninas, entrar e confirmar se O Outro estava lá ou não.

O Outro. Em seu gabinete, quando a confrontação começou, ele logo descartou a ideia inicial de que estava lidando com alguma coisa sobrenatural. Um espírito não podia ser tão sólido e tridimensional quanto aquele homem. Se existissem mesmo, as criaturas do outro lado da linha entre a vida e a morte não seriam vulneráveis a balas. No entanto, persistia uma sensação estranha, que ficava mais pesada a cada momento que passava. Embora ele suspeitasse que a natureza de seu adversário era muito mais estranha do que os fantasmas ou demônios que mudavam de forma, que era ao mesmo tempo mais terrível e mundana, que havia nascido neste mundo e não em outro, ainda assim não conseguia pensar nele em termos geralmente reservados às histórias de espíritos assombrados: espectro, fantasma, espírito, aparição, O Não Convidado, O Imortal, A Entidade.

O Outro.

A porta esperava.

O silêncio da casa era mais profundo do que a morte.

Já concentrada apenas na perseguição do Outro, a atenção de Marty concentrou-se mais ainda, até ele esquecer o batimento do próprio coração, cego para tudo menos para a porta, surdo para todos os sons exceto para aqueles que podiam sair do quarto das meninas, consciente de nenhuma sensação a não ser a pressão de seu dedo no gatilho da pistola.

A trilha de sangue.

Fragmentos vermelhos de impressões de pés.

A porta.

Esperando.

Ele estava enraizado na indecisão.

A porta.

De repente, alguma coisa ressoou acima dele. Marty jogou a cabeça para trás e olhou para o teto. Estava bem debaixo do poço de 1,50 de lado por 2,10 de profundidade onde se encaixava a claraboia de plexiglas em forma de cúpula. A chuva batia contra o plexiglas. Apenas chuva, o barulho da chuva.

Como se o peso da indecisão o tivesse puxado de volta ao pleno espectro da realidade, Marty foi abruptamente inundado por todas as vozes da tempestade, das quais não se havia dado conta enquanto seguia o rastro do Outro. Ele vinha prestando intensa atenção *através* do ruído de fundo, procurando os sons mais furtivos de sua caça. Agora há o vento que está rangendo-apupando-gemendo, o rataplã da chuva, o trovão fulminante, o raspar ossudo de um galho de árvore contra um lado da casa, o leve matraquear de uma parte solta da calha de chuva

e outros barulhos menos identificáveis que fluem sobre ele.

Os vizinhos não poderiam ter ouvido os disparos com aquela tempestade furiosa. Pior para essa esperança.

Marty parecia estar sendo levado à frente pelo tumulto ao longo da trilha de sangue, um passo hesitante, depois outro, inexoravelmente em direção à porta que esperava.

8.

A tempestade trouxe um crepúsculo precoce, triste e demorado, e Paige ficou de farol ligado durante todo o trajeto da escola das meninas para casa. Embora ligados na velocidade máxima, os limpadores do para-brisas mal podiam acompanhar o ritmo das cataratas que caíam do céu. Ou a última seca seria interrompida por essa temporada de chuvas ou a natureza pregava uma peça cruel ao gerar expectativas que não iria realizar. Os cruzamentos estavam inundados. Os bueiros vazavam. O BMW espalhava enormes asas brancas de água, enquanto passava por uma poça funda após a outra. E saindo da escuridão nevoenta, os faróis de carros vindos na direção contrária os encontravam como holofotes de batiscafos sondando sulcos profundos no oceano.

— Nós estamos num submarino — disse Charlotte excitada no assento do carona ao lado de Paige, olhando pela janela lateral através da cortina de água dos pneus —, nadando com as baleias, o Capitão Nemo e o *Nautilus*, vinte mil léguas abaixo da superfície do mar, com polvos gigantes nos caçando. Lembra do polvo gigante, mamãe, do filme?

— Lembro — disse Paige sem tirar os olhos da rua.

— Periscópio para cima — Charlotte agarrou os cabos desse instrumento imaginário, espiando através do ocular. — Navegando na rota, batendo em navios com nossa proa de aço superforte — *bum!* — e o capitão maluco tocando seu enorme órgão de tubo! Está lembrada do órgão de tubo, mamãe?

— Estou.

— Mergulhando mais fundo, mais fundo, com o casco de pressão começando a estalar, mas o maluco do capitão Nemo diz *mais fundo*, tocando seu órgão de tubo e dizendo *mais fundo*, e o tempo todo lá vem o polvo. — Ela muda para o tema do filme *O Tubarão* — *Dum-dum, dum-dum, dum-dum, dum-dum, da-da-dum!*

— Que coisa boba — disse Emily no assento traseiro.

Charlotte girou no cinto de ombro para olhar para trás por entre os dois bancos da frente.

— O que é bobo?

— O polvo gigante.

— Ah, é mesmo? Talvez você não achasse bobo se estivesse nadando e um deles viesse por baixo, lhe desse uma mordida cortando você em duas,

comesse seus dois pedaços, depois cuspiu seus ossos para fora como um caroço de uva.

— Os polvos não comem pessoas — disse Emily.

— Claro que comem.

— É o contrário.

— Hem?

— Pessoas comem polvos — disse Emily.

— De jeito nenhum.

— Sim.

— De onde você tirou uma ideia estúpida como essa?

— Vi num cardápio de restaurante.

— Que restaurante? — perguntou Charlotte.

— Vários restaurantes diferentes. Você foi neles. Não é verdade, mamãe... as pessoas não comem polvo?

— Sim, comem — concordou Paige.

— Você só está concordando para ela não parecer uma burra de sete anos de idade — disse Charlotte, cética.

— Não, é verdade — assegurou-lhe Paige. — As pessoas comem polvos.

— Como? — perguntou Charlotte, como se a própria ideia ultrapassasse sua imaginação.

— Bem — disse Paige, freando diante de um sinal vermelho —, não todo de uma vez, um pedaço só.

— Aposto que não! — disse Charlotte. — Pelo menos, não um polvo gigante.

— Para começar, você pode cortar os tentáculos e fritar com manteiga de alho — disse Paige, olhando para a filha a fim de ver que impacto teria sobre ela essa notícia culinária.

Charlotte fez uma careta e olhou para a frente de novo.

— Você está tentando zombar de mim.

— Tem um bom gosto — insistiu Paige.

— Prefiro comer lama.

— O gosto é melhor do que de lama, eu lhe garanto.

No assento traseiro Emily começou a falar de novo.

— Você também pode cortar e fritar os tentáculos.

— É verdade — disse Paige.

O julgamento de Charlotte foi simples e direto:

— Que nojo.

— Eles parecem pequenos anéis de cebola, só que são polvo — disse Emily.

— Que nojo.

— Pequenos anéis borrachudos de polvo frito pingando tinta grudenta de

polvo — disse Emily, dando uma risada.

Charlotte respondeu, novamente girando no assento para olhar a irmã:

— Você é uma duende nojenta.

— De qualquer modo — disse Emily —, nós não estamos num submarino.

— Claro que não — concordou Charlotte. — Estamos num carro.

— Não, estamos num hipofólio.

— Num *qué*?

Emily respondeu:

— Igual a gente viu na televisão naquela vez, o barco que vai da Inglaterra a algum outro lugar e anda em cima da água, que passa zuuumbindo mesmo.

— Querida, você quer dizer “hidrofólio” — disse Paige, tirando o pé do freio quando a luz ficou verde e acelerando com cuidado ao atravessar o cruzamento inundado.

— Isso mesmo — confirmou Emily. — Hiderfólio. Nós estamos num hiderfólio, indo para a Inglaterra encontrar a rainha. Eu vou tomar chá com a rainha, tomar chá e comer polvo e conversar sobre as joias da família.

Paige quase deu uma risada alta com essa tirada.

— A rainha não serve polvo — disse Charlotte, exasperada.

— Aposto como serve — disse Emily.

— Não, ela serve bolinhos e bolo de aveia e meretrizes e coisas — disse Charlotte.

Dessa vez, Paige *deu* uma risada alta. Ela teve uma imagem vivida na mente: a própria e graciosa rainha da Inglaterra indagando a um convidado se queria uma prostituta com o chá, indicando uma meretriz pomposa que esperava ali perto usando uma *lingerie* Frederick de Hollywood.

— O que foi engraçado? — perguntou Charlotte.

Paige mentiu, reprimindo a risada:

— Nada, eu só estava pensando numa coisa, numa outra coisa que aconteceu há muito tempo. Não pareceria engraçado para vocês agora, é só uma lembrança da velha mamãe.

A última coisa que queria era inibir a conversa delas. Quando estava no carro com as meninas, quase nunca ligava o rádio. Nada no dial era tão divertido quanto o *Show* Charlotte e Emily.

Quando a chuva começou a cair mais forte que antes, Emily provou que estava num de seus humores loquazes.

— É muito mais divertido estar num hiderfólio para ver a rainha do que estar num submarino com um polvo gigante dando mordida nele.

— A rainha é uma chata — disse Charlotte.

— Não é.

— É sim.

— Ela tem uma câmara de tortura debaixo do palácio.

Charlotte tornou a se virar no assento, interessada contra a própria vontade.

— Tem mesmo?

— Tem sim — disse Emily. — E ela tem um sujeito lá embaixo com uma máscara de ferro.

— Uma máscara de ferro?

— Uma máscara de ferro — repetiu Emily em tom sombrio.

— Por quê?

— Porque ele é *muito* feio.

Paige imaginou que as duas seriam escritoras quando crescessem. Tinham herdado a imaginação vivida e incansável de Marty. Provavelmente seriam tão impelidas a exercitá-la quanto ele, ainda que fossem escrever coisas bem diferentes dos romances do pai e obras *bastante* diferentes uma da outra.

Ela mal conseguia esperar para contar a Marty sobre os submarinos, hiderfólios, polvos gigantes, tentáculos fritos e meretrizes com a rainha.

Ela tinha decidido levar a sério o diagnóstico preliminar de Paul Guthridge, atribuindo os sintomas desanimadores de Marty apenas ao estresse e parando de se preocupar — pelo menos até obterem os resultados dos testes revelando algo pior. Nada iria acontecer a Marty. Ele era uma força da natureza, um poço fundo de energia e gargalhada, indomável e jovial. Ele se recuperaria, assim como Charlotte se recuperara de seu leito de morte cinco anos atrás. Nada iria acontecer com *nenhum* deles, porque tinham muita vida pela frente, muitos bons momentos para passar.

Um relâmpago feroz — que raramente acompanhava as tempestades no sul da Califórnia, mas que dessa vez brilhou em toda plenitude — estalou no céu, trazendo em seu rastro o estrépito de um trovão tão incandescente quanto qualquer carruagem celestial que pudesse transportar Deus para fora do paraíso no Dia do Juízo Final.

9.

Marty estava apenas a 1,5m ou dois de distância da porta do quarto das meninas. Ele se aproximou pelo lado das dobradiças, de modo a poder estender a mão para a maçaneta, empurrar a porta para dentro e evitar expor toda a sua silhueta no vão.

Tentando não pisar no sangue, ele baixou os olhos para o tapete apenas por um segundo, para ver onde as manchas de sangue coagulado eram menores e mais raras do que em outros lugares do corredor. Vislumbrou uma anomalia que a princípio só registrou no subconsciente, e deu outro passo para a frente, de novo com o olhar fixo na porta, antes de perceber completamente o que havia visto: a

impressão da metade da frente da sola de um sapato, uma tênue impressão em vermelho como vinte ou trinta outras pelas quais já havia passado, só que a parte estreita dessa impressão, do dedo grande do pé, estava apontada para a direção errada, de volta ao caminho por onde ele viera.

Marty congelou ao compreender a importância da impressão do pé.

O Outro fora até o quarto das meninas, mas sem entrar tinha feito a volta, tendo de alguma forma uma dramática redução no fluxo de sangue, por isso já não deixava mais um rastro claro — exceto uma reveladora impressão do pé e talvez mais uma ou duas que Marty não observara.

Girando, segurando a arma com as duas mãos, Marty gritou para a visão do Outro saindo do gabinete de Paige e indo em sua direção, movendo-se rápido demais para um homem com ferimentos no peito e com menos sangue no corpo. Ele bateu com força em Marty, socando por baixo da pistola, jogando-o contra o corrimão e forçando seus braços para cima.

Ao ser empurrado para trás, Marty apertou o gatilho num reflexo, mas a bala atingiu o teto do corredor. O firme corrimão chocou-se contra suas costas e um grito semi-estrangulado escapou de sua boca, quando uma dor violenta cruzou seus rins e brincou de amarelinha com sapatos de lança nos degraus de sua espinha dorsal.

Quando gritou, perdeu a arma, que caiu de sua mão e fez uma curva sobre sua cabeça, indo para o espaço vazio e abobadado atrás dele.

O torturado corrimão de carvalho tremeu, um estalido alto e seco sinalizou o colapso iminente e Marty teve certeza de que eles cairiam no poço da escada. Mas os balaústres não cederam e o corrimão se manteve firme nos pilares de cada extremidade.

Pressionando sem parar para a frente, O Outro curvou Marty para trás, por sobre a balaustrada, tentando estrangulá-lo. Mão de ferro. Dedos como torqueses hidráulicas movidas por um potente motor. Comprimindo as artérias da carótida.

Marty bateu com o joelho na virilha do assaltante, mas foi bloqueado. A tentativa deixou-o desequilibrado, com apenas um pé no chão, e foi empurrado para a frente na balaustrada até ficar imobilizado e equilibrado em cima do corrimão.

Sufocando, sem conseguir respirar, consciente de que o pior perigo era a redução de sangue em seu cérebro, Marty segurou uma cunha com as duas mãos e empurrou-as para cima por entre os braços do Outro, tentando abri-los e romper o estrangulamento. O assaltante redobrou seus esforços, determinado a manter o aperto. Marty também fez mais força, enquanto seu coração sobrecarregado batia dolorosamente contra o osso esterno.

Eles deviam estar empatados, droga, tinham a mesma altura, o mesmo peso, a mesma estrutura e o mesmo estado físico e, por toda as aparências, eram

o mesmo *homem*.

No entanto, embora estivesse com dois ferimentos a bala potencialmente mortais, O Outro era o mais forte, e não apenas por ter a vantagem da posição superior e, portanto, maior impulso. Ele parecia possuir uma força não humana.

Face a face com sua réplica, banhado por cada respiração quente e explosiva, Marty podia estar olhando para um espelho, embora o selvagem reflexo à sua frente estivesse contorcido por expressões que ele nunca tinha visto em seu rosto. Raiva brutal. Ódio tão tóxico quanto cianureto. Espasmos de prazer maniaco retorciam as feições conhecidas, enquanto o estrangulador se excitava com o ato do assassinato.

Com os lábios pressionados pelos dentes, a saliva voando enquanto falava, impossível mas repetidamente estreitando seu estrangulamento com o intuito de enfatizar as palavras, O Outro disse:

— Preciso da minha vida agora, minha vida, minha, minha, *agora*. Preciso da minha família agora, minha, agora, agora, agora, agora, preciso, PRECISO!

Pirilampos em negativo percorriam de um lado ao outro o campo de visão de Marty. Eles eram o oposto dos vagalumes que portavam lanternas numa quente noite de verão; não eram pulsações de luz na escuridão, mas sim pulsações de escuridão na luz. Cinco, dez, vinte, cem, um enxame fervilhante. O rosto indistinto do Outro desaparecia em partes sob o enxame negro que pulsava.

Desesperado para romper o aperto do assaltante, Marty arranhou o rosto cheio de ódio. Contudo não conseguiu atingi-lo direito. Seu próprio esforço pareceu débil, enfraquecido.

Tantos pirilampos em negativo.

Vislumbrado entre eles: o rosto corrompido e colérico de sua mulher exigindo um marido novo, o rosto imperioso do novo e severo pai de suas filhas.

Vagalumes. Em toda parte, em toda parte. Abrindo suas asas da destruição.

Bangue. Alto como um tiro de rifle. Segunda, terceira, quarta explosão — uma logo depois da outra. Balaústres quebrando.

O corrimão estalou. Cedeu para trás. Já não tinha mais o apoio dos balaústres, que haviam se transformado em estilhaços debaixo dele.

Marty parou de opor resistência ao atacante e, frenético, tentou enfiar pernas e braços no corrimão, com a esperança de se agarrar nos restos ancorados, em vez de ser arremessado no vazio aberto. Mas a parte central da balaustrada desintegrou-se tão completa e rapidamente que ele não pôde encontrar um ponto de apoio em seus elementos partidos, e o peso do assaltante que o agarrava deu mais força à gravidade do que era preciso. Entretanto, enquanto eles balançavam à beira do vazio, as ações de Marty alteraram a dinâmica de seus esforços, de modo que O Outro passou rolando por ele e caiu primeiro. O assaltante soltou a garganta de Marty, mas arrastou-o na posição

superior. Os dois caíram no poço da escada, foram contra o corrimão externo, despedaçando-o instantaneamente, e bateram com força no chão da saleta de entrada feito de lajotas mexicanas.

Foi uma queda de menos de dois metros; não era uma distância tremenda, talvez nem fosse uma distância letal, e a velocidade dos dois havia sido interrompida pelo corrimão inferior. No entanto, o impacto eliminou o pouco fôlego que Marty recuperara no trajeto para baixo, muito embora sua queda tivesse sido amortecida pelo Outro, que atingiu de costas as lajotas mexicanas com a pancada retumbante de uma marretada.

Engasgando, tossindo, Marty afastou-se de seu sócia e tentou arrastar-se para fora de seu alcance. Estava ofegante, tonto e não sabia se havia quebrado algum osso. Quando respirava, o ar picava sua garganta ferida; quando tossia, a dor não poderia ser pior do que se tentasse engolir um rolo de arame farpado e pregos curvos. Rastejar rápido como um gato, era o que ele tinha em mente, acabou ficando fora de questão e ele só conseguiu arrastar-se no chão da saleta de entrada, mancando e tremendo como um besouro que acabava de receber um esguicho de inseticida.

Piscando para reprimir lágrimas arrancadas pela tosse violenta, Marty localizou a Smith & Wesson. Estava a cerca de cinco metros de distância, muito além do ponto em que a transição de chão de lajota para a madeira dura indicava o fim da saleta de entrada e o começo da sala de estar. Considerando-se a intensidade com que ele se concentrou nela e a dedicação com que arrastava seu corpo dolorido e semi-entorpecido, a pistola bem poderia ter sido o Santo Graal.

Ele tornou-se consciente de um rumor distinto dos sons da tempestade, seguido por um baque surdo, que ele supôs estupidamente que tivesse algo a ver com O Outro, mas não parou para olhar para trás. Talvez o que ouviu tenha sido um espasmo de morte, saltos de sapato tamborilando no chão, uma última convulsão. De *qualquer* forma, o sacana tinha que estar gravemente ferido. Aleijado e moribundo. Mas contudo, antes de comemorar a própria sobrevivência, Marty desejava pôr as mãos trêmulas na arma.

Ele alcançou a pistola, agarrou-a e soltou um grunhido de débil triunfo. Caiu para o lado, fez a volta deslizando e apontou na direção da saleta de entrada, preparado para descobrir que seu perseguidor obstinado estava em cima dele.

Mas O Outro ainda permanecia caído de costas. As pernas abertas. Os braços encostados no corpo. Imóvel. Podia até estar morto. Não tanta sorte assim. Sua cabeça pendeu na direção de Marty. Seu rosto estava pálido, brilhando de suor, tão branco e brilhante quanto uma máscara de porcelana.

— Quebrado — ele disse, ofegante.

Ele parecia conseguir mexer apenas a cabeça e os dedos da mão direita, mas não a própria mão. Uma careta mais de esforço do que de dor contorceu

suas feições. Levantou a cabeça do chão, e os dedos ainda vivos se enrolavam e desenrolavam como pernas de uma tarântula moribunda, mas ele parecia incapaz de se sentar ou curvar as pernas até os joelhos.

— Quebrado — ele repetiu.

Alguma coisa na maneira como a palavra foi dita fez Marty pensar num soldado de brinquedo, molas curvas e engrenagens partidas.

Marty pôs-se de pé, apoiando-se com uma das mãos na parede.

— Vai me matar? — perguntou O Outro.

A perspectiva de meter uma bala no cérebro de um homem ferido e indefeso era repulsiva ao extremo, mas Marty ficou tentado a cometer a atrocidade e se preocupar mais tarde com as consequências psicológicas e jurídicas. Foi reprimido tanto pela curiosidade quanto pelas considerações morais.

— Matar você? Adoraria — sua voz saiu roufenha, e sem dúvida ficaria assim por um ou dois dias, até que ele se recuperasse da tentativa de estrangulamento. — Porra, quem é você? — Cada palavra irritada lembrava a Marty a sorte que tivera para ainda estar vivo e poder fazer a pergunta.

O rumor baixo voltou, o mesmo barulho que ele ouvira quando rastejava em direção à pistola. Dessa vez, ele reconheceu: não eram convulsões e solas tamborilantes de um moribundo, mas apenas as vibrações da porta automática da garagem, que subira na primeira vez e agora estava descendo.

Vozes elevaram-se na cozinha quando Paige e as meninas entraram na casa pela porta da garagem.

Num segundo menos trêmulo, e tendo recuperado o fôlego, Marty atravessou correndo a sala de estar em direção à sala de jantar, ansioso para deter as crianças antes que vissem alguma coisa do que tinha acontecido. Durante um longo tempo, elas teriam dificuldade para se sentir confortáveis em sua própria casa, sabendo que um invasor havia entrado e tentado matar seu pai. Mas ficariam mais traumatizadas se vissem a destruição e o homem sujo de sangue, caído, paralisado no chão da saleta de entrada. Considerando-se o fato macabro de que o intruso também era um sócio perfeito de seu pai, talvez nunca mais dormissem direito nessa casa.

Quando Marty irrompeu na cozinha através da sala de jantar deixando a porta giratória batendo para a frente e para trás às suas costas, Paige virou-se surpresa no cabide onde pendurava sua capa de chuva. Ainda com os impermeáveis amarelos e os frouxos chapéus de vinil, as meninas sorriram e balançaram a cabeça em expectativa, talvez imaginando que a explosiva entrada de Marty fosse uma brincadeira ou uma das improvisadas atuações bobas de papai.

— Tire elas daqui — grunhiu para Paige, tentando parecer calmo, sendo derrotado pela voz roufenha e pelo evidente excesso de tensão.

— O que aconteceu com você?

— Agora — insistiu —, neste exato momento, leve-as para o outro lado da rua, para Vic e Kathy.

As meninas viram a arma em sua mão. Seus sorrisos desapareceram e elas arregalaram os olhos. Paige disse:

— Você está sangrando. O que...

— Eu não — ele interrompeu, percebendo tarde que tinha ficado com o sangue do Outro em toda a camisa, quando caíra em cima dele. — Eu estou bem.

— O que aconteceu? — perguntou Paige.

Abrindo a porta que dava para a garagem, ele disse:

— Tivemos uma coisa aqui. — Sua garganta doía quando ele falava, no entanto ele não balbuciava em seu urgente desejo de colocá-las em segurança fora da casa, incoerente talvez pela primeira vez em sua vida obcecada pela palavra. — Um problema, uma coisa, Deus, você sabe, como uma coisa que aconteceu, algum problema...

— Marty...

— Vamos, vamos para a casa dos Delorio, todas vocês. — Ele atravessou a soleira, entrou na garagem escura, apertou o botão e a enorme porta rolou para cima. Ele encontrou os olhos de Paige. — Elas ficarão a salvo na casa dos Delorio.

Sem dar-se ao trabalho de tirar a capa do cabide, Paige conduziu as meninas passando por ele, entrando na garagem em direção à porta que subia.

— Chame a polícia — gritou para ela, estremecendo com a dor que lhe custou o grito.

Paige olhou para ele, o rosto vincado de preocupação.

Ele disse:

— Estou bem, mas temos um cara lá dentro, ferido a bala.

— Venha conosco — suplicou ela.

— Não posso. Chame a polícia.

— Marty...

— Vá, Paige, trate de ir!

Ela moveu-se entre Charlotte e Emily, pegou as duas pelas mãos e levou-as para fora da garagem, para o aguaceiro, virando-se para olhar de novo para ele apenas uma vez.

Ele ficou olhando até que elas chegassem ao final da estradinha de carros, examinassem o tráfego à direita e à esquerda e depois atravessassem a rua. Passo a passo, enquanto se afastavam nas cortinas prateadas de chuva, elas se pareciam menos com pessoas reais e mais com espíritos em retirada. Ele teve a desconcertante sensação previdente de que nunca mais as veria vivas de novo; sabia que isso era nada mais que uma reação irracional acirrada pela adrenalina,

pelo que havia passado, mas mesmo assim o medo criou raízes nele e cresceu.

Um vento frio e úmido invadiu os cantos mais profundos da garagem, e no mesmo instante Marty sentiu a transpiração em seu rosto transformar-se em gelo.

Ele voltou para a cozinha e bateu a porta.

Embora tremesse semicongelado, ele desejava uma bebida fria, já que sua garganta queimava como se abrigasse um fogo de querosene.

Talvez o homem estivesse morrendo na saleta de entrada, tendo convulsões nesse exato segundo, ou um ataque do coração. Ele estava numa péssima forma. Portanto, seria uma boa ideia ir até lá para observá-lo, para o caso de ser preciso uma massagem cardíaca antes da chegada das autoridades. Marty não se importava se o sujeito morresse — *queria* que ele morresse —, mas não antes de um bocado de perguntas serem respondidas para que esses acontecimentos recentes fizessem pelo menos *algum* sentido.

No entanto, antes de fazer qualquer coisa, tinha que tomar uma bebida para acalmar a garganta. Nesse momento, cada gole era uma tortura. Quando os tiras chegassem, ele tinha que estar preparado para falar um bocado.

A água da bica não pareceu fria o bastante para realizar a mágica, então ele abriu a geladeira, que podia jurar que estava muito mais vazia do que no início do dia, e pegou uma caixa de leite. Não, a ideia do leite o fez sentir ânsias de vômito. O leite lembrava sangue, porque era um líquido do corpo, o que era ridículo, claro; mas os acontecimentos da última hora eram irracionais, assim deduzia-se que algumas de suas reações também fossem irracionais. Ele devolveu a caixa à prateleira, estendeu a mão para o suco de laranja, depois viu as garrafas de Corona e as latas de Coors. Nada jamais pareceu tão desejável quanto aquelas cervejas geladas. Pegou uma das latas porque continham um terço a mais de líquido do que uma garrafa de Corona.

O primeiro longo trago aumentou o incêndio em sua garganta em vez de debelá-lo. O segundo doeu um pouco menos que o primeiro, o terceiro menos que o segundo e, depois disso, cada trago era tão calmante quanto mel medicamentoso.

Com a pistola em uma das mãos e a lata de Coors semivazia na outra, tremendo mais pela lembrança do que tinha acontecido e pela perspectiva do que viria do que por causa da cerveja gelada, ele voltou para a saleta de entrada.

O Outro desaparecera.

Marty ficou tão assustado que deixou a Coors cair. A lata rolou atrás dele, despejando cerveja espumante no chão de madeira da sala de estar. Embora a lata tivesse se soltado de sua mão com muita facilidade, só alçapremas hidráulicas poderiam forçá-lo a soltar a arma.

Balaústres partidos, uma parte do corrimão e lascas espalhadas pelo chão. Várias lajotas mexicanas tinham sido partidas e lascadas pelo impacto do

carvalho duro e da Smith & Wesson. Nenhum corpo.

No momento em que o sósia entrou no gabinete de Marty, o dia se transformara em pesadelo sem o pré-requisito do sono. Acontecimentos romperam as correntes da realidade, e sua própria casa transformara-se em sombria paisagem de sonho. Tão surrealista como fora o confronto, ele não duvidara a sério de sua realidade enquanto ela se desenrolava. E tampouco duvidava agora. Ele não havia atirado numa imaginação da mente, não fora estrangulado por uma ficção, nem mergulhara sozinho no corrimão da galeria. Deitado incapacitado na saleta de entrada, O Outro era tão real quanto a balaustrada partida que ainda estava espalhada nas lajotas.

Alarmado com a possibilidade de Paige e as meninas terem sido atacadas na rua antes de chegar na casa dos Delorios, Marty virou-se para a porta da frente. Trancada. Por dentro. A corrente de segurança estava no lugar. O louco não saíra de casa por essa rota.

Não saíra, em absoluto. Como poderia, em seu estado? Sem pânico. Fique calmo. Pense direito.

Marty seria capaz de apostar um ano de sua vida que os catastróficos ferimentos do Outro eram verdadeiros, não fingimento. As costas do sacana *estavam* quebradas. Sua incapacidade de mover qualquer coisa, menos a cabeça e os dedos de uma das mãos, significava que talvez ele tivesse quebrado a espinha quando fez a dança da gravidade com o chão.

Então, onde estava ele?

Não no andar de cima. Mesmo que sua espinha não estivesse quebrada, mesmo que ele tivesse escapado da tetraplegia, não poderia ter arrastado seu corpo machucado para o segundo andar durante o curto tempo em que Marty ficou na cozinha.

Oposta à entrada da sala de estar, uma pequena sala de estudo abria-se para o gabinete. A luz cinza-parda do crepúsculo lavado pela chuva infiltrava-se entre as ripas da persiana sem nada iluminar. Marty passou pelo vão da porta, acendeu as luzes. A sala de estudo estava deserta. Ele abriu a porta espelhada do armário, mas O Outro tampouco estava escondido lá.

Saleta de entrada. Nada. Quarto de banho. Nada. O armário fundo debaixo da escada. Lavanderia. Sala da família. Nada, nada, nada.

Marty fez uma busca frenética, temerária, sem se preocupar com a segurança. Esperava descobrir seu suposto assassino nas proximidades e essencialmente desamparado, talvez até morto, depois que essa frágil tentativa de fuga tivesse exaurido seus últimos recursos.

Em vez disso, encontrou na cozinha a porta dos fundos aberta para o pátio. Uma lufada de vento frio entrou, chocalhando as portas do guarda-louças. No cabide junto à entrada da garagem, a capa de chuva de Paige elevou-se com falsa vida.

Enquanto Marty retornara à saleta de entrada através da sala de jantar e da sala de estar, O Outro se dirigira para a cozinha por uma outra rota. Ele devia ter percorrido o pequeno corredor que levava da saleta de entrada, passando pela sala de banho e lavanderia, e cruzava uma das extremidades da sala da família. Não podia ter rastejado essa distância com muita rapidez. Ele estava de pé, talvez inseguro, mas mesmo assim estava de pé.

Não. Não era possível. Está bem, talvez o sujeito não estivesse com a espinha rompida. Talvez nem mesmo com uma fratura na coluna. Mas suas costas *tinham* de estar quebradas. Ele não podia simplesmente levantar-se de um salto e sair dando cambalhotas.

Mais uma vez, o pesadelo em estado de alerta substituiu a realidade. Era hora de caçar à espreita — e ser espreitado — alguma coisa que gozava dos poderes regenerativos de um monstro num sonho, alguma coisa que disse estar chegando à procura de uma vida e que parecia bastante equipado para ficar com ela.

Marty passou pela porta aberta, saindo no pátio.

O medo renovado alçou-o a um estado de consciência mais elevado, no qual as cores eram mais intensas, os odores mais penetrantes, os sons mais claros e mais refinados do que antes. O sentimento era semelhante às inexplicáveis sensações fortes experimentadas em certos sonhos de infância e adolescência — sobretudo naqueles em que o sonhador voa leve pelos céus, como um pássaro, ou vivencia a comunhão sexual com uma mulher de uma forma tão extraordinária que, mais tarde, não consegue lembrar-se de seu rosto nem de seu corpo, apenas do esplendor essencial da beleza perfeita. Esses sonhos especiais não pareciam ser fantasias, mas sim vislumbres de uma realidade maior e mais detalhada, muito além da realidade do mundo em estado de alerta. Ao passar pela porta da cozinha, saindo da casa aquecida para o reino frio da natureza, Marty foi estranhamente lembrado da nitidez arrebatadora dessas visões há muito esquecidas, pois agora ele experimentava sensações igualmente agudas, atento para cada nuance do que via-ouvia-cheirava-tocava.

Do denso colmo da buganvília acima, grandes quantidades de gotas e chuviscos chapinhavam nas poças negras como petróleo à luz efêmera. Sobre essa escuridão líquida flutuavam fluorescências vermelhas em desenhos que, embora ao acaso, pareciam misteriosos de forma consciente, tão portentosos e cheios de significado como a antiga caligrafia de algum místico chinês morto muito tempo antes.

Em torno do perímetro do pátio dos fundos — pequeno e murado, como na maioria dos bairros do sul da Califórnia —, loureiros indianos e eugênicas aglomeradas tremiam tristes no vento frio. Próximo ao canto noroeste, os galhos longos e delicados de um par de eucaliptos âmbares açoitavam o ar, deixando cair folhas oblongas tão prateadas quanto asas de libélulas. Nas sombras lançadas

pela árvores — e atrás de vários arbustos maiores — havia lugares em que uma pessoa podia esconder-se.

Marty não tinha a menor intenção de fazer uma busca ali. Se sua caça havia se arrastado para fora de casa para esconder-se num ninho frio e molhado de jasmim e agapanto, enfraquecido pela perda de sangue — que era o caso mais provável —, encontrá-lo não era urgente. Era mais importante ter certeza de que nesse momento O Outro não estava escapando sem ser perseguido.

Longamente adaptados às condições secas e acostumados com a água fornecida pelo sistema de irrigadores, coros de sapos cantavam nos ninhos escondidos, vozes estridentes que, em geral, eram encantadoras, mas agora pareciam lúgubres e ameaçadoras. Mais alto que sua ária erguia-se o queixume de sirenes distantes, mas que se aproximavam.

Se o intruso estava tentando escapar antes da chegada da polícia, eram poucas as possíveis rotas de fuga. Ele podia ter escalado um dos muros da propriedade, coisa que parecia improvável porque, apesar de sua recuperação milagrosa, ele simplesmente não tivera tempo suficiente para atravessar o gramado, avançar entre os arbustos e pular para um dos pátios vizinhos.

Marty virou para a direita e saiu correndo do pátio com a coberta encharcada. Molhado até os ossos em meia dúzia de passos, ele seguiu pela calçada ao longo da casa, depois correu pelos fundos da garagem contígua.

O aguaceiro atraía lesmas para fora de abrigos úmidos e cheios de sombras, onde em geral permaneciam até muito depois do cair da noite. Seus corpos pálidos e gelatinosos estavam esticados para fora das conchas, com as antenas grossas sondando à frente. Sem poder evitar, ele pisou em algumas, esmagando-as numa pasta, e em sua mente brilhou a ideia supersticiosa de que uma entidade cósmica iria, a qualquer segundo, esmagá-lo debaixo dos pés com o mesmo descuido.

Quando virou no canto que dava para a calçada de serviço, flanqueada por uma parede da garagem e uma cerca de eugênia, esperava ver o sócia coxeando em direção à frente da propriedade. A calçada estava deserta. O portão da frente estava entreaberto.

No momento em que Marty correu a toda velocidade para a estradinha de carro na frente da casa, as sirenes soavam muito mais altos. Ele chapinhou na sarjeta com dez ou quinze centímetros de água que fluía rápido, tão fria quanto o Estige, saiu na rua, olhou para a direita e para a esquerda, mas ainda não era possível avistar nenhum carro de polícia.

O Outro não podia ser visto em parte alguma. Marty estava sozinho na rua.

No próximo quarteirão ao sul, um carro se afastava em disparada longe demais para que ele pudesse reconhecer a marca e o modelo. Apesar de o carro estar andando depressa demais para as condições do tempo, ele duvidou que

estivesse sendo guiado pelo sócia. Marty ainda estava sob muita pressão para acreditar que o ferido tinha conseguido andar, muito menos chegar a seu carro e partir com tanta velocidade. Com certeza, iriam encontrar o filho da puta nas proximidades, caído no matagal, inconsciente ou morto. O carro fez a volta na esquina rápido demais, o guincho fino do protesto dos pneus pôde ser ouvido acima do plinque-ploque e do sussurro da chuva. Depois desapareceu.

Ao norte, o grito de morte das sirenes ficou de repente muito mais alto, e Marty girou para ver um sedã preto e branco da polícia manobrar na esquina com tanta velocidade quanto o outro carro tinha entrado na esquina ao sul. As luzes giratórias de emergência vermelha e azul lançavam dardos brilhantes através da chuva cinzenta e do pavimento. A sirene foi desligada quando o sedã parou a seis metros de Marty, no centro da rua, com uma chamativa encenação do dublê de motorista que pareceu excessiva mesmo naquelas circunstâncias.

A sirene de uma radiopatrulha de reserva soou ao longe quando foram abertas as portas da frente do primeiro preto e branco. Dois oficiais uniformizados saíram do carro, permanecendo abaixados, protegendo-se atrás das portas e gritando:

— Deixe cair! Agora! Deixe cair agora ou morra, seu merda! *Agora!*

Marty percebeu que ainda segurava a pistola 9mm. Os tiros só, sabiam o que Paige tinha contado quando ligou para o 911, que um homem fora alvejado, portanto imaginaram que ele era o criminoso. Se não fizesse exatamente o que pediam, e rápido, atirariam nele e teriam como se justificar.

Marty deixou a arma cair de sua mão.

Ela caiu com estrépito no pavimento.

Os tiros ordenaram que ele chutasse a arma para longe. Ele obedeceu.

Quando eles saíram de trás das portas um dos tiros gritou:

— No chão, rosto para baixo, mãos nas costas!

Marty sabia muito bem que não devia tentar fazê-los entender que ele era a vítima e não o criminoso. Eles queriam obediência primeiro, explicações depois, e se suas posições estivessem invertidas, Marty esperaria o mesmo deles.

Ele deixou-se cair sobre joelhos e mãos, depois deitou no meio da rua. Mesmo de camisa, o pavimento estava tão frio que o deixou sem respiração.

A casa de Vic e Kathy Delorio ficava bem do outro lado da rua onde ele estava deitado, e Marty esperava que Charlotte e Emily estivessem sendo mantidas afastadas das janelas. Não deviam ver seu pai deitado no chão sob a mira das armas dos policiais. Elas já estavam assustadas. Ele se lembrou de seus olhos arregalados, quando irrompera na cozinha com a arma na mão, e não queria que ficassem mais assustadas.

O frio congelava seus ossos.

De repente, a segunda sirene soou ainda mais alta, de um segundo a outro. Marty imaginou que a radiopatrulha houvesse virado na esquina ao sul,

aproximando-se dessa extremidade da quadra. O silvo penetrante era tão frio quanto um pingente de gelo furando o ouvido.

Com um lado do rosto no pavimento, piscando para afastar a chuva dos olhos, ele observou a aproximação dos tiras, que continuavam com as armas nas mãos. Quando pisaram numa poça rasa, os borrifos pareceram gigantescos da perspectiva de Marty.

Quando o alcançaram, Marty disse:

— Está bem. Eu moro aqui. Essa é minha casa. — Sua fala, já rouca, saiu ainda mais distorcida pelos tremores que o possuíam. Marty ficou preocupado em parecer bêbado ou demente. — É a minha casa.

— Trate de ficar deitado — disse um deles em tom ríspido. — Mantenha as mãos nas costas e fique deitado.

O outro perguntou:

— Tem alguma identidade?

Ele tremia tanto que os dentes batiam:

— Sim, claro, na minha carteira.

Sem correr nenhum risco, eles o algemaram antes de pescar a carteira no bolso. As algemas de aço ainda estavam quentes do aquecimento do carro.

Marty sentia-se como se fosse um personagem de um de seus romances. Decididamente, *não* era uma boa sensação.

A segunda sirene morreu. Portas de carro foram batidas. Ele ouviu a estática e as vozes sumidas dos rádios na faixa policial.

— Você tem aqui alguma identidade com foto? — perguntou o tira que tirara sua carteira.

Marty revirou o olho esquerdo, tentando ver alguma coisa do homem acima do nível do joelho.

— Sim, claro, numa dessas divisões de plástico, a carteira de motorista.

Em seus romances, quando personagens inocentes eram suspeitos de algum crime que não haviam cometido, muitas vezes ficavam preocupados e com medo. Entretanto, Marty nunca escrevera sobre a *humilhação* desse tipo de experiência. Deitado no pavimento frio, de bruços diante de oficiais da polícia, ele estava mortificado como nunca antes estivera, apesar de não ter feito nada errado. A própria situação — estar em posição de extrema submissão enquanto era visto com profunda desconfiança por figuras de autoridade — parecia disparar alguma culpa inata, um senso congênito de culpabilidade, numa monstruosa transgressão que não podia ser identificada, sentimentos de vergonha por ser descoberto, embora ele *soubesse* que não havia nada de que pudesse ser acusado.

— Quanto tempo tem essa foto em sua carteira? — perguntou o tira.

— Hum, não sei, dois, três anos.

— Não parece muito com você.

— Você sabe como são essas fotos — disse Marty, desanimado por ouvir mais súplica que raiva em sua voz.

— Deixem ele levantar, está tudo bem, é meu marido, é Marty Stillwater — gritou Paige, correndo da casa dos Delorio na direção deles.

Marty não podia vê-la, mas a voz dela alegrou-o, restaurando um senso de realidade naquele momento de pesadelo.

Ele disse para si mesmo que tudo ficaria bem. Os tiras reconheceriam seu erro, o levantariam, revistariam o mato em volta da casa e os pátios vizinhos, encontrariam logo o sócia e teriam urna explicação para todas as esquisitices da última hora.

— Ele é meu marido — repetiu Paige, bem mais perto agora, e Marty pôde ver os tiras olhando enquanto ela se aproximava.

Ele fora abençoado com uma mulher atraente, que valia a pena ver mesmo quando ensopada de chuva e perturbada; não era apenas atraente, mas também inteligente, charmosa, divertida, adorável, singular. Suas filhas eram geniais. Ele tinha uma próspera carreira como romancista e gostava muito de seu trabalho. Nada iria mudar isso. Nada.

No entanto, mesmo enquanto os tiras retiravam as algemas e o ajudavam a erguer-se, mesmo enquanto Paige o abraçava e ele a ela, com gratidão, Marty tinha a consciência aguda e desconfortável de que o crepúsculo estava dando lugar ao cair da noite. Ele olhou por sobre o ombro dela, buscando inúmeros lugares escuros da rua, perguntando-se de que ninho de escuridão viria o próximo ataque. A chuva parecia tão fria que devia ser granizo, as luzes de emergência feriam seus olhos, sua garganta queimava como se ele tivesse feito gargarejo com ácido, o corpo doía em vários lugares por causa das pancadas que havia levado, e o instinto lhe dizia que o pior ainda estava por vir.

Não.

Não, não era seu instinto falando. Era apenas sua imaginação superativa trabalhando. A maldição da imaginação de escritor. Sempre procurando a próxima virada na trama.

A vida não era como a ficção. As histórias reais não tinham segundo e terceiro ato, estruturas esmeradas, ritmo de narrativa, desfecho em escalada. As coisas malucas apenas aconteciam, sem a lógica da ficção, e então a vida prosseguia como sempre.

Todos os policiais observavam Marty abraçar Paige.

Ele pensou ter visto hostilidade em seus rostos.

Outra sirene soou ao longe.

Ele estava tão frio.

TRÊS

I.

A noite de Oklahoma deixava Drew Oslett inquieto. Quilômetro após quilômetro, em ambos os lados da autoestrada interestadual, com raras exceções, a escuridão era tão profunda e inexorável que ele parecia estar atravessando uma ponte sobre um abismo muito amplo e sem fundo. Milhares de estrelas salpicavam o céu, sugerindo uma imensidão que ele preferia não considerar.

Ele era uma criatura da cidade, com a alma sintonizada com o alvoroço urbano. Largas avenidas flanqueadas por prédios altos eram os mais largos espaços abertos nos quais se sentia bastante confortável. Tinha vivido em Nova York durante muitos anos, mas jamais visitara o Central Park; aqueles campos e vales estavam cercados pela cidade; no entanto, Oslett achava-os grandes e bucólicos demais a ponto de deixá-lo irritado. Só estava em seu elemento no abrigo das florestas de arranha-céus, onde as calçadas fervilhavam de gente e as ruas viviam congestionadas de tráfego barulhento. Em seu apartamento na Manhattan central, ele dormia sem cortinas nas janelas, de modo que a luz ambiente da metrópole inundasse o quarto. Quando acordava à noite, era confortado por sirenes periódicas, buzinas estridentes, gritos de bêbados, tampas de bueiros chocalhadas por carros e outros barulhos mais exóticos que se erguiam nas ruas mesmo durante as horas mortas, embora num volume menor que o glorioso estrondo e estrépito das manhãs, tardes e noites. A contínua dissonância e infinitas distrações da cidade eram a seda de seu casulo, protegendo-o, dando-lhe a certeza de que ele jamais se encontraria nas tranquilas circunstâncias que encorajavam a contemplação e a introspecção.

A escuridão e o silêncio não ofereciam nenhuma distração e, portanto, eram inimigos do contentamento. A Oklahoma rural tinha muita quantidade de ambos.

Um pouco inclinado no assento do carona do Chevrolet alugado, Drew Oslett desviou a atenção da paisagem irritante para o moderno mapa eletrônico que carregava no colo.

O instrumento era do tamanho de uma pasta de documentos, embora quadrada e não retangular, e operava com a bateria do carro através do acendedor de cigarro. O tampo chato parecia a frente de uma televisão: uma tela com uma moldura estreita de aço escovado e uma fileira de botões de controle. No fundo de suave luminosidade verde-lima, as autoestradas interestaduais eram indicadas em verde-esmeralda, as vias estaduais em amarelo e as estradas de condado em azul; os caminhos secundários não pavimentados, de terra e cascalho, eram representados por linhas negras interrompidas. Centros populacionais — poucos preciosos nessa parte do mundo — eram cor-de-rosa.

O veículo deles era um ponto de luz vermelha próximo ao centro da tela.

O ponto movia-se sem parar ao longo da linha verde-esmeralda, que era a Interestadual 40.

— Agora temos cerca de seis quilômetros pela frente — disse Oslett.

Karl Clocker, o motorista, não respondeu. Mesmo no melhor dos dias, Clocker não era um grande Conversador. A média das pedras era mais loquaz.

A tela quadrada do mapa eletrônico estava ajustada para uma escala de média distância, mostrando 160 quilômetros quadrados de território numa rede de 16km X 16km. Oslett tocou um dos botões e o mapa piscou, sendo substituído quase de imediato por um bloco de 40 quilômetros quadrados, oito quilômetros num lado, que ampliou um quadrante do primeiro quadro para encher a tela.

O ponto vermelho que representava seu carro era agora quatro vezes maior que antes. Já não estava mais no centro do quadro, mas do lado direito.

Próximo à extremidade esquerda da tela, a menos de seis quilômetros de distância, um X branco intermitente permaneceu estacionário em apenas uma fração de centímetro à direita da Interestadual 40. O X assinalava a presa.

Oslett gostava de trabalhar com o mapa, porque a tela era tão colorida, parecia a tela de um videogame bem desenhado. Ele gostava um bocado de videogames. Na verdade, embora já estivesse com 32 anos, alguns de seus lugares favoritos eram as galerias onde esquadrões de máquinas frias hipnotizavam o olho com luzes estroboscópicas de todas as cores e namoravam os ouvidos com incessantes bipes, tuites, bizzes, hutes, upes, uau-uau, clangues, buns e rifes de música e notas eletrônicas oscilantes.

Infelizmente, o mapa nada tinha da ação de um videogame. E carecia por completo de efeitos sonoros.

Contudo, o aparelho o excitava porque nem todo o mundo podia pôr as mãos no engenho — que era chamado de Unidade de Rastreamento Assistida por Satélite, URAS. Não era vendido ao público, em parte porque o custo era tão exorbitante que os potenciais compradores eram bem poucos para justificar sua comercialização. Além disso, parte da tecnologia estava obstruída por estrita proibição de segurança nacional contra a disseminação. E como o mapa era sobretudo uma ferramenta para rastreamento clandestino e vigilância, a maioria do número relativamente pequeno de unidades existentes era em geral usada por forças de aplicação da lei controladas pelo governo federal e órgãos de coleta de informações, ou estavam em mãos de organizações semelhantes em países aliados dos Estados Unidos da América.

— Cinco quilômetros — disse ele a Clocker.

O motorista alto e tosco nem sequer grunhiu à guisa de resposta.

Cabos saíam do URAS e terminavam num copo de sucção de 7,5 cm de diâmetro, que Oslett fixara na parte mais alta do para-brisa curvo. Um local com peças eletrônicas em microminiatura na base do copo era o transmissor e receptor do conjunto ligado ao satélite. Por meio de emissões de microondas

codificadas, o URAS podia ligar-se rápido com satélites geossíncronicos de comunicação e vigilância, da indústria privada e de vários serviços militares, dominar seus sistemas de vigilância, inserir seu programa em suas unidades lógicas e incluí-las em operações, sem perturbar suas funções primárias ou alertar os monitores terrestres sobre a invasão.

Usando dois satélites para procurar — e travar — o sinal único de um transportador particular, o URAS podia triangular uma posição precisa para o veículo transportador. Em geral, o transmissor-alvo era um inocente pacote colocado na subestrutura do carro do objeto de vigilância — às vezes em seu avião ou barco —, de modo que ele pudesse ser seguido à distância, sem jamais tomar conhecimento de que alguém o seguia.

Nesse caso, tratava-se de um transportador escondido na sola de borracha de um sapato.

Oslett usava os controles do URAS para dividir a área representada na tela, obtendo assim uma dramática ampliação dos detalhes do mapa. Examinando o novo mas igualmente colorido mostrador, ele disse:

— Ele ainda não se mexeu. Parece que encostou no acostamento para um descanso.

Os microchips do URAS continham mapas detalhados de cada quilômetro quadrado dos Estados Unidos, Canadá e México. Se Oslett estivesse operando na Europa, no Oriente Médio ou em outra parte, poderia instalar a biblioteca cartográfica adequada a esse território.

— Três quilômetros — disse Oslett.

Dirigindo com uma das mãos, Clocker enfiou a outra dentro do casaco esporte e tirou o revólver que carregava no coldre de ombro. Era um Colt Magnum .357, uma excêntrica escolha de arma — e um tanto quanto antiquada — para um homem que operava no ramo de trabalho de Karl Clocker. Também preferia duas jaquetas de *tweed* com botões cobertos de couro, remendos de couro nos cotovelos e, em certas ocasiões como agora, lapelas de couro. Tinha uma excêntrica coleção de suéteres com padrão arlequim, um dos quais usava naquele momento. Suas meias de cores vivas eram em geral escolhidas, de modo a não combinar com o resto das roupas e, sem falhar, ele usava Hush Puppies de camurça marrom. Considerando-se seu tamanho e comportamento, era improvável que alguém fizesse um comentário negativo sobre seu gosto para roupas, muito menos observações não pedidas sobre sua escolha de armamento.

— Não vai ser preciso um poder de fogo pesado — disse Oslett.

Sem dizer nenhuma palavra para Oslett, Clocker colocou o Magnum .357 no assento a seu lado, perto do chapéu, onde poderia pegá-lo com facilidade.

— Estou com o revólver comum — disse Oslett. — Deve bastar.

Clocker nem olhou para ele.

2.

Antes de Marty concordar em sair da tempestade para contar às autoridades o que havia acontecido, ele insistiu que um oficial uniformizado ficasse vigiando Charlotte e Emily na casa dos Delorio. Ele confiava que Vic e Kathy fariam tudo que fosse preciso para proteger as meninas. Mas não seriam páreo para a cruel implacabilidade do Outro.

Ele não era otimista a ponto de achar que um guarda bem armado fosse proteção suficiente.

A chuva jorrava na saliência do pórtico frontal dos Delorio. Parecia lantejoulas de festa brilhando no metal do lampião. De pé sob o pórtico, protegendo-se da chuva, Marty tentou fazer Vic compreender que as meninas ainda corriam perigo.

— Não deixe ninguém entrar, exceto os tiras e Paige.

— Claro, Marty — Vic era professor de educação física, treinador da equipe de natação da escola secundária local. Líder de tropa dos escoteiros, um dos principais motivadores do programa de Guarda da Vizinha e organizador de várias atividades para levantamento de fundos para caridade, um sujeito sério e ativo que gostava de ajudar as pessoas e que usava sapatos esportivos mesmo em ocasiões em que vestia terno e gravata, como se um calçado mais formal não o permitisse mover-se tão rápido e realizar tanto quanto desejava. — Ninguém a não ser os tiras e Paige. Pode deixar, as crianças vão ficar bem comigo e Kathy. Por Deus, Marty, o que aconteceu lá?

— E pelo amor de Deus, não dê as crianças para ninguém, nem mesmo para os tiras, a menos que Paige esteja com elas. Tampouco dê as crianças para mim, a menos que Paige esteja comigo.

Vic Delorio desviou o olhar da atividade dos policiais e piscou os olhos, surpreso.

Em sua memória Marty pôde ouvir a voz furiosa do sócia, ver os pontos de saliva voando de sua boca enquanto ele dizia com raiva: *Quero minha vida, minha Paige... minha Charlotte, minha Emily...*

— Você entendeu, Vic?

— Nem para você.

— Só se Paige estiver comigo. Só então.

— O que...

— Eu explico mais tarde — interrompeu Marty. — Estão todos esperando por mim. — Ele girou e apressou-se pelo passeio da frente em direção à rua, olhando para trás apenas uma vez para dizer: — Só Paige.

— ... *minha Paige... minha Charlotte, minha Emily...*

Em casa, na cozinha, enquanto relatava o assalto ao oficial que atendera a chamada e fora o primeiro a chegar ao cenário, Marty permitiu que um técnico da polícia pusesse tinta em seus dedos e os rolasse numa folha de registro. Eles

precisavam poder diferenciar suas impressões e as do intruso. Marty perguntava-se se ele e O Outro acabariam sendo idênticos nesse aspecto como pareciam ser em todos os outros.

Paige também se submeteu ao processo. Era a primeira vez em suas vidas que lhes tomavam as impressões digitais. Embora Marty compreendesse a necessidade disso, todo o processo parecia uma invasão.

Depois de obter o que pediu, o perito umedeceu uma toalha de papel com um detergente e disse que assim toda a tinta seria removida. Mas não removeu. Não importava a força com que Marty esfregasse, manchas escuras permaneciam nas linhas da pele.

Antes de sentar-se para fazer uma declaração mais completa ao oficial encarregado, Marty foi ao andar de cima para vestir roupas secas. Também tomou quatro pilulas de Anacin.

Ele aumentou o termostato e a casa aqueceu-se de imediato. No entanto, tremores periódicos ainda o sacudiam — em grande parte por causa da presença enervante de tantos oficiais de polícia.

Eles estavam em todos os cantos da casa. Alguns de uniforme, outros não, mas todos estranhos cuja presença fazia Marty sentir-se mais violentado.

Ele não havia previsto como uma vítima era despojada de sua privacidade a partir do momento em que notificava um crime sério. Policiais e peritos estavam em seu gabinete para fotografar o aposento onde teve início a violenta confrontação. Retiraram um par de balas da parede, polvilharam pó à procura de impressões digitais e tiraram amostras de sangue do tapete. Também fotografavam o corredor do andar de cima e a saleta de entrada. Em sua busca de provas que o intruso pudesse ter deixado para trás, eles supunham ter um convite para bisbilhotar em qualquer aposento ou armário.

Claro que estavam na casa para ajudar, e Marty sentia-se grato por seu esforço. No entanto, era embaraçoso pensar que estranhos podiam estar notando a maneira obsessiva como ele organizava as roupas no armário segundo a cor — ele e Emily —, o fato de colecionar centavos e níqueis num jarro de meio galão, como um garoto que economizava para a primeira bicicleta, e outros detalhes sem importância porém muito pessoais de sua vida.

E ele estava mais perturbado com o detetive encarregado à paisana do que com todo o resto junto. O nome do sujeito era Cyrus Lowbock, e ele extraía respostas complexas que iam além do mero embaraço.

O detetive podia ganhar um bom dinheiro como modelo, posando para anúncios de revista de Rolls Royce, *smoking*, caviar e serviços de corretagem de ações. Tinha mais ou menos cinquenta anos, estava em boa forma, com cabelos grisalhos, bronzado mesmo em novembro, um nariz aquilino, ossos malares finos e extraordinários olhos cinzentos. De mocassins negros, calças de tecido canelado cor cinza, suéter de tricô azul-escuro e camisa branca — ele havia

tirado um blusão de lã —, Lowbock conseguia parecer mais distinto e atlético, embora os esportes que poderiam ser associados a ele não fossem o futebol e o beisebol, mas sim o tênis, o iatismo, a corrida de barcos e outras ocupações da classe alta. Ele se parecia menos com qualquer imagem popular do tira do que com um homem que nascera para a riqueza e sabia como administrá-la e preservá-la.

Lowbock estava sentado na mesa da sala de jantar, no lado oposto a Marty, ouvindo com atenção seu relato do assalto, fazendo perguntas para esclarecer detalhes e tomando notas num caderno em espiral com uma cara caneta Montblanc preta e dourada. Paige estava sentada ao lado de Marty, dando apoio emocional. Eram as únicas três pessoas na sala, embora policiais uniformizados os interrompessem periodicamente para consultar Lowbock. Por duas vezes o detetive desculpou-se para examinar provas que haviam sido julgadas relevantes para o caso.

Bebendo Pepsi numa caneca de cerâmica, aliviando a garganta enquanto relatava a luta de vida e morte com o invasor, Marty também sentia ressurgir a culpa inexplicável que o assaltara pela primeira vez quando estava deitado na rua molhada com as mãos algemadas. O sentimento era tão irracional quanto antes, considerando-se que o maior crime do qual podia ser acusado, de maneira justificada, era o desprezo rotineiro pelos limites de velocidade de certas estradas. Mas, dessa vez, ele compreendia que parte de sua intranquilidade resultava da percepção de que o tenente Cyrus Lowbock encarava-o com calada suspeita.

Lowbock era educado, mas não falava muito. Seus silêncios eram vagamente acusadores. Quando não estava tomando notas, seus olhos cor de cinza-zinco focavam-se diretos e desafiadores em Marty.

Não estava claro o motivo pelo qual o detetive devia desconfiar de que ele não dizia toda a verdade. Entretanto, Marty supôs que, após anos de trabalho na polícia lidando com os piores elementos da sociedade, dia após dia, era compreensível que o indivíduo se voltasse para o cinismo. Apesar do que prometia a Constituição americana, era provável que um tira de longa data se sentisse justificado na convicção de que todos os homens — e mulheres — eram culpados até provar sua inocência.

Marty concluiu sua história e tomou um outro longo gole do refrigerante. Os líquidos frios já haviam feito tudo que podiam por sua garganta ferida; agora o maior desconforto estava no tecido de seu pescoço, onde as mãos do estrangulador tinham deixado a pele avermelhada e onde certamente apareceriam grandes hematomas na manhã seguinte. Embora os quatro comprimidos de Anacin comesçassem a surtir efeito, uma dor parecida com uma chicotada fazia-o estremecer quando ele virava a cabeça alguns graus para qualquer direção, por isso Marty adotou uma postura e movimento que

mantinham seu pescoço rígido.

Durante o que pareceu ser uma excessiva extensão de tempo, Lowbock folheou suas notas, revendo-as em silêncio, batendo com a caneta Montblanc nas páginas.

Os esguichos e batidas da chuva ainda animavam a noite, embora a tempestade já tivesse diminuído um pouco.

De vez em quando, as tábuas do assoalho do andar de cima rangiam com o peso dos policiais que ainda estavam na missão.

Por baixo da mesa, a mão direita de Paige procurou a esquerda de Marty, que apertou a dela como se quisesse dizer que estava tudo bem agora.

Mas nada estava bem. Nada havia sido explicado ou resolvido. Pelo que Marty sabia, os problemas deles estavam apenas começando.

... *minha Paige... minha Charlotte, minha Emily...*

No final, Lowbock olhou para Marty. Usando um tom de voz insípido, que era condenatório justamente por causa de sua total *falta* de inflexão interpretável, o detetive disse:

— Que história.

— Sei que parece maluquice — Marty reprimiu a urgência de assegurar a Lowbock que não havia exagerado o grau de semelhança entre ele e o sócia ou qualquer outro aspecto de seu relato. Ele falara a verdade. Não era obrigado a pedir desculpas pelo fato de a verdade, nesse exemplo, ser tão surpreendente quanto qualquer fantasia.

— E você disse que não tem um irmão gêmeo? — perguntou Lowbock

— Não, senhor.

— Nenhum tipo de irmão?

— Sou filho único.

— Meio-irmão?

— Meus pais estavam casados quando tinham dezoito anos de idade. Nenhum deles jamais foi casado com nenhuma outra pessoa. Eu lhe garanto, tenente, que não há uma explicação fácil para esse sujeito.

— Bem, claro, não seria preciso nenhum outro casamento para você ter um meio-irmão... ou um irmão completo, no que diz respeito a esse assunto — disse Lowbock, olhando tão dentro dos olhos de Marty, que desviar o olhar teria sido uma admissão de alguma coisa.

Enquanto Marty digerira a afirmação do detetive, Paige apertou-lhe a mão por baixo da mesa, uma advertência para não deixar Lowbock confundi-lo. Ele tentou dizer para si mesmo que o detetive apenas afirmava um fato, coisa que realmente fazia, mas teria sido decente olhar para o caderno de notas ou para a janela ao fazer esse tipo de dedução.

Replicando quase que com a mesma rigidez com que mantinha a cabeça, Marty disse:

— Deixe-me ver... então, acho que tenho três escolhas. Ou meu pai transou com minha mãe antes de casar, e eles entregaram esse irmão completo, esse irmão *bastardo*, para adoção. Ou, depois que meus pais se casaram, meu pai saiu por aí trepando com alguma outra mulher, e ela deu à luz meu meio-irmão. Ou minha mãe engravidou de um outro sujeito, antes ou depois de casar com meu pai, e essa gravidez é um profundo e obscuro segredo de família.

Sustentando o contato de olho, Lowbock disse:

— Sinto muito se o ofendi, Sr. Stillwater.

— Também sinto por você ter feito isso.

— Não está sendo um pouco sensível em relação a isso?

— Estou sendo? — perguntou Marty em tom brusco, apesar de pensar se, de fato, não *estava* tendo uma reação exagerada.

— Alguns casais *têm* um primeiro filho antes de estarem preparados para assumir esse tipo de compromisso, e muitas vezes oferecem a criança para adoção.

— Não meus pais.

— Você tem certeza de que isso é um fato?

— Eu conheço *meus pais*.

— Talvez devesse perguntar a eles.

— Talvez eu pergunte.

— Quando?

— Vou pensar.

Um sorriso, tão leve e breve quanto a sombra passageira de um pássaro em voo, cruzou o rosto de Lowbock.

Marty teve certeza de que viu sarcasmo nesse sorriso. Mas, por sua vida, não conseguia compreender por que o detetive o iria encarar como algo diferente de uma vítima inocente.

Lowbock baixou o olhar para suas anotações, deixando o silêncio crescer durante algum tempo.

Depois disse:

— Se esse sócia não for parente seu, irmão ou meio-irmão, então você tem alguma ideia de como explicar essa semelhança notável?

Marty começou a sacudir a cabeça, mas estremeceu quando a dor dardjou em seu pescoço.

— Não. Não tenho a menor ideia.

Paige disse:

— Quer uma aspirina?

— Tomei alguns Anacin — disse Marty. — Ficarei bem.

Ao tornar a encontrar os olhos de Marty, Lowbock disse:

— Só pensei que você pudesse ter uma teoria.

— Não tenho. Sinto muito.

— Sendo você um escritor e tudo mais...

Marty não entendeu a observação do detetive.

— Como disse?

— Você usa sua imaginação todos os dias, ganha a vida com ela.

— E daí?

— Daí que eu pensei que talvez você pudesse resolver esse pequeno mistério se pusesse a cabeça para funcionar.

— Não sou detetive. Sou bastante inteligente para construir mistérios, mas não os esclareço.

— Na televisão — disse Lowbock —, o escritor de mistérios... aliás, qualquer detetive amador, no que diz respeito a esse assunto... é sempre mais esperto do que os tiras.

— Nem sempre é assim na vida real — disse Marty.

Lowbock deixou passar alguns segundos de silêncio, rabiscando na parte inferior de uma página, antes de replicar:

— Não, não é.

— Eu não confundo fantasia e realidade — disse Marty um pouco rude demais.

— Não pensei que confundisse — assegurou-lhe Cyrus Lowbock, concentrando-se nos rabiscos.

Marty girou a cabeça com cuidado para ver se Paige demonstrava algum sinal de haver notado hostilidade no tom de voz e maneiras do detetive. Ela estava com as sobrancelhas franzidas, olhando pensativamente para Lowbock, o que fez Marty sentir-se melhor; talvez sua reação não fosse exagerada, afinal de contas, e ele não precisava acrescentar paranoia à lista de sintomas que relatara para Paul Guthridge.

Encorajado pela carranca de Paige, Marty encarou Lowbock novamente e perguntou:

— Tenente, tem alguma coisa errada aqui?

Lowbock disse em tom malicioso, levantando as sobrancelhas como se estivesse surpreso com a pergunta:

— Sem dúvida, minha impressão é de que alguma coisa está errada, caso contrário você não nos teria chamado.

Reprimindo-se para não dar a resposta cáustica que Lowbock merecia, Marty disse:

— Quero dizer, estou sentindo hostilidade e não entendo a razão para isso. Qual é a razão?

— Hostilidade? Você sente? — Sem tirar os olhos de seus rabiscos, Lowbock franziu a testa. — Bem, eu não gostaria que a vítima de um crime fosse tão intimidada por nós quanto pelo bandido que a assaltou. Isso não seria um bom trabalho de relações públicas, não é mesmo? — Com isso, ele evitou uma

resposta direta à pergunta de Marty.

Os rabiscos terminaram. Eram uma pistola sendo sacada.

— Sr. Stillwater, a arma com que atirou no intruso... era a mesma que lhe tiraram na rua?

— Ela não foi tirada de mim. Eu a deixei cair de livre e espontânea vontade quando me disseram para soltá-la. E, sim, era a mesma arma.

— Um pistola Smith & Wesson nove milímetros? — Sim.

— Você comprou essa arma num vendedor de armas licenciado?

— Sim, claro. — Marty disse o nome da loja.

— Tem um recibo da loja e provas do exame antes da compra feito pelo órgão apropriado de aplicação da lei?

— O que isso tem a ver com o que aconteceu aqui hoje?

— Rotina — disse Lowbock — Mais tarde, terei que preencher todas as pequenas linhas do relatório do crime. Só rotina.

Marty não estava gostando da maneira como a entrevista parecia, cada vez mais, transformar-se num interrogatório, mas não sabia o que fazer. Frustrado, ele olhou para Paige, esperando a resposta para a indagação de Lowbock, porque era ela quem fazia os registros financeiros de sua contabilidade.

Ela disse:

— Toda a papelada da loja de armas está arquivada junto com todos os nossos cheques cancelados desse ano.

— Nós a compramos talvez há três anos — disse Marty.

— Naquela coisa guardada no ático da garagem — acrescentou Paige.

— Mas você pode ir pegar para mim? — perguntou Lowbock

— Bem... sim, basta escavar um pouco — disse Paige, começando a se levantar da cadeira.

— Oh, não precisa ser neste exato minuto — disse Lowbock — Não é tão urgente assim — e tornou a virar-se para Marty. — E quanto ao Korth 38 no porta-luvas de seu Taurus? Você comprou na mesma loja de armas?

Surpreso, Marty disse:

— O que você foi fazer no Taurus?

Lowbock fingiu surpresa com a surpresa de Marty, mas ela pareceu ter sido calculada com o objetivo de parecer falsa só para espicaçar Marty, imitando-o.

— No Taurus? Estava investigando o caso. Não foi o que nos pediram para fazer? Quero dizer, tem algum lugar, alguma coisa que você preferia que não vejamos? Porque, claro, nós respeitaríamos seus desejos em relação a isso.

O detetive foi tão sutil em seu escárnio e tão vago em suas insinuações que qualquer resposta forte de parte de Marty pareceria ser a reação de um homem com alguma coisa a esconder. Claro, Lowbock pensava que ele *tinha* algo a esconder e estava brincando com ele, tentando provocá-lo para uma

confissão inadvertida.

Marty quase desejava *ter* uma confissão a fazer. Era muito frustrante a maneira como faziam aquele jogo.

— Você comprou o 38 na mesma loja em que adquiriu o Smith & Wesson? — insistiu Lowbock.

— Comprei — Marty sorveu sua Pepsi.

— Tem a papelada disso?

— Tenho, tenho certeza de que temos.

— Você sempre carrega essa arma no carro?

— Não.

— Estava no carro hoje.

Marty tinha consciência de que Paige olhava para ele com um certo grau de surpresa. Ele não poderia explicar seu ataque de pânico agora ou contar para ela sobre a estranha certeza de tragédia iminente que previu e que o levou a tomar precauções extraordinárias. Considerando-se a virada inesperada e nem um pouco benigna que o questionamento havia provocado, isso não era informação que ele queria compartilhar com o detetive, por medo de parecer desequilibrado e ver-se entregue involuntariamente à avaliação psiquiátrica.

Marty tomou um pouco de Pepsi — não para acalmar a garganta, mas para ganhar um pouco de tempo para pensar antes de responder a Lowbock.

— Eu não sabia que estava lá — disse ele no final.

— Você não sabia que a arma estava em seu porta-luvas? — perguntou Lowbock.

— Não.

— Tem consciência de que é ilegal levar uma arma carregada em seu carro?

E que porra vocês estavam fazendo quando foram bisbilhotar em meu carro?

— Como eu disse, não sabia que estava lá, de modo que também não sabia que estava carregada.

— Não foi você que a carregou?

— Bem, é provável que tenha sido eu.

— Você está dizendo que não lembra se carregou a arma nem como ela chegou ao Taurus?

— O que talvez tenha acontecido... na última vez que fui ao estande de tiro, talvez eu tenha carregado a arma para mais uma roda de tiro ao alvo e depois tenha esquecido.

— E trouxe do estande de tiro para casa no porta-luvas.

— É verdade.

— Quando foi a última vez que você foi ao estande de tiro?

— Não sei... três, quatro semanas atrás.

— Quer dizer que esteve andando com uma arma carregada por aí durante um mês?

— Mas eu esqueci que estava dentro do carro.

Uma mentira, dita para evitar uma acusação de delito leve por porte de arma, levou-o a uma série de mentiras. Eram todas falsidades sem importância, mas Marty tinha bastante respeito pelas habilidades de Cyrus Lowbock para saber que ele as percebia como inverdades. Como o detetive já parecia convencido, sem razão, de que a suposta vítima devia ser vista como suspeita, ele imaginaria que cada mentira era mais uma prova de que sombrios segredos estavam sendo escondidos dele.

Jogando a cabeça de leve para trás, com o olhar frio porém acusador, usando sua aparência aristocrática para intimidar, mas mantendo a voz suave e sem inflexão, Lowbock disse:

— Sr. Stillwater, você é sempre tão descuidado com armas?

— Não creio que tenha sido descuidado.

Outra vez, as sobrancelhas levantadas.

— Não?

— Não.

O detetive pegou sua caneta e fez uma anotação enigmática em seu caderno de notas em espiral. Em seguida, começou a rabiscar de novo.

— Diga-me, Sr. Stillwater, tem permissão para carregar uma arma escondida?

— Não, claro que não.

— Entendo.

Marty bebeu a Pepsi.

Por baixo da mesa, Paige procurou de novo sua mão. Marty ficou grato pelo contato.

Os novos rabiscos estavam assumindo forma. Um par de algemas.

Lowbock disse:

— Você é fã de armas, é colecionador?

— Não, não mesmo.

— Mas tem um bocado de armas.

— Não tantas.

Lowbock enumerou-as nos dedos de uma das mãos.

— Bem, a Smith & Wesson, o Korth... o rifle de assalto Colt M16 no armário da saleta de entrada.

Oh, meu bom Deus.

Deixando de encarar as mãos e encontrando os olhos de Marty com o olhar fixo, intenso e frio, Lowbock disse:

— Você sabe que o M16 já estava carregado?

— Eu comprei todas as armas sobretudo para pesquisa, pesquisa para

livro. Não gosto de escrever sobre uma arma sem tê-la usado — era verdade, mas mesmo para Marty soou como um disparate.

— E as mantém carregadas, guardadas em gavetas e armários espalhados por toda a casa?

Não ocorreu a Marty nenhuma resposta segura. Se dissesse que sabia que o rifle estava carregado, Lowbock iria querer saber por que alguém precisa manter uma arma militar em tal estado de prontidão num bairro pacífico e bastante residencial. Com toda certeza, um M16 não era uma arma adequada para defesa domiciliar, exceto talvez quando se vive em Beirute ou na cidade de Kuwait ou na Los Angeles central sul. Por outro lado, se dissesse que não sabia que o rifle estava carregado, haveria mais perguntas ordinárias sobre sua negligência com armas e insinuações descaradas de que ele mentia.

Além disso, o que quer que dissesse podia parecer tolo ou enganoso ao extremo se eles também tivessem encontrado a espingarda Mossberg debaixo da cama no quarto dos donos da casa ou a Beretta que ele escondera num armário da cozinha.

Tentando não perder a calma, Marty disse:

— O que minhas armas têm a ver com o que aconteceu aqui hoje? Tenente, me parece que estamos saindo do caminho.

— É assim que parece? — perguntou Lowbock como se estivesse genuinamente intrigado com a atitude de Marty.

— Sim, é isso que parece — disse Paige em tom brusco, percebendo que estava em melhor condição do que Marty para ser ríspida com o detetive. — Você fala como se Marty fosse a pessoa que tivesse invadido a casa de alguém e tentado matar essa pessoa por estrangulamento.

Marty disse:

— Você tem homens fazendo buscas nas vizinhanças, você emitiu um boletim?

— Um boletim?

Marty ficou irritado com a estupidez intencional do detetive.

— Um boletim para O Outro.

Lowbock disse, franzindo as sobrancelhas:

— Para o quê?

— Para o sócia, o outro *eu*.

— Oh, sim, ele. — Na verdade, isso não foi uma resposta, mas Lowbock continuou com seu caderno de notas antes que Marty ou Paige pudessem insistir numa resposta mais específica. — A Heckler e Koch é uma das outras armas que adquiriu para pesquisa?

— Heckler e Koch?

— AP7. Dispara munição nove milímetros.

— Não tenho uma P7.

— Não tem? Bem, está caída no chão de seu gabinete do andar de cima.

— Era a arma *dele* — disse Marty. — Eu lhe disse que ele tinha uma arma.

— Você sabia que o cano dessa P7 tem rosca para um silenciador?

— A única coisa que eu sabia era que ele tinha uma arma. Não gastei tempo para observar se tinha um silenciador. Não tive o tempo disponível para catalogar todos os seus traços.

— Na verdade, não havia um silenciador na arma, mas ela tem rosca para um. Sr. Stillwater, sabia que é ilegal equipar uma arma de fogo com um silenciador?

— Tenente, a arma não é minha.

Marty começava a se perguntar se devia recusar-se a responder outras perguntas sem a presença de um advogado. Mas isso era uma loucura. Ele não tinha feito coisa alguma. Era inocente. Era a vítima, pelo amor de Deus. A polícia nem estaria lá se ele não dissesse a Paige para chamá-los.

— Uma Heckler e Koch P7 com rosca para um silenciador... trata-se de uma arma muito profissional, Sr. Stillwater. Sicário, assassino de aluguel, como quiser chamá-lo. Como *você* o *chamaria*?

— O que você quer dizer? — perguntou Marty.

— Bem, eu estava pensando, se você estivesse escrevendo sobre esse tipo de gente, um profissional, quais seriam os vários termos que usaria para referir-se a ele?

Marty sentiu uma insinuação velada na pergunta, alguma coisa que se aproximava do centro daquilo que Lowbock estava criando na agenda, mas não sabia ao certo o que era.

Aparentemente Paige também sentiu a mesma coisa:

— Tenente, o que exatamente está tentando dizer?

Mais uma vez, Cyrus afastou-se da confrontação de maneira frustrante. Na verdade, ele baixou o olhar para suas anotações e fingiu que nada mais havia em sua pergunta além da curiosidade casual sobre a escolha de sinônimos de um escritor.

— Em todo caso, você teve muita sorte. Um profissional como esse, um homem que carregava uma P7 com rosca para silenciador, não ter conseguido tirar sua pele...

— Eu o surpreendi.

— É evidente.

— Porque tinha uma arma na gaveta da minha escrivaninha.

— Sempre vale a pena estar preparado — disse Lowbock. Depois, acrescentou rápido: — Mas você teve muita sorte de levar a melhor sobre ele num combate corpo-a-corpo. Um profissional como ele deve ser um bom lutador, talvez até conheça *toe kwon do* ou algo do gênero, como sempre

acontece nos livros e filmes.

— Ele ficou um pouco lento. Dois tiros no peito.

O detetive concordou com um aceno de cabeça:

— Sim, é verdade, estou lembrado. Podia ter derrubado qualquer pessoa comum.

— Ele estava bem vivo — Marty tocou a garganta.

Lowbock mudou de assunto com uma rapidez que tencionava ser desconcertante:

— Sr. Stillwater, esteve bebendo hoje à tarde?

Marty disse, cedendo à raiva:

— Tenente, a coisa não pode ser explicada com essa facilidade.

— Você não esteve bebendo hoje à tarde?

— Não.

— Nem um pouco?

— Não.

— Sr. Stillwater, não quero parecer inclinado a discussões, não quero mesmo, mas assim que nos encontramos senti cheiro de álcool em seu hálito. Cerveja, acredito. E tem uma lata de Coors caída na sala de estar, com cerveja derramada no chão de madeira.

— Eu bebi um pouco de cerveja depois.

— Depois do quê?

— Depois que a coisa acabou. Ele estava caído no chão da saleta de entrada com as costas quebradas. Pelo menos pensei que estivessem quebradas.

— Que dizer então que você imaginou que, depois de todo o tiroteio e luta, uma cerveja gelada era a coisa certa.

Paige olhou de modo fixo e penetrante para o detetive.

— Você está se esforçando para fazer todo esse negócio parecer uma coisa boba...

— ... e, porra, eu gostaria que você se abrisse e *dissesse por que* não acredita em mim — acrescentou Marty.

— Eu não *desacredito* em você, Sr. Stillwater. Sei que tudo isso é muito frustrante. Você se sente subjugado, ainda está abalado, cansado. Mas ainda estou absorvendo, ouvindo e absorvendo. É isso que eu faço. É o meu trabalho. E, por enquanto, ainda não formei nenhuma teoria ou opinião.

Marty tinha certeza de que isso não era verdade. Lowbock já carregava consigo todo um conjunto de opiniões bem formadas quando sentou-se pela primeira vez à mesa da sala de jantar.

Após esvaziar o resto da Pepsi na caneca, Marty disse:

— Quase tomei um pouco de leite ou suco de laranja, mas minha garganta estava tão irritada, doía pra burro, como se estivesse queimando. Eu não conseguia engolir. Quando abri a geladeira, a cerveja me pareceu muito melhor

do que qualquer outra coisa e mais refrescante.

Com a caneta Montblanc, Lowbock rabiscava de novo num canto da página de seu caderno de notas.

— Quer dizer que você só tomou essa lata de Coors.

— De jeito nenhum. Eu bebi a metade, talvez dois terços. Quando minha garganta ficou um pouco melhor, voltei para ver como O Outro... como o sócia estava passando. Carreguei a cerveja comigo. Fiquei tão surpreso ao ver que o sacana havia desaparecido, depois de parecer meio morto, que a lata simplesmente deslizou para fora de minha mão.

Apesar de estar de cabeça para baixo, Marty pôde ver o que o detetive desenhava. Uma garrafa. Uma garrafa de cerveja de gargalo comprido.

— Quer dizer então que foi meia garrafa de Coors — disse Lowbock.

— Certo.

— Talvez dois terços.

— Sim.

— Mas nada mais.

— Não.

Lowbock terminou seu rabisco, levantou o olhar do caderno de anotações e disse:

— E quanto às três garrafas vazias de Corona na lata de lixo debaixo da pia da cozinha?

3.

— Essa saída aqui — interpretou Drew Oslett, depois disse para Clocker: — Está vendo a placa?

Clocker não respondeu.

Voltando a atenção para a tela do URAS, Oslett disse:

— É onde ele está, tudo bem, talvez dando uma mijada no banheiro dos homens, talvez até deitado no assento traseiro do carro que estiver dirigindo, tirando uma soneca.

Eles estavam prestes a entrar em ação contra um adversário imprevisível e formidável, mas Clocker parecia imperturbável. Mesmo enquanto dirigia, era como se estivesse perdido num estado meditativo. Seu corpo de urso estava tão relaxado quanto o de um monge tibetano num transe transcendental. Suas mãos enormes repousavam no volante, com os dedos grossos apenas um pouco dobrados, mantendo a pressão mínima. Oslett não ficaria surpreso se soubesse que o enorme sujeito dirigia o carro com algum misterioso poder da mente. Nada no rosto largo e de feições embotadas de Clocker indicava que ele soubesse o que significava a palavra “tensão”: castanho-claro tão liso quanto mármore polido; bochechas sem linhas, olho azul-safira um pouco brilhante à luz refletida do painel de instrumentos, olhando fixo ao longe, não apenas para a estrada à

frente, mas talvez para o outro lado deste mundo. A boca larga estava aberta o suficiente para aceitar uma fina hóstia de comunhão. Os lábios estavam curvos no mais leve dos sorrisos, mas era impossível saber se ele estava contente com alguma coisa que contemplava num sono espiritual, ou com a perspectiva da violência iminente.

Karl Clocker possuía um verdadeiro talento para a violência.

Por essa razão, apesar de seu gosto para roupas, ele era um homem de seu tempo.

— Lá está a área de descanso — disse Oslett quando se aproximaram do final da estrada de acesso.

— Em que outra parte estaria?

— Hem?

— Está onde está.

O enorme sujeito não era muito loquaz e, quando *tinha* algo a dizer, na metade das vezes era enigmático. Oslett suspeitava que Clocker era um existencialista teórico ou — na outra extremidade do espectro — um místico da Nova Era. Embora a verdade pudesse ser que ele era tão totalmente fechado em si que não precisava de muito contato humano ou interação; seus próprios pensamentos e observações o entretiam e absorviam. Uma coisa era certa: Clocker não era tão estúpido quanto parecia; na verdade, tinha um QI bem acima da média.

A área era iluminada por oito lâmpadas de vapor de sódio. Após tantos quilômetros sombrios de escuridão desoladora, que começara a parecer a aridez negra e crestada de uma paisagem pós-nuclear, o humor de Oslett foi melhorado pelo brilho das lâmpadas, embora fosse a doentia reminiscência amarelo-urina da luz desagradável de um pesadelo. Ninguém jamais confundiria aquele lugar com alguma parte de Manhattan, mas ele confirmava que a civilização ainda existia.

Um enorme *motorhome* era o único veículo à vista. Estava estacionado próximo ao prédio de concreto, que abrigava o banheiro público.

— Agora nós estamos bem em cima dele — Oslett desligou a tela do URAS e colocou a unidade no chão entre seus pés. Tirou o copo de sucção do para-brisa, deixou-o cair sobre o mapa eletrônico e disse:

— Não há dúvida quanto a isso... nosso Alfie está aconchegado nesse porco de estrada. É provável que tenha tirado de algum pobre otário; agora está em fuga com todos os confortos do lar.

Passaram por uma área gramada com três mesas de piquenique e estacionaram a cerca de três metros do Road King, no lado do motorista.

Não havia nenhuma luz acesa no *motorhome*.

— Não importa o quão longe Alfie chegou — disse Oslett —, ainda acho que ele vai nos responder bem. Somos tudo que ele tem, certo? Sem nós, ele está

sozinho no mundo. Porra, somos como uma família.

Clocker apagou as luzes e o motor.

Oslett disse:

— Não importa em que estado ele esteja, não acredito que vá nos machucar. Não o velho Alfie. Talvez ele derrubasse qualquer outra pessoa que se metesse em seu caminho, mas não a nós. O que você acha?

Clocker saiu do Chevy e pegou o chapéu e o Colt .357 Magnum no assento da frente.

Oslett pegou uma lanterna e a pistola com tranquilizante. A arma tinha dois canos, superior e inferior, cada qual carregado com um grosso cartucho hipodérmico. Destinado para uso em zoológicos, não tinha precisão para mais de quinze metros, o que já era bom para o propósito de Oslett, já que ele não planejava sair atrás de leões nas estepes.

Oslett ficou agradecido porque a área não estava apinhada de viajantes. Esperava que ele e Clocker pudessem concluir seu negócio e ir embora antes que algum carro ou caminhão saísse da autoestrada e estacionasse.

Por outro lado, quando desceu do Chevy e fechou a porta às suas costas, ficou perturbado com o vazio da noite. Fora o cantar de pneus e o *vuup* do tráfego da interestadual, que cortava o ar, o silêncio era tão opressivo quanto devia ser no vácuo do espaço sideral. Um bosque de pinheiros altos formava o pano de fundo de toda a área e, na escuridão sem vento, seus pesados galhos pendiam como coroas de funeral.

Ele desejava a algazarra e os zumbidos das ruas urbanas, onde a atividade incessante oferecia distrações contínuas. A comoção propiciava a fuga da contemplação. Na cidade, o lampejo-tinido-giro da vida diária permitia que sua atenção se mantivesse eternamente dirigida para fora, se ele quisesse, poupando-lhe dos perigos inerentes à autoanálise.

Juntando-se a Clocker junto à porta do motorista do Road King, Oslett pensava em fazer a entrada mais furtiva possível. Mas se Alfie estivesse lá dentro, como indicava especificamente o mapa eletrônico URAS, era provável que já soubesse da chegada deles.

Além disso, nos níveis cognitivos mais profundos, Alfie estava condicionado a responder a Drew Oslett com absoluta obediência. Era quase inconcebível que ele tentasse machucá-lo.

Quase.

Eles também tiveram certeza de que as possibilidades de Alfie estar apenas ausente sem licença eram quase inexistentes. Estavam errados em relação a isso. Talvez o tempo provasse que estavam errados em relação a outras coisas.

Era por isso que Oslett estava com a pistola com tranquilizante.

E também foi este o motivo pelo qual não havia tentado dissuadir Clocker

de levar o Magnum .357.

Protegendo-se contra o inesperado, Oslett bateu na porta de metal. Bater na porta pareceu uma maneira ridícula de se anunciar naquelas circunstâncias, mas ele bateu assim mesmo, esperou vários segundos e tornou a bater, mais alto.

Ninguém respondeu.

A porta não estava trancada. Ele abriu-a.

A luz amarela das lâmpadas do estacionamento infiltrou-se através do para-brisas de forma a iluminar a cabine do *motorhome*. Oslett pôde ver que não havia nenhuma ameaça iminente.

Ele pisou na soleira da porta, inclinou-se para frente e olhou para os fundos do Road King que apresentava um túnel com uma escuridão pulsante tão profunda quanto as câmaras das antigas catacumbas.

— Esteja em paz, Alfie — disse em tom suave.

Esse comando falado devia ter resultado numa imediata resposta ritual como em uma ladainha: *Estou em paz, Pai*.

— Esteja em paz, Alfie — repetiu Oslett com menos esperança.

Silêncio.

Embora Oslett não fosse o pai de Alfie nem um homem do clero, e não podendo ter portanto uma legítima pretensão ao grau honorífico, ainda assim seu coração se teria alegrado se ele tivesse ouvido a resposta sussurrada e obediente: *Estou em paz, Pai*. Essas quatro simples palavras, num murmúrio de resposta, teriam significado que tudo estava essencialmente bem, que o desvio de Alfie das instruções era menos uma rebelião do que uma temporária confusão de objetivo, e que a farra de assassinatos na qual embarcara era algo que podia ser esquecido e descartado.

Embora soubesse que era inútil, Oslett tentou uma terceira vez, falando mais alto que antes:

— Esteja em paz, Alfie.

Como não recebeu nenhuma resposta da escuridão, ele acendeu a lanterna e entrou no Road King.

Ele não pôde deixar de pensar no desperdício e na humilhação de ser ferido de morte num *motorhome* estranho, ao longo de uma interestadual na vastidão de Oklahoma, na tenra idade de 32 anos. Um jovem tão brilhante, uma promessa tão singular (os acompanhantes do enterro diriam), com dois diplomas — um de Princeton, outro de Harvard — e uma árvore genealógica invejável.

Movendo-se para fora da cabine quando Clocker entrou atrás dele, Oslett varreu com o feixe de luz à esquerda e à direita. Sombras cresceram e agitaram-se como capas negras, asas de ébano, almas perdidas.

Apenas alguns membros de sua família — menos ainda entre aquele círculo de artistas, escritores e críticos de Manhattan que eram seus amigos — saberiam em que ramo de trabalho ele havia falecido. O resto acharia os

detalhes do falecimento desconcertantes, bizarros, talvez sórdidos, e fofocariam com a exaltação febril de pássaros que cortam um cadáver em putrefação.

A lanterna revelou armários com revestimento de fórmica. A tampa de um fogão. Uma pia de aço inoxidável.

O mistério em torno de sua morte peculiar garantiria que os mitos surgiriam como recifes de coral, incorporando cada cor do escândalo e da vil superstição, mas deixando sua memória com pequena e preciosa tinta de respeito. O respeito era uma das poucas coisas que importavam para Drew Oslett. Ele vinha exigindo respeito desde que era garoto. Era seu direito nato — não apenas um agradável pingente do nome de sua família, mas também um tributo que devia ser pago a toda a história e realizações da família, que se corporificavam nele.

— Esteja em paz, Alfie — disse ele nervoso.

Uma mão, tão branca quanto mármore e de aparência sólida, esperava para ser descoberta pelo feixe de luz da lanterna. Os dedos de alabastro estavam caídos no tapete, ao lado da cabine acolchoada do recanto de jantar. Mais alto: o corpo de cabelos grisalhos de um homem tombado sobre a mesa manchada de sangue.

4.

Paige levantou-se da mesa da sala de jantar, foi à janela mais próxima, enfiou as ripas da persiana para ampliar os espaços e olhou para fora, para a tempestade que diminuía aos poucos. Olhava para o pátio dos fundos, onde não havia luzes. Não podia ver nada com clareza, exceto os trilhos de chuva no outro lado do vidro, que pareciam pingos de cuspe talvez porque ela quisesse cuspir em Lowbock, direto em seu rosto.

Paige estava com mais hostilidade do que Marty — não em relação ao detetive, mas sim em relação ao mundo. Em toda sua vida adulta ela havia lutado para resolver os conflitos de infância, que eram sua fonte de raiva. Tinha feito um progresso considerável. Mas diante de provocações como essa, ela sentia nascer de novo os ressentimentos e a amargura de sua infância, e sua raiva sem direção encontrou um foco em Lowbock, tornando difícil para ela manter seu humor sob controle.

Desvio consciente — encarar a janela, manter o detetive fora do campo de visão — era uma técnica comprovada para manter o autocontrole. *Conselheiro, aconselha-te a ti mesmo.* Reduzir o nível de interação também devia reduzir a raiva.

Ela esperava que isso funcionasse melhor para seus pacientes do que para ela, porque ainda estava *ferendo*.

À mesa com o detetive, Marty parecia determinado a ser razoável e a colaborar. Do jeito que era, Marty se aferraria o tempo que fosse possível à

esperança de que o misterioso antagonismo de Lowbock fosse mitigado. Por mais furioso que pudesse estar — e estava mais furioso do que ela já havia visto —, ainda tinha tremenda fé no poder das boas intenções e das palavras, principalmente das palavras, para restaurar e manter a harmonia em quaisquer circunstâncias.

Marty disse para Lowbock:

— Deve ter sido ele que bebeu as cervejas.

— Ele? — perguntou Lowbock.

— O sósia. Ele deve ter passado algumas horas na casa enquanto eu estava fora.

— Quer dizer que o intruso tomou as três Coronas?

— Joguei o lixo fora ontem à noite. Na noite de domingo, de modo que sei que não foram deixadas vazias no fim de semana.

— Esse cara invadiu sua casa porque... como foi exatamente que ele disse?

— Ele disse que precisava de sua vida.

— Precisava de sua vida?

— Sim. Ele me perguntou por que eu roubei a vida dele, quem eu era.

— Quer dizer que ele invadiu isso aqui — disse Lowbock —, agitado, falando maluquices, bem armado... mas enquanto espera que você chegue em casa, decide dar o troco e toma três garrafas de Corona.

Sem afastar-se da janela, Paige disse:

— Tenente, meu marido não tomou essas cervejas. Ele não é um bêbado.

— Se você quiser, estou disposto a fazer um teste no bafômetro — disse Marty. — Se tomei essa quantidade de cerveja, uma após a outra, o nível de álcool em meu sangue vai acusar.

— Bem — disse Lowbock —, se fôssemos fazer isso, devíamos ter testado você logo de cara. Mas não é necessário, Sr. Stillwater. Com certeza não estou dizendo que estava intoxicado, que imaginou a coisa toda sob a influência do álcool.

— Então, o que está dizendo? — indagou Paige.

— Às vezes — observou Lowbock — as pessoas bebem com o intuito de tomar coragem para encarar uma tarefa difícil.

Marty suspirou.

— Talvez eu seja estúpido, tenente. Sei que há uma dedução desagradável disso que acabou de dizer, mas juro por minha vida que não consigo imaginar o que devo deduzir disso.

— Eu disse que queria que você deduzisse alguma coisa?

— Será que não dá para você parar de ser enigmático e me dizer por que está me tratando assim, como suspeito em vez de vítima?

Lowbock ficou em silêncio.

Marty pressionou a questão:

— *Sei* que essa situação é inacreditável, esse negócio do sócia, mas se você me dissesse de cara as razões pelas quais está sendo cético, tenho certeza de que poderia eliminar suas dúvidas. Bem, pelo menos eu poderia tentar.

Lowbock não respondeu durante um tempo tão longo que Paige quase virou-se na janela para olhar para ele, perguntando-se se sua expressão revelaria alguma coisa sobre o significado de seu silêncio.

No final, ele disse:

— Nós vivemos num mundo litigioso, Sr. Stillwater. Se um tira comete o mais leve engano ao lidar com uma situação delicada, o departamento é processado e às vezes a carreira do oficial vai pelo ralo. Isso acontece com homens bons.

— O que os processos têm a ver com isso? Não vou processar ninguém, tenente.

— Digamos que um cara atende um telefonema sobre um roubo que está acontecendo, então responde, cumpre seu dever, encontra-se em perigo com alguém atirando nele, e atinge o criminoso em legítima defesa. O que acontece depois?

— Aposto que você pode me dizer.

— Sabe, a próxima coisa é que a família do criminoso e a Organização Americana pelos Direitos Civis vão atrás do departamento por causa de violência excessiva, querendo uma indenização financeira. Querem que o oficial seja demitido, até querem levar o pobre otário a julgamento, acusando-o de fascista.

— A coisa fede — disse Marty. — Concorde com você. Hoje em dia, parece que o mundo virou de cabeça para baixo, mas...

— Se o mesmo tira *não* responde com força, e algum curioso sai machucado porque o criminoso não foi alvejado na primeira oportunidade, a família da vítima processa o departamento por negligência, e os mesmos ativistas caem em nossos pescoços como uma tonelada de tijolos, mas por razões diferentes. As pessoas dizem que o tira não apertou o gatilho com a rapidez necessária, porque é insensível em relação à minoria da qual a vítima fazia parte, que seria mais rápido se a vítima fosse da raça branca, ou então dizem que o tira é incompetente, é covarde.

— Eu não iria querer seu emprego. Sei como é difícil — compadeceu-se Marty. — Mas nenhum tira atirou ou deixou de atirar em alguém aqui, e não entendo o que isso tem a ver com a situação.

— Um tira pode meter-se nas mesmas encrencas atirando em criminosos ou fazendo acusações — disse Lowbock.

— Quer dizer que sua questão é que você é cético quanto a minha história, mas não dirá o *motivo* enquanto não tiver prova absoluta de que se trata de besteira.

— Ele nem vai admitir que é cético — disse Paige em tom amargurado.
— Ele não quer assumir nenhuma posição, de uma maneira ou de outra, porque assumir uma posição significa correr risco.

— Mas, tenente — replicou Marty —, como vamos acabar com isso, como vou conseguir convencê-lo de que tudo isso aconteceu da maneira que contei, se você não me diz *por que* duvida?

— Sr. Stillwater, eu não disse que duvido.

— Por Deus — exclamou Paige.

— Tudo que peço — disse Lowbock — é que você dê o melhor de si para responder às minhas perguntas.

— E tudo que *nós* pedimos — retrucou Paige, ainda de costas para o detetive —, é que você encontre o lunático que tentou matar Marty.

— Esse sócia — Lowbock pronunciou a palavra em tom insípido, sem nenhuma inflexão, que pareceu mais sarcástico do que se tivesse dito com uma alta risada de escárnio.

— Sim — confirmou Paige —, esse sócia.

Ela não duvidava da história de Marty, por mais desvairada que fosse, e sabia que de alguma forma a existência do sócia estava vinculada — e no final das contas explicaria — à fuga do marido, ao pesadelo esquisito e a outros problemas recentes.

Enquanto ela começava a aceitar que a polícia, por alguma razão qualquer, não iria ajudá-los, sua fúria contra o detetive se dissipava. A raiva deu lugar ao medo, porque ela compreendeu que eles estavam diante de alguma coisa excessivamente estranha com a qual teriam que lidar sozinhos.

5.

Clocker regressou da parte da frente do Road King para informar que as chaves estavam na ignição na posição de ligar, mas que era evidente que o tanque estava vazio e a bateria descarregada. As luzes da cabine não podiam ser acesas.

Preocupado com o fato do feixe de luz da lanterna, visto de fora, parecer suspeito para alguém que estacionasse naquela área, Drew Oslett fez um rápido exame nos dois cadáveres que estavam no apertado recinto de refeições. Como o sangue derramado estava totalmente seco e duro, ele sabia que o homem e a mulher tinham sido mortos muitas horas antes. Entretanto, embora o *rigor mortis* ainda estivesse presente em ambos os corpos, eles já não estavam tão rígidos assim; era evidente que a rigidez atingira um pico e começava a se dissipar, como em geral ocorria entre dezoito e trinta horas depois da morte.

Os corpos ainda não haviam começado a se decompor de maneira perceptível. O único cheiro ruim vinha de suas bocas abertas — os gases azedos produzidos pela comida apodrecendo em seus estômagos.

— A melhor estimativa no olhómetro... é que eles foram mortos em algum momento da tarde de ontem — disse para Clocker.

O Road King estava parado havia mais de vinte horas ali, portanto pelo menos um oficial da Patrulha da Autoestrada de Oklahoma devia tê-lo visto em dois turnos separados. A legislação estadual devia proibir o uso das áreas de descanso junto à estrada como *camping*. Não havia fornecimento de energia elétrica, de água ou bombeamento de esgoto, o que criava um potencial problema de saúde pública. Às vezes, os tiras podiam ser complacentes com aposentados com medo de dirigir numa chuva tão inclemente quanto a tempestade que desabara sobre Oklahoma no dia anterior; o plástico da Associação Americana de Pessoas Aposentadas na traseira do *motorhome* podia ter conseguido algum privilégio para aquelas pessoas. Mas nem mesmo um tira simpático deixaria que ficassem estacionados *duas* noites. A qualquer momento, um carro-patrulha podia parar e alguém bater na porta.

Contrário a complicar seus já sérios problemas matando um patrulheiro de estrada, Oslett afastou-se do casal morto e fez uma busca apressada no *motorhome*. Já não estava mais cauteloso com medo de que Alfie, desobediente e desarranjado, metesse uma bala em sua cabeça. Fazia muito tempo que Alfie partira dali.

Encontrou os sapatos descartados no balcão da cozinha. Com uma comprida faca de serra, Alfie cortara um dos saltos até expor o circuito eletrônico e a concomitante cadeia de minúsculas baterias.

Ao olhar para os Rockport e a pilha de lascas de borracha, Oslett estremeceu com uma premonição de desgraça.

— Ele nunca soube nada sobre os sapatos. O que daria na cabeça dele para cortá-los?

— Bem, ele sabe o que sabe — disse Clocker.

Na interpretação de Oslett a afirmação de Clocker significava que parte do treinamento de Alfie incluía técnicas e equipamento moderno de vigilância eletrônica. Portanto, embora não lhe tivessem dito que estava “rastreado”, ele sabia que um transmissor em microminiatura podia ser reduzido o suficiente para ajustar-se no salto de um sapato e, recebendo um remoto sinal de ativação em microondas, poderia ter energia suficiente através de uma série de baterias para transmitir um sinal rastreável, durante pelo menos 72 horas. Embora não pudesse lembrar quem era ou quem o controlava, Alfie era bastante inteligente para aplicar seus conhecimentos de vigilância em sua própria situação e chegar à conclusão lógica de que seus controladores haviam tomado precauções prudentes para localizá-lo e segui-lo caso ele se tornasse renegado, mesmo que eles estivessem totalmente convencidos de que a rebelião não era possível.

Oslett temia dar a má notícia à matriz em Nova York. A organização não matava o portador de notícias ruins, sobretudo se seu sobrenome fosse Oslett.

Entretanto, como principal operador de Alfie, ele sabia que parte da responsabilidade incidiria sobre ele, embora a rebelião do operativo não fosse culpa sua em nenhum nível. O erro devia estar no condicionamento fundamental de Alfie, droga, não em sua manipulação.

Deixando Clocker na cozinha para ficar de guarda contra visitantes indesejáveis, Oslett fez uma rápida inspeção no resto do *motorhome*.

Não encontrou nada mais que o interessasse, exceto uma pilha de roupa descartada no chão do quarto principal, nos fundos do veículo. A luz da lanterna, ele só precisou revirar um pouco as roupas com a ponta do sapato para constatar que era a mesma que Alfie usava quando embarcou no avião para Kansas City, na manhã de sábado.

Oslett retornou à cozinha onde Clocker esperava no escuro. Virou a lanterna uma última vez para os aposentados mortos.

— Que zona. Droga, isso não tinha que acontecer.

Clocker referiu-se com desprezo ao casal assassinado:

— Pelo amor de Deus, quem se importa? Eles não são nada, a não ser a porra de um casal de Klingons.

Oslett não se referia às vítimas, mas ao fato de que agora Alfie era mais do que um mero renegado: era um renegado *que não podia ser rastreado*, colocando assim em risco a organização e todos que dela faziam parte. Ele tinha tão pouca compaixão pelo casal morto quanto Clocker, não se sentia responsável pelo que havia acontecido com os dois e, na verdade, imaginava que o mundo estava melhor sem dois parasitas improdutivos, que sugavam a substância da sociedade e impediam o tráfego com seu pesado lar sobre rodas. Ele não sentia nenhum amor pelas massas. O problema básico com o homem e a mulher médios era precisamente o fato de serem tão *médios* e de haver tantos deles, tomando muito mais do que davam ao mundo, incapazes de administrar suas próprias vidas de maneira inteligente, quanto menos a sociedade, o governo, a economia e o meio ambiente.

Mesmo assim, ficou alarmado com a maneira com a qual Clocker externara seu desprezo pelas vítimas. A palavra “Klingons” deixou-o intranquilo porque era o nome da raça de alienígenas que travara guerra com a humanidade em muitos episódios de televisão e filmes da série *Jornada nas Estrelas*, antes que os acontecimentos nesse futuro ficcional comessem a refletir a melhoria das relações entre os Estados Unidos e a União Soviética no mundo real. Oslett achava *Jornada* um tédio, uma chatice insuportável. Nunca compreendeu por que tantas pessoas tinham tamanha paixão pela série. Mas Clocker era um fã ardente do seriado, intitulava-se imperturbável de “Trekker”, sendo capaz de recitar as tramas de cada filme e episódio já filmado, e conhecendo as histórias pessoais de cada personagem como se fossem os amigos mais queridos. *Jornada* era o único assunto sobre o qual ele parecia disposto ou capaz de entabular uma

conversa; e da mesma forma que era taciturno a maior parte do tempo, era tagarela quando se tratava do tema de sua fantasia favorita.

Oslett tentava garantir que ele *nunca* surgisse.

Agora, em sua mente, a temida palavra “Klingons” soava como um alarme de incêndio.

Com toda a organização correndo risco porque o rastro de Alfie fora perdido, com alguma coisa nova e intensamente violenta solta no mundo, a viagem de volta à cidade de Oklahoma através de tantos quilômetros de terra despovoada e sem luz iria ser deprimente e triste. A última coisa que Oslett precisava era ser assaltado por um dos exaustivos monólogos de Clocker sobre o capitão Kirk, o Sr. Spock, Scotty, o resto da tripulação, e suas aventuras nos distantes recantos de um universo que, no filme, tinha muito mais sentido e momentos de frívolo iluminismo do que o universo real feito de duras escolhas, feias verdades e crueldade estúpida.

— Vamos dar o fora daqui — disse Oslett, passando por Clocker e dirigindo-se para a frente do Road King. Ele não acreditava em Deus, mas mesmo assim rezou com fervor para Karl Clocker acalmar-se em seu costumeiro silêncio autocentrado.

6.

Cyrus Lowbock desculpou-se um instante para ir consultar alguns colegas que desejavam falar com ele numa outra parte da casa.

Marty ficou aliviado com sua partida.

Quando o detetive saiu da sala de jantar, Paige deixou a janela e mais uma vez sentou-se na cadeira ao lado de Marty.

Embora a Pepsi tivesse acabado, alguns cubos de gelo tinham se derretido na caneca e ele bebeu a água fria.

— A única coisa que desejo agora é pôr um fim nisso tudo. Nós não devíamos estar aqui, não com esse sujeito solto em algum lugar lá fora.

— Você acha que devemos nos preocupar com as meninas?

... *preciso... minha Charlotte, minha Emily...*

Marty disse:

— Acho. Estou muito preocupado.

— Mas você deu dois tiros no peito do sujeito.

— Eu também pensei tê-lo deixado com as costas quebradas na saleta de entrada, mas ele se levantou e deu o fora. Ou saiu mancando. Ou talvez tenha desaparecido no ar. Não sei que diabo está acontecendo aqui, Paige, mas é mais desvairado do que qualquer coisa. E ainda não acabou, de jeito nenhum.

— Se fossem apenas Vic e Kathy tomando conta delas... mas também tem um tira lá em cima.

— Se aquele bastardo soubesse onde as meninas estão, eliminaria o tal

tira, Vic e Kathy num minuto.

— Você o enfrentou.

— Tive sorte, Paige. Apenas uma baita sorte. Ele não imaginava que eu tivesse uma arma na gaveta da escrivaninha ou que seria capaz de usá-la. Peguei o sujeito de surpresa. Ele não vai deixar isso acontecer de novo. Terá toda a surpresa do *seu* lado.

Marty inclinou a caneca nos lábios, deixou que um cubo de gelo deslizasse para sua língua.

— Marty, quando você tirou as armas do armário da garagem e carregou-as?

Ele respondeu, com o cubo de gelo na boca:

— Eu percebi que isso chocou você. Fiz isso hoje de manhã. Antes de ir ver Paul Guthridge.

— Por quê?

Marty descreveu, da melhor maneira que pôde, a curiosa sensação que teve de que alguma coisa estava caindo em cima dele e iria destruí-lo antes que tivesse uma chance de identificar o que era. Tentou transmitir a maneira como a sensação se intensificou, transformando-se em pânico, até ele ter certeza de que precisaria de armas para se defender, quase paralisado pelo medo.

Marty teria ficado embaraçado em contar para ela, teria parecido desequilibrado — se os acontecimentos não tivessem provado a validade de suas percepções e precauções.

— E alguma coisa *estava* mesmo vindo — disse ela. — Esse sócia. Você o sentiu aproximar-se.

— É isso aí. Acho que sim. De alguma forma.

— Mediúnica.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, eu não chamaria assim. Não se você quer dizer uma visão mediúnica. Não houve nenhuma visão. Eu não vi o que estava vindo, não tive uma premonição clara. Só isso... essa terrível sensação de pressão, de gravidade... como num desses brinquedos de um parque de diversões, quando você está girando com muita velocidade, preso no assento, sentindo o peso de seu peito. Você sabe, já estive nesses brinquedos, Charlotte sempre os adora.

— Sim. Entendo... eu acho.

— Começou desse jeito... e ficou cem vezes pior, até que eu mal conseguia respirar. Então, de repente, quando saí para o consultório do médico, a coisa parou. E, mais tarde, quando cheguei em casa, o filho de uma égua estava aqui, mas eu não senti coisa alguma quando entrei.

Os dois ficaram em silêncio por alguns momentos.

O vento lançava bolinhas de chuva contra a janela.

— Como ele podia ter a aparência exatamente igual à sua? — quis saber

Paige.

— Não sei.

— Por que ele diria que você roubou a vida dele?

— Não sei, não sei mesmo.

— Estou com medo, Marty. Quero dizer, tudo é tão esquisito. O que vamos fazer?

— Depois dessa noite, não sei. Mas hoje à noite, pelo menos, não vamos ficar aqui. Iremos para um hotel.

— Mas se a polícia não encontrá-lo morto em algum lugar, então temos o amanhã... e depois de amanhã.

— Estou quebrado, cansado e sem conseguir pensar direito. Por enquanto, só consigo concentrar-me em hoje à noite, Paige. Só vou precisar preocupar-me com o amanhã quando ele chegar.

O adorável rosto de Paige estava vincado de ansiedade. Desde a doença de Charlotte, cinco anos atrás, ele não a via sequer com a metade da perturbação que ostentava.

— Eu te amo — disse, pousando a mão ao lado de sua cabeça.

Paige falou, colocando a mão sobre a dele:

— Oh, Deus, eu também te amo, Marty, você e as meninas, mais do que qualquer coisa, mais do que a própria vida. Não podemos deixar que nada aconteça conosco, ou com o que temos em comum. Não *podemos*.

— Não vamos deixar — disse ele, mas suas palavras soaram tão ocas e falsas quanto a fanfarronice de um garoto.

Ele estava consciente de que nenhum dos dois expressara a mais leve esperança de que a polícia os protegesse. Não conseguia reprimir a raiva por causa do fato de a polícia não estar oferecendo nada que se assemelhasse ao serviço, cortesia e consideração que os personagens de seus romances sempre recebiam das autoridades.

Em sua essência, os romances de mistérios eram sobre o bem e o mal, sobre o triunfo do primeiro sobre o segundo e sobre a confiabilidade do sistema de justiça numa democracia moderna. Eram populares porque garantiam ao leitor que o sistema costumava funcionar com muito mais frequência do que se imaginava, ainda que a prova da vida cotidiana apontasse para uma conclusão mais perturbadora. Marty tinha conseguido trabalhar no gênero com convicção e tremendo prazer, porque gostava de acreditar que os órgãos de cumprimento da lei e os tribunais faziam justiça na maior parte das vezes e só contrariavam isso de maneira inesperada. Mas agora, na primeira vez em sua vida em que o procurava pedindo ajuda, o sistema estava falhando com ele. Essa falha não apenas colocava sua vida em risco — assim como as vidas de sua esposa e filhas —, mas também parecia colocar em dúvida o valor de tudo que ele havia escrito e o mérito do objetivo com o qual se envolvera em tantos anos de luta e trabalho

duro.

O tenente Lowbock retornou pela sala de estar, movendo-se como se estivesse no meio de uma sessão de fotografia de moda da revista *Esquire*. Carregava uma bolsa de provas de plástico claro, contendo um estojo preto com zíper, mais ou menos da metade do tamanho de um estojo de barbear. Colocou a bolsa em cima da mesa de jantar enquanto tomava assento.

— Sr. Stillwater, a casa estava trancada com segurança quando saiu hoje de manhã?

— Trancada? — disse Marty, perguntando-se para onde estavam indo agora e tentando não demonstrar raiva. — Estava, muito bem trancada. Sou cuidadoso com esse tipo de coisa.

— Você parou para pensar na maneira como o intruso pode ter entrado?

— Quebrando uma janela, eu acho. Ou forçando uma fechadura.

— Sabe o que tem aqui dentro? — perguntou, dando um tapinha no estojo de couro preto dentro da sacola de plástico.

— Receio não ter visão de raios X — disse Marty.

— Pensei que pudesse reconhecer.

— Não reconheço.

— Encontramos isso em seu banheiro.

— Nunca vi isso antes.

— No toucador.

— Vá direto ao assunto, tenente — pediu Paige.

A leve sombra de sorriso tornou a cruzar o rosto de Lowbock tal como um espírito visitante brilhando por breves momentos no ar acima de uma mesa de sessão espírita.

— É um conjunto completo de gazuas para fechadura.

— Foi assim que ele entrou? — perguntou Marty.

Lowbock encolheu os ombros.

— Suponho que é isso que esperam que eu deduza.

— Que coisa desagradável, tenente. Nós temos filhas com as quais estamos preocupados. Concordo com minha mulher... vá direto ao assunto.

O detetive reclinou-se sobre a mesa fitando Marty mais uma vez com seu intenso olhar patenteado:

— Sr. Stillwater, sou tira há 27 anos, e essa é a primeira vez que encontro um arrombamento numa residência particular em que o intruso usou um conjunto profissional de gazuas.

— E daí?

— Eles quebram um vidro ou forçam uma fechadura, como você disse. As vezes arrombam com pé-de-cabra uma porta deslizante ou janela. A maioria dos arrombadores tem cem maneiras de entrar... todas elas muito mais rápidas do que abrir uma fechadura.

— Ele não era um arrombador.

— Oh, dá pra notar — disse Lowbock. Afastou-se da mesa, ajeitou-se na cadeira. — Esse cara é muito mais teatral do que a média dos criminosos. Ele consegue ser exatamente igual a você. Declara uma bobajada estranha sobre querer sua vida de volta, chega armado com a arma de um assassino de aluguel com rosca para silenciador, usa ferramentas de arrombador como um artista hollywoodiano no papel de ladrão num filme policial, leva duas balas no peito, mas não se perturba, perde sangue suficiente para matar um homem comum, mas sai andando. Esse cara é muito extravagante, mas também *muy misterioso*, o tipo de personagem que Andy Garcia poderia interpretar num filme policial ou, melhor ainda, o tipo que Ray Liotta foi em *Os Bons Companheiros*.

De repente, Marty percebeu aonde o detetive se dirigia e compreendeu por que se encaminhava para lá. A inevitável estação final do interrogatório devia ter ficado óbvia antes, mas Marty não havia “sacado” porque era óbvia *demais*. Como escritor, ele vinha procurando razões mais exóticas e complexas para a descrença e hostilidade que Lowbock mal conseguia disfarçar, enquanto o tempo todo Cyrus Lowbock procurava o lugar-comum.

Contudo, o detetive ainda tinha mais uma surpresa desagradável para revelar. Tornou a reclinar-se para a frente e fez contato de olho de uma forma que deixara de ser um modo de confrontação eficaz para transformar-se num tique pessoal tão aborrecido e transparente quanto a frustrante postura humilde de Peter Falk, e sua inexorável autodepreciação ao interpretar Columbo, o pensativo franzir de boca de Nero Wolfe em momentos de inspiração, o esperto sorriso afetado de James Bond, ou qualquer um dos inúmeros traços com os quais Sherlock Holmes era caracterizado.

— Suas filhas têm animais de estimação, Sr. Stillwater?

— Charlotte tem. Vários.

— Uma estranha coleção de animais de estimação.

Paige disse em tom frio:

— Charlotte não os acha estranhos.

— Você acha?

— Não. Que importância tem se são estranhos ou não?

— Há muito tempo que ela tem? — indagou Lowbock

— Alguns há mais tempo do que outros — disse Marty, desconcertado com essa nova virada no interrogatório, mesmo estando convencido de que compreendia a teoria que Lowbock tentava provar.

— Ela gosta dos animais?

— Gosta. Muito. Como qualquer criança. Por mais estranho que você possa achar que sejam, ela os adora.

Sacudindo a cabeça, afastando-se de novo da mesa, tamborilando com a caneta no caderno de notas, Lowbock disse:

— É mais um toque extravagante, mas também convincente. Quero dizer, se você fosse detetive e se dispusesse a duvidar de todo o cenário, teria que pensar duas vezes se o invasor matasse todos os animais de estimação da filha.

O coração de Marty começou a afundar dentro dele como uma pedra atirada procurando o fundo de uma lagoa.

— Oh, não — disse Paige com tristeza. — Não os pobres Whiskers, Loretta, Fred... não todos eles, não?

— O gerbo foi morto por esmagamento — disse Lowbock, o olhar fixo em Marty. — O camundongo teve o pescoço quebrado, a tartaruga foi esmagada debaixo do pé, bem como o besouro. Não examinei os outros com esse mesmo cuidado.

A raiva de Marty transformou-se em fúria mal contida, e ele fechou as mãos debaixo da mesa porque sabia que Lowbock o estava acusando de ter eliminado os animais de estimação apenas para dar credibilidade a uma mentira elaborada. Ninguém iria acreditar que um pai amoroso pisaria na tartaruga de estimação da filha e quebraria o pescoço de seu lindo camundongo com o vil propósito que Lowbock acreditava ter motivado Marty; por conseguinte, de maneira perversa, o detetive supunha que Marty *tinha* feito isso porque era tão ultrajante que o exonerava, o toque final perfeito.

— Charlotte vai ficar com o coração partido — disse Paige.

Marty sabia que estava corado de raiva. Podia sentir o calor em seu rosto como se tivesse passado a última hora debaixo de uma lâmpada solar, e sentia as orelhas como se estivessem em brasas. Também sabia que o tira iria interpretar sua raiva como rubor de vergonha, um testemunho de sua culpa.

Quando Lowbock revelou novamente aquele sorriso fugaz, Marty quis dar-lhe um soco na boca.

— Sr. Stillwater, por favor me corrija se eu estiver errado, há pouco tempo não teve um livro na lista dos *bestsellers* de brochura, a reimpressão de um capa dura publicado no ano passado?

Marty não respondeu.

Lowbock não exigiu uma resposta. Agora estava dando voltas.

— E um novo livro que sairá em um mês, mais ou menos, que algumas pessoas acham que pode ser seu primeiro *best-seller* de capa dura? E é provável que já esteja trabalhando num outro livro. Em todo caso, tem um bocado de manuscritos na escrivaninha de seu gabinete. E acho que depois que conseguir fazer alguns gols em sua carreira, só vai ter que ficar pisando no acelerador para aproveitar a velocidade, por assim dizer.

Com as sobrancelhas franzidas, todo o corpo tenso de novo, Paige parecia estar prestes a entender direito a ridícula interpretação do detetive em relação ao relato do crime de Marty, a fonte de seu antagonismo. Ela tinha o mau humor da família; e como Marty mal conseguia reprimir-se para não bater no tira, ele se

perguntava qual seria a reação dela quando Lowbock explicitasse suas suspeitas idiotas.

— Deve ajudar uma carreira quando seu perfil sai na revista *People* — continuou o detetive. — E aposto que se o Sr. Assassino se torna alvo de um matador *muy misterioso*, então consegue um bocado de publicidade gratuita na imprensa, justamente no ponto de virada crucial de sua carreira.

Paige estremeceu na cadeira como se tivesse sido esbofeteada.

Sua reação chamou a atenção de Lowbock.

— Sim, Sra. Stillwater?

— Você consegue mesmo acreditar...

— Acreditar em quê, Sra. Stillwater?

— Marty não é um mentiroso.

— Eu disse que ele é?

— Ele detesta publicidade.

— Então, o pessoal da *People* deve ter sido muito insistente.

— Pelo amor de Deus, olhe o pescoço dele! Está vermelho, inchado, dentro de algumas horas estará coberto de hematomas. Você não pode acreditar que ele tenha feito isso.

Mantendo uma irritante aparência de objetividade, Lowbock disse:

— É nisso que acredita, Sra. Stillwater?

Ela falou com os dentes cerrados, dizendo aquilo que Marty não se sentia permitido a dizer:

— Seu merda estúpido.

Levantando as sobrancelhas e parecendo ferido, como se não pudesse imaginar o que teria feito para merecer tanta hostilidade, Lowbock disse:

— Sra. Stillwater, com certeza percebe que existem pessoas lá fora, um mundo de cínicos, que podem dizer que a tentativa de estrangulamento é a forma mais segura de falsificação de um assalto. Quero dizer que cortar um braço ou uma perna seria um toque convincente, mas sempre há o perigo de um cálculo errado uma artéria cortada, então, de repente, você se vê com uma hemorragia muito mais séria do que seria a sua intenção. E quanto aos ferimentos à bala... bem, o risco é maior ainda, com a possibilidade de a bala ricochetear num osso e penetrar mais fundo na carne. Além do mais, sempre tem o risco de choque.

Paige pôs-se de pé com um movimento tão brusco que derrubou a cadeira.

— Fora daqui.

Lowbock piscou os olhos para ela, fingindo inocência muito além do ponto que permitia um retorno.

— Como disse?

— Fora de minha casa — exigiu ela. — Agora.

Embora Marty percebesse que estava jogando fora a última esperança de

vencer o detetive e ganhar proteção policial, ele também se levantou da cadeira, tão furioso que chegava a tremer.

— Minha mulher está certa. Acho que é melhor você e seus homens irem embora, tenente.

Permanecendo sentado, porque isso era um desafio aos dois, Cyrus Lowbock disse:

— Vocês querem dizer, ir embora antes de terminar nossa investigação?

— Isso mesmo — apoiou Marty. — Terminada ou não.

— Sr. Stillwater... Sra. Stillwater... vocês sabem que é contra a lei dar queixa de um crime falso?

— Nós não demos queixa de um crime falso — replicou Marty.

— A única falsificação nessa sala é você, tenente — disse Paige. — Você sabe que é contra a lei se fingir de oficial da polícia?

Teria sido satisfatório ver a cor de raiva no rosto de Lowbock, ver seus olhos se fecharem e seus lábios enrijecerem com o insulto, mas sua serenidade permaneceu furiosamente inabalável.

Quando se levantou devagar, o detetive disse:

— Se as amostras de sangue retiradas no tapete do andar de cima forem, digamos, apenas sangue de porco ou de vaca, ou qualquer coisa parecida, o laboratório conseguirá determinar a espécie exata, claro.

— Conheço os poderes analíticos da ciência forense — assegurou-lhe Marty.

— Ah, sim, é verdade, você é um escritor de mistérios. Segundo a revista *People*, costuma fazer muita pesquisa para criar seus romances.

Lowbock fechou o bloco de anotações e prendeu a caneta dentro dele.

Marty esperava.

— Em suas várias pesquisas, Sr. Stillwater, você aprendeu a quantidade de sangue que há num corpo humano, digamos num corpo mais ou menos de seu tamanho?

— Cinco litros.

— Ah. Está correto — Lowbock colocou o bloco de anotações em cima da sacola de plástico que continha o estojo de couro com as gazuas de fechadura. — Em sua suposição, porém uma suposição bastante educada, eu diria que há entre um e dois litros de sangue coagulado no tapete do andar de cima. Entre 20 e 40 por cento de todo o estoque do seu sócia, mais para 40 por cento, a menos que eu esteja errado. Sabe o que eu esperaria encontrar com essa quantidade de sangue, Sr. Stillwater? Eu esperaria encontrar o corpo de onde o sangue veio, porque realmente exige imaginação supor que um sujeito com esse ferimento grave consiga fugir do cenário do crime.

— Eu já lhe disse que também não consigo entender.

— *Muy misterioso* — disse Paige, colocando nessas duas palavras uma

medida de escárnio idêntica ao tom zombeteiro com que o detetive usara antes.

Marty decidiu que havia pelo menos uma coisa boa nessa confusão: a maneira como Paige não duvidara dele em nenhum instante, muito embora a razão e a lógica demandassem dúvida: a maneira como ela estava a seu lado agora, feroz e resoluta. Em todos aqueles anos em que haviam estado juntos, ele nunca a amara mais do que naquele momento.

Pegando o caderno de anotações e a sacola de prova Lowbock disse:

— Se ficar provado que o sangue do andar de cima é humano, isso vai suscitar todos os tipos de questões, exigindo que terminemos a investigação, mesmo que vocês prefiram livrar-se de nós. Na verdade, qualquer que seja o resultado do laboratório, vocês terão notícias minhas de novo.

— Nós simplesmente adoraremos vê-lo de novo. — A sutileza desaparecera da voz de Paige, como se de repente ela deixasse de ver Lowbock como uma ameaça e não pudesse deixar de vê-lo como uma figura cômica.

Marty sentiu-se contagiado pela atitude dela e percebeu que, tanto no seu caso como no dela, a súbita hilaridade sombria fora uma reação à tensão insuportável da última hora. Ele disse:

— Claro, dê uma passada aqui de novo.

— Faremos uma bela xícara de chá — disse Paige.

— E bolinhos.

— Pãezinhos.

— Bolo de chá.

— E, claro, traga sua mulher — sugeriu Paige. — Nós somos indulgentes. Adoráramos conhecê-la, mesmo que ela seja de uma outra espécie.

Marty teve consciência de que Paige estava perigosamente próxima de uma risada alta, porque ele próprio também estava. Sabia que o comportamento dos dois era infantil, mas precisou de todo seu autocontrole para não continuar zombando de Lowbock durante todo o trajeto até a porta da frente, conduzindo-o com piadas da mesma forma que o professor von Helsing forçaria o conde Drácula a se retirar, brandindo um crucifixo diante dele.

Estranhamente, o detetive ficou desconcertado com a frivolidade dos dois como antes não ficara com sua raiva ou com a insistência séria de que o invasor era real. Uma dúvida visível apoderou-se dele, e por um momento pareceu que ele iria sugerir que os três se sentassem para começar de novo. Mas a dúvida era uma fraqueza que ele não conhecia, e Lowbock não conseguiu sustentá-la por muito tempo.

A incerteza logo cedeu lugar à sua conhecida expressão convencida:

— Nós vamos levar a Heckler e Koch do sócio, e também suas armas, claro, até você apresentar a papelada que requisitei.

Por um terrível momento, Marty teve certeza de que eles haviam encontrado a Beretta no armário da cozinha e a espingarda Mossberg debaixo da

cama no andar de cima, bem como todas as outras armas, deixando-o indefeso.

Mas Lowbock relacionou as armas e mencionou apenas três:

— A Smith and Wesson, o Korth 38 e o M16.

Marty tentou não aparentar o alívio.

Paige distraiu Lowbock dizendo:

— Porra, tenente, quando é que você vai sair?

Enfim, o detetive não pôde impedir que seu rosto se contraísse de raiva.

— Sra. Stillwater, claro que pode apressar-me se repetir o pedido na presença de outros dois oficiais.

— Sempre preocupado com esses processos — disse Marty.

— Ficarei feliz em fazer esse favor, tenente — replicou Paige. — Gostaria que eu expressasse o pedido na mesma linguagem que acabei de usar?

Marty nunca a tinha ouvido falar a palavra “porra”, a não ser em circunstâncias íntimas — o que significava que, embora disfarçada pelo tom de voz brando e pelos modos frívolos, sua raiva era tão forte como antes. O que era bom. Depois que a polícia fosse embora, ela iria precisar da raiva para atravessar a noite. A raiva ajudaria a manter o medo em xeque.

7.

Quando ele fecha os olhos e tenta imaginar a dor, pode vê-la como uma filigrana de fogo. Uma linda passamanaria luminosa, incandescente com sombreados vermelhos e amarelos, se estende de seu pescoço latejante até as costas, envolve seus lados, dá laços e nós intrincados no peito e na barriga.

Ao visualizar a dor, ele consegue perceber melhor se o seu estado está melhorando ou piorando. Na verdade, sua única preocupação é a rapidez de sua recuperação. Fora ferido em outras ocasiões, embora não de forma tão grave como essa, e sabe o que deve esperar; a continuação da deterioração seria uma experiência totalmente nova e alarmante para ele.

A dor fora violenta durante um ou dois minutos depois que ele fora alvejado. Ele sentira como se um feto monstruoso houvesse despertado dentro dele e estivesse escavando seu caminho para fora.

Por sorte, ele tem uma singular tolerância para a dor e sabe extrair coragem do conhecimento de que a agonia logo é reduzida a um nível menos paralisante.

No momento em que ele sai cambaleando pela porta dos fundos da casa e se dirige para o Honda, o sangramento para por completo e suas pontadas de fome tornam-se mais terríveis do que a dor de seus ferimentos. Seu estômago dá nós, desata com espasmos, mas no mesmo instante dá um outro nó, apertando e afrouxando com violência, de maneira repetida, como se fosse um punho ávido capaz de agarrar o alimento de que precisa desesperadamente.

Ao se afastar da casa no carro, através de torrentes cinzentas no auge da

tempestade, sua voracidade se torna tão dolorosa que ele começa a tremer de privação. Não são apenas tremores de necessidade, mas sim terríveis estremecimentos que fazem seus dentes baterem. As mãos crispadas marcam uma tatuagem entorpecida sobre o volante, e ele mal consegue segurá-lo com firmeza suficiente para controlar o veículo. Ele tem convulsões com os acessos de respiração ofegante, lampejos de calor se alternam com os de frio, e o suor que jorra em seu corpo é mais gelado do que a chuva que ainda encharca seus cabelos e roupas.

Seu extraordinário metabolismo lhe dá grande força, mantém alto seu nível de energia, liberta-o da necessidade de dormir todas as noites, permite que se cure com rapidez milagrosa e, em geral, é uma cornucópia de suas bênçãos físicas, mas também lhe faz exigências. Mesmo num dia normal, ele tem um apetite formidável, o bastante para dois lenhadores. Quando se nega o sono, quando está ferido, ou quando qualquer outra demanda incomum é feita a seu sistema, a simples fome logo se transforma numa necessidade ! voraz, e a voracidade aumenta de imediato para uma horrenda j compulsão de alimento que expulsa todos os outros pensamentos de sua mente, forçando-o a um consumo devastador de qualquer coisa que possa encontrar.

Embora o interior do Honda esteja à mercê de embalagens vazias de alimento — envoltórios, pacotes e sacolas de todos os tipos — não há nenhuma guloseima escondida no lixo. No trecho final entre as montanhas San Bernardino e as planícies do condado de Orange, ele havia consumido febrilmente cada migalha que restava. Agora havia apenas manchas secas de chocolate e mostarda, finas camadas de óleo brilhante, gordura, borrifos de sal, nada suficientemente fortificante para compensar a energia de que ele necessitava para buscar e lamber na escuridão.

No momento em que localiza um restaurante *fast food* com uma janela de serviço, no centro de suas entranhas há um vácuo gelado do qual ele parece estar se dissolvendo, tornando-se cada vez mais oco, mais frio, como se seu corpo se consumisse para se restaurar catabolizando duas células para cada uma que cria. Ele quase morde a própria mão numa tentativa frenética e desesperada de aliviar as fortes pontadas de fome. Ele se imagina arrancando com os dentes pedaços da própria carne e engolindo com avidez, chupando seu próprio sangue quente, qualquer coisa para mitigar seu sofrimento — *qualquer coisa*, não importa o quão repulsiva possa ser. Mas ele se reprime porque, na loucura de sua fome não humana, está convencido de que não há nenhuma carne sobre seus ossos. Sente-se vazio ao extremo, e acredita que pode dissolver-se em milhares de fragmentos sem vida no momento em que seus dentes cortarem a pele frágil e, assim, espatifarem a ilusão de substância.

O restaurante é uma filial do McDonald's. O minúsculo alto-falante do intercomunicador no posto de pedidos fora exposto a suficientes anos de sol de

verão e frio de inverno, de forma que o cumprimento do balconista invisível é trêmulo e abafado pela estática. Confiante de que sua voz cansada e trêmula não parecerá estranha, o matador pede comida suficiente para saciar o pessoal de um escritório pequeno: seis cheeseburgers, Big Macs, batatas fritas, dois sanduíches de peixe, dois milk-shakes de chocolate — e Cocas grandes, porque seu metabolismo acelerado, se não for abastecido, conduz rápido tanto à desidratação como à inanição.

Ele está numa fila comprida de carros e o avanço para a janela da entrega é lento. Ele não tem outra escolha a não ser aguardar, porque com as roupas manchadas de sangue e a camisa rasgada à bala não pode entrar num restaurante ou numa mercearia para pegar o que precisa, a menos que esteja disposto a atrair um bocado de atenção.

Na verdade, embora os vasos sanguíneos tenham sido reparados, os dois ferimentos à bala no peito ainda não foram inteiramente curados devido à escassez de combustível necessário aos processos metabólicos. Esses buracos sugadores, nos quais pode enfiar o dedo mais grosso a uma profundidade perturbadora, causariam mais comentários do que a camisa ensanguentada.

Uma das balas o atravessou por completo, saiu pelas costas à esquerda da espinha. Ele sabe que o ferimento da saída é mais largo do que os buracos do peito. Quando se recosta no assento do carro, ele sente as bordas denteadas se alargarem.

Teve sorte porque nenhum dos projéteis perfurou seu coração. Isso talvez o detivesse para sempre. Isso é um tiro na cabeça capaz de espantificar o cérebro são os únicos ferimentos que ele teme.

Quando chega na janela da caixa, ele paga o pedido com o dinheiro que pegou de Jack e Frannie em Oklahoma mais de 24 horas atrás. A jovem da caixa pode ver seu braço quando ele lhe estende o dinheiro, por isso o matador faz força para reprimir os fortes tremores que poderiam despertar sua curiosidade. Ele mantém o rosto afastado; com a noite e a chuva, ela não pode ver seu peito devastado nem a agonia que contorce suas pálidas feições.

Na janela de entrega, seu pedido chega em várias sacolas brancas que ele empilha no desordenado assento a seu lado, conseguindo desviar o rosto também desse empregado. Ele se utiliza de toda sua força de vontade para impedir-se de rasgar as sacolas e devorar a comida no mesmo instante em que a recebe. Ele conserva clareza de mente suficiente para perceber que não deve fazer uma cena bloqueando a pista de retirada.

Estaciona no canto mais escuro do estacionamento do restaurante, desliga os faróis e os limpadores de para-brisa. Quando olha no espelho retrovisor, seu rosto parece tão descarnado que ele compreende que perdeu vários quilos na última hora; os olhos estão fundos e parecem rodeados por borrões de fuligem. Ele escurece ao máximo as luzes do painel, mas deixa o motor funcionando

porque, em seu atual estado debilitado, precisa aquecer-se no ar quente do aquecedor. Ele está envolto em sombras. A chuva que corre no vidro brilha com a luz refletida dos anúncios de neon, e subjugava o mundo noturno em formas mutantes, ao mesmo tempo que o protege de olhares indiscretos.

Nessa caverna mecânica, ele volta à selvageria e, durante algum tempo, é alguma coisa menos humana, rasgando a comida com impaciência animal e enfiando-a na boca mais rápido do que pode engolir. Sanduíches, pães e batatas fritas se desintegram em seus lábios e seus dentes e deixam uma rampa crescente de entulho orgânico em seu peito; a Coca e o milk-shake pingam em sua camisa. Ele se sufoca várias vezes, jogando comida no volante e no painel, mas não para de comer como um lobo, com a mesma urgência, soltando sons sôfregos sem palavras e grunhidos baixos de satisfação.

O frenesi de comida se traduz num período de recolhimento entorpecido e silencioso muito semelhante a um transe do qual ele desperta em dados momentos com três nomes nos lábios, sussurrados como uma prece:

— ... *Paige... Charlotte... Emily...*

Ele sabe por experiência que, nas horas antes do amanhecer, sofrera novos acessos de fome, embora não tão devastadores e obsessivos quanto o que acabara de suportar. Algumas barras de chocolate ou latas de linguiça vienense ou pacotes de cachorro-quente — dependendo da sua necessidade de carboidratos ou proteínas — garantirão a suspensão das pontadas.

Ele poderá concentrar sua atenção em outras questões críticas, sem preocupar-se com distrações de natureza fisiológica. A mais séria dessas crises é a escravidão permanente de sua esposa e filhas por parte do homem que roubou sua vida.

— *Paige... Charlotte... Emily...*

Lágrimas obscurecem sua visão quando ele imagina a família nas mãos daquele odioso impostor. Elas são tão preciosas para ele. São sua única riqueza, sua razão de existir, seu futuro.

Ele lembra a admiração e a alegria com que explorou a casa, permaneceu no quarto das filhas e tocou na cama em que ele e sua mulher fazem amor. No momento em que viu seus rostos na foto em cima da escrivaninha soube que eram seu destino e que, em seu abraço de amor, encontraria o fim da confusão, da solidão e do desespero quieto que o incomodava.

Também lembra nitidamente do primeiro confronto surpreendente com o impostor, o choque e a consternação de sua misteriosa semelhança, o diapasão e o timbre de sua voz perfeitamente iguais. De imediato ele compreendeu, porque o sujeito pôde entrar em sua vida sem ninguém se dar conta.

Embora a exploração da casa não tivesse revelado nenhuma informação que explicasse as origens do impostor, ele se lembrou de certos filmes que

poderiam dar respostas quando tivesse uma oportunidade para revê-los. As duas versões de *Vampiros de Almas*, a primeira estrelada por Kevin McCarthy, a segunda por Donald Sutherland. A refilmagem de John Carpenter de *A Coisa*, mas não a primeira versão. Talvez até *O Planeta Vermelho*. Bette Midler e Lily Tomlin num filme cujo título ele não conseguia lembrar. *O Príncipe e o Mendigo. Luar Sobre Parador*. Deve haver outros.

Os filmes têm todas as respostas para os problemas da vida. Graças aos filmes, ele aprendeu tudo sobre romance, amor e a alegria da vida em família. Na escuridão das salas de exibição, passando o tempo entre os assassinatos, faminto de sentido, ele aprendera a necessitar do que não tinha. E a partir das grandes lições dos filmes, ele poderia, num dado momento, deslindar o mistério de sua vida roubada.

Mas primeiro tinha que agir.

Essa é outra lição que aprendeu nos filmes. A ação tem que vir antes do pensamento. Nos filmes, raras vezes as pessoas se sentam para meditar sobre a situação em que se encontram. Por Deus, elas *fazem* alguma coisa para resolver até seus piores problemas; ficam em movimento, movem-se sem parar, procurando resolutamente o confronto com aqueles que se opõem a elas, travando luta de vida ou morte com seus inimigos, e sempre vencem, desde que tenham determinação suficiente e sejam justas.

Ele é determinado.

Ele é justo.

Sua vida foi roubada.

Ele é uma vítima. E sofreu.

Ele conheceu o desespero.

Ele suportou os maus-tratos, a angústia, a traição e a perda como Omar Sharif em *Doutor Jivago*, como William Hurt em *O Turista Acidental*, como Robin Williams em *O Mundo Segundo Garp*, Michael Keaton em *Batman*, Sidney Poitier em *No Calor da Noite*, Tyrone Power em *O Fio da Navalha*, Johnny Depp em *Edward Mãos de Tesoura*. Ele é uma das muitas pessoas brutalizadas, desprezadas, tiranizadas, incompreendidas, enganadas, rejeitadas e manipuladas que vivem na tela prateada e que se portam heroicamente diante das aflições devastadoras. Seu sofrimento é tão importante quanto o deles, seu destino tão glorioso, sua esperança de triunfo tão grande quanto a deles.

Esse conhecimento o comove profundamente. Ele é arrebatado por soluços com tremores, chorando não de tristeza, mas sim de alegria, dominado por um sentimento de posse, de fraternidade um senso de humanidade comum. Ele tem fortes vínculos com aqueles cujas vidas ele compartilha nos cinemas, e essa gloriosa epifania o motiva a levantar-se, mover-se, mover-se, confrontar, desafiar, lutar e levar a melhor.

— Paige, estou indo buscá-la — diz por entre lágrimas.

Ele abre a porta do motorista e sai na chuva.

— Emily, Charlotte, não vou traí-las. Contem comigo. Confiem em mim. Morrerei por vocês, se for preciso.

Joga fora o lixo de sua glotonaria, dá a volta até a traseira do Honda e abre o porta-malas. Encontra uma chave de roda que, numa extremidade, tem um pé-de-cabra para soltar calotas e, na outra ponta, uma chave de porca. Seu peso e equilíbrio são satisfatórios.

Ele retorna ao assento da frente, desliza para trás do volante e coloca a chave de roda em cima do lixo perfumado que abarrota o assento a seu lado.

Quando vê na memória a foto de sua família, ele murmura:

— Morrerei por vocês.

Ele está se curando. Quando explora os buracos de bala no peito, só consegue enfiar o dedo até a metade da profundidade que antes conseguia penetrar.

No segundo ferimento, seu dedo encontra uma massa dura e sulcada que podia ser um chumaço de cartilagem deslocada. Mas ele logo percebe que se trata da bala de chumbo que não o atravessou. Seu corpo a está rejeitando. Ele escarafunha e puxa até que a bala deformada sai com um barulho úmido, e ele a joga no chão.

Embora saiba que seu metabolismo e poderes de recuperação são extraordinários, ele não se vê como sendo diferente de outros homens. Os filmes lhe ensinaram que todos os homens são extraordinários de uma maneira ou de outra. Alguns exercem um magnetismo poderoso sobre as mulheres, que não conseguem resistir; outros possuem uma coragem além dos limites; outros, cujas vidas Arnold Schwarzenegger e Sylvester Stallone retrataram, podem caminhar através de uma chuva de balas sem ser atingidos e vencer um combate corpo-a-corpo com meia dúzia de homens ao mesmo tempo ou em vertiginosa sucessão. A rápida convalescença parece menos excepcional quando comparada à habilidade comum dos heróis da tela, que passam incólumes pelo próprio inferno.

No resto da pilha de comida, ele pega um sanduíche frio de peixe, devora-o com seis grandes mordidas e sai do McDonald's. E começa a procurar um *shopping mall*.

Como se trata do sul da Califórnia, ele logo encontra o que procura: um extenso complexo de lojas de departamento e de especialidades, com seu telhado composto de mais folhas de metal que um navio de guerra, paredes de concreto armado tão formidáveis quanto as defesas de uma fortaleza medieval, cercado por centenas de metros de pavimento iluminado por lâmpadas. A implacável natureza comercial do lugar é disfarçada por fileiras e aglomerados de árvores, loureiros indianos, salgueiros e palmeiras, como um parque.

Ele atravessa infinitas filas de carros estacionados até localizar um homem de capa de chuva, que sai correndo do *mall* carregando duas sacolas de

compras cheias. O comprador para atrás de um Buick branco, coloca as sacolas no chão e procura as chaves para abrir a mala.

Há uma vaga disponível a três carros do Buick. O Honda, que esteve com ele todo o trajeto desde Oklahoma, já durou mais do que devia. Deve ser abandonado ali.

Ele sai do carro com a chave de roda na mão direita, segurando-a pela ponta e mantendo-a encostada à perna para não chamai atenção.

A tempestade começa a perder um pouco de sua força. O vento está diminuindo. Nenhum relâmpago corta o céu.

Embora a chuva não esteja menos fria que antes, ele a acha mais refrescante que congelante.

Enquanto se dirige para o *mall* — e o Buick branco —, ele vigia o imenso estacionamento. Pelo que pode ver, ninguém o observa. Nenhum dos carros agrupados ao longo dessa fileira se encontra em processo de partida: nenhum farol, nenhum rolo revelador de fumaça de escapamento. O carro em movimento mais próximo está a três filas de distância.

O comprador encontrou as chaves, abriu a mala do Buick e guardou a primeira das duas sacolas. Ao se curvar para pegar a segunda sacola, o estranho toma conhecimento de que não está mais sozinho; gira a cabeça, olha para trás e para cima de sua posição curvada a tempo de ver a chave de roda descendo sobre seu rosto, no qual uma expressão de alarme mal teve tempo de se formar.

É provável que o segundo golpe fosse desnecessário. O primeiro jogou fragmentos de ossos faciais no cérebro. De qualquer modo, ele torna a golpear o comprador inerte e silencioso.

Joga a chave de roda na mala aberta. Ela atinge alguma coisa com um tinido abafado.

Mover-se, mover-se, confrontar; desafiar, lutar, elevar a melhor.

Sem perder tempo olhando em volta para verificar se continua sem ser observado, ele pega o homem no pavimento molhado à maneira de um halterofilista que inicia um levantamento de halteres. Deixa o cadáver cair na mala, e o carro balança com o peso morto.

A noite e a chuva dão o pouco de cobertura de que ele precisa para tirar a capa de chuva do cadáver oculto na mala aberta. Um dos olhos mortos olha fixamente enquanto o outro rola solto na órbita, e a boca está congelada num uivo de dentes quebrados que nunca foi dado.

A capa que ele veste por cima de suas roupas molhadas fica um pouco larga e alguns centímetros comprida nas mangas, mas é adequada por enquanto. Ela cobre as roupas manchadas de sangue, rasgadas e sujas de comida, deixando-o apresentável, que é a única coisa com que se preocupa. Ela ainda está quente com o calor do corpo do comprador.

Mais tarde ele se livrará do cadáver e amanhã comprará roupas novas.

Agora tem muito o que fazer e bem pouco tempo para realizar o que deve ser feito.

Ele pega a carteira do morto, que contém um agradável maço grosso de notas. Joga a segunda sacola de compras em cima do cadáver, bate a tampa da mala. As chaves estão balançando na fechadura.

No Buick, perdendo tempo com os controles do aquecedor, ele se afasta do *mall*.

Mover-se, mover-se, confrontar, desafiar, lutar elevar a melhor.

Começa a procurar um posto de gasolina, não porque o Buick precise de combustível, mas sim porque precisa encontrar um telefone público.

Ele lembra das vozes na cozinha, enquanto se contorcia em agonia no meio das ruínas do corrimão da escada. O impostor empurrava Paige e as meninas para fora da casa, antes que pudessem chegar na saleta de entrada e ver seu verdadeiro pai lutando para se erguer sobre as mãos e os joelhos.

— ... *leve-as para o outro lado da rua, para Vic e Kathy...*

E segundos depois, ouviu um nome mais útil ainda:

— ... *para a casa dos Delorio...*

Embora sejam seus vizinhos, ele não consegue lembrar de Vic e Kathy Delorio ou mesmo da casa deles. Esse conhecimento lhe foi roubado junto com o resto de sua vida. Entretanto, se tivessem um telefone registrado, ele seria capaz de encontrá-los.

Um posto de serviços. O emblema azul da Pacific Bell.

Mesmo enquanto dirige para o lado da cabine de telefone com parede de plexiglas, consegue ver vagamente o grosso catálogo preso por uma corrente.

Deixa o motor do Buick ligado e atravessa uma poça em direção à cabine. Fecha a porta para acender a luz do teto e, com movimentos frenéticos, folheia as Páginas Brancas.

A sorte está com ele. Victor W Delorio. A única anotação com esse nome. Mission Viejo. Sua própria rua. Bingo. Ele memoriza o endereço.

Corre ao posto para comprar doces em barra. Vinte. Barras de Hershey com amêndoas, 3 Musketeers, Mounds, chocolate branco Crunch da Nestlé. Seu apetite está saciado por enquanto; não precisa dos doces agora — mas a necessidade vai surgir logo.

Paga com o dinheiro vivo que pertence ao morto na mala do Buick

— Sem dúvida que você tem um dente doce — diz o empregado.

No Buick de novo, saindo do posto de serviços para o tráfego, sente medo por sua família que, sem querer, permanece escrava do impostor. Podem ser levadas para um lugar distante onde ele não possa encontrá-las. Podem ser machucadas. Ou até mortas. Qualquer coisa pode acontecer. Ele apenas viu a foto delas e apenas começou a reconhecê-las; no entanto, podia perdê-las antes de ter uma oportunidade de beijá-las de novo ou de dizer o quanto as amava. Tão

injusto. Cruel. Seu coração bate com ferocidade, reavivando parte da dor que fora extinta há pouco nos ferimentos recém-fechados.

Oh, Deus, ele *precisa* de sua família. Precisa segurá-las nos braços e ser abraçado em resposta. Precisa confortá-las e ser confortado e ouvi-las dizer seu nome. Ao ouvi-las dizer seu nome, ele *será* alguém de uma vez por todas.

Acelerando em frente a um sinal de trânsito que muda do amarelo para o vermelho, ele fala alto para as filhas, num tom de voz que treme de emoção:

— Charlotte, Emily, estou indo. Tenham coragem. Papai está indo. Papai está indo. Papai. Está. Indo.

8.

O tenente Lowbock foi o último tira a sair da casa.

Na varanda da frente, enquanto as portas dos carros do esquadrão eram batidas na rua atrás dele e os motores eram ligados, ele se virou para Paige e Marty para obsequiá-los com mais um sorriso de vida curta e quase imperceptível. Era evidente que estava sem disposição para se lembrar da raiva bem controlada que no final jogaram em cima dele.

— Virei vê-los tão logo consiga os resultados do laboratório.

— Não pode ser logo? — disse Paige. — Tivemos uma visita tão *encantadora*, que simplesmente não podemos esperar pela próxima vez.

— Boa noite, Sra. Stillwater — cumprimentou Lowbock e virou-se para Marty. — Boa noite, Sr. Assassino.

Marty sabia que era uma infantilidade fechar a porta na cara do detetive, mas na verdade também foi muito gratificante.

Paige colocou a corrente de segurança no lugar enquanto Marty encaixava a fechadura de cavilha morta:

— Sr. Assassino?

— Foi como me chamaram no artigo da *People*.

— Eu ainda não vi.

— Bem na manchete. Oh, espere só até ler. O artigo me faz parecer ridículo: Marty Stillwater, o-velho-fantasmagórico-o-velho-assustador, extraordinário punhuista de livros. Por Deus, se por acaso Lowbock tivesse lido esse artigo hoje, eu não o culparia por pensar que tudo isso não passou de um golpe de publicidade.

Ela disse:

— Ele é um idiota.

— Trata-se de uma maldita história improvável.

— Eu acredito nela.

— Eu sei. E te amo por isso.

Ele beijou-a. Ela abraçou-o, mas por breves momentos.

— Como está sua garganta? — perguntou ela.

— Vou sobreviver.

— Aquele idiota pensa que você *se* sufocou.

— Não fiz isso. Mas é possível, imagino.

— Pare de ver o lado dele. Você me deixa louca. E agora? Não devíamos sair daqui?

— O mais rápido que pudermos — ele concordou. — E não voltaremos enquanto não entendermos que porra significa tudo isso. *Você* pode fazer algumas malas contendo o básico para todos nós durante alguns dias?

— Claro — ela respondeu, já se dirigindo para a escada.

— Vou dar um pulo na casa de Vic e Kathy, ver se está tudo bem por lá, depois volto para ajudá-la. E, Paige... a Mossberg está debaixo da cama em nosso quarto.

Enquanto começava a subir a escada, passando por cima dos escombros em lascas, ela disse:

— Está bem.

— Enquanto estiver fazendo as malas, tire a arma e coloque-a em cima da cama.

— Farei isso — disse ela, já tendo subido um terço da escada.

Marty achou que não a impressionara o bastante com a necessidade de precaução extra.

— Leve-a para o quarto das meninas.

— Está bem.

Falando em tom bastante brusco para detê-la, com a dor envolvendo seu pescoço quando jogou a cabeça para trás na tentativa de encará-la, ele disse:

— Droga, estou falando sério, Paige.

Ela olhou para baixo, surpresa, porque ele nunca usava aquele tom de voz.

— Está bem. Ficarei com ela por perto.

— Ótimo.

Ele se dirigia ao telefone da cozinha, e já havia chegado na sala de jantar, quando ouviu Paige gritar no segundo andar. Com o coração batendo tão forte que só conseguia respirar em *staccato*, Marty voltou correndo para a saleta de entrada, esperando vê-la agarrada pelo Outro.

Paige estava parada no topo da escada, horrorizada com as repulsivas manchas no tapete que ela via pela primeira vez.

— Quando ouvi sobre isso, não pensei... — ela olhou para Marty. — Quanto sangue. Como ele conseguiu... sair andando?

— Ele não poderia se fosse... apenas um homem. É por isso que tenho certeza de que voltará.

— Marty, isso é uma loucura.

— Eu sei.

— Meu bom Deus — disse ela, menos num sentido profano do que numa

prece, e correu para o quarto dos donos da casa.

Marty regressou à cozinha e tirou a Beretta do armário. Embora ele mesmo tivesse carregado a pistola, retirou o pente, examinou-o, recolocou-o no lugar e soltou uma bala na câmara.

Notou uma grande quantidade de impressões sujas de pés em todo o chão de lajotas mexicanas. Muitas ainda estavam úmidas. Nas últimas duas horas, os policiais ficaram entrando e saindo na chuva e era evidente que nem todos haviam tido a consideração de enxugar os pés junto à porta.

Embora soubesse que os *tiras* haviam estado ocupados e tinham coisas melhores a fazer do que se preocupar em ficar limpando a casa, as impressões dos pés — e a desconsideração que representavam — pareciam ser uma violação quase tão profunda quanto o assalto do Outro. Um ressentimento surpreendentemente intenso despertou em Marty.

Enquanto sociopatas se espalhavam pelo mundo moderno, o sistema judicial operava com a premissa de que o mal era gerado sobretudo pela injustiça social. Os assassinos eram considerados vítimas da sociedade com a mesma certeza com que as pessoas que eles roubavam ou matavam eram *suas* vítimas. Pouco tempo antes, um sujeito fora solto de uma prisão da Califórnia após cumprir seis anos por haver estuprado e assassinado uma menina de onze anos. Seis anos. A menina, claro, ainda estava tão morta quanto antes. Esses ultrajes eram agora tão comuns que a história teve pouca cobertura da imprensa. Se os tribunais não protegiam inocentes de onze anos, e se o Congresso e o Senado não decretavam leis para forçar os tribunais a protegê-los, então não se podia contar com juízes e políticos para proteger alguém em algum lugar a qualquer momento.

Mas, droga, pelo menos se esperava que os *tiras* o protegessem, porque os *tiras* estavam na rua o dia inteiro, no meio da confusão, e sabiam como o mundo era de fato. Os grandes “marajás” em Washington e as eminências almofadinhas nos tribunais haviam se isolado da realidade com altos salários, infinitos adornos e gordas pensões; viviam em condomínios fechados com segurança privada, mandavam os filhos para escolas particulares — e perdiam contato com o dano que causavam. Mas os *tiras* não. Os *tiras* eram trabalhadores, colarinho azul. Homens e mulheres de trabalho. Em sua função, viam o mal todos os dias; sabiam que o mal estava tão disseminado na classe alta quanto na média e na pobre, sabiam que a sociedade tinha menos culpa do que a natureza imperfeita da espécie humana.

Supunha-se que a polícia fosse a última trincheira de defesa contra a barbárie. Mas se ficasse cínica em relação ao sistema que devia defender, se acreditasse que era a única que ainda se importava com a justiça, deixariam de se importar. Quando você precisasse da polícia, ela faria seus testes forenses, preencheria grossos formulários da papelada para agradar a burocracia,

espalharia a sujeira em seu assoalho antes limpo e iria embora sem sequer ter simpatia.

Parado na cozinha, segurando a Beretta, Marty sabia que ele e Paige constituíam agora sua última trincheira de defesa. Não havia ninguém mais. Nenhuma autoridade maior. Nenhum guardião do bem-estar público.

Ele precisava de coragem, mas também da imaginação de rédeas soltas que ele empregava ao escrever seu livros. De repente, ele parecia estar vivendo num romance *noir*; naquele reino amoral onde tinham lugar as histórias de James M. Cain e Elmore Leonard. A sobrevivência nesse mundo sombrio dependia do pensamento rápido, da ação ligeira, da extrema crueldade. Tudo isso dependia a maior parte das vezes da capacidade de imaginar o pior que a vida poderia apresentar e, ao imaginar, estar preparado e não surpreso.

Sua mente estava vazia.

Ele não sabia para onde ir, o que fazer. Arrumar as malas e dar o fora da casa, sim. Mas e depois?

Embora adorasse as obras de Cain e Leonard, seus próprios livros não eram tão *noir* assim. Eles celebravam a razão, a lógica, a virtude e o triunfo da ordem social. Sua imaginação não o conduzia rumo a soluções cuidadosas, à ética situacional ou ao anarquismo.

Vazia.

Preocupado com sua capacidade de lutar quando tanta coisa caía em cima dele, Marty pegou o telefone da cozinha e ligou para os Delorio. Quando Kathy atendeu no primeiro toque, ele disse:

— Aqui é Marty.

— Marty, você está bem? Vimos que todos os policiais foram embora e o oficial daqui também partiu, mas ninguém nos esclareceu a situação. Quero dizer, está tudo bem? O que é que está acontecendo?

Kathy era uma boa vizinha e sua preocupação era autêntica, mas Marthy não tinha intenção de perder tempo relatando tudo pelo qual havia passado, tanto com o sócia quanto com a polícia.

— Onde estão Charlotte e Emily?

— Assistindo televisão.

— Onde?

— Bem, na sala de estar.

— Suas portas estão trancadas?

— Estão, claro, acho que sim.

— Tenha certeza. Verifique. Você tem uma arma?

— Uma arma? Marty, o que é isso?

— Você tem uma arma? — ele insistiu.

— Não acredito em armas. Mas Vic tem uma.

— Ele está com ela agora?

— Não. Ele...

— Diga a ele para carregar a arma e ficar com ela até eu e Paige podermos passar aí para pegar as meninas.

— Marty, não estou gostando disso. Eu não...

— Dez minutos, Kathy. Pegarei as meninas em dez minutos ou menos, o mais rápido que puder.

Ele desligou antes que ela pudesse responder.

Correu ao andar de cima até o quarto de hóspede que funcionava às vezes como escritório de Paige. Era ela que fazia a contabilidade da família, acompanhava o talão de cheques e cuidava do resto de seus assuntos financeiros.

Na gaveta de baixo à direita da escrivaninha de pinho havia arquivos de recibos, faturas e cheques cancelados. A gaveta também continha seu talão de cheques e cadernetas de conta de poupança presas por um elástico, que Marty retirou. Ele colocou tudo no bolso do paletó.

Sua mente já não estava mais vazia. Ele havia pensado em algumas precauções que devia tomar, embora fossem febris demais para serem consideradas um plano de ação.

Em seu gabinete, foi ao armário embutido e, às pressas, escolheu quatro cartões de papelão de pilhas de trinta a quarenta caixas do mesmo tamanho e forma. Cada qual continha vinte livros de capa dura. Ele só pôde levar dois de cada vez até a garagem. Colocou-os na mala do BMW, estremecendo com a dor no pescoço, acentuada pelo esforço.

Ao entrar no quarto do casal após sua segunda viagem corrida até o carro, depois de passar pela soleira, ele se deteve subitamente ao avistar Paige pegando a espingarda e virando-se para ficar de frente para ele.

— Desculpe — disse ela quando viu quem era.

— Você agiu certo — disse ele. — Já juntou as coisas das meninas?

— Não, estou acabando aqui.

— Vou começar com as coisas delas — disse ele.

Seguindo a trilha de sangue para o quarto de Charlotte e Emily, passando pela parte do corrimão quebrado na galeria, Marty olhou de relance para a saleta de entrada no andar de baixo. Ainda esperava ver um morto caído nas lajotas rachadas.

9.

Charlotte e Emily estavam afundadas no sofá da sala de estar dos Delorio com as cabeças encostadas. Fingiam estar absortas numa estúpida comédia de televisão sobre uma família estúpida, com seus filhos e parentes estúpidos, fazendo coisas estúpidas para resolver um problema estúpido. Enquanto elas pareciam ligadas no programa, a Sra. Delorio ficava na cozinha preparando a janta. O Sr. Delorio ou andava de um lado para o outro, ou parava diante das

janelas da frente, observando os tiros lá fora. Ignoradas, as meninas tiveram a chance de trocar sussurros tentando imaginar o que acontecia em casa.

— Talvez papai tenha levado um tiro — Charlotte preocupou-se.

— Já lhe disse um milhão de vezes que não levou.

— O que você sabe? Você tem apenas sete anos.

Emily suspirou.

— Ele disse pra gente que estava bem, na cozinha, quando mamãe achou que estava ferido.

— Ele estava coberto de sangue — irritou-se Charlotte.

— Ele disse que não era dele.

— Não lembro disso.

— Eu lembro — disse Emily em tom enfático.

— Se papai não levou um tiro, então quem levou?

— Talvez um ladrão.

— Não somos ricos, Em. O que um ladrão iria querer em nossa casa? Ei, talvez papai tenha atirado na Sra. Sanchez.

— Por que atirar na Sra. Sanchez? Ela é só a faxineira.

— Talvez ela tenha ficado louca de raiva — disse Charlotte, e essa possibilidade exerceu uma enorme atração sobre sua sede de drama.

Emily sacudiu a cabeça.

— Não foi a Sra. Sanchez. Ela é simpática.

— As pessoas simpáticas ficam loucas de raiva.

— Não ficam.

— Ficam.

Emily cruzou os braços no peito.

— Diga uma.

— A Sra. Sanchez.

— *Fora* a Sra. Sanchez.

— Jack Nicholson.

— Quem é ele?

— Você sabe, o ator. Em *Batman* ele era o Coringa e ficou totalmente maciçamente louco de raiva.

— Então, talvez ele sempre seja totalmente maciçamente louco de raiva.

— Não, às vezes ele é simpático, como naquele filme com a Shirley MacLaine. Ele era um astronauta e a filha da Shirley ficou muito doente e descobriram que estava com câncer, ela morreu e Jack foi tão doce e simpático.

— Além disso, não é dia da Sra. Sanchez — disse Emily.

— O quê?

— Ela só vem nas quintas-feiras.

— Ora, Em, se ela ficou louca de raiva, não saberia que *dia* é hoje — replicou Charlotte, contente com sua resposta que fazia perfeito sentido. — Talvez

ela tenha saído de um asilo de pirados, ande por aí pegando trabalhos de faxina, depois, às vezes, quando enlouquece de raiva, ela mata a família, assa todo mundo e come na janta.

— Você é esquisita — disse Emily.

— Não, ouça — insistiu Charlotte num sussurro urgente. — Como Hannibal Lecter.

— Hannibal o Canibal! — ofegou Emily.

Nenhuma das duas tivera permissão para ver o filme — que Emily insistia em chamar de *A Sirene dos Inocentes* — porque mamãe e papai acharam que não tinham idade suficiente, mas elas ouviram sobre ele de outras crianças da escola que haviam visto em vídeo um bilhão de vezes.

Charlotte pôde ver que Emily já não estava tão segura quanto à Sra. Sanchez. Afinal de contas, Hannibal o Canibal tinha sido um médico que ficara louco de raiva e mordia os narizes e coisas das pessoas, de modo que, de repente, a ideia de uma faxineira louca de raiva fez um bocado de sentido.

O Sr. Delorio entrou na sala de estar para abrir a cortina das portas deslizantes de vidro e examinar o pátio dos fundos, bastante iluminado. Segurava uma arma na mão direita. Nunca antes carregara uma arma.

Deixando a cortina cair de volta, afastando-se da porta de vidro, ele sorriu para Charlotte e Emily.

— Vocês estão bem, meninas?

— Sim, senhor — disse Charlotte. — O programa é muito bom.

— Precisam de alguma coisa?

— Não, obrigada, senhor — disse Emily. — Só queremos assistir ao programa.

— É um ótimo programa — repetiu Charlotte.

Quando o Sr. Delorio saiu da sala, tanto Charlotte quanto Emily viraram-se para observá-lo até ele desaparecer de vista.

— Por que ele tem uma arma? — perguntou Emily.

— Para proteger a gente. E você sabe o que isso significa? Que a Sra. Sanchez ainda deve estar viva e solta, procurando alguém para comer.

— Mas e se o Sr. Delorio for o próximo a ficar louco de raiva? Ele tem uma arma, nós nunca poderíamos fugir dele.

— Não seja boba — disse Charlotte, mas depois percebeu que era tão provável um professor de educação física enlouquecer quanto uma faxineira. — Ouça, Em, sabe o que fazer se ele ficar louco?

— Ligar para nove-um-um.

— Você não teria tempo para isso, sua boba. Portanto, o que você tem que fazer é chutar ele no saco.

Emily franziu as sobrancelhas.

— Hem?

— Não lembra do filme de sábado? — perguntou Charlotte.

Mamãe tinha ficado perturbada com o filme a ponto de fazer queixa ao gerente do cinema. Ela quis saber como um filme podia receber uma censura “livre para todas as idades, com acompanhamento dos pais” com a linguagem e violência que exibia, e o gerente disse que era um filme livre com acompanhamento dos pais, o que era muito diferente.

Uma das cenas que aborreceu mamãe foi a cena em que o mocinho se livrava do bandido chutando-o entre as pernas. Mais tarde, quando alguém perguntou ao mocinho o que o bandido desejava, o mocinho disse: “não sei o que ele desejava, mas o que ele *precisava* era de um bom chute no saco”.

Charlotte havia notado, de cara, que esse estilo aborrecera a mãe. Mais tarde, ela poderia pedir uma explicação e a mãe lhe daria. Mamãe e papai acreditavam que deviam responder, de maneira honesta, a todas as perguntas de uma criança. Mas, às vezes, era mais excitante tentar saber a resposta por conta própria, porque então era uma coisa que ela sabia, que eles não *sabiam* que ela sabia.

Em casa, ela examinou o dicionário para ver se havia uma definição de “saco” que explicasse o que o mocinho fizera com o bandido, e também explicasse por que sua mãe ficara tão triste com a coisa. Quando viu que um dos significados da palavra era a gíria obscena para “testículos”, investigou essa misteriosa palavra no mesmo dicionário, aprendeu o que pôde, depois entrou no gabinete de papai, com andar leve e furtivo, e usou sua enciclopédia médica para descobrir mais. Era uma coisa muito estranha. Talvez mais do que ela queria compreender. E explicou o melhor que pôde para Em. Mas Em não acreditou em nenhuma palavra e, como era evidente, logo esqueceu o assunto.

— Que nem no filme de sábado — Charlotte lembrou-a. — Se as coisas ficarem muito ruins e ele pirar, chute ele entre as pernas.

— Ah, sim — Em disse ainda com dúvidas. — Chuto ele nos tículos.

— Testículos.

— Era tículos.

— Era testículos — insistiu Charlotte com firmeza.

Emily encolheu os ombros.

— Seja como for.

A Sra. Delorio entrou na sala de estar enxugando as mãos num pano de prato amarelo. Usava um avental sobre a saia e blusa. Cheirava a cebolas que estava cortando; começava a preparar a janta quando elas chegaram.

— Meninas, estão prontas para outra Pepsi?

— Não, senhora — disse Charlotte. — Estamos bem, obrigada. Vendo o programa.

— É um ótimo programa — declarou Emily.

— Um de meus favoritos — disse Charlotte.

— É sobre um menino com ticlos e todo mundo fica dando chutes nele — acrescentou Emily.

Charlotte quase bateu na cabeça da fedelha.

Franzindo a testa, confusa, a Sra. Delorio ficou olhando da televisão para Emily, e de Emily para a tevê.

— Ticlos?

— Pickles — Charlotte disse, fazendo um inútil esforço para dissimular.

A campainha da porta tocou antes que Em pudesse fazer mais estrago.

A Sra. Delorio disse:

— Aposto como são seus pais — e saiu apressada da sala de visita.

— Cabeça de ervilha — disse Charlotte para a irmã.

Emily fez uma careta.

— Você só está braba porque mostrei que tudo era mentira. Ela nunca ouviu dizer que meninos têm ticlos.

— Psiu!

— Aí está — disse Emily.

— Fedelha.

— Nagra.

— Isso nem é uma palavra.

— É se eu quiser.

A campainha da porta tocou e tocou, como se alguém estivesse encostado nela.

* * *

Vic olhou pela lente olho-de-peixe para o homem na varanda da frente. Era Marty Stillwater.

Ele abriu a porta, dando um passo para trás a fim de que o vizinho pudesse entrar.

— Meu Deus, Marty, parecia um congresso de policiais lá do outro lado. Por que tudo aquilo?

Marty fitou-o intensamente por um momento, sobretudo para a arma na mão direita, depois pareceu ter tomado alguma decisão e piscou os olhos. Molhado de chuva, a pele parecia vítrea e com um branco tão artificial quanto o rosto de uma figura de porcelana. Parecia embriagado, encolhido, como alguém que se recupera de uma doença grave.

— Você está bem, Paige está bem? — perguntou Kathy entrando na saleta atrás de Vic.

Hesitante, Marty atravessou a soleira da porta e se deteve na saleta de entrada, sem entrar o suficiente para permitir que Vic fechasse a porta.

— O que foi? — perguntou Vic. — Está preocupado em não molhar o

chão? Você *sabe* que Kathy me acha um bagunçado sem esperança, por ela tudo na casa teria que brilhar. Entre, entre.

Sem entrar, Marty desviou o olhar de Vic e olhou para a sala de estar, depois para a escada. Usava uma capa de chuva preta abotoada até o pescoço, e ela era grande demais para ele, o que era parte do motivo pelo qual parecia encolhido.

Quando Vic começava a achar que ele tinha ficado mudo pelo choque, Marty disse:

— Onde estão as meninas?

— Elas estão bem — assegurou Vic. — Estão em segurança.

— Preciso delas — disse Marty. Sua voz não estava mais roufenha como antes, mas sim inexpressiva. — Preciso delas.

— Bem, pelo amor de Deus, meu chapa, será que não dá para você entrar o tempo suficiente para nos contar o que...

— Preciso delas agora — disse Marty. — Elas são minhas.

Vic Delorio percebeu que, afinal de contas, não era uma voz inexpressiva, mas sim controlada, como se Marty estivesse engolindo a raiva ou o terror ou alguma outra emoção forte, com medo de perder o autocontrole. Ele tremia um pouco. Parte da chuva na testa podia ser suor.

Kathy disse, avançando na saleta:

— Marty, o que está errado?

Vic estava prestes a fazer a mesma pergunta. Em geral, Marty Stillwater era um sujeito fácil de se lidar, relaxado, de riso rápido, mas agora estava rígido, estranho. O que quer que tivesse acontecido com ele naquela noite deixara marcas profundas.

Antes que Marty pudesse responder, Charlotte e Emily apareceram no final do corredor, onde ele se abria para a sala de estar. Devem ter colocado a capa de chuva no minuto em que ouviram a voz do pai. Estavam abotoando-se quando saíram.

A voz de Charlotte tremeu quando ela disse:

— Papai?

Ao avistar as filhas, os olhos de Marty se encheram de lágrimas. Quando Charlotte falou com ele, Marty deu outro passo para dentro, de modo que Vic pôde fechar a porta.

As meninas passaram correndo por Kathy, Marty caiu de joelhos no chão da saleta de entrada e as crianças voaram em seus braços com força suficiente para derrubá-lo. Enquanto os três se abraçavam, as meninas falaram de imediato:

— Papai, você está bem? Ficamos com tanto medo. Você está bem? Eu te amo, papai. Você estava todo sujo de sangue. Eu disse para ela que não era o *seu* sangue. Foi um ladrão, foi a Sra. Sanchez ela ficou doida, o carteiro ficou doido,

alguém ficou maluco, vocês estão bem, mamãe está bem, já acabou, mas por que as pessoas simpáticas de repente ficam loucas de raiva? — Na verdade, os três falavam ao mesmo tempo, porque Marty continuou falando enquanto elas faziam perguntas:

— Minha Charlotte, minha Emily, minhas filhas, eu amo vocês, amo muito, não vou deixá-los roubar vocês de novo, nunca mais — ele beijou-lhes os rostos, as testas, abraçou-as com força, ajeitou-lhes os cabelos com as mãos trêmulas e, no geral, comportou-se como se houvesse passado anos sem vê-las.

Kathy sorria e, ao mesmo tempo, chorava em silêncio, cobrindo os olhos com um pano de prato amarelo.

Vic imaginava que a reunião era comovente, mas não estava tão comovido quanto sua mulher, em parte porque Marty parecia e falava de maneira peculiar; não estranha como seria de se esperar da parte de um homem que acaba de brigar com um invasor em sua casa — se foi isso, de fato, o que aconteceu —, mas apenas... bem, apenas estranho. Esquisito. As coisas que Marty dizia eram um tanto quanto esquisitas:

— Minha Emily, Charlotte minha, tão mimosa como no retrato, minha, ficaremos juntos, é o meu destino.

Seu tom de voz também era incomum, trêmulo e urgente demais para uma provação que talvez já tivesse acabado — como a partida da polícia indicava, sem dúvida —, mas também afetado demais. Dramático. Dramático em excesso. Ele não estava falando de modo espontâneo, parecia estar interpretando um papel no palco, fazendo força para se lembrar da coisa certa a dizer.

Todo o mundo dizia que as pessoas criativas eram estranhas, sobretudo os escritores, e quando Vic conheceu Martin Stillwater esperava que o romancista fosse excêntrico. Mas Marty desapontara nesse aspecto; ele era o vizinho mais normal e dotado de bom senso que se poderia esperar ter. Até agora.

Marty pôs-se de pé e segurou as filhas:

— Temos que ir embora — e virou-se na direção da porta da frente.

— Espere um instante, Marty, meu chapa — disse Vic —, você não pode sair daqui assim, quando estamos tão curiosos.

Marty soltara Charlotte apenas o tempo suficiente para abrir a porta. Ele agarrou-a de novo e o vento entrou assobiando na saleta, chocalhando o bordado emoldurado de pássaros azuis e flores de primavera pendurado na parede.

Como o escritor saiu sem dar nenhuma resposta a Vic, este olhou de soslaio para Kathy e viu que sua expressão havia mudado. Lágrimas ainda brilhavam em suas faces, mas os olhos estavam secos e ela parecia intrigada.

Então não sou só eu, ele pensou.

Ele saiu e viu que o escritor já estava na varanda da frente, dirigindo-se para a calçada na chuva lançada pelo vento, segurando as mãos das meninas. O

ar estava gelado. Sapos cantavam, mas suas canções eram irreais, frias e metálicas, como o som triturante de engrenagens numa máquina congelada. O som deles fez Vic querer voltar para dentro, sentar-se diante da lareira e tomar um bocadinho de café quente com conhaque.

— Que droga, Marty, espere um minuto!

O escritor girou, olhou para trás, com as meninas aninhadas em seus lados.

— Somos seus amigos — disse Vic —, queremos ajudar. Não importa o que esteja errado, queremos ajudar.

— Você não pode fazer nada, Victor.

— Victor? Cara, você sabe que odeio “Victor”. Ninguém me chama assim, nem mesmo minha querida mãe de cabelos grisalhos, se souber o que é bom para ela.

— Desculpe... Vic. Só estou... estou com muita coisa na cabeça. — Com as meninas a reboque, ele tornou a descer para a calçada.

Um carro estava estacionado no final da calçada. Um Buick novo. Parecia adornado com joias na chuva. O motor funcionava. As luzes acesas. Ninguém dentro.

Precipitando-se da varanda para a tempestade, que já não era mais o aguaceiro de antes, mas ainda era forte, Vic alcançou-os.

— É seu carro?

— É — disse Marty.

— Desde quando?

— Comprei hoje.

— Onde está Paige?

— Nós vamos encontrá-la. — O rosto de Marty estava tão branco quanto o crânio oculto dentro dele. Ele tremia visivelmente, e seus olhos pareciam estranhos ao brilho da lâmpada da rua. — Ouça, Vic, as crianças vão ficar ensopadas até os ossos.

— Sou eu que vou ficar ensopado — disse Vic. — Elas estão de capa de chuva. Paige não está lá na casa?

— Já saiu — Marty olhou preocupado para a casa do outro lado da rua, onde ainda havia luzes acesas nas janelas do primeiro e segundo andar. — Nós vamos encontrá-la.

— Está lembrado do que me disse...

— Vic, por favor...

— Eu quase esqueci do que você me disse, e então, quando você começou a caminhar para a calçada, eu me lembrei.

— Vic, temos que ir embora.

— Você me disse para não dar as crianças a ninguém se Paige não estivesse junto. A ninguém. Está lembrado do que disse?

Marty levou duas enormes malas para a cozinha, no andar de baixo.

A Beretta 9mm Parabellum estava enfiada sob o cós da calça. Fazia uma pressão desconfortável em sua barriga. Ele usava um suéter de lã com padrão de rena que escondia a arma. A jaqueta de esqui vermelha e preta estava com o fecho aberto, de modo que ele pudesse sacar a pistola com facilidade, apenas deixando a bagagem cair.

Paige entrou na cozinha atrás dele. Carregava uma mala e a espingarda Mossberg cano 12.

— Não abra a porta externa — disse Marty, ao passar pela pequena porta de ligação entre a cozinha e a garagem escura.

Não queria que a porta de dois vãos ficasse aberta enquanto carregavam o carro, porque então se tornaria um ponto de vulnerabilidade. Pelo que sabia, O Outro podia ter rastejado de volta quando os tiras foram embora e talvez estivesse lá fora naquele exato momento.

Paige seguiu-o até a garagem e acendeu os painéis fluorescentes do teto. Os tubos compridos piscaram, mas não acenderam de imediato porque os starts estavam ruins. Sombras saltaram e giraram nas paredes, entre os carros, nos caibros abertos.

Torturando seu pescoço machucado, Marty girou a cabeça sem querer em direção aos fantasmas saltitantes. Nenhum deles tinha um rosto, muito menos uma cara igual à dele.

As lâmpadas fluorescentes acenderam. A dura luz branca, fria e insípida como um sol de manhã de inverno impôs uma parada súbita nas sombras dançantes.

Ele está a poucos metros do Buick, segurando firme as mãos das meninas, tão perto de fugir com elas. Sua Charlotte. Sua Emily. Seu futuro, seu destino, tão perto, uma proximidade tão exasperante.

Mas Vic não para. O cara é um sanguessuga. Segue-os durante todo o trajeto desde a casa, como que esquecido da chuva, tagarelando sem parar, fazendo perguntas, um bastardo intrometido.

Tão perto do carro. O motor funcionando, os faróis acesos. Emily numa das mãos, Charlotte na outra, e elas o amam, o amam de fato. Elas o beijaram e abraçaram lá na saleta de entrada, tão felizes em vê-lo, suas menininhas. Elas conhecem seu pai, seu pai verdadeiro. Se ao menos puder entrar no carro, fechar as portas e partir, elas serão suas para sempre.

Talvez ele possa matar Vic, o bastardo abelhudo. Então, seria tão fácil fugir. Mas ele não tem certeza se pode fazer isso.

— Você me disse para não dar as crianças a ninguém, se Paige não estivesse junto — diz Vic. — A ninguém. Está lembrado do que disse?

Ele encara Vic sem pensar numa resposta que não fosse eliminar o filho da puta. Mas está com fome de novo, trêmulo e fraco dos joelhos, começando a desejar as barras de doce no assento da frente, açúcar, carboidratos, mais energia para os reparos pelos quais ainda está passando.

— Marty? Está lembrado do que disse?

Ele não tem uma arma, o que em geral não seria um problema. Foi bem treinado para matar com as mãos. Talvez até tenha forças para fazer isso, apesar de seu estado e do fato de Vic parecer bastante resistente para enfrentar uma briga.

— Achei estranho — diz Vic —, mas você me disse, disse inclusive para eu não entregá-las a *você* se Paige não estivesse junto.

O problema é que o bastardo *tem* um arma. E está desconfiado.

Segundo após segundo, toda esperança de fuga vai se desintegrando, sendo lavada pela chuva. As meninas ainda estão segurando suas mãos. Ele as agarra com firmeza, sim, mas elas estão prestes a deslizar e ele não sabe o que fazer. Ele olha boquiaberto para Vic, a mente girando, tão impedido de dizer alguma coisa quanto esteve impedido de escrever alguma coisa, quando sentou-se no gabinete e tentou começar um livro novo.

Mover-se, mover-se, confrontar, desafiar, lutar elevar a melhor.

Repentinamente ele percebe que, para enfrentar esse problema e levar a melhor, precisa agir como um amigo, do mesmo jeito que os amigos se tratam e conversam entre si nos filmes. Isso atenuará toda suspeita.

Um rio de lembranças de filmes corre em sua mente, e ele flui junto com elas.

— Vic, por Deus, Vic, eu... eu disse isso? — Ele imagina ser Jimmy Stewart, porque todo o mundo gosta e confia em Jimmy Stewart. — Não sei o que estava dizendo, devia estar fora de mim com todas essas preocupações. Por Deus, acontece que... acontece que fiquei com um maldito medo maluco por causa de todo esse negócio que está acontecendo, uma loucura.

— O que *está* acontecendo, Marty?

Receoso mas ainda gracioso, hesitante porém sincero, Jimmy Stewart num filme de Hitchcock

— É complicado, Vic, tudo é... tão maluco, inacreditável, eu mesmo não acredito nem na metade. Levaria uma hora para contar a você, e eu não tenho uma hora, não tenho uma hora, não senhor, não agora, com certeza não. Minhas filhas, essas crianças, estão em perigo, Vic, e Deus me livre se alguma coisa acontecer a elas. Eu não iria querer viver.

Ele pode ver que suas novas maneiras estão tendo o efeito desejado. Empurra as meninas nos poucos passos que faltam para o carro, confiando que o vizinho não vai detê-los.

Mas Vic os acompanha, chapinhando numa poça d'água.

— Você não pode me contar *alguma coisa*?

Ele abre a porta traseira do Buick, introduz as meninas no interior e se vira para Vic mais uma vez.

— Estou envergonhado por dizer isso, mas sou eu que as coloco em risco. Eu, seu pai, por causa do que faço para ganhar a vida.

Vic parece perplexo.

— Você escreve livros.

— Vic, sabe o que é um fã obsessivo?

Vic arregala os olhos, depois aperta-os quando uma lufada de vento arremessa gotas de chuva em seu rosto.

— Como aquela mulher e Michael J. Fox alguns anos atrás.

— É isso, está certo, como Michael J. Fox. — As duas meninas já estão no carro. Ele bate a porta. — Só que é um cara que está nos incomodando, não uma mulher maluca, e hoje à noite ele foi longe demais, invadiu a casa. Ele é violento, tive que machucá-lo. Eu. Imagine você, *eu* tendo que machucar alguém, hem, Vic? Agora estou com medo de que ele volte e preciso levar as meninas para longe daqui.

— Meu Deus — diz Vic totalmente engabelado pela história.

— Pois bem, isso é tudo que tenho tempo para lhe contar, Vic, *mais* do que tenho tempo para contar, portanto você... basta você... volte para dentro de casa, antes que pegue uma pneumonia mortal. Liguei dentro de alguns dias, contarei o resto.

Vic hesita.

— Se pudermos fazer alguma coisa para ajudar...

— Vá agora, vá. Agradeço pelo que já fez, mas a única coisa que pode fazer agora para ajudar é sair da chuva. Olhe para você está ensopado, pelo amor de Deus. Vá, saia da chuva para que eu não tenha que me preocupar com você caindo doente de pneumonia por minha causa.

* * *

Paige juntou-se a Marty na traseira do BMW onde ele deixara as sacolas no chão, e arriou a terceira mala e a Mossberg. Quando abriu e levantou a tampa da mala, ela viu as três caixas lá dentro.

— O que são?

— Coisas de que podemos precisar — disse ele.

— Como o quê?

— Explicarei depois. — Ele coloca a bagagem na mala.

Como só cabiam duas das três malas, ela disse:

— As coisas que coloquei nas malas são necessárias. Pelo menos uma caixa tem que sair.

— Não. Vou colocar a mala menor no assento traseiro, no chão, debaixo dos pés de Emily. Em todo caso, os pés dela não chegam ao chão.

* * *

Na metade do caminho para casa, Vic olha para trás em direção ao Buick. Ainda bancando Jimmy Stewart:

— Vá, Vic, vá agora. Lá está Kathy na varanda; também vai pegar sua pneumonia, se vocês não entrarem agora, os dois.

Ele se vira, dá as costas para o Buick e só volta a olhar para a casa quando chega na porta do motorista.

Vic está na varanda com Kathy, longe demais agora para impedir sua fuga, com ou sem a arma.

Ele acena para os Delorio, que acenam em resposta. Entra no Buick atrás do volante, com a capa de tamanho exagerado formando um fardo em torno dele. E bate a porta.

No outro lado da rua, em sua casa, as luzes estão acesas no andar de cima e de baixo. O impostor está lá dentro com Paige. Sua linda Paige. Ele não pode fazer coisa alguma em relação a isso, não por enquanto, não sem uma arma.

Quando se vira para olhar o assento traseiro, vê que Charlotte e Emily já se afivelaram no cinto de segurança. São boas meninas. E tão engraçadinhas com suas capas de chuva amarelas e chapéus de vinil da mesma cor. Mesmo no retrato não estavam tão graciosas assim.

As duas começam a falar, Charlotte primeiro:

— Papai, aonde vamos, onde conseguimos esse carro?

Emily diz:

— Onde está mamãe?

Antes que ele possa responder, elas disparam uma impiedosa salva de perguntas:

— O que aconteceu, em quem você atirou, matou alguém?

— Foi a Sra. Sanchez?

— Ela ficou maluca como Hannibal o Canibal, papai, ela ficou pirada mesmo? — perguntou.

Espiando através da janela do lado do carona, ele vê os Delorio entrarem na casa e fecharem a porta da frente.

— Papai, é verdade? — pergunta Emily.

— É isso, papai, é verdade o que disse ao Sr. Delorio, como aconteceu

com Michael J. Fox, é verdade? Ele é bonito.

— Tratem de ficar caladas — ele diz, impaciente. Engrena a marcha do Buick, aperta o acelerador. O carro resiste, porque ele esqueceu de soltar o freio de mão. Ele solta, mas o carro dá um solavanco para a frente e morre.

— Por que mamãe não está com você? — pergunta Emily.

A excitação de Charlotte está aumentando, e o som das vozes delas o deixa tonto:

— Puxa, você está com a camisa cheia de sangue, com certeza deve ter atirado em *alguém*, é nojento mesmo, peso pesado.

A necessidade de comida é intensa. Suas mãos tremem tanto que as chaves fazem barulho quando ele tenta dar a partida de novo. Embora dessa vez a fome não vá ser tão tremenda como da vez anterior, ele só conseguirá andar alguns quarteirões antes de ser dominado pela necessidade de comer os doces em barra.

— Onde está mamãe?

— Ele deve ter tentado atirar em você primeiro, ele tentou atirar em você primeiro, tinha uma faca, isso seria assustador, uma faca, o que ele tinha, papai?

O motor de arranque range, o carro estremece, mas o motor não pega, como se estivesse afogado.

— Onde está mamãe?

— *Você* brigou mesmo com ele só com as mãos, tirou uma faca dele ou alguma outra coisa, papai, como pôde fazer isso, você sabe karatê, sabe?

— Onde está mamãe? Quero saber onde está mamãe.

A chuva bate no teto do carro. Bate no capô. O motor afogado enlouquece qualquer um porque não responde: *ruuuuum-ruuuuum-ruuuuum*. Os limpadores do para-brisa batendo, batendo. De um lado para o outro. De um lado para o outro. Socando sem parar. Vozes de meninas no assento traseiro, um barulho cada vez mais agudo. Como o estridente zumbido de abelhas. *Buzz-buzz-buzz*. Tem que se concentrar em manter a mão trêmula com firmeza na chave. Dedos suados e espasmódicos ficam deslizando. Com medo de supercompensar, talvez quebrar a chave na ignição. *Ruuuumm-ruuuuum*. Morto de fome. Preciso comer. Preciso dar o fora daqui. Tumpe. Panguê. Um martelar incessante. A dor ressuscita em seus ferimentos quase curados. Dói respirar. Droga de motor. *Ruuuum*. Não pega. *Ruuuum-ruuuuwn*. Papai-papai-papai-papai-papai, *buzzzzzzz*.

Da frustração à raiva, da raiva ao ódio, do ódio à violência. A violência às vezes aplaca.

Ansioso para bater em algo, qualquer coisa, ele gira no assento, olha fixo para as meninas, grita para elas:

— *Calem a boca, calem a boca, calem a boca.*

Elas ficam espantadas. Como se ele nunca antes houvesse falado com elas dessa maneira.

A menor morde os lábios, não consegue suportar olhar para ele, vira o rosto para a janela.

— Quietas, pelo amor de Deus, fiquem quietas!

Quando vira o rosto para a frente de novo e tenta dar a partida no carro, a mais velha explode em lágrimas como se fosse um bebê. Os limpadores de para-brisa batem, o motor de arranque tritura, o motor afogado, a batida constante da chuva, e agora o choro lamurioso dela, tão agudo, desagradável demais para suportar. Ele grita com ela, sem palavras, alto o bastante para *abafar* o choro e todos os outros barulhos por alguns instantes. Ele considera a possibilidade de passar para o assento traseiro, onde está a maldita coisinha chorosa, *fazê-la* parar, bater, sacudir, apertar a mão em seu nariz e em sua boca até ela não poder fazer mais som algum, até ela enfim parar de chorar, parar de se debater, apenas parar, parar — e, de repente, o motor explode, pega, ronrona docemente.

* * *

— Volto logo — disse Paige enquanto Marty colocava a mala no chão, atrás do assento do motorista do BMW

Ele levantou a vista a tempo de ver que ela se dirigia para a casa.

— Espere, o que está fazendo?

— Vou apagar todas as lâmpadas.

— Ao diabo com isso. Não volte lá.

Foi um momento de ficção, saído direto de um romance ou filme, e Marty o reconheceu como tal. Tendo feito as malas, tendo chegado até o carro, tão perto de escapar ilesos, eles retornariam à casa para completar uma tarefa não essencial, confiantes em sua segurança, e de alguma forma o psicopata estaria lá dentro, ou Porque havia retornado enquanto eles estavam na garagem, ou porque ele havia sido bem-sucedido ao se esconder em algum nicho bem disfarçado enquanto a polícia fazia a busca no local. Eles andariam de quarto em quarto, apagando as luzes, deixando que a escuridão se espalhasse pela casa — então, o sócio se materializaria, uma sombra saída das sombras, brandindo uma enorme faca de açougueiro tirada do armário de instrumentos da cozinha, golpeando, espetando, matando um deles ou os dois.

Marty sabia que a vida real não tinha o colorido extravagante da ficção mais agitada, nem a metade da monotonia do romance acadêmico médio — e era menos previsível que ambos. Seu medo de voltar à casa para apagar as luzes era irracional, produto de uma imaginação fértil demais e da predileção do romancista por esperar o drama, a maldade e a tragédia em cada assunto humano, em cada mudança de tempo, de plano, de sonho, de esperança ou lance de dados.

Mesmo assim, eles não iriam voltar à maldita casa. De maneira

nenhuma, porra.

— Deixe as luzes acesas — ele disse. — Tranque, levante a porta da garagem, vamos pegar as crianças e dar o fora daqui.

Talvez Paige houvesse vivido com um romancista o tempo suficiente para sua imaginação ser corrompida, ou talvez tenha se lembrado de todo o sangue no corredor do andar de cima. Por alguma razão, ela não protestou que deixar tantas luzes acesas seria um desperdício de eletricidade. Ela apertou o botão para ativar o elevador Genie, e com a outra mão fechou a porta da cozinha.

Enquanto Marty batia e fechava a mala do BMW, a porta da garagem parou de correr. Com um estrépito final, ela acomodou-se na posição de plena abertura.

Ele olhou para a noite chuvosa lá fora, a mão direita buscando a coronha da Beretta em sua cintura. Sua imaginação ainda estava encrespada, e ele estava preparado para ver o indomável sócia vir pela estradinha de carro.

Em vez disso, o que ele viu foi pior do que qualquer imagem conjurada por sua imaginação. Havia um carro parado no outro lado da rua, diante da casa dos Delorio. Não era o carro dos Delorio. Marty nunca o vira antes. Os faróis estavam acesos, embora o motorista estivesse tendo dificuldade para ligar o motor, que se sacudia e sacudia. Apesar de o motorista ser apenas uma forma escura, a pequena oval pálida de um rosto de criança era visível na janela traseira, olhando para fora. Mesmo a distância, Marty teve certeza de que a menininha do Buick era Emily.

Junto à porta de ligação com a cozinha, Paige procurava desajeitadamente as chaves da casa nos bolsos de sua jaqueta de veludo cotelê.

Marty estava dominado por um choque paralisante. Não conseguia gritar para Paige, não podia mexer-se.

No outro lado da rua, o motor do Buick pegou com uma tosse tísica, depois rangeu com força e tomou vida. Nuvens de fumaça cristalizada se elevaram do escapamento.

Marty só percebeu que romperia a paralisia e começara a se mover depois que chegou do lado de fora da garagem, no meio da estradinha de carro, correndo a toda velocidade pela chuva fria em direção à rua. Sentia-se como se houvesse sido movido por telecinesia, fazendo dez metros numa minúscula fração de segundo, mas o que acontecia era que, operando por instinto e puro terror animal, seu corpo estava à frente de sua mente.

A Beretta estava em sua mão. E ele não se lembrava de tê-la tirado da cintura.

O Buick afastou-se do meio-fio e Marty virou à esquerda para segui-lo. O carro movia-se devagar, porque o motorista ainda não percebera que estava sendo seguido.

Emily ainda podia ser vista. Seu rosto assustado estava agora pressionado

com força no vidro. Ela olhava direto para seu pai.

Marty se aproximava do carro, a três metros do para-choque traseiro. Então, o Buick acelerou, afastando-se dele, muito mais rápido do que Marty podia correr. Seus pneus cortavam as poças com borbulhas e borrifos coados.

Como uma passageira numa gôndola de Caronte, Emily estava sendo transportada não ao longo de uma rua, mas sim atravessando o Rio Estige, em direção à terra dos mortos.

Uma onda negra de desespero caiu sobre Marty, mas seu coração começou a bater com mais ferocidade do que antes, e ele encontrou uma força que não imaginava ter. Ele correu com mais ímpeto do que antes, chapinhando nas poças, os pés martelando o pavimento como uma britadeira, jogando os braços, a cabeça abaixada, os olhos sempre na presa.

O Buick diminuiu a velocidade no final do quarteirão. E parou por completo no cruzamento.

Ofegando, Marty alcançou-o. Para-choque traseiro. Para-lama traseiro. Porta traseira.

O rosto de Emily na janela.

Agora ela olhava para ele.

Seus sentidos estavam tão aguçados pelo terror que era como se ele tivesse tomado drogas que alteravam a mente. Marty estava alucinadoramente consciente de cada detalhe das gotas de chuva no vidro entre ele e a filha — suas formas curvas e pendulares, as tristes espirais e fragmentos de luz das lâmpadas da rua refletidas em suas superfícies trêmulas — como se cada uma dessas gotas tivesse importância igual a de qualquer outra coisa do mundo. Do mesmo modo, ele via o interior do carro não como um borrão escuro, mas sim como uma elaborada tapeçaria dimensional de sombras em incontáveis matizes de cinza, azul, preto. Além do rosto pálido de Emily, no intricado tricô de lusco-fusco e brilho, havia uma outra figura, uma segunda criança: Charlotte.

O carro começou a se mover de novo, no exato momento em que ele chegou na porta do motorista e estendeu a mão para a maçaneta. O Buick virou à direita, atravessando o cruzamento.

Marty deslizou e quase caiu no pavimento molhado. Recuperou o equilíbrio, agarrou a arma com firmeza e se arrastou atrás do Buick, que já virava na rua transversal.

O motorista olhava para a direita, sem saber que Marty estava à sua esquerda. Ele estava vestido com um casaco negro. Apenas sua nuca era visível na janela lateral riscada de chuva. Seu cabelo era mais escuro do que o de Vic Delorio.

Como o carro ainda rodava devagar enquanto completava a volta, Marty alcançou-o de novo, respirando com dificuldade, os ouvidos cheios do forte tamborilar de seu coração. Dessa vez ele não estendeu a mão para a porta,

porque talvez estivesse travada. Ele desperdiçaria o elemento surpresa se tentasse. Levantou a Beretta e mirou na nuca do outro.

As crianças podiam ser atingidas por um tiro de ricochete, por vidro voando. Ele tinha que arriscar. Caso contrário, elas seriam perdidas para sempre.

Embora houvesse poucas possibilidades de que o motorista fosse Vic Delorio ou algum outro inocente, Marty não poderia apertar o gatilho sem saber com certeza em quem estava atirando. Ainda movendo-se paralelo ao carro, ele gritou:

— *Ei, ei, ei!*

O motorista girou a cabeça para olhar pela janela.

Marty olhou para seu próprio rosto no final do cano de sua pistola. O Outro. O vidro à sua frente parecia um espelho amaldiçoado, no qual seu reflexo não estava confinado numa mímica precisa, mas sim livre para revelar emoções mais péfidas do que alguém gostaria que o mundo visse; quando confrontou-se com ele, o rosto que parecia vidro contraiu-se com ódio e fúria.

Assustado, o motorista deixou o pé escapar do acelerador. Por um breve momento o Buick diminuiu de velocidade.

Não mais que um metro até a janela. Marty disparou duas balas. Um pouco antes do estrondo ressoante do primeiro disparo ecoar numa infinidade de superfícies molhadas da noite lavada pela chuva, Marty pensou ter visto o motorista jogar-se para o lado e para baixo, ainda segurando o volante pelo menos com uma das mãos, tentando tirar a cabeça da linha de fogo. O cano brilhou e vidro espatifado obscureceu o rosto do bastardo.

Enquanto a segunda bala explodia perto da primeira, os pneus do carro rangeram. O Buick disparou para a frente, como um cavalo bravo que explode para fora de um portão de rodeio.

Marty correu atrás do carro, que se afastou dele com uma contracorrente de ar turbulento e fumaça de escapamento. O sócia ainda estava vivo, talvez ferido, mas ainda vivo e determinado a fugir.

Disparando na direção leste, o Buick começou a pender para o lado errado da rua de duas pistas. Nessa trajetória, iria bater no meio-fio e cair no gramado de alguém.

Em seu traiçoeiro olho da mente, Marty imaginou o carro chocando-se no meio-fio em alta velocidade, sendo atirado para o ar, rolando, batendo em uma das árvores ou na lateral de uma casa, incendiando-se, com as filhas presas num caixão de aço em chamas. No canto mais sombrio de sua mente, ele até pôde escutá-las gritando enquanto o fogo cauterizava a carne em seus ossos.

Então, enquanto Marty o perseguia, o Buick girou de volta à pista do centro, sua própria pista. Ainda movia-se rápido, rápido demais, e ele não tinha nenhuma esperança de alcançá-lo.

Mas corria como se corresse pela própria vida, com a garganta

começando a arder de novo enquanto ele respirava pela boca aberta, o peito doendo, agulhas de dor lancetando ao longo de suas pernas. Sua mão direita segurava a coronha da Beretta com tanta força que os músculos do braço latejavam do punho ao ombro. E a cada passo desesperado, os nomes de suas filhas ecoavam em sua mente num grito não externado de perda e sofrimento.

* * *

Quando seu pai gritou para elas calarem a boca, Charlotte ficou tão magoada como se ele a tivesse esbofeteado, pois em seus nove anos nada do que dissera e nenhuma proeza que tinha feito jamais o deixaram tão furioso. No entanto, ela não compreendia o que o enraivecera, porque tudo que fizeram foram algumas perguntas. Foi injusto ele ralar com ela; e o fato de em sua memória ele nunca ter sido injusto só acrescentava ferroadas em sua reprimenda. Ele pareceu ter ficado furioso com ela, apenas por ela ser ela mesma, como se de repente alguma coisa em sua própria natureza causasse repulsa e desgosto nele, o que era um pensamento insuportável porque ela não podia mudar quem ela era, e talvez seu pai jamais a *amasse* de novo. Ele jamais conseguiria retirar o olhar de raiva e ódio de seu rosto, e ela jamais conseguiria esquecer enquanto vivesse. Tudo mudara entre eles para sempre. Tudo isso ela pensou e compreendeu em um segundo, antes mesmo de ele terminar de gritar e de ela ter caído no choro.

Quase sem se dar conta de que enfim o carro pegara, se afastara do meio-fio e chegara ao final do quarteirão, Charlotte só perdeu um pouco da tristeza quando Em afastou-se da janela, agarrou seu braço e sacudiu-a. Em sussurrou-lhe:

— *Papai.*

A princípio, Charlotte pensou que Em estava injustamente irritada com ela por ter deixado papai furioso, e estivesse lhe avisando que ficasse calada. Mas antes de poder lançar-se ao combate com a irmã, ela percebeu uma excitação de alegria na voz de Em.

Alguma coisa importante estava acontecendo.

Reprimindo as lágrimas, ela viu que Em já estava de novo pressionada contra a janela. Enquanto o carro atravessava o cruzamento e virava à direita, Charlotte seguiu a direção do olhar da irmã.

Assim que localizou papai correndo ao lado do carro, soube que era seu pai *verdadeiro*. O papai atrás do volante — o papai com aquele ar de ódio no rosto, que gritava para as filhas sem nenhuma razão — era uma falsificação. Alguma outra pessoa. Ou alguma outra *coisa*, talvez como nos filmes, surgindo de uma semente de vagem de uma outra galáxia, um dia era apenas um monte de gosma feia e no dia seguinte assumia uma forma parecida com papai. Ela não

se sentiu confusa ao avistar os dois pais idênticos, não teve nenhum problema para saber qual era o verdadeiro, como um adulto poderia ter, porque ela era uma criança e as crianças sabiam essas coisas.

Acompanhando o carro, quando ele entrou na próxima rua, apontando a arma para a janela do motorista, papai berrou:

— *Ei, ei, ei!*

Quando o falso papai percebeu quem estava gritando para ele, Charlotte esticou-se para fora do cinto de segurança, agarrou um pedaço do casaco de Em e puxou a irmã para fora da janela.

— Abaixa-se, proteja seu rosto, rápido!

As duas se encostaram, aconchegaram-se uma na outra, protegeram as cabeças com as mãos.

BAM!

O disparo da arma de fogo foi o barulho mais alto que Charlotte ouvira na vida. Campainhas soaram em seus ouvidos.

Ela quase começou a chorar de novo, dessa vez de medo, mas tinha que ser dura por causa de Em. Nesses momentos, uma irmã mais velha tem que pensar em suas responsabilidades.

BAM!

Quando o segundo tiro explodiu num piscar de olhos depois do primeiro, Charlotte soube que o falso papai fora atingido, porque ele gritou de dor e praguejou, cuspidando a palavra com M várias e várias vezes. No entanto, ainda estava em boa forma para dirigir, e o carro pulou para a frente.

Pareciam fora de controle, tombando para a esquerda, indo rápido demais, depois virando com força para a direita.

Charlotte sentiu que iriam bater em alguma coisa. Se não fossem esmigalhadas na batida, ela e Em tinham que estar preparadas para se mover com rapidez quando parassem, tinham que sair do carro e do caminho para que papai pudesse tratar do falso.

Ela não tinha nenhuma dúvida de que papai poderia tratar do outro homem. Embora não tivesse idade para ter lido algum de seus romances, ela sabia que papai escrevia sobre assassinos e armas e perseguições de carro, esse tipo de coisa, de modo que saberia *exatamente* o que fazer. O falso ficaria muito arrependido de ter se metido com papai; acabaria numa prisão por um tempo muito, muito longo.

O carro desviou-se de novo para a esquerda, e no assento da frente o falso fazia sons choramingados de dor, que lembravam os gritos de Wayne, o gerbo, na vez em que conseguiu ficar com o pé preso debaixo do mecanismo de sua roda de exercícios. Mas Wayne nunca praguejava, claro, e aquele homem estava praguejando com mais raiva que antes, não apenas usando a palavra com M, mas também o nome de Deus em vão, além de todos os tipos de palavras que

ela nunca ouvira antes, mas sabia, tinha certeza de que era linguagem ruim da pior espécie.

Segurando Em com um braço, Charlotte apalpou o cinto de segurança com a mão livre, procurando o botão de soltar. Achou-o e manteve o polegar sobre ele.

O carro bateu em alguma coisa, e o motorista pisou no freio. Eles deslizaram de lado na rua molhada. A traseira do carro girou para a esquerda, e a barriga dela deu uma volta, como se estivessem num brinquedo do parque de diversões.

O lado do motorista de carro bateu forte em alguma coisa, mas não com força suficiente para matá-los. Ela apertou o polegar no botão e o cinto de segurança recuou. Apalpando a cintura de Em, ela disse:

— Seu cinto, solte o cinto... — e, em um ou dois segundos, encontrou o botão da irmã.

A porta de Em estava emperrada na coisa contra a qual tinham batido. Elas tinham que sair pelo lado de Charlotte.

Ela puxou Em por sobre seu corpo. Abriu a porta. Empurrou Em para fora.

Ao mesmo tempo, Em a puxava, como se fosse a pessoa que estava fazendo o salvamento, e Charlotte quis dizer: *Ei, quem é a irmã mais velha aqui?*

O falso papai viu ou ouviu que elas estavam saindo. E investiu contra elas por sobre o assento da frente.

— Suas putinhas! — e agarrou o desengonçado chapéu de chuva de Charlotte.

Ela deslizou por baixo do chapéu, passou pela porta, saiu na noite e na chuva, caindo de mãos e joelhos no pavimento. Levantou a vista, viu que Em já cambaleava na rua em direção à calçada distante, tropeçando como um bebê que recém aprendeu a andar. Charlotte pôs-se de pé correu atrás da irmã.

Alguém estava gritando seus nomes.

Papai.

O verdadeiro papai.

A três quartos de quarteirão de distância, o Buick atingiu um galho de árvore quebrado numa enorme poça e deslizou levantando uma cortina de espuma.

Marty ficou animado com a chance de se aproximar, mas horrorizado com o pensamento do que podia ter acontecido com as filhas. O filme mental de uma batida de carro não passou por sua mente de novo; ele *nunca* parou de passar. Agora parecia prestes a sair de sua imaginação, exatamente como as

cenar se traduzem em palavras a partir de imagens mentais, só que dessa vez ele estava indo longe demais, saltando do manuscrito, traduzindo-se diretamente de imaginação em realidade. Marty teve a ideia maluca de que o Buick não teria perdido o controle se ele não houvesse imaginado isso acontecendo, e que suas filhas morreriam queimadas no carro apenas porque ele imaginara que isso aconteceria.

O Buick bateu súbita e ruidosamente contra a lateral de um Ford Explorer estacionado. Embora o barulho da colisão estremecesse a noite, o carro não capotou nem incendiou.

Para espanto de Marty, a porta direita traseira se abriu e as meninas saíram como um par de cobras de brinquedo pulando de uma lata.

Pelo que ele podia ver, elas não tinham ferimentos sérios, e Marty gritou para se afastarem do Buick. Mas elas não precisavam de seu conselho. Tinham sua própria agenda e, no mesmo instante, arrastaram-se na rua, procurando proteção.

Marty continuou correndo. Agora que as meninas estavam fora do carro, sua fúria era maior que seu medo. Ele queria machucar o motorista, matá-lo. Não era uma raiva quente, mas fria, a selvageria irracional de réptil que o assustava, ainda que se entregasse a ela.

Estava a menos de um terço de quarteirão do carro, quando o motor uivou e os pneus começaram a soltar fumaça. O Outro tentava escapar, mas os veículos estavam engatados. De repente, o metal torturado guinchou, estalou e o Buick começou a rasgar-se, livrando-se do Explorer.

Marty preferia estar mais perto para abrir fogo, de modo a ter mais chances de atingir O Outro, mas sentiu que essa era a maior proximidade que teria. Parou derrapando, levantou a Beretta, segurando-a com as duas mãos, tremendo tanto que não conseguia manter a visão no alvo, xingando-se por sua fraqueza, tentando ser uma rocha.

O recuo do primeiro tiro jogou o cano para o alto, e Marty baixou-o antes de dar o segundo tiro.

O Buick se libertou do Explorer e arremessou-se alguns metros à frente. Por um momento, seus pneus perderam tração no pavimento escorregadio e giraram no vazio, lançando para trás um borrifo prateado de água.

Ele apertou o gatilho, grunhindo de satisfação quando a janela traseira do Buick explodiu e, no mesmo instante, tornou a disparar, mirando o motorista, tentando visualizar o crânio do bastardo implodindo da mesma forma que a janela, esperando que todos os seus pensamentos se traduzissem em realidade. Quando os pneus agarraram o pavimento, o Buick afastou-se em disparada. Marty deu outro tiro e mais outro, apesar de o carro já estar fora do alcance. As meninas não estavam na linha de fogo e parecia não haver ninguém mais na rua chuvosa, mas era irresponsável continuar atirando, já que ele tinha poucas

possibilidades de atingir O Outro. Era mais provável acertar algum inocente que por acaso passasse na mesma rua mais à frente; mais provável espatifar a janela de uma das casas próximas e eliminar alguém sentado diante da televisão. Mas ele não se importava, não conseguia refrear-se, queria sangue, vingança, o pente vazio, e apertou o gatilho várias vezes até gastar a última bala, emitindo primitivos sons de raiva, totalmente fora de controle.

* * *

Paige ligou a seta do BMW. O carro deslizou em volta da esquina, quase tombando de lado antes de ela endireitá-lo de frente para leste na rua transversal.

A primeira coisa que viu depois de virar a esquina foi Marty no meio da rua. Estava parado de costas para ela, com as pernas bem abertas, atirando com a pistola contra o Buick que desaparecia.

Ela prendeu a respiração e o coração parou de bater. As meninas deviam estar no carro que se afastava.

Ela pisou fundo no acelerador, tencionando contornar Marty e alcançar o Buick, bater em sua traseira, tirá-lo da rua, lutar de mãos limpas contra o sequestrador, arrancar com os dentes os olhos do filho da puta, fazer qualquer coisa que fosse preciso, qualquer coisa. Então, ela viu as meninas com suas capas de chuva amarelas na calçada à direita, paradas ao lado de um poste. Estavam abraçadas. Pareciam tão pequenas e frágeis na chuva garoenta e na penetrante luz amarelada.

Paige passou por Marty e puxou o freio de mão. Abriu a porta e saiu do BMW, deixando os faróis acesos e o motor funcionando.

Enquanto corria para as meninas, ouviu sua voz dizer:

— Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus.

Não conseguia parar de dizer isso, nem mesmo quando se agachou e pegou as duas nos braços ao mesmo tempo, como se num certo nível acreditasse que as duas palavras possuísem poderes mágicos, e que as filhas desapareceriam de seu abraço se ela parasse de cantar esse mantra.

As meninas abraçavam-na com ferocidade. Charlotte enterrou o rosto no pescoço da mãe. Emily estava com os olhos arregalados.

Marty caiu de joelhos ao lado delas. E ficou tocando as meninas, sobretudo no rosto, como se tivesse dificuldade em acreditar que a pele delas ainda permanecia quente e seus olhos vivos, aturdido ao ver que a respiração ainda saía de suas bocas. Ele disse várias vezes:

— Vocês estão bem, estão machucadas, estão bem?

O único machucado que pôde encontrar foi uma pequena esfoladura na palma esquerda de Charlotte, feita quando ela mergulhara do Buick e caíra de mãos e joelhos no chão.

A única diferença grande e perturbadora nas meninas era seu constrangimento incomum. Estavam tão reprimidas que pareciam humildes, como se tivessem recebido um castigo sério. A breve experiência com o sequestrador as deixara assustadas e contidas. A autoconfiança costumeira poderia levar algum tempo para voltar, talvez nunca mais fosse tão forte quanto antes. Só por essa razão, Paige queria fazer com que o sujeito do Buick sofresse.

No quarteirão, algumas pessoas haviam saído pelo portão da frente para ver o motivo daquela comoção — agora que os tiros tinham cessado. Outras estavam nas janelas.

Sirenes soaram ao longe.

Marty pôs-se de pé.

— Vamos dar o fora daqui.

— A polícia está vindo — disse Paige.

— Foi o que eu quis dizer.

— Mas eles...

— Serão tão maus quanto da última vez, pior.

Ele pegou Charlotte e saiu apressado em direção ao BMW, enquanto as sirenes ficavam mais altas.

* * *

Lascas de vidro estão alojadas em seu olho esquerdo. A maior parte da janela de vidro temperado se dissolvera numa massa pastosa. Não cortou seu rosto. Mas minúsculos fragmentos estão enterrados em seu tecido ocular, e a dor é devastadora. A cada movimento do olho, o vidro se enterra mais fundo, causa mais dano.

Como seu olho se contrai quando as piores dores o assaltam, ele fica piscando sem querer, embora seja uma tortura piscar. Tentando parar com isso, ele coloca os dedos da mão esquerda sobre a pálpebra fechada, aplicando apenas uma suave pressão. Tanto quanto possível ele dirige só com a mão direita.

Às vezes tem que deixar o olho contrair-se, porque precisa usar a mão esquerda para dirigir. Com a direita, ele rasga a embalagem de uma barra de doce, enfiando-a na boca o mais rápido que pode mastigar. Sua fornalha metabólica exige combustível.

Um furo de bala marca-lhe a testa acima do mesmo olho. O sulco tem a largura de seu dedo indicador e quase três centímetros de comprimento. Até o osso. A princípio, sangrou sem parar. Agora o sangue pegajoso pinga grosso sobre sua sobrancelha e escorre por entre os dedos que ele mantém grudados na pálpebra.

Se a bala pegasse dois centímetros à esquerda, acertaria a têmpora e penetraria no cérebro, jogando estilhaços de osso para a frente.

Ele teme os ferimentos na cabeça. Não confia em que possa recuperar-se de danos no cérebro com a mesma rapidez com que se recupera de outros ferimentos. Talvez não possa se recuperar, em absoluto.

Ele dirige com cuidado, está meio cego. Com um olho apenas perdeu a noção de profundidade. As ruas encharcadas pela chuva são traiçoeiras.

Agora a polícia tem uma descrição do Buick, talvez até o número da placa. Estarão à sua procura, de maneira rotineira se não for ativa, e os danos que o carro sofreu no lado do motorista irão facilitar sua localização.

Ele não está em condições de roubar um outro carro a essa hora. Não apenas está meio cego, mas também ainda trêmulo por causa dos ferimentos de bala feitos há três horas atrás. Se for surpreendido no ato de roubar um carro sem ocupantes, ou se encontrar resistência quando estiver tentando matar outro motorista, como aquele cuja capa de chuva está usando e que por enquanto se encontra tombado na mala do Buick, é provável que seja preso ou ferido com mais gravidade.

Rodando para o noroeste de Mission Viejo, pouco tempo depois ele atravessa a fronteira com El Toro. Embora esteja numa comunidade nova, ainda não se sente seguro. Se houver um pedido de captura do Buick, é provável que seja para todo o condado.

O maior perigo é ficar em movimento, aumentando o risco de ser visto pelos tiras. Se puder encontrar um lugar recolhido para estacionar o Buick, onde possa ficar em segurança sem ser descoberto pelo menos até amanhã, ele pode enroscar-se no assento traseiro e descansar.

Ele precisa dormir e dar ao corpo uma oportunidade de se recompor. Desde que deixou Kansas City, passou duas noites sem descanso. Em geral, ele poderia permanecer ativo e em estado de alerta por uma terceira noite, talvez uma quarta, sem nenhuma diminuição de suas faculdades mentais. Mas o pedágio de seus ferimentos, combinado com o sono perdido e o esforço físico, requer um tempo para a convalescença.

Amanhã ele pega sua família de volta, reclama seu destino. Já caminhou durante muito tempo sozinho na escuridão. Um dia a mais vai fazer pouca diferença.

Esteve *tão* perto do sucesso. Durante um breve tempo, suas filhas lhe pertenceram de novo. Sua Charlotte. Sua Emily.

Ele recorda a alegria que sentiu na saleta de entrada da casa dos Delorio, pressionando os corpinhos das meninas contra o seu. Eram tão doces. Beijos com suavidade de borboletas em suas faces. Suas vozes musicais — “papai, papai” — tão cheias de amor por ele.

Ao lembrar do quão perto esteve de tomar posse permanente delas, ele fica à beira do choro. Não deve chorar. A convulsão dos músculos no olho machucado aumentará a dor de maneira insuportável, e lágrimas em seu olho

direito o reduzirão à cegueira virtual.

Em vez disso, ele atravessa bairros residenciais de El Toro indo para Laguna Hill, onde as luzes das casas brilham na chuva, escarnecendo dele com imagens de felicidade doméstica. Ele pensa em como aquelas mesmas crianças o desafiaram e abandonaram; esse tema o tira das lágrimas e o conduz à raiva. Ele não compreende por que suas doces meninas escolheriam o charlatão em vez do pai verdadeiro, quando momentos antes o haviam coberto de beijos e adoração. A traição delas o perturba. Corrói suas entranhas.

* * *

Enquanto Marty dirigia, Paige estava sentada no assento traseiro com Charlotte e Emily, segurando suas mãos. Por enquanto ela se sentia emocionalmente incapaz de soltá-las.

Marty seguia uma rota indireta através de Mission Viejo. No início, manteve-se afastado o máximo possível das ruas principais, conseguindo evitar a polícia. Quarteirão após quarteirão, Paige continuava examinando o tráfego em torno deles, esperando que o Buick batido surgisse e tentasse forçá-los para fora do pavimento. Virou-se duas vezes para olhar pela janela traseira, certa de que o Buick os seguia, mas seus medos não se concretizaram.

Quando Marty entrou na Marguerite Parkway e se dirigiu ao sul, Paige enfim perguntou:

— Para onde estamos indo?

Ele olhou para ela pelo espelho retrovisor.

— Não sei. Só estamos saindo daqui. Ainda estou pensando em nosso destino.

— Talvez eles acreditem em você dessa vez.

— Não tem a menor chance.

— As pessoas de lá devem ter visto o Buick.

— Talvez. Mas não viram o sujeito que estava dirigindo. Nenhuma delas pode apoiar minha história.

— Vic e Kathy devem ter visto o homem.

— E pensaram que fosse eu.

— Mas agora sabem que não era você.

— Elas não nos viram *juntos*, Paige. É isso que importa, droga! Alguém que nos visse juntos, uma testemunha independente.

— Charlotte e Emily — disse ela. — Elas viram você e o outro ao mesmo tempo.

Marty sacudiu a cabeça.

— Isso não vale. Gostaria que valesse. Mas Lowbock não daria nenhum crédito ao testemunho de crianças pequenas.

— Não tão pequenas — falou Emily ao lado de Paige, parecendo ainda menor e mais jovem do que era de fato.

Charlotte permanecia em silêncio, o que não era sua característica. As duas meninas ainda tremiam, mas Charlotte sofria um acesso de tremores pior do que Emily. Estava encostada no corpo da mãe para se aquecer, com a cabeça enfiada na gola de seu casaco, como se fosse uma tartaruga.

Marty ligou o aquecedor no ponto mais alto possível. O interior do BMW deveria estar sufocantemente quente. Mas não estava.

Até Paige sentia frio. Ela disse:

— Talvez devêssemos voltar e tentar falar sério com eles, mesmo assim.

Marty foi inflexível.

— Querida, não, não podemos. Pense só. Com toda certeza, eles vão tomar a Beretta. Eu atirei no cara com ela. Do ponto de vista deles, de uma maneira ou de outra houve um crime, e a pistola foi usada para cometê-lo. Ou alguém tentou, de fato, sequestrar as meninas e eu tentei matá-lo. Ou tudo isso é um embuste para vender livros, para me colocar mais alto na lista de *bestsellers*. Talvez eu tenha contratado um amigo para dirigir o Buick, depois atirei nele com balas de festim, induzi minhas filhas a mentir e agora estou fazendo *outra* queixa policial falsa.

— Depois de tudo isso, Lowbock não vai continuar com essa teoria ridícula.

— Não vai? Uma droga que não vai.

— Marty, ele não pode.

Ele suspirou.

— Está bem, está bem, talvez ele não possa, é provável que não possa.

— Ele vai perceber que está acontecendo algo muito mais sério — disse Paige.

— Mas tampouco vai acreditar na *minha* história, que parece ser mais maluca que uma lata tamanho gigante de Planters, admito. E se você tivesse lido o artigo da *People*... Em todo caso, ele tomará a Beretta. E se descobrir a espingarda na mala do carro?

— Não há nenhuma razão para ele tomá-la.

— Ele pode achar uma desculpa. Ouça, Paige, Lowbock não vai mudar de opinião a meu respeito com essa facilidade, nem que as meninas contem a verdade para ele. Vai desconfiar muito mais de mim do que de um sujeito no Buick que ele nunca viu. Se tomar as duas armas, ficaremos indefesos. Suponhamos que os tiras vão embora, e aí aquele bastardo, o sócia, entra na casa dois minutos depois, quando não tivermos nada para nos proteger.

— Se a polícia continuar não acreditando, se não nos der proteção, não ficaremos na casa.

— Não, Paige, estou falando literalmente. E se aquele bastardo entrar na

casa *dois minutos* depois que os tiras forem embora, sem nos dar chance de fugir?

— Não é provável que ele arrisque...

— Ah, é sim, é provável. É provável sim. Ele voltou quase que *imediatamente* depois que os tiras partiram na primeira vez, não voltou? Foi direto até a porta da frente dos Delorio e tocou a maldita campainha. Parece que ele floresce com o risco. Eu não afastaria a possibilidade de ele invadir a casa enquanto os tiras ainda estão lá, atirando na frente de todo o mundo. Ele é louco, toda essa situação é maluca e não quero arriscar minha vida, a sua ou a das meninas ignorando o que esse cretino pode fazer em seguida.

Paige sabia que ele tinha razão.

Contudo, era difícil e até doloroso aceitar que a situação deles era tão terrível ao ponto de colocá-los além da ajuda policial. Se não podiam receber assistência e proteção oficial, então o governo falhara com eles no dever mais fundamental: proporcionar a ordem civil através da aplicação justa porém estrita de um código criminal. Apesar da máquina complexa na qual eles viajavam, apesar da moderna autoestrada na qual rodavam e da rede de luzes suburbanas que cobria a maior parte dos morros e vales do sul da Califórnia, essa falha significava que não estavam vivendo num mundo civilizado. Os *shopping malls*, os elaborados sistemas de trânsito, os fulgurantes centros para a realização de artes, os estádios esportivos, os imponentes prédios do governo, as múltiplas salas de cinema, os prédios de escritórios, os sofisticados restaurantes franceses, igrejas, museus, parques, universidades e usinas nucleares não significavam coisa alguma, a não ser uma elaborada fachada de civilização de tecido fino com toda sua solidez aparente. Na verdade, eles viviam numa anarquia com alta tecnologia, sustentada pela esperança e pela auto ilusão.

O constante zumbido dos pneus do carro fez nascer dentro dela um medo crescente, um estado de espírito de calamidade iminente. Era um som tão comum, banda de borracha dura girando em alta velocidade sobre o pavimento, apenas uma parte da música cotidiana da vida diária; mas, de repente, isso era tão agourento quanto o ronco de bombardeiros se aproximando.

Quando Marty virou para sudoeste na Crown Valley Parkway, em direção a Laguna Niguel, Charlotte enfim rompeu seu silêncio.

— Papai?

Paige viu quando ele olhou pelo espelho retrovisor e soube, por seu olhar de preocupação, que ele também estava inquieto com o estranho período de introversão da menina.

Ele disse:

— Sim, querida.

— O que era aquela coisa? — perguntou Charlotte.

— Que coisa, querida?

— Aquela coisa que parecia com você.

— Eis aí uma pergunta de um milhão de dólares. Mas, seja ele quem for, é apenas um homem e não uma coisa. É apenas um homem que se parece um bocado comigo.

Paige pensou em todo aquele sangue no andar de cima, na rapidez com que o sócia se recuperou dos dois tiros no peito para empreender sua rápida fuga e, pouco tempo depois, voltar, forte o bastante para renovar seu assalto. Ele não parecia humano. E a declaração de Marty — ela sabia — nada mais era que a tranquilização obrigatória de um pai consciente de que, às vezes, as crianças precisam acreditar na onisciência e equanimidade inabaláveis dos adultos.

Após mais algum tempo de silêncio, Charlotte disse:

— Não, não era um homem. Era uma coisa. Má. Feia por dentro. Uma coisa fria. — Um tremor sacudiu-a, fazendo com que suas palavras seguintes soassem trêmulas: — Eu beijei e disse “eu te amo” para ela, mas era apenas uma *coisa*.

* * *

O condomínio de alta classe abrange uma grande quantidade de prédios enormes, cada qual alojando dez ou doze apartamentos. Ele se estende pela propriedade, que se assemelha a um parque, sombreada por uma pequena floresta.

As ruas dentro do condomínio são sinuosas. Todos os residentes dispõem de galpões para carro, com estrutura de sequoia e apenas uma parede nos fundos e o telhado, cada qual com oito ou dez baias. Buganvílias sobem pelas colunas que sustentam cada telhado, dando-lhes um ar de graça, embora à noite as flores vivas percam a maior parte de sua cor com a luz azul das lâmpadas de segurança a vapor de mercúrio.

Em toda a propriedade há áreas de estacionamento não cobertas, nas quais está escrito no meio-fio branco com letras pretas: ESTACIONAMENTO APENAS PARA VISITANTE.

Num beco sem saída ele encontra uma zona de visitantes que lhe proporciona o local perfeito para passar a noite. Nenhum dos seis espaços está ocupado e o último é flanqueado num dos lados por uma cerca de oleandros de 1,50m de altura. Quando ele dá ré no carro e se encaixa no espaço bem encostado na cerca, o oleandro disfarça a batida no lado do motorista.

Uma acácia teve permissão para deitar-se sobre a lâmpada de rua mais próxima. Seus galhos cheios de folhas bloqueiam a maior parte da luz. O Buick está quase todo na escuridão.

Não é provável que a polícia atravesse o condomínio mais do que uma ou duas vezes até o amanhecer. E, quando o fizer, não vai examinar placas de carro,

mas sim esquadrihar a propriedade procurando indicações de invasão de domicílio ou outros crimes em andamento.

Ele desliga os faróis e o motor, recolhe o que sobrou de seu estoque de doces e sai do carro para livrar-se dos fragmentos de vidro que estão presos nele.

A chuva já não cai mais.

O ar está frio e limpo.

A noite não revela suas intenções. Está em silêncio, com a exceção do tique e plop das árvores que ainda pingam.

Ele passa para o assento traseiro e, com movimentos suaves, fecha a porta. Não é uma cama confortável. Mas ele já conheceu piores. Acomoda-se na posição fetal, aninhado entre barras de doce em vez do cordão umbilical, coberto apenas pela larga capa de chuva.

Enquanto espera que o sono se apodere dele, pensa de novo nas filhas e em sua traição.

Como é inevitável, ele se pergunta se elas preferem o outro pai a ele, o falso ao real. É uma terrível possibilidade para ser forçado a explorar. Se for verdade, significa que aquelas que ele mais ama não são vítimas, como ele, mas sim participantes ativos no complô bizantino armado contra ele.

É provável que o falso pai seja clemente com elas. Permite que comam o que querem. Deixa irem para a cama tão tarde quanto queiram.

Todas as crianças são anarquistas por natureza. Precisam de regras e padrões de comportamento, caso contrário crescem selvagens e antissociais.

Quando ele matar o odioso falso pai e recuperar o controle de sua família, estabelecerá regras para tudo e as aplicará estritamente. O mau comportamento será punido instantaneamente. A dor é uma das melhores professoras da vida, e ele é especialista na aplicação de dor. A ordem será estabelecida na casa dos Stillwater, e suas filhas não cometerão nenhum ato sem primeiro refletir com sobriedade sobre as regras que as governam.

Claro que no começo vão odiá-lo por ser tão severo e inflexível. Não compreenderão que ele está agindo no interesse delas.

Contudo, cada lágrima que suas punições arrancarem será doce para ele. Cada grito de dor será música alegre. Ele será inflexível; sabe que elas acabarão percebendo que ele impõe orientação porque se importa muito com elas. Elas o amarão por sua severa preocupação paternal. Elas o adorarão por ele estar proporcionando a disciplina de que precisam — e desejam secretamente —, mas faz parte de sua natureza resistir.

Paige também precisará ser disciplinada. Ele conhece as necessidades das mulheres. Ele lembra de um filme com Kim Basinger, no qual é mostrado que sexo e desejo de disciplina estão ligados de maneira inexorável. Ele antegoza a instrução de Paige com prazer especial.

Desde o dia em que sua carreira, família e memórias lhe foram roubadas

— fato que pode ter ocorrido há um ou dez anos, pelo que sabe —, ele viveu sobretudo através dos filmes. As aventuras vividas e as dolorosas lições aprendidas em inúmeros cinemas escuros lhe parecem tão reais quanto o assento de carro no qual está deitado agora e o chocolate que se dissolve em sua língua. Ele lembra ter feito amor com Sharon Stone e com Glenn Close, e que ambas lhe ensinaram o potencial de mania sexual e traição inerente às mulheres. Ele lembra da diversão exuberante que foi o sexo com Goldie Hawn, o êxtase de Michelle Pfeiffer, e excitante urgência suada de Ellen Barkin, quando ele incorretamente suspeitou que ela era uma assassina, mas assim mesmo espetou-a na parede de seu apartamento e penetrou-a. John Wayne, Clint Eastwood, Gregory Peck e tantos outros homens o haviam colocado debaixo de suas asas, ensinando-lhe coragem e determinação. Ele sabe que a morte é um mistério de infinitas complicações, porque aprendeu muitas lições conflitantes sobre isso. Tim Robbins mostrou-lhe que a vida após a morte é apenas uma ilusão, ao passo que Patrick Swayze mostrou-lhe que o além é um lugar alegre tão real quanto qualquer outra parte e que aqueles a quem se ama (como Demi Moore) o encontrarão ali quando, mais tarde, deixarem este mundo. No entanto, Freddy Krueger demonstrou que a vida após a morte é um pesadelo terrível do qual se pode retornar para uma alegre vingança. Quando Debra Winger morreu de câncer, deixando Shirley MacLaine desolada, ele ficara inconsolável, mas alguns dias depois tornou a vê-la, viva novamente, mais jovem e mais linda do que nunca, reencarnada numa vida nova na qual desfrutava de um novo destino ao lado de Richard Gere. Muitas vezes, Paul Newman dividiu com ele seu conhecimento sobre a morte, a vida, o bilhar, o pôquer, o amor e a honra, por isso ele considera esse homem um de seus mentores mais importantes. Do mesmo modo, Wilford Brimley, Gene Hackman, o velho e robusto Edward Asner, Robert Redford, Jessica Tandy. Com frequência, ele absorve lições bastante contraditórias desses amigos, mas como já ouviu algumas dessas pessoas dizerem que as crenças têm valor igual e que não existe uma verdade única, ele se sente confortável com as contradições com que vive.

Ele aprendeu a mais secreta de todas as verdades não num cinema público ou no serviço de cinema pago de um quarto de hotel. Em vez disso, esse momento de formidável conhecimento ocorreu no quarto particular de um dos homens que devia matar.

Seu alvo era um senador dos Estados Unidos. Uma exigência do extermínio era fazer com que parecesse suicídio.

Ele tinha que entrar na residência do senador numa noite em que o homem estivesse sozinho. Estava de posse de uma chave, de modo que não haveria sinais de entrada forçada.

Após ganhar acesso à casa, ele encontrou o senador numa sala de oito lugares, com som de alta fidelidade e sistema de projeção com qualidade

profissional capaz de apresentar imagens de televisão, vídeo ou *laserdisc* numa tela de 1,50m x 1,80m. Era um aposento forrado com veludo, sem janelas. Havia inclusive uma máquina antiga de Coca que — ele soube mais tarde — fornecia a suave bebida na clássica garrafa de vidro de 300ml, mais uma máquina de doces estocada com Milk Duds, jujubas, passas e outras guloseimas favoritas do cinema em casa.

Por causa da música do filme, ele não teve dificuldade para rastejar até chegar atrás do senador e dominá-lo com um pano embebido em clorofórmio, que ele tirou de uma sacola de plástico um segundo antes de usar. Ele carregou o político para o andar de cima, para o ornamentado banheiro do dono da casa; despiu-o e, com delicadeza, levou-o para a banheira cheia de água quente, empregando o clorofórmio periodicamente para garantir a inconsciência permanente. Com uma lâmina de barbear, fez um corte profundo e perfeito no pulso direito do senador (já que o político era canhoto, sendo portanto provável que usasse a mão esquerda para fazer o primeiro corte), e deixou esse braço afundar na água, que logo depois foi descolorida pelo jorro arterial. Antes de deixar a lâmina cair na água, ele fez algumas débeis tentativas para cortar o pulso esquerdo, sem fazer um sulco profundo, já que o senador não teria conseguido segurar a lâmina com firmeza na mão direita, depois de haver cortado os tendões e ligamentos junto com a artéria desse pulso.

Sentado na beira da banheira, ministrando clorofórmio cada vez que o político gemia e parecia prestes a despertar, ele compartilhou, com gratidão, da sagrada cerimônia da morte. Quando se tornou o único homem vivo no banheiro, ele agradeceu ao falecido pela preciosa oportunidade de compartilhar da mais íntima das experiências.

Normalmente ele teria saído da casa depois, mas o que havia assistido na tela de cinema atraiu-o de volta à sala de projeção do primeiro andar. Já vira pornografia antes, no cinema só para adultos de muitas cidades, e nessas experiências aprendera tudo sobre posições e técnicas sexuais. Mas a pornografia naquela tela doméstica era diferente de tudo que ele já vira, pois incluía correntes, algemas, correias de couro, cintos com botões metálicos, além de uma ampla variedade de outros instrumentos de punição e repressão. Por incrível que pareça, as lindas mulheres na tela pareciam ficar excitadas com a brutalidade. Quanto maior a crueldade com que eram tratadas, maior era a disposição com que se entregavam ao prazer orgástico; na verdade, muitas vezes elas suplicavam para ser tratadas com mais crueldade, violadas com mais sadismo.

Ele acomodou-se no assento de onde tirara o senador. Fascinado, olhou fixo para a tela, absorvendo, aprendendo.

Quando a fita de vídeo chegou ao fim, uma rápida busca levou-o a um pequeno armário embutido — em geral oculto atrás do painel da parede —, que continha uma coleção de material semelhante. Um assombroso tesouro de fitas,

mostrando crianças envolvidas em atos carnavais com adultos. Filhas com pais. Mães com filhos. Irmãs com irmãos, irmãs com irmãs. Ele ficou sentado horas, até quase o amanhecer, pasmo.

Absorvendo.

Aprendendo, aprendendo.

Para ter se tornado senador dos Estados Unidos, um líder exaltado, o morto na banheira devia ter sido muito sábio. Portanto, sua videoteca pessoal conteria, claro, diversos materiais de natureza transcendente, refletindo seu singular discernimento intelectual e moral, incorporando filosofias complexas demais para serem compreendidas pela média do público das salas de cinema. Que sorte ter descoberto o político sentado na sala de cinema, e não preparando um lanche na cozinha ou lendo um livro na cama. Caso contrário, jamais teria aquela oportunidade de usufruir a sabedoria do armário oculto do grande homem.

Agora, enroscado na posição fetal no assento traseiro do Buick, ele podia estar temporariamente cego de um olho, furado e arranhado à bala, fraco e cansado, por um momento derrotado, mas não desesperado. Ele tem outra vantagem além do corpo que se recupera de forma mágica, da energia sem paralelo e dos exaustivos conhecimentos das artes de matar. Igualmente importante, ele possui o que percebe ser a grande sabedoria adquirida nas telas públicas e privadas de cinema, e essa sabedoria assegurará seu triunfo derradeiro. Ele conhece o que acredita serem os grandes segredos, que as pessoas mais sábias escondem em armários: aquelas coisas de que as mulheres realmente precisam; coisas que elas podem não conhecer, mas que subconscientemente desejam; aquelas coisas que as crianças querem, mas não ousam falar. Ele compreende que sua mulher e filhas acolherão com prazer e florescerão com a extrema dominação, rígida disciplina, abusos físicos, subjugação sexual e até humilhação. Na primeira oportunidade, ele pretende realizar seus desejos mais profundos e primitivos, que o tolerante pai falso, ao que parece, jamais conseguirá; e juntos serão uma família, vivendo em harmonia e amor, compartilhando um destino, unidos para sempre por sua sabedoria singular, força e coração exigente.

Ele flutua rumo ao sono curador, confiando em acordar com plena saúde e vigor dentro de algumas horas.

A pouca distância dele, na mala do carro, está o morto que antes era dono do Buick — frio, rígido e sem nenhuma perspectiva atraente.

Que bom é ser especial, ser necessário, ter um destino.

PARTE DOIS

Hora de História no Manicômio

*No ponto em que esperança e razão se separam,
está o lugar onde começa a loucura.
Esperança de tornar o mundo mais cordial e livre —
mas as flores da esperança enraizam-se na realidade.*

*Não existe leito pacífico para o carneiro e o leão,
a não ser em algum além de Orion.
Não instrua as corujas para poupar os camundongos.
Não é maldade coruja agir como coruja.*

*As tormentas não respondem às súplicas sinceras.
Nem todas as palavras dos homens podem acalmar os
mares.*

*A natureza — sempre benéfica e cruel —
não mudará para um sábio ou um tolo.*

*A humanidade compartilha de todas as imperfeições da
Natureza
claramente visíveis em inspeções casuais.
Resistir ao aperfeiçoamento é um traço humano.
O ideal da utopia é nosso trágico destino.
O Livro dos Sofrimentos Contados*

*Sentimos que a vida é uma comédia sombria e talvez
possamos
viver com isso. Entretanto, como a coisa toda é escrita para
o
entretenimento dos deuses, muitas das brincadeiras passam
direto
sobre nossas cabeças.
Duas Vítimas Desaparecidas, Martin Stillwater*

QUATRO

I.

Logo depois de deixar a área à margem da estrada, onde os aposentados mortos descansavam para sempre no aconchegante refeitório de seu *motorhome*, retornando pela I-40 em direção à cidade de Oklahoma, com o inescrutável Karl Clocker atrás do volante, Drew Oslett usou seu telefone celular último tipo para se comunicar com a matriz na cidade de Nova York. Relatou os acontecimentos e pediu instruções.

O telefone usado ainda não era vendido ao público em geral. Para o cidadão comum, ele *jamaiz* estaria disponível com todas as características do modelo de Oslett.

Como outros celulares, ele se encaixava no acendedor de cigarros. Entretanto, ao contrário de outros, podia ser operado virtualmente em qualquer parte do mundo, não apenas dentro do estado ou área de serviço em que fora licenciado. Como o mapa eletrônico URAS, o telefone incorporava uma ligação direta com satélite. Podia ter acesso direto a pelo menos 90% dos satélites de comunicação em órbita no corrente momento, evitando suas estações de controle com base na terra, atropelando os programas de exclusão de segurança e ligando para qualquer telefone que o usuário desejasse, sem deixar nenhum registro de que a ligação tinha sido feita. A companhia telefônica violada jamais emitiria uma conta da chamada de Oslett para Nova York, porque jamais saberia que ela fora feita usando seu sistema.

Ele falou livremente com seu contato de Nova York, contando o que encontrara à beira da estrada, sem medo de ser ouvido por alguém, porque seu telefone também incluía um mecanismo de interceptação acionado por um simples interruptor. Um mecanismo semelhante instalado no telefone da matriz tornava sua mensagem inteligível de novo ao recebê-la, mas para qualquer pessoa que pudesse interceptar o sinal entre Oklahoma e a *Big Apple* as palavras de Oslett soariam como algaravia.

Nova York só ficou preocupada com os aposentados mortos, porque podiam ser um caminho para as autoridades de Oklahoma ligarem seu assassinato a Alfie ou à Rede, que era o nome que eles usavam entre si para descrever a organização.

— Você não deixou os sapatos por lá, não? — perguntou Nova York.

— Claro que não — disse Oslett, ofendido com a insinuação de incompetência.

— Todos os artigos eletrônicos no salto...

— Estou com os sapatos.

— É coisa recém-saída do laboratório. Qualquer pessoa bem informada ia ficar vidrada e talvez...

— Eu tenho os sapatos — disse Oslett em tom firme.

— Ótimo. Então deixe que encontrem os corpos e batam com a cabeça na parede para tentar solucionar. Não é problema nosso. Uma outra pessoa pode varrer esse lixo.

— Exato.

— Volto a contactá-lo daqui a pouco.

— Estou contando com isso — disse Oslett.

Após desligar, enquanto esperava uma resposta da matriz, ele ficou cheio de inquietação com a perspectiva de passar mais de cem quilômetros sombrios e vazios só com a companhia de Clocker. Por sorte, estava equipado com diversão barulhenta e envolvente. Pegou um Game Boy no chão, atrás do assento do motorista, e colocou os fones nos ouvidos. Logo depois, estava feliz e distraído da enervante paisagem rural graças aos desafios propostos por um jogo de computador de ritmo rápido.

Luzes suburbanas salpicavam a noite quando Oslett levantou a vista da tela em miniatura para responder ao tapinha no ombro dado por Clocker. O telefone celular tocava no chão entre seus pés.

O contato de Nova York falou sombrio, como se tivesse acabado de chegar do funeral de sua mãe.

— Em quanto tempo você pode chegar ao aeroporto da cidade de Oklahoma?

Oslett transmitiu a pergunta para Clocker.

O rosto impassível de Clocker não mudou de expressão quando ele respondeu:

— Meia hora, quarenta minutos... supondo-se que o tecido da realidade não se rompa entre aqui e lá.

Oslett transmitiu a Nova York apenas o cálculo do tempo de viagem, deixando a ficção científica de fora.

— Chegue o mais rápido que puder — disse Nova York. Vocês vão para a Califórnia.

— Onde, na Califórnia?

— Aeroporto John Wayne, condado de Orange.

— Vocês têm uma pista de Alfie?

— Não sabemos que porra temos.

— Por favor, nada de respostas tão técnicas — disse Oslett. — Está me deixando confuso.

— Quando chegar ao aeroporto da cidade de Oklahoma, encontre uma banca de jornais. Compre a última edição da revista *People*. Olhe as páginas 66, 67 e 68. Então saberá tanto quanto nós.

— Isso é uma piada?

— Acabamos de descobrir isso.

— Descobrir o quê? — perguntou Oslett. — Olha, não estou interessado no último escândalo da família real inglesa ou na dieta que Julia Roberts segue para manter a forma.

— Páginas 66, 67 e 68. Telefone para mim depois que tiver olhado. É como se estivéssemos com gasolina até a cintura e alguém tivesse acabado de riscar um fósforo.

Nova York desligou antes que Oslett pudesse responder.

— Vamos para a Califórnia — disse ele para Clocker.

— Por quê?

— A revista *People* pensa que vamos gostar do lugar — decidiu dar ao sujeito grande um gostinho de seu próprio diálogo enigmático.

— É provável que gostemos — respondeu Clocker, como se as palavras de Oslett fizessem um sentido perfeito para ele.

Quando rodavam pelos subúrbios de Oklahoma, Oslett ficou aliviado ao ver-se cercado de sinais de civilização — embora preferisse explodir os próprios miolos do que viver ali. Mesmo em sua hora mais agitada, a cidade de Oklahoma não assaltava os cinco sentidos à maneira de Manhattan. Ele não apenas florescia com a sobrecarga sensorial; ele a achava quase tão essencial para a vida quanto a comida e a água, e mais importante do que o sexo.

Seattle fora melhor que a cidade de Oklahoma, embora não chegasse aos pés de Manhattan. Na verdade, tinha céu demais para uma cidade, e pouca multidão. As ruas eram comparativamente quietas, e o povo parecia... *relaxado*, de uma maneira inexplicável. Era como se eles não soubessem que iriam morrer mais cedo ou mais tarde, como qualquer pessoa.

Ele e Clocker ficaram esperando no Internacional de Seattle às duas horas da tarde de ontem, quando Alfie deveria ter chegado num voo de Kansas City, Missouri. O 747 tocou o solo com dezoito minutos de atraso e Alfie não estava nele.

Nos quase catorze meses em que Oslett tratara de Alfie, o tempo inteiro que Alfie esteve em serviço, nada parecido com isso acontecera antes. Alfie aparecia onde devia aparecer, viajava para onde era mandado, realizava a tarefa de que era incumbido, e era tão pontual quanto um condutor de trem japonês. Até ontem.

Eles não entraram em pânico de imediato. Era possível que algum “bololô” — talvez um acidente de trânsito — tivesse retardado Alfie em seu trajeto para o aeroporto, fazendo com que perdesse o voo.

Claro que no momento em que sáísse do plano, um “comando subterrâneo” implantado no fundo de seu subconsciente devia ter sido ativado, forçando-o a ligar para um número na Filadélfia para informar sobre sua

mudança de plano. Mas esse era o problema com os comandos subterrâneos: às vezes estava enterrado tão fundo na mente do sujeito que o gatilho não disparava e *continuava* enterrado.

Enquanto Oslett e Clocker esperavam no aeroporto para ver se o garoto deles aparecia num voo posterior, um contato da Rede em Kansas City foi de carro para checar o motel onde Alfie ficara hospedado. A preocupação era que o garoto pudesse ter jogado no lixo todo o seu condicionamento e treinamento, assim como se pode perder informação quando o disco rígido de um computador quebra. Nesse caso, o pobre palhaço ainda estaria sentado no quarto em estado catatônico.

Mas ele não estava no motel.

Tampouco estava no voo seguinte de Kansas City/Seattle.

Oslett e Clocker partiram de Seattle a bordo de um Learjet particular pertencente a um filiado da Rede. No momento em que chegaram a Kansas City, na noite de domingo, o carro alugado de Alfie fora encontrado abandonado num bairro residencial de Topeka, mais ou menos a uma hora para oeste. Eles não podiam mais evitar encarar a verdade. Tinham um menino mau nas mãos. Alfie era um renegado.

Claro, para Alfie era impossível tornar-se renegado. Catatônico, sim. Ausente sem licença, não. Todo o mundo que tinha um envolvimento íntimo com o programa estava convencido disso. Tinham tanta confiança quanto a tripulação do *Titanic* antes de beijar o *iceberg*.

Como a Rede monitorava as comunicações da polícia em Kansas City, como em qualquer outro lugar, sabia que Alfie assassinara seus dois alvos durante o sono, em algum momento entre a meia-noite de sábado e uma da madrugada de domingo. Até esse ponto, ele seguira o plano à risca.

Depois disso, eles não podiam responder por seu paradeiro. Tinham que supor que ele havia dado o fora e estava fugindo desde uma da madrugada de sábado, hora legal da região central, o que significava que em três horas ele seria renegado durante dois dias completos.

Será que ele poderia ter viajado todo o trajeto até a Califórnia em 48 horas? Oslett perguntou-se enquanto Clocker entrava na estrada de acesso ao aeroporto de Oklahoma.

Acreditavam que Alfie estava de carro porque um Honda tinha sido roubado numa rua residencial, não muito longe de onde o carro alugado fora abandonado.

De Kansas City a Los Angeles eram 2.700 ou 2.800 quilômetros. Ele poderia ter viajado essa distância em menos de 48 horas, supondo-se que só tivesse esse propósito e não parasse para dormir. Alfie podia ficar três ou quatro dias sem dormir. E era tão obstinado quanto um político perseguindo um dólar desonesto.

Na noite de domingo, Oslett e Clocker tinham ido a Topeka para examinar o carro abandonado. Esperavam encontrar uma pista que levasse a seu genioso assassino de aluguel.

Como Alfie era bastante esperto para não usar os cartões de crédito falsos que lhe haviam dado — e pelos quais poderia ser rastreado —, e como possuía todas as habilidades necessárias para ser muito bem-sucedido num assalto armado, eles usaram os contatos da Rede para acessar e examinar arquivos computadorizados do Departamento de Polícia de Topeka. Com isso, descobriram que um armazém tinha sido assaltado por desconhecidos mais ou menos às quatro horas da manhã de domingo; o empregado recebeu um tiro na cabeça e morreu, e pelo cartucho ejetado encontrado no cenário do crime verificou-se que a arma do assassino disparava munição de 9mm. A arma que Alfie recebeu para o trabalho em Kansas City era uma pistola Heckler & Koch P7 9mm Parabellum.

A prova concludente era a venda que o empregado fizera minutos antes de ser morto, que a polícia averiguara a partir de um exame do registro computadorizado do caixa. Foi uma compra muito grande para um armazém: várias unidades de Slim Jims, biscoitos de queijo, amendoins, sonhos tamanho pequeno, barras de doce e outros artigos ricos em calorias. Com seu metabolismo veloz, Alfie se abasteceria de artigos como esses se houvesse fugido com a intenção de esquecer de dormir durante algum tempo.

E, nesse ponto, eles o tinham perdido por um tempo longo demais.

De Topeka, ele poderia ter ido para oeste pela Interestadual 70, todo o trajeto até o Colorado. Ao norte pela Autoestrada Federal 75. Ao sul por diversas rotas até Chanute, Fredonia, Coffeyville. A sudoeste para Wichita. Para qualquer lugar.

Em teoria, minutos depois que fosse julgado renegado, teria sido possível ativar o transportador de seu sapato por meio de um sinal codificado em microondas através de satélite para todos os Estados Unidos continental. Eles poderiam usar uma série de satélites de rastreamento geossíncronos para averiguar sua posição, acossá-lo e trazê-lo para casa em questão de horas.

Mas houve problemas. Sempre havia problemas. O beijo do *iceberg*.

Foi só na tarde de segunda-feira que eles localizaram o sinal do transportador em Oklahoma, a leste da fronteira do Texas. Oslett e Clocker, que esperavam em Topeka, voaram para a cidade de Oklahoma e, a bordo de um carro de aluguel, seguiram para oeste na Interestadual 40, equipados com o mapa eletrônico que os levava aos velhos mortos e ao par de sapatos Rockport com um dos saltos cortados, expondo seu mecanismo eletrônico.

Agora estavam de novo no aeroporto de Oklahoma, rolando de um lado para o outro, como dois fliperamas dentro da máquina mais lenta do universo conhecido. No momento em que rodaram em direção ao estacionamento da

agência de aluguel para entregar o carro, Oslett estava quase gritando. A única razão para ele *não* gritar era o fato de não haver ninguém para ouvi-lo, a não ser Karl Clocker. Podia muito bem gritar para a lua.

No terminal, ele encontrou uma banca de jornais e comprou a última edição da revista *People*.

Clocker comprou um pacote de goma de mascar sabor de frutas, um botão de lapela em que estava escrito: EU ESTIVE EM OKLAHOMA — AGORA POSSO MORRER, e a edição em brochura da enésima novelização de *Jornada nas Estrelas*.

Na calçada lá fora, onde o trânsito de pedestres não era tão intenso nem tão interessante quanto no aeroporto JFK ou no La Guardia de Nova York, Oslett sentou-se num banco emoldurado por verde enjoeiro em vasos grandes. Folheou a revista até as páginas 66 e 67.

SR. ASSASSINO

NO SUL DA CALIFÓRNIA, ROMANCISTA DE MISTÉRIOS

MARTIN STILLWATER VÊ ESCURIDÃO E MAL

ONDE OUTROS VÊEM APENAS A LUZ DO SOL.

As duas primeiras páginas que abriam a matéria estavam ocupadas, em sua maior parte, por uma fotografia do escritor. Crepúsculo. Nuvens agourentas. Árvores fantasmagóricas como pano de fundo. Um ângulo esquisito. Stillwater estava como que investindo contra a câmera, as feições desfiguradas, os olhos brilhando com a luz refletida, parecendo um zumbi ou assassino ensandecido.

Era óbvio que o sujeito era um imbecil, um auto promotor detestável que ficaria feliz em vestir as velhas roupas de Agatha Christie, se isso ajudasse a vender seus livros. Ou emprestaria seu nome a um cereal de café da manhã: Bolo Fofo Mistério de Martin Stillwater, feito de aveia e enigmáticos subprodutos de moagem. Uma figura de ação livre incluída em cada caixa, numa série de onze vítimas de assassinato, cada qual eliminada de uma maneira diferente, com todos os ferimentos detalhados em vermelho brilhante. Comece sua coleção hoje e, ao mesmo tempo, deixe nossos subprodutos de moagem fazerem um favor às suas tigelas.

Oslett leu o texto da primeira página, mas ainda não compreendia por que o artigo tinha feito com que a pressão arterial do contato de Nova York atingisse uma zona de risco de enfarte. Enquanto lia sobre Stillwater, ele pensou que a manchete podia ser “Sr. Tédio”. Se algum dia aquele sujeito vendesse seu nome para um cereal, este não precisaria de alto conteúdo de fibras porque, com toda garantia, *arrancaria* a merda do freguês do tédio.

Drew Oslett detestava livros com a mesma intensidade com que certas pessoas detestam dentistas, e achava que os autores — sobretudo os romancistas — haviam nascido na metade errada do século e deviam conseguir um emprego

de verdade nas áreas de desenho computadorizado, gerência cibernética, ciências espaciais ou fibra ótica aplicada, indústrias que tinham uma contribuição a dar à qualidade de vida no final do milênio. Como diversão, os livros eram tão lentos. Os escritores insistiam em colocar o leitor na mente dos personagens, mostrando o que estavam pensando. Não era preciso aguentar isso nos filmes. Os filmes nunca colocam alguém na mente dos personagens. Mesmo se os filmes pudessem mostrar o que pensam as pessoas que estão nele, pelo amor de Deus, quem iria querer entrar na mente de Sylvester Stallone, Eddie Murphy ou Susan Sarandon? Os livros eram íntimos demais. Não tinha importância o que as pessoas pensavam, só o que faziam. Ação e velocidade. Aqui, no limiar de um novo século de alta tecnologia, só havia dois lemas: ação e velocidade.

Ele virou para a terceira página do artigo e viu outra foto de Martin Stillwater.

— Puta merda.

Nessa segunda fotografia, o escritor estava sentado à escrivaninha, encarando a câmera. A qualidade da luz era estranha, uma vez que parecia vir sobretudo de um abajur com vitral ao lado e atrás dele, mas sua aparência era diferente daquele zumbi de olhos cintilantes das páginas anteriores.

Clocker estava sentado na outra ponta do banco, como um enorme urso adestrado em roupas humanas, esperando paciente que a orquestra do circo tocasse sua música tema. Estava concentrado no primeiro capítulo da novelização de *Jornada nas Estrelas*, *Spock Pega Gonorreia*, ou seja lá como fosse o título.

Levantando a revista para que Clocker pudesse ver a foto, Oslett disse:

— Olha isso.

Após dar-se o tempo para terminar o parágrafo que estava lendo, Clocker olhou para a *People*.

— Esse é Alfie.

— Não, não é.

Mascando a goma de Juicy Fruit, Clocker falou:

— Claro que parece com ele.

— Tem alguma coisa muito errada aqui.

— Parece exatamente igual a ele.

— O beijo do iceberg — disse Oslett em tom agourento.

Clocker franziu as sobrancelhas:

— Hem?

* * *

Na confortável cabine do jato particular para doze passageiros, decorado com bom gosto, um suave camurça marrom-camelo e contrastante couro com

acabamento craquelê, em tons de verde-floresta, Clocker estava sentado na frente e lia *A Ameaça Proctológica Alienígena*, ou seja lá qual fosse o título da maldita brochura. Oslett estava sentado no meio do avião.

Quando ainda estavam decolando para fora da cidade de Oklahoma, ele telefonou para seu contato em Nova York.

— Está bem, já vi a *People*.

— Parece um chute na cara, não parece? — disse Nova York.

— O que está acontecendo?

— Ainda não sabemos.

— Você acha que a semelhança é apenas uma coincidência?

— Não. Por Deus, eles parecem gêmeos idênticos.

— Por que estou indo para a Califórnia... para dar uma olhada nesse escritor idiota?

— E talvez para achar Alfie.

— Você acha que Alfie está na Califórnia?

— Bem, ele tinha que ir para *algum lugar* — disse Nova York — Além disso, no instante em que essa coisa da *People* caiu em cima de nós, começamos a tentar saber tudo que podíamos sobre Martin Stillwater, e agora mesmo descobrimos que houve alguma encrenca em sua casa em Mission Viejo, no final da tarde ou começo da noite.

— Que tipo de encrenca?

— O relatório policial está sendo feito, mas ainda não foi digitado no computador deles, portanto não podemos acessá-lo. Temos que pôr as mãos numa cópia. Estamos trabalhando para isso. Por enquanto, sabemos que um invasor esteve na casa. Parece que Stillwater atirou em alguém, mas o cara fugiu.

— Você acha que isso tem algo a ver com Alfie?

— Aqui ninguém acredita muito em coincidência.

Houve uma mudança no som dos motores do Lear. O jato terminou a decolagem, nivelou-se e entrou em velocidade cruzeiro.

— Mas como Alfie iria saber da existência de Stillwater? — perguntou Oslett.

— Talvez ele leia a *People* — disse Nova York, dando uma risada nervosa.

— Se você acha que o invasor era Alfie... por que ele iria atrás desse sujeito?

— Ainda não temos uma teoria.

Oslett suspirou.

— Sinto-me como se estivesse numa privada cósmica e Deus acabasse de puxar a descarga.

— Talvez você devesse ter tomado mais cuidado com a forma de lidar com ele.

— Isso não foi um trabalho malfeito no tratamento — disse Oslett irado.

— Ei, não estou fazendo nenhuma acusação. Só estou lhe dizendo uma das coisas que estão sendo faladas por aqui.

— Parece-me que o grande trabalho malfeito estava na vigilância por satélite.

— Você não podia esperar que o localizassem depois que ele tirou os sapatos.

— Mas por que precisaram de um dia e meio para descobrir os malditos sapatos? Mau tempo no Meio-Oeste. Atividade das manchas solares, perturbações magnéticas. Excesso de quilômetros quadrados na zona inicial de busca. Desculpas, desculpas, desculpas.

— Pelo menos eles *têm* algumas — disse Nova York satisfeito consigo mesmo.

Oslett irritou-se em silêncio. Odiava estar fora de Manhattan. No momento em que seu avião atravessava a fronteira da cidade, as facas eram sacadas e os pigmeus ambiciosos começavam a tentar cortar sua reputação para deixá-la do tamanho deles.

— Você encontrará um homem da frente na Califórnia — disse Nova York — Ele lhe contará as novidades.

— Bárbaro.

Oslett franziu as sobrancelhas para o telefone e pressionou END, pondo fim ao telefonema.

Precisava de uma bebida.

Além do piloto e do copiloto, a tripulação do voo incluía uma aeromoça. Com um botão que havia no braço da cadeira, ele podia convocá-la da pequena cozinha que havia nos fundos do avião. Ela chegou em segundos e ele pediu um uísque duplo com gelo.

Ela era uma loura atraente, usava uma blusa borgonha, saia cinza e paletó cinza para combinar. Oslett virou-se na cadeira para observá-la voltando para a cozinha de bordo.

Ele se perguntou se ela seria fácil. Talvez se usasse o seu charme, ela o deixasse levá-la até o banheiro, onde ele faria a coisa de pé.

Durante um minuto ele se entregou a essa fantasia, mas depois encarou a realidade e tirou-a da mente. Mesmo se ela fosse fácil, haveria consequências desagradáveis. Mais tarde, ela iria querer sentar-se ao seu lado, talvez durante todo o trajeto até a Califórnia, compartilhando seus pensamentos e sentimentos em relação a tudo, do amor e do destino à morte e ao significado do Big Bang. Ele não se importava com o que ela pensava e sentia, só com o que podia fazer, e ele não estava com humor para bancar o tipo de sujeito sensível dos anos 90.

Quando ela trouxe o uísque, ele perguntou pelas fitas de vídeo que havia no avião. Ela deu-lhe uma relação de quarenta títulos. O melhor filme de todos os

tempo estava na videoteca do avião: *Máquina Mortífera 3*. Ele perdera a conta das vezes que tinha visto o filme, e o prazer que sentia não diminuía com a repetição. Era o filme ideal porque não tinha nenhuma história que fizesse sentido para se ter o trabalho de acompanhar, não esperava que os espectadores assistissem à mudança e ao crescimento dos personagens, era composto, do início ao fim, de uma série de sequências de ação violenta e fazia mais barulho do que uma corrida de *stockcar* junto com um concerto de Megadeth.

Quatro monitores colocados em posições diferentes possibilitavam que quatro filmes fossem mostrados ao mesmo tempo para passageiros diferentes. A aeromoça ligou *Máquina Mortífera 3* no monitor mais próximo a Oslett e deu-lhe um par de fones de ouvido.

Ele colocou os fones, ligou o volume ao máximo e acomodou-se no assento com um sorriso arreganhado no rosto.

Mais tarde, depois que terminou o uísque, ele cochilou enquanto Danny Glover e Mel Gibson gritavam diálogos ininteligíveis, incêndios campeavam, metralhadoras matraqueavam, explosivos detonavam e música trovejava.

2.

Na noite de segunda-feira, eles ficaram hospedados em quartos interligados num motel em Laguna Beach. As acomodações não tinham qualidade para cinco ou mesmo quatro estrelas, mas os quartos eram limpos e os banheiros tinham muitas toalhas. Terminado o fim de semana prolongado e faltando vários meses para a temporada de turismo de verão, pelo menos metade do motel estava desocupada e, embora estivessem ao largo da Autoestrada da Costa do Pacífico, o lugar era tranquilo.

Os acontecimentos do dia haviam cobrado seu tributo. Paige sentia-se como se houvesse ficado acordada durante uma semana. Até mesmo o colchão macio demais e cheio de protuberâncias era tão tentador quanto uma cama de nuvens na qual pudessem dormir deuses e deusas.

Na janta, comeram pizza no motel. Marty saiu para comprá-la — além de saladas e canelone com molho de ricota deliciosamente denso — num restaurante a dois quarteirões de distância.

Quando retornou com a comida, bateu com insistência na porta e estava pálido e com os olhos fundos quando entrou correndo, os braços carregados de embalagens para viagem. A princípio, Paige pensou que ele tinha visto o sócia passando pela região, mas então percebeu que ele esperava voltar e ver que elas haviam partido — ou estavam mortas.

As portas externas de ambos os quartos tinham fortes fechaduras de cavilha morta e correntes de segurança. Eles usaram as trancas e também encostaram cadeiras de costas retas debaixo das maçanetas.

Nem Paige nem Marty poderiam imaginar alguma maneira de O Outro

descobri-los. Mas, mesmo assim, puseram as cadeiras como calções nas portas. Com firmeza.

Por incrível que pudesse parecer, apesar do terror pelo qual haviam passado, as meninas se dispunham a deixar Marty convencê-las de que a noite fora de casa era um tratamento especial. Não estavam acostumadas a se hospedar em motéis, de modo que tudo — desde os colchões vibradores operados por moedas até o papel de carta gratuito e as pequenas barras de sabonete perfumado — era bastante exótico para fasciná-las quando Marty atraía sua atenção.

Elas ficaram intrigadas sobretudo com o fato de os assentos de privada de ambos os quartos estarem enrolados em bandas de papel branco enrugado, nas quais estava impressa em três idiomas a garantia de que as instalações haviam sido esterilizadas. Com isso, Emily deduziu que os hóspedes do motel deviam ser “verdadeiros porcos”, que não sabiam que tinham que limpar-se depois, e Charlotte especulou que uma notícia tão especial como aquela indicava que, para esterilizar as superfícies, tivesse sido necessário usar algo além de sabão ou detergente, talvez lança-chamas ou radiação nuclear.

Marty também teve a esperteza de perceber que os sabores mais exóticos dos refrigerantes das máquinas de venda do motel, que as meninas não podiam tomar em casa, as deliciaria e animaria seu estado de espírito. Ele comprou chocolate Yoo-Hoo, Mountain Dew, Sparkling Grape, Cherry Crush, Tangerine Treat e Pineapple Fizz. Os quatro sentaram-se nas duas camas tamanho gigante de um dos quartos, com recipientes de comida espalhados no colchão e as garrafas de refrigerantes coloridos em cima das mesinhas-de-cabeceira. Charlotte e Emily precisaram provar um pouco de cada bebida antes de terminar a janta, o que provocou náuseas em Paige.

Através do consultório de aconselhamento familiar, Paige aprendera muito tempo antes que as crianças tinham um potencial de recuperação mais ágil do que os adultos, quando se tratava de enfrentar traumas. Esse potencial era mais bem realizado quando elas desfrutavam de uma estrutura familiar estável, recebiam grandes doses de afeto e acreditavam ser respeitadas e amadas. Ela sentiu uma onda de orgulho com o fato de suas filhas estarem se mostrando fortes e flexíveis do ponto de vista emocional — então, por superstição, ela disfarçou e bateu com o nó de um dedo na cabeceira de madeira, pedindo a Deus em silêncio para não puni-la ou às filhas por causa de seu orgulho excessivo.

O mais surpreendente foi que, depois que Charlotte e Emily tomaram banho, vestiram o pijama e se meteram na cama, no quarto contíguo, elas quiseram que Marty conduzisse sua costureira hora de história, continuando os versos sobre o irmão gêmeo mau de Noel. Paige reconheceu uma semelhança desconfortável — na verdade, fantástica — entre o poema fantasioso e os

recentes acontecimentos assustadores em suas vidas. Marty e as meninas também se deram conta da ligação. No entanto, ele parecia tão contente com a oportunidade de compartilhar mais versos quanto as crianças estavam ansiosas para ouvir.

Ele posicionou uma cadeira aos pés — e à mesmíssima distância — das duas camas. Na pressa de fazer as malas e sair de casa, ele se lembrara de pegar o caderno de anotações intitulado *Histórias para Charlotte e Emily*, com sua lâmpada de leitura à pilha e com gancho para prender. Ele sentou-se e segurou o caderno à distância de leitura.

A espingarda estava no chão ao seu lado.

A Beretta estava no toucador, que Paige podia alcançar no espaço de dois minutos.

Marty esperou que o silêncio desse vida à qualidade adequada da expectativa.

A cena era igual a que Paige testemunhara tantas vezes no quarto das meninas, exceto por duas diferenças. A cama tamanho gigante transformava Charlotte e Emily em anãs, fazendo-as parecer crianças de conto de fadas, meninas desamparadas e sem casa que haviam entrado às escondidas no castelo de um gigante para roubar um pouco de seu mingau e desfrutar de seu quarto de hóspedes. E a luminária em miniatura presa no caderno de anotações não era a única fonte de luz; um dos abajures da mesinha-de-cabeceira também estava aceso, e assim permaneceriam durante toda a noite — única concessão das meninas ao medo.

Surpresa por descobrir que também estava ansiosa esperando a continuação do poema, Paige sentou-se aos pés da cama de Emily.

Ela perguntou-se o que haveria nas histórias que fazia com que as pessoas as desejassem quase tanto quanto a comida e a água, muito mais nos maus momentos do que nos bons. Os cinemas nunca atraíram tanto público como na época da Grande Depressão. Muitas vezes, as vendas de livros aumentam durante as recessões. A necessidade ia além de um mero desejo de entretenimento e distração das preocupações. Era muito mais profunda e misteriosa.

Quando o silêncio caiu sobre o quarto e o momento pareceu adequado, Marty começou a ler. Como Charlotte e Emily insistiram que ele começasse do começo, ele recitou os versos que elas já haviam ouvido nas noites de sábado e domingo, chegando ao momento em que o gêmeo mau de Noel se encontrava na porta da cozinha da casa dos Stillwater com a intenção de arrombá-la.

*Com gazuas, cartões, troços e trecos,
ele abre as duas fechaduras, com rapidez e silêncio.*

Entra na cozinha sem fazer nenhum barulho.

Agora abundam de fato as chances de diabrura.

Ele abre a geladeira e come o bolo inteiro,

*pensando no tipo de bagunça que pode fazer.
Derrama o leite pelo chão,
pickles, pudim, ketchup e Coors.
Espalha o pão — branco e centeio —
e no final cospe bem na torta.*

— Ah, que porco — disse Charlotte.

Emily deu uma risadinha.

— Espetou o dedo na torta.

— Que tipo de torta era? — perguntou Charlotte.

— De frutas picadas — falou Paige.

— Argh. Então não culpo ele por cuspir nela.

*No quadro de cortiça ao lado do telefone e do banquinho,
ele vê desenhos que as crianças fizeram na escola.*

Emily pintou um rosto simpático e sorridente.

Charlotte desenhou elefantes no espaço.

*O vilão tira do bolso uma caneta hidrográfica vermelha,
bate nela, destampa, dá uma risada e depois
rabisca nos dois desenhos a palavra “buu”!
Ele sempre sabe o que é pior para fazer.*

— Ele é um crítico! — Charlotte ofegou, formando punhos com as mãos e socando com força o ar acima de sua cabeça.

— Críticos — disse Emily, exasperada, revirando os olhos à maneira como vira o pai fazer algumas vezes.

— Meu Deus — disse Charlotte, cobrindo o rosto com as mãos —, temos um crítico em nossa casa.

— Vocês *sabiam* que seria uma história para meter medo — disse Marty.

Ele continua dando risadas malvadas,

enquanto se mete em encrenca muito maior:

*Ele é muito mais mau do que bravo,
então depois de entupir o microondas*

com cinco quilos de pipoca

(oh, devíamos lastimar o dia em que ele nasceu),

ele vira e sai correndo da cozinha,

porque o velho forno vai fazer BUUM!

— Cinco quilos! — A imaginação de Charlotte a arrebatava. Ela se equilibra nos cotovelos, a cabeça fora do travesseiro e balbucia excitada: — Uau, precisaria de uma empilhadeira e um caminhão de lixo para tirar tudo, depois que estourasse, porque seria como massa de neve, só que de pipoca, *montanhas* de pipocas. Precisariíamos de um tonel de caramelo ou um zilhão de quilos de nozes só para transformar tudo isso em bolas de pipoca. Nós entupiríamos nossas

bundas com isso.

— O que você disse? — perguntou Paige.

— Eu disse que a gente iria precisar de uma empilhadeira...

— Não, essa palavra que você usou.

— Que palavra?

— Bundas — disse Paige, paciente.

— Não é uma palavra feia — argumentou Charlotte.

— Não?

— Falam isso na televisão o tempo todo.

— Nem tudo que aparece na televisão é inteligente e de bom gosto — disse Paige.

Marty baixou o caderno de anotações.

— Na verdade, quase nada.

Paige disse para Charlotte:

— Já vi na tevê pessoas voando de rochedos com seus carros, envenenando os pais para ficar com a herança, brigando com espadas, roubando bancos... todos os tipos de coisas que não imagino vocês fazendo.

— Principalmente essa coisa de envenenar o pai — disse Marty.

— Está bem, não vou falar “bunda”.

— Ótimo.

— O que devo dizer então? Está bem “bumbum”?

— Que tal lhe parece “traseiro”? — perguntou Paige.

— Acho que dá para aguentar.

Tentando não explodir numa risada, sem ousar olhar para Marty, Paige disse:

— Vá falando “traseiro” por enquanto. Depois, quando for ficando mais velha, pode passar devagar para “bumbum”, e quando já for adulta pode falar “bunda”.

— Muito justo — concordou Charlotte, acomodando-se no travesseiro.

Emily, que estava pensativa e silenciosa, mudou de assunto.

— Cinco quilos de pipoca crua não caberiam no microondas.

— Claro que caberiam — assegurou-lhe Marty.

— Acho que não.

— Pesquisei antes de começar a escrever — disse com firmeza.

O rosto de Emily franziu-se com ceticismo.

— Você *sabe* que eu pesquiso tudo — insistiu ele.

— Talvez não dessa vez — ela disse em tom de dúvida.

— Cinco quilos — disse Marty.

— É muita pipoca.

Marty disse, virando-se para Charlotte:

— Temos *outra* crítica na casa.

— Está bem — disse Emily. — Continue, leia um pouco mais.

Marty levantou uma sobrancelha.

— Quer mesmo ouvir mais dessa conversa fiada não convincente e pobre em pesquisa?

— Um pouco mais, pelo menos — reconheceu Emily.

Com um exagerado suspiro de muito sofrimento, Marty lançou um olhar furtivo para Paige, tornou a pegar o caderno de anotações e continuou a leitura:

*Ele Perambulou pelo andar de baixo — malvado, sórdido —
procurando fazer mais uma cena má.*

Quando espia os presentes debaixo da árvore,

ele diz: “Vou fazer uma farra de troca de presentes!

Vou tirar toda a coisa boa,

depois vou embalar peixe morto, rabo de gato e cotão.

Pela manhã, os Stillwater vão encontrar

borra de café, caroços de pêssegos, cascas de laranja.

Em vez de belos suéteres, jogos e brinquedos,

eles vão ter coisa viscosa e fedida que aborrece.”

— Ele não vai escapar com isso — disse Charlotte.

— Ele pode — garantiu Emily.

— Não pode.

— Quem vai detê-lo?

Charlotte e Emily estão em suas camas

com sonhos de Natal enchendo suas cabeças.

De repente, um barulho assusta essas dorminhocos.

Elas sentam-se na cama e abrem os olhos.

Nada devia estar se mexendo, nem um camundongo,

mas as meninas sentem que há um vilão na casa.

Pode-se chamar isso de sobrenatural, premonição, osmose —

ou talvez elas sintam o cheiro de sua baita halitose.

Pulam para fora da cama, esquecendo os chinelos,

duas meninas corajosas e temerárias.

“Tem alguma coisa errada”, a jovem Emily sussurra.

Mas elas podem dar um jeito nisso — elas são irmãs.

Esse desenvolvimento — Charlotte e Emily como heroínas da história — encantou as meninas. Elas viraram a cabeça para se encarar na distância entre as duas camas e sorriram.

Charlotte repetiu a pergunta de Emily:

— Quem vai detê-lo?

— Nós — disse Emily.

— Bem... talvez — replicou Marty.

— Ulalá — exclamou Charlotte.

Emily apupou.

— Não se preocupe. Papai só está tentando nos manter em suspense. Nós vamos deter esse anão velho, tudo bem.

Na sala de estar, debaixo da árvore,

o gêmeo mau de Noel dá risadas de alegria.

Ele conseguiu uma coleção de substitutos de presentes tirada em montes de lixo, esgotos e porões.

Ele substitui um lindo relógio que seria para Lottie por um torpe presente para uma menina que é desobediente, que é uma coisa que Lottie nunca foi.

Esquecer suas vitaminas é seu maior pecado.

Em lugar do relógio, ele embrulha um coágulo de ranho de horrível sapo brilhante e esverdeado.

Rouba uma boneca de um pacote para Emily e dá a ela um novo presente que com certeza vai assustar.

Está pingando, rançoso e começa a crepitar.

Nem mesmo o vilão sabe o que é.

— O que você acha que é, mamãe? — perguntou Charlotte.

— É provável que sejam aquelas meias sujas que você guardou no lugar errado há seis meses.

Emily deu uma risadinha e Charlotte disse:

— Mais cedo ou mais tarde vou encontrar aquelas meias.

— Se for isso que está na caixa, então com certeza num vou querer abrir — disse Emily.

— Não vou querer abrir — corrigiu Paige.

— Ninguém vai abrir — Emily concordou, errando o alvo. — Puxa!

De pijamas, sem chinelos, agora à espreita, as meninas vão procurar a alma que for.

Elas sobem correndo até o topo da escada, fazendo menos barulho que traças numa tumba.

As duas são tão delicadas, magras e pequenas, e ambas têm pés rosados e muito pequenos.

Como essas duas menininhas esperam lutar com um Noel que é capaz de chutar e morder?

São elas treinadas em karatê ou tae kwon do?

Não, não, receio que a resposta seja não.

Têm granadas enfiadas nos bolsos dos pijamas?

Lasers implantados nas órbitas dos olhos?

Não, não, receio que a resposta seja não.

No entanto, elas descem e descem pela escada sombria.

O perigo lá embaixo que não podem compreender.

Esse Noel foi muito além dos limites.

Ele é pior que gripe, dor de dente e bolhas.

Mas elas também são duras — são irmãs!

Como um desafio, Charlotte jogou o punho para o alto e disse:

— Irmãs!

— Irmãs! — repetiu Emily, também jogando o punho para o alto.

Quando descobriram que haviam chegado ao ponto de parada por aquela noite, insistiram para que Marty lesse de novo os versos, e Paige notou que ela também queria ouvir as frases uma segunda vez.

Apesar de fingir que estava cansado e precisando ser bajulado um pouco para atendê-las, Marty teria ficado desapontado se não fosse importunado para fazer uma segunda leitura.

No momento em que o pai chegou ao final do último verso, Emily só conseguiu murmurar sonolenta:

— Irmãs.

Charlotte já estava roncando baixo.

Em silêncio, Marty recolocou a cadeira de leitura no canto de onde a havia tirado. Examinou as trancas da porta e das janelas, depois verificou se não havia aberturas nas cortinas, pelas quais alguém pudesse olhar de fora para dentro do quarto.

Depois de enfiar as cobertas nos ombros de Emily, e em seguida nos de Charlotte, Paige deu beijos de boa-noite nas duas. O amor que sentia por elas era tão intenso como o peso em seu peito que a impedia de respirar fundo.

Quando ela e Marty se retiraram para o quarto contíguo, levando as armas, não apagaram a luz da mesinha-de-cabeceira e deixaram escancarada a porta de ligação. Não obstante, suas filhas pareciam estar perigosamente longe dela.

Como um acordo não expresso em palavras, ela e Marty deitaram-se lado a lado na mesma cama tamanho gigante. Era intolerável a ideia de ficar separados mesmo que por poucos centímetros.

Um abajur ao lado da cama estava aceso, mas Marty apagou. Saía luz suficiente através da porta da unidade contígua, expondo a maior parte de seu próprio quarto. Sombras cobriam cada canto, mas a escuridão mais profunda era mantida afastada.

Os dois deram as mãos e ficaram olhando para o teto, como se seu destino pudesse ser lido nos desenhos portentosos de luz e sombras do emboço. Não era apenas o teto; durante as últimas horas, virtualmente tudo que Paige olhava parecia estar cheio de augúrios com significado ameaçador. Nem ela nem Marty tiraram a roupa para passar a noite. Embora fosse difícil de acreditar, eles podiam ter sido seguidos sem saber. E queriam poder mexer-se com rapidez.

A chuva havia parado algumas horas antes, mas os ritmos aquosos ainda

os enganavam. O motel situava-se num alcantil sobre o Pacífico, e o cadenciado quebrar de ondas era, com sua certeza metronômica, um som calmante e pacífico.

— Diga-me uma coisa — disse ela, falando baixo para impedir que a voz chegasse ao outro quarto.

Ele parecia cansado.

— Qualquer que seja a questão, é provável que eu não tenha a resposta.

— O que aconteceu ali?

— Agora há pouco? No outro quarto?

— É.

— Magia.

— Estou falando sério.

— Eu também — disse Marty. — Você não pode analisar os efeitos mais profundos que o ato de contar histórias tem sobre nós; não pode decifrar o porquê e o como, do mesmo jeito que o rei Arthur não podia compreender como Merlim fazia e conhecia as coisas que fazia.

— Nós chegamos aqui baqueados, assustados. As meninas estavam tão caladas, quase paralisadas de medo. Nós dois estávamos vociferando um com o outro...

— Não vociferando.

— Estávamos sim.

— Está bem — admitiu ele. — Estávamos, só um pouco.

— O que, para nós, é muito. Todos estávamos... intranquilos um com o outro. Amarrados.

— Não acho que tenha sido ruim.

— Escute uma conselheira familiar com alguma experiência — disse ela — ...foi ruim sim. Depois você contou uma história, um adorável poema absurdo, mas mesmo assim absurdo... e todo o mundo estava mais relaxado. Ele ajudou a nos unir de alguma forma. Nós nos divertimos, rimos. As meninas estavam cansadas e, antes que você se desse conta, estavam preparadas para dormir.

Durante algum tempo, nenhum dos dois falou.

O sussurro métrico das ondas noturnas parecia o batimento lento e constante de um enorme coração.

Quando Paige fechou os olhos, imaginou que era de novo uma menina pequena, aninhada no colo da mãe como poucas vezes tivera permissão de fazer, a cabeça no peito dela, um ouvido sintonizado com o coração oculto da mulher, procurando ouvir com atenção um som baixo que não era apenas biológico, um sussurro especial que pudesse reconhecer como o precioso som do amor. Ela jamais ouviu coisa alguma, a não ser o *dum dum* vazio e mecânico da aurícula e do ventrículo.

No entanto, sentiu-se confortada. Talvez num profundo nível subterrâneo,

ao ouvir o coração materno, ela tivesse recordado os nove meses no útero de sua mãe, durante os quais o mesmo batimento iâmbico a cercara 24 horas por dia. No útero está a paz perfeita que jamais será encontrada de novo. Enquanto não nascemos, não conhecemos nada do amor e não podemos conhecer a tristeza que surge quando somos privados dele.

Ela ficou agradecida por ter Marty, Charlotte, Emily. Porém, enquanto visse, ocorreriam momentos como aquele, em que alguma coisa tão simples como o quebrar de ondas faria com que ela se lembrasse do profundo poço de tristeza e isolamento em que habitou durante toda a infância.

Ela sempre se esforçava para que as filhas jamais duvidassem, por um instante sequer, que eram amadas. Agora estava determinada a não permitir que aquela invasão de loucura e violência em suas vidas roubasse qualquer fração da infância de Charlotte ou Emily, assim como a sua fora roubada por completo. Como o desamor de seus pais fora superado pelo desamor que sentiam pela única filha, Paige fora obrigada a amadurecer rápido devido à sua própria sobrevivência emocional; mesmo quando frequentava a escola primária, ela tinha consciência da fria indiferença do mundo e compreendia que uma forte autoconfiança era imperativa, se quisesse enfrentar as crueldades que a vida às vezes podia infligir. Mas, droga, suas filhas não teriam que aprender essas duras lições da noite para o dia. Não nas tenras idades de sete e nove anos. De maneira nenhuma. Ela queria desesperadamente protegê-las durante mais alguns anos contra as realidades mais rudes da existência humana, dando-lhes a chance de crescer pouco a pouco, felizes, sem amargura.

Marty foi o primeiro a romper o confortável silêncio.

— Quando Vera Conner teve o ataque e passamos grande parte daquela semana na sala de espera da unidade de tratamento intensivo, havia muitas outras pessoas indo e vindo, esperando para saber se seus amigos e parentes viveriam ou morreriam.

— Difícil acreditar que Vera se foi há quase dois anos.

Vera Conner tinha sido professora de psicologia na UCLA, mentora de Paige quando estudante e amiga exemplar nos anos seguintes. Ela ainda sentia saudades de Vera. Sempre sentiria.

— Algumas pessoas que esperavam naquela sala apenas ficavam sentadas, olhando com olhos fixos — disse Marty. Outras andavam de um lado para o outro, olhavam pelas janelas, se inquietavam. Ouviam *walkman* com fones de ouvido. Jogavam Game Boy. Passavam o tempo de todas as maneiras. Mas — você notou? — as pessoas que pareciam lidar melhor com seu medo ou sofrimento, as que estavam mais em paz, eram aquelas que liam romances.

Com exceção de Marty, e apesar dos quarenta anos de diferença de idade, Vera fora a amiga mais querida de Paige e a primeira pessoa a se preocupar com ela. A semana em que Vera ficou hospitalizada — primeiro

desorientada e sofrendo, depois em coma — foi a pior semana da vida de Paige; quase dois anos depois, sua visão ainda se turvava toda vez que se lembrava do último dia, da hora final, quando ficara sentada ao lado da cama de Vera, segurando a mão quente mas inerte da amiga. Sentindo que o fim estava próximo, Paige dissera coisas que esperava que Deus permitisse que a moribunda ouvisse: *eu a amo, sempre sentirei sua falta, para mim você é a mãe que minha própria mãe jamais conseguiu ser.*

As longas horas daquela semana ficaram gravadas de maneira indelével na memória de Paige, em detalhes mais dolorosos do que ela gostaria, uma vez que a tragédia é o instrumento de gravação mais afiado de todos. Ela não apenas lembrava da planta e dos móveis da sala de visitas da UTI, em lúgubres detalhes, como ainda podia recordar os rostos de muitos dos estranhos que, durante algum tempo, dividiram aquela sala com ela e Marty.

— Eu e você passamos o tempo com romances — retomou Marty —, assim como outras pessoas, não apenas para fugir, mas porque... porque, na melhor das hipóteses, a ficção é remédio.

— Remédio?

— A vida é tão desordenada, as coisas acontecem, e parece não haver muito sentido em muito do que passamos. Às vezes, parece que o mundo é um asilo de loucos. A ficção condensa a vida, dá ordem a ela. As histórias têm começo, meio e fim. E quando uma história acaba, ela *significou* alguma coisa, por Deus, talvez não algo complexo, talvez o que tinha para dizer era simples e até ingênuo, mas havia um sentido. E isso nos dá esperança, é um remédio.

— O remédio da esperança — disse ela, pensativa.

— Ou talvez eu só esteja dizendo merda.

— Não, não está.

— Bem, *estou*, sim, é provável que só a metade seja merda... mas talvez nem isso.

Ela sorriu e apertou-lhe a mão com delicadeza.

— Não sei — disse ele —, mas acho que se alguma universidade fizesse um estudo a longo prazo, descobriria que as pessoas que leem ficção não sofrem tanto de depressão, não cometem suicídio com tanta frequência e estão felizes com suas vidas. Não qualquer ficção, claro. Não os romances os-seres-humanos-são-lixo-a-vida-fede-Deus-não-existe, cheios do desespero da moda.

— Dr. Martin Stillwater, ministrando o remédio da esperança.

— Viu? Você *acha* que estou falando merda.

— Não, *baby*, não — disse ela. — Acho que você é maravilhoso.

— Mas não sou. *Você* é maravilhosa. Sou apenas um escritor neurótico. Por natureza, os escritores são convencidos demais, egoístas, inseguros e, ao mesmo tempo, presunçosos demais para serem maravilhosos.

— Você não é neurótico, convencido, egoísta, inseguro ou presunçoso.

— Isso só prova que você não me deu ouvidos durante todos esses anos.

— Está bem, eu lhe dou o papel de neurótico.

— Obrigado, querida — disse ele. — É bom saber que você me ouviu pelo menos *em parte* do tempo.

— Mas também é maravilhoso. Um escritor maravilhosamente neurótico. Eu também gostaria de ser uma maravilhosa escritora neurótica, ministrando remédios.

— Morda sua língua.

— Estou falando sério.

— Talvez *você* consiga viver com um escritor, mas acho que eu não tenho estômago para isso.

Ela rolou para o lado direito para encará-lo, e ele virou para o lado esquerdo para que pudessem beijar-se. Beijos ternos. Durante algum tempo, ficaram abraçados, escutando o quebrar de ondas.

Sem lançar mão de palavras, eles concordaram em não continuar discutindo suas preocupações ou o que talvez tivessem que fazer pela manhã. Às vezes, um toque, um beijo ou um abraço dizia mais do que todas as palavras que um escritor podia reunir mais do que todos os cuidadosamente pensados conselhos e terapias que uma conselheira pudesse providenciar.

No corpo da noite, o grande coração do oceano batia devagar e confiavelmente. Na perspectiva humana, a maré era uma força eterna; mas, na visão divina, transitória.

No fundo da consciência, Paige ficou surpresa ao perceber que deslizava para o sono. Como a súbita agitação das asas de um melro, o alarme estremeceu-a com a perspectiva de ficar deitada inconsciente — e, portanto, vulnerável — num lugar estranho. Mas seu cansaço era maior do que o medo, e o conforto do mar, em marés de sonhos, abraçou-a e levou-a para a infância, onde ela encostou a cabeça no peito da mãe e, com um ouvido, prestou atenção ao sussurro especial e secreto de amor escondido em alguma parte das batidas do coração.

3.

Ainda usando o par de fones de ouvido, Drew Oslett acordou com tiros, explosões, gritos e música alta e estridente o bastante para ser o tema de Deus no Dia do Juízo Final. Na tela de tevê, Glover e Gibson estavam correndo, saltando, socando, gritando, fugindo, girando, pulando através de prédios em chamas num excitante balé de violência.

Sorrindo e bocejando, Oslett olhou para o relógio de pulso e viu que dormira mais de duas horas e meia. Evidentemente, depois que o filme chegara ao fim, a comissária — percebendo que o filme funcionava como uma verdadeira canção de ninar para ele — rebobinara-o e passara-o novamente.

Deviam estar perto do destino. Com certeza faltaria menos de uma hora para o Aeroporto John Wayne, no condado de Orange. Ele tirou os fones de ouvido, levantou-se e foi à frente da cabine para contar a Clocker o que ficara sabendo no telefonema para Nova York.

Clocker dormia no assento. Havia tirado o paletó de *tweed* com remendos e lapelas de couro, mas ainda usava o chapéu marrom de abas reviradas em toda volta, com a pena de pato marrom e preta. Apesar de não estar roncando, os lábios estavam abertos e um fio de baba escorria do canto da boca; metade de seu queixo apresentava um brilho repugnante.

Às vezes, Oslett ficava meio convencido de que a Rede estava lhe pregando uma peça colossais quando o combinava com Karl Clocker.

Seu pai era um gráudo na organização, e Oslett perguntava-se se o velho não o ligaria a uma figura ridícula como Clocker para humilhá-lo. Ele detestava o pai e sabia que o sentimento era mútuo. Entretanto, ele não podia acreditar que o velho fosse fazer essas brincadeiras com ele, apesar do antagonismo profundo e ardente — em grande parte porque, se fizesse isso, estaria expondo um Oslett ao ridículo. Proteger a honra e a integridade do nome da família sempre teve precedência sobre os sentimentos pessoais e o ajuste de rancores entre os membros da família.

Na família Oslett, certas lições eram aprendidas tão cedo que Drew quase acreditava ter nascido com esse conhecimento e uma profunda compreensão do valor do nome Oslett, que parecia estar enraizado em seus genes. Nada — exceto uma vasta fortuna — era tão precioso como um bom nome, mantido através de gerações; um bom nome irradiava tanto poder quanto uma tremenda riqueza, porque os políticos e juizes sempre achavam mais fácil aceitar pacotes cheios de dinheiro, à guisa de suborno, quando a oferta vinha de pessoas cuja linhagem produzira senadores, secretários de estado, líderes industriais, notáveis paladinos do meio ambiente e muitos louvados patronos das artes.

Sua dupla com Clocker era apenas um equívoco. A qualquer momento, a situação seria retificada. Se a burocracia da Rede era lenta para rearrumar missões, e se o renegado fosse recuperado num estado que ainda permitisse ser operado como antes, Oslett puxaria Alfie para o lado e lhe daria instruções para liquidar com Clocker.

O livro *Jornada nas Estrelas*, com a lombada quebrada, estava aberto no peito de Clocker, as páginas viradas para baixo. Oslett pegou o livro com cuidado para não acordar o grandalhão.

Abriu na primeira página, sem dar-se ao trabalho de marcar o lugar em que Clocker havia parado, e começou a ler, pensando que talvez encontrasse uma deixa capaz de lhe explicar por que tantas pessoas eram fascinadas pela nave *Enterprise* e sua tripulação. Poucos parágrafos depois, o maldito autor o levava para dentro da mente do capitão Kirk, território mental que Oslett só estaria

disposto a explorar se as alternativas fossem limitadas às mentes estultificantes de todos os candidatos à presidência das últimas eleições. Ele saltou alguns capítulos, leu por alto, viu-se na afetada mente racional de Spock, pulou mais páginas e descobriu que caíra na mente de McCoy.

Aborrecido, fechou *Viagem ao Reto do Universo*, ou seja lá qual fosse o título da droga de livro, e bateu com ele no peito de Clocker para acordá-lo.

O grandalhão endireitou-se na cadeira tão de repente que o chapéu caiu em seu colo. Ele disse, sonolento:

— O quê? O quê?

— Vamos aterrissar em pouco tempo.

— Claro que vamos — disse Clocker.

— Tem um contato à nossa espera.

— A vida é contato.

Oslett estava de péssimo humor. Perseguir um assassino de aluguel renegado, pensar no pai, meditar sobre a possível catástrofe representada por Martin Stillwater, ler várias páginas de *Jornada nas Estrelas*, e agora ser bombardeado com mais criptogramas de Clocker, era demais para qualquer pessoa suportar e ainda manter o bom humor.

— Ou você andou babando enquanto dormia ou um rebanho de lesmas se arrastou em seu queixo e entrou em sua boca — disse ele.

Clocker levantou o braço musculoso e enxugou a parte inferior do rosto com a manga da camisa.

— Esse contato — disse Oslett — pode ter uma pista de Alfie. Devemos ficar atentos, preparados para nos mover. Você já acordou?

Os olhos de Clocker estavam remelentos.

— Nenhum de nós fica totalmente acordado.

— Ah, por favor, quer parar com essa merda mística? Não estou com nenhuma paciência para isso agora.

Clocker fitou-o durante um longo momento e depois disse:

— Você tem um coração turbulento, Drew.

— Errado. É meu estômago que ficou turbulento por ter que ouvir esse tipo de merda.

— Uma tempestade interior de hostilidade cega.

— Foda-se — disse Oslett.

De repente, os motores do jato mudaram de tom. Um momento depois, a aeromoça se aproximou para anunciar que o avião entrara em sua zona de aproximação do aeroporto do condado de Orange e para pedir que colocassem os cintos de segurança.

Segundo o Rolex de Oslett, era 1:52 da manhã, mas isso em Oklahoma. Enquanto o Lear descia, ele ajustou o relógio até marcar oito minutos para a meia-noite.

No momento em que aterrissaram, a segunda-feira mudou para terça como uma bomba-relógio que marca o tempo que falta para a detonação.

* * *

O homem de frente — que parecia ter quase trinta anos, não sendo muito mais jovem que Drew Oslett — aguardava na sala de espera do terminal para aviões particulares. Ele disse que se chamava Jim Lomax, que com toda probabilidade não era seu nome.

Oslett disse que seus nomes eram Charlie Brown e Dagwood Bumstead.

O contato pareceu não ter entendido a piada. Ajudou a carregar a bagagem para o estacionamento, embarcando-a na mala de um Oldsmobile verde.

Lomax era um desses Californianos que fez de seu corpo um templo e depois partiu para uma arquitetura mais elaborada. A ética do exercício-alimentação-saúde já se havia espalhado em cada canto do país e, durante anos, os americanos lutaram para ter bunda dura e coração saudável até os pontos mais distantes do nevado Maine. Entretanto, o Estado Dourado estava no lugar em que fora feito o primeiro suco de cenoura, onde foi aberto o primeiro bar de cereais, e ainda era o único lugar onde um número significativo de pessoas acreditava que palitos de cenoura crua eram um substituto satisfatório para batatas fritas, de modo que apenas certos Californianos fanaticamente dedicados tinham determinação suficiente para exceder as exigências estruturais de um templo. Jim Lomax tinha um pescoço parecido com uma coluna de granito, ombros como vergas de porta de pedra calcária, um peito capaz de sustentar uma parede de nave, a barriga tão plana quanto uma pedra de altar e, com toda certeza, transformara seu corpo numa *catedral*.

Embora uma frente de tormenta tivesse percorrido a noite e o ar ainda estivesse frio e úmido, Lomax só vestia *jeans* e uma camiseta que exibia uma foto de Madonna com os seios de fora (a cantora de *rock*, não a mãe de Deus), como se os elementos o afetassem tão pouco quanto os muros de pedra de qualquer fortaleza poderosa. Em vez de caminhar, ele andava como um pavão, realizando cada tarefa com graça calculada e evidente consciência de si mesmo, obviamente feliz e convicto de que as pessoas tendiam a observá-lo e a invejá-lo.

Oslett suspeitava que Lomax não era apenas um homem orgulhoso, mas também tremendamente vaidoso, chegando a ser narcisista. O único deus venerado na catedral de seu corpo era o ego que o habitava.

Mesmo assim, Oslett gostou do sujeito. A coisa mais atraente em Lomax era o fato de que, em sua companhia, Karl Clocker parecia ser o menor dos dois. Na verdade, era a *única* coisa atraente no sujeito, mas bastava. Era provável que Lomax só fosse um pouco — se fosse — maior que Clocker, mas ele era mais

duro e mais afiado. Por comparação, Clocker parecia lento, claudicante, velho e mole. Como às vezes ficava intimidado com o tamanho de Clocker, Oslett ficou encantado com a ideia de ele se intimidar com Lomax — embora, de maneira frustrante, se Clocker estava impressionado, não demonstrou.

Lomax dirigiu. Oslett foi no banco da frente e Clocker afundou-se no assento traseiro.

Ao deixar o aeroporto, eles pegaram à direita no MacArthur Boulevard. Estavam numa zona formada por caros arranha-céus e complexos de escritórios, muitos dos quais pareciam ser o quartel-general regional ou nacional de grandes corporações, recuados em relação à rua, atrás de enormes gramados bem-cuidados, canteiros de flores, moitas de arbustos e muitas árvores, tudo iluminado por lâmpadas colocadas nos lugares certos.

— Debaixo de seu assento — disse Lomax —, você encontrará uma xerox do relatório policial de Mission Viejo sobre o incidente na casa dos Stillwater. Não foi fácil consegui-lo. Leia-o agora, porque tenho que levá-lo e destruí-lo.

Preso no relatório havia uma caneta-lanterna própria para leitura. Enquanto seguiam no MacArthur Boulevard para o sudoeste, em direção a Newport Beach, Oslett estudou o documento com perplexidade e desânimo crescentes. Chegaram na Autoestrada da Costa do Pacífico e viraram para o sul, viajando todo o trajeto através de Corona Del Mar antes que ele terminasse.

— Esse tira, esse Lowbock — disse Oslett, levantando a vista do relatório —, ele acredita que tudo não passa de um golpe publicitário, acha até que não houve invasor nenhum.

— É uma chance para nós — disse Lomax. Ele arreganhou um sorriso, o que foi um erro, já que ficou parecendo o garoto do *poster* de alguma instituição de caridade formada para ajudar os estúpidos teimosos.

— Considerando-se que toda a maldita Rede talvez esteja sendo sugada por um dreno, acho que precisamos mais do que uma chance. Precisamos de um milagre — disse Oslett.

— Deixe-me ver — disse Clocker.

Oslett passou o relatório e a caneta-lanterna para o assento traseiro, depois dirigiu-se a Lomax:

— Como foi que nosso menino mau soube que Stillwater andava por aqui, como o encontrou?

Lomax encolheu os ombros de lintel de pedra calcária.

— Ninguém sabe.

Oslett emitiu um som inarticulado de desagrado.

À direita da estrada, eles passaram por uma abastada comunidade com guarda no portão e campo de golfe. Depois dela, o Pacífico sem luz ficou tão vasto e negro do lado oeste que eles pareciam estar rodando ao longo da beirada

da eternidade.

— Nós imaginamos que, se não perdermos Stillwater de vista, mais cedo ou mais tarde nosso homem vai aparecer e nós o recuperaremos — disse Lomax.

— Onde está Stillwater agora?

— Não sabemos.

— Genial.

— Bem, veja, menos de meia hora depois que os tiras foram embora, aconteceu essa outra coisa com os Stillwater, antes que nós chegássemos, e depois disso parece que eles... resolveram se esconder, acho que é isso que você diria.

— Que outra coisa?

Lomax franziu as sobrancelhas.

— Ninguém tem certeza. Aconteceu bem na esquina da casa. Diferentes vizinhos viram coisas diferentes, mas um cara que se ajusta à descrição de Stillwater disparou um monte de balas contra um outro cara dentro de um Buick. O Buick bateu num Explorer estacionado, e durante um segundo ficou pendurado. Duas meninas, que se ajustam à descrição das filhas de Stillwater, pularam fora do assento traseiro do Buick e correram. O Buick soltou-se, Stillwater descarregou a arma sobre ele, e depois um BMW, que se ajusta à descrição de um dos carros registrados dos Stillwater, surgiu na esquina como um morcego saído do inferno, dirigido pela mulher de Stillwater. Daí todos entraram nele e partiram.

— Atrás do Buick?

— Não. O Buick já havia desaparecido. Foi como se eles tentassem dar o fora dali antes da chegada dos tiras.

— Algum vizinho viu o sujeito do Buick?

— Não. Escuro demais.

— Era nosso menino mau.

— Você acha mesmo? — indagou Lomax.

— Bem, se não era ele, devia ser o papa.

Lomax lançou-lhe um olhar estranho, depois olhou pensativo para a estrada à sua frente.

Antes que o estúpido pudesse perguntar como o papa se envolvera naquela história, Oslett indagou:

— Por que não temos o relatório policial sobre o segundo incidente?

— Não houve relatório. Ninguém fez queixa. Nenhuma vítima de crime. Apenas um relatório sobre os danos da batida no Explorer.

— De acordo com o que Stillwater disse aos tiras, nosso Alfie pensa que é Stillwater ou devia ser. Acha que sua vida foi roubada dele. O pobre coitado pirou, está maluco, para ele faz sentido ir até lá para roubar as filhas de Stillwater, porque de alguma forma pensa que são *suas* filhas. Meu Deus, que

zona.

Uma placa de estrada indicava que dentro em breve eles chegariam aos limites da cidade de Laguna Beach.

— Aonde vamos? — perguntou Oslett.

— Hotel Ritz-Carlton em Dana Point — respondeu Lomax. — Vocês têm uma suíte. Peguei o trajeto longo para que vocês dois tivessem uma chance de ler o relatório policial.

— Nós dormimos no avião. Pensei que entraríamos em ação logo depois da aterrissagem.

Lomax pareceu surpreso.

— Fazendo o quê?

— Indo à casa dos Stillwater para começar. Dar uma olhada em volta, ver o que pudéssemos ver.

— Não há nada para ver. De qualquer modo, tenho que levá-los ao Ritz. Devem dormir um pouco e estar preparados para partir às oito da manhã.

— Para ir aonde?

— Eles esperam ter uma pista de Stillwater ou de nosso garoto ou de ambos pela manhã. Às oito alguém irá ao hotel para lhes informar e vocês têm que estar descansados, prontos para se mexer. O que não é difícil, já que estarão no Ritz. Quero dizer, um tremendo hotel. Também tem uma comida ótima. Inclusive a do serviço de quarto. Vocês podem tomar um café da manhã bom e saudável, não a típica merda gordurosa de hotel. Omeletes de claras, pão de sete grãos, todos os tipos de frutas frescas, iogurte desnatado...

— É claro que espero ter um café da manhã igual ao que tomo em Manhattan todas as manhãs — disse Oslett. — Embriões de jacaré e cabeças de enguia fritas sobre algas marinhas fritas em manteiga de alho, com um prato duplo de cérebro de bezerro. Ahhh, cara, nunca em sua vida você se sentirá tão *cheio* quanto depois desse desjejum.

Lomax olhou fixo para Oslett, tão perplexo que deixou a velocidade do Oldsmobile cair para a metade.

— Bem, eles têm uma comida genial no Ritz, mas talvez não tão exótica quanto a de Nova York — Ele voltou a olhar para a rua e o carro ganhou velocidade. — Em todo caso, tem certeza de que essa comida é saudável? Para mim, parece entupida de colesterol.

A voz de Lomax não denunciava nenhuma insinuação de ironia, nenhum traço de humor. Era claro que ele acreditava que Oslett comia cabeça de enguia, embriões de jacaré e cérebro de bezerro no café da manhã.

Relutante, Oslett teve que enfrentar o fato de que havia piores parceiros do que aquele que já tinha. Karl Clocker só *parecia* ser estúpido.

Em Laguna Beach, dezembro era a baixa temporada, e as ruas estavam quase desertas. Faltavam quinze minutos para uma da madrugada de terça-feira.

No cruzamento de três vias no centro da cidade, com a praia pública à direita, eles pararam num sinal vermelho, apesar de não avistarem nenhum outro carro em movimento.

Oslett achou a cidade tão irritantemente morta quanto qualquer lugar em Oklahoma, e teve saudades da agitação de Manhattan: o movimento noite adentro de carros da polícia e ambulâncias a música sombria das sirenes, o infinito grasnar de buzinas. Risadas, vozes embriagadas, discussões e a algaravia desvairada dos esquizofrênicos drogados que habitavam as ruas e ecoavam em seu apartamento, mesmo nas horas mais desertas da noite. Tudo isso faltava naquele burgo sonolento à margem do mar de inverno.

Enquanto continuavam saindo de Laguna, Clocker passou para a frente o relatório da polícia de Mission Viejo.

Oslett esperou algum comentário do *Trekker*. Como ele não veio, não conseguiu mais tolerar o silêncio que enchia o carro e parecia cobrir o mundo lá fora. Virou-se de lado para Clocker e perguntou:

— E então?

— Então o quê?

— O que você acha?

— Nada bom — disse Clocker de seu ninho de sombras no assento traseiro.

— Nada bom? É tudo o que tem a dizer? Para mim parece ser uma zona colossal.

— Bem — disse Clocker em tom filosófico —, deve cair uma pequena chuva em toda organização criptofascista.

Oslett deu uma risada. Virou-se para a frente, olhou de soslaio para o solene Lomax e deu uma risada mais forte.

— Karl, às vezes eu acho que talvez você não seja um mau sujeito.

— Bom ou mau — disse Clocker —, tudo ressoa com o mesmo movimento das partículas subatômicas.

— Bem, não vá arruinar um lindo momento — advertiu-o Oslett.

4.

Na parte mais funda da noite, ele desperta de sonhos vívidos de gargantas cortadas, cabeças espatifadas à bala, punhos pálidos cortados por lâminas de barbear e prostitutas estranguladas, mas não se senta na cama nem ofega nem grita como uma pessoa acordando de um pesadelo, pois os sonhos sempre o acalmam. Ele permanece deitado na posição fetal, no assento traseiro do carro, meio dentro e meio fora do sono convalescente.

Um lado do rosto está molhado com uma substância grossa e pegajosa. Ele leva uma das mãos à face e, com cuidado e sono, esfrega o material viscoso entre os dedos, tentando descobrir o que é. Ao encontrar pedaços espinhentos de

vidro no muco solidificado, ele percebe que o olho curado rejeitou os estilhaços da janela do carro junto com a matéria ocular danificada, que foi substituída por tecido saudável.

Ele pisca, abre os olhos e de novo pode enxergar tão bem com o olho esquerdo como com o direito. Mesmo no Buick cheio de sombras, ele percebe, com clareza, formas, variações de textura e a menor escuridão da noite que pressiona as janelas.

Dali a horas, quando as palmeiras estiverem lançando as compridas sombras do amanhecer para oeste, e os ratos de árvores estiverem em seus refúgios secretos na folhagem viçosa, esperando que o dia acabe, ele estará completamente curado. Mais uma vez, estará preparado para reivindicar seu destino.

Ele sussurra:

— Charlotte...

Lá fora, surge pouco a pouco uma luz fantasmagórica. As nuvens que arrastam a tempestade são finas e rasgadas. O frio rosto da lua espia para baixo por entre as fitas rotas.

— ... Emily...

No lado de fora do carro, a noite cintila suave como prata embaçada no brilho de uma única chama de vela.

— ... *Papai vai ficar bom... muito bem... não se preocupem... papai vai ficar bom...*

Agora ele compreende que foi atraído para seu sócia por um magnetismo provocado por uma unidade essencial e que ele percebe através de um sexto sentido. Ele não tinha nenhum conhecimento de que existia um outro eu, mas fora atraído em sua direção como se essa atração fosse uma função autônoma de seu corpo, da mesma forma como as batidas de seu coração, a produção e manutenção de seu suprimento de sangue e o funcionamento dos órgãos internos são funções autônomas, que ocorrem sem a necessidade de volição consciente.

Ainda meio abraçado pelo sono, ele se pergunta se pode aplicar esse sexto sentido com intenção consciente e estender o braço para descobrir o falso pai a qualquer hora que desejar.

Ele se imagina, como num sonho, como uma figura esculpida em ferro e magnetizada. O outro eu, escondido em alguma parte lá fora na noite, é uma figura semelhante. Cada magneto tem um polo negativo e um positivo. Ele imagina que seu positivo está ligado ao negativo do falso pai. Os opostos se atraem.

Ele procura atração e a encontra quase de imediato. Ondas invisíveis de força puxam-no de leve, depois com mais força.

Oeste. Oeste e sul.

Como ocorreu durante sua viagem frenética e compulsiva através de

mais da metade do país, ele sente crescer a força de uma atração, até que ela se torna igual à poderosa gravidade de um planeta atraindo um pequeno asteroide para a impetuosa promessa de sua atmosfera.

Para oeste e sul. Não distante. Alguns quilômetros.

A atração é exigente, estranhamente agradável a princípio, mas depois quase dolorosa. Ele sente que — caso tivesse que sair do carro — iria levar, de imediato, saindo do solo e sendo levado pelo ar a alta velocidade direto para a órbita do odioso pai falso, que lhe tirou a vida.

De repente, ele sente que seu inimigo tem consciência de que está sendo procurado e percebe as linhas de energia que os ligam.

Ele para de imaginar a atração magnética. No mesmo instante, refugia-se em si mesmo, se fecha. Ainda não está pronto para atrair o inimigo em combate e não deseja alertá-lo para o fato de que faltam apenas algumas horas para um outro encontro.

Ele fecha os olhos.

Sorrindo, desliza para o sono.

Sono regenerador.

A princípio, seus sonhos são do passado, povoado por aqueles que assassinou e pelas mulheres com quem teve sexo e em quem provocou a morte pós-coito. Em seguida, é arrebatado por cenas que, sem dúvida, são proféticas, envolvendo aquelas a quem ama — sua doce esposa, suas lindas filhas, em momentos de insuperável ternura e gratificante submissão, banhadas de luz dourada, tão adorável, tudo envolto numa adorável luz dourada, com brilhos de prata, rubi, ametista, jade e índigo.

* * *

Marty despertou de um pesadelo com a sensação de que estava sendo esmagado. Mesmo quando o sonho se estilhaçou e desapareceu, embora soubesse que estava desperto num quarto de hotel, ele não conseguia respirar nem mover um dedo que fosse. Sentia-se pequeno, insignificante, e tinha uma estranha certeza de que estava prestes a ser martelado em bilhões de átomos desassociados por alguma força cósmica além de sua compreensão.

A respiração voltou-lhe de repente, como uma implosão. A paralisia rompeu-se com um espasmo que o sacudiu da cabeça aos pés.

Ele olhou para Paige ao seu lado na cama, com medo de perturbar seu sono. Ela murmurou algo para si mesma, mas não acordou.

Ele se levantou da maneira mais silenciosa possível, foi até a janela da frente. Com cuidado, separou as partes da cortina e olhou para o estacionamento do motel e a Autoestrada da Costa do Pacífico mais além. Ninguém entrou nem saiu de algum dos carros estacionados. Pelo que conseguia lembrar-se, todas as

sombras que havia lá fora nesse momento já estavam lá antes. Marty não viu ninguém à espreita em canto algum. A tempestade levava todo o vento para o leste, e Laguna estava tão quieta que as árvores podiam ter sido pintadas em telas de palco. Um caminhão cruzou a estrada, dirigindo-se para o norte, mas esse foi o único movimento na noite.

Na parede oposta à janela da frente, cortinas cobriam um par de portas corredeiras de vidro, atrás das quais havia uma varanda que dava para o mar. Além da porta, e depois da cerca do deque, aos pés do costão, estendia-se a praia pálida onde as ondas se quebravam em grinaldas de espuma prateada. Ninguém poderia, com facilidade, escalar até a varanda, e o gramado estava deserto.

Talvez tivesse sido apenas um pesadelo.

Ele afastou-se do vidro, deixando as cortinas caírem de volta, e olhou para o mostrador luminoso de seu relógio de pulso. Três da madrugada.

Dormira quase cinco horas. Não o tempo suficiente, mas teria que bastar.

Sentia uma dor intolerável no pescoço, e a garganta estava um pouco inflamada.

Marty foi ao banheiro, fechou a porta e acendeu a luz. Retirou do estojo de viagem um vidro de Excedrin extraforte. O rótulo aconselhava uma dosagem de não mais que dois comprimidos de cada vez e não mais que oito em 24 horas. Entretanto, o momento parecia ser feito para se viver perigosamente, de modo que ele engoliu quatro com um copo de água da pia, depois jogou na boca uma pastilha para garganta e chupou-a.

Após voltar ao quarto e pegar a espingarda de cano curto que estava ao lado da cama, ele entrou no aposento das meninas pela porta de ligação. Elas dormiam, entocadas em suas cobertas como tartarugas nos cascos, para evitar a luz incômoda do abajur da mesinha-de-cabeceira.

Ele olhou pela janela. Nada.

Antes, ele havia recolocado a cadeira de leitura num canto, mas agora levou-a para um ponto do quarto onde a luz chegasse. Não queria alarmar Charlotte e Emily, se acordassem antes do amanhecer e vissem um homem não identificado nas sombras.

Sentou-se de joelhos abertos, com a espingarda nas coxas.

Embora fosse dono de cinco armas — três das quais estavam agora nas mãos da polícia —, embora soubesse atirar com todas elas, embora houvesse escrito muitas histórias nas quais policiais e outros personagens manejavam armas com o desembaraço próprio do conhecimento, Marty ficou surpreso com a falta de hesitação com que lançara mão das armas quando os problemas surgiram. Afinal de contas, não era um homem de ação nem tinha experiência em matar.

Sua vida, e mais tarde a de sua família, tinham corrido risco, mas ele pensava que, antes de descobrir o contrário, teria certas reservas quando seu

dedo encostasse no gatilho. Ele esperava sentir, pelo menos, uma centelha de arrependimento depois de atirar no peito de um homem, mesmo que o bastardo merecesse levar um tiro.

Marty lembrou-se com clareza da alegria sombria com que descarregara a Beretta no Buick em fuga. O selvagem à espreita na herança genética humana era tão acessível a ele quanto a qualquer outro homem, independente do seu grau de educação, leitura e civilização.

O que descobriu sobre si mesmo não o desagradou tanto quanto talvez devesse desagradar. Que droga, não desagradou nem um pouco.

Ele sabia que era capaz de matar qualquer número de homens para salvar a própria vida, a de Paige e das crianças. E apesar de circular numa sociedade em que era intelectualmente correto abraçar o pacifismo como única esperança de sobrevivência social, ele não se via como um reacionário incorrigível ou um retrocesso evolucionário ou um degenerado, mas apenas como um homem agindo exatamente como a natureza pedia.

A civilização começava com a família, com crianças protegidas por mães e pais dispostos a sacrificar-se e até morrer por elas.

Se a família já não estivesse mais segura, se o governo não pudesse ou quisesse proteger a família do saque de raptos, de molestadores de crianças e matadores; se sociopatas homicidas eram soltos da prisão depois de cumprir menos tempo do que evangélicos fraudulentos que desviavam dinheiro de suas igrejas e gananciosos milionários proprietários de hotel e sonegadores de impostos, então a civilização deixara de existir. Se as crianças eram caças-legais — como a edição de qualquer jornal diário confirmaria —, então o mundo havia retornado à selvageria. A civilização existia apenas em minúsculas unidades, dentro das paredes das casas onde os membros familiares compartilhavam um amor forte o bastante para deixá-los dispostos a arriscar a vida em defesa um do outro.

Que dia haviam passado. Um dia terrível. A única coisa boa que tinha acontecido foi a descoberta de que sua fuga, pesadelos e outros sintomas não eram resultado de nenhuma doença física ou mental. Afinal de contas, o problema *não* estava dentro dele. O fantasma era real.

Mas ele não pôde ter a mínima satisfação com esse diagnóstico. Apesar de haver recuperado a autoconfiança, perdera muitas outras coisas.

Tudo mudara.

Para sempre.

Ele sabia que ainda não compreendia a maneira tremenda como suas vidas haviam sido alteradas. Nas horas que faltavam para amanhecer, enquanto pensava nas medidas que deviam tomar para se proteger, e enquanto ousava considerar as poucas origens possíveis do Outro, ditadas pela lógica, sua situação pareceria cada vez mais difícil, e suas opções mais estreitas do que ele podia

visualizar ou admitir.

Primeiro, ele suspeitava que jamais poderiam voltar para casa de novo.

* * *

Ela acorda uma hora e meia antes de amanhecer, curado e descansado.

Volta para o assento da frente, acende a luz do interior e examina, no retrovisor, a testa e o olho esquerdo. O sulco de bala na testa fechou sem deixar qualquer cicatriz que ele pudesse detectar. Seu olho já não está mais machucado — nem mesmo injetado de sangue.

Entretanto, metade do rosto tem uma crosta de sangue seco e do horrível refugio biológico dos produtos que aceleraram o processo de regeneração. Parte de seu rosto parece saída de *O Abominável Dr. Phibes*, ou de *Darkman*.

Rebuscando o porta-luvas, ele encontra um pacote pequeno de Kleenex. Sob o pacote há uma caixa tamanho viagem de *Handi Wipes*, toalhas umedecidas em pacotes laminados. Têm um aroma de limão. Muito gostoso. Ele usa o Kleenex e as toalhas para limpar a sujeira do rosto, e ajeita com as mãos o cabelo desgrenhado pelo sono.

Agora não dá para assustar ninguém, mas ainda não está apresentável o bastante para não chamar atenção, que é o que deseja. Embora a capa volumosa, abotoada até o pescoço, cubra a camisa rasgada à bala, o tecido cheira à sangue e à variedade de comida que caiu sobre ele durante seu frenesi alimentício dentro do Honda já abandonado, no estacionamento do McDonald's, varrido pela chuva na noite anterior, antes de encontrar o infeliz proprietário do Buick. Suas calças tampouco estão intactas.

Certo de que lá fora pode encontrar algo útil, ele tira a chave da ignição, sai do carro, dá a volta até a traseira e abre a mala. No interior escuro, iluminado parcialmente pelo feixe errante de uma lâmpada de segurança encoberta por uma árvore próxima, o morto olha fixo para ele, com assombro de olhos arregalados, como que surpreso por vê-lo de novo.

As duas sacolas de compra de plástico estão em cima do corpo. Ele derrama o conteúdo de ambas sobre o cadáver. O proprietário do Buick adquirira uma variedade de artigos. A coisa que mais parece útil no momento é um suéter largo de gola redonda.

Com o suéter na mão esquerda, ele fecha a mala com a direita, num movimento suave para fazer o menor barulho possível. As pessoas vão acordar daqui a pouco, mas o sono ainda é senhor da maioria, se não de todos os moradores. Ele tranca a mala e põe as chaves no bolso.

O céu está escuro, mas as estrelas desapareceram. Não faltam mais de quinze minutos para o amanhecer.

Um condomínio tão grande como esse deve ter pelo menos duas

lavanderias comunitárias, e ele parte para procurar uma. Um minuto depois, encontra um poste de sinais que o envia para o prédio de recreação, a piscina, o escritório de aluguel e a lavanderia mais próxima.

As calçadas que ligam os prédios passam por grandes pátios ajardinados, sob loureiros abertos e estranhas lâmpadas de ferro cobertas pela pátina esverdeada. A propriedade é atraente e tem muito verde. Ele não se incomodaria de morar lá. Claro que sua casa, em Mission Viejo, é muito mais atraente, e ele tem certeza de que as meninas e Paige estão tão ligadas nela que jamais vão querer mudar.

A porta da lavanderia está trancada, mas não representa nenhum obstáculo. A administração instalou um conjunto de fechadura barato, de lingueta e não de cavilha morta. Tendo previsto a necessidade, ele tem um cartão de crédito da carteira do morto, que ele desliza entre a placa plana e o batente. Puxa para cima, encontra a lingueta, aplica pressão e abre a fechadura.

No interior, ele encontra seis máquinas de lavar operadas por moedas, quatro secadoras a gás, um automático de vendas cheio de caixas pequenas de detergente e amaciadores de tecidos, uma mesa grande na qual a roupa limpa pode ser dobrada e um par de pias fundas. Tudo é limpo e agradável sob as luzes fluorescentes.

Ele tira a capa de chuva e a camisa de flanela suja. Forma uma trouxa com a camisa e a capa, enfia ambas dentro de uma enorme lata de lixo que há num canto.

Seu peito não tem marcas de bala. Ele não precisa olhar as costas para saber que o único ferimento de saída de bala também está curado.

Ele lava as axilas numa das pias da lavanderia e enxuga-se com toalhas de papel retiradas do armário da parede.

Anseia por tomar uma ducha quente antes de o dia acabar em seu próprio banheiro, em sua própria casa. Depois de localizar e matar o falso pai, depois de recuperar sua família, ele terá tempo para os prazeres simples. Paige entrará no chuveiro com ele. Ela vai gostar.

Se fosse necessário, ele poderia tirar *o jeans* e lavá-lo numa das máquinas da lavanderia, usando moedas tiradas do proprietário do Buick. Mas quando raspa com as unhas a crosta de comida no tecido de algodão e esfrega as poucas manchas com toalhas de papel umedecidas, o resultando é satisfatório.

O suéter é uma surpresa agradável. Ele esperava que fosse grande demais para ele, como a capa de chuva, mas é evidente que o morto não o comprou para si mesmo. Ele se ajusta perfeitamente. A cor — vermelho-cereja — combina bem com *o jeans* e também é uma boa cor para ele. Se houvesse um espelho na lavanderia, ele tem certeza de que se veria não apenas discreto, mas também respeitável e até atraente.

Lá fora, o amanhecer é apenas uma luz fantasmagórica a leste.

Os pássaros matinais estridulam nas árvores.

O ar está doce.

Ele joga as chaves do Buick na mata, abandona o carro e o morto dentro dele, vai rápido até o mais próximo abrigo de carros com múltiplas vagas e sistematicamente força as portas dos veículos estacionados sob o teto coberto de buganvílias. Quando ele pensa que todos estão trancados, um Toyota Camry está aberto.

Ele desliza para trás do volante. Examina o protetor solar à procura das chaves. Debaixo do assento. Não tem sorte.

Não importa. Não lhe faltam recursos. Antes do céu se iluminar de forma apreciável, ele faz uma ligação direta no carro e está na estrada de novo.

O mais provável é que o proprietário do Camry descubra o desaparecimento do carro em uma ou duas horas, quando estiver pronto para ir trabalhar, e logo dará queixa do roubo. Sem problema. Até então as placas estarão num outro carro e o Camry estará usando um conjunto de placas diferentes, que o tornarão invisível para a polícia.

Ele se sente revigorado, rodando através das colinas de Laguna Niguel à luz rosada do amanhecer. Por enquanto, o céu matinal é apenas um azul-pálido, mas as altas formações de nuvens estriadas apresentam riachos cor-de-rosa claro.

É o primeiro dia de dezembro. Dia primeiro. Ele está tendo um bom começo. A partir de agora, tudo vai ser à sua maneira, porque ele não vai mais subestimar seu inimigo.

Antes de matar o falso pai, ele arrancará os olhos do bastardo em retribuição ao ferimento que lhe causou. Vai exigir que as filhas assistam, pois será uma lição importante para elas, prova de que os pais falsos não podem triunfar a longo prazo, e de que seu pai verdadeiro é um homem que só se desobedece sob o risco de severa punição.

CINCO

I.

Pouco depois do amanhecer, Marty acordou Charlotte e Emily.

— Vão tomar banho para cair na estrada, senhoritas. Temos um monte de coisas para fazer hoje de manhã.

Emily acordou por completo num instante. Saiu debaixo das cobertas e ficou de pé na cama com seu pijama amarelo-narciso, o que a deixou quase ao nível da cabeça dele. Ela pediu um abraço e um beijo de bom-dia.

— Tive um supersonho ontem à noite.

— Deixe-me adivinhar. Você sonhou que tinha idade suficiente pra namorar Tom Cruise, dirigir carros esportivos, fumar charutos, beber e vomitar as tripas pra fora.

— Bobo — disse ela. — Sonhei que, pro café da manhã, você ia até o automático, comprava Mountain Dew e barras de chocolate pra nós.

— Sinto muito, mas não foi profético.

— Papai, não seja um escritor que usa palavras grandes.

— Eu quis dizer que seu sonho não vai se tornar realidade.

— Bem, *disso* eu sei. Você e mamãe teriam uma traça se nós tivéssemos barras de chocolate no café da manhã.

— Troço. Não traça.

Ela franziu o rosto.

— Isso importa?

— Não, acho que não. Traça, troço, qualquer coisa que você disser.

Emily contorceu-se para fora dos braços do pai e pulou da cama.

— Vou fazer xixi — ela anunciou.

— É um começo. Depois tome uma ducha, escove os dentes e vista-se.

Como sempre, Charlotte foi mais lenta para acordar. No momento em que Emily fechava a porta do banheiro, Charlotte só conseguira puxar as cobertas para trás e sentar na beirada da cama. E ficou olhando zangada para os pés descalços.

Marty sentou-se ao seu lado.

— São chamados de “dedos dos pés”.

— Hummm — ela disse.

— Você precisa deles para encher as pontas das meias.

Ela bocejou.

— Vai precisar deles muito mais se quiser ser bailarina. No entanto, eles não são essenciais para a maioria das outras profissões. Se você *não vai* ser bailarina, então pode removê-los com uma cirurgia, só os maiores ou os dez, fica por sua conta.

Ela levantou a cabeça e deu-lhe um olhar papai-está-sendo-

engraçadinho-então-vamos-animá-lo.

— Acho que ficarei com eles.

— Como você quiser — disse ele e beijou-lhe a testa.

— Sinto meus dentes peludos — ela queixou-se. — Minha língua também.

— Talvez você tenha comido um gato durante a noite.

Ela estava acordada o bastante para dar uma risadinha.

Foi dada a descarga no banheiro e, um segundo depois, a porta se abriu e

Emily disse:

— Charlotte, quer privacidade para ir ao trono ou posso tomar banho agora?

— Vai em frente e tome o banho — disse Charlotte. — Você cheira.

— É mesmo? Bem, você fede.

— Você cheira mal.

— É porque eu *quero* — disse Emily, talvez por não conseguir pensar numa palavra de resposta para “cheirar mal”.

— Minhas graciosas e jovens filhas, que damas.

Enquanto Emily desaparecia de volta ao banheiro e começava a remexer nos registros do chuveiro, Charlotte falou:

— Vou tirar esses pelos dos meus dentes. — Levantou-se e foi até a porta aberta. Na soleira, virou-se para Marty. — Papai, vamos ter que ir à escola hoje?

— Hoje não.

— Eu não achava que sim — ela hesitou. — Amanhã? — Não sei, querida. Talvez não.

Outra hesitação.

— Algum dia nós vamos voltar para a escola de novo?

— Bem, claro, com certeza.

Ela encarou-o durante um tempo longo demais, depois sacudiu a cabeça em sinal de afirmação e entrou no banheiro.

Sua pergunta desconcertou Marty. Ele não sabia ao certo se ela estava apenas fantasiando sobre uma vida sem escola, como a maioria das crianças faziam de vez em quando, ou se expressava uma preocupação mais genuína quanto à profundidade da encrenca que desabara sobre eles.

Enquanto estava sentado na cama com Charlotte, Marty ouviu a televisão ser ligada no outro quarto, de modo que soube que Paige estava acordada. Ele se levantou para dar bom-dia a ela.

Quando se aproximava da porta da ligação, Paige o chamou.

— Marty, rápido, veja isso.

Correu para o outro quarto e viu Paige parada diante da tevê. Ela assistia a um noticiário do começo da manhã.

— É sobre nós.

Ele reconheceu sua casa na tela. Uma repórter estava parada na rua, de

costas para a casa e de frente para a câmera.

Marty agachou-se diante da tevê e aumentou o volume.

— ... *assim, o mistério continua e a polícia gostaria muito de conversar com Martin Stillwater hoje de manhã...*

— Ah, *hoje* eles querem conversar — disse Marty aborrecido.

Paige mandou-o calar-se.

— ... *uma brincadeira irresponsável de um escritor ansioso demais para avançar na carreira, ou alguma coisa mais sinistra? Agora que o laboratório da polícia confirmou que a grande quantidade de sangue na casa de Stillwater é, de fato, de origem humana, a necessidade das autoridades responderem a essa pergunta tornou-se mais urgente da noite para o dia.*

Esse foi o final da matéria. Quando a repórter disse seu nome e localização, Marty registrou as palavras “ao vivo” no canto superior esquerdo da tela. Embora as duas palavras estivessem ali o tempo inteiro, a importância delas não foi registrada de imediato.

— Ao vivo? — disse Marty. — Eles só mandam repórteres saírem ao vivo se a história estiver em andamento.

— Está em andamento — confirmou Paige. Ela estava parada com os braços cruzados no peito e o cenho franzido para a televisão. — O lunático ainda está lá fora, em algum lugar.

— Quero dizer, quando está acontecendo um roubo ou uma situação com refém e uma equipe da SWAT esperando para invadir o local. Pelos padrões televisivos, isso é um tédio, sem ação, não há ninguém na cena para se empurrar um microfone na cara, apenas uma casa vazia para tomadas. Não é o tipo de história que eles usem para uma matéria ao vivo. Cara demais e sem excitação.

O programa voltou para o estúdio. Para sua surpresa, o âncora não era um dos locutores de segunda categoria da estação de Los Angeles, que em geral estaria de serviço num programa no começo da manhã, mas sim um rosto muito conhecido da rede.

Atônito, Marty disse:

— É cadeia *nacional*. Desde quando uma notícia de arrombamento e invasão vira notícia nacional?

— Você também foi atacado — disse Paige.

— E daí? Nos dias de hoje, há um crime pior que esse a cada dez segundos em algum lugar do país.

— Mas você é uma celebridade.

— Uma porra que sou.

— Você pode não gostar, mas é.

— Não sou *tão* célebre assim, não com apenas duas brochuras na lista de *bestsellers*. Sabe como é difícil entrar nesse programa para um dos segmentos de conversa como um convidado? — Ele bate com o nó do dedo no rosto do âncora na tela. — Mais difícil que ser convidado para um jantar oficial na Casa Branca!

Mesmo que eu contratasse um publicitário que vendesse a alma para o diabo, ele não me colocaria nesse programa, Paige. Não sou tão grande assim. Sou um João-ninguém para eles.

— Então... o que você quer dizer?

Ele foi à janela que dava vista para o estacionamento, e abriu as cortinas. Luz do sol fraca. Tráfego constante na Autoestrada da Costa do Pacífico. As árvores balançavam indolentes na mais suave das brisas do litoral.

Nada no cenário era ameaçador ou incomum, no entanto, parecia-lhe agourento. Marty sentia que olhava para um mundo que não era mais conhecido, um mundo mudado para pior. As diferenças não podiam ser definidas, eram mais subjetivas do que objetivas, perceptíveis mais para o espírito do que para os sentidos, mas mesmo assim reais. E o ritmo da sombria mudança aumentava. Em pouco tempo, a vista daquele quarto ou de qualquer outro seria, para ele, como algo visto através da portinhola de uma nave espacial num distante planeta alienígena que apenas superficialmente se parecia com seu próprio mundo, mas que por baixo de sua superfície enganadora era muitíssimo estranho e hostil à vida humana.

— Eu não acho — disse ele — que a polícia costume terminar os testes com amostras de sangue com tanta rapidez, e sei que não é prática padrão divulgar os resultados laboratoriais para os meios de comunicação com essa facilidade. — Ele deixou as cortinas caírem e virou-se para Paige, cuja testa estava franzida de preocupação. — Noticiário nacional? Ao vivo, no local? Não sei que porra está acontecendo, Paige, mas é mais estranho do que pensei ontem à noite.

* * *

Enquanto Paige tomava banho, Marty puxou uma cadeira para a frente da televisão e ficou trocando de canal, procurando outros noticiários. Pegou o final de outra matéria sobre ele num canal local — e depois uma terceira, completa, no programa nacional.

Tentava precaver-se contra a paranoia, mas teve a impressão perfeita de que ambas as matéria sugeriram — sem fazer acusações — que a falsidade de sua declaração para a polícia de Mission Viejo era uma conclusão precipitada, e que seu verdadeiro motivo era vender mais livros ou algo mais sombrio e esquisito do que o avanço profissional. Os dois noticiários fizeram uso da fotografia da edição corrente da *People*, na qual ele parecia um zumbi de cinema, com olhos brilhantes, à espreita nas sombras, violento e demente. E ambos os telejornais mencionaram, de propósito, as três armas confiscadas pela polícia, como se ele pudesse ser um suburbano vivendo em cima de um *bunker* abarrotado de armas e munições. Por volta do final da terceira reportagem,

achou que tinham feito uma clara insinuação de que ele podia ser perigoso, embora houvesse sido inserida de maneira tão suave e sutil. Era mais uma questão do tom de voz e das expressões do repórter do que de qualquer palavra no texto.

Aturdido, ele desligou a televisão.

Durante algum tempo ficou olhando fixo para a tela apagada. O cinza do monitor desligado combinava com seu estado de espírito.

* * *

Depois que todos tomaram banho e se vestiram, as meninas entraram no assento traseiro do BMW e, obediente, colocaram os cintos de segurança enquanto os pais acomodavam a bagagem.

Quando Marty bateu a tampa da mala e fechou-a a chave, Paige disse em voz baixa, para que Charlotte e Emily não pudessem ouvir:

— Você acha mesmo que temos de chegar a esse ponto, fazer essas coisas? É mesmo ruim?

— Não sei. Como lhe disse, estou pensando nisso desde que acordei, desde as três horas da madrugada, e ainda não sei se estou tendo uma reação exagerada.

— São medidas sérias e até arriscadas.

— Só que... por mais estranho que já seja, com O Outro e tudo que ele disse para mim, o que quer que esteja por trás disso é mais estranho ainda. Mais perigoso do que um lunático com uma arma. Mais mortal e muito pior. É algo tão grande que nos esmagará se tentarmos resistir. Foi o que senti no meio da noite, medo. Fiquei mais assustado do que quando ele estava com as meninas no carro. E, depois do que vi na televisão agora de manhã, estou mais inclinado a seguir minha intuição.

Ele percebeu que sua expressão de medo foi extrema, com um quê inconfundível de paranoia. Mas não era um alarmista e achava que podia confiar em seus instintos. Os acontecimentos tinham dissolvido todas as dúvidas sobre seu bem-estar mental.

Marty desejava poder identificar um inimigo que não fosse o sócia improvável, pois sabia por instinto que *havia* um outro inimigo e seria confortante identificá-lo. A Máfia, a Ku Klux Klan, os neonazistas, consórcios de banqueiros maus, o conselho de diretores de algum conglomerado internacional com ganância feroz, generais de direita tentando estabelecer uma ditadura militar, uma conspiração de zelotes insanos do Oriente Médio, cientistas loucos tentando explodir o mundo em estilhaços, ou o próprio demônio em todo seu esplendor cornífero — qualquer um dos vilões padrão dos dramas de tevê e inúmeros romances, não obstante sua improbabilidade e lugar-comum, seria preferível a

um adversário sem rosto, forma ou nome.

Mordendo o lábio inferior, perdida em pensamentos, Paige deixou seu olhar perambular pelas árvores sacudidas pela brisa, pelos outros carros estacionados e pela frente do motel, antes de jogar a cabeça para trás e olhar três gaiotas que cruzavam gritando o céu mais azul e sereno.

— Você também sente — disse ele.

— Sinto.

— Opressivo. Não estamos sendo vigiados, mas a sensação é quase a mesma.

— Mais do que isso — replicou ela. — É diferente. O mundo mudou... ou mudou a maneira como o vejo.

— Para mim também.

— Alguma coisa... se perdeu.

E nunca mais encontraremos de novo, ele pensou.

2.

O Ritz-Carlton era um hotel notável, com gosto refinado, generosas aplicações de mármore, pedra calcária, granito, arte de qualidade e antiguidades em todas as suas áreas públicas. Os enormes arranjos florais, expostos onde quer que se fosse, eram os mais artísticos que Oslett havia visto. Vestidos com uniformes discretos, gentis, onipresentes, os empregados pareciam superar os hóspedes em número. No geral, lembrava um lar para Oslett, a propriedade em Connecticut na qual crescera, embora a mansão da família, mobiliada apenas com antiguidades dignas de um museu, fosse maior do que o Ritz-Carlton, tivesse uma proporção pessoal-família de seis para um e um heliporto grande o bastante para acomodar os helicópteros militares que às vezes transportavam o presidente dos Estados Unidos e sua comitiva.

A suíte dupla abrigava uma generosa sala de estar, na qual Drew Oslett e Clocker estavam alojados, oferecia todas as amenidades — desde um bar plenamente servido até boxes de banho tão espaçosos que um hóspede bailarino poderia praticar *entrechats* durante suas abluções matinais. As toalhas não eram de Pratesi, como aquelas que ele usara durante toda a vida, mas eram de um bom algodão egípcio, macio e absorvente.

Às 7:50 da manhã de terça-feira, Oslett vestia uma camisa de algodão branco com botões de osso de baleia da Theophilus Shirtmakers de Londres, um blazer de *cashmere* azul-marinho feito com sublime atenção ao detalhe por seu alfaiate particular em Roma, calças folgadas de lã cinza, sapatos oxfords pretos (um toque de excentricidade) feitos à mão por um sapateiro italiano residente em Paris, e uma gravata de *griffe* com listras azuis, marrons e douradas. A cor de seu lenço de bolso de seda combinava perfeitamente com o dourado de sua gravata.

Trajado dessa maneira, com o ânimo elevado pela perfeição de alfaiate,

Oslett foi procurar Clocker. Não desejava a companhia do grandalhão, claro; só que, para sua própria paz de espírito, preferia saber o que Clocker estava fazendo o tempo todo. E nutria a esperança de um bendito dia encontrá-lo morto, derrubado por um potente infarto cardíaco, uma hemorragia cerebral ou um raio da morte alienígena, como aqueles sobre os quais o grandalhão vivia lendo.

Clocker estava numa cadeira de pátio na varanda da sala de estar, ignorando uma deslumbrante vista para o Pacífico, o nariz grudado no último capítulo de *Ginecologistas que Mudam de Forma da Galáxia Sombria*, ou seja lá qual fosse a droga do título. Usava o mesmo chapéu com a pena de pato e paletó esportivo de *tweed*, embora estivesse com meias novas cor de púrpura, calças largas e leves e uma camisa branca limpa. Havia vestido um suéter-colete diferente em padrão arlequim, em tons de azul, cor-de-rosa, amarelo e cinza. Apesar de não usar gravata, eram tantos os cabelos negros que saíam pelo colarinho aberto que, à primeira vista, ele parecia estar usando gravata.

Após deixar de retribuir ao primeiro “bom-dia” de Oslett, Clocker respondeu à repetição dessas palavras com a improvável saudação de dedos abertos, que os personagens de *Jornada nas Estrelas* trocavam entre si, com a atenção ainda presa na brochura. Se Oslett tivesse uma serra de cadeia ou um cutelo de açougueiro, teria cortado a mão de Clocker na altura do pulso e atirado ao oceano. Ele se perguntou se o serviço de quarto enviaria algum instrumento afiado da coleção de artigos de cutelaria do *chef*.

O dia estava quente, já fazia 22 graus. Céu azul e brisas perfumadas eram uma mudança bem-vinda do frio da noite anterior.

Às oito horas em ponto — ainda a tempo de impedir que Oslett enlouquecesse com os gritos aquietantes das gaivotas, o murmúrio tranquilizante das ondas que quebravam na rebentação e a leve risada dos surfistas matinais, que levavam suas pranchas para o mar — o representante da Rede chegou para informá-los sobre os acontecimentos. Era um sujeito bastante diferente do corpulento homem de frente que os levara do aeroporto ao Ritz-Carlton algumas horas antes. Terno Savile Row. Gravata de *griffe*. Um olhar foi tudo que Oslett precisou para ter certeza de que ele não possuía nenhuma peça de roupa na qual estivesse impressa uma foto de Madonna com os seios de fora.

Ele disse que seu nome era Peter Waxhill, e era provável que estivesse falando a verdade. Seu posto era alto o bastante na organização para conhecer os verdadeiros nomes de Oslett e Clocker — embora os tivesse registrado no hotel como John Galbraith e John Maynard Keynes —, de modo que não havia razão para esconder sua identidade.

Waxhill aparentava estar no começo da casa dos quarenta, dez anos mais velho do que Oslett, mas o corte à navalha em suas têmporas estava coberto de cinza. Com 1,80m, era alto mas não dominante; magro porém em forma, bonito mas não assustadoramente belo, charmoso mas não familiar. Agia não apenas

como se tivesse sido diplomata durante décadas, mas como se sua estrutura genética tivesse sido projetada para essa carreira.

Após apresentar-se e comentar sobre o tempo, Waxhill disse:

— Tomei a liberdade de indagar ao serviço de quarto se vocês haviam tomado o café da manhã e, como responderam que não, tomei outra vez a liberdade de pedir para nós três, de forma que poderemos tomar o desjejum e discutir negócios ao mesmo tempo. Espero que não se importem.

— De maneira nenhuma — disse Oslett, impressionado com a suavidade e eficiência do outro.

Assim que ele respondeu, a campainha da porta soou e Waxhill introduziu dois garçons empurrando um carrinho de serviço coberto com uma toalha de mesa branca e abarrotada de travessas. No centro da sala de estar, os garçons ergueram abas embutidas no carro convertendo-o numa mesa redonda, e distribuíram travessas-pratos-guardanapos-xícaras-pires-cristais-louças com a graça e velocidade de mágicos manipulando cartas de baralho. Juntos, fizeram aparecer uma variedade de tigelas de compartimentos sem fundo sob a mesa, até que de repente, como que saído do ar, surgiu o desjejum: ovos mexidos com pimenta vermelha, *bacon*, embutidos, salmões defumados, torradas, *croissants*, morangos de estufa acompanhados de açúcar mascavo e pequenos jarros com creme, suco de laranja fresco e uma garrafa térmica banhada à prata com café.

Waxhill cumprimentou os garçons, agradeceu, deu-lhes uma gorjeta e assinou a conta, permanecendo em movimento o tempo todo, de modo que devolveu a nota do serviço de quarto e a caneta no instante em que eles atravessavam a soleira para o corredor.

Quando Waxhill fechou a porta e retornou à mesa, Oslett perguntou:

— Harvard ou Yale?

— Yale. E você?

— Princeton. Depois Harvard.

— Em meu caso, Yale e depois Oxford.

— O presidente frequentou Oxford — observou Oslett.

— Foi mesmo? — Waxhill levantou as sobrancelhas, fingindo que isso era uma novidade para ele. — Bem, você sabe, Oxford dura.

Aparentando haver terminado o último capítulo de *Planeta do Parasito Gastrintestinal*, Karl Clocker entrou vindo da varanda; um embaraço ambulante no que dizia respeito a Oslett. Waxhill permitiu-se ser apresentado ao *Trekker*, trocou um aperto de mão e deu toda a impressão de não estar se sufocando de repulsa ou hilaridade.

Eles puxaram três cadeiras de espaldar reto e sentaram-se para tomar o café da manhã. Clocker não tirou o chapéu.

Enquanto transferiam comida das travessas para os pratos, Waxhill disse:

— Nessa noite colhemos algumas informações interessantes sobre o

passado de Martin Stillwater, sendo que a mais importante se relaciona com a hospitalização de sua filha mais velha, há cinco anos.

— O que havia de errado com ela? — perguntou Oslett.

— A princípio não tinham nenhuma pista. Baseados nos sintomas, suspeitaram de câncer. Charlotte — esse é o nome da filha que na época estava com quatro anos de idade — se manteve num estado desesperador durante algum tempo, mas depois ficou provado que se tratava de um desequilíbrio comum na química do sangue, bastante tratável.

— Bom para ela — disse Oslett, embora não se importasse se a menina Stillwater vivera ou morrera.

— Foi mesmo — concordou Waxhill. — No entanto, em seu ponto mais baixo, quando os médicos se inclinavam a um diagnóstico terminal, o pai e a mãe foram submetidos a uma aspiração de medula óssea. Extração de medula com uma agulha especial.

— Parece doloroso.

— Sem dúvida. Os médicos pediram amostras para determinar qual dos pais seria o melhor doador, caso fosse preciso um transplante de medula. A medula de Charlotte produzia pouca quantidade de sangue novo, e havia indicações de que a doença inibia a formação de células sanguíneas.

Oslett pegou um pouco dos ovos. Havia manjerição neles, estavam maravilhosos.

— Não estou entendendo onde a doença de Charlotte se relaciona com nosso problema atual.

Após fazer uma pausa para obter efeito, Waxhill disse:

— Ela foi hospitalizada no Cedars-Sinai de Los Angeles.

Oslett congelou com uma segunda garfada de ovos na metade do caminho em direção à boca.

— Há cinco anos — repetiu Waxhill para enfatizar.

— Em que mês?

— Dezembro.

— Em que dia Stillwater deu a amostra de medula?

— Dezesseis. Dezesseis de dezembro.

— Droga. Também tivemos uma amostra de sangue, de reserva...

— Stillwater também deu amostras de sangue. Uma delas teria sido acondicionada com cada amostra de medula para os trabalhos laboratoriais.

Oslett conduziu o garfo com ovos até a boca. Mastigou, engoliu e disse:

— Como nosso pessoal pôde fazer esse trabalho de merda?

— É provável que jamais saibamos. Em todo caso, o “como” não tem tanta importância quanto o fato de que fizeram o trabalho de merda, e temos que viver com isso.

— Quer dizer que jamais começamos onde pensamos ter começado.

— Ou com quem pensamos que estávamos começando — Waxhill reformulou a frase.

Clocker comia como um cavalo sem embornal. Oslett queria jogar uma toalha na cabeça do grandalhão para poupar Waxhill da desagradável visão de tão vigorosa mastigação. Pelo menos, o *Trekker* ainda não pontuara a conversa com algum comentário inescrutável.

— Salmões excepcionais — observou Waxhill.

— Terei que provar um — disse Oslett.

Após sorver o suco de laranja e enxugar a boca com o guardanapo, Waxhill disse:

— Quanto à maneira como o seu Alfie soube da existência de Stillwater e conseguiu encontrá-lo... há duas teorias no momento.

Oslett notou o “seu Alfie” em vez de “nosso Alfie”, o que tanto podia significar nada como podia indicar que um esforço já estava em andamento para responsabilizá-lo, apesar do fato incontestável de que o desastre era o resultado direto dos procedimentos científicos malfeitos, não tendo coisa alguma a ver com a maneira como o rapaz fora manejado durante seus catorze meses de serviço.

— Primeiro — continuou Waxhill —, há uma facção que pensa que Alfie topou com um livro cuja capa ostentava a foto de Stillwater.

— Não pode ser tão simples assim.

— Eu concordo. Embora, é claro, o parágrafo sobre o autor contido na orelha de seus últimos dois livros afirme que ele vive em Mission Viejo, o que poderia ter dado uma boa pista para Alfie,

— Qualquer pessoa que visse uma foto de um gênero idêntico, que nunca soube que existia, teria a curiosidade de olhar para ela... menos Alfie. Enquanto que uma pessoa comum tem a liberdade de perseguir uma coisa como essa, Alfie não tem. Ele é todo concentrado.

— Mirado como uma bala.

— Exato. Ele rompeu o treinamento aqui, o que requer um trauma monumental. Porra, é mais que treinamento. Isso é um eufemismo. É uma doutrinação, lavagem cerebral...

— Ele é programado.

— Isso. Programado. Ele é a coisa mais parecida com uma máquina. *Ver* uma foto de Stillwater não faria com que saísse do controle, assim como o computador pessoal de seu escritório não começaria a produzir esperma e ter cabelos nas costas só porque você gravou uma foto de Marilyn Monroe em seu disco rígido.

Waxhill deu uma risada leve.

— Gostei da analogia. Acho que vou usá-la para mudar algumas opiniões, mas dando o crédito a você, é claro.

Oslett ficou contente com a aprovação dele.

— Excelente *bacon* — disse Waxhill.

— É mesmo.

Clocker apenas continuou comendo.

— A segunda e menor facção — continuou Waxhill — propõe uma hipótese mais exótica porém mais crível — pelo menos para mim —, segundo a qual Alfie tem uma habilidade secreta da qual nada sabemos, e que talvez ele mesmo não compreenda ou controle de todo.

— Habilidade secreta?

— Percepção paranormal rudimentar. Muito primitiva... mas forte o bastante para fazer uma ligação entre ele e Stillwater, para juntá-los por causa de... bem, por causa de tudo que compartilham.

— Não está indo um pouco longe demais?

Waxhill sorriu e concordou com um aceno de cabeça.

— Admito que pareça algo saído de um filme *Jornada nas Estrelas*...

Oslett encolheu-se de medo e olhou de soslaio para Clocker mas os olhos do grandalhão não desviaram da comida empilhada em seu prato.

— ... embora todo o projeto tenha um quê de ficção científica, não é mesmo? — concluiu Waxhill.

— Acho que sim — concordou Oslett.

— O fato é que os engenheiros genéticos deram a Alfie algumas habilidades verdadeiramente excepcionais. De propósito. Assim, não parece possível que, sem querer e de maneira inadvertida, tenham dado a ele outras qualidades sobre-humanas?

— Até qualidades inumanas — disse Clocker.

— Pois bem, você acaba de me mostrar uma maneira mais desagradável de ver a coisa — disse Waxhill, olhando para Karl Clocker calmamente. — E, com toda probabilidade, é uma visão mais acurada. — Ele se vira para Oslett: — Algum vínculo paranormal, alguma estranha ligação mental pode ter danificado o condicionamento de Alfie, apagado seu programa ou feito com que ele o ignorasse.

— Nosso rapaz estava em Kansas City e Stillwater no sul da Califórnia, pelo amor de Deus.

Waxhill encolheu os ombros.

— Uma transmissão de tevê continua para sempre, até o fim do universo. Transmita um *laser* de Chicago em direção ao fim da galáxia, e um dia essa luz chegará lá, daqui a milhares de anos, depois que Chicago virar pó... e continuará andando. Assim, talvez a distância não tenha importância quando se está lidando com ondas de pensamento, ou seja lá o que for que conectou Alfie a esse escritor.

Oslett havia perdido o apetite.

Clocker pareceu tê-lo encontrado e somado ao seu próprio.

Apontando para o cesto de *croissants*, Waxhill disse:

— São excelentes... e, caso vocês não tenham percebido, há dois tipos deles: alguns são simples e outros têm pasta de amêndoas dentro.

— *Croissants* de amêndoas são os meus favoritos — disse Oslett, mas não estendeu o braço para pegar algum.

— Os melhores *croissants* do mundo... — disse Waxhill.

— ... estão em Paris — Oslett interrompeu-o —, numa cafeteria estranha a menos de um quarteirão dos...

— ... Champs Elysées — completou Waxhill, surpreendendo Oslett

— O proprietário, Alfonse...

— ... e sua mulher, Mirielle...

— ... são gênios de culinária e anfitriões sem igual.

— Pessoas simpáticas — concordou Waxhill.

Os dois trocaram sorrisos.

Clocker serviu-se de mais embutidos, e Oslett desejou tirar com um soco aquele estúpido chapéu.

— Se houver alguma chance de que nosso rapaz tenha poderes extraordinários, por mais fracos que sejam, que jamais tencionamos dar a ele — disse Waxhill —, devemos considerar a possibilidade de que certas qualidades que *tencionamos* dar a Alfie não saíram do jeito que imaginamos.

— Receio não estar entendendo — disse Oslett.

— Essencialmente, estou falando de sexo.

Oslett ficou surpreso.

— Ele não tem nenhum interesse nisso.

— Temos certeza disso, não?

— Ele é macho na aparência, claro, mas é impotente.

Waxhill nada disse.

— Ele foi *projetado* para ser impotente — salientou Oslett.

— Um homem pode ser impotente, mas ainda assim ter um intenso interesse em sexo. Na verdade, poderia se argumentar que sua própria incapacidade de atingir a ereção o deixa frustrado, e que essa frustração o leva a ser *obcecado* com o sexo, com aquilo que não pode ter.

Oslett ficou sacudindo a cabeça o tempo todo em que Waxhill falou.

— Não. Mais uma vez, não é tão simples assim. Ele não é apenas impotente. Ele recebeu centenas de horas de intenso condicionamento psicológico para eliminar o interesse sexual; parte quando estava em hipnose profunda, parte sob a influência de drogas que deixam o subconsciente susceptível a *qualquer* sugestão, parte através de suprimento subliminar de realidade virtual durante sono induzido por sedativo. Para esse rapaz, a principal diferença entre homens e mulheres é a maneira como se vestem.

Sem se impressionar com o argumento de Oslett, espalhando geleia de

laranja sobre uma fatia de torrada, Waxhill disse:

— A lavagem cerebral, mesmo a mais sofisticada, pode falhar. Você concorda?

— Concordo, mas com um sujeito comum, você tem problemas porque precisa contar com uma vida inteira de experiências para instalar uma nova atitude ou falsa memória. Mas Alfie era diferente. Ele era um quadro-negro vazio, um lindo quadro-negro vazio. Portanto, não houve nenhuma resistência contra as atitudes, lembranças ou sentimentos que quisemos colocar em sua linda cabeça vazia. Não havia nada em sua mente para ser *lavado*.

— Talvez o controle da mente tenha falhado com Alfie exatamente porque confiávamos em que ele era um alvo fácil.

— A mente é seu próprio controle — disse Clocker.

Waxhill lançou-lhe um olhar estranho.

— Não acho que tenha falhado — insistiu Oslett. — Em todo caso, ainda há a pequena questão de sua impotência projetada a ser contornada.

Waxhill mastigou e engoliu calmamente um pedaço de torrada, depois ajudou-a a descer com café.

— Talvez seu corpo tenha contornado isso para ele.

— Pode repetir?

— Seu incrível corpo com os poderes de recuperação sobre-humanos.

Oslett contraiu-se como se a ideia espetasse feito um alfinete.

— Espere um minuto. Seus ferimentos cicatrizam com rapidez excepcional, sim. Perfurações, feridas profundas, ossos quebrados. Depois de danificado, seu corpo pode restaurar-se e voltar a sua condição projetada original num prazo milagrosamente curto. Mas aí está a chave. *Para sua condição projetada original*. Não pode começar a se refazer em algum nível fundamental, não pode mudar, pelo amor de Deus.

— Temos certeza disso, não temos?

— Temos!

— Por quê?

— Bem... porque... o contrário... é impensável.

— Imagine — disse Waxhill — se Alfie for potente. E interessado em sexo. O rapaz foi projetado para ter um tremendo potencial para a violência. É uma máquina biológica de matar, sem compunções nem remorsos, capaz de qualquer selvageria. Imagine essa bestialidade acoplada ao impulso sexual, e pense em como as compulsões sexuais e os impulsos violentos podem alimentar-se e amplificar-se quando não são temperados por um espírito civilizado e moral.

Oslett empurrou seu prato para o lado. A visão da comida começava a enjoá-lo.

— Isso *foi* pensado. Foi por isso que foram tomadas tantas malditas precauções.

— Como no caso do *Hindenburg*.

Como no caso do *Titanic*, Oslett pensou, sombrio.

Waxhill também empurrou seu prato para o lado e cruzou as mãos em torno da xicara de café.

— Portanto, agora Alfie encontrou Stillwater e quer a família do escritor. É um homem completo agora, pelo menos do ponto de vista físico, e pensamentos sexuais levam, num dado momento, a pensamentos de procriação. Uma esposa. Filhos. Deus sabe que compreensão estranha e tortuosa ele tem sobre o significado e propósito de uma família. Mas eis aqui uma família já pronta. Ele a quer. Quer com toda força. É evidente que Alfie pensa que ela lhe pertence.

3.

O banco oferecia horas extensivas como parte do momento crítico competitivo. Marty e Paige tencionavam estar diante da porta, com Charlotte e Emily, quando o gerente abrisse para negócios às oito horas da manhã de terça-feira.

Ele não estava gostando de retornar a Mission Viejo, mas achava que poderiam realizar suas transações com menor dificuldade na filial em que tinham suas contas correntes. Ficava a apenas oito ou nove quarteirões de sua casa. Muitos dos caixas reconheceriam Marty e Paige.

O banco situava-se num prédio de tijolos, no canto noroeste do estacionamento de um *shopping center*, com linda paisagem e sombreado por pinheiros, flanqueado em dois lados por ruas e nos outros dois lados por centenas de metros de pavimento. Nos fundos do estacionamento, a sul e leste, havia uma série em L de prédios conectados que abrigavam de trinta a quarenta lojas, inclusive um supermercado.

Marty estacionou no lado sul. O curto trajeto do BMW até a porta do banco, com as meninas entre ele e Paige, foi enervante porque tiveram que deixar as armas no carro. Ele se sentia vulnerável.

Marty não conseguiu imaginar nenhuma maneira em que pudessem entrar no banco com uma espingarda escondida, mesmo em se tratando de um modelo compacto com coroa de pistola como a Mossberg. Ele não quis arriscar-se a levar a Beretta debaixo da jaqueta de esqui, porque não sabia ao certo se o sistema de segurança do banco incluía a capacidade de detectar uma arma escondida em alguém que atravessasse a porta. Se um empregado do banco o confundisse com um assaltante e chamasse a polícia através de um alarme silencioso, os tiras jamais lhe dariam o benefício da dúvida — não se considerarmos a reputação que Marty tinha com eles desde a noite anterior.

Enquanto Marty foi direto a um guichê de caixa, Paige levou Charlotte e Emily para um conjunto de dois sofás pequenos e duas poltronas numa das

extremidades do comprido salão onde fregueses aguardavam reuniões com funcionários do departamento de empréstimo. O banco não era um cavernoso monumento de mármore ao dinheiro, com maciças colunas dóricas e teto abobadado, mas sim um lugar relativamente pequeno com teto de telhas acústicas e um tapete verde para todos os climas. Embora Paige e as meninas estejam apenas a 1,80m dele, podendo ser vistas com clareza a qualquer momento que ele olhe em sua direção, Marty não estava gostando de ficar separado delas mesmo a essa distância.

A caixa era uma jovem — Lorraine Arakadian, segundo a placa em seu guichê — cujos óculos redondos de tartaruga lhe davam uma aparência de coruja. Quando Marty disse que desejava fazer um saque de 70 mil dólares da conta de poupança — que tinha um saldo de mais de 74 mil — ela entendeu mal, pensando que ele tentava transferir essa quantia para a conta corrente. Quando colocou diante dele o formulário adequado para efetuar a transação, Marty corrigiu o mal-entendido e pediu a quantia total em notas de cem dólares, se fosse possível.

— Oh, entendo — disse ela. — Bem... é uma transação maior do que posso fazer, senhor. Terei de pedir a permissão do caixa-chefe ou do subgerente.

— Claro — disse ele despreocupado, como se fizesse grandes saques em dinheiro vivo todas as semanas. — Eu compreendo.

Ela foi até a extremidade do comprido balcão dos caixas para falar com uma mulher mais velha, que examinava documentos numa gaveta de um enorme banco de arquivos. Marty reconheceu-a — Elaine Higgins, subgerente. A Sra. Higgins e Lorraine Arakadian olharam para Marty, depois juntaram as cabeças para conferenciar de novo.

Enquanto esperava, Marty examinou as entradas do sul e do leste, tentando aparentar indiferença, apesar de esperar que O Outro entrasse por uma ou outra porta a qualquer momento, dessa vez armado com uma Uzi.

Imaginação de escritor. Talvez não fosse uma maldição, afinal de contas. Pelo menos, não de todo. Talvez às vezes fosse uma ferramenta de sobrevivência. Uma coisa era clara: naqueles dias, mesmo a imaginação do escritor mais fantasioso tinha dificuldade para acompanhar o passo da realidade.

* * *

Ele precisa de mais tempo do que esperava para encontrar placas para trocar com as do Toyota Camry roubado. Dormiu muito tarde e levou um tempo longo demais para tornar-se apresentável. Agora o mundo está acordando e ele não tem a vantagem da privacidade da alta madrugada, que facilitaria a troca. Enormes condomínios, com vagas cobertas e uma abundância de veículos, oferecem a loja ideal para o que ele precisa, mas enquanto tenta um após o

outro, descobre que muitos moradores já estão fora, a caminho do trabalho.

A certa altura, sua busca diligente é recompensada no estacionamento atrás de uma igreja. Uma missa matinal está em andamento. Ele pode ouvir música de órgão. Os paroquianos deixaram catorze carros dos quais pode escolher. Não é uma grande multidão para o Senhor, mas é adequada aos seus propósitos.

Ele deixa o motor do Camry funcionando enquanto procura um carro no qual o dono tenha deixado as chaves. No terceiro, um Pontiac verde, todo um molho balança na ignição.

Ele abre a mala do Pontiac, com a esperança de que ela contenha pelo menos um estojo de ferramentas de emergência com uma chave de parafuso. Como fez uma ligação direta no Camry, não tem a chave de sua mala. Outra vez ele tem sorte: um conjunto completo de emergência na estrada, com luzes, artigos de primeiros socorros e um pacote de ferramentas que inclui quatro chaves de parafuso de diferentes tipos.

Deus está com ele.

Em poucos minutos, ele troca as placas do Camry pelas do Pontiac. Depois devolve o estojo de ferramentas à mala do Pontiac e as chaves à ignição.

Enquanto caminha para o Camry, o órgão da igreja inicia um hino que ele não conhece. Não é nenhuma surpresa o fato de não saber o nome do hino, uma vez que, pelo que se lembra, só esteve três vezes dentro de uma igreja. Em duas ocasiões, ele entrou numa igreja para matar o tempo até os cinemas abrirem. Na terceira, ele seguia uma mulher que viu na rua e com quem gostaria de compartilhar o sexo e a intimidade especial da morte.

A música emociona-o. Ele para na suave brisa matinal, balançando como num sonho, os olhos fechados. Fica comovido com o hino. Talvez ele tenha talento musical. Ele iria descobrir. Talvez tocar algum tipo de instrumento e compor canções fosse mais fácil do que escrever romances.

Quando a música termina, ele entra no carro e parte.

* * *

Marty trocou agradãos com a Sra. Higgins quando ela retornou com a caixa. Era evidente que ninguém do banco tinha visto o noticiário sobre ele, já que nenhuma das mulheres mencionou o assalto. Seu suéter de gola redonda e a camisa abotoada escondiam os hematomas vivos no pescoço. Sua voz estava um pouco roufenha, mas não o suficiente para provocar comentários.

A Sra. Higgins observou que o saque em dinheiro que ele desejava fazer era muito grande, externando seu comentário para induzi-lo a explicar por que estaria se arriscando a carregar tanto dinheiro por aí. Marty apenas concordou que era, de fato, muito grande e expressou a esperança de não estar lhes

causando muito problema. Talvez a afabilidade incansável fosse essencial para completar a transação com a maior rapidez possível.

— Não tenho certeza se podemos pagar toda a quantia em notas de cem — disse a Sra. Higgins, falando de uma maneira suave e discreta, embora só houvesse mais dois clientes no banco e nenhum deles nas proximidades. — Terei que verificar nosso suprimento de notas dessa quantia.

— Algumas de vinte e cinquenta estão bem — assegurou Marty. — Só estou tentando impedir que fique muito volumoso.

Embora tanto a subgerente como a caixa estivessem sorrindo e sendo educadas, Marty sabia de sua curiosidade e preocupação. Afinal de contas, elas estavam no ramo financeiro, e sabiam que não havia muitas razões legítimas — e poucas sensatas — para alguém carregar setenta mil em dinheiro vivo.

Mesmo que se sentisse confortável deixando Paige e as meninas no carro, Marty não teria feito isso. A primeira suspeita a cruzar a mente de um banqueiro seria que o dinheiro era destinado a pagar um resgate de refém, e a prudência recomendaria um telefonema para a polícia. Com toda a família presente, o sequestro podia ser riscado da lista.

A caixa de Marty começou a consultar outros caixas, catalogando a quantidade de notas de cem contida em suas gavetas, enquanto que a Sra. Higgins desaparecia pela porta aberta da passagem da caixa-forte aos fundos do balcão.

Ele olhou de soslaio para Paige e as meninas. Entrada leste. Sul. Seu relógio de pulso. Sorrindo, sorrindo o tempo todo, sorrindo como um idiota.

Estaremos fora daqui em quinze minutos, ele disse para si mesmo. Talvez até em dez. Fora daqui, em nosso caminho e em segurança.

A onda sombria atingiu-o.

* * *

No Denny's, ele usa o banheiro masculino, depois escolhe um canto junto às janelas e pede um enorme café da manhã.

A garçonete é uma graciosa morena chamada Gayle. Ela faz gracejos sobre o apetite dele. Caminha na direção dele. Ele pensa na possibilidade de tentar marcar um encontro com ela. A garçonete tem um corpo adorável, pernas delgadas.

Fazer sexo com Gayle seria adultério, já que ele é casado com Paige. Ele se pergunta se continuaria sendo adultério caso, depois de fazer sexo com Gayle, ele a matasse.

Ele deixa uma boa gorjeta e decide voltar dentro de uma ou duas semanas para marcar um encontro. Ela tem um nariz atrevido, lábios sensuais.

De novo no Camry, antes de ligar o motor, ele fecha os olhos limpa a

mente e imagina estar magnetizado, do mesmo modo que o falso pai, polos opostos que se atraem. Ele procura a atração.

Dessa vez, ele penetra na órbita do outro homem mais rápido do que quando tentou fazer uma conexão no meio da noite, e o poder adutor é incomensuravelmente maior do que antes. De fato a atração é tão forte, tão instantânea, que ele grunhe de surpresa e fecha as mãos em torno do volante, como se corresse um perigo verdadeiro de ser arrancado do Toyota através do para-brisa e disparado como uma bala direto no coração do falso pai.

Seu inimigo tem consciência imediata do contato. O homem está assustado, ameaçado.

Leste.

E sul.

Isso o levará de volta à direção de Mission Viejo, embora ele duvide que o impostor se sinta seguro o bastante para já ter voltado para casa.

* * *

Uma onda de pressão, como que causada por uma tremenda explosão, caiu sobre Marty e quase arrancou-o do chão. Agarrou com as duas mãos o tampo do balcão diante do guichê do caixa para manter o equilíbrio. Recostou-se no balcão, apoiando-se contra ele.

A sensação era subjetiva. O ar parecia comprimido ao ponto da liquefação, mas nada se desintegrou, rachou ou tombou. Ele parecia ser a única pessoa afetada.

Após o choque inicial, Marty sentiu-se como se tivesse sido soterrado debaixo de uma avalanche. Sendo oprimido por incomensuráveis megatons de neve. Ofegante. Paralisado. Frio.

Ele suspeitava que seu rosto se tornara pálido, ceráceo. Tinha certeza de que não conseguiria falar caso lhe falassem. Se alguém retornasse ao guichê do caixa enquanto ele estivesse tendo o ataque, o medo seria revelado sob sua pose de indiferença. Ele seria exposto como um homem envolvido em desesperada encrenca, e ficariam relutantes em entregar tanto dinheiro para alguém que, com toda certeza, ou estava doente ou louco.

Marty ficou dramaticamente mais frio quando sentiu uma carícia mental da mesma presença perversa e fantasmagórica que sentira na véspera, na garagem, quando tentava partir para o consultório do médico. A mão “gelada” do espírito pressionava a superfície crua de seu cérebro, como se estivesse lendo sua localização, dedilhando dados em código Braille no interior do tecido contorcido de seu córtex cerebral. Agora ele compreendia que o espírito era, na verdade, o sócio cujos estranhos poderes não se limitavam à recuperação espontânea de ferimentos mortais no peito.

* * *

Ele rompe a conexão magnética.

Ele sai do estacionamento do restaurante.

Liga o rádio. Michael Bolton está cantando sobre o amor.

A música é comovente. Ele fica enternecido, quase a ponto de chorar. Agora que finalmente é alguém, agora que uma esposa espera por ele e duas jovens meninas precisam de sua orientação, ele conhece o sentido e o valor do amor. Ele se pergunta como pôde ter vivido tanto tempo sem isso.

Ele se dirige para o sul. E leste.

O destino chama.

* * *

De forma abrupta, a mão espectral solta-se de Marty.

A pressão esmagadora foi aliviada e o mundo voltou ao normal — se é que anda existia essa coisa de normalidade.

Ele ficou aliviado porque o ataque só durou cinco ou dez segundos. Nenhum dos empregados do banco percebeu que havia algo de errado com ele.

Entretanto, era urgente a necessidade de conseguir o dinheiro e dar o fora dali. Ele olhou para Paige e as meninas sentadas na sala de espera aberta nos fundos do salão. Preocupado, dirigiu o olhar para a entrada leste, a entrada sul, leste de novo.

O Outro sabia onde eles estavam. Em minutos, no máximo seu inimigo misterioso e implacável estaria em cima deles.

4.

Os ovos mexidos no prato abandonado de Oslett adquiriram um leve matiz cinzento quando esfriaram e endureceram. O aroma salgado do *bacon*, antes tão atraente, provocou nele uma vaga náusea.

Aturdido com a ideia de que Alfie podia ter-se desenvolvido, transformando-se numa criatura com desejos sexuais e com a habilidade de satisfazê-los, Oslett estava determinado a não parecer preocupado, pelo menos não diante de Peter Waxhill.

— Bem, tudo isso ainda não passa de conjectura.

— Sim — disse Waxhill —, mas estamos examinando o passado para ver se a teoria é consistente.

— Que passado?

— Registros policiais nas cidades em que Alfie esteve em missão nos últimos catorze meses. Estupros e assassinatos com estupro durante as horas em

que ele não estava trabalhando.

A boca de Oslett ficou seca. Seu coração martelava.

Ele não se importava com o que acontecera à família Stillwater. Que droga, eles eram apenas *Klingons*.

Tampouco se importava se a Rede entrasse em colapso e todas as suas ambições grandiosas não fossem realizadas. Mais tarde, uma organização semelhante seria formada, e o sonho seria renovado.

Mas se fosse impossível capturar ou deter seu garoto mau, a mancha poderia se espalhar na família Oslett, colocando em risco sua riqueza e diminuindo seriamente seu poder político durante as próximas décadas. Acima de tudo, Drew Oslett exigia respeito. O derradeiro fiador do respeito sempre fora a família, a linhagem. A perspectiva de o nome Oslett tornar-se objeto de ridículo e escárnio, alvo do ultraje público, centro das piadas pueris de todos os comediantes da tevê e tema de matérias embaraçosas em jornais tão diversos como o *New York Times* e o *National Enquirer*, era de abalar a alma.

— Alguma vez você se perguntou o que o seu garoto fazia com o tempo livre, entre as missões? — indagou Washill.

— Durante as primeiras seis semanas, nós o monitoramos de perto, claro. Ele frequentava cinemas, restaurantes, parques, assistia tevê, fazia todas as coisas que as pessoas fazem para matar o tempo... da maneira como queríamos que ele agisse fora de um ambiente controlado. Nada de estranho. Nada fora do comum, em absoluto. Certamente, nada a ver com mulheres.

— Claro que ele teria o melhor comportamento se soubesse que estava sendo observado.

— Ele não sabia. Não podia saber. Ele jamais soube de nossos homens de vigilância. De jeito nenhum. Eles eram os melhores. — Oslett percebeu que estava protestando demais. Mesmo assim, não conseguiu impedir-se de acrescentar: — De jeito nenhum.

— Talvez ele soubesse deles do mesmo modo como soube desse Martin Stillwater. Alguma percepção paranormal de baixa intensidade.

Oslett estava começando a não gostar de Waxhill. O sujeito era um pessimista incorrigível.

Waxhill pegou a garrafa térmica e serviu mais café para os três.

— Mesmo que ele só estivesse frequentando cinemas, assistindo tevê... isso não o preocupou?

— Olha, ele devia ser o assassino perfeito. Programado. Sem remorsos, sem segundas intenções. Difícil de ser surpreendido, mais difícil de ser morto. Se alguma coisa *der* errada, ele não pode ser seguido até seus operadores. Ele não sabe quem somos ou por que queremos que essas pessoas sejam eliminadas, portanto, não pode ser transformado em prova do Estado. Ele não é nada, uma concha, um homem totalmente vazio. *Mas* ele tem que funcionar em sociedade,

ser discreto, agir como um João qualquer, *fazer coisas que as pessoas de verdade costumam fazer em seu tempo de folga*. Se fizéssemos com que ele ficasse em quartos de hotel, olhando para as paredes, as empregadas iriam comentar, achá-lo esquisito, lembrar dele. Além disso, que mal pode haver nos filmes e em um pouco de televisão?

— Influências culturais. Elas poderiam mudá-lo de alguma forma.

— É a natureza que importa, a maneira como ele foi projetado, não o que ele fez com sua tarde de sábado — Oslett recostou-se na cadeira, sentindo-se mais bem protegido agora que se convencera em algum nível, mesmo sem ter convencido Waxhill. — Examinem o passado. Mas vocês não vão encontrar coisa alguma.

— Talvez já tenhamos encontrado. Uma prostituta em Kansas City. Estrangulada num motel barato no outro lado da rua de um bar chamado Blue Life Lounge. Duas diferentes garçonetes deram para a polícia de Kansas City uma descrição do homem que saiu com ela. Parece o Alfie.

Oslett tinha percebido um elo de classe e experiência entre ele e Peter Waxhill. Chegara a entrever a perspectiva de uma amizade. Agora tinha a desagradável sensação de que Waxhill sentia prazer em ser o portador de todas essas más notícias.

— Um de nossos contatos conseguiu obter uma amostra do esperma retirado da vagina da prostituta pela Divisão de Investigação Científica da polícia de Kansas. Nesse momento, está voando para nosso laboratório em Nova York. Se for esperma de Alfie, nós saberemos.

— Ele não pode produzir esperma. Ele foi projetado...

— Bem, se for dele, nós saberemos. Temos o mapa de sua estrutura genética, nós a conhecemos melhor do que Rand McNally conhece o mundo. E ela é única. É mais individual do que as impressões digitais.

Homens de Yale. São todos iguais. Bastardos presunçosos e enfatuados.

Clocker pegou um morango de estufa carnudo entre o polegar e o indicador. Examinando com atenção, como se tivesse padrões muito altos para comestíveis e não fosse comer nada que não fosse aprovado em sua inspeção exigente, ele comentou:

— Se Alfie é atraído por Martin Stillwater, então o que precisamos saber é onde podemos encontrar Stillwater agora — e deixou cair na língua o morango inteiro, da metade do tamanho de um limão, como um sapo capturando uma mosca.

— Ontem à noite, mandamos um homem dar uma olhada na casa — disse Waxhill. — Há indicações de que eles fizeram as malas a toda pressa. Gavetas de cômoda foram deixadas abertas, roupas espalhadas, algumas malas vazias foram abandonadas depois que decidiram não mais utilizá-las. A julgar pelas aparências, eles não tencionam voltar para casa nos próximos dias, mas

estamos vigiando o lugar só para o caso de eles decidirem voltar.

— E vocês não têm a menor ideia de onde encontrá-los — Oslett saboreia um prazer perverso ao pôr o outro na defensiva.

Tranquilo, Waxhill disse:

— Não, não podemos dizer onde eles estão nesse momento...

— Ah.

— ... mas achamos que podemos prever um lugar onde teremos uma pista deles. Os pais de Stillwater vivem nos Mammoth Lakes. Ele não tem nenhum outro parente na Costa Oeste e, a menos que haja algum amigo íntimo que não conhecemos, é quase certo que ele telefone para o pai e a mãe. Isso se não for até lá.

— E quanto aos pais da mulher?

— Quando ela tinha dezesseis anos, o pai atirou no rosto da mãe e depois se matou.

— Interessante. — Oslett quis dizer que a aparência enganosa da vida da média das pessoas nunca deixava de surpreendê-lo.

— De fato, é interessante — disse Waxhill, talvez querendo dizer algo diferente do que Oslett pensou. — Paige chegou da escola e encontrou os corpos. Durante alguns meses, ficou sob a guarda de uma tia. Mas não gostava da mulher e preencheu uma petição ao tribunal para ser declarada adulta legal.

— Aos dezesseis anos?

— O juiz ficou suficientemente impressionado com ela para decidir em seu favor. É raro, mas acontece.

— Ela deve ter tido um tremendo advogado.

— Suponho que sim. Ela estudou os estatutos e precedentes adequados e representou-se a si mesma.

A situação era sombria o tempo todo. Mesmo que tivesse sorte Martin Stillwater levava a melhor sobre Alfie, o que significava que era um sujeito mais formidável do que o simplório da *People*. Agora começava a parecer que sua mulher possuía mais do que uma medida comum de coragem, sendo uma adversária de valor.

— Para fazer com que Stillwater entre em contato com sua família, devíamos usar os filiados à Rede nos meios de comunicação para colocar na primeira página os incidentes em sua casa ontem à noite — disse Oslett.

— Estamos usando — disse Peter Waxhill enfurecido, emoldurando com as mãos manchetes imaginárias: — Autor de *Best-seller* Atira em Invasor. Golpe Publicitário ou Ameaça Real? Autor e Família Desaparecidos. Escondendo-se do Matador ou Evitando o Interrogatório Policial? Esse tipo de coisa. Quando Stillwater deparar-se com um jornal ou um noticiário da televisão, vai ligar imediatamente para os pais, porque saberá que eles viram as notícias e estão preocupados.

— Nós grampeamos o telefone dele?

— Grampeamos. Pusemos na linha equipamento que identifica o autor da ligação. No momento em que for feita a conexão, teremos o número de onde Stillwater está.

— O que fazemos enquanto isso?—perguntou Oslett. — Só ficar por aqui, fazendo as unhas e comendo morangos?

A julgar pela quantidade de morangos que Clocker comia, o estoque do hotel acabaria em pouco tempo, e logo depois toda a colheita de estufas da Califórnia e estados vizinhos seria exaurida.

Waxhill olhou para seu Rolex de ouro.

Drew Oslett tentou detectar alguma indicação de ostentação na maneira como Waxhill consultou o relógio caro. Teria ficado contente em notar alguma ação reveladora que pudesse expor um embusteiro desajeitado sob a atraente aparência de graça e sofisticação.

Mas Waxhill pareceu encarar o relógio de pulso da mesma maneira como Oslett via seu próprio Rolex de ouro: como se não fosse diferente de um Timex comprado na K-Mart.

— Na verdade, vocês voarão para os Mammoth Lakes hoje de manhã, mais tarde.

— Mas não podemos ter certeza de que Stillwater vai aparecer por lá.

— É uma expectativa razoável — disse Waxhill. — Se aparecer, então há uma boa chance de que Alfie o siga. Vocês estarão em posição de recuperar nosso garoto. E se Stillwater não for lá, se ele apenas telefonar para os queridos *pai e mãe*, vocês podem partir de avião ou de carro para o lugar de onde ele fez a ligação.

Relutante em continuar sentado, temendo que Waxhill aproveitasse o tempo para dar outras notícias más, Oslett depositou o guardanapo em cima da mesa e empurrou a cadeira para trás.

— Então, vamos nos mexer. Quanto mais tempo nosso rapaz estiver solto, maior será a chance de alguém vê-lo junto com Stillwater. Quando isso acontecer, a polícia começará a acreditar na história dele.

Permanecendo em sua cadeira, erguendo a xícara de café, Waxhill disse:

— Mais uma coisa.

Oslett havia levantado. Era contrário a sentar-se de novo porque iria parecer que Waxhill controlava a situação. Na verdade, Waxhill *controlava* a situação, mas só porque possuía a informação necessária, não porque fosse superior a Oslett na hierarquia ou em qualquer outro sentido. Na pior das hipóteses, eles tinham igual poder na organização; e o mais provável era Oslett ser o peso pesado dos dois. Ele permaneceu de pé ao lado da mesa, olhando para o homem de *Yale*.

Apesar de finalmente haver terminado de comer, Clocker permaneceu na

cadeira. Oslett não sabia se o comportamento do parceiro era uma pequena traição ou apenas prova de que a mente do *Trekker* estava fora, com Spock e o grupo, em aipim canto distante do universo.

Após um gole de café, Waxhill disse:

— Se vocês tiverem que eliminar nosso garoto, será uma pena mas aceitável. Melhor ainda se puderem trazê-lo de volta para o curral, pelo menos até que ele possa ser levado para uma instituição segura. O que quer que aconteça... Stillwater, sua mulher e as meninas têm que ser eliminados.

— Sem problema.

5.

A gerente da filial, a Sra. Takuda, foi até Marty enquanto ele aguardava junto ao guichê do caixa, pouco depois que a onda sombria caiu sobre ele e partiu. Caso se confrontasse com o próprio reflexo, esperaria ver que ainda estava pálido e com os lábios contraídos, com uma selvageria animal nos olhos. Entretanto, se a Sra. Takuda notou algo de estranho em sua aparência, foi educada demais para mencionar. Ela estava preocupada sobretudo com a possibilidade de ele estar sacando a maior parte de sua poupança porque alguma coisa no banco o desagradava.

Ele ficou surpreso porque ainda conseguia ostentar um sorriso convincente e charme suficiente para garantir a ela que não tinha nenhuma briga com o banco e que ela podia ficar descansada. Ele sentia frio e tremia por dentro, mas nenhum dos tremores chegou à superfície nem afetou sua voz.

Quando a Sra. Takuda foi até a subgerente Elaine Higgins na caixa forte, Marty olhou para Paige e as meninas, a porta leste, a porta sul e seu Timex. A visão do ponteiro vermelho limpando os segundos do mostrador fez brotar suor em sua testa. O Outro estava vindo. Quanto tempo? Dez minutos, dois minutos, cinco segundos?

Outra onda o atingiu.

* * *

Atravessando uma ampla alameda. O sol da manhã brilha nos cromados dos automóveis que passam. Phil Collins no rádio, cantando sobre traição.

Simpatizando com Collins, mais uma vez ele imagina o magnetismo. Clique. Contato. Sente uma atração irresistível bem mais a leste e sul, portanto ainda se mantém na direção certa.

Ele rompe o contato segundos após tê-lo feito, esperando ter outro sinal do falso pai sem se revelar. Contudo, mesmo durante essa breve ligação, o inimigo sente a intrusão.

* * *

Embora a segunda onda tenha tido duração mais curta do que a primeira, não foi menos poderosa. Marty sentiu como se tivesse sido atingido no peito por um martelo.

A caixa retornou ao guichê junto com a Sra. Higgins. Tinha dinheiro solto e pacotes fechados de notas de cem e vinte dólares. Formavam duas pilhas de cerca de oito centímetros cada.

A caixa começou a contar os setenta mil.

— Está bem — disse Marty. — Apenas coloque em dois envelopes de papel manilha.

Surpresa, a Sra. Higgins disse:

— Mas, Sr. Stillwater, o senhor assinou a ordem de retirada, nós devemos contar na sua frente.

— Não, tenho certeza de que já contaram direito.

— Mas o procedimento do banco...

— Confio em vocês, Sra. Higgins.

— Bem, obrigada, mas eu realmente penso...

— *Por favor.*

6.

Enquanto Drew Oslett ficava de pé, impaciente, a seu lado, Waxhill exerceu controle só de permanecer sentado à mesa do serviço de quarto. Oslett não gostava dele e, ao mesmo tempo, o admirava com relutância.

— É quase certo — disse Waxhill — que a mulher e as filhas viram Alfie no segundo incidente da noite passada. Elas sabem muito pouco sobre o que está acontecendo, mas se sabem que Stillwater estava dizendo a verdade quando falou do sócia, então sabem demais.

— Como eu disse, sem problema — lembrou Oslett, impaciente.

Waxhill concordou com um aceno de cabeça.

— Sim, está bem, mas a matriz quer que isso seja feito de uma certa maneira.

Suspirando, Oslett desistiu e sentou-se.

— Qual?

— Fazer parecer que Stillwater ficou fora de si.

— Assassinato com suicídio?

— É, mas não um assassinato com suicídio qualquer. A matriz ficaria contente se pudesse parecer que Stillwater agia sob uma ilusão psicopática particular.

— Qualquer que seja.

— A esposa deve ser atingida a bala em cada seio e na boca.

— E as filhas?

— Primeiro, faça, com que se dispam. Amarre seus pulsos nas costas. Amarre os tornozelos. Com força. Tem uma marca especial de fio trançado que gostaríamos que você usasse. Será providenciado. Depois atire duas vezes em cada menina. Uma vez em... suas partes privadas, depois entre os olhos. Stillwater deve parecer que se atingiu com um tiro no céu da boca. Você vai lembrar-se de tudo isso?

— Claro.

— É importante que você faça tudo exatamente dessa maneira, sem desviar-se do *script*.

— Que história estamos tentando contar? — perguntou Oslett.

— Você não leu o artigo da *People*?

— Não todo ele — admitiu Oslett. — Stillwater pareceu tão idiota... e ainda por cima um idiota chato. — Há alguns anos, em Maryland, um homem matou a esposa e as duas filhas dessa mesma maneira. Ele era um esteio da comunidade, de modo que todo o mundo ficou chocado. História trágica. Todos ficaram perguntando por quê. Parecia tão sem sentido, tão fora da realidade. Stillwater ficou intrigado com o crime e pensou em escrever um romance baseado nele, para explorar a possível motivação por trás dele. Mas, depois de fazer um bocado de pesquisa, deixou o projeto de lado. Na *People*, ele diz que a história o deixou deprimido demais. Disse que a ficção, seu tipo de ficção, precisa fazer as coisas terem sentido, impor ordem ao caos, mas ele não conseguiu encontrar nenhum sentido naquilo que aconteceu em Maryland.

Oslett permaneceu sentado em silêncio durante um momento, tentando odiar Waxhill, mas descobrindo que sua antipatia pelo outro se dissipava rapidamente.

— Devo dizer... isso é muito simpático.

Waxhill sorriu quase com timidez e encolheu os ombros.

— Foi ideia sua? — perguntou Oslett.

— Sim, foi. Eu propus à matriz e eles aderiram na mesma hora.

— É engenhosa — disse Oslett com genuína admiração.

— Obrigado.

— Bastante limpo. Martin Stillwater mata a família da mesma maneira que o sujeito de Maryland, e fica parecendo que a verdadeira razão pela qual não pôde escrever um romance sobre o caso original era porque estava próxima demais, porque era isso que ele desejava, secretamente, fazer com *sua* família.

— Exato.

— E ficou remoendo em sua mente desde então.

— Perseguindo os sonhos dele.

— Esse impulso psicótico para estuprar de maneira simbólica...

— ... e matar de fato...

— ... suas filhas...

— ... matar sua mulher também, a mulher que...

— ... as nutriu — concluiu Oslett.

De novo eles sorriram um para o outro como haviam sorrido ao conversar sobre a adorável cafeteria perto dos Champs Elysées.

— Ninguém jamais será capaz de imaginar o que a matança da família teve a ver com o relato maluco sobre o sósia invasor, mas imaginarão que o sósia também era parte do delírio — falou Waxhill.

— Acabo de perceber que as amostras do sangue de Alfie tiradas na casa de Mission Viejo vão parecer ser o sangue de Stillwater.

— Sim. Teria ele extraído o próprio sangue de tempos em tempos, guardando-o para o golpe publicitário? E por quê? Com certeza, surgirão muitas teorias grandiosas e, no final, isso será um mistério irrelevante comparado àquilo que fez com sua família. Ninguém jamais desvendará a verdade de tudo isso.

Oslett começava a ter esperanças de que pudessem recuperar Alfie, salvar a Rede e manter suas reputações intactas.

Virando-se para Clocker, Waxhill disse:

— E quanto a você, Karl? Tem algum problema com isso?

Apesar de estar sentado à mesa, Clocker parecia distante em espírito. Ele voltou a atenção para eles, como se seus pensamentos estivessem com a tripulação da *Enterprise* num planeta hostil, na Nebulosa de Câncer.

— Há cinco bilhões de pessoas na terra — disse ele —, por isso pensamos que é superpovoada. Mas, para cada um de nós, o universo contém incontáveis milhares de estrelas, uma *infinitude* de estrelas para cada um de nós.

Waxhill olhou fixo para Clocker, esperando uma elucidação. Quando percebeu que Clocker nada mais tinha a dizer, virou-se para Oslett.

— Acredito que o que Karl quer dizer é que... Bem, no vasto esquema das coisas, que importância tem se algumas pessoas morrem um pouco antes do que morreriam no curso natural dos eventos?

7.

O sol está alto sobre as montanhas distantes, onde os picos mais elevados estão cobertos de neve. É estranho ter uma visão do inverno nessa manhã primaveril de dezembro, cheia de palmeiras e flores.

Ele se dirige para sul e leste, para Mission Viejo. É a vingança sobre rodas. A justiça sobre rodas. Rodando. Rodando.

Pensa em localizar uma loja de armas e comprar uma espingarda ou um rifle de caça, alguma arma para a qual não haja nenhum período de espera antes do direito de comprar. Seu adversário está armado, mas ele não.

Entretanto, não deseja postergar a perseguição ao sequestrador que roubou sua família. Se o inimigo for mantido desequilibrado e em movimento, estará mais inclinado a cometer erros. A pressão incansável é uma arma melhor

do que qualquer revólver.

Além disso, ele é vingança, justiça e virtude. É o herói desse filme, e os heróis não matam. Eles podem ser alvejados, receber cacetadas, serem jogados para fora da estrada em perseguições em alta velocidade, cortados à faca, empurrados de um rochedo, trancados numa masmorra cheia de cobras venenosas, e suportar uma infinita série imaginativa de abusos sem perecer. Com Harrison Ford, Sylvester Stallone, Steven Seagal, Bruce Willis, Wesley Snipes e tantos outros heróis, ele compartilha a invencibilidade da virtude e do propósito nobre.

Ele percebe por que seu assalto inicial ao falso pai, ontem em sua casa, estava condenado ao fracasso, apesar de ele ser um herói. Fora atraído para oeste pela poderosa atração que havia entre ele e seu sócio; no mesmo nível em que ele teve consciência de que algo o puxava, o sócio percebeu algo que se aproximava durante todo o domingo e a segunda-feira. No momento em que se encontraram o falso pai havia sido alertado e estava pronto para a batalha.

Agora ele compreende que pode iniciar e terminar a conexão entre eles à vontade. Como a corrente elétrica de qualquer circuito doméstico, ela pode ser controlada por um interruptor ON-OFF. Em vez de deixar o interruptor o tempo todo na posição ON, ele pode abrir a passagem por breves momentos, o tempo suficiente para captar a atração do falso pai e determinar a posição dele.

A lógica sugere que ele também pode modificar a energia que flui ao longo do fio sobrenatural. Imaginando que o controle paranormal é o interruptor de um redutor de intensidade — um reostato —, ele deve ser capaz de ajustar para baixo a amperagem da corrente no circuito, tornando o contato mais sutil do que foi até ali. Afinal de contas, ao usar o interruptor de um reostato, a luz de um lustre pode ser reduzida a níveis em que mal se consegue ver um brilho. Do mesmo modo, imaginando o interruptor paranormal como outro reostato, ele pode ser capaz de abrir a conexão numa amperagem tão baixa que se torna possível rastrear o falso pai sem que o adversário seja alertado para o fato de que está sendo seguido.

Ao parar num sinal vermelho no centro de Mission Viejo, ele imagina um interruptor de redutor do tipo mostrador com uma amplitude de 360 graus de luminosidade. Ele liga apenas 90 graus e, de imediato, sente a atração do falso pai, um pouco mais para leste e agora um tanto quanto para o norte.

Do lado de fora do banco, na metade do caminho para o BMW, Marty sente repentinamente outra onda da pressão — e, atrás dela, o carro esmagador de destruição de seus sonhos. A sensação não foi tão forte quanto a que teve no banco, mas atingiu-o no meio da caminhada e desequilibrou-o. Marty

cambaleou, tropeçou e caiu. Os dois envelopes de papel manilha cheios de dinheiro voaram de suas mãos e deslizaram no pavimento.

Charlotte e Emily correram atrás dos envelopes, e Paige ajudou Marty a se pôr de pé.

Quando a onda passou e Marty ficou parado tremendo, ele disse:

— Tome, pegue as chaves, é melhor você dirigir. Ele está me caçando. Está vindo.

Ela olhou em volta do estacionamento do banco, em pânico.

— Não, ele ainda não está aqui — continuou Marty. — É como antes. Essa sensação de estar no caminho de alguma coisa muito poderosa e veloz.

* * *

Dois quarteirões. Talvez não tão longe.

Dirigindo devagar. Examinando a rua à frente, à esquerda e à direita. Procurando-os.

Uma buzina de carro soa atrás dele. O motorista está impaciente.

Devagar, devagar, olhando de soslaio à direita e à esquerda, examinando as pessoas nas calçadas, dentro dos carros que passam.

A buzina atrás dele. Ele faz gestos obscenos, que parecem assustar o sujeito, silenciando-o.

Devagar, devagar.

Nenhum sinal deles.

Tente o reostato mental novamente. Dessa vez, ligando em 60 graus. Ainda um forte contato, uma *atração* urgente e irresistível.

À frente. À esquerda. *Shopping center*.

* * *

Quando Marty entrou no assento da frente e bateu a porta, segurando os envelopes com dinheiro que as meninas haviam recuperado, tornou a ser sacudido por um contato com O Outro. Embora o impacto da sondagem tenha sido menos perturbador do que antes, ele não sentiu nenhum consolo pela redução de sua potência.

— Tire-nos dessa droga — instou ele a Paige, enquanto pegava a Beretta carregada debaixo do assento.

Paige ligou o motor e Marty virou-se para as crianças, que estavam afivelando os cintos de segurança.

Quando Paige deu marcha a ré e saiu do estacionamento, as meninas encontraram os olhos de Marty. E ficaram assustadas.

Ele nutria um respeito grande demais pela percepção delas para mentir.

Em vez de fingir que tudo iria ficar bem, ele disse:

— Segurem-se. Sua mãe vai tentar dirigir como eu.

Enquanto dava a ré, Paige perguntou:

— De onde ele está vindo?

— Não sei. Mas trate de não voltar pelo mesmo caminho que viemos. Sinto-me intranquilo com isso. Use a outra rua.

* * *

Ele é atraído mais para o banco do que para o *shopping center*, e estaciona próximo à entrada leste.

Quando desliga o motor, ouve um breve cantar de pneus. Pelo canto do olho, percebe um carro afastando-se rápido da extremidade sul do prédio. Ele se vira e vê um BMW branco a vinte ou trinta metros de distância. O carro dispara na direção do *shopping center*, passa por ele como um raio.

Ele capta apenas uma parte do rosto do motorista — um osso malar, a linha da mandíbula, a curva de um queixo. E um vislumbre de cabelos dourados.

Às vezes, é possível identificar uma música favorita apenas por três notas, porque a melodia deixou uma impressão indelével na mente. Do mesmo modo, pelo perfil parcial, vislumbrado em meio a um bruxuleio de luzes e sombras, no borrão do movimento, ele reconhece sua preciosa esposa. Pessoas desconhecidas extirparam dele as lembranças dela, mas a fotografia que descobriu ontem está impressa em seu coração.

— Paige — sussurra O Outro.

Liga o Camry, sai de ré do estacionamento, e vira na direção do *shopping center*.

A grande extensão de pavimento está vazia naquela hora, pois apenas o supermercado, uma loja de doces e outra de artigos de escritório estão abertos ao público. O BMW atravessa o estacionamento em disparada, fazendo uma curva afastado dos poucos grupos de carros, em direção à estrada de serviço em frente às lojas. Ele vira à esquerda e se dirige para a extremidade norte do *shopping center*.

Ele segue, mas não de maneira agressiva. Se os perder, localizá-los de novo será uma questão fácil devido ao vínculo misterioso mas confiável que há entre ele e o sujeito odioso que usurpou sua vida.

O BMW chega à saída norte e vira à direita na rua. No momento em que ele chega à mesma interseção, o BMW já está a dois quarteirões de distância, parado num sinal vermelho e quase sem poder ser avistado.

Durante mais de uma hora, ele os segue discretamente pelas ruas da área, para o norte nas estradas Santa Ana e Costa Mesa, depois para leste na Riverside Freeway, permanecendo muito atrás deles. Encolhido no intenso trânsito matinal,

o pequeno Camry é quase invisível.

Na Riverside Freeway, a oeste de Corona, ele imagina ligar a corrente psíquica entre ele e o falso pai. Imagina o reostato e gira cinco graus dos 360 possíveis. É o suficiente para ele sentir a presença do falso pai à frente no tráfego, embora isso não lhe dê uma localização precisa. Seis graus, sete, oito. Oito é demais. Sete. Sete é o ideal. Com a chave aberta apenas sete graus, a atração é poderosa o bastante para lhe servir como uma baliza, sem alertar o inimigo para o fato de que o vínculo foi restabelecido. No BMW o impostor viaja para leste em direção a Riverside, tenso e vigilante, mas sem saber que está sendo monitorado.

No entanto, na mente do caçador, o sinal da presa é registrado como uma luz vermelha piscando num mapa eletrônico.

Tendo dominado o controle desse estranho poder aducente, ele pode golpear o falso pai com um certo nível de surpresa.

Embora o sujeito no BMW aguarde um ataque e esteja fugindo para evitá-lo, também está acostumado a se prevenir do assalto. Quando tiver transcorrido um tempo suficiente sem nenhuma perturbação no éter, quando ele não sentir nenhuma sondagem perturbadora, recuperará a confiança. Com o retorno da confiança, sua cautela diminuirá e ele se tornará vulnerável.

O caçador só precisa permanecer na trilha, seguir o rastro, dar tempo ao tempo e esperar o momento ideal para atacar.

Quando atravessam Riverside, o tráfego matinal se afina em torno deles. Ele se atrasa mais ainda, até o BMW tornar-se um ponto distante e sem cor que às vezes desaparece temporariamente, como uma miragem, num brilho da luz do sol ou num redemoinho de poeira.

Para a frente e para o norte. Através de San Bernardino. Para a Interestadual 15. Para a extremidade norte das Montanhas San Bernardino. Através do Desfiladeiro El Cajon a 1.200 metros de altura.

Logo depois, ao sul da cidade de Hesperia, o BMW sai da interestadual e se dirige direto para o norte na Autoestrada federal 395, para a região mais ocidental do ameaçador Deserto de Mojave. Ele segue, permanecendo a uma distância segura: eles não podem perceber que a pequena mancha escura no retrovisor é o mesmo carro que os seguiu através de três condados.

Alguns quilômetros mais e ele passa por um sinal de estrada que indica a quilometragem para Ridgecrest, Lone Pine, Bishop e Mammoth Lakes. Mammoth é a mais distante — 388 quilômetros.

O nome da cidade provoca uma associação instantânea nele. Sua memória é eidética. Pode ver as palavras escritas na página da dedicatória de um dos romances de mistério, que escreveu e guarda nas prateleiras de seu escritório na casa de Mission Viejo:

Esta obra é para minha mãe e meu pai, Jim e Alice Stillwater, que me

ensinaram a ser um homem honesto — e que não podem ser culpados por eu ser capaz de pensar como um criminoso.

Ele também se lembra do cartão Rolodex com os nomes e o endereço. Eles vivem em Mammoth Lakes.

Mais uma vez, ele tem uma aguda consciência do que perdeu. Mesmo que possa reclamar sua vida do impostor que usa seu nome, talvez nunca recupere as memórias que lhe foram roubadas. Sua infância. A adolescência. A primeira namorada. Suas experiências na escola secundária. Ele não tem nenhuma lembrança do amor de sua mãe e de seu pai, e parece ultrajante, *monstruoso*, que ele possa ter sido roubado dessas memórias mais essenciais e duradouras.

Durante mais de noventa quilômetros, ele se alterna entre o desespero com alienação, que é a qualidade primária de sua existência, e a alegria com a perspectiva de reclamar seu destino.

Ele deseja desesperadamente estar com seu pai, sua mãe, ver seus rostos queridos (que foram apagados das lâminas de sua memória), abraçá-los e restabelecer a profunda ligação entre ele e as duas pessoas a quem deve sua existência. Pelos filmes que viu, sabe que os pais podem ser uma maldição — a mãe maniaca que estava morta antes da cena de abertura de *Psicose*, a mãe egoísta e o pai que perverteram o pobre Nick Nolte em *O Príncipe das Marés* — mas ele acredita que seus pais sejam de uma variedade mais refinada, compassivos e verdadeiros, como Jimmy Stewart e Donna Reed em *A Felicidade Não se Compra*.

A estrada é flanqueada por lagos secos tão brancos como sal, súbitas muralhas de rocha vermelha, oceanos de areia esculpidos pelo vento, arbustos, planícies de boro, distantes escarpas de pedra escura. Em toda a parte há evidências de convulsões geológicas e fluxos de lava de milênios longínquos.

Na cidade de Red Mountain, o BMW sai da autoestrada e para num posto de serviços para reabastecer.

Ele segue até ter certeza da intenção deles, mas passa pelo posto de serviço sem parar. Eles têm armas. Ele não. Logo encontrará um melhor momento para matar o imitador.

Reentrando na Autoestrada 395, ele roda para o norte uma pequena distância para Johannesburg, que está situada a oeste das Montanhas Lava. Sai de novo da estrada e abastece o Camry em outro posto de serviço. Nos automáticos, compra biscoitos creme crackers, barras de doce e amendoim para sustentar-se durante a longa viagem que tem pela frente.

Ele está na estrada na frente do BMW, talvez porque Charlotte e Emily tiveram que usar o banheiro na parada de Red Mountain. Mas isso não importa, porque ele não precisa mais segui-los. Ele sabe para onde estão indo.

Mammoth Lakes, Califórnia.

Jim e Alice Stillwater. Que o ensinaram a ser um homem honesto. Que não podem ser culpados por ele ser capaz de pensar como um criminoso. A quem dedicou um romance. Amados. Queridos. Que foram roubados dele, mas que logo serão reclamados.

Ele está ansioso para alistá-los em sua cruzada para recuperar a família e seu destino. Talvez o falso pai possa enganar suas filhas, e talvez até Paige possa ser tapeada para aceitar o impostor como o verdadeiro Martin Stillwater. Mas seus pais o reconhecerão como seu verdadeiro filho, sangue de seu sangue, e não serão iludidos pelo astuto mimetismo daquela fraude que lhe roubava a família.

Desde que entrou na Autoestrada 395, onde o tráfego é leve, o BMW manteve uma velocidade constante de 95 a 100 km por hora, embora a estrada permitisse uma velocidade mais alta em muitas regiões. Agora, ele leva o Camry à frente a 120 e 130 km. Deve poder chegar em Mammoth Lakes entre duas e duas e quinze, meia hora a quarenta minutos na frente do impostor, o que lhe dará tempo para alertar a mãe e o pai sobre as más intenções da criatura que se fantasiava como seu filho.

A autoestrada forma um ângulo em noroeste passando pelo Vale Indian Wells, com as Montanhas El Paso ao sul. Quilômetro após quilômetro, seu coração incha de emoção com a perspectiva de reunir-se a sua mãe e seu pai, dos quais foi cruelmente separado. Ele chega a sentir dor de tanta necessidade de abraçá-los e de aquecer-se no amor deles, o amor inquestionável, o amor eterno e perfeito.

8.

O helicóptero executivo Bell JetRanger, que conduziu Oslett e Clocker para Mammoth Lakes, pertencia a um estúdio cinematográfico filiado à Rede. Com assentos de couro de bezerro preto, acessórios de metal e paredes da cabine acolchoadas com pele de lagarto verde-esmeralda, o ambiente era mais luxuoso do que o compartimento de passageiros do Lear. O helicóptero também oferecia uma coleção de leitura mais divertida do que aquela disponível no jato, inclusive as edições do dia de *The Hollywood Reporter* e *Daily Variety*, além das edições mais recentes de *Premier*, *Rolling Stone*, *Mother Jones*, *Forbes*, *Fortune*, *GQ*, *Spy*, *The Ecological Watch Society Journal* e *Bon Appétit*.

Para ocupar seu tempo durante o voo, Clocker pegou outro romance *Jornada nas Estrelas* que havia comprado na loja de presentes do Ritz-Carlton antes de sair do hotel. Oslett está convencido de que a difusão dessa literatura fantástica nas lojas tidas como de bom gosto e administradas com elegância de um hotel cinco estrelas — que antes era o lugar que cuidava das pessoas cultas e poderosas, não apenas dos ricos —, era um sinal alarmante do colapso iminente da sociedade, comparando aos bem armados traficantes de cocaína e *crack* que vendiam sua mercadoria nos pátios de escola.

Enquanto o JetRanger seguia para o norte através do Sequoia National Park, pelo King's Canyon National Park, ao longo do flanco ocidental da Sierra Nevada e, eventualmente, direto para essas montanhas magníficas, Oslett ficou andando de um lado para o outro do helicóptero, determinado a não perder nada do deslumbrante cenário. A vastidão abaixo era tão pouco povoada que poderia ter disparado sua aversão quase agorafóbica aos espaços abertos e paisagens rurais. Mas o terreno mudava a cada minuto, apresentando novas maravilhas e vistas mais esplêndidas ainda numa velocidade rápida o bastante para entretê-lo.

Além disso, o JetRanger voava a uma altitude muito mais baixa do que o Lear, dando a Oslett uma sensação de abrupto movimento para a frente. O interior do helicóptero era mais barulhento e se sacudia com mais vibrações do que o compartimento de passageiros do jato — o que ele também gostava.

Ele chamou a atenção de Clocker duas vezes para as maravilhas naturais do outro lado das janelas. Nas duas vezes, o grandalhão apenas olhou durante um ou dois segundos para o cenário e depois, sem comentar, voltou sua atenção para *Amazonas de Seis Seios do Planeta Lodo*.

— Que porra há de tão interessante nesse livro? — finalmente Oslett perguntou, deixando-se cair no assento oposto ao de Clocker.

Depois de terminar o parágrafo que estava lendo, antes de levantar a vista, Clocker disse:

— Eu não poderia dizer.

— Por que não?

— Porque, mesmo que eu lhe dissesse o que acho interessante neste livro, não seria interessante para você.

— O que você quer dizer com isso?

Clocker encolheu os ombros.

— Acho que você não iria gostar.

— Eu odeio romances, sempre odiei, especialmente a ficção científica e merdas como essa.

— Está vendo?

— O que você quer dizer?

— Só que você acaba de confirmar o que eu disse... que você não gosta de coisas assim.

— Claro que não.

Clocker encolheu os ombros de novo.

— Está vendo?

Oslett olhou fixo para ele. E disse gesticulando para o livro:

— Como você consegue gostar desse lixo?

— Nós existimos em universos paralelos — disse Clocker.

— O quê?

— No seu, Johannes Gutenberg inventou o fliperama.

— Quem?

— No seu, talvez o sujeito mais famoso chamado Faulkner foi um virtuose do banjo.

Oslett franziu as sobrancelhas:

— Nada dessa merda está fazendo sentido para mim.

— Está vendo? — disse Clocker e voltou a atenção para *Kirk e Spock Apaixonados*, ou fosse lá qual fosse o título do épico.

Oslett queria matá-lo. Dessa vez ele detectou, no padrão enigmático de Karl Clocker, um desrespeito expresso de maneira sutil, mas ainda um profundo desrespeito. Quis arrancar e incendiar o estúpido chapéu do grandalhão, com pena de pato e tudo, tirar-lhe a brochura da mão e rasgá-la em pedacinhos e despejar nele talvez mil balas 9mm de ponta oca à queima-roupa.

Em vez disso, virou-se em direção à janela para ser acalmado pela majestade dos picos de montanha e florestas vistos a 240 km por hora.

Acima deles, nuvens se moviam vindo de noroeste. Redondas e cinzentas, iam como esquadrilhas de dirigíveis rumo aos picos de montanha.

* * *

À 1:10 da tarde de terça-feira, num campo de aviação nos arredores de Mammoth Lakes, eles foram recebidos por um representante da Rede chamado Alec Spicer. Ele estava esperando no pavimento próximo ao hangar de blocos de concreto e aço corrugado onde desceram.

Embora ele conhecesse seus nomes verdadeiros e, portanto, tivesse um posto pelo menos igual ao de Peter Waxhill, não estava vestido de maneira tão impecável, nem falava suave ou bem como o cavalheiro que os informara durante o café da manhã. E, ao contrário do musculoso Jim Lomax no Aeroporto John Wayne do condado de Orange, na noite anterior, deixou que levassem sua própria bagagem até o Ford Explorer verde que estava à sua disposição no estacionamento atrás do hangar.

Spicer tinha cerca de cinquenta anos, 1,75m, oitenta quilos, cabelos cinza-ferro à escovinha. Seu rosto era todo liso e os olhos estavam ocultos atrás de óculos de sol, embora o céu estivesse nublado. Usava botas de combate, calças cáqui folgadas, camisa cáqui e uma surrada jaqueta de aviador de couro com inúmeros bolsos com zíper. Sua postura ereta, modos disciplinados e fala engolida identificavam-no como um oficial do exército reformado — talvez rebaixado — que não estava disposto a mudar de atitude hábitos ou guarda-roupa de militar de carreira.

— Vocês não estão vestidos de maneira adequada para Mammoth — disse Spicer em tom brusco, quando caminhavam para o Explorer, com a respiração saindo de sua boca como vapor branco.

— Eu não sabia que estaria tão frio aqui — disse Oslett, tremendo de modo incontrolável.

— Sierra Nevadas — disse Spicer. — Estamos a quase 2.400 metros acima do mar. Dezembro. Não pode esperar palmeiras, camisas havaianas e *piñas coladas*.

— Eu sabia que estaria frio, mas não tão frio assim.

— Vocês vão congelar suas bundas — disse Spicer laconicamente.

— Esse paletó é quente — disse Oslett na defensiva. — É de *cashmere*.

— Bom para você — comentou Spicer.

Ele abriu a porta traseira do Explorer e deu um passo para o lado para que eles colocassem a bagagem no espaço de carga.

Spicer sentou-se atrás do volante. Oslett sentou-se no banco do carona. No assento traseiro, Clotter retomou a leitura de *A Flatulenta Ferocidade de Ganimede*.

Enquanto saía do campo de aviação para a cidade, Spicer ficou calado durante algum tempo. Depois:

— Esperamos nossa primeira neve da temporada para o fim do dia.

— O inverno é minha estação do ano favorita — disse Oslett.

— Talvez não goste tanto com neve até sua bunda e esses belos sapatos oxfords ficando tão duros como tamancos holandeses de madeira.

— Você sabe quem eu sou? — perguntou Oslett, impaciente.

— Sim, senhor — disse Spicer, engolindo as palavras mais do que de hábito, mas inclinando um pouco a cabeça num sutil reconhecimento de sua posição inferior.

— Ótimo — disse Oslett.

Em alguns lugares, sempre-vivas altas enchiam os dois lados da estrada. Muitos dos hotéis, restaurantes e bares de beira de estrada vangloriavam-se de sua arquitetura alpina de imitação, e em alguns casos os nomes incorporavam palavras que evocavam imagens mentais de filmes tão diferentes como *A Noviça Rebelde* e veículos de Clint Eastwood: Bávaro isso, Suíça aquilo, Eiger, Matterhorn, Genebra, Hofbrau.

— Onde é a casa dos Stillwater? — perguntou Oslett.

— Estamos indo para o hotel de vocês.

— Pelo que entendi, há uma unidade de vigilância paquerando a casa dos Stillwater — insistiu Oslett.

— Sim, senhor. Do outro lado da rua, numa camionete com vidros pintados.

— Quero juntar-me a eles.

— Não é uma boa ideia. Essa é uma cidade pequena. Não chega a ter cinco mil pessoas, se não contarmos os turistas. Muita gente entrando e saindo de uma camionete estacionada numa rua residencial... vai chamar atenção.

— Então, o que você sugere?

— Telefone para a equipe de vigilância, avise onde eles podem encontrá-lo. Depois aguarde no hotel. No minuto que Martin Stillwater ligar para sua família ou aparecer em sua porta... você será notificado.

— Ele ainda não telefonou?

— O telefone deles tocou várias vezes nas últimas horas, mas eles não estão em casa para atender, de modo que não sabemos se é ou não o filho.

Oslett ficou incrédulo.

— Eles não têm secretária eletrônica?

— O ritmo da vida aqui não requer que se tenha uma.

— Incrível. Bem, se não estão em casa, onde estão?

— Foram às compras hoje de manhã, e não faz muito tempo pararam para almoçar num restaurante na Route 203. Devem chegar em casa dentro de uma hora mais ou menos.

— Estão sendo seguidos?

— Claro.

Esperando a tormenta prevista, esquiadores já estavam chegando na cidade carregando seus esquis nas costas. Oslett viu um adesivo de para-choque onde estava escrito: MINHA VIDA É TODA MONTANHA ABAIXO — E EU ADORO!

Quando pararam num sinal vermelho atrás de uma perua, que parecia estar abarrotada de mulheres jovens e louras com suéteres de esqui num número suficiente para povoar meia dúzia de comerciais de cerveja ou de bálsamo para lábios, Spicer disse:

— Ouviu sobre a puta em Kansas City?

— Estrangulada — disse Oslett. — Mas não há nenhuma prova de que nosso garoto tenha feito isso, mesmo que alguém parecido com ele tenha saído do bar acompanhado por ela.

— Então você não sabe da última. Amostra de esperma chegou em Nova York. Foi examinada. É do nosso garoto.

— Eles têm certeza?

— Positivo.

Os picos das montanhas desapareciam no céu que baixava. A cor das nuvens havia aprofundado do matiz de aço esmerilhado para um cinza sarapintado e preto-hulha.

O humor de Oslett também ficou mais sombrio.

O sinal de trânsito mudou para verde.

Seguindo o carro cheio de louras através do cruzamento, Alec Spicer disse:

— Portanto, ele é capaz de fazer sexo.

— Mas ele foi projetado para ser... — Oslett não pôde terminar a frase. Já

não tinha mais nenhuma fé no trabalho da engenharia genética.

— Até aqui — disse Spicer —, através de contatos na polícia, a matriz compilou uma lista de quinze homicídios envolvendo assalto sexual, que podem ser atribuídos ao nosso garoto. Casos não resolvidos. Mulheres jovens e atraentes. Em cidades que ele visitou, em momentos em que estava lá. Método de operação semelhante em todos os casos, incluindo extrema violência *depois* que a vítima estava inconsciente, às vezes com uma pancada na cabeça, mas em geral com um soco na cara... evidentemente para assegurar o silêncio durante o verdadeiro assassinato.

— Quinze — murmurou Oslett estarrecido.

— Talvez mais. Talvez muito mais. — Spicer desviou o olhar da estrada e olhou para Oslett. Seus olhos não só eram impossíveis de ser interpretados, como também estavam inteiramente ocultos atrás dos óculos de sol de lentes muito escuras. — É melhor que ele tenha matado todas as mulheres que fodeu.

— O que quer dizer?

Spicer disse, voltando a olhar para a estrada:

— Ele tem uma alta dosagem de esperma. Um esperma ativo. Ele é fértil.

Embora não pudesse admitir para si mesmo, Oslett tinha certeza de que essa má notícia estava a caminho, até que Spicer disse em voz alta.

— Sabe o que isso significa? — perguntou Spicer.

Do assento traseiro, Clocker disse:

— O primeiro clone humano operativo da geração Alfa é um renegado em processo de mutação, de uma maneira que não podemos compreender, que corre o risco de contagiar os genes humanos com material genético capaz de gerar uma raça nova e hostil de superseres quase invulneráveis.

Por um momento, Oslett pensou que Clocker estava lendo uma linha de seu atual romance *Jornada nas Estrelas*, depois percebeu que ele fizera um resumo sucinto da natureza da crise.

— Se nosso garoto não desperdiçou cada bimbada que deu com as namoradas, se fez alguns bebês que por alguma razão não foram abortados — mesmo que seja apenas *um* bebê — nós estamos mergulhados na merda. Não apenas nós três, não apenas a Rede, mas sim toda a raça humana — concluiu Spicer.

9.

Dirigindo-se ao norte através do Vale Owens, com as Montanhas Inyo a leste e a imponente Sierra Nevadas a oeste, Marty descobriu que o telefone celular nem sempre funcionava como devia, por causa da topografia dramática que interferia nas transmissões de microondas. E nas ocasiões em que conseguiu fazer uma chamada para a casa dos pais em Mammoth, o telefone tocava e

tocava sem ser atendido.

Após dezesseis toques, ele apertou o botão END, interrompendo a ligação:
— Ainda não estão em casa.

O pai estava com 66 e a mãe com 65 anos. Tinham sido professores de escola, e ambos se aposentaram no ano anterior. Ainda eram jovens pelos padrões modernos, saudáveis e vigorosos, apaixonados pela vida, de modo que não era nenhuma surpresa que estivessem na rua e não passando o dia em casa, num par de poltronas, assistindo aos programas de jogos e novelas da televisão.

— Quanto tempo vamos ficar com vovó e vovô? — perguntou Charlotte no assento traseiro. — Tempo suficiente para ela me ensinar a tocar violão tão bem quanto ela? Estou ficando muito boa no piano, mas acho que gostaria de tocar violão também, e vou ser uma música famosa, que acho que posso me interessar em ser... ainda estou deixando minhas opções em aberto... então seria muito mais fácil de levar minha música por aí, já que não se pode exatamente carregar um piano nas costas por aí.

— Não vamos ficar na casa de vovó e vovô — disse Marty. — Na verdade, nem vamos passar lá.

Charlotte e Emily gemeram desapontadas.

— Podemos visitá-los mais tarde — disse Paige —, dentro de alguns dias. Veremos. Neste exato momento, estamos indo para a cabana.

— Oba! — entusiasmou-se Emily.

— Está bem — aprovou Charlotte.

Marty ouviu-as estalar as mãos, numa saudação com os cinco dedos abertos.

A cabana que sua mãe e seu pai possuíam desde que Marty era garoto estava aninhada nas montanhas, a alguns quilômetros de distância de Mammoth Lakes, entre a cidade e os lagos, não muito longe do povoamento menor ainda de Lake Mary. Era um lugar acolhedor, no qual seu pai havia expandido o prédio original com o correr dos anos, protegido por pinheiros e abetos com trinta metros de altura. Para as meninas que haviam sido criadas na confusão suburbana do condado de Orange, a cabana era tão especial quanto qualquer chalé encantado de um conto de fadas.

Marty precisava de alguns dias para pensar antes de tomar qualquer decisão sobre o que fazer em seguida. Queria examinar as notícias e ver como continuava a se desenrolar a história sobre ele; nos meios de comunicação que tratavam do assunto, ele era capaz de avaliar o poder, se não a identidade de seus verdadeiros inimigos, que certamente não se limitavam ao sócia misterioso e enlouquecido que invadira sua casa.

Eles não podiam ficar na casa de seus pais. Ela era acessível demais a repórteres, caso a história continuasse crescendo como uma bola de neve. Também era acessível aos conspiradores desconhecidos por trás do sócia, que

havam feito com que um pequeno artigo sobre um assalto tivesse grande cobertura de imprensa, pintando-o como um homem de estabilidade duvidosa.

Além disso, ele não queria pôr a mãe e o pai em risco, indo abrigar-se com eles. Na verdade, quando conseguisse completar uma ligação, insistiria para que os dois fizessem as malas, de imediato, embarcassem no *motorhome* e saíssem de Mammoth Lakes durante algumas semanas, talvez mais tempo. Enquanto estivessem viajando, mudando de *camping* a cada uma ou duas noites, ninguém poderia tentar chegar até ele através deles.

Desde a tentativa do contato no banco em Mission Viejo, Marty não havia sido submetido a mais nenhuma sondagem do Outro. Tinha esperança de que a pressa e decisão com que haviam fugido para o norte tivessem garantido segurança para eles. Mesmo a clarividência ou telepatia — ou que droga fosse — devia ter seus limites. Caso contrário, eles haviam topado não apenas com um fantástico poder mental, mas com pura mágica; enquanto que Marty podia ser levado, pela experiência, a acreditar na possibilidade de habilidades paranormais, simplesmente não podia acreditar em mágica. Após ter colocado centenas de quilômetros entre eles e O Outro, era provável que estivessem além do alcance de seu sexto sentido farejador. As montanhas que periodicamente interferiam na operação do telefone celular também podiam isolá-los da detecção telepática.

Talvez fosse mais seguro ficar longe de Mammoth Lakes e esconder-se numa cidade com a qual não tivessem vínculos. Entretanto, ele optou pela cabana porque, mesmo aqueles que pudessem visar a casa de seus pais como possível refúgio para ele, não teriam conhecimento daquele abrigo, e seria improvável que soubessem dele por acaso. Além disso, dois de seus amigos da antiga escola secundária tinham sido subxerifes do condado de Mammoth durante uma década, e a cabana ficava próxima à cidade na qual ele crescera e onde ainda era bem conhecido. Como garoto da cidade natal que nunca fora arruaceiro na juventude, ele podia esperar que as autoridades o levassem a sério e lhe dessem maior proteção, caso O Outro *tentasse* contatá-lo de novo. No entanto, num lugar estranho, ele seria um forasteiro, visto com mais suspeita do que a que o detetive Cyrus Lowbock exibira. Perto de Mammoth Lakes, se o pior acontecesse, ele não se sentiria tão isolado e perdido como sabia que se sentiria em qualquer outro lugar.

— Podemos ter tempo ruim pela frente — disse Paige.

Grande parte do céu estava azul a leste, mas massas de nuvens escuras se avolumavam atrás dos picos e nos desfiladeiros de Sierra Nevadas a oeste.

— É melhor parar num posto de gasolina em Bishop — disse Marty — para descobrir se a patrulha da estrada está exigindo correntes para subir a Mammoth.

Talvez ele devesse dar boas-vindas a uma forte nevada. Ela isolaria ainda mais a cabana, deixando-os menos acessíveis aos inimigos que os estivessem

caçando. Mas Marty só se sentiu inquieto com a perspectiva de uma tormenta. Se a sorte não estivesse com eles, podia chegar um momento em que precisassem sair às pressas de Mammoth Lakes. As estradas fechadas por uma nevasca podiam causar uma demora longa o bastante para causar a morte deles.

Charlotte e Emily queriam brincar de Olha Quem é o Macaco Agora, um jogo de palavras que Marty inventara alguns anos antes para entretê-las em longas viagens de carro. Já haviam brincado duas vezes desde que saíram de Mission Viejo. Paige recusou-se a juntar-se a eles, alegando a necessidade de concentrar a atenção na direção, e Marty acabou sendo o macaco com mais frequência do que de praxe, porque a preocupação não permitia que se concentrasse no jogo.

As áreas mais altas da Sierra desapareciam na bruma. As nuvens escureciam cada vez mais, como se os fogos do sol oculto queimassem em extinção, deixando apenas ruínas carbonizadas nos céus.

10.

Os donos do motel referiam-se a seu estabelecimento como um alojamento. Os prédios eram abraçados pelos galhos de Coníferas de trinta metros, pinheiros menores e lariços. O desenho era propositalmente rústico.

Os quartos não poderiam ser comparados com os do Ritz-Carlton, claro, e a tentativa do desenhista de interiores de chamar a Baviera à mente com os painéis de pinho com nós e mobílias atarracadas de madeira foi insípida, mas mesmo assim Drew Oslett achou as acomodações agradáveis. Uma lareira de pedra de grande tamanho, na qual já se encontravam toros e material para iniciar o fogo, era especialmente atraente; minutos depois de sua chegada, o fogo já queimava.

Alec Spicer telefonou para a equipe de vigilância posicionada numa camionete no outro lado da rua da casa dos Stillwater. Usando uma linguagem tão enigmática quanto algumas das declarações de Clocker, ele informou que os operadores de Alfie estavam agora na cidade e podiam ser encontrados no motel.

— Nenhuma novidade — disse Spicer quando desligou o telefone. — Jim e Alice Stillwater ainda não estão em casa. O filho e sua família também não apareceram e, claro, não há nenhum sinal do nosso garoto.

Spicer acendeu todas as luzes do quarto e abriu as cortinas porque ainda estava com os óculos de sol, apesar de haver tirado a jaqueta de couro de avião. Oslett suspeitava que Alec Spicer não tirava os óculos nem para fazer sexo — e talvez nem quando ia para a cama à noite.

Os três se sentaram em cadeiras giratórias em volta de uma pequena mesa de jantar de pinho espinha-de-arenque na pequena cozinha. A janela com mainel próxima oferecia uma vista para a descida cheia de árvores atrás do

motel.

De uma pasta de couro negro, Spicer retirou vários artigos que Oslett e Clocker iriam precisar para encenar as mortes da família Stillwater da maneira como a matriz desejava.

— Dois rolos de fio trançado — disse ele, colocando em cima da mesa um par de carretéis enrolados em plástico. — Amarrem os pulsos e tornozelos das filhas com isso. Bem apertado. Firme o bastante para doer. Foi assim no caso em Maryland.

— Está bem — disse Oslett.

— Não corte o fio — instruiu Spicer. — Depois de amarrar os pulsos, leve o mesmo fio até os tornozelos. Um rolo para cada menina. Também foi assim em Maryland.

O próximo artigo retirado da pasta foi uma pistola.

— É uma SIG nove milímetros — disse Spicer. — Desenhada pelo fabricante suíço, mas manufaturada por Sauer na Alemanha. Uma arma muito boa.

Oslett aceitou a SIG:

— Vai ser com isso que liquidaremos a mulher e as meninas?

Spicer concordou com um aceno de cabeça.

— Depois o próprio Stillwater.

Oslett familiarizou-se com a arma, enquanto Spicer retirava da pasta uma caixa de munição de 9 mm.

— Foi essa mesma arma que o pai usou em Maryland?

— Exato — disse Spicer. — Os registros indicarão que Martin Stillwater comprou há três semanas na mesma loja de armas em que adquiriu o resto de seu armamento. Tem um empregado que foi pago para se lembrar de ter vendido a ele.

— Legal.

— A caixa em que essa arma veio e a nota da venda já foram plantadas nos fundos de uma das gavetas da escrivaninha no escritório doméstico de Stillwater, na casa de Mission Viejo.

Sorrindo, cheio de autêntica admiração, começando a acreditar que iriam salvar a Rede, Oslett falou:

— Soberba atenção ao detalhe.

— Sempre — confirmou Spicer.

A complexidade maquiavélica do plano encantou Oslett tal como os elaborados esquemas de Wile E. Coyote nos desenhos de Road Runner o fascinaram quando criança — só que, *nesse* caso, os coiotes eram os inevitáveis vencedores. Ele olhou de soslaio para Karl Clocker, esperando que ele também estivesse encantado.

O *Trekker* limpava as unhas com a lâmina de um canivete. Sua expressão

era sombria. Por todos os indícios, sua mente estava pelo menos a dois *parsecs* e duas dimensões de Mammoth Lakes, Califórnia.

Spicer tirou da pasta uma sacola de plástico Ziploc, que continha uma folha de papel dobrada.

— É um bilhete de suicídio. Forjado. Mas tão bem-feito que qualquer grafologista ficaria convencido de que foi escrito pelo próprio punho de Stillwater.

— O que diz? — perguntou Oslett.

Spicer falou de memória:

— Tem um verme. Cavando por dentro. Todos nós contaminados. Escravizados. Parasitas dentro. Não podemos viver desse jeito. Não podemos viver.

— É do caso de Maryland? — perguntou Oslett.

— Palavra por palavra.

— O cara estava piradoço.

— Não vou discutir com você sobre isso.

— Vamos deixar isso ao lado do corpo?

— Exatamente. Só pegue nele com luvas. E pressione os dedos de Stillwater em todo o papel depois que você o tiver matado. O papel tem um revestimento duro e liso. Vai aceitar bem as impressões.

Spicer enfiou a mão na pasta mais uma vez e retirou outra sacola Ziploc contendo uma caneta preta.

— Pentel Rolling Writer — disse Spicer. — Tirada de uma caixa de uma gaveta da escrivaninha de Stillwater.

— Foi com isso que ele escreveu o bilhete de suicídio?

— Foi. Deixe em qualquer lugar perto do corpo, com a tampa fora.

Sorrindo, Oslett examinou o conjunto de artigos em cima da mesa.

— Vai ser muito divertido.

* * *

Enquanto esperavam um alerta da equipe de vigilância que espreitava a casa de Stillwater pai, Oslett arriscou uma caminhada até uma loja de esqui num aglomerado de lojas e restaurantes do outro lado da rua do motel. No pouco tempo em que estiveram no quarto, o ar parecia ter ficado mais cortante e o céu parecia ter equimoses.

As mercadorias da loja eram de primeira qualidade. Em pouco tempo, ele conseguiu equipar-se com roupa de baixo térmica, bem-feita, importada da Suécia, e uma roupa preta para tempestade Hard Corps-Tex/Thermolite. A roupa tinha um forro prateado refletivo, capuz dobrável, joelhos formados anatomicamente, proteção balística de náilon, bainha isolada para neve com listras emborrachadas e bolsos em número suficiente para satisfazer um mágico.

Por cima, ele usou um colete cor de púrpura U.S. Freestyle Team com isolamento térmico, forro refletivo, braçadeiras elásticas e ombros reforçados. Também comprou luvas — couro italiano e náilon, quase tão flexíveis quanto uma segunda pele. Pensou em comprar óculos de proteção de alta qualidade, mas decidiu-se por um par de óculos de sol, já que não tencionava verdadeiramente subir os morros. Suas pavorosas botas de esqui pareciam algo que um robô exterminador usaria para abrir a chutes o caminho através de paredes de bloco de concreto.

Ele sentiu-se incrivelmente rijo.

Como foi necessário experimentar cada peça de roupa, ele aproveitou a oportunidade para mudar as roupas com que entrara na loja. Amável, o empregado dobrou as roupas dentro de uma sacola de compras, que Oslett carregou quando partiu para a caminhada de volta ao motel com seu novo equipamento.

No mesmo minuto, sentiu-se mais otimista com suas perspectivas. Nada como uma farra de compras para levantar o ânimo.

Quando voltou ao quarto, embora tivesse se ausentado durante meia hora, não havia nenhuma novidade.

Spicer estava sentado numa poltrona, ainda usando óculos de sol, assistindo a um *talk show*. Uma mulher negra, troncuda, com cabelo enorme, entrevistava quatro homens, vestidos com roupas mistas, que haviam tentado se alistar, como mulheres, no Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos, e tinham sido rejeitados, embora parecessem acreditar que o presidente tencionava intervir em seu favor.

Clocker, claro, estava sentado a uma mesa ao lado da janela, na cascata de luz prateada pré-tormenta, lendo *Mirtilo Kirk e as Putas Transpirantes de Alfa Centauri*, ou fosse lá qual fosse o maldito título do livro. Sua única concessão ao clima de Sierra tinha sido a troca do suéter-colete padrão arlequim para um suéter de *cashmere* de manga comprida num tom de laranja de revirar o estômago.

Oslett levou a pasta preta para um dos quartos de dormir que flanqueavam a sala de estar. Esvaziou o conteúdo em cima de uma das camas de tamanho gigante, sentou-se no colchão de pernas cruzadas, tirou os óculos de sol novos, e examinou os espertos adereços que garantiriam, depois da morte de Martin Stillwater, a convicção de múltiplo assassinato e suicídio.

Tinha uma série de problemas para resolver, inclusive como matar toda aquela gente com a menor quantidade de barulho. Não estava preocupado com os tiros, que poderiam ser abafados de uma maneira ou de outra. Eram os gritos que o preocupavam. Dependendo do local do encontro, podia haver vizinhos. Se fossem alertados, eles chamariam a polícia.

Após alguns minutos, ele colocou os óculos de sol e saiu na sala de estar,

interrompendo o programa de televisão que Spicer assistia.

— Nós os eliminamos, depois que delegacia de polícia vai tratar do caso?

— Se acontecer aqui — disse Spicer —, é provável que seja o departamento do xerife do condado de Mammoth.

— Temos algum amigo lá?

— Não agora, mas tenho certeza de que poderíamos ter.

— Médico-legista?

— Aqui na roça... é provável que seja apenas um agente funerário local.

— Sem nenhuma formação forense?

— Ele saberá diferenciar um buraco de bala de um olho do cu, mas só isso.

— Quer dizer que se eliminarmos primeiro a mulher e Stillwater, ninguém será sofisticado o suficiente para detectar a ordem dos homicídios?

— Os laboratórios forenses das grandes cidades teriam dificuldades para fazer isso se a diferença fosse, digamos, de menos de uma hora.

— O que penso é — disse Oslett — ... se tentarmos tratar primeiro das crianças, teremos um problema com Stillwater e sua mulher.

— E daí?

— Um de nós dois pode vigiar os pais enquanto o outro leva as crianças para um quarto diferente. Mas tirar a roupas das meninas, amarrar mãos e tornozelos... vai levar uns dez, quinze minutos, como em Maryland. Mesmo que estejamos vigiando Stillwater e a mulher com uma arma, eles não ficarão sentados quietos. Os dois vão me atacar, ou atacar Clocker, quem estiver vigiando, e juntos podem levar vantagem.

— Duvido — disse Spicer.

— Como pode ter certeza?

— Hoje em dia as pessoas não têm “peito”.

— Stillwater lutou com Alfie.

— É verdade — admitiu Spicer.

— Quando a mulher tinha dezesseis anos, encontrou o pai e a mãe mortos. O velho matou a mãe, depois se suicidou...

Spicer sorriu.

— Bela ligação com nosso cenário.

Oslett não havia pensado nisso.

— Boa questão. Também poderia explicar por que Stillwater não conseguiu escrever o romance baseado no caso de Maryland. Em todo caso, três meses depois, ela fez uma petição ao tribunal para ser liberada de sua guardiã e declarada adulta legal.

— Puta forte.

— O tribunal concordou. Aceitou a petição.

— Então, liquide os pais primeiro — aconselhou Spicer, mudando de

posição na poltrona como se as nádegas tivessem ficado dormentes.

— É isso que vamos fazer — concordou Oslett.

— Isso é uma porra de loucura — afirmou Spicer.

Por um momento, Oslett pensou que Spicer estivesse comentando sobre os planos para os Stillwater. Mas ele se referia ao programa de televisão, ao qual sua atenção voltara outra vez.

No *talk show* a apresentadora de cabelo grande conduzia para fora os homens com roupas de mulher e apresentava um novo grupo de convidados. Quatro mulheres com cara de raiva estavam sentadas no palco. Todas usavam chapéus estranhos.

Quando Oslett saiu da sala, viu Clobber pelo canto do olho. O *Trekker* ainda estava à mesa junto à janela, grudado no livro, mas Oslett não deixou que o grandalhão estragasse seu humor.

No quarto de dormir, sentou-se na cama de novo, em meio a seus brinquedos, tirou os óculos de sol e, com ar de felicidade, encenou e reencenou os homicídios em sua mente, planejando para cada contingência.

Lá fora, o vento aumentou. Soava como lobos.

II.

Ele para num posto de serviços para perguntar os endereços, dos quais se recorda do cartão Rolodex. O jovem frentista consegue ajudá-lo.

Às 2:10 ele entra no bairro onde evidentemente cresceu. Os terrenos são grandes com numerosos videoeiros desfolhados pelo inverno e uma grande variedade de sempre-vivas.

A casa de sua mãe e de seu pai fica no meio do quarteirão. É uma estrutura modesta, de dois andares, sarrafos de revestimento brancos e venezianas verde-floresta. A profunda varanda da frente tem pesados balaústres brancos, um corrimão verde e faixas recortadas no beirai.

O lugar parece cálido e acolhedor. É como uma casa de um filme antigo. Jimmy Stewart podia morar nela. Sabe-se, à primeira vista, que uma família adorável vive lá dentro, pessoas decentes com muito a compartilhar, muito a dar.

Ele não consegue lembrar coisa alguma do quarteirão, menos ainda da casa onde, ao que parece, passou a infância e a adolescência. Ela bem podia ser residência de completos estranhos numa cidade que ele nunca havia visto até esse dia.

Ele está enfurecido com a extensão da lavagem cerebral que lhe fizeram, privando-o de preciosas memórias. Os anos perdidos o perseguiram. A total separação daqueles a quem ele ama é tão cruel e devastadora que está a ponto de chorar.

Entretanto, ele reprime a raiva e a aflição. Não pode dar-se ao luxo de ser emocional enquanto a situação permanecer precária.

A única coisa que ele *reconhece* nas vizinhanças é uma camionete estacionada do outro lado da rua da casa dos pais. Nunca viu aquela camionete particular, mas conhece o tipo. A visão o deixa alarmado.

É um veículo de passeio. Vermelho maçã caramelada. O porta-estepe estendido proporciona um interior mais espaçoso. Teto oval abobadado. Enormes abas para barro com letras cromadas: CAMINHÃO DE BRINQUEDO. O para-choque traseiro ostenta adesivos superpostos retangulares, redondos e triangulares recordando visitas ao Yosemite National Park, em Yellowstone, ao Rodeio Anual de Calgary, Las Vegas, à Represa Boulder e a outras atrações turísticas. Faixas decorativas paralelas, verdes e pretas, ondulam ao longo da lateral, interrompidas por um par de janelas espelhadas.

Talvez a camionete seja apenas o que aparenta ser, mas à primeira vista ele está convencido de que é um posto de vigilância. Para começar, o veículo parece *agressivamente* recreativo, ostentoso. Com seu treinamento em técnicas de vigilância, ele sabe que às vezes esses veículos procuram declarar sua inofensividade chamando a atenção para si, porque os objetos potenciais de vigilância esperam que um veículo de “paquerar” seja discreto, e jamais imaginariam que estão sendo vigiados por, digamos, um vagão de circo. Depois tem a questão das janelas espelhadas na lateral, que permite que as pessoas de dentro vejam sem serem vistas, mas que também é ideal para operações clandestinas.

Ele não diminui a velocidade ao se aproximar da casa dos pais, e se esforça para não demonstrar interesse na residência ou na camionete vermelha maçã caramelada. Ao passar pelas janelas espelhadas, ele também consegue esconder o rosto, coçando a testa com a mão direita.

Os ocupantes da camionete — se houvessem ocupantes — devem ser empregados daquela gente desconhecida que o manipulou de maneira tão impiedosa até Kansas City. São um vínculo com seus superiores. Ele está tão interessado neles como em restabelecer o contato com a amada mãe e o pai.

Dois quarteirões depois, ele vira à direita na esquina e se dirige de volta a uma área comercial próxima ao centro da cidade, onde antes passou por uma loja de material esportivo. Sem arma de fogo, e sem poder comprar uma com silenciador, ele precisa obter um par de armas simples.

* * *

O telefone do quarto de motel tocou às 2:20.

Oslett colocou os óculos de sol, saltou para fora da cama e foi até o vão da porta da sala de estar.

Spicer atendeu o telefone, ouviu, murmurou uma palavra que podia ter sido “bom” e desligou. Virando-se para Oslett, disse:

— Jim e Alice Stillwater acabam de voltar do almoço.

— Vamos esperar que Marty ligue para eles agora.

— Ele vai ligar — disse Spicer em tom confiante.

Enfim levantando a vista do livro, Clocker falou:

— Por falar em almoço, estamos atrasados.

— A geladeira da cozinha está abarrotada de coisas — disse Spicer. — Frios sortidos, salada de batata, salada de macarrão, bolo de queijo. Não vamos morrer de fome.

— Nada para mim — disse Oslett. Estava excitado demais para comer.

* * *

No momento em que retorna à vizinhança em que moram seus pais são 2:45, meia hora depois que partiu. Ele tem aguda consciência dos minutos que se passam. O pai falso, Paige e a meninas poderiam chegar a qualquer instante. Mesmo que depois de Red Mountain tenham feito outra parada para ir ao banheiro, ou ainda que não tenham mantido uma velocidade tão alta como quando ele os seguia, com certeza chegariam em menos de quinze ou vinte minutos.

Ele quer desesperadamente ver os pais antes que o impostor traiçoeiro chegue até eles. Precisa prepará-los para o que aconteceu e recrutar a ajuda deles na batalha para recuperar sua mulher e filhas. Está apreensivo com a possibilidade do embusteiro chegar primeiro até eles. Se aquela criatura conseguiu insinuar-se tão completamente com Paige, Charlotte e Emily, talvez haja um risco, mesmo que pequeno, de que ele também vença mamãe e papai.

Quando vira na esquina do quarteirão onde passou a infância não lembrada, já não está mais dirigindo o Camry que roubou em Laguna Hills ao amanhecer. Está na camionete de entrega de um florista, uma feliz aquisição que fez à força depois de deixar a loja de material esportivo.

Ele fez um bocado de coisa em meia hora. No entanto, o tempo está passando.

Embora o dia esteja cada vez mais sombrio, ele dirige com o visor de sol arriado. Está usando um quepe de beisebol puxado para baixo, cobrindo a testa, e uma jaqueta de universidade com forro de lã, que pertence ao jovem que faz as entregas da Murchison's Flowers. Disfarçado pelo visor de sol e pelo quepe, ele não será identificado por alguém que o esteja observando atrás do volante.

Ele se aproxima do meio-fio e estaciona bem atrás do veículo de passeio, no qual suspeita que está escondida uma equipe de vigilância. Salta de seu carro e caminha rápido até a traseira, sem dar tempo para ser observado.

O veículo tem uma única porta traseira. As dobradiças precisam de lubrificação; elas rangem.

O entregador morto está deitado de costas, no chão da parte de carga. As mãos estão dobradas no peito e ele está cercado de flores, como se já estivesse embalsamado e disponível para a visita dos acompanhantes do enterro.

De uma sacola de plástico ao lado do cadáver, ele retira o machado de gelo que adquiriu no extenso balcão de equipamento para escaladas na loja de material esportivo. A ferramenta de aço de uma peça tem um punho de borracha no cabo. Uma das extremidades tem a forma e o tamanho de um martelo de tachas, ao passo que a outra apresenta uma ponta afiada. Ele enfia o cabo na cintura do *jeans*.

Da mesma sacola de plástico, ele retira uma lata de aerossol de um produto químico descongelante. Quando borrifado sobre uma pedra de gelo, este descongela rapidamente. Se aplicado em vidro, fechaduras e limpadores de para-brisas de um veículo antes de uma nevasca, é garantido que impedirá a formação de gelo. Pelo menos é isso que o rótulo promete. Mas isso não o preocupa: para o que ele deseja não importa se o produto funciona ou não.

Ele retira a tampa da lata pressurizada, expondo o bico. Há duas posições: BORRIFO e JORRO. Ele posiciona em JORRO, depois desliza a lata para dentro do bolso da jaqueta de universidade.

Entre as pernas do cadáver há um enorme arranjo de rosas, cravos, delicadas gipsófilas e samambaias num recipiente verde-resedá. Ele o retira da camionete, segurando com as duas mãos, e fecha a porta com o ombro.

Carregando o arranjo de uma maneira totalmente natural, mas ainda assim ocultando seu rosto dos observadores na camionete vermelha, ele caminha até a porta da casa diante da qual os dois veículos estão estacionados. As flores não estão destinadas a ninguém desse endereço. Ele espera que não haja ninguém em casa. Se alguém atender, ele fingirá que descobriu estar na casa errada, de modo a poder retornar à rua com o arranjo ainda cobrindo o seu rosto.

Ele está com sorte. Ninguém atende à campainha da porta. Ele toca várias vezes e, através da linguagem corporal, exhibe impaciência.

Ele se afasta da porta. Segue pela calçada da frente até a rua. Olhando por entre o leque de flores e samambaias que segura à sua frente, vê que esse lado da camionete também ostenta duas janelas espelhadas no compartimento traseiro. Considerando-se que a rua está muito quieta e deserta, ele sabe que o estão vigiando por falta de algo melhor a fazer.

Tudo bem. Ele é apenas o entregador frustrado de um florista. Eles não verão nenhuma razão para temê-lo. É melhor que o observem, descartem e voltem de novo a atenção para a casa de revestimento de madeira branca.

Ele faz uma curva ao passar pela lateral do carro. Entretanto, em vez de seguir pela calçada rachada e esburacada até a traseira da camionete do florista, ele desce do meio-fio na frente dele e atrás do “caminhão de brinquedo” vermelho.

Há uma portinhola espelhada na porta traseira do veículo de vigilância e, para o caso de ainda estarem observando, ele finge um acidente. Tropeça, deixa o arranjo de flores escapar de suas mãos e xinga com raiva quando as flores se chocam com o pavimento.

— Oh, merda! Filha da puta. Bonito, bonito mesmo. Droga, droga, droga.

Mesmo durante o tempo em que diz as imprecações, ele se deixa cair abaixo da portinhola traseira, tirando a lata do produto químico descongelante do bolso da jaqueta. Com a mão esquerda, agarra a maçaneta da porta.

Se a porta estiver trancada, ele terá revelado suas intenções com a tentativa de abri-la. Se falhar, estará bastante encrencado, porque é provável que eles tenham armas.

No entanto, eles não têm nenhuma razão para esperar um ataque, e ele supõe que a porta não estará trancada. Supõe de maneira correta. A maçaneta se move com suavidade.

Ele não averigua se alguém saiu na rua e o observa. Olhar por cima do ombro só o faria parecer mais suspeito.

Ele abre a porta com um solavanco. Subindo no interior relativamente escuro da camionete, antes de ter certeza de que há alguém lá dentro, ele aperta o dedo indicador no botão da lata de aerossol, varrendo-a para a frente e para trás.

O veículo está cheio de equipamento eletrônico. Painéis de controle com luz fraca. Duas cadeiras giratórias aparafusadas no chão. Dois homens na equipe de vigilância.

O homem mais próximo parece ter levantado da cadeira e se virado para a porta traseira, uma fração de segundo atrás, com a intenção de olhar pela portinhola. Ele fica assustado quando a porta se abre.

O jorro grosso do produto químico descongelante atinge seu rosto, cegando-o. Ele inala o produto, queimando garganta e pulmões. Sua respiração é sufocada antes que ele possa gritar.

Agora, o borrão do movimento. Como uma máquina. Programado. Em alta marcha.

Machado de gelo. Tirado da cintura. Arco suave e poderoso. Girado com grande força. Na témpora direita. Um esmigalhamento ruidoso. O sujeito cai duro. Solta a arma.

Segundo homem. Segunda cadeira. Usando fones de ouvido. Sentado diante de um banco de equipamentos atrás da cabine, de costas para a porta. Os fones abafam os arquejos do parceiro. Sente a comoção. Sente a camionete balançar quando o primeiro operante tomba. Gira. Surpreso, leva a mão tarde demais para a arma no coldre de ombro. O substituto de clava chove em seu rosto.

Mover-se, mover-se, enfrentar, desafiar, lutar e vencer.

O primeiro homem no chão, tendo espasmos desamparados. Chegar até ele, passar por cima, mover-se, mover-se, um borrão, direto ao segundo homem.

Machado. De novo. Machado. Machado.

Silêncio. Quietude.

O corpo no chão já não tem mais espasmos.

Tudo transcorreu bonito. Sem berros, sem gritos, sem tiros.

Ele sabe que é um herói, e os heróis sempre vencem. Mesmo assim, é um alívio quando o triunfo é atingido em vez de ser apenas prognosticado.

Ele está mais relaxado do que esteve durante todo o dia.

Retornando à porta traseira, ele se reclina para fora e olha em volta na rua. Ninguém à vista. Tudo está quieto.

Ele fecha a porta, deixa o machado de gelo cair no chão e contempla os mortos com gratidão. Sente-se tão próximo deles por causa do que compartilharam.

— Obrigado — diz com ternura.

Revista os dois cadáveres. Embora tenham identidades nas carteiras, ele supõe que sejam falsas. Não encontra nada interessante, exceto 76 dólares em dinheiro, dos quais se apodera.

Um rápido exame na camionete não revela nenhum arquivo, blocos de anotação, blocos de memorando ou outros papéis que pudessem identificar a organização proprietária do veículo. Eles administram uma operação fechada e limpa.

Um coldre de ombro com revólver está pendurado nas costas da cadeira em que o primeiro operante estava sentado. É um Smith & Wesson .38 Chief's Special.

Ele tira a jaqueta de universidade, coloca o coldre sobre o suéter cereja, ajusta-o até ficar confortável e veste a jaqueta outra vez. Saca o revólver e abre o tambor. As cabeças das balas brilham. Totalmente carregado. Ele fecha o tambor e volta a colocar a arma no coldre.

O morto no chão tem uma bolsa de couro no cinto. Ela contém dois carregadores rápidos.

Ele os afixa no próprio cinto, o que lhe dá mais munição do que iria precisar se tivesse que tratar apenas do falso pai. Entretanto, parece que seus superiores sem rosto o alcançaram, e ele não pode adivinhar que problemas terá que enfrentar antes de recuperar seu nome, sua família e a vida que lhe roubaram.

O segundo morto, caído na cadeira com o queixo no peito, não conseguiu sacar a arma para a qual estendera a mão. Ela continua no coldre.

Ele a retira. Outro Chief's Special. Por causa do cano curto, o revólver se ajusta ao bolso espaçoso da jaqueta de universidade.

Com aguda consciência de que está perdendo tempo, ele sai da camionete

e fecha a porta.

Os primeiros flocos de neve da tormenta espiralam no céu noroeste numa brisa gelada. São de número pequeno, a princípio, mas grandes e rendados.

Quando atravessa a rua em direção à casa de revestimento branco com venezianas verdes, ele estica a língua para fora da boca a fim de colher alguns flocos. É provável que tenha feito a mesma coisa quando, durante sua infância naquela rua, se encantava com a primeira neve da estação.

Ele não tem nenhuma lembrança de bonecos de neve, batalhas com bolas de neve com outros garotos, nem de andar de trenó. No entanto, deve ter feito essas coisas, que foram apagadas junto com tantas outras coisas, sendo-lhe negada a doce alegria da recordação nostálgica.

Uma calçada de lajes atravessa o gramado da frente com a cor castanha do inverno.

Ele sobe três degraus e atravessa a varanda profunda.

Diante da porta, ele fica paralisado de medo. Seu passado está do outro lado da soleira. O futuro também. Ele chegou bem longe desde a súbita tomada de consciência e desesperada busca de liberdade. Esse pode ser o momento mais importante de sua campanha pela justiça. O ponto de virada. Os pais podem ser aliados dedicados em tempos de encrenca. Sua fé. Sua confiança. Seu amor imortal. Ele tem medo de, à beira do sucesso, fazer alguma coisa que os afaste e destrua suas chances de recuperar sua vida. Tanta coisa está em risco se ele ousar tocar a campanha.

Amedrontado, ele se vira para olhar a rua e fica encantado com a cena, pois a neve cai mais rápido do que quando ele se aproximou da casa. Os flocos ainda são grandes e fofos, milhões deles girando no suave vento noroeste. O branco é tão intenso que parecem luminosos, com cada forma cristalina e rendilhada cheia de uma suave luz interior, e o dia não é mais sombrio. O mundo está tão silencioso e sereno — duas qualidades raras em sua experiência — que não parece mais real, como se num passe de mágica ele tivesse sido transportado para um desses globos de vidro que contêm um diorama com uma estranha cena de inverno, e que se encherá de uma eterna torrente de flocos se for sacudido de tempos em tempos.

A fantasia é atraente. Uma parte dele anseia pela estagnação de um mundo sob o vidro, uma prisão benigna, sem tempo e imutável, em paz, limpo, sem medo nem luta, sem perda, onde o coração nunca é perturbado.

Linda, linda, a neve que cai, embranquecendo o céu antes da terra, com uma efervescência no ar. É tão encantador, comove-o de maneira tão profunda, que seus olhos ficam cheios de lágrimas.

Ele é muito sensível. Às vezes, as experiências mais mundanas são tão comoventes. A sensibilidade pode ser uma maldição num mundo tão abrasivo.

Juntando toda a sua coragem, ele torna a se virar para a casa. Toca a

campanha, espera apenas alguns segundos e toca de novo.

Sua mãe abre a porta.

Ele não tem nenhuma recordação dela, mas sabe por instinto que ela é a mulher que lhe deu vida. Seu rosto é um pouco gorducho, quase não apresenta rugas para sua idade e é a própria essência da cordialidade. As feições dele são um eco das dela. Ela tem o mesmo tom de olhos azuis que ele vê quando se olha no espelho, embora os olhos dela pareçam ser para ele uma janela para a alma muito mais pura do que seus próprios olhos.

— Marty! — diz ela com surpresa e um rápido sorriso afetuosos, abrindo os braços para ele.

Comovido com a aceitação instantânea, ele atravessa a soleira e a abraça, apertando-a com força, como se fosse afogar-se se a soltasse.

— Querido, o que é? O que há de errado? — ela pergunta.

Só então ele percebe que está soluçando. Está tão comovido com o amor dela, tão *grato* por haver encontrado um lugar de onde faz parte e onde é bem-vindo que não consegue controlar suas emoções.

Ele pressiona o rosto nos cabelos brancos dela, que têm um leve cheiro de xampu. Ela parece tão afetuada, mais afetuada do que outras pessoas, e ele se pergunta se todas as mães são assim.

Ela chama seu pai:

— Jim! Vem aqui, rápido!

Ele tenta falar, tenta dizer que a ama, mas sua voz se rompe antes que ele possa formar uma única palavra.

Então, seu pai aparece no corredor, caminhando apressado na direção deles.

As lágrimas deformantes não podem impedir que ele reconheça o pai. Os dois se parecem muito mais do que ele e a mãe.

— Marty, filho, o que aconteceu?

Ele troca um abraço pelo outro, com muda gratidão pelos braços abertos do pai, não mais solitário, vivendo agora num mundo sob o vidro, apreciado e amado, amado.

— Onde está Paige? — pergunta a mãe, olhando pela porta aberta o dia cheio de neve. — Onde estão as meninas?

— Nós estávamos almoçando no café-restaurante — diz o pai — quando Janey Torreson disse que você estava no noticiário, alguma coisa sobre você ter atirado em alguém, mas que talvez fosse um embuste. Não fazia nenhum sentido.

Ele ainda está sufocado pela emoção, sem conseguir responder.

— Tentamos ligar para você assim que saímos pela porta, mas fomos atendidos pela secretária eletrônica, de modo que deixei um recado — falou o pai.

Mais uma vez, a mãe pergunta por Paige, Charlotte e Emily.

Ele precisa recuperar o autocontrole, porque o falso pai pode chegar a qualquer momento.

— Mamãe, papai, estamos metidos numa baita encrenca — ele diz — Vocês têm que nos ajudar, por favor, meu Deus, vocês têm que ajudar.

A mãe fecha a porta para o frio ar de dezembro, e eles o levam para a sala de estar, cada qual de um lado, cercando-o com seu amor, tocando-o, os rostos cheios de preocupação e compaixão. Ele está em casa. Enfim, está em casa.

Ele se lembra da sala de estar tão pouco quanto da mãe, do pai ou das neves de sua juventude. O chão de carvalho está meio coberto por um tapete estilo persa, em tons de pêssego e verde. Os móveis são estofados com um tecido cor-de-chá, e a madeira visível é uma cerejeira escura vermelho acastanhado. Sobre a lareira, flanqueado por um par de vasos que apresentam cenas de um templo chinês, um relógio tiquetaqueia solene.

Enquanto o leva até o sofá, a mãe diz:

— Querido, de quem é a jaqueta que está usando?

— Minha — ele responde.

— Mas é o *novo* modelo da jaqueta da universidade.

— Paige e as meninas estão bem? — pergunta o pai.

— Sim, estão bem, não foram machucadas — ele diz.

A mãe apalpa a jaqueta:

— A escola só adotou esse modelo há dois anos.

— É minha — ele repete. E tira o quepe de beisebol antes que ela note que é um pouco grande para ele.

Uma das paredes exhibe um arranjo de fotografias dele, de Paige, de Charlotte e de Emily em diferentes idades. Ele desvia os olhos daquela galeria, que tanto o afeta e ameaça arrancar mais lágrimas dele.

Ele precisa recuperar-se e manter o controle sobre suas emoções para poder comunicar a seus pais o essencial de sua situação complexa e misteriosa. Os três têm pouco tempo para bolar um plano de ação antes da chegada do impostor.

Sua mãe senta-se ao seu lado no sofá. Ela segura a mão direita dele com as suas, apertando-a com suavidade, de maneira encorajadora.

A sua esquerda, seu pai se aboleta na beirada de uma poltrona, reclinando-se para a frente, atento, a testa franzida de preocupação.

Ele tem tanto para contar e não sabe por onde começar. Ele hesita. Por um momento, tem medo de jamais encontrar a primeira palavra certa, de ficar mudo, oprimido por um bloqueio psicológico muito pior do que aquele que o afligia na primeira vez em que se sentou diante do computador em seu gabinete e tentou escrever a primeira frase de um novo romance.

Entretanto, quando subitamente começou a falar, as palavras jorraram

como as águas de uma tormenta que explodem uma barricada.

— Um homem, tem um homem, ele se parece comigo, é *exatamente* igual a mim, nem eu consigo ver alguma diferença, e ele roubou minha vida. Paige e as meninas pensam que ele sou eu, mas não é, não sei quem ele é nem como engana Paige. Ele tomou minhas lembranças, deixando-me com nada e eu não sei como, não sei como, como conseguiu roubar tantas coisas de mim, deixando-me tão vazio.

O pai parece assustado, e bem podia *estar* assustado com essas revelações terríveis. Mas há algo de errado no susto de papai, alguma qualidade sutil que se esquia da definição.

As mãos de mamãe apertam sua mão direita de uma maneira que parece mais reflexiva do que consciente. Ele não ousa olhar para ela.

Ele continua apressado, consciente de que eles estão confusos, ansioso para fazê-los compreender.

— Fala como eu, move-se e fica parado como eu, parece *ser* eu, de forma que pensei muito, tentando compreender quem ele poderia ser, de onde poderia vir, mas deve ser como nos filmes, vocês sabem, como com Kevin McCarthy ou Donald Sutherland na segunda versão de *Vampiros de Almas*, algo não humano, não desse mundo, algo que nos pode *imitar* à perfeição e sugar nossas memórias, *tornar-se* nós, só que de alguma forma ele não conseguiu matar-me e se livrar de meu corpo, depois que tirou o que havia em minha mente.

Ele faz uma pausa, ofegante.

Por um momento, nenhum dos pais fala.

Eles trocam um olhar. Ele não gosta desse olhar. Não gosta nem um pouco.

— Marty — diz o pai —, talvez seja melhor você voltar ao começo, diminuir a velocidade, contar-nos exatamente o que aconteceu, passo a passo.

— Estou tentando contar — diz ele, exasperado. — Sei que é incrível, difícil de acreditar, mas sou *eu* que está lhe dizendo, pai.

— Quero ajudá-lo, Marty. Quero acreditar. Portanto, acalme-se, conte-me tudo desde o começo, dê-me uma chance para compreender.

— Não temos muito tempo. Você não entende? Paige e as meninas estão vindo para cá com esse... essa criatura, essa coisa inumana. Tenho que tirá-las dele. Com a ajuda de vocês, tenho que matá-lo de alguma forma e ter minha família de volta, antes que seja tarde demais.

A mãe está pálida, mordendo o lábio. Seus olhos umedeceram-se com lágrimas nascentes. Suas mãos fecharam-se com tanta força sobre a sua que quase o machucam. Ele ousa esperar que ela compreenda a urgência e a natureza medonha da ameaça.

— Tudo vai ficar bem, mãe — diz ele. — Vamos tratar disso de alguma

forma. Juntos, temos uma chance.

Ele olha de soslaio para as janelas da frente. Espera ver o BMW chegando na rua nevada, entrando na estradinha de carro. Ainda não. Eles ainda têm tempo, talvez apenas minutos, segundos, mas tempo.

O pai pigarreia e diz:

— Marty, não sei o que está acontecendo aqui...

— Eu lhe *disse* o que está acontecendo — berra. — Que droga, pai, vocês não sabem pelo que passei — as lágrimas brotam de novo e ele se esforça para reprimi-las. — Passei por tanta dor, senti tanto medo até onde consigo me lembrar, com muito medo e sozinho e tentando compreender.

O pai estica o braço, coloca a mão em seu joelho. Papai está perturbado, mas não da maneira que deveria estar. Não está visivelmente furioso porque uma entidade alienígena roubou a vida do filho, não está amedrontado como devia estar com a notícia de uma presença não humana que agora caminha na face da terra, passando-se por humana. Ele apenas parece preocupado e... triste. Há uma tristeza inconfundível e inadequada em seu rosto e em sua voz.

— Você não está sozinho, filho. Estaremos sempre aqui. Com certeza, você sabe disso.

— Estaremos a seu lado — diz mamãe. — Vamos dar-lhe a ajuda que precisar.

— Se Paige está vindo, como você diz — acrescenta o pai —, quando chegar aqui, vamos nos sentar juntos para conversar sobre isso e tentar compreender o que está acontecendo.

Suas vozes são vagamente condescendentes, como se estivessem falando com uma criança inteligente e perceptiva, mas uma criança, mesmo assim.

— Calem a boca! Tratem de calar a boca! — Ele solta a mão do aperto da mãe e salta do sofá, trêmulo de frustração.

A janela. A neve que cai. Nenhum BMW Mas logo.

Ele se afasta da janela, encara os pais.

A mãe está sentada na beirada do sofá, o rosto enterrado nas mãos, os ombros arqueados numa postura de aflição e desespero.

Ele precisa fazê-los compreender. Está *consumido* por essa necessidade e frustrado por sua incapacidade de mostrar-lhes até os fatos mais fundamentais da situação.

O pai se levanta da cadeira. Para indeciso. Os braços pendem nos lados.

— Marty, você veio a nós para pedir ajuda e queremos ajudar, Deus sabe que queremos, mas não podemos ajudar se você não deixar.

Tirando as mãos do rosto, agora com lágrimas nas faces, a mãe diz:

— Por favor, Marty. *Por favor.*

— Todo mundo comete erros de vez em quando — diz o pai.

— Se forem drogas — diz a mãe por entre lágrimas, falando tanto para o

pai como para ele —, podemos dar um jeito, querido podemos tratar, podemos achar um tratamento.

Seu mundo encerrado em vidro — lindo, pacífico, sem tempo —, no qual viveu durante os preciosos minutos desde que a mãe abriu os braços para ele na porta da frente, agora se fratura de forma repentina. Uma medonha fenda denteada cicatriza a macia curva do cristal. A atmosfera doce e limpa desse breve paraíso escapa com um *vapt*, admitindo o ar venenoso do odioso mundo no qual a existência requer uma luta infundável contra a desesperança, a solidão, a rejeição.

— Não façam isso comigo — suplica. — Não me traiam. Como podem fazer isso comigo? Como podem voltar-se contra mim? Sou seu filho — a frustração transforma-se em raiva. — Seu filho único. — A raiva transforma-se em ódio. — Eu preciso, *preciso*. Não podem ver? — Ele está tremendo de raiva. — Não se importam? Vocês não têm coração? Como podem ser tão maus comigo, tão cruéis? Como puderam deixar que chegasse a esse ponto?

12.

Eles param no posto de serviços em Bishop o tempo suficiente para comprar correntes de neve — e pagam um dinheiro extra para elas serem encaixadas nas rodas do BMW. A Patrulha da Autoestrada da Califórnia recomendava, mas ainda não exigia, que todos os veículos que se dirigiam a Sierra Nevada estivessem equipados com correntes.

A Rota 395 tornava-se uma estrada dividida a oeste de Bishop e, apesar da dramática elevação, eles progrediram por Rovanna e Crowley Lake, por McGee Creek e Convict Lake, saindo da 395 para a Rota 203 um pouco ao sul de Fonte de Águas Termais Casa Diablo.

Casa Diablo. Casa do Diabo.

O significado do nome nunca antes violou Marty.

Agora tudo era um presságio.

A neve começou a cair antes de chegarem a Mammoth Lakes.

Os flocos grossos eram trançados quase tão frouxos quanto renda barata. Caíam em tal plenitude que parecia que mais da metade do volume do ar entre a terra e o céu era ocupada por neve. No mesmo instante começou a grudar, cobrindo a paisagem com falso arminho.

Paige atravessou Mammoth Lakes sem parar e virou ao sul em direção a Lake Mary. No assento traseiro, Charlotte e Emily estavam tão enlevadas com a nevada que, por hora, não precisavam ser entretidas.

A leste das montanhas, o céu estava cinza-preto e agitado. Ali, no centro invernal de Sierras, era como um olho ciclópico revestido de uma catarata leitosa.

O ponto de desvio da Rota 203 foi marcado por um bosque de pinheiros,

cujos exemplares mais altos ostentavam cicatrizes de golpe de relâmpago com uma década de idade. O raio não apenas causara dano ao pinheiro, mas também o encorajara a assumir padrões mutantes de crescimento, até ele se tornar uma torre maligna e retorcida.

Os flocos de neve eram menores do que antes, caíam com mais força, impelidos pelo vento noroeste. Após um início jocoso, a tormenta estava ficando séria.

Atravessando campinas e florestas da montanha — cada vez mais florestas e menos campinas —, a estrada em ascensão passou, num dado momento, por uma propriedade cercada por correntes de argolas, de mais de quarenta hectares, à direita. Esse terreno fora comprado onze anos antes pela Igreja Profética do Êxtase, um culto que seguira os ensinamentos do reverendo Jonathan Caine e acreditava que em breve os fiéis seriam levitados da terra, enquanto só os pagãos e os maus seriam deixados aqui para suportar mil anos de guerra e inferno na terra, antes de acontecer o Juízo Final.

Veio-se a saber que Caine era um molestador infantil, que gravava em vídeo seu abuso nas crianças membros do culto. Ele foi parar na prisão, dois mil seguidores se dispersaram nos ventos da desilusão e da traição, e a propriedade com seus prédios ficara presa por litígios durante quase cinco anos.

Algumas fantasias eram destrutivas.

A cerca de corrente, encimada por rolos de perigoso fio cortante, caíra em alguns trechos. Ao longe, o pináculo da igreja elevava-se bem acima das árvores. Atrás dele estavam os telhados inclinados de um grupo de prédios, onde os fiéis haviam dormido, tomado suas refeições e esperado serem elevados aos céus pela mão direita do Senhor Todo-poderoso. O pináculo não fora tocado. Mas nos prédios abaixo faltavam muitas portas e janelas: casa de ratos, gambás e guaxinins tosquiados de glória e peludos de decadência. Às vezes, os vândalos tinham sido humanos. Mas o vento, o gelo e a neve causaram a maior parte do estrago, como se Deus, através do clima urdido ao Seu capricho, tivesse feito um julgamento da Igreja Profética do Êxtase que ainda não estava preparado para fazer do resto da humanidade.

A cabana também ficava à direita da estreita estrada do condado, era a próxima propriedade depois da enorme área do falecido culto. Situada dez metros atrás da estrada, ao fim de uma pista de terra, era um dos muitos abrigos semelhantes, espalhados nos morros vizinhos, a maioria deles em meio ou mais hectares de terra.

Era uma estrutura de um andar, com tábuas de cedro prateado pelo tempo, telhado de ardósia, varanda da frente protegida por tela e fundações de pedra de rio. Com o correr dos anos, sua mãe e seu pai haviam expandido o prédio original até que ele contivesse dois quartos, cozinha, sala de estar e dois banheiros.

Eles estacionaram diante da cabana e saltaram do BMW. Os abetos, pinheiros de açúcar e pinheiros americanos circundantes eram antigos e enormes, e o ar revigorante estava adocicado com o seu aroma. Redemoinhos de folhas de pinheiro e grandes quantidades de pinhas se espalhavam pela propriedade. A neve só chegava ao solo nos lugares entre as árvores e nas fendas ocasionais de seus galhos cobertos de sapê.

Marty foi até o depósito de madeira atrás da cabana. A porta era mantida trancada por uma cavinha e uma argola de cadeado. No interior, perto da parede à direita da entrada, uma chave de reserva embrulhada em plástico estava enterrada um centímetro no chão de terra.

Quando Marty retornou à frente da cabana, Emily circundava agachada uma das árvores maiores, examinando as pinhas que haviam caído de seus galhos. Charlotte dançava um balé exagerado num espaço aberto entre as árvores, onde um feixe largo de neve caía como um refletor sobre um palco.

— Eu sou a Rainha da Neve — anunciou Charlotte ofegante, enquanto girava e saltava. — Tenho poder sobre o vento! Posso mandar a neve cair! Posso deixar o mundo brilhando e branco e lindo!

Quando Emily começou a colher uma braçada de pinhas, Paige disse:

— Querida, você não vai levá-las para dentro de casa.

— Vou fazer algum tipo de arte.

— Elas estão sujas.

— Elas são lindas.

— Elas são lindas *e* sujas — disse Paige.

— Vou fazer arte aqui fora.

— Neve cai! Neve sopra! Neve gira e roda e salta! — comandava a Rainha da Neve, enquanto Marty galgava os degraus de madeira e abria a porta de tela da varanda.

Nessa manhã, as meninas estavam vestidas de *jeans* e suéteres de lã, prontas para as Sierras, e também usavam jaquetas de náilon com isolamento térmico e luvas de pano. Elas queriam ficar brincando do lado de fora. Contudo, ainda que estivessem de botas, o ar livre estaria fora dos limites. Dessa vez, a cabana não era apenas um refúgio de férias, mas sim um abrigo enclausurado que talvez tivesse que ser transformado em fortaleza, enquanto os bosques vizinhos talvez abrigassem algo muito mais perigoso do que lobos.

Lá dentro, o local tinha um leve cheiro de mofo. Na verdade, o interior parecia mais frio do que o dia nevado fora de suas paredes.

Toras foram empilhadas e lenha adicional foi armazenada a um lado da lareira larga e profunda. Mais tarde, acenderiam o fogo. Para aquecer a cabana rapidamente, Paige foi de quarto em quarto, ligando os aquecedores elétricos instalados nas paredes.

Parado diante de uma das janelas da frente, olhando pela varanda

protegida por tela e para o caminho de terra que levava à estrada do condado, Marty usou o telefone celular que trouxera do carro para tentar mais uma vez falar com sua família em Mammoth Lakes.

— Pai — disse Charlotte enquanto ele digitava os números —, eu estava pensando... quem vai dar comida para Sheldon e Bob e Fred e os outros sujeitos lá em casa se não estamos lá?

— Já combinei com a Sra. Sanchez para tomar conta disso — ele mentiu, já que ainda não encontrara a coragem para contar que todos os seus animais de estimação tinham sido mortos.

— Oh, está bem. Então uma coisa boa é que a Sra. Sanchez não ficou louca de raiva.

— Está ligando pra quem, papai? — perguntou Emily quando o primeiro toque soou no outro lado da linha.

— Vovô e vovó.

— Fale que vou fazer uma escultura de pinhas pra eles.

— Puxa — disse Charlotte —, isso vai fazer com que eles vomitem.

O telefone tocou pela terceira vez.

— Eles gostam da minha arte — insistiu Emily.

— Eles são obrigados... são seus avós — falou Charlotte.

Quatro toques.

— Sim, bem, você também não é a Rainha da Neve — disse Emily.

— Sou sim.

Cinco.

— Não, você é o Duende da Neve.

— Você é o Sapo da Neve — replicou Charlotte. Seis.

— Verme da Neve.

— Larva da Neve.

— Ranho da Neve.

— Vômito da Neve.

Marty lançou-lhes um olhar de advertência que pôs um fim na competição de xingamentos, embora as duas se tenham jogado as línguas para fora.

Após o sétimo toque, Marty pôs o dedo no botão END. Porém, antes que pudesse apertá-lo, a ligação foi atendida.

A pessoa que tirou o fone do gancho não disse nada.

— Alô? — disse Marty. — Mãe? Pai?

Deixando escapar um som ao mesmo tempo triste e furioso, o sujeito no outro lado da linha disse:

— Como você conseguiu ganhá-los?

Marty sentiu como se tivesse formado gelo em suas veias e medula, mas não por causa do frio penetrante da cabana, e sim porque a voz que respondera

era uma imitação perfeita da sua.

— Por que eles o amariam mais do que a mim? — perguntou O Outro, a voz trêmula de emoção.

Um manto de medo caiu sobre Marty, e um senso de irrealidade tão desorientador quanto qualquer pesadelo. Ele parecia estar sonhando de olhos abertos.

— Não toque neles, seu filho da puta. Não ponha nenhum dedo neles.

— Eles me traíram.

— Quero falar com minha mãe e meu pai — pediu Marty.

— *Minha mãe e meu pai* — disse O Outro.

— Ponha-os na linha.

— Para você contar mais mentiras para eles?

— Ponha-os na linha agora — disse Marty com os dentes trincados.

— Eles não podem mais escutar suas mentiras.

— O que você fez?

— Eles pararam de escutar você.

— O que você fez?

— Eles não me dariam o que preciso.

Com a compreensão, o medo tornou-se aflição. Por um momento, Marty não conseguiu encontrar a própria voz.

— Tudo que eu precisava era ser amado — disse O Outro.

— O que você fez? — ele gritava. — Quem é você, o que você é, droga, o que você é, o que você fez?

Ignorando as perguntas, O Outro respondeu com outras perguntas:

— Você pôs Paige contra mim? Minha Paige, minha Charlotte, minha doce e pequena Emily? Tenho alguma esperança de tê-las de volta, ou também terei que matá-las? — A voz se perdeu com a emoção. — Oh, Deus, ainda há sangue nas veias delas, elas continuam sendo humanas, ou você as transformou em alguma outra coisa?

Marty percebeu que os dois não podiam travar uma conversação. Era loucura tentar. Por mais que pudessem parecer e falar iguais, eles não tinham bases comuns. De maneiras fundamentais, os dois eram tão diferentes um do outro como os membros de espécies diferentes.

Marty apertou o botão END.

Suas mãos tremiam tanto que ele deixou o telefone cair.

Quando virou-se da janela, viu que as meninas estavam juntas, de mãos dadas. Olhavam fixo, pálidas e amedrontadas.

Seus gritos haviam tirado Paige de um dos quartos, onde estava ajustando o aquecedor elétrico.

Imagens dos rostos de seus pais e queridas lembranças de uma vida de amor inundaram sua mente, mas ele reprimiu-as com resolução. Se cedesse ao

sofrimento agora, se perdesse um tempo precioso com lágrimas, estaria condenando Paige e as meninas a uma morte certa.

— Ele está aqui — disse Marty. — Está vindo e não temos muito tempo.

PARTE TRÊS

Novos Mapas do Inferno

*Aqueles que baniriam o pecado da ganância
abraçam o pecado da inveja como seu credo.
Aqueles que também procuram banir a inveja
só traçam novos mapas elaborados do inferno.*

*Aqueles com paixão para mudar o mundo
se veem como santos, como pérolas,
e ao lançar o nobre empenho
fogem para sempre da temida introspecção.
O Livro dos Sofrimentos Contados*

*Ria dos tiranos e da tragédia que eles causam. Esses homens
dão boas-vindas às nossas lágrimas como prova de subserviência,
mas nossa risada os condena à ignomínia.*

Rio Infinito, Laura Shane

SEIS

I.

Ele está parado na cozinha de seus pais, vendo a neve cair pela janela acima da pia, trêmulo de fome e devorando vorazmente as sobras de um bolo de carne.

Esse é um dos momentos decisivos que separam os verdadeiros heróis dos embusteiros. Quando tudo está mais sombrio, quando tragédia se empilha sobre tragédia, quando a esperança parece ser um jogo apenas para idiotas e tolos, Harrison Ford, Kevin Costner, Tom Cruise, Wesley Snipes ou Kurt Russel pulam fora? Não. Jamais. Impensável. Eles são heróis. Eles perseveram. Rebelam-se contra a ocasião. Eles não apenas lidam com a adversidade, mas também *florescem* com ela. Por haver compartilhado os piores momentos desses grandes homens, ele sabe como enfrentar a devastação emocional, a depressão mental, os maus-tratos físicos em grandes doses, e até mesmo a ameaça de dominação alienígena da terra.

Mover-se, mover-se, enfrentar, desafiar, lutar e vencer.

Ele não precisa alongar-se na tragédia da morte de seus pais. As criaturas que destruiu não eram, com certeza, seu pai e sua mãe, mas sim imitações como aquela que lhe roubou a vida. Talvez nunca viesse a saber quando seus verdadeiros pais foram assassinados e substituídos e, em todo caso, precisava adiar o momento de se preocupar com eles.

Pensar demais em seus pais — ou em qualquer coisa — não é apenas perda de um tempo precioso, mas é também anti-heroico. Os heróis não pensam. Os heróis *agem*.

Mover-se, mover-se, enfrentar, desafiar, lutar e vencer.

Quando acaba de comer, ele vai até a garagem através de um quarto-lavanderia ao lado da cozinha. Ao atravessar a soleira, ele acende as luzes fluorescentes e descobre que dois veículos estão à sua disposição — um velho Dodge azul e um jipe Wagoneer que parece novo. Ele vai usar o jipe por causa de sua tração nas quatro rodas.

As chaves do veículo estão penduradas num quadro de pregos da lavanderia. Dentro de um armário ele encontra uma caixa grande de detergente. Lê a relação dos produtos químicos na caixa, satisfeito com o que descobre.

Retorna à cozinha.

O final de uma série de armários mais baixos é marcado por uma prateleira de vinho. Depois de localizar um saca-rolhas numa gaveta, ele abre quatro garrafas e despeja o vinho na pia.

Em outra gaveta da cozinha, entre outras bugigangas ele encontra um funil de plástico. Uma terceira gaveta está cheia de toalhas brancas limpas, e a quarta é a fonte para uma tesoura e uma caixa de fósforos.

Ele leva as garrafas e os outros artigos de lavanderia, colocando-os balcão de azulejos ao lado da pia funda.

De novo na garagem, ele tira uma lata vermelha com cinco galões de gasolina de uma prateleira à esquerda da bancada de trabalho. Quando desparafusa a tampa, vapores de alta octanagem exalam do recipiente. Da primavera ao outono, é provável que papai mantenha gasolina na lata para o cortador de grama, mas agora ele está vazio.

Fazendo uma revista minuciosa nas gavetas e armários em volta da bancada, ele encontra um rolo de tubo de plástico flexível numa caixa de peças de reparo para o sistema de filtragem de água potável da cozinha. Com isso, ele chupa gasolina do Dodge para a lata de cinco galões.

Na pia da lavanderia, ele usa o funil para despejar dois centímetros de detergente no fundo de cada garrafa de vinho vazia. Acrescenta gasolina. Corta as toalhas, fazendo tiras utilizáveis.

Embora tenha dois revólveres e vinte cargas de munição, ele quer acrescentar coquetéis Molotov a seu arsenal. Suas experiências das últimas 24 horas, desde o primeiro confronto com o falso pai, ensinaram-no a não subestimar o adversário.

Ainda espera salvar Paige, Charlotte e a pequena Emily. Continua desejando a reunião e a renovação de sua vida juntos.

Entretanto, precisa encarar a realidade e se preparar para a possibilidade de que sua mulher e suas filhas já não sejam mais quem eram. Podem ter tido as mentes escravizadas. Por outro lado, também podem ter sido infectadas por parasitas de outro mundo, com os cérebros agora ociosos e cheios de monstruosidades retorcidas. Ou podem não ser elas mesmas, apenas replicantes das verdadeiras Paige, Charlotte e Emily, assim como o falso pai é um replicante dele, surgido de uma semente de vagem de alguma estrela distante.

As variedades de infestação alienígena são estranhas e ilimitadas, mas uma arma salvou o mundo mais do que outras: o fogo. Kurt Russell, quando era membro de um posto avançado de pesquisa científica na Antártica, confrontara-se com um ser extraterrestre que astutamente mudara de forma infinitas vezes, talvez o alienígena mais assustador e poderoso a tentar colonizar a terra e o fogo fora de longe a arma mais eficiente contra esse formidável inimigo.

Ele se pergunta se quatro bombas incendiárias são suficientes. Em todo caso, é provável que não tenha tempo de usar mais. Se alguma coisa explodir de dentro do falso pai, de Paige ou das meninas, e se for tão hostil quanto as coisas que explodiram de dentro das pessoas da estação de pesquisa de Kurt Russell, sem dúvida ele seria dominado antes que pudesse usar mais do que quatro bombas de gasolina, considerando-se o tempo que ele teria que perder para acender cada uma delas. Ele gostaria de ter um lança-chamas.

Parado junto a uma das janelas da frente, observando a neve pesada filtrar-se através das árvores e cair sobre a pista que levava para a estrada do condado, Marty tirou punhados de munição de 9mm das caixas que haviam trazido de Mission Viejo. Distribuiu cartuchos nos inúmeros bolsos com zíper de sua jaqueta de esquiarm vermelha e preta, bem como nos bolsos do *jeans*.

Paige carregou o pente da Mossberg. Tivera menos tempo do que Marty para praticar tiro à distância com a pistola e se sentia mais confortável com a cano 12.

Eles tinham oitenta cartuchos para a espingarda e cerca de duzentas balas de 9mm para a Beretta.

Marty sentia-se indefeso.

Nenhuma quantidade de armas teria feito com que ele se sentisse melhor.

Após desligar o telefonema do Outro, ele tinha pensado em sair da cabana e fugir. Mas se eles foram seguidos até ali com tanta facilidade, seriam seguidos aonde quer que fossem. Era melhor fazer uma parada num lugar que podia ser defendido do que ser abordado numa estrada ou ser surpreendido num local mais vulnerável do que a cabana.

Ele quase chamou a polícia local para enviá-la à casa dos pais. Mas certamente O Outro já teria ido embora quando os policiais chegassem lá, e as provas que colhessem — impressões digitais e Deus sabe o que mais — só fariam parecer que ele tinha assassinado seus próprios pais. Os meios de comunicação já o viam como uma personalidade instável. A cena na casa de Mammoth Lake contribuiria para a fantasia que estavam vendendo. Se ele fosse preso hoje, amanhã ou na semana seguinte — ou apenas detido durante algumas horas sem ser fichado —, Paige e as meninas ficariam sozinhas, situação que ele considerava intolerável.

Eles não tinham outra escolha a não ser entrincheirar-se e lutar. Que era tão pouca escolha quanto uma sentença de morte.

Lado a lado no sofá, Charlotte e Emily ainda usavam as jaquetas e luvas. Estavam de mãos dadas, uma dando força à outra. Apesar de estarem assustadas, não choravam ou pediam para ser tranquilizadas como muitas crianças poderiam fazer na mesma situação. Elas sempre foram verdadeiros soldados, cada uma à sua maneira.

Marty não sabia ao certo como aconselhar as filhas. Em geral, como ocorria com Paige, ele não ficava perdido quanto à orientação que precisava dar a elas sobre os problemas da vida. Paige brincava dizendo que eles eram a Fabulosa Máquina de Pais Stillwater, uma expressão que continha tanto auto escárnio quanto genuíno orgulho. Mas, dessa vez, estava desorientado quanto às palavras, porque ele tentava nunca mentir para elas e não tinha a intenção de começar agora. No entanto, não ousava dividir com elas sua avaliação fria das

chances que tinham.

— Meninas, venham aqui, façam uma coisa pra mim — disse ele.

Ansiosas para ter alguma distração, elas desceram do sofá e juntaram-se a ele na janela.

— Fiquem aqui — disse — e vigiem a estrada pavimentada lá fora. Se algum carro entrar na estradinha, ou se passar devagar demais, fazendo alguma coisa suspeita, vocês gritam. Entenderam?

As duas afirmaram com um aceno solene de cabeça.

— Vamos examinar todas as outras janelas — disse Marty para Paige —, verificar se estão trancadas e fechar as cortinas.

Se O Outro conseguisse aproximar-se da cabana sem alertá-los, Marty não queria que o bastardo pudesse observá-los — ou atirar neles — através de uma janela.

Todas as janelas que ele examinou estavam trancadas.

Na cozinha, enquanto cobria uma janela que dava para um bosque profundo atrás da cabana, ele se lembrou que sua mãe havia feito as cortinas na máquina de costura do quarto de hóspedes da casa em Mammoth Lakes. Ele teve uma imagem mental dela, sentada diante da Singer, o pé no pedal, observando a agulha com atenção enquanto ela trepidava para cima e para baixo.

Seu peito contraiu-se de dor. Ele respirou fundo, deixou que a dor saísse com um tremor, depois uma outra vez, tentando não apenas expulsar a dor, mas também a lembrança que a engendrara.

Mais tarde haveria tempo para o sofrimento, se sobrevivessem.

Nesse exato momento, ele tinha que pensar apenas em Paige e nas meninas. Sua mãe estava morta. Eles estavam vivos. A verdade fria: o luto era um luxo.

Ele alcançou Paige no segundo dos dois quartos pequenos, no momento em que ela terminava de ajustar as cortinas. Paige acendera a lâmpada da mesinha-de-cabeceira, de modo a não ficar no escuro quando fechasse as janelas, e agora ela se mexia para apagá-la.

— Deixe acesa — disse Marty. — Com a tempestade, o crepúsculo será longo e começará cedo. De fora, é provável que ele possa saber que aposentos estão acesos. Não faz sentido facilitar para que ele imagine exatamente onde estamos.

Ela ficou quieta, de olhos fixos no pano âmbar da cúpula do abajur, como se o futuro deles pudesse ser profetizado pelos vagos padrões daquele tecido iluminado.

No final, ela olhou para ele.

— Quanto tempo temos?

— Talvez dez minutos, talvez duas horas. Depende dele.

— Marty, o que vai acontecer?

Foi a vez de Marty ficar calado por um momento. Tampouco queria mentir para ela.

Quando enfim falou, Marty ficou surpreso ao se ouvir, porque a coisa saiu das profundezas do subconsciente, era autêntica e indicava um otimismo maior do que ele captava a nível consciente.

— Vamos matar esse filho da puta. — Otimismo ou auto ilusão fatal.

Ela foi até ele, contornando o pé da cama, e os dois se abraçaram. Paige sentia-se tão bem nos braços dele. Por um momento, o mundo não pareceu mais maluco.

— Nós ainda nem sabemos quem ele é, o que ele é, de onde vem — disse ela.

— E talvez nunca descubramos. Talvez, mesmo depois de matarmos o filho da puta, jamais possamos saber o que foi isso tudo.

— Se jamais descobrirmos, não poderemos juntar as peças.

— Não.

Ela deitou a cabeça no ombro dele e deu um delicado beijo na penumbra exposta dos hematomas que marcavam o pescoço de Marty.

— Talvez nunca nos sintamos seguros.

— Não em nossa antiga vida. Porém, desde que estejamos juntos, nós quatro — disse ele —, posso deixar tudo para trás.

— A casa, tudo que há nela, minha carreira, a sua...

— Nada disso importa realmente.

— Uma vida nova, novos nomes... Que futuro as meninas terão?

— O melhor que pudermos dar. Nunca houve nenhuma garantia. Nunca há garantia nesta vida.

Ela levantou a cabeça do ombro dele e olhou dentro de seus olhos.

— Posso mesmo lidar com isso quando ele aparecer?

— Claro que pode.

— Sou apenas uma conselheira familiar se especializando em problemas comportamentais infantis nas relações pais-filhos. Não sou a heroína de uma história de aventuras.

— E eu sou apenas um escritor de romances de mistério. Mas nós podemos fazer isso.

— Estou com medo.

— Eu também.

— Mas se tenho tanto medo agora, onde vou encontrar a coragem para pegar a espingarda e defender minhas filhas contra uma coisa... uma coisa como essa?

— Imagine que você é a heroína de uma história de aventura.

— Se ao menos fosse tão fácil assim.

— Talvez seja... de certa maneira — ele disse. — Você sabe que não sou

muito a favor de explicações freudianas. Imagino que, com muita frequência, nós decidimos ser o que somos. Você é um exemplo vivo, depois de tudo pelo que passou quando criança.

Ela fechou os olhos.

— De certa forma, é mais fácil eu me imaginar como conselheira familiar do que como Kathleen Turner em *Tudo por uma Esmeralda*.

— Quando nos conhecemos — disse ele —, você não conseguia imaginar-se como esposa e mãe. Para você, uma família nada mais era que uma prisão, prisão e câmara de tortura. Você não queria mais fazer parte de uma família.

Ela abriu os olhos.

— Você me ensinou a fazer.

— Não ensinei coisa alguma. Só mostrei a você como imaginar uma boa família, uma família saudável. Uma vez que você foi capaz de imaginar isso, pôde aprender a acreditar nessa possibilidade. A partir daí, você mesma se ensinou.

— Quer dizer que a vida é uma forma de ficção, hem?

— Toda vida é uma história. Nós a fazemos enquanto seguimos.

— Está bem. Tentarei ser Kathleen Turner.

— Melhor do que ela.

— O quê?

— Sigourney Weaver.

Ela sorriu.

— Eu gostaria de ter uma dessas enormes malditas armas futurísticas, como a que ela costumava usar quando interpretava Ripley.

— Vamos, é melhor irmos ver se nossas sentinelas ainda estão em seu posto.

Na sala de estar, ele liberou as meninas do serviço junto à única janela sem cortina e sugeriu que fervessem um pouco de água para fazer canecas de chocolate quente. A cabana estava sempre abastecida de mercadorias básicas em lata, inclusive leite em pó com sabor chocolate. Os aquecedores elétricos ainda não haviam tirado o frio do ar para que todos pudessem usar um pouco do calor interno. Além disso, fazer chocolate quente era uma tarefa tão *normal* que poderia dissipar parte da tensão e acalmar-lhes os nervos.

Ele olhou pela janela, para além da varanda protegida por uma tela, além da traseira do BMW. Havia tantas árvores entre a cabana e a estrada do condado que a entrada de carros de cem metros estava inundada de sombras profundas, mas ainda assim ele pôde ver que ninguém se aproximava, num veículo ou a pé.

Marty estava razoavelmente confiante de que O Outro, em vez de chegar por trás da cabana, iria diretamente para eles. Para começar, a propriedade fazia fundos com os quarenta hectares de terra da igreja morro abaixo e, numa

parcela maior, morro acima, o que tornava uma abordagem indireta mais ou menos árdua e demorada.

A julgar por seu comportamento anterior, O Outro sempre optava por ações arrojadas e abordagens abruptas. Ele parecia carecer de jeito ou paciência para a estratégia. Era mais um executor do que pensador, o que quase garantia um ataque furioso — e não sorrateiro.

Essa característica podia ser a fraqueza mortal do inimigo. Em todo caso, era uma esperança digna de ser alimentada.

A neve caía. As sombras se aprofundavam.

3.

Do quarto do motel, Spicer ligou para a camionete de vigilância para saber das novidades. Deixou o telefone tocar doze vezes, desligou e tentou novamente, mas o telefone não foi atendido.

— Aconteceu alguma coisa — disse ele. — Eles não saíam da camionete.

— Talvez alguma coisa esteja errada no telefone deles — sugeriu Oslett.

— Está chamando.

— Talvez não o número deles.

Spicer tentou de novo, com o mesmo resultado.

— Vamos — disse, pegando a jaqueta de couro de aviação e dirigindo-se para a porta.

— Você não vai lá, vai? — perguntou Oslett. — Não está preocupado em estourar a cobertura deles?

— Ela já foi estourada. Tem alguma coisa errada.

Clocker vestira o terno de *tweed* sobre o suéter de *cashmere* laranja chocante. Não se deu ao trabalho de pôr o chapéu porque em nenhum momento se dera ao trabalho de tirá-lo. Enfiando a brochura do *Jornada nas Estrelas* num bolso, ele também se dirigiu para a porta.

Seguindo-os com a pasta preta, Oslett falou:

— Mas o que pode ter dado errado? Tudo estava se passando tão macio de novo.

A tempestade já despejara um centímetro de neve. Os flocos eram finos e relativamente secos agora, e as ruas estavam brancas. Os galhos de sempre-viva começaram a adquirir os adornos natalinos.

Spicer dirigiu o Explorer e em poucos minutos chegaram à rua onde os pais de Stillwater viviam. Ele apontou a casa quando ainda se encontravam a meio quarteirão dela.

No outro lado da rua da casa dos Stillwater, havia dois carros estacionados junto ao meio-fio. Oslett identificou a camionete vermelha de passeio como o veículo de vigilância por causa das janelas laterais espelhadas na parte traseira.

— O que a camionete do florista está fazendo aqui? — perguntou Spicer.

— Entregando flores — supôs Oslett.

— Pouca chance.

Spicer passou perto da camionete e estacionou o Explorer na frente.

— É mesmo inteligente isso? — perguntou Oslett.

Usando o telefone celular, Spicer telefonou para a equipe de vigilância mais uma vez. Não atenderam.

— Não temos escolha — disse Spicer enquanto abria a porta e saía na neve.

Os três caminharam até a traseira da camionete vermelha.

No pavimento entre esse veículo e o furgão de entregas, um enorme arranjo floral caíra em ruínas. O recipiente de cerâmica tinha espatifado. Os talos das flores e samambaias ainda se encontravam embebidos com o material esponjoso verde que os floristas usavam para fixar arranjos, de modo que o vento suave não os soprara para longe, apesar de estarem com a aparência de ter sido pisados mais de uma vez. A cor de algumas flores estava mascarada pela neve, o que significava que elas não haviam sido perturbadas nos últimos 30 ou 45 minutos.

As flores arruinadas e as samambaias pálidas de congelamento tinham uma beleza curiosa. Tire-se uma foto, pendure-se numa galeria de arte, com o título de “Romance” ou “Perda”, e era provável que as pessoas ficassem paradas minutos diante dela, meditando.

Enquanto Spicer dava batidinhas na porta traseira do veículo de vigilância, Clocker falou:

— Vou averiguar o furgão de entrega.

Ninguém respondeu às batidas, de modo que Spicer, num ato atrevido, abriu a porta, e entrou.

Enquanto seguia atrás, Oslett ouviu Spicer dizer em voz baixa:

— Oh, merda.

O interior da camionete estava escuro, pouca luz penetrava os espelhos bidirecionais que serviam de janelas. Apenas as telas e o campo de ação do equipamento eletrônico iluminavam o espaço.

Oslett tirou os óculos de sol, viu os mortos e fechou a porta traseira.

Spicer também tirara os óculos de sol. Seus olhos eram de um amarelo estranho maligno. Ou talvez fosse apenas a cor que refletiam das telas do painel de instrumentos.

— Alfie deve ter vindo à casa dos Stillwater, localizou a camionete e percebeu o que ela era — disse Spicer. — Antes de entrar na casa, parou aqui e tomou conta do negócio para não ser interrompido do outro lado da rua.

O equipamento eletrônico era operado por bancos de baterias solares, ligados a células solares no teto. Quando a vigilância era realizada à noite, as

baterias podiam ser carregadas da maneira convencional, se fosse necessário, ligando o motor da camionete durante breves períodos. Entretanto, mesmo nos dias nublados, as células colhiam luz solar suficiente para manter o sistema em operação.

Mesmo sem o motor funcionando, a temperatura interior da camionete era confortável, embora um pouco fria. O veículo tinha um bom isolamento térmico e as células solares também operavam um pequeno aquecedor.

Passando por cima do cadáver no chão, olhando por uma das janelas laterais, Oslett falou:

— Se Alfie foi atraído até essa casa, só pode ser porque Martin Stillwater estava nela.

— Suponho que sim.

— No entanto, essa equipe não o viu entrar ou sair.

— É evidente que não — concordou Spicer.

— Eles não nos avisariam se vissem Stillwater, sua mulher e as meninas?

— Claro que sim.

— Então... ele está lá dentro agora? Talvez todos estejam lá, a família inteira e Alfie.

Spicer acrescentou, espiando pela outra janela:

— E talvez não. Alguém saiu de lá não faz muito tempo. Está vendo o rastro na entrada de carros?

Um veículo com pneus largos saíra de ré da garagem contígua à casa de revestimento de tábuas brancas. Tinha virado para a esquerda ao sair na rua, de ré, depois engrenado a primeira e saído para a direita. A neve começava a encher os múltiplos arcos dos pneus.

Clocker abriu a porta traseira, assustando-os. Subiu no interior da camionete e fechou a porta, sem fazer nenhum comentário sobre o ensanguentado machado de gelo no chão ou sobre os dois operantes mortos.

— Parece que Alfie roubou o furgão do florista como disfarce. O entregador está na traseira com as flores, mortinho da silva.

Apesar da base dilatada para o pneu que dava espaço extra no interior da camionete, os lugares não ocupados pelo equipamento de vigilância e os cadáveres não eram grandes o bastante para acomodar os três com conforto. Oslett sentiu-se claustrofóbico.

Spicer puxou o morto sentado na cadeira giratória. O cadáver tombou no chão. Antes de sentar-se e virar-se para a coleção de monitores e interruptores, com os quais parecia estar familiarizado, Spicer examinou a cadeira à procura de sangue.

Com a desconfortável consciência de que Clocker assomava-se sobre ele, Oslett perguntou:

— É possível que tenha havido um telefonema para a casa que esses

caras não tenham tido a oportunidade de nos informar antes de Alfie liquidá-los?

— É isso que vou descobrir — respondeu Spicer.

Quando os dedos de Spicer correram sobre o teclado de programação, diagramas muito coloridos e outras exposições pipocaram na meia dúzia de monitores de vídeo.

Conseguindo, naquelas acomodações apertadas, bater com o cotovelo na barriga de Clocker, Oslett virou-se de novo para a primeira janela de visão unilateral. E observou a casa do outro lado da rua.

Clocker reclinou-se para olhar pela outra janela. Oslett imaginou que o *Trekker* fingia estar diante da portinhola de uma nave espacial, espiando um mundo alienígena através de um vidro de dois centímetros de grossura.

Passaram dois carros. Uma *pickup*. Um cachorro preto correu na calçada; com neve nas patas, ele parecia estar usando quatro meias brancas. A casa Stillwater estava silenciosa, serena.

— Peguei — disse Spicer, tirando um par de fones de ouvido que havia colocado quando Oslett olhava pela janela.

O que ele pegou, veio-se a saber, foi um telefonema monitorado, rastreado e registrado pelo equipamento automático, talvez trinta minutos *depois* que Alfie matou a equipe de vigilância. Na verdade, Alfie estivera na casa dos Stillwater quando houve o telefonema, e havia atendido depois de vários toques. Em vez de usar os fones de ouvido, Spicer tocou a gravação num alto-falante, para que os três pudessem ouvir ao mesmo tempo.

— A primeira voz que vocês ouvirem é a de quem fez a chamada — disse Spicer. — Quem atendeu na casa dos Stillwater não disse nada no começo.

Alô? Mãe? Pai?

Como você conseguiu ganhá-los?

Spicer parou a fita e disse:

— A segunda voz é do telefone receptor... e é de Alfie.

— Os dois falam igual ao Alfie.

— O outro é Stillwater. Alfie também fala a seguir.

Por que eles o amariam mais do que a mim?

Não toque neles, seu filho da puta. Não ponha nenhum dedo neles.

Eles me traíram.

Quero falar com minha mãe e meu pai.

MINHA mãe e MEU pai.

Ponha-os na linha.

Para você contar mais mentiras para eles?

Eles ouviram toda a conversa. Foi ultra arrepiante porque parecia que um homem falava para si mesmo, uma personalidade radicalmente dividida. Pior, era óbvio que o menino mau deles era não apenas um renegado, mas também um psicótico de carteirinha.

Quando a fita terminou, Oslett falou:

— Quer dizer que Stillwater não passou pela casa dos pais em nenhum momento.

— É evidente que não.

— Então, como Alfie a descobriu? E por que foi até ela? Por que estava interessado nos pais de Stillwater, não apenas no próprio Stillwater?

Spicer encolheu os ombros.

— Talvez você tenha uma oportunidade de perguntar ao garoto, se conseguir recuperá-lo.

Oslett não gostava de ter tantas perguntas sem resposta. Isso o fazia sentir-se como se não tivesse o controle.

Pela janela, ele olhou para a casa e para os rastros de pneu na entrada de carro coberta de neve.

— É provável que Alfie não esteja mais lá.

— Foi atrás de Stillwater — concordou Spicer.

— De onde o telefonema foi dado?

— De um telefone celular.

— Ainda podemos rastrear isso, não podemos? — quis saber Oslett.

Apontando para três linhas de números num terminal, Spicer disse:

— Temos uma triangulação por satélite.

— Não faz sentido para mim, são apenas números.

— Esse computador pode fazer um mapa. Até dentro de trinta metros da fonte do sinal.

— Quanto tempo leva?

— Cinco minutos no máximo.

— Ótimo. Trabalhe nisso. Vou inspecionar a casa.

Oslett saltou da camionete vermelha com Clocker logo atrás.

Quando atravessaram a rua através da neve, Oslett não se importou se uma dúzia de vizinhos narigudos estava na janela. A situação já estava bastante escancarada e não poderia ser salva. Ele, Clocker e Spicer se safariam, com seus mortos, em menos de dez minutos, e depois ninguém jamais seria capaz de provar que haviam estado ali.

Caminharam corajosamente até a varanda da frente dos pais de Stillwater. Oslett tocou a campainha. Ninguém atendeu. Ele tocou de novo e experimentou a porta, que estava destrancada. Para o outro lado da rua, parecia que Jim ou Alice Stillwater haviam aberto a porta e os convidado a entrar.

Na saleta de entrada, Clocker fechou a porta atrás deles e sacou seu Colt .357 Magnum do coldre do ombro. Ficaram parados durante alguns segundos, prestando atenção na casa.

— Esteja em paz, Alfie — disse Oslett, mesmo duvidando que o menino mau ainda estivesse no local. Como não houve nenhuma resposta ritual para o

comando, ele repetiu as quatro palavras mais alto do que antes.

O silêncio prevaleceu.

Eles adentraram na casa, tomando cuidado — e encontraram o casal morto no primeiro quarto que examinaram. Os pais de Stillwater. Os dois se pareciam, de alguma forma, com o escritor — e com Alfie também, claro.

Durante a rápida revista na casa, repetindo a frase-comando antes de atravessar cada vão de porta, a única coisa de interesse que encontraram estava na lavanderia. O pequeno quarto cheirava à gasolina. O que Alfie andara fazendo era evidente pelos trapos de pano, funil e caixa de detergente empilhados no balcão ao lado da pia.

— Dessa vez ele não vai se arriscar — disse Oslett. — Vai atrás de Stillwater como se fosse uma guerra.

Eles tinham que deter o rapaz — e rápido. Se matasse a família Stillwater, ou apenas o escritor, tornaria impossível montar o cenário de assassinato com suicídio que amarraria muito bem várias pontas soltas. E dependendo do espetáculo insano e colérico que tivesse em mente, podia chamar tanta atenção que seria impossível manter sua existência em segredo e devolvê-lo ao curral.

— Droga — disse Oslett, sacudindo a cabeça.

— Os clones sociopatas — disse Clocker quase como se estivesse *tentando* ser irritante — são sempre um grande problema.

4.

Tomando chocolate quente, Paige deu seu turno de serviço de guarda diante da janela da frente.

Marty estava sentado de pernas cruzadas no chão da sala de estar, com Charlotte e Emily, jogando um baralho de cartas que haviam levado numa caixa de jogos. Era o jogo de Pesca mais desanimado que Paige já vira, feito sem comentário nem discussão. Seus rostos estavam sombrios, como se não estivessem jogando Pesca, mas sim consultando um baralho de tarô que só tinha más notícias.

Ao examinar o dia lá fora varrido pela neve, Paige subitamente percebeu que ela e Marty não deviam estar esperando na cabana. Ela se afastou da janela e disse:

— Está errado.

— O quê? — ele perguntou, levantando os olhos das cartas.

— Vou lá fora.

— Por quê?

— Aquela formação rochosa lá fora, sob as árvores, na metade do caminho para a estrada do condado. Posso deitar nela e ainda assim ver a entrada de carro.

Marty deixou cair sua mão de cartas.

— Que sentido isso faz?

— Sentido perfeito. Se ele vier pela frente, como nós dois achamos... como ele *tem* que vir... vai passar por mim, indo direto para a cabana. Estarei atrás dele. Posso meter duas balas na nuca do bastardo antes que ele saiba o que está acontecendo.

Pondo-se de pé, sacudindo a cabeça, Marty disse:

— Não, é arriscado demais.

— Se nós dois ficarmos aqui dentro, vai ser como tentar defender um forte.

— Um forte me parece bem.

— Não está lembrado de todos os filmes que mostram a cavalaria no Velho Oeste defendendo o forte? Mais cedo ou mais tarde, não importava o quão sólido fosse o local, os índios acabavam vencendo e entrando.

— Isso só acontece nos filmes.

— Sim, mas talvez ele também os tenha assistido. Vem cá — ela insistiu. Quando Marty juntou-se a ela na janela, Paige apontou para as rochas que mal podiam ser vistas nas sombras carregadas debaixo dos pinheiros. — É perfeito.

— Não gosto disso.

— Vai funcionar.

— Não gosto disso.

— Você sabe que está certo.

— Está bem, talvez esteja certo, mas continuo não gostando — disse ele em tom cortante.

— Vou sair.

Ele esquadrinhou os olhos de Paige, talvez procurando sinais de medo que pudesse explorar para fazê-la mudar de ideia.

— Você pensa que é uma heroína de uma história de aventura, não pensa?

— Você botou minha imaginação para funcionar.

— Gostaria de ficar de boca fechada. — Durante um longo tempo, Marty olhou fixo para a confusão de rochas cobertas por sombras, depois suspirou e disse: — Está bem, mas sou eu que vou sair. Você fica aqui dentro com as meninas.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não funciona desse jeito, *baby*.

— Não me venha bancar a feminista.

— Não estou bancando... é você que tem a mira paranormal.

— E daí?

— Ele pode sentir onde você está e, dependendo do quão refinado é esse talento, pode sentir que você está nas rochas. Você tem que ficar na cabana para ele senti-lo aqui, vir direto a você... e passar por mim.

— Talvez ele possa sentir você também.

— As evidências até aqui indicam que é só com você.

Marty estava agoniado de medo por ela, com os sentimentos enrugando cada ponto do seu rosto.

— Não gosto disso.

— Você já disse isso. Estou saindo.

5.

No momento em que Oslett e Clocker saíram da casa dos Stillwater e atravessaram a rua, Spicer estava sentado atrás do volante da camionete vermelha.

O vento acelerava. A neve caía do céu num ângulo agudo e fustigava a rua.

Oslett caminhou até a porta do motorista da camionete de vigilância.

Spicer tornara a colocar os óculos escuros, apesar da última hora de luz do dia estar sobre eles. Seus olhos, amarelos ou não, estavam ocultos.

Ele olhou para Oslett e disse:

— Vou tirar esse calhambeque daqui, atravessar a fronteira do condado e sair da jurisdição local antes de telefonar para a matriz e conseguir alguma ajuda para desovar os corpos.

— E quanto ao sujeito no furgão do florista?

— Deixe que eles arrastem seu próprio lixo — disse Spicer.

Ele entregou a Oslett uma folha de tamanho padrão de formulário contínuo, no qual o computador imprimira um mapa, localizando o ponto do qual Martin Stillwater telefonara para a casa dos pais. O mapa mostrava apenas algumas estradas. Oslett enfiou-o na jaqueta de esqui antes que o vento o arrancasse de sua mão, ou o papel ficasse úmido de neve.

— Está a poucos quilômetros de distância — disse Spicer. — Você leva o Explorer — ele ligou o motor, bateu a porta e saiu na tempestade.

Clocker já estava atrás do volante do Explorer. Nuvens de fumaça subiam do escapamento.

Oslett apressou-se para o lado do carona, entrou, bateu a porta e tirou o mapa do computador da jaqueta.

— Vamos. Estamos perdendo tempo.

— Só na escala humana — disse Clocker. Afastando-se do meio-fio e acionando os limpadores de para-brisas para retirar a neve impelida pelo vento, acrescentou: — De um ponto de vista cósmico, talvez o tempo seja a única coisa a ter um estoque inesgotável.

6.

Paige beijou as meninas e fez com que prometessem ser corajosas e fazer exatamente o que o pai mandasse. Deixá-las em troca da incerteza do que vinha pela frente foi uma das coisas mais difíceis que ela fez na vida. Fingir que

não estava com medo, a fim de ajudá-las em sua busca de coragem, foi mais difícil ainda.

Quando Paige saiu pela porta da frente, Marty foi até a varanda com ela. O vento tempestuoso soprava nas paredes de tela, batendo a porta da varanda no topo da escada.

— Tem uma outra maneira — disse Marty, reclinando-se sobre Paige para ser ouvido na tempestade sem gritar. — Se sou eu que o atraí, talvez eu devesse dar o fora daqui, sozinho, para levá-lo o mais longe possível de vocês.

— Esqueça.

— Sem você e as meninas para me preocupar, talvez eu possa cuidar dele.

— E se em vez disso ele o matar?

— Pelo menos não sucumbiremos todos.

— Você acha que ele não viria nos procurar de novo? Ele quer a sua vida, lembre-se. Sua vida, sua mulher, suas filhas.

— Assim, se ele me liquidar e vier atrás de você, você ainda tem uma chance de explodir o cérebro dele.

— Oh, é mesmo? E quando ele aparecer, durante aquela janelinha de oportunidade que terei antes que ele se aproxime de mim, como eu saberia se era ele ou você?

— Você não saberia — admitiu Marty.

— Então, vamos jogar desse jeito.

— Você é muito forte.

Marty não podia ver que suas entranhas estavam como geleia, que seu coração batia violentamente e que um leve gosto metálico de terror enchia sua boca seca.

Eles se abraçaram, mas por breves momentos.

Carregando a Mossberg, ela atravessou a porta da varanda, desceu os degraus, passou pelo pátio coberto de sombras, pelo BMW e entrou na mata sem olhar para trás, preocupada em que ele tomasse conhecimento da profundidade de seu medo e insistisse em arrastá-la de volta para a cabana.

Sob a curva da estrutura do abrigo de galhos de sempre-vivas, o vento pareceu oco e distante, menos quando ela passou por baixo de duas aberturas parecidas com canos de fornalha que se elevavam por todo o trajeto até o céu fechado. Correntes de ar agudas gritavam nessas passagens, tão frias como ectoplasmas e tão estridentes como súcubos.

Embora a propriedade tivesse um declive, foi fácil atravessar o terreno sob as árvores. A vegetação rasteira era esparsa devido à falta de luz solar direta. Muitas árvores eram tão antigas que os galhos mais baixos ficavam acima de sua cabeça, e a visão por entre os troncos grossos não encontrava obstáculos em todo o trajeto até a estrada do condado.

O solo era pedregoso. Mesas e formações de granito rompiam a superfície aqui e ali, tudo muito antigo e liso.

A formação que ela apontara para Marty ficava na metade do caminho entre a cabana e a estrada, apenas seis metros acima da entrada de carros. Parecia um crescente de dentes molares sem fio, com sessenta ou noventa centímetros de altura, como a estrutura dental fossilizada de um dinossauro herbívoro, muito maior do que qualquer outra imaginada ou suspeitada.

Ao se aproximar do afloramento de granito no qual sombras tão escuras quanto alcatrão de pinho concentrado formavam poças atrás dos “molares”, Paige teve a súbita sensação de que o sósia já estava lá, observando a cabana daquele esconderijo. A três metros de seu destino, ela parou, escorregando um pouco no tapete de folhas soltas de pinheiros.

Se ele realmente estivesse ali a teria visto chegando e poderia matá-la quando bem desejasse. O fato de ainda estar viva argumentava contra a presença dele. Não obstante, ao tentar pôr-se em movimento de novo, Paige sentiu como se tivesse mergulhado no fundo de uma profunda fenda oceânica e estivesse lutando para avançar contra a resistência da massa de um mar inteiro.

Com o coração batendo, ela deu a volta na formação do crescente e, por trás, deslizou para dentro de sua convexidade oca. O sósia não estava à sua espera.

Ela se deitou de barriga para baixo. Com a jaqueta de esqui azul-escuro e o capuz cobrindo os cabelos louros, ela sabia que estava praticamente invisível entre as sombras e contra a pedra escura.

Através de fendas na pedra, podia monitorar toda a extensão da entrada de carro sem ser preciso levantar a cabeça a ponto de ser vista.

Do outro lado do abrigo de árvores, a tempestade aumentou rápido, transformando-se numa nevasca de escala completa. O volume de neve que caía na entrada de carro entre grupos de árvores era tão grande que era quase como se ela estivesse olhando para a face espumante de uma queda d'água.

A jaqueta de esqui mantinha aquecida a parte superior de seu corpo, mas *o jeans* não conseguia repelir o frio penetrante da pedra sobre a qual estava deitada. Quando o calor do corpo se dissipou, seus quadris e joelhos começaram a doer. Ela desejou estar usando calças de esqui com isolamento térmico, e percebeu que devia ter levado pelo menos uma coberta para colocar entre seu corpo e o granito.

Sob a influência do temporal que se avolumava, os galhos mais altos dos abetos e pinheiros rangiam como portas que se abriam em dobradiças enferrujadas. Nem mesmo os ramos abafadores de som das sempre-vivas conseguiam suavizar a voz crescente do vento.

A última hora de luz do dia que se apagava gradualmente era a sombra de aço do gelo num tanque de inverno.

Cada vista e som eram gélidos e pareciam exacerbar o frio que a penetrava pela pedra. Paige começou a se preocupar com o tempo que poderia aguentar antes de precisar voltar à cabana para se aquecer.

Então, um jipe-perua azul-escuro começou a subir o morro pela estrada do condado, depois fez uma volta abrupta pegando a entrada de carro. Parecia o jipe que pertencia aos pais de Marty.

* * *

Reostato a sete graus. Ao sul de Mammoth Lakes, através de crescentes cortinas de neve, através de redemoinhos de demônios de neve, através de torrentes, chicotes, explosões, cataratas e muros de neve transportados pelo ar, por uma estrada mal definida abaixo do manto profundo, passando em alta velocidade por um tráfego que se move devagar, piscando com os faróis para encorajar os obstrutores a sair do caminho e deixá-lo passar, passando inclusive por uma máquina de limpar neve e um caminhão que espalha hulha, cheio de bigorrilhos com luzes de emergência amarela e vermelha, que durante breves momentos transformam os milhões de flocos brancos em brasas brilhantes. Um viradas à esquerda. Estrada mais estreita. Morro acima. Entrando em aclives com florestas. Longa cerca de correntes de argolas à direita, encimada por espiral de fio com corte, tombada em certos trechos. Ainda não aqui. Um pouco mais adiante. Perto. Logo.

Os quatro coquetéis Molotov estão numa caixa de papelão no assoalho em frente ao assento do carona, encaixada no espaço dos joelhos. As lacunas entre elas foram preenchidas com jornais amassados, para evitar que as garrafas fiquem batendo umas nas outras.

Vapores penetrantes sobem das saturadas mechas de pano. O perfume da destruição.

Guiado pela atração magnética do falso pai, ele faz uma repentina virada para a direita, pegando uma entrada de carro de pista única, já semioculta pela neve. Ele freia o mínimo possível, fazendo a curva com os pneus deslizando e levando o pé novamente ao acelerador, enquanto o jipe ainda procura o ponto de apoio e ambos os pneus traseiros giram e guincham ferozmente.

Bem à frente, pelo menos cem metros bosque adentro, está uma cabana. Luz suave nas janelas. O telhado coberto de neve.

Mesmo se o BMW não estivesse estacionado à esquerda da casa, ele saberia que encontrou sua presa. A odiosa presença magnética do impostor o atrai.

A primeira vista da cabana, ele decide fazer um assalto frontal, sem levar em consideração a sabedoria ou consequências desse tipo de ataque. Seu pai e sua mãe estão mortos, é provável que sua esposa e filhas também já estejam

mortas, com formas e faces imitadas de maneira zombeteira pelas pérfidas espécies alienígenas que roubaram seu nome e memórias. Ele está perturbado de raiva, de um ódio tão intenso que provoca dor física, uma angústia que parece fogo no coração. Só uma justiça rápida dará o alívio tão desesperadamente almejado.

Os pneus trituram a neve até a camada de terra.

Ele força o pé no acelerador.

O jipe se arremessa para a frente.

Um grito de fúria selvagem e vingança escapa de sua boca e o reostato mental gira de sete para 360 graus.

* * *

Marty estava na janela da frente quando os feixes dos faróis trespassaram a neve que caía lá fora na estrada do condado, mas a princípio não pôde ver a fonte. Guiado morro acima, o veículo ficava oculto pelas árvores e arbustos ao lado da estrada. Depois, ele apareceu — um jipe — pegando a entrada de carro em alta velocidade, com a traseira formando um rabo de peixe e plumagens de neve e lama jorrando atrás dos pneus traseiros.

Um instante depois, quando ainda reagia à chegada do jipe, Marty foi atingido por uma brutal onda paranormal, tão forte quanto as que experimentara antes, porém de uma qualidade diferente. Essa não foi apenas a energia urgente e farejante que o chocara em outras ocasiões, mas uma explosão de emoção sombria e amarga, crua e não censurada, que o pôs dentro da mente de seu inimigo como nenhum ser humano jamais conseguiu estar na mente de um outro. Era um reino surrealista de raiva psicótica, desespero, ensimesmamento infantil, terror, confusão, inveja, desejo e fome urgentes — sentimentos tão torpes que um rio de esgoto e corpos em putrefação não poderiam ter sido mais repulsivos.

Durante o tempo desse contato telepático, Marty sentiu-se como se mergulhasse numa das regiões mais profundas do Inferno. Embora a conexão não tenha durado mais do que três ou quatro segundos, ela pareceu interminável. Quando foi interrompida, ele se encontrou parado, as mãos apertando as têmporas, a boca aberta num grito silencioso.

Ele ofegava procurando respirar e tremia de maneira violenta.

O rugido de um motor pôs de novo seus olhos em foco e chamou sua atenção para o dia do outro lado da janela. O jipe-perua acelerava na entrada de carro rumo à cabana.

Talvez ele estivesse se enganando a respeito da temeridade e insanidade do Outro, mas havia estado *dentro* de sua mente e achava que sabia o que estava vindo. Ele girou, afastando-se da janela, e correu na direção das meninas.

— Corram, saiam pelos fundos, *vamos!*

Depois de se levantarem do chão da sala de estar e do jogo de cartas de duas mãos, com o qual fingiam estar absorvidas, Charlotte e Emily corriam a toda velocidade em direção à cozinha, antes mesmo de Marty terminar de gritar a advertência.

Ele correu atrás delas.

Uma estratégia alternativa girou em sua mente num segundo: permanecer na sala de estar, esperar que o jipe entalasse na varanda sem conseguir chegar na parede da frente da cabana, depois correr para fora, após o impacto, e atirar no bastardo antes que ele saísse detrás do volante.

E, em outro segundo, o potencial sombrio dessa estratégia: talvez o jipe *atravessasse* todo o caminho — as tábuas de cedro, quebradas em dois por quatro, fiação elétrica, pedaços do reboco, vidro estilhaçado explodindo na sala de estar, vigas dobrando-se, o teto desabando, mortíferas telhas de ardósia caindo em cima dele — e Marty seria morto por escombros voadores, ou sobreviveria para ficar preso nos entulhos, as pernas soterradas.

As meninas estariam sozinhas. Não podia correr esse risco.

Lá fora, o rugido do motor crescia, aproximando-se.

Ele alcançou as meninas quando Charlotte agarrava o pino da fechadura de cavilha morta da porta da cozinha. Ele estendeu a mão por cima da cabeça dela e abriu a aldrava, enquanto ela desengatava a trava mais baixa.

O grito do motor enchia o mundo, era curiosamente menos o ruído de um motor do que o grito selvagem de alguma coisa imensa e jurássica.

A Beretta. Aturdido pelo contato telepático e pelo jipe em disparada, ele havia esquecido a Beretta na mesinha de café na sala de estar.

Não havia tempo para ir buscá-la.

Charlotte girou a maçaneta. O vento uivante arrancou a porta da mão da menina e jogou-a contra ela. Charlotte foi atirada ao chão.

Então, *bam*, na frente da casa, como uma bomba explodindo.

* * *

O enorme jipe-perua passou em disparada pelo esconderijo de Paige, tão rápido que ela soube que não teria a chance de esperar que o filho da puta estacionasse para depois rastejar de modo furtivo até ele, de árvore em árvore e sombra a sombra, à maneira da boa heroína de aventuras como ela se via. Paige jogava com suas próprias regras, o que significava que não havia regra nenhuma, e toda sua ação seria imprevisível.

No momento em que ela, com dificuldade, se pôs de pé, o jipe estava a vinte ou 22 metros da cabana. Ainda acelerando.

Rezando para que as pernas enrijecidas pelo frio não tivessem câimbras,

Paige escalou com mãos e pés a baixa formação rochosa. Correu para a cabana, numa paralela à entrada de carro, permanecendo na escuridão do bosque, ziguezagueando por entre os troncos de árvore.

Como o BMW não estava estacionado bem em frente à cabana, mas sim à esquerda, o jipe teve uma trajetória limpa até os degraus da varanda. Menos de três centímetros de neve foram insuficientes para reduzir sua velocidade. O solo sob esse manto branco não estava congelado e sólido como uma rocha, como ficaria mais tarde no inverno, de modo que os pneus cortaram terra pura, encontrando toda a tração de que precisavam.

O motorista parecia estar parado de pé no acelerador. Era um suicida. Ou estava convencido de sua invulnerabilidade. O motor uivava.

Paige ainda se encontrava a trinta metros da cabana quando o pneu esquerdo dianteiro do jipe atingiu os baixos degraus de concreto da varanda, subindo como se eles fossem uma rampa. O pneu direito dianteiro girou no ar por um instante, depois agarrou o chão da varanda, enquanto o para-lama rasgava a parede de tela.

Ela esperava que a varanda cedesse sob o peso. Mas o jipe parecia estar sendo aerotransportado quando o pneu esquerdo traseiro chegou ao topo dos três degraus.

* * *

Voando. Arrancando painéis de tela e as molduras que os mantinham no lugar como se fossem teias de aranha, fios de gaze.

Direto para a porta. Como a chegada de uma bala de morteiro. Uma bomba de duas toneladas.

Fecha os olhos. O para-brisa pode implodir.

Impacto de chocalhar os ossos. Lançado para a frente. O cinto de segurança puxa-o para trás, ele exala de forma explosiva, correntes de dor cintilam por breves momentos em seu peito.

Uma sinfonia de instrumentos de percussão de tábuas se quebrando, pinos partindo ao meio, umbral de porta se desintegrando, verga de porta se rompendo. Então, cessa o movimento para a frente, o jipe para com estrépito.

Ele abre os olhos.

O para-brisas ainda está intacto.

O jipe está na sala de estar da cabana, na frente de um sofá e de uma poltrona tombada. As rodas da frente quebraram as tábuas do assoalho, abrindo o espaço de ar sob o piso.

As portas do jipe estão acima do chão da cabana, não encontram obstáculos. Ele desengata o cinto de segurança e sai do veículo com uma das pistolas 38 na mão direita.

Mover-se, mover-se, enfrentar, desafiar, lutar e vencer.

Ele ouve rangidos acima de sua cabeça, e levanta a vista. O teto está quebrado e curvo, mas é provável que se mantenha firme. Neve em pó e folhas mortas de pinheiro caem por entre as fendas.

O chão está cheio de vidro quebrado. As janelas que flanqueiam a cabana foram espatifadas.

Ele está excitado com a destruição. Ela inflama sua fúria.

A sala de estar está deserta. Pela arcada, pode ver a maior parte da cozinha, e tampouco há alguém ali.

Duas portas fechadas surgem na passagem larga entre a sala de estar e a cozinha, uma à esquerda e outra à direita. Ele se move para a direita.

Se o falso pai estiver esperando do outro lado, o próprio ato de abrir a porta vai provocar uma fuzilaria.

Ele quer evitar ser alvejado tanto quanto possível, já que não deseja ter que tornar a sair rastejando em busca da cura. Quer acabar com isso agora, ali, hoje.

Se sua mulher e filhas já não tivessem sido copiadas e substituídas por formas alienígenas, claro que não teriam permissão para continuar humanas. A noite está chegando. Falta menos de uma hora. Pelos filmes, ele sabe que essas coisas sempre acontecem à noite — assalto alienígena, injeção de parasitas, ataques de mutantes-de-forma e ladrões de alma e coisas que bebem sangue, tudo à noite, quando a lua está cheia ou quando não há lua nenhuma, mas à noite.

Em vez de abrir a porta com um empurrão, mesmo de uma posição segura ao lado, ele vai até a frente dela, levanta o 38 e abre fogo. A porta não é de madeira sólida, mas sim um modelo de madeira prensada com o centro de espuma, e as balas de ponta oca fazem enormes buracos a uma distância de alça zero.

Sacudindo seus braços, o recuo do Chief's Special provoca uma imensa satisfação, é quase uma experiência sexual, oferecendo uma pequena medida do alívio de sua intensa frustração e raiva. Ele continua apertando o gatilho até o cão bater em câmaras vazias.

Nenhum grito no quarto do outro lado. Nenhum som, quando se dissipa o rugido do último disparo.

Ele joga a arma no chão e saca o segundo 38 do coldre do ombro sob sua jaqueta de universidade.

Abre a porta com um chute e entra rápido, a arma esticada à sua frente.

É um quarto de dormir. Deserto.

A imensa frustração sopra as chamas da raiva.

Retornando à passagem, ele encara a outra porta fechada.

Por um momento, a visão do jipe voando pela varanda e se chocando contra a parede da frente da cabana fez com que Paige parasse.

Embora isso estivesse acontecendo na sua frente e ela não tivesse nenhuma dúvida de que era real, a batida teve a qualidade irreal de um sonho. O jipe pareceu ter ficado parado no ar durante um tempo impossivelmente longo, flutuando na varanda com as rodas girando. Ele quase pareceu *dissolver-se* através da parede, entrando na cabana, desaparecendo como se nunca tivesse existido. A destruição foi acompanhada de uma grande quantidade de ruídos, mas de alguma forma não foi muito dissonante, não fez a metade do barulho que faria se a batida tivesse acontecido num filme. No mesmo instante, na esteira da batida, a quietude relativa da tempestade reclamou sua existência apenas com o lamento do vento; a neve caía num dilúvio sem som.

As meninas.

No olho da mente de Paige, ela viu a parede explodindo em cima delas, com o jipe em disparada seguindo logo atrás.

Ela voltou a correr antes de perceber que corria. Direto para a cabana.

Segurava a espingarda de caça com as duas mãos — a mão esquerda na coronha, a mão direita no cabo e o dedo no gatilho. Tudo que teria que fazer seria parar, girar o cano na direção do alvo, deslizar o dedo no gatilho e disparar. Antes, enquanto carregava a Mossberg, ela colocara uma carga na culatra, de modo a poder ajustar um cartucho extra no tubo do pente.

Quando ela saía do bosque correndo e pegava a entrada de carros, a menos de dez metros dos degraus da varanda, disparos irromperam na casa. Cinco tiros em rápida sucessão. Ao invés de fazê-la parar, os tiros esporearam-na, levando-a a atravessar a entrada de carro e o pátio coberto de sombras o mais rápido que pôde.

No momento em que chegou aos pés dos degraus da varanda, Paige escorregou na neve e caiu sobre um joelho. A dor arrancou-lhe uma imprecação involuntária, dita em voz baixa.

Entretanto, se não tivesse caído, estaria na varanda ou já na sala de estar quando Charlotte fez a volta no canto da cabana. Marty e Emily apareceram logo atrás dela, correndo de mãos dadas.

* * *

Ele dispara três vezes contra a porta à esquerda da passagem, abre-a com um chute, passa rápido e agachado pelo vão da porta, e encontra outro quarto de dormir deserto.

Lá fora, uma porta de carro é batida.

Marty deixou a porta do motorista aberta enquanto entrava atrás do volante, apalpando com uma das mãos debaixo do assento à procura das chaves. E nem pensou em advertir Charlotte e Emily para não bater a porta, até que o ato foi feito e o barulho reverberou nas árvores vizinhas.

Paige ainda não entrara no BMW. Estava parada junto à porta aberta, vigiando a casa, com a Mossberg levantada e preparada.

Onde estavam as malditas chaves?

Ele reclinou-se para a frente, abaixando-se, tentando levar a mão para trás sob o assento.

Quando os dedos de Marty fecharam-se sobre as chaves, a Mossberg ribombou. Ele jogou a cabeça para cima enquanto uma bala de resposta errava Paige, passava pela porta aberta do carro e se chocava com o painel de instrumentos, a centímetros de sua cabeça. Um medidor espatifou-se, fazendo chover pedaços de plástico em cima dele.

— Abaixem-se! — gritou para as meninas no assento traseiro.

Paige disparou a espingarda mais uma vez, atraindo fogo de resposta.

O Outro estava parado no buraco onde antes era a porta da frente da cabana, emoldurado por ruínas denteadas, com o braço direito esticado enquanto apertava o gatilho. Depois, abaixou-se na sala de estar, talvez para recarregar a arma.

Embora a espingarda o impedisse de se aproximar mais, ele estava distante demais para ser muito ferido pela arma, sobretudo se considerarmos seus poderes de recuperação incomum. Entretanto, àquela distância, a arma dele despachava uma sólida pancada.

Marty enfiou a chave na ignição. O motor pegou sem protestar. Ele soltou o freio de mão, engrenou o BMW.

Paige entrou no carro, fechou a porta.

Ele olhou por sobre o ombro através da janela traseira, virou na direção oposta ao passar da cabana e então pegou os rastros de pneu deixados pelo jipe em sua corrida kamikaze.

— Ai vem ele! — gritou Paige.

Ainda voltando, Marty olhou pelo para-brisas e viu O Outro saltar da varanda, descer os degraus, atravessar o pátio, uma garrafa de vinho em cada mão, mechas de pano nos gargalos, chamas saltando de ambas. Jesus. Elas queimavam furiosamente, podiam explodir em suas mãos a qualquer segundo, mas ele parecia não se preocupar com a própria segurança, com um ar selvagem e quase jubiloso no rosto, como se tivesse nascido para aquilo, para mais nada a não ser aquilo. Ele parou patinando e ergueu o braço direito como um zagueiro de futebol americano pronto para passar a bola para o receptor.

— Vamos! — gritou Paige.

Marty já estava indo e não precisava de encorajamento para ir mais rápido.

Em vez de virar para olhar pela janela traseira, Marty usou o espelho retrovisor para assegurar-se de que permanecia na entrada de carro e não virava na direção de alguma árvore, vala ou saliência de rocha, de modo que teve consciência da primeira garrafa que fez um arco através da neve e se espatifou contra o para-choque dianteiro do BMW. A maior parte do conteúdo foi derramada, sem causar danos, no pavimento onde um trecho da neve pareceu explodir em chamas.

A segunda garrafa bateu no capô, a quinze centímetros do para-brisas, bem diante de Paige. Ela espatifou-se, o conteúdo explodiu, o líquido em chamas lavou o vidro e, por um momento, a única visão que tiveram foi a agitação do fogo.

Na traseira, com os cintos de segurança engatados, abaixadas, abraçadas uma na outra, as meninas gritaram de terror.

Marty não podia fazer nada para tranquilizá-las, a não ser continuar para trás o mais rápido que ousasse, esperando que o fogo no capô se extinguisse e o calor não fizesse o para-brisas implodir.

Metade da distância até a estrada do condado. Dois terços. Acelerando. Faltando cem metros.

As chamas do para-brisas extinguíram-se quase de imediato quando a fina película de gasolina no vidro foi consumida, mas o fogo continuava saltando no capô e no para-lamas do lado direito. A tinta pegara fogo.

Através do fogo e da espiral da fumaça negra, Marty viu O Outro correndo de novo na direção deles, não tão rápido quanto o carro, mas não muito mais devagar, tampouco.

Paige pegou duas balas de espingarda num bolso da jaqueta de esqui e enfiou no cano, substituindo as balas que disparara.

Sessenta metros para a estrada do condado.

Cinquenta.

Quarenta.

Por causa das árvores e da vegetação no caminho, Marty não podia ver morro abaixo e estava com medo de meter-se na frente de algum veículo que passasse. No entanto, não se atrevia a diminuir a velocidade.

O rugido do BMW impediu-o de ouvir o tiro. Com um forte estalido, um buraco de bala apareceu no para-brisas abaixo do espelho retrovisor, entre ele e Paige. Um instante depois, uma segunda bala perfurou o para-brisas, oito centímetros à direita da primeira, tão perto de Paige que foi um milagre ela não ser atingida. Com a segunda violação, uma reação em cadeia de milhões de minúsculas fendas fizeram uma teia no vidro temperado, produzindo uma

opacidade leitosa.

A transição entre o final da pista de terra e o pavimento não foi suave. Eles bateram de traseira na estrada do condado, com força suficiente para fazê-los saltar nos assentos, e o vidro de segurança fissurado sucumbiu para dentro em gomos.

Marty girou o volante para a direita, mudando de posição para morro abaixo e freou parando o carro quando ficaram de frente para a descida da estrada. Podia sentir o calor das chamas que comiam a tinta do capô, mas elas não lambiam o interior do carro.

Uma bala ricocheteou no metal.

Ele desengatou a ré.

Pela janela lateral, podia ver O Outro parado de pernas abertas, a quinze metros do final da entrada de carro, com armas em ambas as mãos.

Quando Marty pisou no acelerador, outra bala chocou-se contra sua porta, abaixo da janela, mas não penetrou no interior do carro.

Quando o BMW disparou morro abaixo, afastando-se dele, o Outro pôs-se a correr de novo.

Embora o vento conduzisse a maior parte da fumaça para a direita, subitamente passou a haver muito mais fumaça, mais preta do que antes, e uma quantidade significativa agitava-se no interior do veículo para estragar-lhes a vida. Paige começou a tossir, as meninas respiravam com dificuldade no banco traseiro e Marty não podia ver com clareza a estrada à sua frente.

— O pneu está queimando! — gritou Paige acima do vento uivante.

Mais duzentos metros morro abaixo, o pneu em chamas explodiu e o BMW girou desgovernado no pavimento com a camada de neve. Marty girou o volante na direção da derrapagem, mas dessa vez a física aplicada não se mostrou confiável. O carro girou 180 graus, ao mesmo tempo em que se movia de lado. Só parou quando adernou fora da estrada e bateu na cerca de corrente de argola que marcava o perímetro da propriedade da Igreja Profética do Êxtase.

Marty saltou do carro. Abriu a porta traseira com um puxão, inclinou-se em seu interior e ajudou as assustadas meninas a soltar-se dos cintos de segurança.

Ele nem olhou para ver se O Outro estava vindo, porque *sabia* que o bastardo estava vindo. Aquele sujeito não iria parar nunca, nunca, não até que eles o matassem, talvez nem aí.

Enquanto Marty tirava Emily do banco traseiro, Paige saía pela porta do motorista, já que seu lado estava bloqueado pela corrente de argola. Tendo retirado os envelopes de papel manilha com o dinheiro debaixo do assento, ela enfiou-os dentro da jaqueta de esqui. Enquanto fechava o zíper, Paige olhou morro acima.

— Merda — disse ela, e a espingarda ribombou.

Marty ajudou Charlotte a sair do carro, enquanto a Mossberg tropejava de novo. Ele pensou ter ouvido também o estalido seco de uma arma leve, mas a bala deve ter passado longe dele.

Protegendo as meninas, colocando-as atrás de seu corpo e afastando-as do carro em chamas, Marty olhou para o alto do morro.

O Outro estava parado, de maneira arrogante, no centro da estrada, a cerca de cem metros de distância, convencido de que estava protegido contra o fogo da espingarda de caça pela distância, pela força desviante do vento uivante e talvez por sua própria capacidade sobrenatural de recuperar-se de danos sérios. Ele tinha a *mesma* altura de Marty, no entanto, mesmo à distância, parecia pairar sobre eles uma figura sombria e agourenta. Talvez fosse a perspectiva. De um modo quase indiferente, ele abriu o tambor do revólver e jogou na neve os cartuchos disparados.

— Ele está recarregando — disse Paige, aproveitando a oportunidade para enfiar balas adicionais no depósito da espingarda de caça. — Vamos dar o fora daqui.

— Para onde? — perguntou Marty, olhando em volta, freneticamente, para a paisagem açoitada pela neve.

Ele desejava que um carro aparecesse de uma direção ou de outra.

Depois cancelou o próprio desejo, porque sabia que O Outro mataria qualquer um que tentasse interferir.

Eles andaram morro abaixo, contra o vento cortante, aproveitando o tempo para pôr alguma distância entre eles e seu perseguidor, enquanto pensavam no que fazer em seguida.

Marty descartou a tentativa de chegar a uma das outras cabanas espalhadas entre as árvores altas. A maioria era casa de férias. Ninguém estaria em casa numa terça-feira de dezembro, a menos que, pela manhã, a nova nevada trouxesse alguém para esquiar. E se encontrassem uma cabana que tivesse alguém, com O Outro seguindo seu rastro, Marty não queria a morte de estranhos inocentes em sua consciência.

A rota 203 ficava ao fundo da estrada do condado. Mesmo as primeiras horas de uma nevasca, haveria um tráfego constante entre os lagos e Mammoth Lakes. Se houvesse muitas testemunhas, O Outro não poderia matá-los. Teria que bater em retirada.

Mas o fundo da estrada do condado ficava longe demais. Jamais chegariam lá antes de esgotar as balas de espingarda para manter o inimigo ao largo — ou antes que a maior precisão e alcance do revólver permitissem que ele os pegasse um por um.

Eles chegaram numa abertura da cerca de corrente de argolas danificadas.

— Aqui, vamos — disse Marty.

— Esse lugar não está abandonado? — objetou Paige.

— Não temos nenhum outro lugar — disse ele, pegando Emily e Charlotte pela mão e levando-as para a propriedade da igreja.

Sua esperança era de que alguém aparecesse logo, visse o BMW semiqueimado e informasse ao departamento de xerife. Em vez de abanar o fogo que se alimentava da tinta, o vento abafou-o, mas o pneu ainda queimava e seria difícil de ignorar o carro batido. Se aparecesse um par de agentes bem armados para verificar a área e pudesse entrar na briga, eles não iriam compreender o quão formidável O Outro era, mas tampouco seriam tão ingênuos e desamparados quanto os cidadãos comuns.

Após uma breve hesitação, durante a qual olhou preocupada para seu Nêtese no alto do morro, Paige seguiu Marty e as meninas através do buraco na cerca.

* * *

O carregador rápido desliza de seus dedos e cai na neve, quando ele o tira da bolsa do cinto. É o último dos dois que ele pegou do morto da camionete de vigilância.

Ele se abaixa, pega o carregador na neve e o esfrega no suéter vermelho-cereja debaixo da jaqueta de universidade. Leva-o ao revólver aberto, desliza-o para dentro, gira, deixa cair e fecha o tambor com um estalo.

Terá que usar sua última carga com cuidado. Não será fácil de matar os replicantes.

Agora ele sabe que a mulher é tão replicante quanto o falso pai. Carne alienígena. Inumana. Ela não pode ser sua Paige, pois é agressiva demais. Sua Paige seria submissa, ávida por dominação, como as mulheres da coleção de filmes do senador. Sua Paige está morta, sem dúvida. Ele precisa aceitar isso, por mais difícil que seja. Aquela coisa só está fantasiada de Paige, e não bem disfarçada. Pior ainda, se Paige se foi para sempre, o mesmo aconteceu com suas adoráveis filhas. As meninas, graciosas e convincentemente humanas, também são replicantes — demoníacas, extraterrestres e perigosas.

Sua antiga vida é irrecuperável.

Sua família se foi para sempre.

Um abismo negro de desespero se abre debaixo dele, mas ele não deve cair no abismo. Deve encontrar forças para ir lutar até chegar à vitória em nome de toda a humanidade — ou ser destruído. Deve ser tão corajoso quanto Kurt Russel e Donald Sutherland quando se encontraram em semelhantes dificuldades sombrias, uma vez que ele é um herói, e os heróis devem perseverar.

Morro abaixo, as quatro criaturas desapareceram por um buraco da cerca

de corrente de argola. Tudo que ele quer agora é vê-los mortos, estourar seus miolos, desmembrá-los e decapitá-los, arrancar-lhes as vísceras, incendiá-los, tomar todas as precauções contra a ressurreição deles, já que não são apenas os assassinos de sua verdadeira família, mas também uma ameaça para o mundo.

Ocorre-lhe o pensamento de que, se sobreviver, essas terríveis experiências fornecerão o material para um romance. Com certeza, ele conseguirá ir além da frase de abertura, feito que não conseguiu ontem. Apesar de sua esposa e filhas estarem perdidas para sempre, talvez ele possa salvar a carreira das ruínas de sua vida.

Escorregando e derrapando, ele corre na direção do buraco na cerca.

* * *

Os limpadores de para-brisas estavam endurecidos de neve, que se solidificava em gelo. Eles gaguejavam e batiam com violência no vidro.

Oslett consultou o mapa elaborado pelo computador, depois apontou para um desvio à frente.

— Ali, à direita.

Clocker ligou a seta.

* * *

Como o navio fantasma *Mary Celeste*, que se materializava silenciosamente, saindo de uma estranha neblina, com as esfarrapadas velas desfraldadas e os conveses desertos de tripulação, a igreja abandonada assomou na neve que caía.

A princípio, na obscura tormenta e à pálida luz cinzenta do final da tarde, Marty pensou que o prédio estava em bom estado de conservação, mas essa impressão foi fugaz. Quando se aproximaram, ele viu que faltavam muitas telhas do telhado. Seções da calha de cobre de chuva haviam desaparecido, enquanto outras partes bambolevam de maneira precária, balançando e rangendo ao vento. A maioria das janelas estava quebrada e vândalos tinham pintado obscenidades nas paredes de tijolo anteriormente bonitas.

Complexos desconexos de prédios — escritórios, oficinas, uma creche, dormitórios, um salão-refeitório — ficavam logo atrás e em ambos os lados da estrutura principal com campanário. A Igreja Profética do Êxtase fora um culto que exigia que seus membros doassem todos os seus pertences terrenos para serem admitidos e para viver numa comunidade de governo rígido.

Eles correram na neve de quase três centímetros de profundidade, tão rápido quanto as meninas podiam, em direção à entrada da igreja, e não para um dos outros prédios, porque a igreja era o mais próximo. Precisavam sair de vista o mais rápido possível. Embora O Outro pudesse rastreá-los através de sua

conexão com Marty, não importando aonde fossem, pelo menos não poderia atirar neles se não os visse.

Doze degraus largos levavam a um duplo conjunto de portas de carvalho de três metros de altura, com claraboias de 1,80m acima de cada par. Todo o vidro das claraboias fora quebrado, à exceção de alguns fragmentos amarelos e rubis, deixando buracos escuros entre a grossa estrutura de chumbo. As portas eram encaixadas num arco de rosácea pentagonal de seis metros de altura, acima do qual havia uma enorme janela redonda com padrões elaborados que ainda continha 20% de seu vidro original, muito provavelmente porque era um alvo difícil para as pedras.

As quatro portas de carvalho entalhado tinham sido castigadas pelo tempo, estavam cicatrizadas, rachadas e pintadas *de spray* com mais obscenidades que brilhavam à luz cendrada do crepúsculo prematuro. Em uma das portas, um vândalo desenhara, de maneira grosseira, a forma branca de ampulheta de uma mulher completa com seios e uma virilha definida pela letra Y e ao lado havia a representação de um falo tão grande quanto um homem. Letras inclinadas, cortadas por um mestre escultor de pedra, faziam a mesma promessa no lintel de granito acima de cada conjunto de portas, ELE NOS ERGUEU AO CÉU; entretanto, por cima dessas palavras, vândalos picharam BABAQUICE em tinta vermelha.

O culto era repugnante e seu fundador — Jonathan Caine — era uma fraude e pederasta, mas Marty ficou tão desalentado com os vândalos como com as pessoas mal orientadas que seguiram Caine. Pelo menos, os fiéis ao culto *acreditavam* em alguma coisa, não importava o quão mal orientados, mereciam ser dignos da graça de Deus e tinham se sacrificado por sua crença, mesmo que no final os sacrifícios tenham se revelado estúpidos; eles ousaram sonhar, mesmo que o sonho tenha terminado em tragédia. O ódio estúpido que informava os garranchos dos grafiteiros era o trabalho de gente vazia, que não acreditava em coisa alguma, incapaz de sonhar, e que prosperava com a dor dos outros.

Uma das portas estava entreaberta quinze centímetros. Marty agarrou a borda e puxou. As dobradiças estavam corroídas, o carvalho deformado, mas a porta rangeu, abrindo-se outros trinta ou quarenta centímetros para fora.

Paige entrou, Charlotte e Emily seguiram logo atrás dela.

Em nenhum momento Marty ouviu o tiro que o atingiu.

Quando começava a seguir as meninas, uma lança de gelo empalou-o, penetrando pelo quadrante esquerdo superior de suas costas, saindo do mesmo lado por entre músculos e tendões abaixo da clavícula. O frio perfurante era tão intenso que, comparado com ele, a nevasca que martelava a igreja parecia uma perturbação tropical, e ele tremeu de maneira violenta.

A próxima coisa que Marty soube foi que estava caído no chão de tijolo coberto de neve, na frente da porta, perguntando-se como chegara ali. Quase se

convencera de que recém se deitara para tirar um cochilo, mas a dor de seus ossos indicava que ele caíra com força naquela cama improvável.

Ele olhou para cima, por entre a neve que caía e a luz inercial, vendo as letras em granito, letras de granito.

ELE NOS ERGUEU AO CÉU.

BABAQUICE.

Só percebeu que fora alvejado quando Paige saiu correndo da igreja e caiu de joelhos ao seu lado, gritando:

— Marty, oh Deus, meu Deus, você foi atingido, o filho da puta atirou em você.

E ele pensou: *Ah, sim, claro, é isso, fui atingido, não fui furado por uma lança de gelo.*

Paige levantou-se a seu lado, ergueu a Mossberg. Ele ouviu dois tiros que fizeram um barulho excessivo, ao contrário da bala furtiva que o fez tombar sobre os tijolos.

Curioso, Marty virou a cabeça para ver a que distância seu infatigável inimigo chegara. Esperava descobrir o sósia investindo contra eles a apenas alguns metros, sem ser incomodado pelo chumbo da espingarda.

Ao invés disso, O Outro permaneceu a uma certa distância da igreja, fora do alcance das duas balas que Paige disparara. Era uma figura negra sobre um campo branco, sem que os detalhes de seu rosto conhecido demais fossem revelados pela pálida luz cinzenta. Movendo-se para a frente e para trás na neve, para a frente e para trás, rápido e delgado, ele parecia um lobo se aproximando de um rebanho de ovelhas, vigilante e paciente, deixando o tempo passar até chegar o momento da derradeira vulnerabilidade.

O punhal de gelo que trespassou Marty tornou-se, de um segundo para o outro, um estilete de fogo. Com o calor veio uma dor lancinante que o fez ofegar. Pelo menos, o conceito abstrato de um ferimento de bala foi traduzido para a linguagem da realidade.

Paige tornou a levantar a Mossberg.

Recuperando a clareza da mente com a dor, Marty disse:

— Não desperdice a munição. Deixe-o por enquanto. Ajude-me a levantar.

Com o auxílio dela, ele conseguiu pôr-se de pé.

— Está mal? — perguntou ela preocupada.

— Não estou morrendo. Vamos entrar antes que ele decida dar outro tiro em nós.

Ele seguiu-a pela porta até o nártex, onde a escuridão só era aliviada por pálidos raios que penetravam a porta parcialmente aberta e as claraboias sem vidro.

As meninas choravam, Charlotte mais alto do que Emily, e Marty tentou

tranquilizá-las.

— Está bem, eu estou bem, foi só um corte. Tudo que eu preciso é de um Band-Aid com uma foto do Snoopy, aí vou me sentir melhor.

Na verdade, seu braço esquerdo estava semidormente, Marty só tinha uso parcial dele. Quando flexionava a mão, não conseguia fechá-la por completo.

Paige foi até a abertura de quarenta centímetros entre a enorme porta e o batente, onde o vento silvava e gritava. Ela olhou para O Outro lá fora.

Tentando compreender melhor o dano causado pela bala, Marty enfiou a mão direita dentro da jaqueta de esquí e, com cuidado, explorou a frente de seu ombro esquerdo. Mesmo um toque leve causou uma labareda de dor que o fez trincar os dentes. O suéter de lã estava saturado de sangue.

— Leve as meninas mais para os fundos da igreja — sussurrou Paige em tom urgente, embora seu inimigo não pudesse ouvi-la na tempestade lá fora. — Lá na outra ponta.

— O que você está falando?

— Vou esperá-lo aqui.

As meninas protestaram:

— Mamãe, não.

— Mamãe, vem conosco, você tem que vir.

— Mamãe, por favor.

— Estarei bem — disse Paige. — Estarei em segurança. Realmente. Será perfeito. Vocês não entendem? Marty, quando o bastardo sentir que vocês estão se afastando, vai entrar na igreja. Ele vai esperar que estejamos juntos. — Enquanto falava, Paige colocou mais duas balas no depósito da Mossberg para substituir as duas últimas que gastara. — Ele não vai esperar que eu o esteja aguardando bem aqui.

Marty lembrou-se de que havia tido a mesma discussão antes, na cabana, quando ela quis sair para se esconder nas rochas. O plano dela não funcionara, mas não por ter falhas. O Outro passara por ela no jipe, claro que sem saber que ela estava de tocaia. Se não tivesse feito aquela proeza imprevisível, jogando o jipe direto na casa, ela poderia ter deslizado para trás dele e o derrubado.

Mesmo assim, Marty não queria deixá-la sozinha junto à porta. Mas não havia tempo para discutir, porque ele suspeitava que em pouco tempo o ferimento começaria a sugar a força que ainda tinha. Além disso, não tinha um plano melhor para sugerir.

Na penumbra, ele mal conseguia reconhecer o rosto de Paige.

E esperava que aquela não fosse a última vez que a via.

Ele conduziu Charlotte e Emily para fora do nártex, entrando na nave. Cheirava à poeira, à umidade e às coisas selvagens que se abrigaram ali, desde os anos em que os fiéis partiram para retomar suas vidas espatifadas, em vez de se erguerem para sentar ao lado direito do Senhor.

No lado norte, o vento agitado jogava neve através das janelas quebradas. Se o inverno tivesse um coração, inanimado e esculpido em gelo, não seria mais frio que aquele lugar, nem a morte poderia ser mais ártica.

— Meus pés estão frios — disse Emily.

— Sssshhh. Eu sei — replicou ele.

— Os meus também — acrescentou Charlotte num sussurro.

— Eu sei.

Ter algo tão comum de que se queixar ajudava a tornar a situação menos bizarra, menos assustadora.

— Frios mesmo — insistiu Charlotte.

— Continuem andando. Todo o trajeto até a frente. Nenhum deles estava de botas, só tênis. A neve saturara o tecido, solidificou-se em cada ruga e transformou-se em gelo. Marty imaginou que por enquanto não precisavam se preocupar com ulcerações provocadas pelo frio. Isso levava algum tempo para se desenvolver. Talvez não vivessem o bastante para sofrer disso.

Em toda a nave sombras pendiam como estandartes, mas essa enorme câmara estava mais iluminada do que o nártex. Janelas em arco ogival duplo, desde muito tempo antes aliviadas do fardo do vidro, realçavam-se em ambas as paredes laterais e se elevavam a dois terços da distância até o teto abobadado. Elas admitiam luz suficiente para revelar as fileiras de bancos, a longa aleia central que levava ao presbitério, ao grande coro e inclusive à parte do alto altar na frente.

As coisas mais iluminadas da igreja eram as profanações dos vândalos, que haviam pintado suas obscenidades pelas paredes do interior em maior profusão do que do lado de fora. Marty tinha suspeitado que a tinta era luminosa quando a viu no exterior do prédio; de fato, nos recintos mais escuros, os rabiscos em serpentina brilhavam em tons laranja, azul, verde e amarelo, sobrepondo-se, enroscando-se, entrelaçando-se até quase parecerem verdadeiras cobras contorcendo-se nas paredes.

Marty estava tenso com a expectativa do disparo. A capela-mor não tinha o portão.

— Continuem andando — instou ele às meninas.

Os três continuaram até a plataforma do altar, de onde haviam sido retirados todos os objetos cerimoniais. Na parede do fundo estava pendurada uma cruz de madeira de dez metros de altura com grinaldas de teias de aranha.

Seu braço esquerdo estava dormente, mesmo assim ele o sentia inchado. A dor era como de um dente com abscesso mal situado em seu ombro. Marty sentia náuseas — embora não soubesse se era provocada pela perda de sangue, pelo medo por Paige ou pela sobrenaturalidade desorientadora da igreja.

Paige recuou da entrada para uma área do nártex, que continuaria escura mesmo se a porta fosse aberta ainda mais.

Olhando para a abertura entre a porta e o batente, ela viu movimentos fantasmas na indistinta luz cinzenta e agitação da neve. Ergueu e baixou a arma repetidas vezes. Cada vez que o confronto parecia ter chegado, sua respiração ficava presa na garganta.

Paige não teve que esperar muito tempo. Ele entrou em três ou quatro minutos e não foi tão circunspecto quanto ela esperava. Tendo sentido o movimento de Marty em direção ao fundo do prédio, O Outro entrou, confiante e atrevido.

Quando ele atravessava a soleira, com a silhueta na minguante luz do dia, ela apontou no meio do peito. A arma tremia em suas mãos, antes mesmo de Paige apertar o gatilho, e saltou com o recuo. No mesmo instante, ela engatilhou a outra bala e disparou de novo.

A primeira atingiu-o em cheio, mas a segunda provavelmente estragou mais o batente da porta do que a ele, porque O Outro recuou, saiu pela porta, sumiu de vista.

Ela *sabia* que causara muito dano, mas não houve gritos nem berros de dor, por isso ela passou pela porta com esperança e cautela, preparada para a visão de um cadáver nos degraus. Ele sumira e, de alguma forma, isso tampouco era uma surpresa, embora o seu rápido desaparecimento fosse tão intrigante que ela se virou e examinou a frente da igreja como se ele pudesse ter escalado aquela fachada pura com a vivacidade de uma aranha.

Ela podia procurar rastros na neve para tentar acossá-lo. Mas suspeitava que era isso que ele queria que ela fizesse.

Desanimada, ela reentrou na igreja correndo.

* * *

Matá-los, matá-los, matá-los agora.

Chumbo de caça. Na garganta, queimando fundo a carne dele. Ao longo de um lado do pescoço. Inchaços duros cravam-se em sua têmpora esquerda. Ouvido esquerdo esfarrapado e pingando. Acne de chumbo cobre a carne abaixo da face esquerda e do queixo. Lábio inferior dilacerado. Dentes rachados e quebrados. Cuspindo bolas. Uma chama de dor, mas nenhum ferimento no olho, visão não enfraquecida.

Ele corre agachado pelo lado sul da igreja, através de uma penumbra tão densa e cinza, tão envolta em gases de neve, que ele não tem nenhuma sombra. Sem sombra. Sem mulher, sem filhas, sem mãe, sem pai, desaparecidos, sem vida, roubada, usada e jogada fora, sem espelho no qual se olhar, sem reflexo

para confirmar sua substância, sem sombra, apenas pegadas na neve para apoiar sua reivindicação de existência, pegadas e seu ódio, como Claude Rains em *O Homem Invisível*, definido pelas pegadas e pela fúria.

Ele procura freneticamente uma entrada, fazendo uma rápida inspeção em cada janela por que passa.

Na prática, todos os vidros desapareceram dos altos painéis dos vitrais, mas as barras de aço permanecem. Grande parte do chumbo que definia os padrões originais ainda se encontram entre as fasquias, embora em muitos lugares esteja dobrado, torcido e caído, torturado pelo tempo ou pelas mãos dos vândalos, tornando irreconhecíveis os contornos originais dos símbolos e figuras religiosas, deixando em seu lugar formas teratogênicas tão sem sentido quanto as formas de velas derretidas.

A penúltima janela da nave está sem a armação de aço, as fasquias e o chumbo. A base de granito que marca o peitoril da janela está a 1,5m do chão. Ele se alça com a agilidade de um ginasta e se senta nas coxas no peitoril baixo. Espia para inúmeras sombras entrefolhadas de estranhos jorros sinuosos de brilho laranja, amarelo, verde e azul.

Uma criança grita.

* * *

Correndo na passagem central da igreja destruída pelos grafiteiros, Paige teve a peculiar sensação de que estava debaixo d'água, imersa num clima tropical, abaixo de uma enseada do Caribe, em cavernas de coral espalhafatosamente luminescentes, com algas equatoriais balançando suas folhas emplumadas e radiantes em volta dela.

Charlotte gritou.

Tendo chegado ao presbitério, Paige se vira para encarar a nave. Girando a Mossberg para a esquerda e para a direita, procurando, em pânico, a ameaça, ela viu O Outro quando Emily gritou:

— Na janela, pega ele.

De fato, ele estava sentado numa das janelas ao sul — uma forma escura que, contra a pálida luz e os jorros esbranquiçados de neve, parecia apenas meio humana. Os ombros curvados, a cabeça abaixada, braços caídos, ele tinha o aspecto de um macaco.

Os reflexos de Paige foram rápidos. Ela disparou a Mossberg sem nenhuma hesitação.

Mesmo que a distância não estivesse a seu favor, ele teria escapado incólume porque, quando ela apertou o gatilho, ele estava se movendo. Com a graça fugidia de um lobo, ele pareceu ter deslizado do peitoril para o chão. O chumbo grosso passou inofensivo no espaço que ele ocupara e espatifou a

ombreira da janela que o emoldurara.

Ele fugiu de quatro entre as fileiras de bancos, onde desapareciam as sombras mais profundas da igreja. Se ela fosse caçá-lo ali, ele a pegaria e mataria.

Paige recuou no presbitério e passou pelo santuário em direção a Marty e as meninas, mantendo a espingarda preparada.

Os quatro retiraram-se para um quarto contíguo, que podia ter sido a Sacristia. Um par de janelas de caixilho mal admitia luz para revelar três portas além daquela pela qual entraram.

Paige fechou a porta do santuário e tentou trancá-la. Mas ela não estava equipada com uma fechadura. Não havia nenhum móvel disponível para bloquear ou fixar a porta.

Marty tentou uma das outras portas.

— Fechada.

O vento estridente e a neve entraram pela porta que Charlotte abriu, de modo que ela fechou-a com uma batida.

Ao examinar a terceira possibilidade, Emily disse:

— Escada.

* * *

Entre os bancos de igreja. Rastejando. Cauteloso.

Ele ouve uma porta ser batida.

E espera.

Presta atenção.

Fome. A dor forte logo se dissipa em calor fraco. O sangramento diminui para um gotejamento, um pingar. Agora a fome o domina enquanto seu corpo exige enormes quantidades de combustível para facilitar a reconstrução do tecido danificado.

Ele já está metabolizando a gordura e a proteína do corpo para fazer reparos urgentes nos vasos sanguíneos rasgados ou rompidos. Seu metabolismo acelera-se de maneira impiedosa, é uma função inteiramente autônoma sobre a qual ele não tem nenhum poder.

O dom que o torna tão menos vulnerável do que os outros homens logo começará a reclamar uma taxa. Seu peso declinará. A fome se intensificará até tornar-se tão excruciante quanto a agonia de ferimentos mortais. A fome se tornará uma ânsia. A ânsia se tornará uma necessidade desesperada.

Ele pensa em bater em retirada, mas está tão perto. Tão perto. Eles estão em fuga. Cada vez mais isolados. Não podem opor resistência a ele. Se perseverar, em minutos todos estarão mortos.

Além disso, seu ódio e sua raiva são tão grandes quanto sua fome. Ele está

desvairado pela doce satisfação que só a extrema violência pode garantir.

Na tela de cinema de sua mente, imagens homicidas tremeluzem de forma sedutora: crânios espatifados à bala, rostos martelados com brutalidade, olhos arrancados, gargantas dilaceradas, dorsos cortados, facas reluzentes, machetes, machados, membros cortados, mulheres em fogo, crianças gritando, gargantas machucadas de jovens prostitutas, a carne se dissolvendo sob um *spray* de ácido...

Ele rasteja para fora dos bancos, entra no corredor central, fica agachado.

As paredes estão cheias de hieróglifos extraterrestres que brilham.

Ele está no ninho do inimigo.

Alienígena e estranho. Hostil e inumano.

Seu medo é grande. Mas só serve para alimentar sua raiva.

Ele corre para a frente do salão, atravessa uma abertura no corrimão em direção à porta atrás da qual se retiraram.

* * *

Luz tão fraca quanto caldo de peixe penetrava através de janelas não vistas acima e em volta dos giros da escada em espiral.

O prédio ao qual a igreja estava ligada tinha dois andares. Podia haver uma passagem de ligação entre essa escada e uma outra estrutura, mas Marty não tinha a menor ideia de para onde se dirigiam. Por essa razão, ele quase desejava que eles tivessem saído pela porta que dava no exterior.

Entretanto, a dormência no braço o tolhia bastante e a dor no ombro, que piorava a cada minuto, drenava seriamente a sua energia. O prédio não estava aquecido, era tão frio quanto o mundo lá fora, mas pelo menos oferecia abrigo contra o vento. Entre seu ferimento e a tempestade, ele não pensava que duraria mais atrás das paredes da igreja.

As meninas subiam na frente dele.

Paige vinha por último, externando sua preocupação em voz alta porque a porta aos pés da escada, assim como a da Sacristia, não tinha uma fechadura. Ela subia de costas, passo a passo, protegendo o território atrás deles.

Em pouco tempo, eles alcançaram uma janela de múltiplas abas, encravada na parede externa, que era a fonte da fraca iluminação abaixo. A maior parte do vidro claro estava intacta. A luz na escada espiralada tinha a mesma qualidade lúgubre e, com toda probabilidade, entrava por outra janela do mesmo tamanho e modelo.

Marty movia-se mais devagar e sua respiração ficava mais trabalhosa quanto mais alto subiam, como se estivessem atingindo altitudes em que o conteúdo de oxigênio no ar sofria um drástico declínio. A dor em seu ombro

esquerdo intensificava-se e a náusea adensava-se.

As paredes de reboco pintado, os degraus de madeira cinzenta e a luz opaca lembravam a ele os filmes suecos depressivos dos anos cinquenta e sessenta, filmes sobre desesperança, desespero e destino sombrio.

No início, o corrimão ao longo da parede externa não foi essencial para seu progresso. Entretanto, logo se tornou uma muleta necessária. Ao longo de um tempo desanimadoramente curto, Marty descobriu que não poderia contar com a força das pernas, que ficavam cada vez mais trêmulas, e que também precisava impulsionar-se para cima com o braço direito bom.

No momento em que chegaram à segunda janela com múltiplas abas, com mais degraus e luminosidade cinzenta pela frente, Marty soube onde estavam: numa torre de sino.

A escada não levaria a uma passagem que os ligasse ao segundo andar de algum outro prédio, porque já estavam mais alto do que dois andares. Cada passo adicional para cima era um compromisso irreversível com essa opção única.

Agarrando o corrimão com a mão direita boa, começando a sentir-se tonto e com medo de perder o equilíbrio, Marty parou para advertir Paige de que seria melhor pensar em voltar. Talvez a perspectiva inversa dela no poço da escada a impedisse de compreender a natureza da armadilha.

Antes que ele pudesse falar, a porta lá embaixo se abriu com estardalhaço, fora do campo de visão, do outro lado das primeiras voltas.

* * *

Seu último pensamento claro é a súbita percepção de que já não tem mais seu Chief's Special 38, que deve ter perdido depois de ter sido alvejado na entrada da igreja; a arma caiu na neve e ele não notou a perda até esse momento. Ele não tem tempo para recuperá-la, mesmo sabendo onde procurar. Agora, sua principal arma é seu corpo, suas mãos, suas habilidades homicidas e sua força excepcional. Seu ódio feroz é uma arma, também, porque o motiva a correr qualquer risco, confrontar o perigo extremo e suportar o sofrimento cruel que incapacitaria um homem comum. Mas ele não é comum, é um herói, é julgamento e vingança, é a fúria recompensadora de justiça, vingador de sua família assassinada, Nênese de todas as criaturas que não são desta terra, mas que tentariam reivindicá-la como sua, salvador da humanidade. Essa é a razão de sua existência. Enfim, sua vida tem sentido e propósito: salvar o mundo daquele flagelo inumano.

* * *

Pouco antes de a porta abrir-se abaixo de Paige, a estreita escada em espiral trouxe à mente faróis que ela vira em filmes. Da imagem de um farol,

ela pulou para a percepção de que se encontravam na torre do sino da igreja. Então, a porta mais baixa se abriu, fora do campo de visão, do outro lado das paredes em curva do poço da escada em espiral, e eles não tinham outra escolha a não ser continuar até o topo.

Durante um breve momento, ela pensou em atacar escada abaixo, abrindo fogo quando estivesse bem em cima dele. Mas ao ouvir os seus passos descendo, ele poderia retirar-se para a Sacristia, onde o grosso fio do crepúsculo já tecia a escuridão, onde ele poderia aproximar-se dela no escuro e atacá-la quando sua atenção fosse desviada para o grupo errado de sombras.

Ela também podia esperar onde estava, deixá-lo ir até ela e estourar-lhe a cabeça tão logo ele aparecesse no campo de visão. Entretanto, se ele sentisse que ela estava esperando, e se abrisse fogo ao fazer a curva, não erraria o alvo naquele recinto apertado. Ela poderia estar morta antes de conseguir apertar o gatilho ou, na melhor das hipóteses, podia, ao cair, disparar um tiro no teto da escada, causando dano apenas no reboco.

Ao recordar a silhueta preta no peitoril da janela da nave e a estranha rapidez com que se movera, ela suspeitou que os sentidos do Outro eram mais aguçados do que os dela. Ficar deitada esperando com a esperança da surpresa talvez fosse um jogo de tolo.

Ela continuou subindo, tentando convencer-se de que eles estavam na melhor de todas as posições possíveis: defendendo terreno alto contra um inimigo que dispunha apenas de uma aproximação estreita. Era como se a plataforma da torre do sino devesse ser um reduto inexpugnável.

* * *

Inundado por agonias de fome, suando de necessidade e raiva, com pelotas de chumbo estourando em sua carne, ele se cura degrau a degrau, mas com um custo. A gordura do corpo minguava e até parte do tecido muscular e da massa de ossos são sacrificadas para acelerar a emenda dos ferimentos do chumbo grosso. Ele range os dentes com a necessidade compulsiva de mastigar, mastigar e engolir, despedaçar e rasgar, alimentar-se, alimentar-se, embora não haja nenhum alimento que satisfaça a terrível dor cruciante que o tortura.

* * *

No topo da torre, metade do espaço tinha uma parede completa, proporcionando um patamar para a escada. Uma porta comum dava acesso desse vestibulo para uma outra parte da plataforma, que era exposta aos elementos em três lados. Charlotte e Emily abriram a porta sem dificuldade e saíram apressadas do poço da escada.

Marty seguiu-as. Estava com uma fraqueza desalentadora, porém mais tonto do que fraco. Ele agarrou o umbral da porta e depois o coroaamento de concreto da parede da altura da cintura — o parapeito — que encerrava os outros três lados da plataforma externa do campanário.

Acentuada pelo vento frio, a temperatura devia estar cinco ou dez graus abaixo de zero. Marty estremeceu quando a forte ventania chicoteou seu rosto — e não ousou pensar o quanto mais frio seria dez minutos ou uma hora depois.

Embora Paige pudesse ter balas de espingarda em quantidade suficiente para impedir que O Outro os alcançasse, eles não sobreviveriam à noite.

Se a previsão do tempo estivesse certa e a tempestade durasse até muito depois do amanhecer, eles não conseguiriam usar a Mossberg para tentar chamar atenção para sua situação até de manhã. O vento uivante dispersaria o estrondo do tiro antes que o barulho revelador pudesse chegar além da propriedade da igreja.

A plataforma exposta tinha quase quatro metros, piso de ladrilhos e calhas para esgotar a água da chuva. Dois postes de canto, com cerca de 1,80m de altura, pairavam acima da parede e, com a ajuda da parede inteira do lado leste, sustentavam o teto pontudo do campanário.

Não havia nenhum sino no campanário. Quando Marty olhou de olhos semicerrados para os recessos sombrios do espaço cônico, viu as formas negras do que podiam ser alto-falantes que antes transmitiam as badaladas gravadas.

Parecendo ficar ainda mais branca enquanto o dia escurecia sem parar, a neve caía inclinada no campanário com o vento noroeste. Uma pequena corrente se formava ao longo da base da parede sul.

As meninas haviam fugido pela cobertura para o lado oeste, o mais longe possível da porta, mas Marty sentia-se inseguro demais para atravessar mesmo aquela curta distância sem apoio. Enquanto dava a volta na plataforma para ir juntar-se a elas, apoiando a mão direita no parapeito da altura da cintura, os ladrilhos do chão pareceram escorregadios, embora tivessem uma textura para ser menos traiçoeiros quando estivessem úmidos.

Ele cometeu o erro de olhar por sobre a beirada do parapeito, para o fosforescente manto de neve no solo, seis ou sete andares abaixo. A visão incitou um ataque de vertigem tão forte que Marty quase desmaiou antes de desviar os olhos da longa queda.

Quando alcançou as filhas, Marty sentia mais náuseas do que antes, e tremia com tanta força que qualquer tentativa de falar resultaria em cadeias trêmulas de sons vagamente semelhantes a palavras. Por maior que fosse seu frio, ainda assim o suor gotejou em sua coluna dorsal. O vento uivava, a neve rodopiava, a noite caía e o campanário parecia estar girando como um carrossel.

A dor do ferimento no ombro se havia espalhado por seu dorso, até que o ponto de fogo passou a ser apenas o centro de uma dor mais generalizada que

latejava com cada batida de seu coração. Ele sentia-se desamparado, ineficaz, e xingou-se por ser tão inútil no momento em que sua família mais precisava dele.

Paige não se reunira a Marty e às meninas na plataforma. Ficou parada ao lado da porta aberta, no patamar cercado, espiando a escada curva abaixo.

Chamas jorraram do cano da arma, fazendo as sombras dançarem. O bum do tiro — e os ecos — soaram do outro lado da plataforma do campanário, e da escada veio um grito de dor e de raiva que quase não era humano, logo seguido por um segundo tiro e mais agudos e guinchos estranhos.

Aumentaram as esperanças de Marty — e sucumbiram um instante depois quando o grito agonizante do Outro foi seguido pelo berro de Paige.

* * *

Ao longo da parede curva, passo a passo, queimando de fome, cheio de fogo, a fornalha do corpo atizada num fogo incandescente, torturado pela necessidade, alerta para qualquer som, mais alto, mais alto, mais alto na escuridão, queimando por dentro, fervendo, desesperado e impelido, impelido pela necessidade, depois a coisa assomando, a coisa-Paige no patamar acima, uma silhueta enrolada em sombras, mas reconhecível como a coisa-Paige, repulsiva e mortal, uma semente alienígena. Ele cruza os braços sobre o rosto, protegendo os olhos, absorvendo o primeiro golpe duro, mil ferrões de dor, uma profunda martelada, quase jogado para trás escada abaixo, balançando nos calcanhares, os braços paralisados por um instante, sangrando e rasgado, pegando fogo de necessidade, necessidade, uma dor interna pior do que a externa, *mover-se-mover-se-enfrentar-desafiar-lutar-e-vencer*, investindo para a frente, para cima, gritando sem querer, o segundo tiro uma marreta no peito, o coração gagueja, gagueja, a escuridão cai, o coração gagueja, o pulmão esquerdo estoura como um balão, sem respiração, sangue na boca. A carne rasga, o sangue jorra, a carne se une, o sangue vaza. Ele inspira, inspira e ainda está se movendo para cima, para cima e para a mulher, nunca teve que suportar tamanha agonia, um mundo de dor, um caldeirão de fogo, lava em suas veias, o pesadelo de uma fome que tudo consome, testando os limites de seu corpo milagroso, oscilando na beira da morte, cair sobre ela, jogá-la para trás, as garras na arma, arrancá-la dela, arremessar para o lado, ir na garganta dela, em seu rosto, bater em seu rosto, morder seu rosto, ela o mantém recuado, para trás, mas ele precisa de seu rosto, rosto, o macio rosto pálido dela, carne alienígena, substância para saciar a necessidade, a terrível *necessidade* que queima sem parar.

* * *

O Outro arrancou a espingarda da mão de Paige, jogou-a para o lado,

bateu com força nela e jogou-a para trás pelo vão da porta.

A área sob o campanário parecia estar mais iluminada pela fosforescência natural da neve caindo do que pela luz que se dissipava no dia que morria. Marty viu que O Outro tinha sofrido ferimentos horríveis e passara por estranhas mudanças — *ainda* estava passando — embora a penumbra cendrada encobrisse detalhes dessa metamorfose.

Paige caiu na plataforma do campanário. O Outro jogou-se em cima dela como um predador sobre sua presa, rasgando-lhe a jaqueta de esqui, soltando um assobio seco de excitação, rangendo os dentes com a ferocidade de uma criatura selvagem que sai do bosque na montanha.

Agora *era* uma coisa. Não um homem. Estava acontecendo algo terrível, embora não identificável de todo.

Impelido pelo desespero, Marty encontrou dentro de si uma última fonte de força. Superou a tontura que beirava à total desorientação e deu um chute naquela coisa odiosa que queria sua vida. Atingiu direto na cabeça. Embora estivesse usando tênis, o chute teve um tremendo impacto, espatifando todo o gelo que se formara no tênis.

O Outro uivou, tombou para fora de Paige, rolou contra a parede sul, mas no mesmo instante pôs-se de joelhos, depois levantou-se nos pés, rápido como um gato e imprevisível.

Quando a coisa ainda tombava, Paige arrastou-se até as meninas, colocando-as atrás de seu corpo.

Marty investiu sobre a arma descarregada no patamar a centímetros do outro lado da porta aberta. Agachou-se e, com a mão direita, pegou a Mossberg pelo cano.

Paige e uma das meninas gritaram uma advertência.

Marty não tinha tempo para reverter a posição da arma e enfiar uma bala na câmara. Levantou-se e girou num movimento, soltando um grito selvagem não diferente daqueles de seu adversário, e girou a espingarda de caça pelo cano.

A coronha da Mossberg martelou o lado esquerdo do Outro, mas não com força suficiente para quebrar as costelas. Marty fora forçado a bater com uma das mãos, incapaz de usar a esquerda, e o recuo do golpe voltou para ele, fazendo seu peito doer, machucando-o mais do que ao Outro.

Arrancando a Mossberg de Marty, o sósia não mudou a arma para seu uso próprio, como se tivesse atingido um estado subumano no qual só reconhecia a arma como uma clava. Em vez disso, jogou a Mossberg fora, girando-a por sobre a parede da altura da cintura, na noite nevada.

A palavra “sósia” já não se aplicava mais. Marty ainda podia ver alguns aspectos de si mesmo naquela fisionomia deformada, mas mesmo naquela penumbra ninguém os confundiria como irmãos. Não era o dano do tiro que fazia a principal diferença. O rosto pálido estava estranhamente fino e pontudo, a

estrutura óssea proeminente demais, os olhos afundados em círculos escuros, cadavéricos.

A Mossberg ainda girava na neve que caía quando a coisa atacou Marty, lançando-o na parede norte. A parede de concreto da altura da cintura atingiu-o nos rins com tanta violência que arrancou dele a pouca força que conseguira juntar.

O Outro agarrava-o pela garganta. Reprise do corredor do andar de cima, ontem, em Mission Viejo. Dobrando-o para trás como o dobrara sobre o corrimão da galeria. Dessa vez, mais para a queda, numa escuridão mais negra que a noite, num frio mais intenso que as tormentas de inverno.

As mãos em volta de seu pescoço não pareciam mãos, em absoluto. Duras como garras metálicas de uma armadilha de lobo. Quentes apesar da noite gélida, tão quentes que quase o chamuscavam.

Não estava apenas estrangulando-o, mas também tentava mordê-lo como havia tentado morder Paige, golpeando como uma cobra, assobiando. Rosnando no fundo da garganta. Os dentes trincados no ar a dois centímetros do rosto de Marty. Hálito amargo e grosso. O fedor da decadência. Ele tinha a sensação de que, se pudesse, o Outro o devoraria, rasgaria sua garganta e beberia seu sangue.

A realidade superava a imaginação.

Toda razão desaparecia.

Os pesadelos eram reais. Os monstros existiam.

Com a mão boa, Marty agarrou um punhado do cabelo do Outro e puxou com força, jogando-lhe a cabeça para trás, ansioso para manter aqueles dentes brilhantes longe dele.

Os olhos do Outro brilharam e reviraram-se. Voou uma saliva espumante quando ele gritou.

O calor derramou-se em seu corpo, tão quente quanto o toque no assento de vinil de um carro aquecido pelo sol do verão.

O Outro soltou a garganta de Marty, mas ainda fixando-o contra o parapeito, esticou o braço para trás e pegou a mão que agarrava seu cabelo. Dedos ossudos. Inumanos. Garras duras. Pareciam sem carne, quebradiças, mas muito ferozes e fortes, e quase esmagou sua mão antes de ele soltar o cabelo. Então, ele jogou a cabeça para o lado e mordeu o antebraço de Marty, rasgando a manga da jaqueta mas não a carne. Mordeu-o de novo, afundou os dentes em sua mão, e Marty gritou. A coisa agarrou-lhe a jaqueta de esquí, puxando-o do parapeito enquanto Marty inclinava-se no vazio para escapar da coisa, mordeu seu rosto, com os dentes fechando-se uma fração de centímetro de sua face. A coisa grunhiu uma única palavra torturada, *preciso*, e tentou dar uma dentada em seu olho, mordendo, mordendo seu olho.

— Esteja em paz, Alfie.

Marty registrou as palavras, mas no início não ouviu com clareza

suficiente para compreender o que significavam, ou para perceber que nunca antes tinha ouvido aquela voz.

O Outro jogou a cabeça para trás, como se estivesse prestes a dar a estocada final contra seu rosto. No entanto, manteve essa postura, com os olhos selvagens, o rosto esquelético de uma luminosidade tão suave quanto a neve, os dentes de fora, rolando a cabeça de lado a lado, soltando um som fino e sem palavras, como se não soubesse ao certo por que hesitava.

Marty sabia que devia aproveitar o momento para jogar o joelho contra a virilha da coisa, tentar jogá-la para trás na plataforma, para o parapeito oposto, para cima, para fora e para longe. Podia imaginar o que fazer, ver com seus olhos de escritor um momento de ação de um romance ou filme totalmente pensado, mas não lhe sobravam forças. A dor latejava em seu ferimento à bala, a garganta e a mão mordida inchavam, a vertigem e a náusea o possuíam, e Marty soube que estava à beira de um desmaio.

— Esteja em paz, Alfie — repetiu a voz com mais firmeza.

Ainda segurando Marty, desamparado em suas mãos ferozes, O Outro girou a cabeça na direção da pessoa que falou.

Uma lanterna elétrica piscou, dirigida para o rosto da criatura.

Piscando para a fonte de luz, Marty viu um homem com jeito de urso, alto e com peito de barril, e um homem menor em traje de esquí preto. Os dois eram estranhos.

Demonstravam um pouco de surpresa, mas não o choque e horror que Marty teria esperado.

— Minha nossa! — disse o homem menor —, o que está acontecendo com ele?

— Fusão metabólica — respondeu o maior.

Marty olhou para a parede oeste do campanário, onde Paige estava agachada com as meninas, protegendo-as, mantendo suas cabeças em seu peito para impedir que vissem muito a criatura.

— Esteja em paz, Alfie — repetiu o homem menor.

O Outro grunhiu numa voz torturada pela raiva, dor e confusão:

— Pai. Pai. Pai?

Marty ainda estava sendo segurado com firmeza, e sua atenção fora novamente atraída pela coisa que antes se parecia com ele.

O rosto iluminado pela lanterna era mais hediondo do que parecera na escuridão. Tufos de vapor *subiam* em alguns lugares, confirmando sua sensação de que era quente. Uma grande quantidade de ferimentos à bala se abria num lado da cabeça, mas não sangravam e, de fato, pareciam quase curados. Enquanto Marty olhava, uma pelota de chumbo preto saiu da têmpora da criatura e escorreu por sua face numa trilha fina de fluido amarelado.

Os ferimentos eram seus traços menos repulsivos. Apesar da força física

que ele ainda possuía, tinha tão pouca carne quanto algo que saía de um caixão depois de um ano debaixo da terra. A pele estava toda esticada em seus ossos faciais. Suas orelhas estavam enrugadas em nós duros de cartilagem e encostavam na cabeça. Lábios ressecados haviam encolhido para dentro das gengivas, dando maior proeminência aos dentes, criando a ilusão de uma focinheira e o bico malvado de um predador.

Era a morte personificada, O Ceifeiro Sombrio sem sua volumosa túnica preta e a foice, a caminho de um baile à fantasia, num traje de carne tão fino e barato que em nenhum momento era convincente.

— Pai? — disse a coisa de novo, olhando para o estranho de traje de esquí preto. — Pai?

Com insistência:

— Esteja em paz, Alfie.

O nome “Alfie” era tão inadequado para a grotesca aparição que ainda segurava Marty, que este suspeitou que a chegada dos dois homens era uma alucinação.

O Outro afastou-se do feixe de luz e lançou outro olhar feroz para Marty. Ele parecia não saber ao certo o que fazer em seguida.

Então, a coisa aproximou seu rosto de cemitério do rosto de Marty, empinando a cabeça como se estivesse curioso.

— Minha vida? Minha vida?

Marty não sabia o que ele perguntava e estava tão fraco pela perda de sangue, pelo choque ou por ambos, que só conseguiu empurrar a coisa com a mão direita fraca.

— Solte-me.

— Preciso — disse a coisa. — Preciso, preciso, *preciso, preciso, PRECISO, PRECISO*.

A voz espiralou num grito estridente. Sua boca escancarou-se num sorriso sem humor e atacou o rosto de Marty.

Souu um tiro. A cabeça do Outro foi jogada para trás. Marty curvou-se contra o parapeito, enquanto a criatura o soltava e seu grito de fúria demoníaca abafava gritos de terror de Emily e Charlotte.

O Outro fechou as mãos esqueléticas no crânio espatifado, como se tentasse mantê-lo inteiro.

O feixe da lanterna oscilou, encontrou-o.

As fissuras no osso curaram e o buraco de bala começou a fechar-se, impelindo a bala de chumbo para fora do crânio. Mas o custo dessa cura milagrosa ficou evidente quando o crânio do Outro começou a ter uma mudança mais dramática, ficando menor e mais estreito e mais lupino, como se os ossos se dissolvessem e reformassem sob o fino revestimento de pele, tomando massa num lugar para reconstruir danos em outro.

— Está se canibalizando para fechar o ferimento — disse o grandalhão.

Mais tufo fantasmagóricos de vapor se erguiam da criatura, que começou a rasgar as roupas que estava usando, como se não conseguisse tolerar o calor.

O homem menor atirou de novo. No rosto.

Ainda segurando a cabeça, O Outro girou na plataforma do campanário, indo colidir com o parapeito sul. Quase passou por cima, caindo no vazio.

A coisa caiu de joelhos, soltando as roupas rasgadas como se fossem farrapos de um casulo, contorcendo-se numa forma mais sombria e inumana, contraindo-se, inquietando-se.

Não estava mais berrando ou sibilando. Soluçava. Apesar de sua aparência cada vez mais monstruosa, os soluços deixavam-no menos ameaçador e até digno de pena.

Infatigável, o atirador deu um passo à frente e disparou um terceiro tiro.

Os soluços abateram Marty, talvez porque havia algo de humano e patético nele. Fraco demais para ficar de pé, ele deslizou para o chão, as costas apoiadas no parapeito da altura da cintura, e teve que desviar o olhar da criatura que se debulhava em lágrimas.

Passou-se uma eternidade antes que O Outro ficasse totalmente imóvel e quieto.

Marty ouviu as filhas chorarem.

Relutante, ele virou os olhos para o corpo caído do outro lado da plataforma, agora banhado pelo impiedoso feixe revelador da lanterna. O cadáver era um quebra-cabeça de ossos e carne brilhante, a maior parte de sua substância havia sido consumida nas frenéticas tentativas de se curar e ficar vivo. Os restos torcidos e rasgados mais pareciam os de uma forma alienígena do que de um homem.

O vento soprava.

A neve caía.

Descia um frio mais intenso.

Depois de algum tempo, o homem de traje de esquí preto afastou-se dos restos e falou com o homem com cara de urso.

— De fato, um menino muito mau.

O homem maior não disse coisa alguma.

Marty queria perguntar quem eram eles. Entretanto, sua consciência era tão tênue que ele pensou que o esforço para falar poderia fazer com que desmaiasse.

O homem menor disse para seu parceiro:

— O que você achou da igreja? Tão esquisita quanto qualquer coisa com que Kirk e a tripulação se depararam, não? Todas essas obscenidades luminosas nas paredes. Vai tornar nosso pequeno cenário mais convincente ainda, não acha?

Embora estivesse tão *tonto* como se tivesse bebido e sentisse dificuldade para manter os pensamentos concentrados, agora Marty confirmara o que suspeitara quando os dois homens chegaram: eles não eram salvadores, mas apenas novos executores, e só marginalmente menos misteriosos do que O Outro.

— Você vai fazer isso? — perguntou o maior dos dois.

— Problema demais para arrastá-los de volta à cabana. Você não acha que essa igreja esquisita é um cenário melhor?

— Drew — disse o grandalhão —, tem uma série de coisas em você que eu gosto.

O homem menor pareceu confuso. Ele enxugou a neve que o vento lançou em seus cílios.

— O que você disse?

— Você é muito esperto, mesmo para quem foi a Princeton e Harvard. Tem um bom senso de humor, tem mesmo, você me faz rir, mesmo quando é à minha custa. Porra, sobretudo quando é à minha custa.

— O que você está falando?

— Mas você é um filho da puta maluco e doente — disse o grandalhão, levantando a arma e atirando no parceiro.

Drew, se fosse esse seu nome, chocou-se com o chão de ladrilhos com tanta força como se fosse de pedra. Caiu de lado, encarando Marty. Sua boca estava aberta, assim como seus olhos, embora estivesse com olhar de cego e parecesse nada ter a dizer.

No centro da testa de Drew havia um feio buraco de bala. Enquanto conseguiu manter a consciência, Marty ficou olhando fixo para o ferimento, que não parecia estar se curando.

O vento soprava.

A neve caía.

Um frio mais intenso descia — junto com uma escuridão maior.

7.

Marty acordou com a testa pressionada no vidro frio. A neve pesada batia no outro lado do painel.

Estavam estacionados perto de bombas de gasolina. Entre as bombas e a neve que caía, ele viu um pequeno supermercado bem iluminado, com janelas grandes.

Ele virou a cabeça para longe do vidro e sentou-se mais ereto. Estava no assento traseiro de uma perua tipo caminhão, uma Explorer ou Cherokee.

Atrás do volante, o grandalhão do campanário estava virado no assento, olhando para trás.

— Como você está?

Marty tentou responder. A boca estava seca, a língua grudada no céu da

boca e a garganta machucada. O grasnido que escapou dele não foi uma palavra.

— Acho que vai ficar bom — disse o estranho.

A jaqueta de esqui de Marty estava aberta e ele ergueu a mão trêmula para o ombro esquerdo. Sob o suéter de lã molhado de sangue, ele sentiu uma estranha massa volumosa.

— Socorro médico de campanha — disse o homem. — O melhor que pude fazer na pressa. Quando sairmos dessas montanhas e atravessarmos a fronteira do condado, limparei o ferimento e trocarei o curativo.

— Está doendo.

— Não duvido.

Marty não se sentia apenas fraco, mas também frágil. Ele vivia das palavras e nunca deixava de ter a palavra certa quando precisava, de modo que foi frustrante ver-se com energia apenas para falar:

— Paige?

— Lá dentro com as meninas — disse o estranho, indicando a combinação posto de gasolina e supermercado. — As meninas estão usando o banheiro. A Sra. Stillwater está pagando ao caixa, pegando um pouco de café quente. Acabei de encher o tanque.

— Você é...

— Clocker. Karl Clocker.

— Atirou nele.

— Claro que sim.

— Quem... quem... era ele?

— Drew Oslett. A questão maior é... *o que* ele era?

— Hem?

Clocker sorriu.

— Nascido de homem e mulher, mas não era mais humano que o pobre Alfie. Se lá fora, em algum lugar, houver uma espécie alienígena má saqueando a galáxia, jamais se meterá conosco se souber que podemos produzir uma espécie como Drew.

* * *

Clocker dirigia e Charlotte ocupava o assento do carona. Ele se referia a ela como “primeiro piloto Stillwater” e incumbiu-a do dever de “passar o café para o capitão quando ele precisasse de um outro gole e, fora isso, impedir o derramamento catastrófico que podia causar danos irreparáveis ao navio”.

Ao contrário de sua característica, Charlotte estava contida e sem vontade de brincar.

Marty estava preocupado com as cicatrizes psicológicas que aquela provação podia ter deixado nela — e com o trauma e problemas adicionais que

eles podiam ter pela frente.

No assento traseiro, Emily estava sentada atrás de Karl Clocker, Marty atrás de Charlotte e Paige entre os dois. Emily não estava apenas quieta, mas em completo silêncio, e Marty também se preocupava com ela.

Fora de Mammoth Lakes, na Rota 203 e ao sul na 395, o avanço foi lento. Havia cinco ou sete centímetros de neve no chão, e a nevasca uivava a plenos pulmões.

Clocker e Paige bebiam café e as meninas tomavam chocolate. Os aromas deviam ser atraentes, mas aumentaram o enjoo de Marty.

Ele recebeu suco de maçã. No supermercado, Paige adquirira uma caixa de seis latas de suco.

— Deve ser a única coisa que você pode segurar no estômago — disse Clocker. — E mesmo que lhe dê ânsias de vômito, você tem que tomar o máximo que puder porque, com esse ferimento, com toda certeza está se desidratando perigosamente.

Marty estava tão trêmulo que, mesmo com a mão direita, não conseguiu segurar o suco sem derramar. Paige pôs um canudo na lata, segurou-a por ele e enxugou-lhe o queixo sempre que o suco escorria.

Marty sentia-se desamparado. Perguntava-se se o ferimento seria mais grave do que lhe disseram ou perceberam.

Intuitivamente, ele sentia que estava morrendo — mas não sabia se essa era uma impressão exata ou a maldição da imaginação de um escritor.

* * *

A noite estava cheia de flocos brancos, como se o dia não apenas houvesse se dissipado, mas sim se espatifado numa infinidade de pedaços que flutuariam para sempre através de uma escuridão infinita.

Clocker contou-lhes sobre a Rede, falando mais alto que o chilrear das correntes dos pneus e o rosnar do motor, enquanto desciam das Sierras num comboio de carros atrás de uma limpa-neve e de um caminho de cinzas.

Era uma aliança de pessoas poderosas no governo, negócios, justiça e meios de comunicação, reunidas através da percepção compartilhada de que a tradicional democracia ocidental era um sistema ineficiente e inevitavelmente catastrófico para ordenar a sociedade. Elas estavam convencidas de que a imensa maioria dos cidadãos era comodista, procurava a sensação, não tinha valores espirituais, era gananciosa, preguiçosa, invejosa, racista e deploravelmente ignorante de todas as questões importantes.

— Eles acreditam — disse Clocker — que a história registrada prova que as massas sempre foram irresponsáveis e que a civilização só progrediu por sorte e pelos esforços diligentes de alguns poucos visionários.

— Eles acham que essa ideia é nova? — perguntou Paige com desdém.
— Já ouviram falar de Hitler, Stalin, Mao Tse-tung?

— O que eles acham que é novo — disse Clocker — é que chegamos a uma era em que as escoras tecnológicas da sociedade são tão complexas e tão vulneráveis, por causa dessa complexidade, que a civilização... de fato, o próprio planeta... não pode sobreviver se o governo toma decisões baseadas nos caprichos e motivações egoístas das massas, que puxam as alavancas nas cabines de votação.

— Merda — disse Paige.

Marty teria apoiado a opinião dela caso se sentisse forte o bastante para entrar na discussão. Mas só tinha forças para chupar e engolir o suco de maçã.

— O que eles são mesmo — disse Clocker — é o poder bruto. A única coisa nova neles, não importando o que pensem, é que estão trabalhando juntos a partir de extremos diferentes do espectro político. As pessoas que querem banir *Huckleberry Finn* das bibliotecas, e as pessoas que querem banir os livros de Anne Rice, podem parecer motivadas por interesses diferentes, mas do ponto de vista espiritual são irmãos e irmãs.

— Certo — disse Paige. — Elas compartilham a mesma motivação... o desejo não apenas de controlar o que outras pessoas fazem, mas também o que *pensam*.

— Os ecologistas mais radicais, aqueles que querem reduzir a população do mundo com medidas extremas em uma ou duas décadas, porque acreditam que a ecologia do planeta está em perigo, são de certa maneira simpáticos com as pessoas que gostariam de reduzir drasticamente a população mundial apenas porque acham que há negros e mulatos demais.

— Uma organização com tais extremos não pode manter-se intacta durante muito tempo — explicou Paige.

— Concordo — disse Clocker. — Mas se desejam o poder com muita intensidade, o poder total, podem trabalhar juntos o tempo suficiente para obtê-lo. Depois, quando estiverem no controle, apontarão as armas uns contra os outros e atingirão o resto de nós no fogo cruzado.

— Qual o tamanho da organização de que estamos falando? — perguntou ela.

— Grande — disse Clocker depois de uma hesitação.

Marty chupou o canudo, sentindo uma gratidão exagerada pelo nível de civilização que permitia a sofisticada integração da agricultura, do processamento de comida, embalagem, *marketing* e distribuição de produtos tão cômodos como um frio e doce suco de maçã.

— Os diretores da Rede acham que a tecnologia moderna encarna uma ameaça para a humanidade — explicou Clocker, ligando os limpadores de para-brisas numa velocidade mais baixa —, mas não são contra usar o lado do corte dessa tecnologia para perseguir o poder.

O desenvolvimento de uma força de clones totalmente controláveis para servir como policiais e soldados obedientes do próximo milênio era apenas um dos inúmeros programas de pesquisa, que visavam ajudar a pôr em movimento o novo mundo, apesar de ser um dos primeiros a dar frutos. O primeiro indivíduo da primeira — ou Alfa — geração de clones operáveis.

Como a sociedade estava cheia de pensadores incorretos em posições de autoridade, os primeiros clones deviam ser empregados para assassinar os líderes nos negócios, no governo, nos meios de comunicação e na educação, que eram retrógrados demais em sua atitude para serem persuadidos da necessidade de mudança. O clone não era uma pessoa real, mas mais ou menos uma máquina feita de carne; portanto, era o assassino ideal. Ele não tinha nenhuma consciência de quem o criara e instruíra, de modo que não podia trair seus operadores ou revelar a conspiração em que servia.

Clocker reduziu a marcha quando o comboio de veículos diminuiu de velocidade num declive muito varrido pela neve.

— Como não é reprimido pela religião — continuou ele —, pela filosofia, por algum sistema de crença, por uma família ou um passado, não há muito perigo de que um clone assassino comece a duvidar da moralidade das atrocidades que comete, de que desenvolva uma consciência ética ou apresente algum vestígio de livre-arbítrio que possa interferir no desempenho de suas missões.

— Mas claro que alguma coisa deu errado com Alfie — disse Paige.

— Sim. E jamais saberemos exatamente o quê.

Por que ele se parecia comigo?, Marty queria perguntar, mas em vez disso sua cabeça refestelou-se no ombro de Paige e ele perdeu os sentidos.

* * *

Um corredor de espelhos num labirinto carnavalesco de um parque de diversões. Frenético, procurando uma saída. Reflexos o fitavam com raiva, inveja, ódio, sem conseguir imitar suas expressões e movimentos, saindo de um espelho após o outro, perseguindo-o, um exército sempre crescente de Martin Stillwater, tão parecidos com ele na aparência externa, tão sombrios e frios por dentro. Agora, também na frente dele, estendendo a mão para fora dos espelhos pelos quais ele passa correndo e nos quais se atapalha, agarrando-o, todos falando com uma só voz: *eu preciso de minha vida*.

Os espelhos se espatifaram como um só e ele acordou.

Luz artificial.

Teto com sombras.

Deitado na cama.

Frio e quente, tremendo e suando.

Ele tentou sentar-se. Não conseguiu.

— Querido?

Quase sem forças para virar a cabeça.

Paige. Em uma cadeira. Ao lado da cama.

Uma outra cama atrás dela. Formas sob cobertas. As meninas. Dormindo.

Cortinas nas janelas. Noite nos cantos das cortinas. Ela sorriu.

— Você comigo, *baby*?

Ele tentou passar a língua nos lábios. Estavam rachados. A língua estava seca, peluda.

Ela pegou uma lata de suco de maçã num balde de gelo de plástico, onde ela esfriava, levantou a cabeça de Marty do travesseiro e guiou o canudo para seus lábios.

Depois de beber, ele conseguiu dizer:

— Onde?

— Um motel em Bishop.

— Bastante longe?

— Tem que ser, por enquanto — disse ela.

— Ele?

— Clocker? Vai voltar.

Marty estava morto de sede. Ela lhe deu mais suco.

— Preocupado — sussurrou ele.

— Não. Não se preocupe. Está tudo bem agora.

— Ele.

— Clocker?

Ele concordou com um aceno de cabeça.

— Podemos confiar nele.

Mesmo o ato de beber o deixava exausto. Ele tornou a baixar a cabeça no travesseiro.

O rosto de Paige parecia de um anjo. E desapareceu.

* * *

Escapando do corredor de espelhos para um longo túnel negro. Luz no fim, correndo para lá, passos atrás, uma legião o perseguia, avançando sobre ele, os homens saídos dos espelhos. A luz é sua salvação, uma saída do labirinto do parque de diversões. Ele explode para fora do túnel, sai na claridade que se revela como o campo de neve diante da igreja abandonada, onde ele corre para

a porta da frente, com Paige e as meninas, O Outro atrás deles, e um tiro explode, uma lança de gelo lhe trespassa o ombro, o gelo transforma-se em fogo, o fogo...

A dor era insuportável.

Sua visão turva pelas lágrimas. Ele piscava, desesperado para saber onde estava.

A mesma cama, o mesmo quarto.

As cobertas haviam sido puxadas para o lado.

Ele estava nu da cintura para cima. O curativo sumira.

Uma outra explosão de dor no ombro arrancou um grito dele. Mas ele não teve forças suficientes para gritar, e o gritou saiu como um baixo “ahhhhh”.

Ele piscou para afastar mais lágrimas.

As cortinas ainda estavam fechadas nas janelas. A luz do dia substituíra a escuridão dos cantos.

Clocker assomava sobre ele. Fazendo alguma coisa em seu ombro.

A princípio, a dor foi martirizante, ele pensou que Clocker estava tentando matá-lo. Então, viu Paige com Clocker e soube que ela não deixaria acontecer nada ruim.

Paige tentou explicar-lhe algo, mas ele só captou uma palavra aqui e ali:

— Enxofre em pó... antibiótico... penicilina.

Colocaram outra bandagem em seu ombro.

Clocker aplicou-lhe uma injeção no braço bom. Ele assistiu. Com todas as suas outras dores, não pôde sentir a picada da agulha.

Durante algum tempo, ele esteve de novo no corredor de espelhos.

Quando se encontrou mais uma vez na cama de motel, virou a cabeça e viu Charlotte e Emily sentadas na beirada da cama adjacente, observando-o. Emily segurava Peepers, a pedra na qual pintara um par de olhos, seu animal de estimação.

As duas meninas tinham um ar terrivelmente solene.

Ele conseguiu sorrir para elas.

Charlotte saiu da cama, foi até ele, beijou-lhe o rosto suado.

Emily também beijou-o e depois colocou Peepers em sua mão direita boa. Marty conseguiu fechar os dedos em torno da pedra.

Mais tarde, vagando num sono sem sonhos, ele ouviu Clocker e Paige falarem:

— ...não acho que seja seguro movê-lo — disse Paige.

— Você tem que movê-lo — replicou Clocker. — Ainda não estamos bastante longe de Mammoth Lakes e há poucas estradas que poderíamos pegar.

— Você não sabe se alguém está à nossa procura.

— Tem razão, não sei. Mas é uma aposta segura. Mais cedo ou mais tarde alguém estará procurando... e é provável que pelo resto de nossas vidas.

Ele vagava entrando e saindo, entrando e saindo, e quando viu Clocker ao lado da cama de novo, perguntou:

— Por quê?

— A eterna pergunta — disse Clocker e sorriu.

Refinando a eterna pergunta, insistiu Marty:

— Por que você?

Clocker acenou com a cabeça.

— Você ficaria admirado, claro. Bem... eu nunca fui um deles. Eles cometeram o grave erro de acreditar que eu era um verdadeiro crente. Toda a minha vida eu quis aventuras, feitos heroicos, mas isso nunca aparecia nas cartas para mim. Depois, isso. Imaginei que, se eu ficasse fazendo o jogo, surgiria o dia em que eu teria a chance de causar um sério dano à Rede, isso se não a vaporizasse, bum, como uma arma de raio de plasma.

— Obrigado — disse Marty, sentindo que a consciência fugia e desejando expressar sua gratidão enquanto ainda podia.

— Ei, ainda não saímos da floresta — disse Clocker.

* * *

Quando Marty recuperou a consciência, não estava suando nem tremendo, mas ainda se sentia fraco.

Eles estavam dentro de um carro, numa estrada solitária ao pôr-do-sol. Paige dirigia e ele estava preso pelo cinto de segurança no banco do carona.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Melhor — disse ele e sua voz estava menos trêmula do que antes. — Com sede.

— Tem suco de maçã no chão entre seus pés. Vou achar um lugar para estacionar.

— Não. Eu posso pegar — disse ele, sem saber com certeza se podia.

Quando reclinou-se para a frente, estendendo a mão direita para o assoalho do carro, percebeu que o braço esquerdo estava numa tipoia. Conseguiu pegar uma lata e soltá-la do pacote de seis em que estava presa.

Prendeu-a entre os joelhos, puxou o anel e abriu-a.

O suco quase não estava frio, mas nunca algo teve melhor sabor — em parte porque ele conseguira pegá-lo sem ajuda. Marty acabou com a lata em três longos goles.

Quando virou a cabeça, viu Charlotte e Emily afundadas nos cintos de segurança, cochilando na traseira.

— Elas quase não dormiram nas últimas duas noites — disse Paige. — Sonhos maus. E preocupadas com você. Mas acho que se sentem melhor porque estamos andando, e o movimento do carro ajuda.

— Noites? Plural? — ele sabia que tinham fugido de Mammoth Lakes na noite de terça-feira. E supunha que era quarta-feira. — Que pôr-do-sol é esse?

— De sexta-feira.

Ele ficara fora de órbita durante quase três dias.

Marty olhou em volta para a vastidão de planícies que desapareciam rapidamente no cair da noite.

— Onde estamos?

— Nevada. Rota 31 ao sul de Walker Lane. Vamos pegar a estrada 95 e rumar para o norte até Fallon. Vamos passar a noite de hoje num motel de lá.

— E amanhã?

— Wyoming, se você estiver em condições.

— Estarei. Suponho que haja uma razão para Wyoming, não?

— Karl conhece um lugar onde podemos ficar. — Quando ele perguntou sobre o carro, que nunca tinha visto antes, Paige disse: — Karl de novo. Como o enxofre em pó e a penicilina com que venho tratando você. Parece que ele sabe onde conseguir o que precisa. Ele é uma figura.

— Na verdade, nem cheguei a conhecê-lo — disse Marty, estendendo o braço para pegar outra lata de suco de maçã —, mas o amo como um irmão.

Abriu a lata e bebeu pelo menos um terço dela.

— Também gosto do chapéu dele.

Paige deu uma risada desproporcional ao parco humor da observação, mas Marty riu com ela.

— Deus — disse ela, rumando para o norte através de terra cinzenta e despovoada. — Eu te amo, Marty. Se você tivesse morrido, eu jamais o perdoaria.

* * *

Nessa noite, eles ocuparam dois quartos num motel de Fallon, usando um nome falso e pagando adiantado em dinheiro. Jantaram pizza e Pepsi no motel. Marty estava morto de fome, mas duas fatias de pizza deixaram-no saciado.

Enquanto jantavam, brincaram de Olha Quem é o Macaco Agora, onde o objetivo era pensar em todas as palavras para comida que comessem com a letra P. As meninas não estavam em sua melhor forma para brincadeiras. Na verdade, estavam tão subjugadas que Marty ficou preocupado.

Talvez estivessem apenas cansadas. Após a janta, apesar do cochilo no carro, Charlotte e Emily adormeceram segundos depois de ter pousado a cabeça nos travesseiros.

Eles deixaram a porta aberta entre os quartos vizinhos. Karl Clocker conseguira para Paige uma submetralhadora Uzi, que fora convertida ilegalmente para pleno fogo automático. A arma foi guardada na mesinha-de-

cabeceira ao alcance da mão.

Paige e Marty dividiram uma cama. Ela deitou-se à direita dele, de modo a poder segurar sua mão boa.

Enquanto conversavam, Marty soube que ela descobrira a resposta para a pergunta que ele não teve oportunidade de fazer a Karl Clocker: *por que ele se parecia comigo?*

Um dos homens mais poderosos da Rede, principal proprietário de um império de comunicação, perdera o filho de quatro anos, de câncer. Quando o menino estava morrendo no Hospital Cedars-Sinai, cinco anos antes, amostras de sangue e de medula foram retiradas dele porque a decisão emocional do pai foi que os clones da série Alfa fossem desenvolvidos a partir do material genético de seu filho perdido. Se os clones funcionais se tornassem realidade, seriam um monumento duradouro para o garoto.

— Jesus, que coisa maluca — disse Marty. — Qual o pai que acharia que uma raça de matadores projetados geneticamente poderia ser um memorial adequado? Deus Todo-poderoso.

— Deus não tem nada a ver com isso — disse Paige.

O representante da Rede incumbido de obter essas amostras de sangue e medula no laboratório se confundiu e acabou pegando as amostras de Marty, que foram tiradas para determinar se ele seria um doador adequado para Charlotte, caso ela precisasse de um transplante.

— E eles querem governar o mundo — disse Marty, assombrado. Ele ainda estava longe da recuperação e precisava de mais sono, mas tinha que saber mais uma coisa antes de adormecer. — Se eles só começaram a projetar Alfie há cinco anos... como ele podia ser um adulto?

— De acordo com Clocker, eles “aperfeiçoaram” o desenho humano básico de várias maneiras.

Haviam dado a Alfie um metabolismo incomum e aceleraram tremendamente o poder de cura. Também projetaram sua maturação de rapidez fenomenal com hormônio humano de crescimento, criando-o de feto a adulto na faixa dos trinta anos com alimentação intravenosa sem pausa e desenvolvimento muscular estimulado por eletricidade, durante um período de menos de dois anos.

— Como um maldito legume hidropônico ou algo parecido — comentou ela.

— Deus do céu — exclamou Marty, olhando de soslaio para a mesinha-de-cabeceira para assegurar-se de que a Uzi estava ali. — Eles não tiveram nenhuma dúvida quando o clone não se pareceu com o garoto?

— Para começar, o garoto foi consumido pelo câncer entre as idades de dois e quatro anos. Eles não sabiam como seria a aparência dele, caso se mantivesse saudável durante esses anos. E, além disso, eles haviam editado o material genético de maneira tão extensiva que não poderiam ter certeza de que

a geração Alfa se pareceria tanto assim com o menino. Ensinaram a ele o idioma, matemática e outras coisas em grande parte através de meios subliminares, enquanto ele dormia e crescia.

Paige tinha mais coisas para contar a Marty, mas sua voz desapareceu aos poucos, enquanto ele se entregava a um sono cheio de estufas nas quais formas humanas flutuavam em tanques com líquido viscoso...

... eles são conectados a uma confusão de tubos de plástico e a máquinas de sustentação vitais, crescendo rápido de fetos para a idade adulta, todos sósias dele e, de repente, os olhos se abrem para milhares dele de uma só vez, ao longo de filas e filas de tanques em prédios após prédios, e todos falam como que com uma só voz: *eu preciso de minha vida*.

8.

A cabana de madeira situava-se em alguns hectares de bosque, a poucos quilômetros de Jackson Hole, Wyoming, que ainda não desfrutara de sua primeira nevasca da estação. As instruções de Karl foram excelentes e eles encontraram o lugar com pouca dificuldade, chegando no final da tarde de sábado.

A cabana precisava ser limpa e arejada, mas a despensa estava estocada com mantimentos. Quando a ferrugem dos canos se esgotou, a água da pia teve um gosto doce e limpo.

Na segunda-feira, um Range Rover saiu da estrada do condado e rodou até a porta da frente. Eles ficaram observando tensos pelas janelas. Paige segurava a Uzi com o pino de segurança destravado e só relaxou quando viu Karl saltando pela porta do motorista.

Ele chegara a tempo de almoçar com eles, almoço que Marty preparara com a ajuda das meninas. A refeição consistia em ovos reidratados, linguiças em lata e biscoitos.

Enquanto os cinco comiam na grande mesa de pinho da cozinha, Karl apresentou-lhe suas novas identidades. Marty ficou surpreso com o número de documentos. Certidões de nascimento para os quatro. Um diploma de secundário para Paige de uma escola em Newark, Nova Jersey, e outro para Marty de uma escola em Harrisburg, Pensilvânia. Uma dispensa honrosa do exército dos Estados Unidos para Marty, emitida após três anos de serviço. Eles tinham licenças para dirigir de Wyoming, cartões do seguro social e outros mais.

Seu nome era Gault. Ann e John Gault. A certidão de nascimento de Charlotte dizia que seu nome era Rebecca Vanessa Gault, e Emily era agora Suzie Lori Gault.

— Nós tínhamos que escolher nosso primeiro e segundo nomes — disse Charlotte com mais animação do que mostrara em dias. — Sou Rebecca como no cinema, uma mulher de beleza e mistério, perseguindo Manderley para

sempre.

— Nós não pegamos *exatamente* os nomes que quisemos — disse Emily.
— Claro que não tivemos a primeira escolha.

Marty estava ferido, em sono profundo, em Bishop, Califórnia, quando os nomes foram escolhidos.

— Qual foi sua primeira escolha? — perguntou ele a Emily.

— Bob — disse ela.

Marty riu e Charlotte deu uma risada explosiva.

— Gosto de Bob — comentou Emily.

— Bem, você tem de admitir que realmente não é apropriado — disse Marty.

— Suzie Lori é bastante bonito pra gente vomitar em cima — opinou Charlotte.

— Bem, se não posso ser Bob — concluiu Emily —, então quero ser Suzie Lori e todo mundo vai ter sempre que usar os dois nomes, não apenas Suzie.

* * *

Enquanto as meninas lavavam os pratos, Karl trouxe uma mala do Range Rover, abriu-a em cima da mesa e discutiu o conteúdo com Marty e Paige. Havia uma grande quantidade de disquetes de computador contendo arquivos da Rede, que Karl copiara escondido no decorrer dos anos, mais pelo menos cem fitas de gravador com conversas que ele gravara, inclusive uma no Ritz-Carlton, em Dana Point, envolvendo Oslett e um sujeito chamado Peter Waxhill.

— Essa — disse Karl — explicará em poucas palavras toda a crise dos clones — ele começou a devolver os artigos para a mala. — Tudo é cópia, os disquetes e as fitas. Você está recebendo dois conjuntos completos. Além disso, estou com outras duplicatas.

Marty não compreendeu.

— Por que quer que fiquemos com elas?

— Você é um bom escritor — disse Karl. — Li alguns de seus livros desde a noite de terça-feira. Pegue e escreva uma explicação para tudo isso e para o que aconteceu a você e sua família. Vou deixar-lhe o nome do proprietário de um grande jornal e de um sujeito no alto da hierarquia do FBI. Tenho certeza que nenhum dos dois faz parte da Rede, porque estavam na lista de futuros alvos de Alfie. Envie sua explicação e um conjunto de disquetes e fitas para cada um deles. Coloque no correio sem endereço do remetente, claro, e em um outro estado que não Wyoming.

— Não devia ser você a fazer isso? — perguntou Paige.

— Tentarei de novo se não conseguir o tipo de reação que espero que você tenha. Mas é melhor partir primeiro de você. Seu desaparecimento, a ação

em Mission Viejo, os assassinatos de seus pais, os corpos que me assegurei de serem encontrados naquele campanário perto da cabana de seus pais... tudo isso manteve sua história quente. A Rede agiu para mantê-la quente, porque estavam desesperados que alguém encontrasse vocês para eles. Vamos usar sua notoriedade para fazer com que o tiro saia na culatra deles, se pudermos.

* * *

O dia estava fresco mas não frio. O céu era de um azul cristalino.

Marty e Karl foram dar uma caminhada no perímetro do bosque, sempre mantendo a cabana à vista.

— Aquele Alfie — murmurou Marty.

— O que tem ele?

— Ele era o único?

— O primeiro e único clone operante. Outros estão sendo criados.

— Temos que parar isso.

— Nós vamos parar.

— Está bem. Suponha que nós estouremos a Rede. O castelo de cartas deles desaba. Depois disso... vamos poder voltar para casa, retomar nossas vidas?

Karl sacudiu a cabeça.

— Não tenciono fazer isso. Não ousaria. Alguns deles vão escapar da armadilha. E são pessoas que desde o domingo guardam um rancor de ida e volta ao inferno. Sabem odiar. Se você arruína suas vidas ou apenas as vidas de pessoas de suas famílias, elas o matarão mais cedo ou mais tarde.

— Quer dizer que o nome Gault não é apenas um disfarce temporário?

— É a melhor identidade que vocês podem ter. Tão boa quanto um documento de verdade. Consegui em fontes que a Rede não conhece. Ninguém jamais verá essas carteiras de identidade... nem vocês serão rastreados por elas.

— Minha carreira, os direitos de meus livros...

— Esqueça — disse Karl. — Você está numa nova viagem de descobrimento, em direção a mundos desconhecidos.

— E você também tem um nome novo?

— Tenho.

— Não é problema meu saber qual é, hem?

— Exato.

* * *

Karl partiu nessa mesma tarde, uma hora antes de anoitecer.

Quando eles o acompanharam até o Range Rover, ele tirou um envelope de um bolso interno do paletó de *tweed* e entregou-o a Paige, explicando que era a escritura da cabana e da propriedade na qual ela se encontrava.

— Eu comprei e preparei duas propriedades de fuga, cada qual num extremo do país, de modo a estar preparado para quando este dia chegasse. Posso as duas com nomes que não podem ser rastreados. Transferi esta para Ann e John Gault, já que só posso usar uma delas.

Ele pareceu embaraçado quando Paige abraçou-o.

— Karl — disse Marty —, o que nos teria acontecido sem você? Nós lhe devemos tudo.

Na verdade, o grandalhão estava corado.

— De alguma forma, vocês se saíram bem. Vocês são sobreviventes. O que fiz por vocês, qualquer um teria feito.

— Não nos dias de hoje — disse Marty.

— Mesmo nos dias de hoje — declarou Karl —, há mais pessoas boas do que más. Acredito mesmo nisso. Tenho que acreditar.

Junto ao Range Rover, Charlotte e Emily deram um beijo de despedida em Karl, porque todos sabiam, sem precisar dizer, que jamais o veriam de novo.

Emily deu Peepers para ele.

— Você precisa de alguém — disse ela. — Você é sozinho. Além disso, ele jamais se acostumaria a me chamar de Suzie Lori. É seu bicho de estimação agora.

— Obrigado, Emily. Cuidarei bem dele.

Quando Karl sentou-se atrás do volante e fechou a porta, Marty reclinou-se na janela aberta.

— Se demolirmos a Rede, você acha que algum dia eles a remontarão de novo?

— A Rede ou algo parecido — disse Karl sem hesitação.

— Acho que saberemos se remontaram — disse Marty perturbado — ... quando cancelarem as eleições.

— Ah, as eleições jamais serão canceladas, pelo menos não de uma maneira que fosse evidente — disse Karl enquanto ligava o Rover. — Vão continuar como de praxe, com partidos políticos competidores, convenções, discussões, campanhas duras, com todo o blablablá e gritos. Mas todos os candidatos serão escolhidos por fiéis da Rede. Isso se *assumirem*, John, e só *eles* saberão.

De repente, Marty ficou tão frio quanto esteve na nevasca da noite de terça-feira.

Karl ergueu uma das mãos com a saudação dos dedos em V, que Marty reconheceu de *Jornada nas Estrelas*.

— Vida longa e próspera — disse ele, partindo.

Marty continuou na estrada de cascalho, observando o Rover até ele chegar à estrada do condado, virar à esquerda e desaparecer do campo de visão.

Naquele dezembro e durante todo o ano seguinte, quando as manchetes gritaram o escândalo da Rede, sua traição, conspiração política, assassinatos e uma crise mundial depois da outra, John e Ann Gault não prestaram tanta atenção nos jornais e noticiários de tevê quanto esperavam. Eles tinham novas vidas a construir, o que não era um empreendimento simples.

Ann cortou curto os cabelos louros e tingiu-os de castanho. Antes de conhecer os vizinhos que moravam em cabanas e ranchos espalhados na área rural, John deixou a barba crescer; não foi surpresa que mais da metade estivesse grisalha. Aliás, começava a aparecer um bocado de cinza em seus cabelos.

Uma tintura simples mudou o cabelo louro de Rebecca para castanho avermelhado, e Suzie Lori foi suficientemente transformada com um estilo novo e muito mais curto. As duas meninas cresciam rápido. Logo o tempo dissiparia a semelhança entre o que eram e as pessoas que um dia foram.

Lembrar de usar os novos nomes foi fácil comparado com a criação e o envolvimento com a memória de um passado falso, simples porém crível. Eles tornaram isso um jogo, parecido com Olha Quem é o Macaco Agora.

Os pesadelos foram persistentes. Embora o inimigo que haviam conhecido fosse tão confortável quanto o nada na luz do dia, eles viam, de maneira irracional, cada cair da noite com a intranquilidade que as pessoas sentiam em tempos mais antigos e supersticiosos. E barulhos súbitos faziam todo mundo saltar.

A noite de Natal foi a primeira vez que John ousou ter esperança de que eles conseguiriam, de fato, imaginar uma vida nova e reencontrar a felicidade. Foi quando Suzie Lorie perguntou pela pipoca.

— Que pipoca? — perguntou John.

— O gêmeo mau de Noel pôs cinco quilos no microondas — disse ela —, embora tanta pipoca assim não coubesse. Mas, mesmo se coubesse, o que aconteceu quando começou a estourar?

Nessa noite, houve a hora de história pela primeira vez em mais de três semanas. Depois, tornou-se rotina.

No final de janeiro, eles se sentiram suficientemente seguros para matricular Rebecca e Suzie Lori no sistema de escola pública.

Na primavera, havia novos amigos e um número crescente de lembranças da família Gault que não eram fabricadas.

Como tinham setenta mil dólares em dinheiro e possuíam a humilde casa, estavam sob pouca pressão para encontrar trabalho. Também tinham quatro caixas cheias das primeiras edições dos primeiros romances de Martin Stillwater. A capa da revista *Time* fez uma pergunta que jamais seria respondida — *Onde está Martin Stillwater* — e as primeiras edições, que antes valiam duzentos dólares cada no mercado de colecionadores, começaram a ser vendidas na

primavera por cinco vezes esse preço; era provável que continuassem valorizando mais rápido do que os investimentos *blue chip* nos anos seguintes. Vendendo uma ou duas de cada vez, em cidades distantes, eles manteriam cheio o pé de meia da família durante os anos magros.

John apresentou-se para os vizinhos e conhecidos novos como ex-vendedor de seguros da cidade de Nova York. Ele afirmou ter recebido uma herança substancial mas não gigantesca. Ele estava se concedendo o sonho de toda a vida: viver no campo, esforçando-se para ser poeta.

— Se dentro de alguns anos não começar a vender alguns poemas, talvez eu escreva um romance — dizia às vezes. — E, se isso não der certo, *então* vou começar a me preocupar.

Ann se contentava em ser vista como dona-de-casa; entretanto, liberta das pressões do passado — clientes preocupados e o trânsito da estrada —, ela redescobriu o talento para o desenho que não dominava desde o secundário. E começou a fazer ilustrações para os poemas e histórias no caderno em espiral do marido, de composições originais que ele vinha escrevendo havia anos: *Histórias para Rebecca e Suzie Lori*.

Havia cinco anos que eles moravam no Wyoming quando *O Gêmeo Mau de Noel*, de John Gault com ilustrações de Ann Gault, tornou-se um tremendo *best-seller* de Natal. Eles não permitiram nenhuma foto de capa do autor e da artista. Declinaram, educadamente, das ofertas de viagens promocionais e entrevistas, preferindo uma vida tranquila e a oportunidade de fazer mais livros para crianças.

As meninas continuaram saudáveis, cresceram, e Rebecca começou a escolher garotos para namorar, todos os quais Suzie Lori achava estúpidos de uma maneira ou de outra.

As vezes, John e Ann achavam que viviam demais numa fantasia, e faziam força para manter-se a par dos acontecimentos, observando sinais e portentos que nem sequer gostavam de discutir. Mas o mundo era infinitamente problemático e tedioso. Muito poucas pessoas pareciam capazes de imaginar a vida sem a mão esmagadora de um ou outro governo, uma ou outra guerra, uma ou outra forma de ódio, de modo que os Gault sempre perdiam o interesse pelas notícias e voltavam para o mundo que imaginaram para si.

Um dia, chegou um romance em brochura pelo correio. O envelope pardo simples não indicava nenhum endereço de remetente, e não estava incluída no livro nenhum tipo de nota. Era um romance de ficção científica, passado num futuro distante, quando a humanidade havia conquistado as estrelas, mas não dominara todos os seus problemas. O título era *A Rebelião dos Clones*. John e Ann leram. Acharam admiravelmente bem imaginado, e sentiram tristeza porque jamais teriam a oportunidade de expressar sua admiração ao autor.

FIM.